Eurico J. Salis



HISTÓRIA de BAGÉ

AMA SUA TERRA QUEM BEM A CONHECE

História de Bagé

Rio de Janeiro 19.3.1951.

Ao escritor Eurico Salis,

muito agradeço a bondosa remessa dos recortes de imprensa sôbre a História de Bagé, que comecei a ler com o maior interêsse, revendo nesses artigos, escritos com grande espírito cívico, a heróica tradição dessa terra ilustre.

Cordialmente, o confrade e admirador

Pedro Calmom
(Reitor Magnífico da Universidade

HISTÓRIA DE BAGÉ



Eurico Jacinto Salis
(Da Academia Sul-rio-grandense de Letras)

HISTÓRIA DE BAGÉ

Ama sua terra quem bem a conhece

1955

LIVRARIA DO GLOBO S. A.

PÔRTO ALEGRE

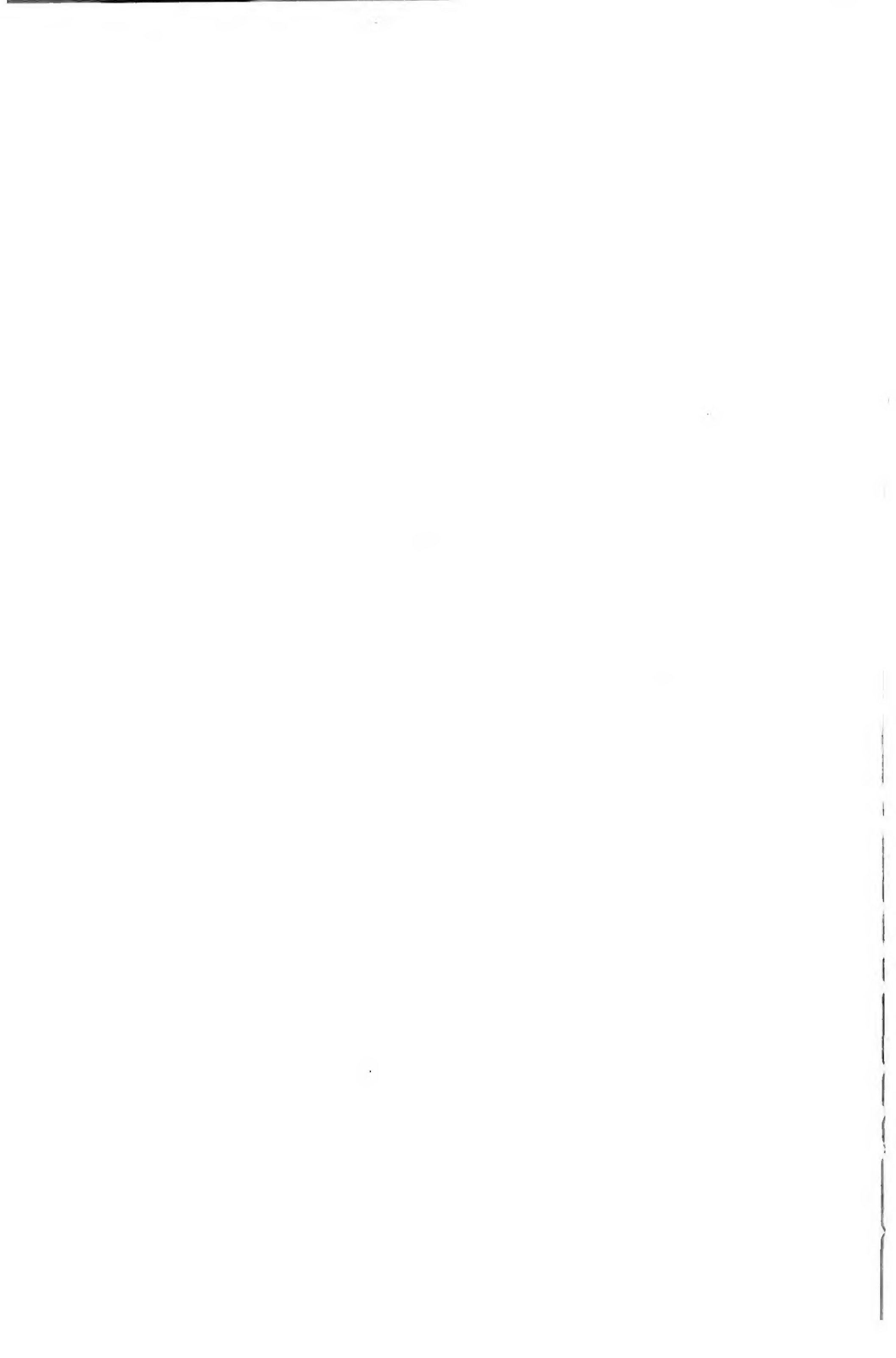
Capa: .... Danúbio Gonçalves.
Ilustrações: .... Dr. Átila Sá Siqueira.
Fotografias: .... Ulisses Oyarzabal e outros.

À memória de meus pais,

Sílvia Jacinto Salis

e

Oscar Salis



A minha mulher,

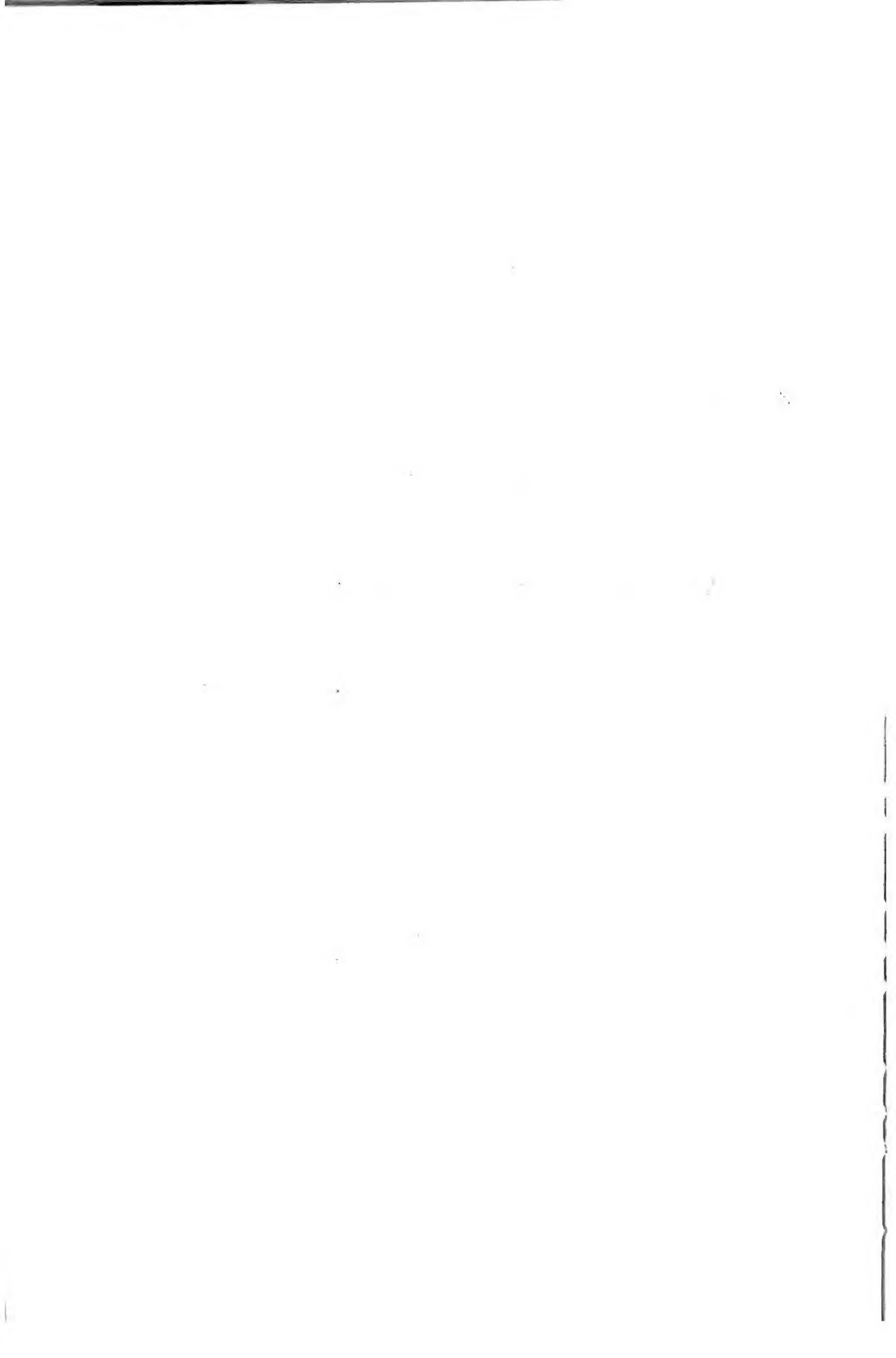
Irene Nogueira Salis,

a meus filhos,

Sílvia, Marcos Flávio, Telmo, Fernando e Iara;

e aos netos,

Teresa Cristina e Pedro Antônio Salis Mércio



Aos parentes, amigos

e colaboradores



ÍNDICE

LIVRO SEGUNDO

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

Pôrto Alegre, 24 de julho de 1951.

Ilm.º Sr.

Eurico J. Salis

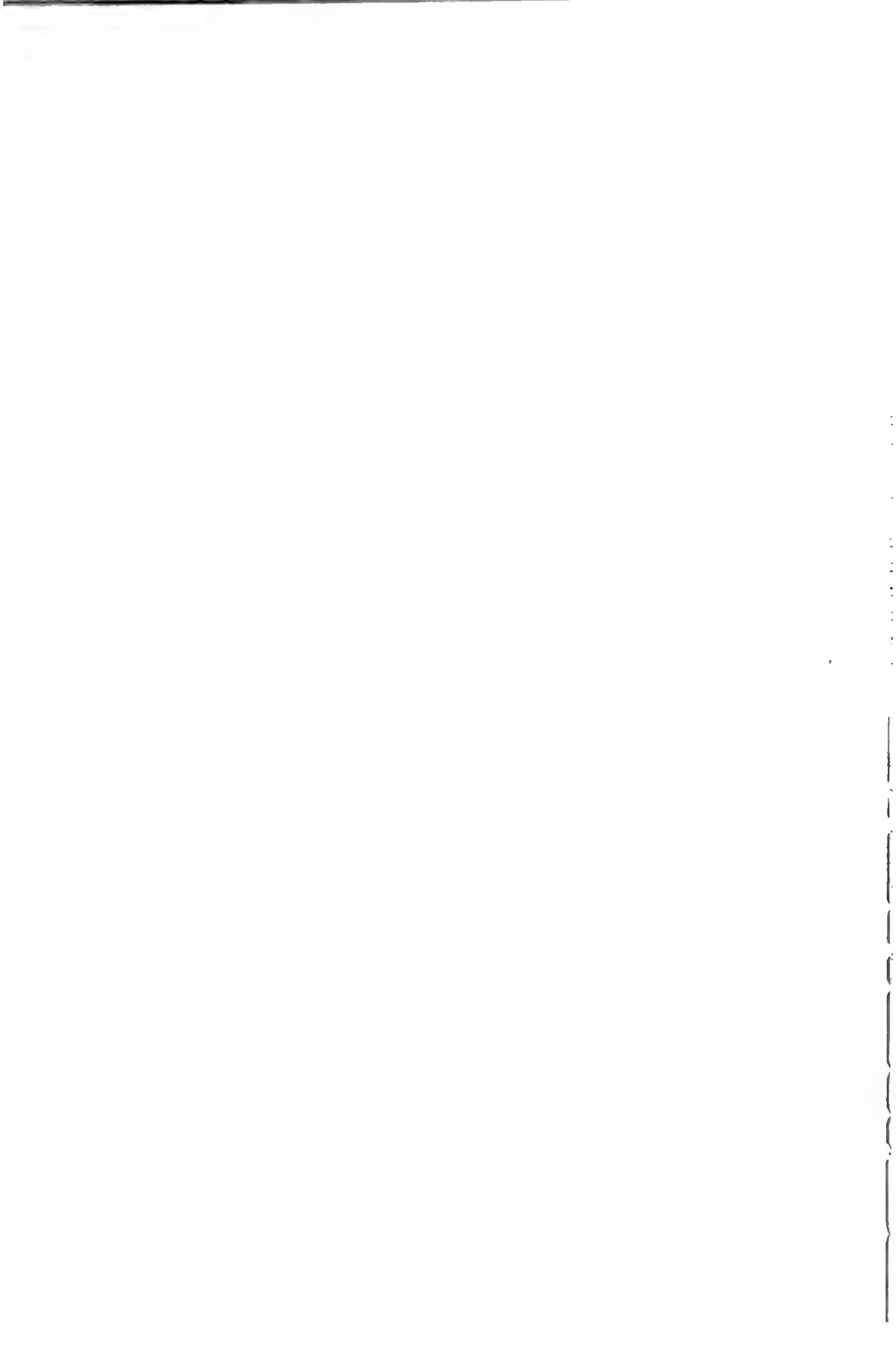
Bagé

Temos a honra de comunicar a V. S. que êste Instituto recebeu, por intermédio de nosso consócio, Prof. Othelo Rosa, os originais da "História de Bagé", de sua autoria, que foram encaminhados à Comissão de História, para que sôbre a obra fôsse dado parecer.

Agradecemos sensibilizados a honrosa confiança e deferência de V. S. e aqui ficam as nossas saudações muito cordiais.

Guilhermino César
Presidente

Jorge G. Felizardo
Secretário



PARECER

(Aprovado 22-IV-52,
Guilhermino César).

O Sr. EURICO J. SALIS submeteu à apreciação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul o trabalho, fruto de paciente elaboração, que intitulou *História de Bagé.*

Distribuído à Comissão de História, a nós chegou o imperativo de apresentar o respectivo parecer, o que fazemos a seguir.

Lido com a máxima atenção e cuidado requeridos quando se trata de emitir opinião sôbre trabalhos dessa natureza, pois que as coisas do passado da nossa terra são, por vêzes, levadas à letra de fôrma, eivadas de erros de palmatória, chegamos à conclusão de que se trata de um trabalho digno realmente de ser divulgado, no que teremos levado mais uma achega ao conhecimento do nosso passado referente àquele formoso recanto da terra continentina, — o município de Bagé.

O autor dividiu seu trabalho em duas partes que denominou *Livro I* e *Livro II.* No primeiro encontra-se a história da fundação de Bagé, segundo a tradição ou documentação mais ou menos escassa que nos chega de tão distanciados dias da era presente.

Andou bem o Sr. Eurico Salis nessa descrição, pois que a história dos primórdios da tradicional Bagé é pouco conhecida da nossa gente, o que, de resto, sucede com o nosso Rio Grande pois que, poucas, bem poucas são as obras que tratam do assunto, exceto o que divulgamos através das teses apresentadas em nosso segundo Congresso de História por ocasião da passagem do bicentenário do desembarque de Silva Paes no chamado Presídio de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Minuciosamente trata da instalação da primeira Câmara Municipal; da nomeação dos primeiros professôres; e do professor Antônio Teixeira, que alfabetizou figuras de grande destaque no cenário político-social brasileiro, entre as quais o Marechal Medeiros Mallet, cuja biografia apresenta. Do seu arquivo particular o autor divulga documentação inédita de merecida apreciação.

Passa, em seguida, a tratar da Revolução Farroupilha e é de notar-se a atuação que no decenal movimento tiveram as notáveis figuras de Antônio de Souza Neto e Silva Tavares. A proclamação do Seival e a assinatura da paz de Poncho Verde são criteriosamente estudadas e comentadas.

— A correspondência sôbre a guerra lopezguaia é muito interessante, nela sobressaindo, de modo especial, a atuação dos filhos de Bagé na memorável campanha.

— O Livro II contém farta documentação para o estudo da genealogia rio-grandense; história político-social; vultos anônimos e beneméritos; história da Santa Casa e Orfanato S. Benedito; transição do império para a república; movimento político-religioso.

O capítulo Revolução de 93 enfeixa farta documentação subsidiária ao estudo dêsse movimento político-armado. O combate do Rio Negro, de tão triste memória, aí é minuciosamente descrito bem como o cêrco de Bagé, grande honra fazendo à figura valorosa do Gen. Carlos Teles.

Os subsídios contidos nesse capítulo, sobretudo a documentação inédita que o autor apresenta, serão de grande valia quando se escrever, futuramente, com a necessária imparcialidade, a história dessa luta de tão dolorosas recordações.

Precioso é, portanto, o trabalho do Sr. Eurico J. Salis e que merece, repito, ser divulgado para conhecimento de todos quantos se dedicam ao estudo da história de nossa terra e, de modo particular, aos filhos dêsse formoso recanto do nosso Estado, que é o município de Bagé.

Pôrto Alegre, 20 de abril de 1952.

Afonso Guerreiro Lima
Eduardo Duarte, relator.
Othelo Rosa.

Capítulo I

PRINCÍPIO

Dizendo a verdade pura,
Cantando espalharei por tôda parte.
(*Camões*)

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Narrar os fatos passados, transportando-os ao presente, nos é agradável porque será sempre uma pequena contribuição, muito principalmente, aos novos, ávidos no aprender os acontecimentos marcantes da história.

Em meio aos séculos XV e XVI, na velha Europa, uma brilhante plêiade de prelados, entre êles os que foram Papas, Júlio II e Alexandre VI (Bórgia), consolidavam a posição da Igreja e nesse afã para agradar aos reis católicos assinaram, em 1494, logo após o descobrimento da América, o celebérrimo tratado de Tordesilhas que motivou uma infindável série de desavenças e de tratados — Utrecht e vários outros —, durante a fase de demarcação e consolidação da fronteira sul-brasileira.

Descoberto o Brasil no ano de 1500, sòmente, em 1618, surge no cenário rio-grandense — Deserto da Vacaria Brava — o primeiro branco, o jesuíta paraguaio Roque Gonzales, fugido de Guaíra quando do assédio dos vicentistas.

Êsse fato deu início à formação das Missões em solo gaúcho, e pouco mais tarde, as terras pertencentes ao município de Bagé integravam a grande estância de S. Miguel, fundada em 1681, pelos Padres Cristóvão de Mendonça e Pedro Romero, sôbre a serra dos Tapes.

Nessas paragens viviam diversas tribos de índios, todos pertencentes à família Guarani.

Raiava o ano de 1683 quando cá chegou pela vez primeira o elemento civilizado, eram padres da ordem de Jesus que traziam a missão de catequizar os selvagens e fundar um agrupamento.

O local escolhido ficava situado na linha que une êste município ao de D. Pedrito, aí lançaram as bases da nova Redução que denominaram *Santo André de Guênoas.*

Em pouco tempo, porém, êsse trabalho se tornou improfícuo, pois, as tribos cá existentes se empenharam em porfiada luta, no ano de 1685, e os guênoas conseguindo vencer aos charruas destruí-

ram a Redução e expulsaram aos padres desta região porque não se deixaram influir pela ação de catequese cristã.

Êsse episódio em nada esmoreceu o ânimo dêsses homens que sonhavam em desbravar os sertões e construir o grande império guaranítico, sob seu domínio, no que chamavam MESOPOTÂMIA AMERICANA — vasta extensão da América, partindo da encosta oriental dos Andes, formava a linha Norte: o Paraguai e o Estado de Sta. Catarina; e, a linha Sul: o norte da Argentina até o Rio da Prata, abrangendo o Uruguai.

Mas, para a gleba bagèense, essa revolta dos índios trouxe o desaparecimento do elemento branco, de 1685 a 1752, para ser exclusivamente habitada por quatro tribos distribuídas da maneira seguinte: centro e norte, guênoas; sul, charruas; leste, tapes; oeste, minuanos. Missões, Colônia do Sacramento, Rio Grande e Uruguai foram sempre motivos de desentendimentos hispano-lusos e a relação dêsses povos refletia-se neste continente com maior intensidade do que nas suas luzidias côrtes.

Negociavam, em 1750, um tratado de limites, tendo os portuguêses a orientá-los o brasileiro Alexandre de Gusmão, dotado de grande cultura e inteligência, muito discutiu com Dom José Carbajal e Lencastre finalizando com a assinatura, a 13 de janeiro, do tratado de *Madrid* pelo lusitano Dom Tomaz da Silva Teles, Visconde da Vila Nova de Cerveira e por Dom José Carbajal. Eram ministros: de Portugal, o célebre Sebastião José de Carvalho, Marquês do Pombal; e, da Espanha o temível Marquês de Valdelírios.

Motivou êsse tratado o descontentamento geral dos povos por êle atingidos e a derrocada do sonho imperialista que acariciavam os jesuítas.

A 19 de fevereiro de 1752, Gomes Freire de Andrade e um irmão de Pombal embarcavam em Lisboa, na nau *Alampadosa*, com destino à Colônia do Sacramento, o mesmo fazendo da Espanha, com destino ao Rio da Prata, Dom José Iturriaga.

Aqui chegados, após breve conferência, no mesmo ano, deram início à incumbência trazida lançando o primeiro marco divisório em Castilho Grande. No organizar as fôrças que iriam executar a demarcação combinada coube o comando das vanguardas ao Cel. Francisco Antônio Menezes e ao Cap. Dom Juan de Echevarria que, sem novidade alguma, vieram até os campos de S. Miguel, estância de Sta. Tecla — diário do Cap. Jacinto Rodrigues Cunha, 1752-1756, da expedição de Bobadela —, na coxilha de S. Sebastião, hoje município de Bagé, onde foram detidos pelo exército — *600 homens* — do alferes-mor de S. Miguel, José Tyaraju ou Sepé, que altivo declarou: *"Que não havia direito para lhes tirarem aquelas terras, que Deus e S. Miguel lhes haviam dado".*

Dessa fôrça fazia parte o índio Ypagê que estabeleceu sua taba no cêrro que tomou o nome do cacique, dando também o mesmo

nome ao arroio que lhe corre ao pé; só, mais tarde, por corruptela passou a denominar-se BAGÉ.

Em vista da atitude enérgica que assumiu o índio, indignados por considerarem um desrespeito às ordens régias, à frente de suas fôrças, retornam à Colônia e a Montevidéu os chefes da comissão de limites, depois de verificarem, através as declarações de Sepé, a culpabilidade do Padre Superior Matias Strobel e do cura de S. Miguel, Padre Lourenço Balda.

Agiu como elemento informador da guarda avançada do Padre Balda, o Padre Thadeu Henis, cura da capela de S. Antônio o Novo, do povo de S. Estanislau.

Antes de voltarem novamente para executarem as ordens recebidas, dois anos em preparo levaram os exércitos aliados.

Na ilha Martim Garcia tiveram os dois comissários várias conferências, sendo que, na última, a 26 de março de 1754, travaram os últimos planos da luta que iriam encetar.

Depois de tudo combinado nada mais restava senão a partida em demanda do ponto de encontro preestabelecido e que era a serra, hoje, do Aceguá. Assim, no dia 4 de dezembro de 1755, partia do Rio da Prata, à frente de um exército de 1670 homens, o Gen. Andonaegui, o mesmo fazendo do pôrto do Rio Grande, o Gen. Gomes Freire de Andrade, com 1606 homens sob seu comando, se encontrando, no dia 16 de janeiro de 1756, em Sarandi, com o general espanhol que aí já havia chegado quatro dias antes.

Após rápido repouso e de haverem dado ao local a designação de *Campo das Mercês,* devido a várias promoções e condecorações aos seus auxiliares, encetaram os dois exércitos a marcha, continuando o traçado da linha divisória que fôra interrompido, sendo novamente nos campos de S. Miguel, na coxilha de hoje S. Sebastião, no dia 7 de fevereiro, atacados pelo índio Sepé que mantinha a firme resolução de não entregar as terras que julgava só a êle pertencer.

Encetada a batalha Sepé calculou necessitar de maior fôrça, o que o motivou a mandar pedir auxílio a Cunhatã, ou Nicolau Languiru, que capitaneava a zona compreendida entre a Redução de Nossa Senhora da Conceição até o morro do Cunhataí.

Mas, nesse meio tempo, o combate não cessou e o bravo Sepé foi rechaçado com suas fôrças na direção do atual município de S. Gabriel.

Bem próximo ao cêrro do Batovi, os dois grandes chefes íncolas redobraram suas fôrças, porém, de nada lhes adiantou o sacrifício das vidas dos silvícolas nativos e o heroísmo de seus capitães foi insuficiente para conter o poder destruidor das armas inimigas e o valor dos generais que os combatiam.

Na refrega foram levados até o local Caibaté, depois Bela Vista, hoje, Tiaraju, onde tombou varado por bala o indomável Sepé que

preferiu a morte a ter que entregar ao estrangeiro a gleba que lhe foi berço.

O Visconde de São Leopoldo, em os "Anais da Província de S. Pedro" pagina n.º 77, diz: *"Até que hum dragão portuguez investe a Sepé, e com huma lançada o derriba do cavallo a tempo que chega D. José Joaquim Vianna, governador de Montevidéo e lhe corta com hum tiro de pistola o curso á vida".*

Mesmo com essa irreparável perda os índios não desorientaram; passaram o comando ao valente Languiru, no momento, aclamado chefe do Império Guaranítico, com o título de Nicolau I.

Majestade, feita no ardor da peleja, ao som do ribombar do canhão e da metralha inimiga, poucas horas após, Languiru teve a mesma sorte de seu antecessor: tombava varrido pelo fogo dos dois exércitos. Foi dessa maneira que se desfez um grande sonho — Império Guaranítico —, e se realizou a destruição de grande parte da zona das Missões.

As armas usadas pelos índios constavam de dois ou três velhos canhões de metal utilizados por ocasião das festas religiosas, poucas armas de fogo, canhões de taquara retovados de couro e a grande maioria era constituída de arcos, flechas e boleadeiras.

Decorre o tempo sem que a intrincada política dos países de ultramar se modificasse. Sempre em alternadas lutas que se refletiam cá nas colônias, com maior ou menor intensidade.

Em 1762, com a invasão de Ceballos, foi revogado o tratado de Madrid e o Rio Grande, mais uma vez, foi cenário de movimentação de exércitos, ávidos em se apossarem desta gleba.

Invadindo a Colônia do Sacramento, comandando um poderoso contingente de 5000 homens aguerridos parte de Buenos Aires Dom Juan José de Vertiz y Salcedo, com o fito de se apoderar dessas terras e da capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul.

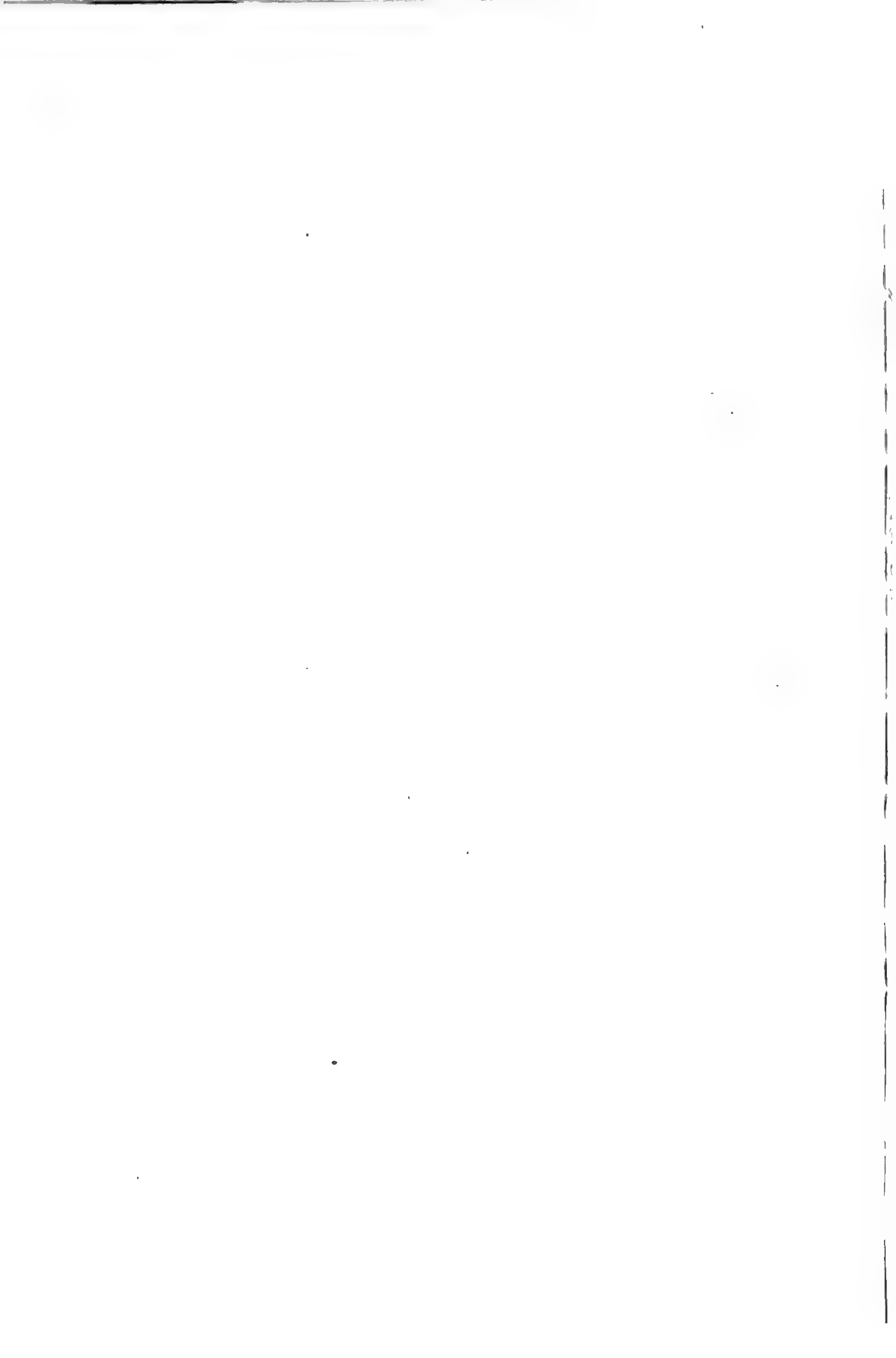
Passando, em novembro de 1773, pela coxilha de S. Sebastião, a seis e meio quilômetros da hoje cidade de Bagé, achou prudente fundar uma fortaleza, com características, na época, considerada inexpugnável, a que deu o nome da virgem mártir: *SANTA TECLA.*

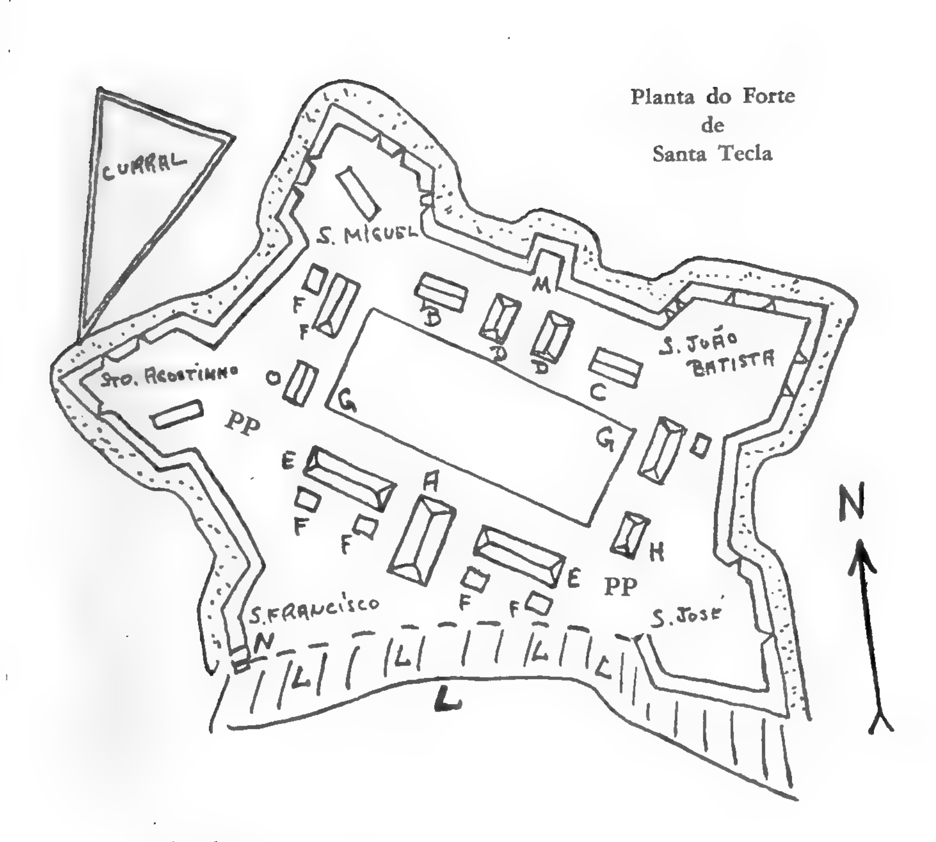
A magnífica atalaia castelhana foi erguida na latitude meridional de *31º, 16'* e *36"* e na longitude ocidental de *323º, 59'* e *32"* da ilha do Ferro, entre as vertentes dos rios: Negro, Camaquã, Piraí, Jaguarão e Santa Maria.

Caracterizava-se por uma figura pentagônica irregular constando de *4* baluartes reais e um *1/2* baluarte, feito com arte e paragem eminente, e com água dentro, e duas peças de seis a quatro pedreiros. Ladeava-a um fôsso com *4* braças de largo (*8 a 9 metros*) e *10* a *12* palmos de fundo (*2 metros e meio*). A muralha tinha de altura, desde a abesma ao alto do parapeito *13* palmos (*2 metros e 86 centímetros*), e de frente 56 braças (*123 met. e 20 cent.*); os parapeitos de torrão e estacas encravadas e pelo meio, terra calcada.



Fotografia tirada na parte central do antigo Forte de Santa Tecla, vendo-se o autor dêste trabalho em palestra com o historiador e professor da Escola do Estado-Maior do Exército, Tte.-Cel. Antônio de Sousa Júnior, dr. Naziazeno d'Almeida e dr. Carlos Kluwe.





Planta do Forte de Santa Tecla

A) Capela.
B) Casa do Comandante.
C) Casa do Tte.-Cel. Eng.º
DD) Corpos da Guarda.
EE) Quartéis, Tropa.
FF) Cozinhas.
GG) Praça-curral para 150 reses.
L) Rochedo cortado a precipício.
M) Portão com Pontes.
N) Portão de emergência.
HO) Hospital.
PP) Poços, água potável.

Os baluartes de S. Miguel e de S. Agostinho ficavam a cavaleiro, mais altos *7* palmos que tôda a muralha (*5 metros e 54 cent.*). Internamente tinha a fortaleza uma capela, casa do comandante, casa do ten.-cel. engenheiro, dois corpos de guarda, quatro quartéis de tropa, seis cozinhas, praça com curral onde metiam *150* cabeças de gado, um hospital, dois poços com mais de *120* palmos de fundo, abertos em rocha, um portão com pontes e um portão de socorro e de sortida ao lado do meio baluarte S. Francisco.

A guarnição compunha-se de *1* comandante, *1* engenheiro graduado em ten-cel., *2* tenentes, *2* alferes, o capelão, o cirurgião e cêrca de *210* soldados.

Na frente do baluarte S. Agostinho — lado externo —, havia um grande mangueirão para gado.

Finalizada a construção, dada a organização às fôrças que iriam guardar a nova fortaleza de Santa Tecla, a fim de completar seu ideal, Vertiz y Salcedo, marchou rumo ao norte, por estrada que atravessou o rio Camaquã. Sempre feliz, em sua empreitada, o mesmo não lhe sucedeu ao chegar à tranqueira de Rio Pardo, onde devido a inteligente ardil de José Marcelino (Manoel Jorge Gomes de Sepúlveda), vê-se obrigado a retroceder em seu intento.

Manda, então, um de seus oficiais levar uma saudação ao governador português, pondo-o a par de sua retirada por intermédio de uma carta em que dizia: *"Pois estava terminada a diligência de visitar os territórios de el-rei seu amo".*

Passa-se algum tempo, já mais fortes, os portuguêses resolvem desalojar aos espanhóis desta faixa meridional que julgavam sua.

Rafael Pinto Bandeira, comandando 500 homens, iria escrever a áurea página de sua vida. Assim, a 26 de março de 1776, após vinte e sete dias de formidável cêrco, consignou a sua maior e mais brilhante vitória militar, secundado em sua ação por Patrício José Corrêa da Câmara, Carlos José da Costa e Francisco Alves, conquista para os rio-grandenses o forte de *SANTA TECLA.*

Pela segunda vez aparece a figura de *Ypagê:* aqui com sabor de lenda: *"No local, no qual encontra-se hoje a Praça Rio Branco, em Bagé, havia naquele tempo uma aldeia de índios charruas cujo chefe* era o valoroso *Ypagê.*

Sua mãe, uma linda guênoa, foi aprisionada pelos charruas, ocasião em que casou-se com um guerreiro dessa tribo.

Essa união, lamentàvelmente, durou pouco, pois que seis anos passados — como aconteceu, na atualidade, a índia Diacuí —, morria em plena juventude deixando na orfandade o pequenino Ypagê.

À medida que o ìndiozinho crescia e desenvolvia a sua mocidade, tendo por cenário o tapête verde dos lindos campos desta zona, os anciões da tribo adotiva reconheceram nêle extraordinárias aptidões, que deviam anos depois, fazê-lo chefe.



Ypagê.

E Ypagê, um valente, inteligente e forte, foi eleito tuxava, quando atingia 25 anos de idade.

Ao ter conhecimento da chegada de Rafael Pinto Bandeira, sendo então chefe dos charruas, apresentou-se com seus homens ao valoroso comandante, prontificando-se a lutar ao seu lado contra as fôrças espanholas.

Ypagê, sadio, dotado de maravilhoso físico, dono do lombo do cavalo, conhecia o território palmo a palmo, ficando-lhe fácil trilhá-lo de noite ou de dia. Encarregado por Pinto Bandeira de se aproximar ao forte de S. Tecla e sondar as redondezas, desempenhou sua incumbência e de modo completo.

No dia seguinte, os portuguêses arrasaram e incendiaram a praça sob o comando de D. Luiz Ramirez, continuando a marcha para meses depois tomarem de assalto as trincheiras de S. Martinho.

Ypagê tomara parte neste assalto e demonstrara tão grande coragem e desprêzo da vida que, Pinto Bandeira entusiasmado de tanto valor e reconhecido a êsse lealismo, resolveu nomeá-lo oficial de seu corpo.

O valoroso guerreiro, porém, não aceitou a nomeação e alumiado pela auréola de glórias que conquistara, voltou, junto a sua tribo ansiosamente esperado por sua amada Noimaihici *que lhe votava uma grande e sincera afeição."*

Talvez, hoje, muitos descendentes dêsse casal percorrem alegres as ruas da "Rainha da Fronteira".

———o———

Arrasada a fortaleza, Pinto Bandeira, com seus oficiais, foi acampar na coxilha de S. Sebastião, próximo ao velho cemitério da *Guarda Velha de S. Sebastião,* ainda existente.

Nessa ocasião enamora-se de uma prisioneira, Maria Madalena, no que foi correspondido e casa-se, dando origem a uma das mais numerosas e importantes famílias do Rio Grande do Sul.

Diz a tradição que, devido à destruição dos ranchos que ali existiam, o herói, sem uma choupana que pudesse abrigá-lo, teve poética noite de núpcias, servindo-lhe de leito os pelegos estendidos no verde das campinas gaúchas em que o teto foi a incomparável beleza do firmamento estrelado de uma noite enluarada, dessas que se apreciam só aqui nos nossos "pagos".

O feito do intrépido capitão, depois de tão gloriosa vitória, transformando o FORTE inimigo, situado em longínquo ponto, que no decorrer do tempo seria o *MARCO MERIDIONAL DA NACIONALIDADE BRASILEIRA* lhe deu tamanha fama, tornando-o famoso, influente e poderoso, *"a maior espada brasileira do século XVIII'*, que em pouco tempo o levaram ao pôsto de brigadeiro e ao galardão de ser o primeiro gaúcho a exercer o cargo de gover-



Filho de português com nativa, deu "Guasca", xucro e abarbarado com extraordinário apêgo à terra em que nasceu.

nador (interino) da província do Rio Grande de São Pedro do Sul e alvo de grandes honras na Côrte lusitana.

Ia no mais aceso a luta hispano-lusa quando inesperadamente morre em Portugal D. José I, trazendo como resultado a queda de Pombal e a descida do Marquês de Grimaldi, seu rival, do cargo de primeiro ministro da Espanha.

É assinado em 1.º de outubro de 1777, o tratado de S. Ildefonso.

A nova linha divisória partia do arroio Chuí, seguia o rio Piratini, indo até as cabeceiras do Rio Negro e atravessando depois a serra dos Tapes ia findar na embocadura do Pepiri-Grande.

Inúteis foram as tentativas durante 17 anos, essa linha nunca foi demarcada, mas, o forte de Sta. Tecla foi imediatamente entregue aos espanhóis.

Apesar dos pesares nesse espaço de tempo, 1777 a 1801, a vida rural abriu novos horizontes aos gaúchos, o interêsse pela criação de gado reviveu porque o govêrno criou a lei de *SESMARIAS,* em que qualquer peticionário era contemplado com três léguas de campo. Porém, eram dadas e tiradas ao bel prazer dos governadores de então. Foi iniciada a indústria do charque, em 1780, nas proximidades do arroio Pelotas, nas terras do cearense José Pinto Martins.

Mas a usurpação odiosa de Castela e o despotismo dos governadores levaram os filhos do Rio Grande a novamente pegar em armas em 1801, época em que ficaram definitivamente traçadas nossas fronteiras.

A ordem do dia foi a invasão do território inimigo, antes que dêles partisse o ataque. Marques de Souza travou a 17 de outubro de 1801, a meia légua do Passo das Perdizes, rápida mas sangrenta peleja em que saiu vitorioso, e à frente de 800 homens conquistou *Cêrro Largo,* a 30 de outubro, considerado o melhor centro de operações para os espanhóis.

Coube a incumbência de expulsar os espanhóis do rincão bagèense, a Domingos José Gonçalves, conhecido por *Porta Estandarte,* que se portou com soberba valentia tomando a fortaleza de Sta. Tecla, dominando completamente essa vasta zona que é hoje o município de Bagé. Como prêmio e pela primeira vez, no nosso atual município, foram distribuídas "sesmarias" aos oficiais e soldados que mais se destacaram.

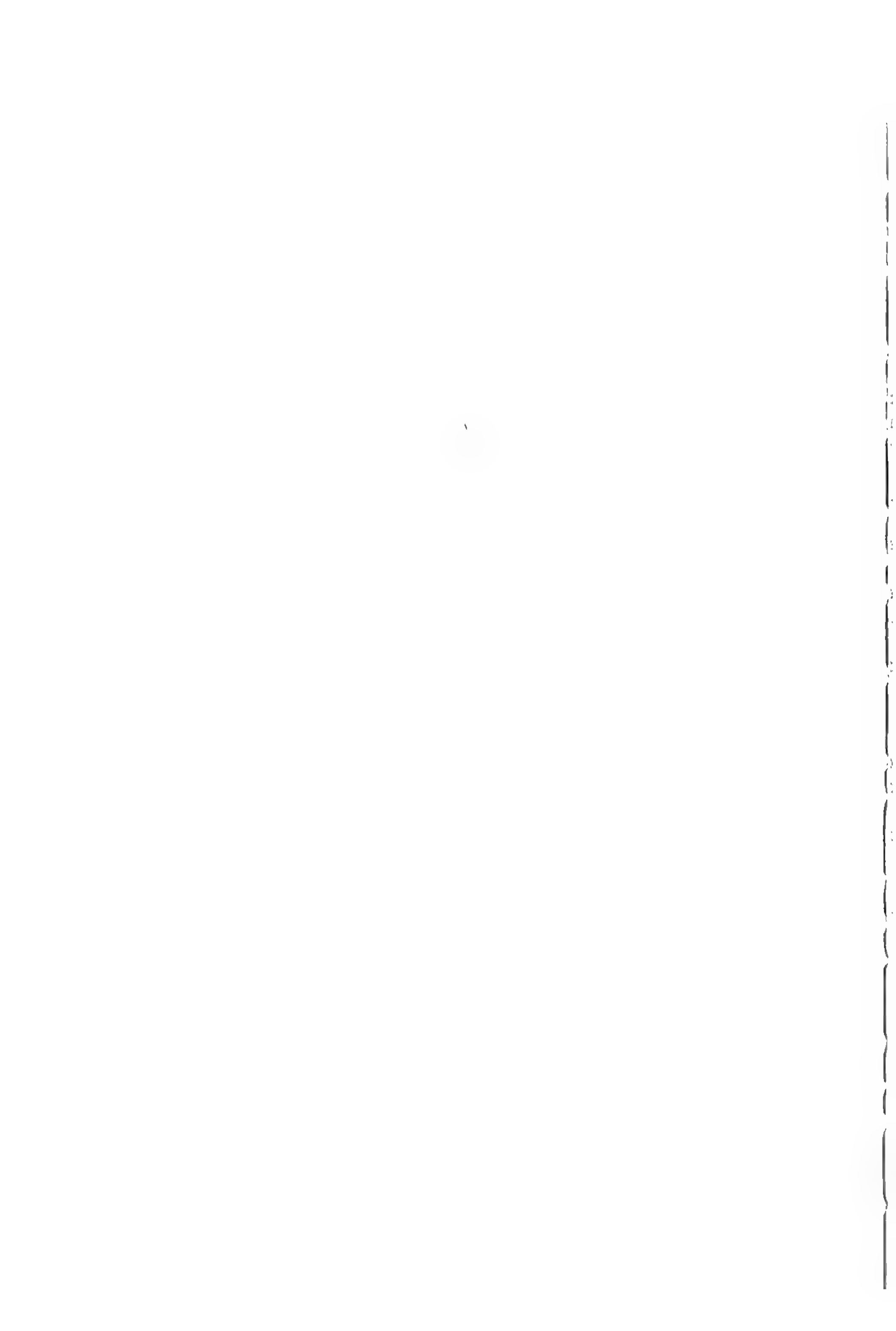
No livro *As Missões Orientais e seus antigos domínios,* de autoria do historiador e advogado pernambucano Hemetério José Veloso da Silveira, lê-se a página 636, que foram aquinhoados com êsses campos os seguintes senhores: *João Madeira, José Lucas Machado, Bento Guimarães, Firmino de Souza Borges, Antonio Simões Pires, Silvério Gomes Jardim, Pedro Rodrigues de Borba, Antonio Jacinto Pereira, José Rodrigues de Souza, Domingos José Gonçalves, Serafim Antonio Dantas, Alvaro José de Almeida, José Martins Coelho, Anacleto Francisco Gularte, Alexandre Pereira da Fontoura,*

Bernardo Paes, Antonio Garcez de Morais, Domingos Moreira da Fontoura, Caetano Lima Rabelo, capitão Antonio Ricardo de Melo e Albuquerque, além de muitos outros contemplados pouco mais tarde.

Folgamos registrar que entre os aquinhoados figura o Ten. Antonio Jacinto Pereira, trisavô do autor dêste trabalho.

Com o assentimento do Cel. Francisco Barreto Pereira Pinto, comandante da guarnição estacionada em Rio Pardo, o restante da campanha que foi desenrolada na região das Missões, coube à acão dos inigualáveis caudilhos José Borges do Canto, Manoel dos Santos Pedroso, furriel Gabriel Ribeiro d'Almeida, Francisco Carvalho da Silva e outros.

———o———



Capítulo II

FUNDAÇÃO DE BAGÉ

A guerra na Europa, entre a Inglaterra e Portugal contra a França e Espanha, fêz com que D. João VI, apavorado ante a invasão de Portugal pelas aguerridas tropas de Napoleão comandadas por Junot, em 1808, viesse para o Brasil estabelecer sua côrte no Rio de Janeiro e provàvelmente tomar uma orientação política que não soube manter em sua pátria.

Cá chegado, certamente, verificou que os povos americanos alimentavam grande desejo de se tornarem independentes.

No Rio da Prata os acontecimentos se multiplicavam e o imperador desejoso de se apoderar do govêrno dos vice-reinados sul-americanos, envia emissários para todos a quem julgava fáceis prêsas e concentrou no sul do Império poderosas fôrças às ordens de D. Diogo de Souza — mais tarde, vice-rei das Índias —, que veio acampar com a ala sob o comando do Marechal Manoel Marques de Souza, na encosta do cêrro e à margem do arroio Bagé.

É interessante assinalar que dessa fôrça faziam parte os Sargentos Bento Gonçalves e David Canabarro, futuros generais de extraordinário destaque na Epopéia Farroupilha.

Recebendo ordens do Rio, ao levantar acampamento para marchar sôbre Montevidéu, Dom Diogo de Souza, antes de partir, a *11 de junho de 1811,* funda a cidade que na ocasião recebe o nome de *BAGÉ,* e nomeia comandante do Distrito o Cap. Ricardo Antonio de Melo e Albuquerque — trisavô do notável escritor e romancista Erico Verissimo — com atribuições especiais de poder doar terras para serem edificadas.

Finalizados os preparativos para início da nova campanha, já chegadas as outras duas alas de seu exército comandadas, respectivamente, pelo Marechal Joaquim Xavier Curado e Cel. João de Deus Menna Barreto, a 17 de junho de 1811, Dom Diogo de Souza, deixa o povoado que mais tarde seria a linda Bagé, localizada a *31º* e *20'* latitude sul e a *54º-6'-51"* de longitude oeste do meridiano de Greenwich, ou *11º-2'-21"* a oeste do observatório do Rio de Janeiro.

O início da povoação da nova localidade se constituiu de um número relativamente elevado de pessoas que aqui ficaram forçadas pela falta de transportes, o que lhes tornou impossível acompanhar a longa marcha do exército que visava o Rio da Prata.

Outro fator que influiu poderosamente para o mesmo fim foi a estação invernosa que se apresentou intensamente fria.

Diz José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de S. Leopoldo, nos "Anais da Província de S. Pedro" que Dom Diogo de Souza após passar revista às duas primeiras divisões em fevereiro e março de 1811, seguiu para a zona das Missões a fim de ver a terceira em abril do mesmo ano.

Feito o planejamento para a invasão do Uruguai resolveu concentrar em Bagé o exército que montava a três mil homens, mas para atravessar uma distância de mais de cem léguas, na gema do inverno, precisava de — ao menos — seis mil cavalos, e mil e quinhentos bois mansos para cento e quarenta carros e dêles não havia metade:............ o que motivou ficar muita gente que se fixou no novo povoado. Eis a organização das divisões:

1.ª Divisão:

Comandada pelo Marechal-de-Campo de Cavalaria, Manoel Marques de Souza, era composta do batalhão de infantaria do Rio Grande, de dois esquadrões de cavalaria ligeira, de quatro esquadrões da legião de S. Paulo, e de um de milícias do Rio Grande.

2.ª Divisão:

Ao mando do Marechal-de-Campo de Infantaria, Joaquim Xavier Curado, formava-se de dois batalhões de infantaria, de duas baterias de artilharia montada da legião de S. Paulo, do regimento de dragões, de um esquadrão de milícias do Rio Pardo, e de uma companhia de lanceiros de Índios Guaranis.

3.ª Divisão:

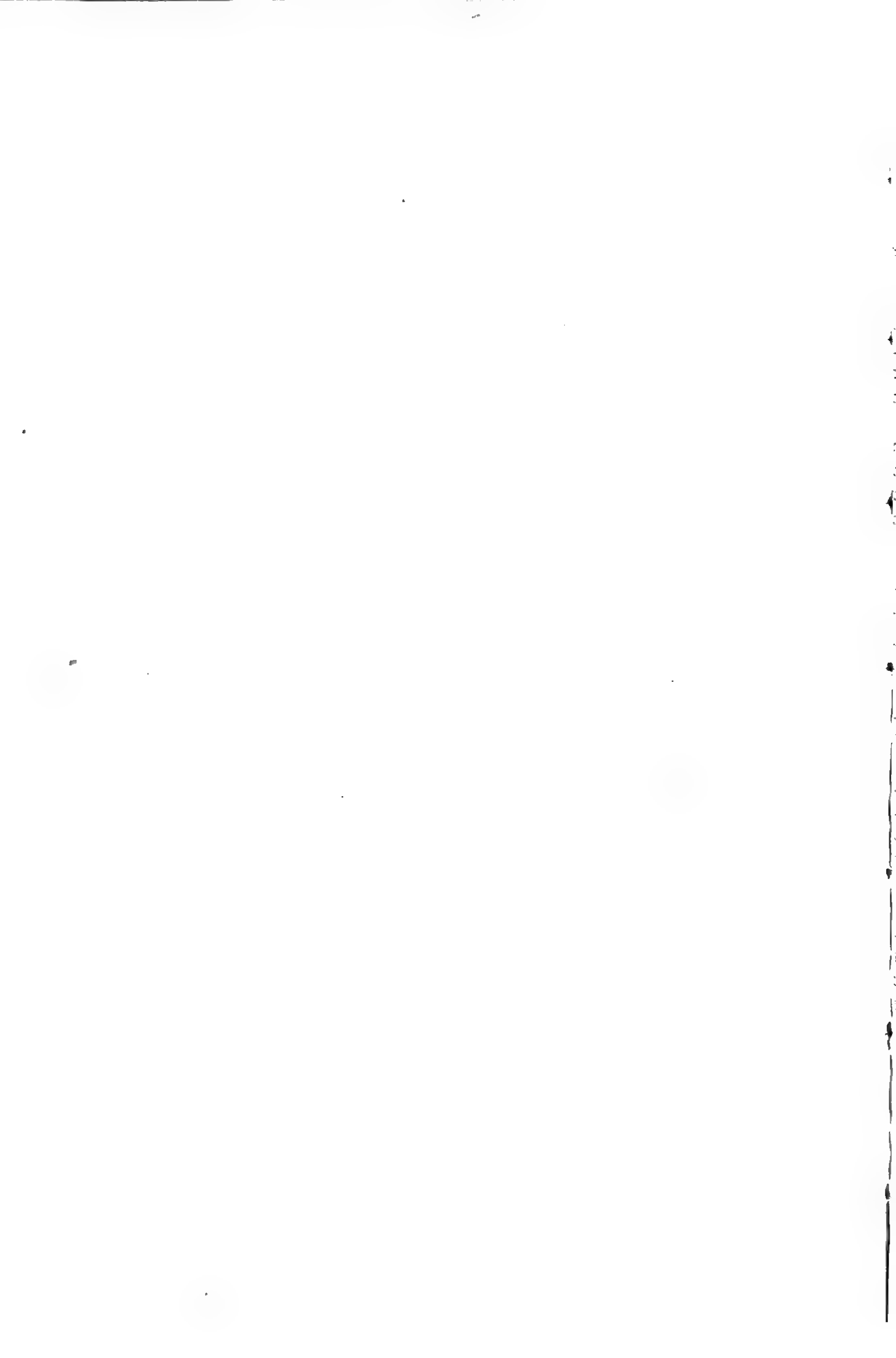
À ordem do Cel. João de Deus Mena Barreto, o regimento de dragões, com a cavalaria, artilharia, e duzentos caçadores da legião de S. Paulo, dois esquadrões de milícias do Rio Pardo.

Entre os primitivos moradores, figuravam os seguintes: Cap. Ricardo Antonio de Melo e Albuquerque, Manoel Zuzarte Pinto, Caetano Luiz Rabelo, Domingos José Gonçalves e vários outros que aproveitaram para suas residências o arranchamento existente, deixado pela soldadesca que aqui estêve acampada.

A seguir, os moradores da coxilha de São Sebastião, verificaram as vantagens que oferecia êste local para o desenvolvimento de uma vida coletiva e para cá afluíram em sua totalidade.



D. Diogo de Souza
Fundador de Bagé



ORIGEM DO NOME BAGÉ

Registramos, agora, o que a tradição diz através de distintos autores, sôbre a origem do nome *BAGÉ*:

João Antonio Cirne: "Já em meio do século passado existia um índio charrua denominado Ybagé, que morava com sua numerosa descendência nas fraldas de uns cerros, cujo nome é derivado dêsse primeiro habitante, que com sua prole constituía uma tribo isoladamente.

Ybagé era velho, dócil e tratável, tanto quanto sua inteligência permitia, e obedecido dos seus. Com tais prerrogativas pôde granjear a estima e o respeito daqueles, que, armados de fuzil e em demanda da Colônia do Sacramento, se aventuravam a cruzar êstes campos, que considerava propriedade sua e dos seus como senhores da terra, que eram.

Morreu oprimido pelos anos, mas temido e respeitado, e só depois do seu passamento é que se dispersaram os membros daquela associação, os quais, sempre pacíficos, pôsto que altivos, jamais se sujeitaram ao domínio espanhol ou português, apesar de serem dêstes mais amigos.

Foram perseguidos, não porque houvessem feito mal a alguém, mas em presença do intuito de serem despojados do solo em que haviam nascido.

Aqui mesmo conhecemos, em época que há muito já lá vai, anciãos respeitáveis que referiram passar como tradição, no tempo de sua mocidade, que na taba de Ybagé se proporcionava seguro agasalho. Ao lado oriental e perto dos ditos cerros, que são contíguos, corre um pequeno arroio, que naquelas eras se chamava Ypagê, cujo nome ficou depois sendo — *Bagé.*

Oxalá que, no oceano das idades, na poeira do esquecimento, não exista eternamente sepultada a memória de um chefe selvagem, que, apesar de sua rudez, no coração palpitavam-lhe nobres sentimentos que jamais tiveram aquêles que deram fim aos oriundos da sua raça".

Jorge Reis: "Segundo a tradição deriva o nome de *BAGÉ,* de um velho cacique indígena, Ibagé, que em fins do século XVIII existia neste sítio, onde faleceu em idade avançada e foi sepultado em um dos cerros, que, quais sentinelas avançadas, existem a meia légua de distância da cidade, ao sudoeste.

Êsses cerros, hoje, pertencem ao Dr. Oscar Salis F.º"

Serafim dos Santos Souza: "Tira seu nome do velho chefe de uma tribo de índios "minuanos", que em fins do século passado, ha-

viam fixado suas tabas no mesmo sítio em que atualmente se levanta a cidade e que se dispersaram depois da morte de seu Cacique Ibagé."

Dr. Felix Contreira Rodrigues: Opina, o erudito sociólogo, em brilhante artigo publicado no "Correio do Sul", que Bagé tem sua origem na palavra *BAAG* que quer dizer lugar donde se volta, lugar de retôrno. Os índios das Missões que viviam em terras da antiga estância de S. Miguel, depois Sta. Tecla, tinham como limite sul de suas correrias, os cerros de Bagé.

Para nós, não resta dúvida que, nesta zona meridional, os índios que cá viveram eram inteligentes, trabalhadores e "guapos." Dotados de vivacidade e espírito prático, para bem localizar a choça do chefe espiritual, o Pagê-Pagé —, acrescentaram a essa designação o prefixo *Y*, que quer dizer água.

Ypagê, designava o médico e adivinho e ao mesmo tempo indicava que o mesmo vivia à beira d'água, à margem do arroio que lhe tomou o nome.

Mais tarde por corruptela — *Ypagê, Ypagé, Ybagé, Ibagé* e *Bagé*, nome que passou a denominar o arroio, cêrro e cidade fundada por Dom Diogo de Souza.

———o———

DESENVOLVIMENTO DO POVOADO

No ano de 1812, desenvolvia-se o novo núcleo de Bagé, nascido de um acampamento militar, com sadio entusiasmo de seus habitantes. A maioria da população já possuía arraigados sentimentos religiosos, entre vários, se destacavam os Cap. Ricardo A. Melo e Albuquerque e Pedro Fagundes de Oliveira. Êste último nos campos de sua propriedade, próximo a Sta. Tecla, quase junto ao cemitério da "Guarda Velha de S. Sebastião", mantinha uma capela que construída em 1776, já havia tido seu apogeu, porém em 1812, permanecia quase que abandonada.

Havia naquele local florescente freguesia, pois que em tôrno à CASA DE DEUS, haviam construído vários ranchos, formando um povoado, e os moradores para sustentar ao Padre Tristão Canuto da Silva e Sá, que oficiou durante algum tempo, sendo depois substituído pelo Padre José Bittencourt Cidade, de comum acôrdo, se cotizavam e pagavam uma espécie de "sisa", por seus trabalhos de assistência religiosa. O Cap. Ricardo Melo que, nesse ano de 1812, muito trabalhou, conseguiu elevar o povoado de Bagé à categoria de freguesia.

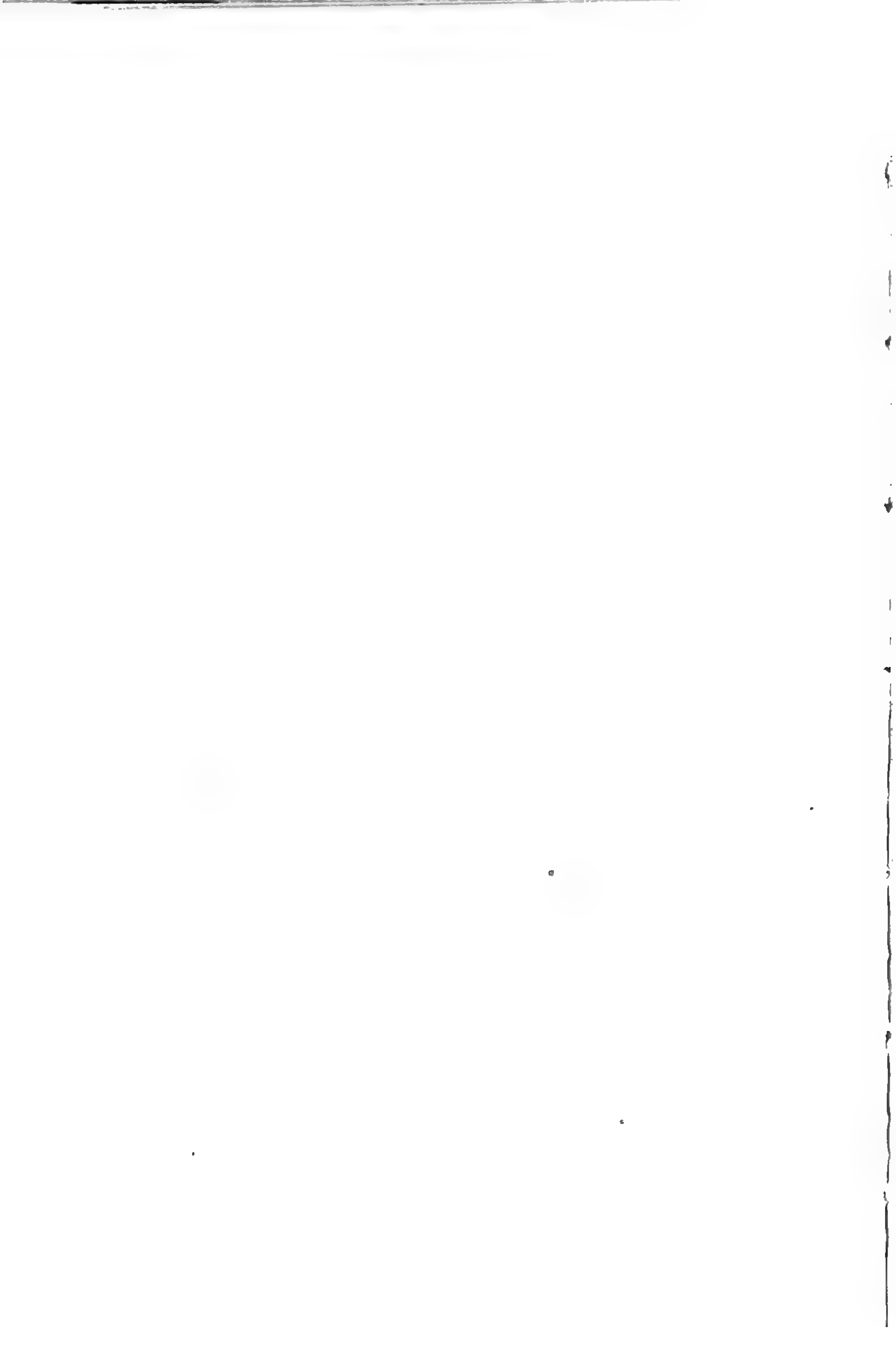
Numa ação de profundo sentimento religioso combina com o Cap. Pedro Fagundes de Oliveira e em procissão transportam da-



Primitiva imagem de São Sebastião existente na Igreja São Sebastião de Bagé, feita pelos índios.



Marco n.º 1 da cidade, antiga casa residencial de Ricardo Antônio de Melo e Albuquerque, bisavô do notável escritor Erico Verissimo.



quela capela para a nova freguesia a preciosa imagem de S. Sebastião, talhada em madeira, com olhos amendoados, estilizando bela feição íncola e depositaram em um rancho, característico dos pampas sulinos, dos muitos que existiam no acampamento de Dom Diogo, recaindo a escolha no que havia sido habitado pelo Cel. Alexandre Eloy Portella, no lugar da atual Casa Canônica.

O entusiasmo do incansável capitão não esmoreceu após a concretização dêsse ato, providencia e consegue a vinda do Padre José Loureiro, para administrar os sacramentos aos fiéis, já ansiosos por assistência espiritual. Em seguida passou a exortar a população, no afã de conseguir auxílio para o erguimento de uma capela, o que lhe foi tarefa fácil, visto encontrar em todos, o melhor acolhimento.

Construíram, então, no local onde se acha a histórica matriz de S. Sebastião, a primeira capela de grande dimensão, feita com torrões de barro e coberta com capim de santa-fé.

Para aí levaram a sagrada imagem que através do tempo é conservada como adorável troféu dos filhos de Bagé, que se curvam ante a figura de seu padroeiro, que assistindo a todo o evoluir de nossa comuna representa além da Divindade, uma síntese histórica e religiosa de um povo trabalhador, altivo e nobre.

Sempre progredindo, em 1814, a freguesia foi elevada à categoria de curato, vindo da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Piratini, para assumir o mandato para que fôra nomeado, o Padre Gervásio Antonio Pereira Carneiro que posteriormente teve como coadjutor, o Padre Hildebrando de Freitas Pedroso.

Em 1816, passa por esta localidade uma fôrça componente de um regimento em demanda às Missões, na luta contra Artigas.

Após rápida insubordinação em que se evidenciou o Ten-Cel. Terres, acalmados os ânimos, daqui marcharam cento e onze praças e vários oficiais, entre êles o Cap. José Maria da Gama Lobo Coelho d'Eça, o Ten. Antonio Francisco Catella e o Alferes Antonio Agostinho Capistrano.

Continuando a ânsia de progresso e desenvolvimento, em 1820, a capela foi substituída pela primeira igreja, construída no mesmo local. Para D. João VI, Bagé lembrava a partida de seus exércitos para a conquista Cisplatina, eis, que, resolve condecorar esta gleba com as honras do baronato. Paulo José da Silva Gama, foi o escolhido pelos reais serviços que prestou quando administrador da capitania — nesse tempo, 1803 a 1809, uma arrôba de charque valia na capitania, quatro centos réis e no Rio de Janeiro setecentos e vinte réis —, nomeando-o por despacho de 26 de março de 1821, Barão de Bagé, e fêz-lhe mercê da propriedade do rincão de Sta. Tecla e Cavalhadas, no município de Bagé.

Transcrevemos dois documentos de nosso arquivo particular, para evidenciarmos que naquela época os habitantes desta abençoada

zona brasileira já possuíam o sentimento de piedade, e, arraigados à terra, questionavam pelas divisas de seus campos.

Talvez seja o primeiro ato de liberação espontânea de um escravo, verificada no país; e o primeiro litígio de terras conhecido nesta zona meridional.

Digo eu abaixo asignado, que entre os bens, que possu-o, tenho hum Escravo por nome Antonio, ao qual lhe prometi, quando o comprei, se me servisse ao meu contento, durante aminha vida, que odeixaria forro pela minha Morte.

Epara que os meus Erdeiros não ponhão embaraso á sua liberdade, logo que eu faleça passo apresente Carta de Alforria por mim não só me asignado com as Tistimunhas prezentes.

Epesso as Justiças de S. M. que de em emteiro vigor a esta liberdade. Costa de Laureis 20 de Dezbr.º de 1821.

David José Lemos

Como tistimunhas: Bento José Bragança
Antonio Maxado Alves
Gaspar Côrtez de Oliveir.º

Ilm.º Snr. Major Anacleto Francisco Gularte

Pello Despacho q. pr. copia incluzo lhe derijo verá V. S. a ordem q recebi do Exm.º Governo desta Provincia relativa a contenda do Coronel Manoel Chavier de Paiva Magalhães q tem com V. S.ª sobre as divisas do seu Campo: q. a dar cumprimt.º a esta ordem se fáz nescessario q V. S.ª venha, ou mandeme aprezentar os seus titulos p.ª avista delles e dos do Coronel Manoel Chavier de Paiva se proceder a vistoria p. a cujo fim hade amanhã a marchar o Capam. Antonio Carlos, e o Alferes Manoel Barboza a fazer reunir as pessoas q hão de hir fazer d.ª vistoria na conformd. de mencionado Dispacho.

Deos Guarde a V. S.ª por mtos. annos.
Quartel em Bagé 2 de março de 1824.
Joaquim Gomes de Mello — *Corel. Comde.*

———o———

Capítulo III

PRIMEIRO IMPÉRIO

A liberdade é algo de notável na vida dos povos; com o grito do Ipiranga, o Brasil quebrava as algemas que o mantinham prêso á côrte portuguêsa no dia Sete de Setembro de 1822.

Bagé festejou o magno acontecimento com efusão de alma.

Três anos mais, a população afeita ao trabalho foi progredindo e aumentando a densidade; quando D. Pedro I não compreendendo, ou melhor, não querendo compreender o momento que vivia a província Cisplatina, transforma o solo bagèense em teatro de novas e sangrentas lutas.

Em Agraciada, a 19 de abril de 1825, Lavalleja à frente dos *trinta e três orientais,* desfraldou o estandarte uruguaio tornando independente a Cisplatina.

A 12 de outubro de 1825, o Cel. Bento Manoel Ribeiro, valente cabo militar, já experimentado em diversos combates, à margem do rio Sarandi, é derrotado pelas fôrças uruguaias de João Antonio Lavalleja, com perigo iminente de se tornar prisioneiro.

Êsse acontecimento que exaltou os ânimos dos patriotas orientais já aliados aos argentinos ao mando de Alvear, trouxe grandes conseqüências para os habitantes de Bagé, que, desarmados, assistiram contristados à invasão de seu povoado.

Sarandi, também, lembra-nos marcante episódio na vida de Osório, na época alferes, com apenas 17 anos de idade.

O jovem militar que no evoluir do tempo seria o Marquês do Herval, a personificação do heroísmo do povo brasileiro, exerceu durante sua aureolada vida, grande atividade neste solo de Ypagê.

Aqui Osório construiu seu lar se casando com a Srta. Francisca Fagundes, filha do Juiz de Paz, Zeferino Fagundes de Oliveira, em 15 de novembro de 1835; aqui nasceu-lhe o filho Fernando Luís, em 3 de maio de 1848, notável homem público, aqui no pôsto de ten-cel., dirigiu a construção do primeiro quartel de alvenaria, quartel do 2.º reg. cav., mais tarde, ocupado pelo célebre 31.º de Carlos Teles e hoje, pelo Quartel-General da Terceira Divisão de Cavalaria, sob o comando do prestigiado e culto General Dr. José Carlos de Senna Vasconcelos.

Interinamente comanda essa importante Divisão do Exército nacional, o brioso Cel. Oscar Furtado de Azambuja, tendo como chefe de seu Estado-Maior, o valoroso oficial Ten-Cel. Emílio Garrastazu Médici.

O fato que exerceu na vida de Osório grande influência foi por êle confirmado, quando, em 1871, o Barão do Rio Branco, desejoso em saber a verdade o interpela, obtendo em síntese, como resposta, o esclarecimento seguinte: Na fase final da batalha, no último entrevero, éramos nove companheiros cercados e lutando com o máximo ardor na defesa de nossa liberdade. Numa dramática cena *que mais parecia desenvolver-se no espaço do que na superfície do solo,* notei que na perseguição um dêles manejava com perícia as boleadeiras, outro atirou-me um tiro de laço; de ambos desvencilhei-me deitado à tábua do pescoço de meu corcel, fazendo movimentos de ziguezague, até notar que desembainharam as espadas, o que me fêz ràpidamente conjeturar e num rasgo de coragem e firme resolução dominar a situação, com rara felicidade, eliminando um após outro.

Finalmente, julgando-me desembaraçado do inimigo, tomei a direção de uma sanga, passo do Polanco Gy, e deparei dentro dela apeado o meu coronel, Bento Manoel, que apertava os arreios de sua montaria ao lado de seu irmão José, que no momento lhe entregava o seu ginete para que dêle fizesse uso.

Nisso vi que se aproximava um grande grupo de orientais; imediatamente com alguns companheiros organizei uma guerrilha, com o fim de dar tempo a que nosso chefe se salvasse.

Quando daí a pouco me reuni aos remanescentes das fôrças comandadas por Bento Manoel, ouvi ao aproximar-me estas palavras do grande cabo de guerra: *"Vem salvo o alferes Osório?*

Si aí vem hei de deixar-lhe a minha lança quando eu morrer; porque ele a levará onde eu a levo".

Para o jovem alferes as palavras do chefe foram motivo de satisfação e estímulo. Perfeita organização militar, Osório, o Bayard brasileiro, o mais gaúcho, o mais popular, e mais querido marechal de nosso Exército, usava-a sempre quando à frente de seus corpos de cavalaria.

A bonita lança de ébano com incrustações de prata foi transportada, talvez, bem mais longe do que Bento Manoel julgasse!

Ela foi ao estrangeiro: lutou contra a tirania de Rosas, em Monte Caceros; e, em desafronta à invasão de nosso solo, tomou parte em quase tôda a campanha da guerra da tríplice-aliança, onde assistiu, a 24 de maio de 1866, *TUIUTI,* a maior batalha do continente sul-americano, retornando à pátria coberta de glórias.

Quando menino, no galpão de acolhedora estância, escutamos de vozes antigas, que Bento Manoel paulista de nascimento, conhecido pela alcunha de *"gaúcho de Sorocaba"* antes de se integrar no palco de lutas das pampas rio-grandenses, foi conhecer a furna *"Salamandra do Jarau"* — tão bem descrita em lenda pelo insígne João Simões Lopes —, onde com audácia e ardil dominou os dragões e

guardas da entrada, penetrando em seu interior, donde saiu com a magnífica lança.

A lendária arma que só pertenceu a êle e a Osório, prestou relevantes serviços ao Brasil. Destinada a grandes acontecimentos é-lhe ofertada por uma divindade que lhe não quis revelar o nome; porém, no momento em que surgia o perigo, aparecia a seu lado encorajando-o até alcançar os louros da vitória.

Um momento de pausa, quando meiga e sorridente aproxima-se nossa querida Mãe que ouvira a conversa e diz: *Meu filho! Nunca esqueças de que a sublime divindade que se encontra no âmago da terra, é a Pátria; que, boa e generosa, propicia, sempre, aos filhos que a amam a lança de ébano e prata, como penhor da vitória, símbolo da glória.*

Como farol e guia, amiudadamente, ouvimos a mesma voz, suave, a repetir: *Canta-lhe os feitos, biografa a seus vultos eminentes.*

O movimento de emancipação que empreenderam os orientais, em 1825, e que era acatado pelos rio-grandenses do sul, com tolerável simpatia, muito perdeu quando da união com os argentinos, invadiram o povoado de Bagé, como sanhudos inimigos.

Os louros de Sarandi, fizeram com que Dom Carlos Alvear e João A. Lavalleja, se adonassem desta faixa meridional brasileira, num período que se estendeu de fins de 1825 a junho de 1827, transformando estas paragens admiráveis em lamentáveis aspectos de terra arrasada, onde campeou o desrespeito, roubos, e, amiudadamente presenciavam-se atos vandálicos.

Alvear dividiu seu exército em três colunas, designando para permanecer em Bagé, o 2.º, 3.º e 5.º bat. cav. comandados por Lavalleja. Corriam os acontecimentos quando D. Pedro I resolveu vir ao R. G. do Sul, e, a 1.º de janeiro de 1827, Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquês de Barbacena, assumia em Livramento o comando das fôrças brasileiras, por determinação régia.

Ao saber da invasão de Bagé levanta acampamento de Cunhaperu e movimenta seu exército rumo ao arroio das Palmas, território bagèense, onde fêz junção com as fôrças do Marechal Gustavo Henrique Brown. Prejulgando que iriam ser atacados, se retiraram de Bagé os orientais-platinos, rumo a S. Gabriel, com a resolução de escolher um local que garantisse o sucesso num combate que se divisava inevitável.

O ponto escolhido foi Ituzaingó, no passo do Rosário, onde a 20 de fevereiro de 1827 se travou renhida luta cujo resultado é considerado pelos técnicos como indeciso.

Perderam os brasileiros nesse árduo combate, o grande Gen. José de Abreu, Barão de Cêrro Largo, cujos preciosos restos mortais, exumados em 9 de maio de 1909, na presença de várias pessoas e das autoridades da vila do Rosário, foram entregues ao Ten-Cel. Antonio de Azevedo Caminha, advogado, autorizado com a especial

missão pelas associações: Centro Gaúcho de Bagé, União Gaúcha de Pelotas e Grêmio Gaúcho de Pôrto Alegre, para que o transportasse para a necrópole de Bagé, onde com tôdas as pompas foram depositados.

Os argentinos deixaram no campo da luta o cadáver do Cel. Frederico Brandsen, comandante do bravo 1.º Regimento de Cavalaria, buenairense, e portador da condecoração (medalha) da Campanha do Alto-Peru, consignada por Bolívar a seus relevantes serviços. Ouvimos referências orais de que Alvear retardou em dois dias sua retirada de Bagé — fato que prejudicou o resultado final de um combate em que se contava vitorioso —, devido aos amôres que o prendiam a certa dama.

Não satisfeitos os orientais-platinos, em 13 de abril de 1827, projetam nova e estrepitosa invasão a esta província, e à frente de poderosa coluna de 8847 homens, constituída de elementos das três armas, ao mando de Ignácio Oribe, enveredam sôbre Bagé.

Em junho de 1827, retiram-se para Cêrro Largo, combatidos pelo Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, levando consigo as alfaias e arquivo do curato, dêste povoado, e, *100.000* cabeças de reses arrebanhadas nas estâncias locais.

———o———

CAPÍTULO IV

EPOPÉIA FARROUPILHA

Mesmo lutando com as conseqüências deixadas pelo estrangeiro invasor, de 1828 a 1835, Bagé se desenvolveu ràpidamente e, mais do que no restante da província se acentuavam as causas predisponentes para a grande Epopéia Farroupilha.

O meio físico, a posição geográfica, e a população desta gleba quase exclusiva de elementos que haviam, por sua ação militar, adquirido "sesmarias", tornando-se genuínos formadores da casta dos estancieiros, donde se originou a célula social do Rio Grande do Sul, contribuíram poderosamente para êsse fim.

Bagé orgulhosa de seus filhos, proclamou a República Rio-Grandense, e Bagé altiva, firmou a *Paz de Ponche Verde,* e êsses dois grandes exemplos a História há de manter eternamente como fontes inspiradoras, atestando o quanto pode o espírito humano quando em luta pela *LIBERDADE,* e do muito que constrói, quando com *TOLERÂNCIA,* visa a unidade e engrandecimento pátrio.

Num ritmo acelerado de crescimento a terra de Ypagê, durante a fase pré-revolucionária de 35, que juridicamente pertencia ao têrmo de Rio Pardo, passa ao de Piratini, em maio de 1832.

Como signo de uma época, encarnando a alma e sangue de um povo, ouve-se a 5 de agôsto de 1835, no local Aceguá, o primeiro vagido do maior bagèense de todos os tempos, *Gaspar Silveira Martins.*

Predestinado a ser notável brasileiro, ardoroso tribuno, político e diplomata, Gaspar, o verbo inflamado, fazia estremecer os alicerces do Império quando em discordância com a política régia dominante. Síntese da Liberdade a clamar por justiça em defesa dos fracos e dos conspurcadores em seus direitos pela ação dos poderes arbitrários.

Consubstanciou uma idéia em marcha, que tão bem prognosticou, quando afirmou que outros levariam avante o estandarte que predica uma forma de govêrno democrático, com bases no parlamentarismo, ao fundar o partido federalista — MARAGATO.

Acendrado patriota dedicou invulgar amor a seu rincão natal: o *"fogão gaúcho",* as campinas com suas coxilhas num verde ondulante, formavam o seu adorado "pago".

Nasceu quando o caráter dos filhos do R. G. do Sul, não mais permitia o comportamento despótico e nefasto, como se evidenciou o do Dr. Fernandes Braga, no govêrno da província.

As legiões republicanas do campeador Bento Gonçalves, chefe supremo do movimento farroupilha, a 20 de setembro de 1835, tendo à frente os destemidos Onofre Pires e Gomes Jardim, tomam a cidade de Pôrto Alegre, antecipando com êsse ato, por motivos imperiosos, a chegada do eminente chefe que a elas veio se incorporar no dia seguinte — 21.

O movimento que se fazia esperar foi delirantemente aclamado pelo povo da capital e a notícia da magnífica vitória da revolução, célere, se alastrou por todos os recantos atraindo a simpatia e adesão de tôda a província.

O teatro do mais importante combate farroupilha coube à gleba bagèense, nos campos de Seival, a 10 de setembro de 1836, em que o vitorioso Antonio de Souza Neto, general de um belo ideal, proclama a República Rio-Grandense.

Quem foram e como se desenrolou a luta dos dois gigantes à frente dos centauros de *35!!!*

Segue-se a biografia do Gen. *ANTONIO DE SOUZA NETO,* em que revelamos a existência de um documento de nosso arquivo particular, assinado por Dna. Maria A. Neto de Mendilaharsu, dirigido aos ilustres causídicos e homens de imprensa Drs. Arnaldo Faria e Joaquim Luís Osório, dando plenos poderes para a repatriação dos preciosos despojos do bravo farroupilha nascido nesta gleba legendária de Ypagê.

———o———

Na bela concepção de Carlile, a História traduz-se num maravilhoso quadro em que vemos em destaque a biografia dos grandes homens. Levado, talvez mesmo, por curiosidade olhamos êsse quadro e tivemos a ventura de focalizar a figura admirável do centauro *ANTONIO DE SOUZA NETO,* proclamador da República Rio-Grandense, o gigante que iniciou com seu brado a grandiosa EPO-*PÉIA FARROUPILHA.*

———

No primórdio de nossa colonização, o Brigadeiro José da Silva Paes fundou, em 1737, com elementos lusitanos, cariocas, paulistas e mineiros, o forte de Jesus, Maria e José, nos cômoros da Barra de São Pedro, lançando desta maneira a semente que daria a hoje cidade do Rio Grande.

Cinco anos após, 1742, cercado pelos heróicos casais açorianos, cuja prole se expandiu rumo ao oeste, transpondo as serras dos Tapes e das Asperezas, chegando a terras que mais tarde seriam o município de Bagé, se iniciou o povoamento e a colonização dêste grande Estado sulino.



Lanceiro farroupilha

Entre êsses açorianos encontrava-se o velho Souza Soares que fixou residência no local denominado Estreito, mais tarde, vila do Povo Novo.

Guerreiro, acostumado a lutas, tomando parte em diversas escaramuças e batalhas desta zona sul do país, em que tanto se peleou, o velho Souza Soares tinha o pendor dos homens dos pampas, de muito gostar de carreiras.

Um momento de folga, uma oportunidade, mesmo nos acampamentos, não se perdia, e o velho entusiasmado gritava "sem reserva", não respeitando pingo, tiro e parada.

Desempenhava a função de cuidar dos cavalos, melhor, seu jóquei, era seu neto, José de Souza — nascido em 1750 —, gurizote destorcido, vivaracho, bom corredor; bem vaqueano, não perdia entrevêro.

Era comum ouvir-se o velhote vibrando de alegria, gritar: "Já se vieram! Vamos ver, meu neto! Corre neto! Mete pua que bandeamos êsse pilungo! Aí, neto!

E o nome *NETO* foi pegando. O apelido foi consagrado e aos vinte anos, aceito, passou a constituir nome de família. ***José de Souza, o Neto*** era como assinava o jovem carreirista, marco inicial de uma plêiade de valorosos gaúchos.

Na idade em que todo jovem procura a sua companheira dos bons e maus momentos, enamora-se e casa com Dna. Teotônia Bueno da Fonseca e marcham para o interior, vindo aparecer como fazendeiros na atual zona de Jaguarão-Chico, neste município.

Aqui constituiu família, seus filhos: Domingos, Rafael, José, Florisbelo, Antonio, Floriana e Bernardina, todos registrados na freguesia de Povo Novo, porque ainda não havia sido fundada a nossa "Rainha da Fronteira".

Faleceu em 1850, e seus restos repousam em nossa necrópole em magnífico mausoléu onde na lápide de seu sepulcro lê-se o seguinte: *JOSÉ DE SOUZA NETO* — Falecido com 100 anos de idade em 16 de maio de 1850 e de sua espôsa *TEOTÔNIA BUENO DA FONSECA,* com 72 anos de idade falecida em 1850, como preito de suas filhas Floriana Marques Neto e Bernardina de Mattos Neto.

Antonio de Souza Neto, nasceu no dia 11 de fevereiro de 1801, e como seus pais residiam em sua estância, passou sua infância na campanha, na juventude foi levado a educar-se em colégios da cidade de Pelotas em companhia de seus irmãos Rafael e Domingos.

Vindo a Bagé, em 1829, o então Cap. Neto, oficial de segunda linha, passou a viver, ora em nosso município, ora na fronteira com o Estado Oriental do Uruguai.

Criando gado, tropeando, fêz-se um autêntico gaúcho, era tal sua firmeza e garbo ao montar um bom "pingo" que Garibaldi não teve dúvida e enfàticamente afirmava nunca ter visto tão grande cavaleiro.

Durante tôda sua vida dedicou especial atenção a um bom cavalo; seu passatempo favorito, carreiras. Certa vez, indo ao Rio de Janeiro, levou consigo um belíssimo exemplar anglo-árabe, branco, napoleônico, e fêz sob aplausos gerais, frente ao imperador e demais membros da côrte e do povo, hábeis demonstrações de equitação.

Caráter bem formado, Antonio Neto, era possuidor de um porte apolíneo, vestia com esmêro os trajes civis e com aprumo a farda militar, e em bonitos, bem tratados, e aperados corcéis se fazia ver e admirar.

Nessa fase de sua vida, os acontecimentos políticos, os desmandos do presidente Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, levaram-no a desempenhar papel saliente ao lado de seu grande amigo e chefe político Bento Gonçalves, a quem sempre dedicou invejável solidariedade e modelar lealdade no organizar, com vários companheiros, o movimento revolucionário de 35.

Nesta região articulou os elementos para a luta com o concurso dos ótimos camaradas José Neto, Pedro Marques e Ismael Soares da Silva.

Iniciou a guerra comandando uma divisão de cavalaria, no pôsto de coronel, e em suas fôrças destacavam-se seus auxiliares, Ten-Cel. Joaquim Pedro Soares e Manoel Lucas de Oliveira — mais tarde ministro da guerra da República e também representante do govêrno de 35 ao assinar a paz.

Seu primeiro combate foi em 16 de outubro de 1835, próximo à cidade de Pelotas, onde desbaratou Silva Tavares, obrigando-o a emigrar para o Uruguai. Findo êsse feito, marchou para o município de Bagé, acampando nas imediações de Candiota à frente de sua brigada constituída de 430 homens.

Encontrou-se nos campos do Seival com Silva Tavares, mais tarde Visconde de Cêrro Alegre, que estava à frente de 560 comandados e travaram feroz combate.

Nessa luta renhida, efetuada no dia 10 de setembro de 1836, Neto à frente dos seus, brada: *Camaradas! não quero ouvir um tiro, seja a carga á espada e á lança!*

E assim foi.

No ardor da peleja Tavares menos feliz que seu adversário, vê cortada a cabeçada de sua montaria que sem govêrno sai em franca disparada, finalizando de forma inesperada o violento recontro com a derrota das fôrças imperiais, deixando no campo 180 mortos, 63 feridos e 100 prisioneiros, dentre êles o então gurizote João Nunes da Silva Tavares (Joca), mais tarde chefe militar da revolução de 93.

Entusiasmados, os republicanos, com a magnífica vitória, sob a insistência de Joaquim Pedro Soares e de Manoel Lucas de Oliveira, Antonio Neto concorda e proclama, a 11 de setembro de 1836, à margem esquerda do rio Jaguarão, no campo dos Menezes, a Repú-

blica Rio-Grandense declarando, a então província livre do Império, adquirindo para,si êsse imorredouro galardão.

Digno de nota é o fato de que até pouco antes do combate do Seival, comandava, como chefe supremo, as fôrças do exército republicano, o Gen. João Manoel de Lima e Silva, que por moléstia, tendo que tratar de sua saúde em Montevidéu, passa o comando ao Cel. Neto.

DECLARAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA E PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA RIO-GRANDENSE:

Proclamação. — *Bravos companheiros da 1.ª brigada de cavalária! Ontem obtivestes o mais completo triunfo sobre os escravos da côrte do Rio de Janeiro, a qual, invejoza das vantagens locaes da nossa provincia, faz derramar sem piedade o sangue de vossos compatriotas para d'este modo faze-lo preza de suas vistas ambiciozas.*

Miseraveis! Todas as vezes que seus vis satelites se têem aprezentado diante das forças livres têem sucumbido, sem que este fatal dezengano os faça dezistir de seus planos infernaes. São sem número as injustiças feitas pelo governo; seu despotismo é o mais atrós.

E sofremos calados tanta infamia? Não? nossos compatriotas os Rio Grandenses estão dispostos como nós a não sofrer por mais tempo a prepotencia de um governo tirano, arbitrario e cruel como o atual.

Em todos os angulos da provincia não sôa outro éco que independencia, Republica, liberdade ou morte.

Este éco magestozo, que tão constantemente repetis como uma parte d'este solo de homens livres, me faz declarar que proclamemos nossa independencia provincial, para o que nos dão bastante dinheiro os nossos trabalhos pela liberdade, e o triunfo, que ontem obtivemos sobre estes mizeraveis escravos do poder absoluto.

Camaradas! Nós, que compomos a 1.ª brigada de exercito liberal, devemos ser os primeiros a proclamar, como proclamamos, a independencia d'esta provincia, a qual fica desligada das demais do império, e fórma um Estado livre e independente com o titulo de Republica Rio-Grandense, e cujo manifesto às nações civilizadas se fará competentemente! Camaradas! gritemos pela primeira vez: Viva a Republica Rio-Grandense!

Campo dos Menezes, 11 de setembro de 1836.

Antonio de Souza Neto, *cel. comandante da 1.ª brigada.*

ATA DA DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA DA PROVÍNCIA RIO-GRANDENSE DO SUL PELA 1.ª BRIGADA DE CAVALARIA DO EXÉRCITO REPUBLICANO DA MESMA.

Aos 12 do mez de setembro do ano de 1836, no acampamento volante da costa do rio Jaguarão, axando-se a brigada, em grande parada, estando prezente o coronel comandante da mesma, e os oficiais inferiores, que subscrevem, por unanime vontade d'estes e tropa da dita, foi declarado, que a provincia do Rio-Grande d'ora em diante se constituia nação livre e independente, com o titulo de Republica Rio-Grandense, não só por ter todas as faculdades para reprezentar entre as demais nações livres do universo, sinão tambem obrigados pela prepotencia do Rio de Janeiro, que por muitas vezes tem destruido seus filhos, ora deprimindo a sua onra, ora derramando o seo sangue, e finalmente desfalcando-a de suas rendas publicas.

Por todos os motivos, que se declararão em a proxima reunião da assembléia nacional constitucional e legislativa, protestão ante o ser supremo do universo não embainhar suas espadas, e derramar todo o seo sangue antes que retroceder de seos principios politicos proclamados em a prezente declaração.

ANTONIO DE SOUZA NETO, *coronel comandante.*

(Seguem-se cinqüenta e duas — 52 — assinaturas de chefes, oficiais e sargentos).

Ao proclamar a República Rio-Grandense, Neto, não visava pròpriamente mudar a forma de govêrno e sim acabar com a anarquia reinante, em que os direitos do homem estavam sendo conspurcados, tornara-se imperioso implantar os sãos princípios da liberal DEMOCRACIA.

Vejamos o ofício que daqui dirigiu ao presidente e vereadores da Câmara Municipal de Pelotas, em 29 de dezembro de 1835, isto é, três meses e dias depois do movimento revolucionário chefiado por Bento Gonçalves.

Nesse ofício, entre outras coisas, diz Antonio de Souza Neto: *Eu* (Identificado com os princípios que animam todos os verdadeiros autores da gloriosa data de 20 de setembro) *posso assegurar a v.s. que não é possivel levantar o collo a esse demérito partido republicano, que appareceu em Porto Alegre, com o intento de nos separar da associação brasileira.*

Nessa fase de sua vida, Neto era bastante conhecido e o *folklore* gaúcho registrou duas trovinhas, feitas por elementos de corren-

tes partidárias antagônicas, que hoje constituem parte integrante do arquivo histórico-popular.

Diziam os legalistas:

Sinhô Neto vá-se embora
Não se meta a capadócio:
Vá tratar dos parelheiros
Que fará melhor negócio.

Ao que os farroupilhas responderam:

Sinhô Neto não precisa
Ir tratar dos parelheiros:
Já ensilhou Silva Tavares,
Falta enfrenar o Medeiros.

Promovido a general da República, enfrentou durante os dez anos da Epopéia Farroupilha a vários combates, exercendo no decorrer do tempo as mais elevadas funções, sendo mesmo comandante em chefe do exército republicano.

Em esplêndida réplica, a 30 de outubro de 1836, em seguida à derrota do Fanfa e à prisão de Bento Gonçalves, o valoroso gaúcho em eloqüente incitamento disse:

O revez que sofremos é grande, mas é um só no circulo de tantos triunfos: redobrai vosso valor e venceremos.

Jamais se deixou envaidecer, sua ação militar foi sempre magnífica, com os louros da vitória ou com o amargor da derrota, foi sempre o mesmo homem enérgico e bom.

Bem próximo à faixa de solo em que em 1836, obtivera seu grande triunfo, em janeiro de 1837, no local Candiota, Bento Manoel em manobra feliz, vence-o. Mourejando sempre, identificado com as agruras da guerra civil, marcha com sua tropa a fim de tomar parte no sítio de Caçapava, em abril de 1837, aí assiste à capitulação do Cel. João Chrisostomo da Silva, e faz muitos prisioneiros.

Segue de imediato com seu exército para sitiar a cidade de Pôrto Alegre, intimando à rendição ao Gen. Chagas Santos, que comandava a praça, no dia 11 de maio de 1837, o qual resistiu com galhardia mantendo-se no seu pôsto de honra.

Dirigindo-se para a vila do Triunfo, em 12 de agôsto de 1837, surpreendeu a um adversário de rija fibra, Gabriel Gomes Lisboa, que vencido e intimado a render-se, responde-lhe com invulgar desassombro e singular altivez: *Um coronel do Exército brasileiro não entrega sua espada a rebeldes.*

Morto no cumprimento do dever, reconhecendo-lhe o valor, manda render as homenagens devidas e seu sepultamento é feito com respeito e comoção das fôrças republicanas.

Continuando a pelejar sem tréguas, marcham as hostes farroupilhas visando a inolvidável ação de Rio Pardo, em 30 de abril de 1838, e aí juntamente com David Canabarro (José Martins), Bento Manoel e João Antonio da Silveira, destroçou os imperialistas, também chamados *Caramurus,* ao mando do Gen. Sebastião Barreto Pereira Pinto e Brigadeiros Cunha e Calderon.

Instalada a Assembléia Constituinte Republicana, na cidade de Alegrete, a 1.º de dezembro de 1842, foi eleito deputado efetivo pelos sufrágios de 1653 eleitores.

No ano seguinte, em 1843, passou por Bagé com sua divisão em marcha para a fronteira do Quaraí.

Achando-se acampado o exército republicano nas pontas do arroio Velhaco, em 30 de abril de 1844, Neto para aquêle rincão seguiu com o 8.º corpo da guarda nacional e outros contingentes para organizar uma divisão com gente de Camaquã, Encruzilhada, Rio Pardo e Cachoeira, desempenhando-se com êxito dessa importante missão.

Surgem os primeiros indícios do final de tantas lutas, o ano de 1844, foi caracterizado por guerrilhas e sortidas; digna de menção e a que se registrou no dia 14 de novembro, na surprêsa de Porongos em que Francisco Pedro de Abreu, mais tarde Barão de Jacuí, mais conhecido por *Moringue,* derrotou as fôrças de Canabarro.

Neto que tomou parte nessa luta, salvou sua gente e permitiu com a resistência oferecida ao inimigo que parte da coluna de Canabarro se retirasse.

Com o presidente da República, José Gomes Jardim, generais Canabarro e João Antonio da Silveira, foi um dos signatários da autorização dada em 13 de dezembro de 1844, de acôrdo com o Duque de Caxias para o ministro Antonio Vicente da Fontoura, como emissário da paz, entrar em negociações com o govêrno do Rio de Janeiro.

Aceita e proclamada a paz, em Ponche Verde, na estância de Alexandre Simões, lavrada a ata em 25 de fevereiro de 1845, está a sua assinatura: *Antonio Neto, comandante da primeira Divisão,* em seguida a de David Canabarro, general em chefe.

Findo o decênio de desentendimentos entre irmãos que escreveram para a nossa história as mais sublimes páginas de heroísmo, valentia e renúncia, o bravo Brigadeiro Neto retira-se para o Estado Oriental, onde após algum tempo de inteligente labor, torna-se grande fazendeiro no Queguaí.

Educado, fino, temperamento alegre e comunicativo, adquiriu prestígio no vizinho país, tornando-se um líder e também particular amigo do Gen. D. Manoel Oribe.

O govêrno brasileiro em 1858, concede-lhe as honras de brigadeiro de exército, fazendo igual concessão a Canabarro.

Dêsses acontecimentos comuns na formação étnica dos povos, naturalmente lamentáveis, registravam que no Uruguai nossos patrícios estavam sendo assassinados, outros perseguidos e presos, vendo seus bens confiscados; desagradáveis fatos que culminaram no dia 28 de janeiro de 1858, com a revolta dos Quinteros.

Neto, com sua proverbial altivez, verbera enèrgicamente êsses desmandos, até que em 1864, resolve ir ao Rio de Janeiro, como representante dos brasileiros ofendidos, apresentar ao govêrno imperial as queixas de nossos concidadãos.

Cumulado de atenções, durante sua estada na capital do Império, principalmente por parte dos deputados Ferreira da Veiga e Felipe Néri, que historiaram em enérgicos discursos, pronunciados no Congresso, os martírios por que passaram em terras estrangeiras os nossos patrícios. Neto se desempenhou com distinção dessa delicada incumbência.

Regressando, passa por Bagé, onde foi alvo de provas de particular aprêço de seus amigos, camaradas e do povo que lhe fêz grandes manifestações.

A confirmação dêsses fatos tiveram como epílogo a missão diplomática do Conselheiro José Antonio Saraiva, no Rio da Prata, e a subseqüente declaração de guerra e invasão do Estado Oriental pelo exército do Marechal-de-Campo João Propício Menna Barreto.

Antonio Neto aliado ao general revolucionário Dom Venancio Flores, nosso bom e sincero amigo, organiza uma brigada ligeira, *1300 cavalarianos,* reúne-se ao Gen. João Propício e passa a fazer a vanguarda do exército em tôda a marcha, assistindo ao assalto às trincheiras de Paisandu, continuando em marchas e reconhecimentos, até a celebração da paz em Montevidéu, a 20 de fevereiro de 1865.

Francisco Solano Lopez, atacado de súbito ressentimento: dominar a Mesopotâmia americana (mal dos ditadores), resolve invadir o nosso território, agitando a alma nacional, colocou a postos todos os bons brasileiros; e Neto imediatamente se apresenta ao serviço.

Narra Aurélio Porto, no "Processo dos Farrapos", que a fôrça de Neto, onde eram numerosos oficiais e soldados da revolução farroupilha, levava desfraldada a bandeira tricolor, sob a qual se tinham batido em 1835.

Incorporado ao exército do Gen. Manoel Luís Osório, transpôs o rio Uruguai para Concórdia e fêz tôda a marcha por terra até o território do Paraguai, batendo-se com denodada bravura, em campo raso, nas batalhas de Estero Bellaco, em 2 de maio de 1866, e de Tuiuti, em 24 do mesmo mês e ano.

A sua brigada era composta de quatro luzidos corpos comandados pelos valentes Ten-Cel. Hipólito Antonio Ribeiro, Caetano Gon-



Grupo de farroupilhas.

çalves da Silva, Manoel Cipriano de Morais e Manoel Rodrigues de Macedo.

Como recompensa aos seus relevantes serviços, cheio de méritos, foi condecorado com a comenda da Ordem de Cristo e com a medalha de ouro da campanha oriental de 1864-1865.

Acometido de grave enfermidade, faleceu no hospital de Corrientes, no dia 1.º de julho de 1866, êsse herói, êsse glorioso riograndense. Jorge Reis relata que: *Seus restos mortais, transportados para o Brasil, repousaram por algum tempo no cemitério desta cidade, em luxuoso mausoléu, mas, uma filha do extinto, os condusio para Montevidéu.*

Passam-se os anos, quando, em 1935, Joaquim Luís Osório, grande cultor de nosso civismo, desejando render uma homenagem à memória do imortal farroupilha, construindo um *ARCO DO TRIUNFO* no campo dos Menezes e a transladação dos restos mortais do herói para esta cidade, expôs a vários amigos a sua feliz idéia, contando para concretizá-la com a eficiente colaboração de seu colega Dr. Arnaldo Faria com quem já havia palestrado e resolvido narrar a uma filha de Antonio de Souza Neto, o sucedido.

Assim é que Arnaldo Faria escreve a Dna. Maria Antonia Neto de Mendilaharsu, detalhada missiva.

Vejamos a resposta:

(Cópia do documento autêntico, que é pela primeira vez publicado)

Montevidéo, agosto de 1936.

Señor dr. don Arnaldo Faria, presidente del Rotary Club de Bagé.

Estimado señor:

Acuso recibo a su att.º del 26 de Julio ppd.º relacionada con los restos de mi señor padre el Brigadier general Antonio de Souza Neto, que reposan actualmente en el Cementerio de esta Ciudad y por la que pide mi autorizacion para su repatriación asi como los datos relacionados con la existencia de esos restos en Montevidéo.

Tratando-se de comemorar el episódio de la proclamación de la Republica Riograndense y de rendir honores a esos restos tan sagrados para mi, no obstante el dolor que me ha de producir su alejamiento del lugar donde reposan y al que concurro habitualmente a prestarles el homenaje de mi cariño, no puedo negarme al pedido que vd. me formula afin de que esos despojos gloriosos reposen en su País, en el seno de su ciudad natal *en el concepto de que su entrega ha de hacerse en esta ciudad con la ceremonia más sencilla y protocolar del caso, a la Legacion del Brasil para el Gobierno de Estado de Rio Grande del Sur.*

El general Netto falleció en el Hospital Militar de Corrientes el 1.º de julio de 1866 de donde su cuerpo una vez reducido fué trasladado por sus hermanos y secretarios a su estancia de Uruguay, siendo

de ahi llevados a la Ciudad de Bagé y depositados en Cementerio de la misma en el panteon que la familia mandó construir expressamente para su guarda.

Años más tarde fueron vueltos a traer a mi estancia "La Gloria", situada en el Departamento de Paysandú, proxima a la actual Estácion Piedra Sola (Gral. Netto) del Ferrocarril Central del Uruguay, de donde se transportaron a Montevidéo al fijar nuestra residencia en este lugar en el año de 1885.

Actualmente descansan en una urna en el Cementerio Central en el sepulcro de nuestra propriedad bajo la lápida Mendilaharsu-Netto. *Esta carta contestacion tiene el caracter de autorización bastante, para que los Doctores Joaquim Luiz Osório y usted, asi como para que el Gobierno de Rio-Grande del Sur puedan promover el efecto las gestiones del caso ante las respectivas autoridades Nacionales o Municipales de ambos paises.*

Sin otro particular me es grato saludar a vd. con mi mayor consideracion y estima.

Maria A. Netto Mendilaharsu

(Por este correo remito la fotografia pedida por vd.
Residencia: Avenida de las Instruciones, 948).

De posse dêsse precioso documento, os dois ilustres advogados, dirigiram-se ao Instituto Histórico do Rio Grande do Sul e, ao mesmo tempo, escreveram belos artigos que os jornais de Pôrto Alegre publicaram.

Aí deixamos de olhar o quadro, mas com a figura de herói na retina, saímos repetindo os versos de Múcio Teixeira:

"Radiante de heroísmo iluminado
Por um balão da auréola triunfal,
Ia no seu ginete arrebatado
Souza Neto nos campos de Seival".

JOÃO DA SILVA TAVARES, VISCONDE DE CÊRRO ALEGRE

Na então província de São Pedro do Sul, no município do Herval, a 15 de março de 1790, nasceu João da Silva Tavares, filho do distinguido casal Dna. Ana Joana Facundo — José da Silva Tavares.

Entusiasmado pela campanha a que iniciou o Cel. Carlos Frederico Lecor, depois general Visconde de Laguna, com apenas 15 anos de idade senta praça como soldado em um corpo da segunda linha, onde começa sua vida militar.

Cumpridor de seus deveres, corajoso, por atos de merecimento foi escalando os diversos degraus de uma hierarquia: furriel, sargento, alferes, tenente e capitão — ocasião que lhe deram o comando de uma companhia. Nesse último pôsto foi distinguido com a nomeação para o cargo de chefe do distrito do Herval.

No mesmo distrito prestou durante alguns anos relevantes serviços como juiz de paz, onde sua atuação foi assinalada por elevado critério e bom-senso no manter a ordem, sossêgo e harmonia, entre os seus concidadãos, que gratos à sua retidão, o elegeram representante municipal (vereador).

Limpando a fronteira de salteadores e facínoras a quem muito perseguiu, foi pelo imperial govêrno promovido a major e em seguida a ten-cel. da guarda nacional.

Nesse tempo já conhecido em tôda a província, por suas elevadas qualidades, foi escolhido candidato e a seguir eleito deputado provincial, época em que é nomeado pelo governador Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga para comandante da fronteira de Jaguarão em substituição ao famoso Bento Gonçalves da Silva que já nos últimos preparativos para a revolução farroupilha, em sucessivas conferências com Lavalleja e outros comprometia a soberania nacional. Silva Tavares, foi um dos raros militares da província que conheciam os mistérios da conspiração que se vinha tramando contra o trono constitucional e integridade do Império e leal a seu soberano achava um horror o que preparavam nos clubes da perfídia os novos Catilinas.

Poucos dias antes de deflagrar a revolução, Bento Gonçalves da Silva, sendo seu íntimo amigo e compadre, julgou oportuno exporlhe os planos já assentados, contando convencê-lo de que devia esposar a nova causa, pois que, sua eficiente colaboração muito iria contribuir em benefício dos nobres ideais, que os levavam a pegar em armas.

Dotado de elevada envergadura moral, com perfeita noção da honra, Silva Tavares, ouviu a exposição confidencial de seu amigo sem que modificasse sua opinião contrária a que para Bento Gonçalves consubstanciava um grande sonho.

Sua primeira atitude foi a de dissuadir seu amigo do que julgava *temerária aventura.* Contestou tôdas as conveniências que Bento Gonçalves previa, finalizando por um apêlo para a desistência de semelhante resolução, que iria banhar as pampas gaúchas com o sangue de seus filhos.

Percebendo a impossibilidade de um acôrdo, incapaz de se tornar delator, antes que a tempestade moral avassalasse a província, S. Tavares, com sua característica nobreza, finaliza o encontro da maneira seguinte: *Amigo Bento, minha lealdade faz com que guarde esse segredo, porem, fique sabendo que, declarada a revolução,*

serei dos primeiros a combatê-la, minha espada será desembainhada em defesa e garantia das instituições que nos regem.

Vivia a província uma fase de paixões e violências, e, sabedores do resultado dêsse encontro, antes mesmo de irromper o movimento sedicioso, organizaram perigosas emboscadas com o fim de eliminar o elemento que consideravam o maior obstáculo a seus planos.

Silva Tavares possuía em sua residência um belo jardim, onde costumava passar as tardes em palestra com seus familiares e amigos, pondo-se ao par dos últimos acontecimentos e dos boatos que fervilhavam no momento. O acaso fêz com que certo dia, falhasse a reunião habitual quando seus filhos depararam com a presença de um pardo, chamado João Tomaz, que de tocaia aguardava o momento para agredir o chefe temido de seus adversários.

Dado o alarma o patife consegue escapulir, tomando a direção de uma grande lavoura, próxima àquele local, onde protegido pela noite pôde escapar, porém poucos dias depois morria atingido por certeira bala, quando procurava realizar seu intento numa segunda tentativa.

Cauteloso, ardiloso e valente, escapou de muitas outras emboscadas, tornando-as mal sucedidas, dando fim a seus executores.

A 19 de setembro de 1835, o coronel oriental Santana, veio esperá-lo num capão de mato perto de sua casa, e dali mandou chamá-lo para uma conferência. Avisado com antecedência por um peão que mantinha como espia junto aos inimigos, que êle trazia dentro da manga da farda um punhal para no abraçar matá-lo, não se fêz esperar e com dois companheiros o foi encontrar.

Frente a frente, Silva Tavares, resolveu prendê-lo, mas, Santana, resistiu e foi morto, encontrando-se-lhe o punhal afiado na manga da farda.

Bastante prevenido andava Silva Tavares, eis quando teve aviso de que sua casa seria atacada, no dia 21 de setembro, retirou-se acompanhado por 20 homens que reunira a uma légua de distância, para a casa de seu irmão Serafim Silva, deixando sua residência, onde havia construído seteiras, guarnecidas apenas por seu irmão Serafim acompanhado por três homens, bem armados e municiados, capazes de oferecer resistência caso se efetivasse o ataque anunciado.

Não obstante a torrencial chuva que caíra tôda a noite, ao amanhecer de 22, rompeu intensa fuzilaria em tôrno à sua residência, emanada de uma fôrça de 36 homens constituída de orientais imigrados e de alguns brasileiros.

Ouvindo os primeiros disparos marchou imediatamente em direção aos sitiantes, em socorro dos seus, porém, encontrando o arroio cheio — galho do Arroio Grande —, foi forçado a contorná-lo pouco acima de sua nascente, a uma légua distante.

O caudilho, chefe dos sitiantes, vendo descer aquela fôrça ao passo, mandou reconhecê-la e Silva Tavares que a isso pressentiu des-

pachou um próprio que varando o arroio a nado, foi avisá-lo de que não se retirasse, a demora para o seu encontro não seria grande, logo acima vadearia a cabeceira do arroio e em poucos minutos estaria ali para combatê-lo.

Retiraram-se os atacantes, deixando morto o capitão oriental Pancho Ortiz, em direção ao passo do Centurião — rio Jaguarão — a fim de incorporar-se com Camilo dos Santos Campelo, que andava reunindo gente para a revolução.

Sabendo, Silva Tavares, o rumo que haviam tomado, e já reforçado com a chegada de mais doze homens do Cap. Jerônimo José Nunes e do Ten. Serafim Ignácio dos Anjos, segue-lhes as pegadas indo encontrá-los defronte à fazenda de João dos Santos Campelo, onde travou forte guerrilha, sendo que além da casa havia uma serrilhada de pedras que muito os protegeu.

Sustado por momentos o tiroteio; ordem de Silva Tavares que desejava verificar a capacidade da fôrça inimiga e sua posição, aparece João Simplício, muito amigo do jovem Joca. Reconhecido e por êste chamado, com espanto geral dos presentes, o gaúcho soltou a fala dizendo: *O comandante é o coronel oriental Gervásio Verdun e seus companheiros são quasi todos castelhanos.*

Silva Tavares, no primeiro momento, manteve sua dúvida, custava crer que Verdun a quem havia acolhido como imigrado, que portanto dêle dependeu, a ponto de há oito dias antes lhe haver pedido seis onças de ouro emprestadas, revelasse tamanha ingratidão.

Nisso, Joca que a certa distância olhava para os inimigos disse: É aquêle do cavalo bragado que leva o poncho atravessado na garupa, o de lança da esquerda é o Cel. Chiverte; o Major Rolim (brasileiro); o Cap. Patrício e o Paja Larga, que estão a seu lado são todos imigrados.

Silva Tavares, reconhecendo-os, viu que tinha inimigos pela frente, mas, com ponderação e coragem designa o Ten. Francisco Feijó para propor a Verdun que se retirasse para um dos altos próximos e à sua retaguarda e se dispersassem que êle não os perseguiria. Verdun respondeu a Feijó: *Vou ouvir a opinião dos companheiros".* Passam-se alguns minutos e João Simplício traz a resposta: *"Devemos brigar, estamos tão perto que é pena, que é pena, perder a oportunidade".*

Indignado com a contestação, Silva Tavares não se conteve e em voz forte bradou: *"Diga a êsse castelhano salafrário que se prepare, que já lá vou".*

O castelhano, ao ouvir essas palavras, tratou imediatamente de tomar posição vantajosa em uma altura para que a carga que projetava fôsse o mais violenta possível.

O encontro foi medonho! Houve uma só descarga de armas de fogo e a seguir horrível entrevêro de lança e espada.

Depois de haver sido morto o Cel. Chiverte, o Maj. Rolim e mais treze homens e ferido o Cel. Verdun, foi que se pronunciou a vitória da fôrça legal de Silva Tavares, que teve a lamentar a morte do seu cunhado Jeronimo José Nunes e de uma praça e os ferimentos do Alf. Serafim Caetano Alves Vieira e mais três homens. Perseguidos os fugitivos reuniram-se no dia seguinte (23) no arroio do Bote, onde foram novamente derrotados, deixando cinco mortos, entre êles o Cel. Verdun.

A seguir, atendendo ao chamado de Silva Tavares, os diversos parentes e amigos começam a chegar para incorporar-se-lhe: o Maj. David Francisco Pereira e o Ten. Pedro José Nunes, acrescendo dia a dia sua fôrça, marchou a 27 para a vila de Jaguarão à frente de 180 homens para atacar ao Cap. Crescêncio, que comandava o 4.º regimento e o havia sublevado, entrincheirando-se no quartel e no teatro daquela vila.

Chegado de surprêsa, na madrugada de 28 de setembro, foi-lhe fácil dominar aos revoltosos, com a capitulação do Cap. Crescêncio, que originou a realização de um parlamento em que lhe foi permitido retirar-se para o Estado Oriental, com os oficiais que desejassem acompanhá-lo, mas, que se comprometessem a não pegar armas contra o govêrno legal.

No mesmo dia Crescêncio atravessou a fronteira e Silva Tavares, com seu contingente acrescido para mais de 300 homens, segue para o Herval, continuando a 3 de outubro para S. Lourenço — Pelotas —, onde se faziam grandes reuniões para os farroupilhas.

No trajeto, margeando a costa do Arroio Grande, ao atingir o Passo do Retiro, se encontra com o Maj. Manoel Marques de Souza (mais tarde, Conde de Pôrto Alegre), que andava com 42 homens.

Logo a seguir, com meio caminho de marcha, encontra uma coluna rebelde ao mando dos Coronéis Antonio Bento Gonçalves, Florentino Antunes da Porciuncula — conhecido por Florentino Manteiga, cunhado de Bento Gonçalves — e Manoel Antunes da Porciuncula, troca emissários e concorda em fazer uma trégua, armistício, durante cinco dias. Havia um desejo de ambas as fações: a dispersão das fôrças inimigas, o que não conseguiu a argumentação e entraram em luta.

Florentino comandava 600 homens sem disciplina e mal armados, e Silva Tavares 300 homens aguerridos com os quais obteve vitória, causando ao inimigo uma perda de 40 homens que ficaram mortos no campo de batalha.

Dêsse ponto, Silva Tavares, contramarchou porque foi avisado dos últimos acontecimentos desenrolados na província, tendo notícias de que Neto o procurava. Ao chegar de retôrno ao passo do Retiro, no dia 15 de outubro de 1835, depara com a vanguarda dêste que vinha de Bagé à frente de 800 homens, rompe forte tiro-

teio e, mesmo sendo desiguais as fôrças, nenhum consegue transpor o passo.

Ao anoitecer, Neto dividiu sua gente com ordem de atravessar um outro passo do Arroio Grande, existente pouco acima daquele local, com o que contava infligir séria derrota às fôrças legais.

Descoberto êsse movimento, Silva Tavares, dispersou à noite a sua gente com a indicação de irem ao encontro do Maj. David e do Ten. Serafim I. dos Anjos que estavam com novos elementos no município do Herval e em rápida marcha transpôs o arroio Pelotas, a barra do S. Gonçalo, indo repousar no dia seguinte em Canudos, ao par de que seus soldados não mais se incorporaram, porque os rebeldes já haviam feito emigrar o Gen. Barreto, e convergiram tôdas as suas fôrças para desbaratar a única que existia na província, até há bem pouco, e era a que estava sob seu comando.

Resolve com alguns amigos, atravessar a fronteira para o Estado Oriental, e se recolhe a sua estância de Taquari, esperando ocasião oportuna para retornar à pátria.

Passam-se seis meses de exílio, quando chega da côrte o Dr. José de Araujo Ribeiro, para presidir a província, e oficia imediatamente convidando-o para voltar e tomar parte na defesa do Império. De posse dêsse convite, em seguida, voltou com a gente que consigo conservava, sustentando-a à sua custa, e montada em cavalhada sua, — eram cento e muitos que com incorporações de gente vinda de Pelotas e de Piratini completaram 300 homens —, à frente dos quais marchou em demanda da barra do Jaguarão-Chico, onde fêz junção com o Cel. Medeiros.

Nesse ínterim parte de Pelotas um contingente de 1400 farroupilhas ao mando de Bento Gonçalves, para atacá-lo, porém as descobertas dos seus deram informações precisas, levando-o a deixar escurecer para ir emboscar-se nas pontas do Jaguarão.

À tarde viu a coluna de Bento Gonçalves, descendo para Candiota, e resolve tomar rumo de Bagé, mas mudando de rota, na mesma noite, varou o Camaquãzinho no Três Passos, ficando aí todo o dia seguinte, onde recebeu aviso de Bento Manoel Ribeiro, que se achava em D. Pedrito, chamando-o para que fôsse a êle se incorporar sem perda de tempo. Fazendo marchas forçadas, se encontrou com êsse general, nas pontas da serra do Caverá. Recebe o comando da vanguarda e no passo do Rosário — arroio Santa Maria —, no dia 17 de março de 1836, se encontra com a fôrça de Côrte Real, de mais de 600 homens, ataca-o, infligindo-lhe tremenda derrota, em que ficaram entre mortos e prisioneiros 180 pessoas.

Nesse combate muito se salientou o Cap. Mazarreto, com sua coragem, à frente de 50 destemidos lanceiros.

Depois dessa brilhante vitória, teve ordem de contramarchar e ir reunir as fôrças do Cel. Albano de Oliveira Bueno.

Notícias pouco animadoras, as teve, ao chegar no Herval, soube da derrota de Bueno, do aprisionamento de uma companhia de caçadores, e, também, da prisão do Maj. Marques de Souza, em Pelotas.

Continuando a campanha tratou de atravessar o S. Gonçalo, antes de encontrar o inimigo, e o fêz no passo de Canudos, com perto de 400 homens, acampando em Turutama, no Povo Novo, quando Neto e João Manoel de Lima e Silva, transpuseram também o mesmo rio, pelo passo dos Negros, com o fim de atacá-lo e também a cidade do Rio Grande que, ainda desprevenida de defesa, era a porta de entrada dos recursos vindos da côrte.

Silva Tavares, aproveitando êsse ensejo, convida ao Cel. Calderon que comandava uma brigada para acompanhá-lo e ao mesmo tempo manda um emissário a Rio Grande, pôr aquela gente ao par do que se passava. Estabelece contato com as tropas farroupilhas, mandando fazer fogo com o objetivo de distrair a atenção de seus chefes e dirige-se, em 13 de junho, para Caiubá, situada pouco além da capela do Taim, onde terminaram as escaramuças à noite, com a morte do Alf. Serafim Caetano Alves Vieira e mais três praças.

No dia seguinte, continuando a mesma tática, seguiu em direção à fronteira do Chuí, passando pelos fundos do Curral Alto, distraindo o inimigo, concretiza a sua finalidade em dar tempo à cidade de Rio Grande para construir trincheiras e organizar sua defesa.

Sem perder o contato com os adversários, consegue descansar três dias, os quais findos, ordena ao Cap. Pedro Nunes que com 50 praças tiroteasse-os; êsse o fêz, aprisionando uma cavalhada.

Silva Tavares retira-se para a fazenda de Antonio Corrêa — conhecido por Cabeça Quebrada — e pouco depois chega-lhe a notícia de que Neto se aproximava, e ao clarear do dia a vanguarda chegava ao acampamento que havia deixado à meia-noite, em hábil retirada.

Tenaz foi a perseguição que lhe fizeram, obrigando-o a atravessar a fronteira no Chuí e lá intimado a entregar as armas, opôs-se tendo por isso que fazer marcha precipitada para fugir ao contato com os perseguidores, com quem era conveniente evitar a luta.

Sem encontrar tempo para carnear, não podia comer nem descansar, arrostando uma série de dificuldades, atravessou o Olimar e o Sebalati, e no fim de cinco dias chega à sua estância em Taquari.

Seu capataz já avisado por um próprio que tinha vindo da estância do Ramirez, esperava-o com um grande churrasco em que havia trinta reses e também com a cavalhada reunida.

Chegando ali ao pôr do sol, com fartura correu o churrasco e descansaram até as três horas da madrugada, quando meteram as "garras" em nova cavalhada, em bom estado, para tocar em direção e atravessar o passo do Centurião e assim, entrar em seu país.

O inverno se mantinha frio e rigoroso, mas Silva Tavares, que havia incorporado, embora com dificuldade, uns 350 homens, e que

já havia entrado em contato com Bento Manoel Ribeiro, decide seguir a beira do rio Jaguarão, quando acelera as operações em direção do local Candiota, em busca de Antonio Neto, que se achava em preparativos no município de Bagé.

Informado, por um agente de confiança, ao chegar à barra do Seival, soube que no passo do Lajeado — rio Jaguarão —, estava acampada uma fôrça de 400 homens.

Neto, que também já o procurava, recebe na noite de 9 de setembro de 1836, o refôrço de mais 200 vaqueanos, bem montados, ao mando do coronel oriental, Calengo Sanes, que transpusera o arroio Jaguarão Grande, na altura do passo do Salso.

Silva Tavares, com 380 homens, de sua inteira confiança, em que a maioria da oficialidade era constituída de seus parentes, persuadido de que Neto, contava apenas com 400 gaúchos, resolveu ir a seu encontro e marchou para êsse fim no dia 10 de setembro, quando o divisou nas pontas do arroio Seival.

Fêz ligeira retirada a tomar posição: disposta a fôrça em linha de combate entregou a ala esquerda ao comando do Maj. David Francisco Pereira, e a ala direita ao Ten. Pedro Nunes, considerado a primeira "lança" daquela época e esperou o ataque que deu início ao grande combate.

Ferida a luta, a ala direita das fôrças legais conseguiu ligeiras vantagens, porém, a esquerda, em terreno de péssima topografia, apesar do valor de seu comandante, David, foi rechaçada; eis que, uma bala cortou a cabeçada do freio do corcel de Silva Tavares, que disparando vertiginosamente, estabelece a confusão à sua gente.

O Cap. Pedro Fagundes consegue laçar o animal, sem freio, que ameaçava perigosamente a vida de seu comandante.

Na mesma ocasião José Inácio de Medeiros, se aproxima, conseguindo "encostelar" sua montada à de Silva Tavares, se apossa do laço para cabrestear o animal até lhe colocar novo freio.

Esmagada a ala esquerda legal, Neto, tratou de contornar a ala direita pela retaguarda, ao mesmo tempo que a fôrça de proteção carregando de frente os entreverava, perdendo os legalistas os seus melhores cabos de guerra, sofrendo enorme e completa derrota.

Quando David Francisco Pereira, comandante da ala esquerda, transpôs a sanga que tinha pela frente, foi ferido numa perna, com fratura, mas, êsse fato precedeu a confusão reinante com o envolvimento da fôrça legal.

Caído em conseqüência do ferimento, David conseguiu ajoelhar-se, apoiando a mão esquerda numa saliência do terreno e empunhando com a direita a espada.

A carga em pleno auge, passa por êle, onde lançaram-lhe alguns golpes dos quais conseguiu se defender.

Quando Antonio de Souza Neto, soube que o comandante da ala esquerda legalista estava ferido e se recusava a entregar a espa-

da, deu de rédea ao "pingo" de sua montada, chegou ao local indicado em que se achava ferido, apeou-se e lhe pediu a espada. David, recusou entregá-la. Responde o general: *"Pois bem, coloque-a na bainha e dê-me o braço".*

"Minha dignidade não o permite", disse David.

O Vencedor, cavalheiresco, determinou que não o tocassem enquanto iria tomar providência para que um grupo de prisioneiros viesse em seu auxílio prestar-lhe a assistência necessária.

Ficando, desde o momento que Neto se retirou, entre alguns feridos e agonizantes, passa um sargento que ignorando a ordem do general, intima-o grosseiramente a se render e, como êle recusasse, deu-lhe certeiro tiro no peito que o prostrou sem vida.

Pedro Nunes à frente da ala direita muito lutou e trabalhou para reorganizar sua gente, mas, lhe foi impossível, os "farrapos" levaram a melhor.

No dizer de Alfredo Rodrigues, êsse herói — deixou um único filho que mais tarde, em 1870, serviu com Joca Tavares na guerra do Paraguai, portando-se com soberba valentia, sendo o primeiro a ferir o ditador Francisco Solano Lopez —, morreu da maneira seguinte: *Na fôrça rebelde achava-se Marcelino Nunes, parente e íntimo amigo de Pedro Nunes, inseparaveis companheiros nas pêlejas da guerra anterior de 1825. Pedro lastimava a falta de Marcelino que sempre lhe disputou o valor, e este desejava encontrar-se com Pedro para reconhecer qual o mais valente.*

Na derrota Pedro Nunes, blasfemando, se retirava ao trote do cavalo, cêrcado pelo inimigo, e só fustigava o animal quando alguem se aproximava, para lancear. Assim, dizem os inimigos, derrubou cinco.

Aos gritos de — Aqui vai Pedro Nunes — Marcelino Nunes, aproximou-se, mandou abrir o cêrco e carregou sôbre o antigo amigo, para ser vítima, caindo varado pela lança dêste. A lança de haste de ferro entortou perto da fôlha e vinha êle procurando endireitá-la sôbre a cabeça do lombilho, dominando com o olhar, quando é atravessado por uma bala. E assim acabaram em poucos segundos os dois leões dos combates.

Pedro José Nunes era o tipo do valor, da bondade e do cavalheirismo.

Dizem seus companheiros de armas que, quando vencedor, nunca o viram ferir um inimigo na perseguição, divertia-se fazendo-os com a haste da lança cair dos cavalos e ria às gargalhadas vendo-os correr espavoridos, pedindo misericórdia; então chamava-os e tornava-os prisioneiros.

Na refrega, não conseguindo escapar, ficou entre os prisioneiros, o jovem Joca, com apenas 18 anos, filho de Silva Tavares.

Conduzido, por Vasco Marques, à presença de Antonio de Souza Neto, ao entregá-lo disse: *"Este menino me fez engulir fumaça".*

A seguir instado por diversos chefes farroupilhas a lutar pela República, nobremente recusou e, quando lhe foi imposta a neutralidade, declarou que não se obrigava a mantê-la, porque seu grande amor filial o levava a combater ao lado de seu valoroso pai, não obstante, seus sentimentos serem francamente republicanos.

Calengo, quando soube, tratou de pedir a Neto que lhe entregasse aquêle prisioneiro porque dedicava-lhe muita amizade e gratidão, e, mais ainda a seus bondosos pais.

Fêz ver que anteriormente imigrado fôra hóspede, durante meses, de sua família, queria agora garantir-lhe a vida e mandar, acompanhado por dois "tauras" de sua inteira confiança, levá-lo até a presença de sua mãe, Dna. Umbelina, que se achava em sua estância do Taquari.

Apesar da derrota, Silva Tavares, que com sua gente, demonstrou nesse combate um denôdo acima de todo elogio, retirou-se conseguindo atravessar o rio Camaquã, no passo dos Enforcados, onde reuniu os remanescentes extraviados que podiam pegar em armas, perfazendo um total de 200 homens, e foi ao encontro de Bento Manoel que estava entre Lavras e Caçapava.

Dali contramarchou até o cêrro do Tabuleiro em companhia daquele chefe que procurava deparar com Neto e Canabarro.

Nessa altura é indicado a seguir para Jaguarão, com o fim de proceder novas reuniões.

Três dias depois recebe de Bento Manoel um ofício dizendo-lhe que dividisse sua fôrça em partidas que deveriam providenciar na reunião de gente nos municípios de Piratini e de Pelotas.

Executando essas diligências, ao passar pelo município de Herval, teve a agradável notícia de que sua filha chegara do Estado Oriental e estava hospedada na casa de seu sogro, Bonifácio José Nunes. No mesmo dia sua fôrça acampava próximo à residência, à margem esquerda de um galho do Arroio Grande e recebia também um outro ofício de Bento Manoel, entregue pelo Cap. Barreto, recomendando-lhe as reuniões e participando que além das fôrças rebeldes no Alegrete, havia aparecido em S. Gabiel, Canabarro, que imediatamente sairia em sua perseguição, pelo Inhatium, com direção a Pau Fincado.

Nem bem a gente acabava de churrasquear e Silva Tavares de ler o ofício, foram todos surpreendidos com um ataque simultâneo: os que estavam acampados correram para os cavalos que estavam à soga, outros para o mato e os que estavam em casa resistiram.

Canabarro, chefe da fôrça sitiante, verifica que o edifício estava bem guarnecido e defendido por um grupo bem armado que não se entregaria com facilidade.

Silva Tavares, com mais de cem pessoas, receando um demorado cêrco em que lhe fôssem faltar víveres, sem esperança de socorro, porque Bento Manoel naquele dia estava em Pau Fincado, a 60 lé-

guas de distância, resolve parlamentar e entrega essa tarefa a seu sogro, que, ao pêso de seus 90 anos, foi entender-se com Canabarro — depois de autorizado pelo conselho dos oficiais sitiados.

Canabarro, que a tudo previra, em vez de esperar, optou pelas condições que se lhe ofereciam: entrega de Silva Tavares, com a condição de poder escolher um oficial para sua guarda e de que ficasse garantindo a família, seu filho Joca. Uma vez acordes, Bonifácio convida a Canabarro para que entrasse em sua residência o que fêz procurando tranqüilizar a todos e especialmente a família.

Entregaram-se 25 oficiais e soldados com as armas que possuíam e Silva Tavares, já prêso, disse a Canabarro: *"Estou prêso e fui surpreendido porque estava lendo o 2.º ofício quando v. excia. avançou, e em que me dizia que v. excia., havia 3 dias, ia perseguido para o Pau Fincado".*

A resposta foi esta: *"Que quer amigo: ama-se a traição e aborrece-se o traidor".*

Após êsse fato do dia 17 de dezembro de 1836, regressa Canabarro ao exército farroupilha com os caramurus prisioneiros, onde houve grande agitação entre os oficiais e soldados que pediam a morte de Silva Tavares.

Opondo-se de forma categórica, com vigorante energia, para manter sua palavra de honra, Canabarro, confiou a guarda de seus prisioneiros a oficiais de sua inteira confiança.

Passam-se poucos dias e Canabarro, tendo que seguir para Alegrete, conferencia com Neto e resolve pôr em liberdade a maioria dos prisioneiros, ficando porém Silva Tavares, o Cap. Serafim Caetano Alves Vieira e o Ten. Genuino Dutra Fagundes, aos quais estava reservado um bem forte par de machos. Êstes grilhões pesavam *27 e 1/2* libras.

Tendo a gente de Neto de emigrar temporàriamente, ficou Silva Tavares sob a guarda do Cap. Menino Diabo — mais tarde fuzilado por seus próprios companheiros, devido a seu péssimo comportamento — que o conduziu para a barra do Chuí, porém, ao passar pelo passo do Salso — rio Jaguarão —, substituiu os grilhões por algemas.

Depois de nove tentativas de fuga, nos primeiros dias de março de 1837, o comandante da guarda, Sarg. Segismundo, avisou aos prisioneiros que dentro em breve findariam seus dias. Silva Tavares aproveitou a oportunidade para peitar o sargento que, depois de muita relutância, aceitou a proposta de Rs. *2.000$* e transporte para a Bahia. Resolvido a fugir com os prisioneiros, sabendo que a chave das algemas ficavam sempre com o Menino Diabo, hàbilmente faz uma chave de *coronilha,* com que abria as algemas quando bem entendia.

Como resultado de bem arquitetado plano, à tarde de 10 de março, foram os presos recolhidos ao xadrez (barraca) e à noite

quando todos dormiam e sòmente o sentinela estava em seu pôsto, Segismundo mandou-o buscar água, ao arroio que distava algumas braças da barraca, preparando dessa forma a escapula de Silva Tavares e demais companheiros que levaram os freios para os cavalos por êle arrumados. Ao retornar, a sentinela foi colocada no seu pôsto de honra, guardando a barraca e as algemas que ali ficaram e Segismundo foi reunir-se aos novos amigos.

Fácil lhes foi pegar os melhores cavalos, que adrede preparados, estavam à soga.

A todo galope se dirigiram à fronteira, onde às 3 horas da madrugada chegavam à serra do Rio, estância de Bonifácio Nunes, administrada por um filho dêsse ancião, que forneceu a todos, bons "pingos" encilhados e algumas armas que possuía.

Clareava o dia 11 de março de 1837, quando pelo passo do Centurião, o grupo fugitivo atravessou a fronteira, indo se ocultar num capão de mato, a três léguas de distância para descansar durante o dia.

Ao anoitecer seguiram rumo a Canudos, onde chegaram na manhã do dia seguinte, sendo recebidos por seus companheiros de armas com grande demonstração de alegria e aprêço.

Descansaram e dois dias depois era Silva Tavares recebido pelo povo rio-grandino, com festas e honras de salvador da cidade.

Seus habitantes foram esperá-lo fora das trincheiras, tributando-lhe as mais solenes provas de gratidão, manifestando com entusiasmo seu contentamento em vê-lo livre das garras do inimigo que poucos meses antes o havia ameaçado.

Superando ao prometido, o comércio da cidade resolveu cotizar-se e dar ao Sarg. Segismundo, além da passagem para sua terra natal, dez contos de réis.

Findas as manifestações de alegria, depois de breve repouso, Silva Tavares, se apresenta ao comandante das armas e presidente da província que o ordena a assumir o comando da tropa de cavalaria que se achava à margem direita do S. Gonçalo e nomeia-o comandante superior da Guarda Nacional da província.

Nesse comando faz uma expedição ao Capão do Leão, a fim de reconhecer uma fôrça que constava se aproximar daquele lugar, encontrando-se com a gente de Crescêncio com quem estabelece forte tiroteio, retirando-se a seguir para a cidade de Pelotas. Como as fôrças legais desapareceram da campanha, teve ordem de atravessar o S. Gonçalo e foi ocupar o acampamento do Rincão dos Touros, onde formou novo exército e fêz base de operações.

Marchou com a divisão do Gen. Calderon e ao chegar à vila do Herval, encontrando-se com as fôrças de Bento Gonçalves mantiveram fortes guerrilhas, indo ao escurecer dêsse dia acampar à margem do arroio das Pedras.

No dia seguinte Calderon teve parte da derrota do exército legalista no Rio Pardo; reunindo os oficiais superiores a conselho resolveram contramarchar, o que fizeram sob as ordens de Silva Tavares, considerado, como sendo, entre todos o mais prático e conhecedor do terreno.

A primeira ordem foi de que fizessem fogos em todo o acampamento, logo que fechasse a noite, e a fôrça estivesse preparada para marchar pois que o inimigo se achava a meia légua de distância. A noite levantaram o acampamento ficando todos os fogos bem acesos e depois de caminharem 14 léguas chegaram a S. Gonçalo a uma hora da tarde, às cinco horas chegava a vanguarda de Bento Gonçalves.

Silva Tavares, por ordem do comando, ocupa o Rincão dos Touros, passando mais tarde o S. Gonçalo em busca do Cel. Florentino Manteiga a quem derrota.

Seguindo em perseguição do Ten-Cel. Camilo Campelo, até Candiota, não conseguindo batê-lo, retorna ao S. Gonçalo, onde recebe ordem de ir ao cêrro do Baú incorporar-se às fôrças do Gen. João Paulo Barreto.

Nessa ocasião lhe foi dada uma brigada de infantaria que com o restante de sua fôrça completou uma divisão que acampou em São Vicente, onde passou o inverno.

Finda a estação invernosa, veio para o Vacacaí, aí adoeceu e quando se achou melhor pediu licença para ir ao Rio Grande, onde estava sua família.

Restabelecido, voltou ao exército, ocupou a margem esquerda do S. Gonçalo onde esperou a chegada de Caxias com quem marchou até a margem direita do rio Jacuí, junto a Cachoeira, onde os esperava o exército que iria iniciar forte campanha contra os farroupilhas.

Ao chegar ao Rincão do Barreto, à costa do arroio Santa Maria, o Gen. Caxias, comunicou-lhe que devido à má estação, pretendia demorar-se ali alguns meses, o que fêz com que Silva Tavares pedisse licença para ir ao Rio Grande resolver assuntos de família.

Quando voltou ao exército, tratava-se da paz.

Volveu ao lar em precária situação econômica, paupérrimo, pelo que lhe foi dada pelo govêrno uma pensão de um conto e duzentos mil réis por ano.

Por decreto imperial, de 6 de setembro de 1859, foi agraciado com o título de Barão de Cêrro Alegre e nomeado comandante da fronteira de Bagé, sendo elevado a barão — com grandeza do mesmo título —, por imperial decreto de 29 de agôsto de 1866.

Por ocasião da guerra da tríplice-aliança, contando mais de setenta anos de idade, serviu no pôsto de coronel honorário do imperial exército brasileiro e organizou alguns corpos da Guarda Nacional, que contavam o elevado efetivo de mais de dois mil homens.

Sua Majestade Imperial, querendo demonstrar o aprêço que lhe votava, em 22 de abril de 1871, em reconhecimento aos serviços prestados à pátria, eleva-o a visconde — com grandeza — de Cêrro Alegre.

Era duas vêzes, grande do Império: Comendador da Imperial Ordem de Cristo; Cavaleiro da Imperial Ordem de São Bento de Aviz, e tinha as medalhas das campanhas do sul.

Era, João da Silva Tavares, casado com Dna. Umbelina Nunes, baronesa e viscondesa — com grandeza — de Cêrro Alegre, filha de Bonifácio Nunes e de Dna. Gertrudes Bernarda de Assunção.

Conseguindo acumular bens de fortuna, o casal, Visconde de Cêrro Alegre, muito fêz para o desenvolvimento e progresso de Bagé, contribuindo règiamente para a fundação da Santa Casa de Misericórdia, desta cidade. Ambos faleceram em Bagé: ela em 27 de julho de 1886, e êle no dia 28 de março de 1872.

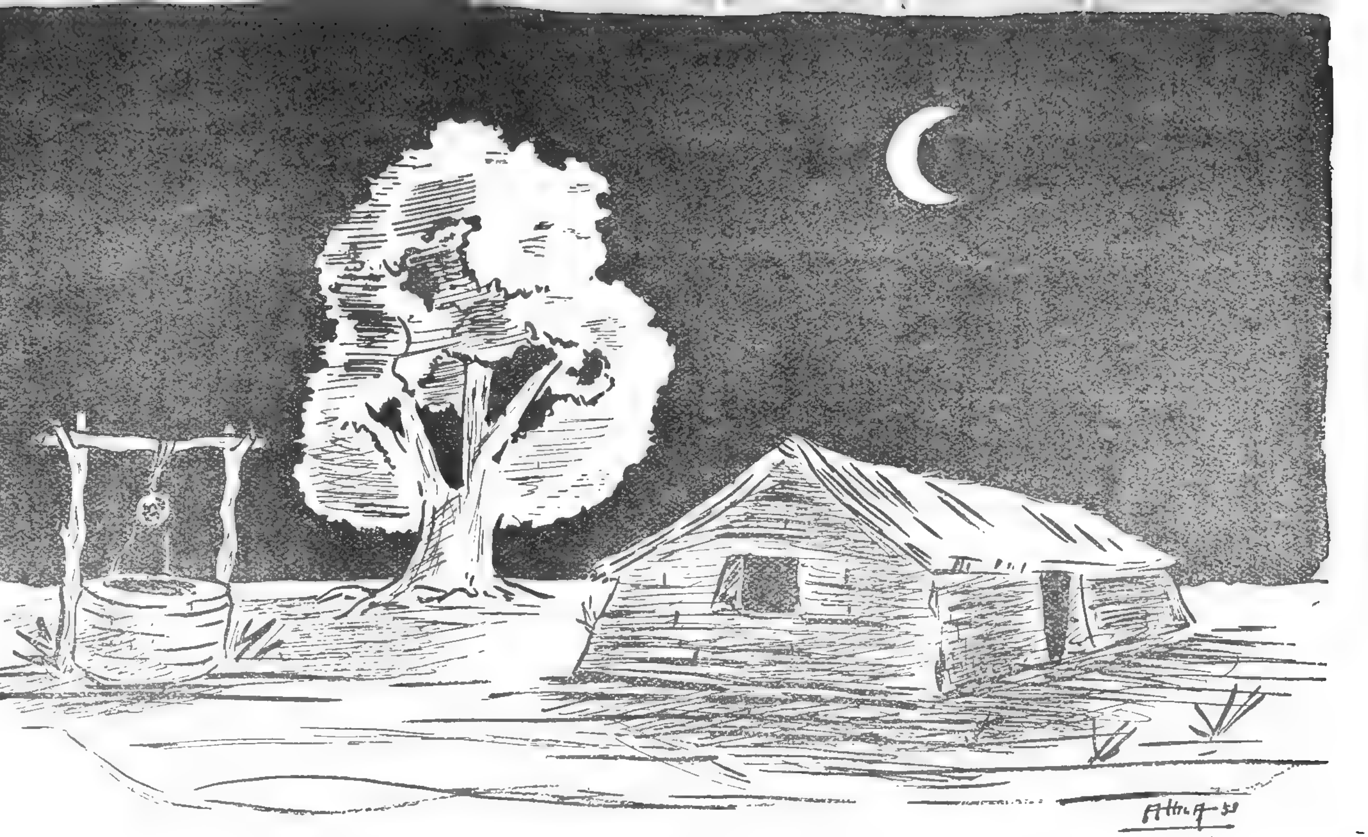
O ilustre casal teve 19 filhos; entre êles, destacaram-se por relevantes serviços prestados à pátria: José Facundo da Silva Tavares, avô da exma. espôsa do capitalista Sr. João Candido Ximenes —; Joaquim da Silva Tavares, Barão de Sta. Tecla, avô do fazendeiro e historiógrafo Sr. José Tavares —; João Nunes da Silva Tavares (Joca), Barão de Itaqui, fundador do Partido Federalista e chefe militar da revolução de 93 —; José Bonifácio da Silva Tavares, forte fazendeiro, elemento de real destaque em nosso meio social, detentor de precioso arquivo da família Tavares, gentilmente nos forneceu os dados — documentos — que julgamos necessários ao nosso trabalho; — Dr. Francisco da Silva Tavares, nasceu em Bagé, em 5 de agôsto de 1844, bacharel em direito, formado em São Paulo onde casou com a distinta dama bandeirante, Dna. Maria Amor dos Prazeres.

Foi prestigioso chefe político, ocupando a cadeira de deputado provincial em diversas legislaturas e chegou a presidir o Estado do Rio Grande do Sul.

Era avô do destacado fazendeiro e vereador Sr. Sílvio da Silva Tavares e bisavô do Dr. Nicanor Peña Médici, a quem nos une fraternal amizade e muito devemos pelo auxílio que nos vem prestando com seu talento e cultura: ora nos dando um esclarecimento, ora nos encorajando a que prossigamos em nossa tarefa.

Na história de Bagé, *Neto* e *Tavares,* duas grandes vidas que esposaram ideais opostos, mas, com um só nobre objetivo: *a grandeza da Pátria.*

Rendemos nosso preito de admiração e respeito ao distinto casal amigo Dna. Ernestina Tavares Costa — Boaventura Neto Costa, padrão da célula social bagèense, descendentes dos bravos centauros farroupilhas por nós biografados, e, que mantendo a mesma fibra



Casa típica desta zona, "sombra e água fresca": o rancho, o umbu e o poço.

de seus antepassados, muito tem contribuido para o engrandecimento de nossa terra natal.

O destino é algo de notável na vida dos povos!

O decênio farroupilha, para esta linda cidade de Bagé, foi pródigo, pois que, lhe deu a glória de haver sido o palco dos seus dois principais episódios: *A proclamação da República Rio-Grandense e a assinatura da Paz de Ponche Verde.*

Mas, no andar do tempo, assistiu a terra de Ypagê, seu município amiudadamente ocupado por farroupilhas e caramurus, que motivaram o êxodo dos habitantes do novel povoado; constando que nêle permaneceu, apenas reduzido número de homens e duas senhoras.

Diz José Hemetério Veloso da Silveira, referindo-se a Bagé, em seu livro *"Missões Orientais"*, edição de 1909, o seguinte:

Nesse periodo o govêrno da Republica aí teve, por vezes o seu assento; aí foi celebrada uma sessão legislativa da respectiva assembléia.

Em 1843 ficou a guarnição da povoação confiada ao coronel Antonio Manoel do Amaral, comandando ao mesmo tempo o 2.º corpo de cavalária do exercito republicano.

Por seu espirito de tolerancia fez renascer a confiança da população civil e a povoação continuou a progredir".

Na madrugada de 13 de março de 1844 daqui partiu o Cel. Antonio Manoel do Amaral Sarmento Menna, com o objetivo de pôr em prática o plano que de há muito acalentava de se bater com as fôrças imperiais ao mando do Ten-Cel. Francisco Pedro de Abreu, o célebre "Moringue", com quem nunca tivera ocasião de se encontrar.

Conhecendo de sobejo o valor de seu adversário, tomou uma série de providências, expediu diversas ordens, no dia 12, antes de iniciar a marcha para o que seria o renhido *Combate do Cêrro da Palma.*

Determinou ao valente Cel. Camilo Campelo que marchasse para a vila de Piratini, devendo acampar no Passo das Mortes, o que com efeito fêz, e, ao Maj. Mariano Glória que se achava no Rodeio Colorado — em campos hoje pertencentes à estancieira Dna. Mercedes Lucas Gaffrée —, que se dirigisse às pontas do mesmo arroio.

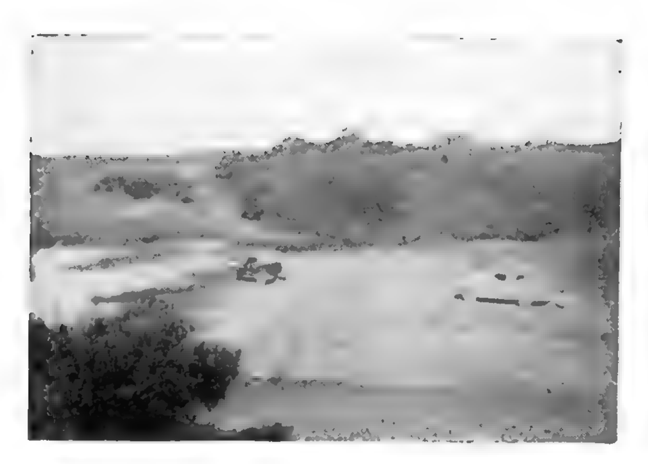
Ao meio-dia, do dia 13, o Cel. Amaral, chegava a êsse local do arroio Quebracho, fazendo junção com as referidas fôrças e mais as do Maj. José Marques, perfazendo um total de 210 praças — de



Cêrro da Palma.



Escarpa do Cêrro da Palma.



Passo Real do Candiota.



Campos do Ponche Verde — Pleno Pampa Gaúcho.

acôrdo com apontamentos de Domingos José de Almeida —, onde acampou.

Saboreando um bom chimarrão, como complemento de suculento churrasco, por volta das duas horas da tarde, soube por alguns oficiais e praças escapadas de Bagé que o "Moringue" atacara a vila, ao meio-dia.

Surgindo pelas encostas dos cerros de Bagé, tomou a povoação de surprêsa, tendo aprisionado, além de vários guardas, o ilustre ex-ministro da Fazenda, Domingos José de Almeida, os Caps. Joaquim Pereira Fagundes e João Pereira da Silva e os Tents. Manoel Franco e Laurentino Menezes.

Ao par do acontecimento, o Cel. Amaral destaca vários "bombeiros" (*espias, guardas avançadas*) para que de imediato o avisassem do dia em que o inimigo se pusesse em marcha. Êsse serviço foi realizado com perícia, pois constantemente recebia notícias dos movimentos operados pelos adversários, desde que se puseram em marcha, no dia 14 de março de 1844.

Soube que Chico Pedro pernoitara na noite de 14, além do Rio Negro, na costa oriental, e à noite de 15 pousara junto ao passo do Candiota, vindo ao que se pressupunha desprevenido de notícias da localização de sua fôrça.

Tomou a resolução de em rápido movimento, quase que voando, pelo flanco esquerdo dos comandados de Moringue, amanhecer em sua frente, junto à fazenda de José Antonio Martins, de onde tomou a estrada geral, no momento em que os imperiais levantavam acampamento e se punham em marcha despreocupadamente, quando Chico Pedro o avistou, causando-lhe êsse fato grande surprêsa.

Num relance, Moringue escolheu uma forte posição que lhe ficava à direita, numa encosta do *Cêrro da Palma,* entre o Candiota e o Candiotinha, a qual, tendo a configuração de uma ilhota, circundada de banhados, cobertos de espessos gravatás e só vadeável em poucas partes parecia inexpugnável. Julgando-se em boa situação para o combate, que se deparava próximo, calmamente esperou.

O Cel. Amaral percebeu a excelente posição que o inimigo ocupou e que por êsse motivo dali não sairia, mas, sem perder a esperança, numa ação provocadora, destaca uma guerrilha a ver se ao menos conseguia engajar fogo, o que não se deu.

Então o denodado farroupilha mandou avançar os seus destemidos camaradas ao toque de clarim e a galope, não servindo de estôrvo o banhado a transpor e nem a declividade do terreno a subir. Carregaram na melhor ordem possível, recebendo o inimigo a pé firme, essa carga, e dando uma descarga à queima roupa. Tremendo choque travaram as fôrças em luta, durante duas horas, onde o valente Cel. Camilo Campelo consegue ferir por duas vêzes — um fe-

rimento nas costas e outro na cabeça — e gravemente ao destemido Chico Pedro que conseguiu se escapar com um grupo de 12 homens, os únicos que puderam se retirar do combate. Fazendo forte e tenaz resistência ficara no campo da luta o Maj. Israel, o que fêz com que os elementos que saíram em perseguição de Moringue retrocedessem porque a luta foi porfiada até o final em que vitoriosos ficaram os farroupilhas, senhores do campo da batalha.

Deixaram as fôrças imperiais, 23 cadáveres estendidos no campo da luta, sendo 4 oficiais; 40 mortos foram feitos durante a fase final de perseguição; 93 prisioneiros, tôda a cavalhada, muito armamento, munições e correame.

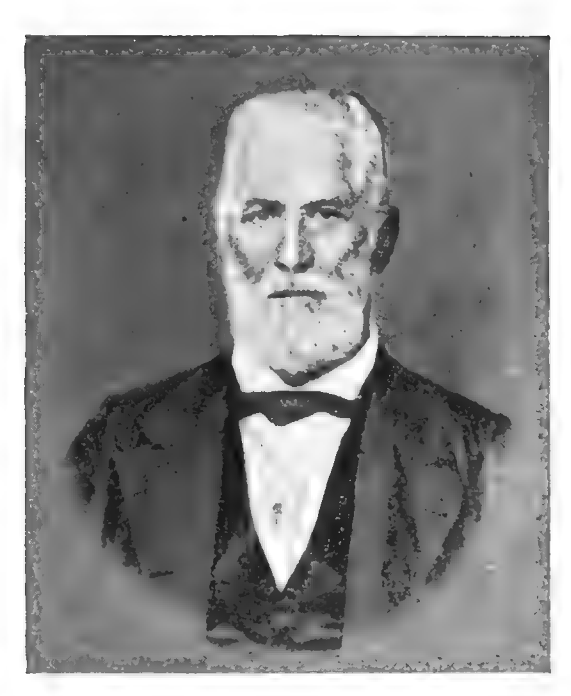
Diz o historiador José Zeferino da Cunha: "O destemido e audaz Chico Pedro empenhou-se na ação com 260 homens e se retirou no comêço da ação, não devemos atribuir isso a covardia, porque por inumeras vêzes deu sobejas provas de muita valentia, mas o fêz devido aos ferimentos recebidos e qualificados graves pelo próprio Cel. Amaral .

Dos republicanos ficaram fora de combate 4 mortos, sendo um soldado de linha e 3 guardas nacionais, além de 4 oficiais feridos, que foram o Cap. Bento Gonçalves da Silva Junior e os Tens. Duarte Silveira Gomes, Antonio Coelho Borges e Germano Monteiro, e mais 17 soldados de linha e guardas-nacionais." Diz Germano Monteiro, em artigo publicado no Anuário do Dr. Graciano, que Chico Pedro teria sido prêso se continuasse a sua perseguição, por isso, que, sendo muito conhecido e a fôrça que o perseguia muito bem montada, e, por uma estrada como essa que vai ao Baú, sem o mepor abrigo, tê-lo-iam agarrado.

A prisão de Chico Pedro talvez mudasse a face das operações da guerra e a surprêsa de *Porongos,* em que o exército republicano foi completamente destroçado, quem sabe se se verificaria?

Pouco tempo teve o bravo Cel. Amaral de se vangloriar dessa vitória, pois que, foi morto traiçoeiramente quando se retirava de Jaguarão, onde fôra impor contribuição de guerra, o que conseguiu efetuar".

O comandante-em-chefe do exército imperial, Duque de Caxias, do acampamento do Rincão do Barreto, em 1844, determinou que viesse estacionar em Bagé, o 8.º batalhão de fuzileiros comandado pelo Cel. Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, que se caracterizou não só por ser um militar brioso, como por haver se revelado um administrador esclarecido, dando ao meio em que veio atuar um grande desenvolvimento, a todos surpreendendo com sua ação dinâmica e construtora.



Tte. Antônio Jacinto Pereira, pai do Cel. Antônio Jacinto Pereira Júnior.



Conselheiro Gaspar Silveira Martins
1835 a 1901.

De nosso arquivo particular extraímos o documento, do próprio punho, abaixo dirigido *ao então delegado de policia e primeira autoridade civil desta vila,* em 31 de agôsto de 1848, Ten. Antonio Jacinto Pereira, trisavô do autor dêste trabalho.

Sendo-me necessario remover para a Guarnição de Caçapava o Depozito de guerra que existe nesta, assim como as bagagens inuteis dos Corpos desta Brigada depreco a VMce. quinze carretas para levantar esses objetos que pretendo fazer seguir no dia 11 ou 12 do mez de 7br.º, entrante.

Pode Vmce. mandar afiançar aos donos das carretas que se empregarem neste serviço, que o frete dellas será pago aqui, pois que para isso já oficiei ao Exmo.º sr. General Prezidente e Comandante do Exercito pedindo disposições a esse respeito.

Deus Guarde a Vmce.

Quartel do Comando da 3.ª Brigada e Fronteira de Bagé.

Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto.
Cel. Com. da Guarnição.

Na mesma ocasião que determina a vinda do 8.º batalhão de fuzileiros para Bagé, o pacificador levanta acampamento, rumando para os campos de *Ponche Verde,* passando por terras, entre outras, hoje, adquiridas pelo culto advogado, Dr. Naziazeno d'Almeida, até atingir o local que escolheu para novo estacionamento: os campos e fazenda de Alexandre Simões, onde referendou e assinou, a mais bela paz realizada no *MUNDO,* até nossos dias, em 1.º de março de 1845, a *PAZ DE PONCHE VERDE.*

O nosso homem evidenciou que já estava sòlidamente cimentado entre os nacionais, o sentimento de brasilidade.

Deixando a campanha, Caxias se dirigiu para o então povoado de Bagé, onde se alojou em antiga casa situada na hoje rua Sete de Setembro, esquina Ismael Soares, residência do ilustre médico Dr. Antonio Simões Cantera.

Hoje, Ponche Verde, é símbolo de boa vontade, amizade e fraternidade humana.

É o farol da *TOLERÂNCIA* a indicar aos povos que no Novo Mundo, o Brasil, desde sua juventude, é pátria de um povo altivo e nobre que encarna a apreciável virtude, hoje, tão almejada e preconizada em todo o universo, a única que traz tranqüilidade coletiva.

———o———

LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA
Duque de Caxias

O nosso herói epônimo foi o maior astro da constelação americana.

O imortal Caxias atingiu o Himalaia de sua vida aquecido no fogão gaúcho, na "Rainha da Fronteira", a linda terra de Ypagê, onde ecoa em cada canto o verbo eloqüente de Gaspar Silveira Martins.

Comemora-se festivamente de norte a sul, do Amazonas ao Chuí, em todos os quadrantes do território brasileiro, o nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva, o grande Duque de Caxias. Nasceu o valoroso militar, a 25 de agôsto de 1803, na pequena vila de Estrêla, na capitania do Rio de Janeiro.

Descendente de mui nobre família que ao Brasil forneceu quatro ilustres titulares — Caxias, Tocantins, Magé e Suruí — com diversos antepassados na carreira das armas, foi fácil obter por graça especial de D. João VI, aos 5 anos de idade, em novembro de 1808, concessão de assentar praça no exército, como cadete. Mas data de 1818, aos quinze anos, sua inclusão no oficialato, após brilhante curso na Real Academia Militar.

A 2 de janeiro de 1821, é promovido a tenente e classificado como ajudante do Batalhão do Imperador, destacada unidade da época, marchando daí para seu batismo de fogo na campanha da Independência da Bahia, contra as tropas do Gen. Madeira. Demonstrando na ocasião excecional bravura, é promovido a capitão.

Distinguiu-se nas lutas contra Oribe e Rosas, sendo elevado ao pôsto de major; a seguir vem a revolta de que resultou a abdicação.

Seu pai era o chefe do movimento contra o monarca, o que lhe criou uma situação delicadíssima; porém, sua lealdade, seu espírito militar, mantiveram-se acima das paixões e durante a agitada fase da Regência, seu caráter conservador foi uma das garantias da ordem e da unidade pátria.

Nessa ocasião criou o batalhão de municipais-permanentes, origem das Polícias Militares, que tanto serviço, desde então, vêm prestando à Nação.

Após a derrota infligida ao Maj. Frias e Vasconcelos, seguiu Caxias, em 1838, para o Maranhão, a fim de debelar o movimento denominado *Balaiada;* em 1842, atendeu os movimentos de São Paulo e Minas e em Venda Grande e Sta. Luzia põe têrmo à insurreição; a seguir, marcha para o Rio Grande do Sul com o firme propósito de solucionar a situação desencadeada pela infindável luta farroupilha.

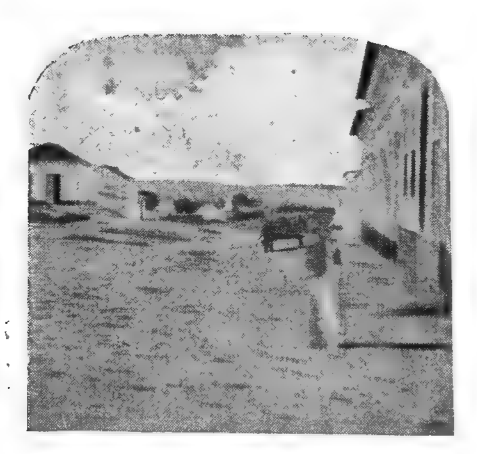
Nessa grande fase de sua vida galgou, em cinco anos, os demais postos do Exército, atingindo ao generalato aos 38 anos de idade e



Escrínio com a faixa de Marechal de Campo, do Duque de Caxias, no altar da Igreja São Sebastião de Bagé.



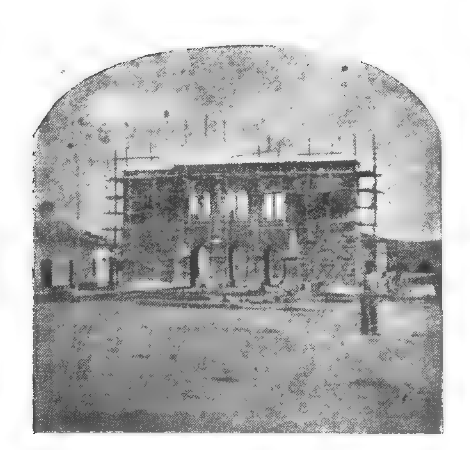
Faixa do Duque de Caxias.



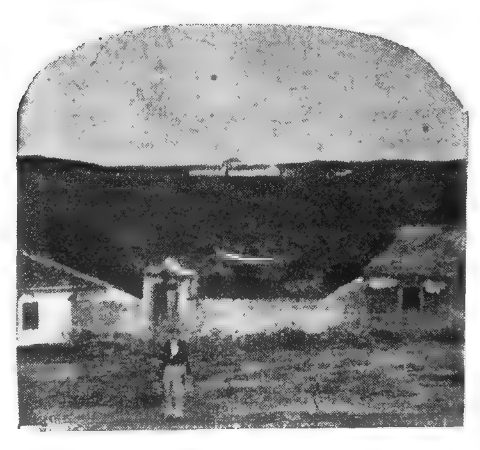
Rua Sete de Setembro, então
Rua do Portão.



Edifício da primeira Câmara
de Vereadores de Bagé.



Igreja de São Sebastião quando
em construção. 1862.



Quartel do 5.º Regimento, hoje local
do Hospital Militar.

aos diversos títulos nobiliárquicos na ordem seguinte: barão, em 1841; visconde, em 1843; conde, em 1845; marquês, em 1852; e, por fim duque em 1869 — caso único na nobreza brasileira.

Tomou parte na guerra do Paraguai, confirmando plenamente sua capacidade de organização e, em *LOMAS VALENTINAS* e *ANGOSTURA,* destacou-se como magnífico estrategista.

Antes de iniciar a luta, demonstrou seus nobres sentimentos, proporcionando ao inimigo a oportunidade de evitar o combate, quando convidou a que depusessem as armas, visto a inutilidade de oporem resistência; ao que, o tirano Lopez contesta opinando pela realização da mesma, o que lhe custou estrondosa derrota.

Figura exponencial, sumamente vasta, estudada em tôdas as facêtas, Caxias, positivamente, foi um dos gigantes do segundo Império: militar, político, senador, ministro, três vêzes chefe do Conselho, presidente de Província, chefe de família exemplar, *O Duque de Ferro,* foi, sem dúvida, a poderosa coluna vertebral da nossa nacionalidade.

Empenhou-se em 15 combates e 2 batalhas e em tôdas saiu airosamente com o galardão da vitória, fazendo jus ao título de dileto filho dêste Brasil, jamais vencido.

Mas o que mais empolga, nessa vida retilínea, nessa majestosa figura de patriota, nesse exemplo ao futuro é a nação exata que possuía de *TOLERÂNCIA* e de *FRATERNIDADE,* concretizando-as ao findar a Epopéia Farroupilha.

Caxias legou, nessa época, não a nós brasileiros, nem mesmo aos americanos, e, sim ao Mundo, o mais belo exemplo de civismo, quando, ao assinar o tratado de paz, estendeu a mão amiga ao bravo Gen. Canabarro, reconhecendo o valor de seus irmãos ao declarar que aos denodados centauros de 35, não se devia combater; pois que eram invencíveis, feitos, argamassados de uma têmpera jamais igualada, mesmo, inegàvelmente, ultrapassando a dos célebres Espartanos.

Quando, cá, na "Rainha da Fronteira", o Padre Gervásio Antonio Pereira Carneiro oficiou ao digno patrício que iria rezar um Te-Deum em regozijo pela vitória, Caxias contestou que rezasse uma missa de Réquiem, como homenagem aos que tombaram defendendo seus ideais, por alma dos mortos, que viria assisti-la, acompanhado de seu Estado-Maior, não olvidando, fazendo timbrar, que essa luta épica havia finalizado sem vencidos nem vencedores.

Realizada a solenidade religiosa, o inesquecível pacificador, quis testemunhar seu afeto, sua admiração, ao povo do Rio Grande, que êle muito amou e legou-nos algo que lhe era de inestimável valor: sua *Faixa de Marechal de Exército.*

Possuímo-la, hoje, como um grande, belo e significativo patrimônio em nossa histórica e majestosa Matriz de São Sebastião. Bagé, sede de inúmeros e sublimes episódios, jamais esquecerá a honrosa deferência que lhe fêz o *"guia espiritual de nosso Exército",*

escolhendo a nossa Casa de Deus e os cuidados de São Sebastião — o santo mártir, capitão honorário do nosso Exército, padroeiro da maravilhosa Capital Federal e de nossa linda comuna —, para que através do tempo conserve algo que lhe tocou bem perto ao coração.

Exalta, confirma, com êsse gesto, seus profundos sentimentos religiosos. Sabido é que um dos mais belos e nobilitantes atos de sua vida foi quando na *Questão Religiosa,* anistiou os bispos do Pará e de Pernambuco, respectivamente D. Antonio Macedo Costa e D. Vital Oliveira, injustamente condenados.

Por ocasião da célebre *Questão Christie,* ante a iminência de sofrermos humilhação, o famoso DUQUE, aflito, exclamava: *"Tenho vontade de quebrar a minha espada, quando vejo que ela não me serve para desafrontar o meu país".*

Felizmente o incidente foi encerrado com absoluta honra, o que evitou a execução de tal desejo do brioso soldado.

Ao finalizar a trajetória de tão brilhante e resplandecente vida, no apagar das luzes, o seu pensamento foi dirigido para o povo, para o Exército, a quem sempre dedicou sua amizade e que bem sabia que, na sua missão de garantir a ordem, é o soldado, a fonte, a origem de todo progresso.

Manifestou o seu último desejo: o de ser seu esquife conduzido por seis soldados rasos de ótimo comportamento. Produto de seus acumulados atos, por seu mérito, por ser uma personalidade singular, de escol, impôs-se à veneração pública, granjeando a insigne honra de ser apontado e aclamado como a "Alma do Exército Brasileiro", o que equivale ao *Espírito da própria Nacionalidade.* Eis o motivo por que o DIA DO SOLDADO é identificado com o DIA DE CAXIAS.

Síntese de equilíbrio, Luiz Alves de Lima e Silva foi um cidadão perfeito: Inteligente, culto, justo, caráter sem jaça, encarnou tôdas as virtudes que fazem do homem um Semi-Deus; do cidadão, um diplomata; do soldado, conforme as acatadas opiniões de Hilder Hart e de Napoleão, um magnífico "Capitão"; e, do chefe de família, um exemplo.

Sua vida foi um poema, uma balada de amor, em que a razão orientando os sentimentos forjou, fê-lo o maior conquistador da PAZ para glória do pavilhão auriverde, dêste Brasil cheio de fé, tolerante e bom, onde em seu firmamento resplandece a imagem sacrossanta do Cruzeiro do Sul.

Se o aferidor do valor humano se consubstancia na prole, ações e feitos, o nosso herói examinado em tôdas as facêtas foi um gigante que suplantou os nomes mais ilustres do Continente.

Afirma-nos a História que guiados pelo dever e a honra, sem teatralidade, sem ambições de glórias, Washington e San Martin foram heróis isentos de belicosidade; Bolivar, gênio militar, com o germe da conquista, plasmado nos moldes de um César, de um

Alexandre, muito construíram, sendo fartamente apontados como paradigmas de seus povos; porém, nenhum se igualou a Caxias como artífice que com a espada e a cruz erigiu, ora lutando, ora persuadindo, do Amazonas ao Chuí e do Atlântico ao Acre, êste maravilhoso Brasil que é a maior nação da raça latina e que num futuro mui próximo será destacada potência universal.

Cidadão símbolo, figura sumamente vasta que ao ser evocada lembra a própria pátria que, no dizer do genial Rui Barbosa: *"Não é um são todos"*, traz-nos à retina a dadivosa terra de Sta. Cruz coberta por um céu bordado das mais variegadas constelações de feitos e de heróis:

Monte Pascoal, com sua primeira missa; Guararapes, Inconfidência Mineira, Independência, às margens do Ipiranga; Epopéia Farroupilha, Monte Caceros, Paraguai, Abolição da escravatura, Proclamação da República, são etapas maravilhosas na construção do país. Gurjão, Sampaio, Tibúrcio, Argolo, Gomes Carneiro, Vilagran Cabrita, Mallet, Marques de Souza, Câmara, Menna Barreto, Azambuja, Andrade Neves, Teles, Bitencourt, Tamandaré, Barroso, Saldanha e finalmente o bravo Osório, constituem orgulho de uma classe.

Os feitos de Vidal Negreiros, Henrique Dias, Camarão, Tiradentes, Rafael Pinto Bandeira, Maria Quitéria e José Bonifácio; o gênio de Rui Barbosa, a ciência de Oswaldo Cruz, a jurisprudência de Lessa — de Bevilacqua, a diplomacia de Rio Branco, a eloqüência de Gaspar Silveira Martins, a economia de Mauá, a imprensa de Guanabara, a cultura de Joaquim Nabuco, a página de Alencar, a música de Carlos Gomes, a pintura de Pedro Américo, o estro de Castro Alves — de Bilac; o que amanha a terra, o obreiro anônimo, a fumaça da chaminé, a eletricidade que movimenta, a quilha que corta a água, a asa que rasga o espaço, enfim tudo isso é que valoriza e forma a gleba em que nascemos, *tudo isso é que é CAXIAS,* tudo isso é que inflamou nosso coração e nos levou a despertar a consciência da nossa geração afirmando que: *Ama sua terra quem bem a conhece,* porque é a única maneira do HOMEM valorizar a si, a pátria e a humanidade.



CAPÍTULO V

BAGÉ, VILA

Em Bagé, o imortal Caxias, com a concretização da PAZ, em 1845, dava ao Brasil êste magnífico pedaço do Brasil — o Rio Grande do Sul —, e seus filhos, valorosos e altivos gaúchos, o indicaram, num sinal de gratidão e confiança, para presidir a Província.

Bagé exultou após as comemorações cívicas, entrou em nova fase de trabalho e progresso, sendo elevada à categoria de *vila, em 5 de junho de 1846,* quando na presidência da Província o Comendador Patrício Corrêa da Câmara, e, a 17 de novembro de 1846, elevada à categoria de paróquia.

Dada a importância da nova vila, em 20 de dezembro de 1846, o govêrno resolve desligá-la da de Piratini, vindo para orientar a instalação de sua primeira Câmara Municipal, a esta localidade, o presidente da Câmara de Piratini, Cap. Feliciano Antonio de Morais acompanhado de seu secretário, Luiz Joaquim da Luz, de quem possuímos com assinatura do próprio punho, em nosso arquivo particular, cópia da ata original da instalação do poder legislativo, em nossa Bagé.

Acta da Eleição dos Vereadores para a Camara Municipal da Villa de S. Sebastião de Bagé.

Aos vinte dias do mez de Dezembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos quarenta e seis Vigesimo quinto da Independencia e do Imperio, nesta Igreja Matriz da sobre dita Villa, e Comarca da de Piratiny em virtude do Aviso do Excellentissimo Vice-Presidente desta Provincia datado de sette de Julho do corrente anno, communicado em officio ao Presidente da Camara Municipal da referida Villa de Piratiny datado de vinte e tres Novembro proximo passado, se reunio a Assembléa Parochial deste Destricto a fim de proceder-se á Eleição de sette Vereadores, que hão de formar a Camara Municipal desta supracitada Villa de Bagé, sendo Presidente da Meza o Juiz de Paz em exercicio o Cidadão Manoel Corrêa de Borba, sahindo nomeados por aclamação João Antonio Rozado, e João Antonio Cirne para Secretarios, José de Assis Candal, e Eleuterio José Pereira para Escrutadores, e Antonio Jacintho Pereira para substituir o lugar do Parocho por este ser Estrangeiro, se procedeu ao recebimento das cedulas as quaes depois de entregues todas, se contarão, e achou-se ser o numero dellas, du-

sentas quarenta e duas, passando-se depois ao exame e apuração dos votos para Vereadores, e seus Suplentes obteve Eleuterio José Pereira dusentos e vinte e seis, Antonio Jacintho Pereira cento secenta e oito, Pedro Rodrigues de Borba cento secenta e oito, Manoel Vieira da Cunha cento secenta e cinco, Ismael Soares da Silva cento cincoenta e dois, João Thomaz Farinha cento vinte e cinco, Antonio Joaquim da Silva noventa e dois.

Do que para constar se lavrou a presente Acta que assignou a Meza comigo João Antonio Cirne Secretario da Meza, que a escrevy e assiney Manoel Corrêa de Borba, Antonio Jacintho Pereira, João Antonio Cirne, João Antonio Rozado, Eleutherio José Pereira, José de Assis Candal.

Está conforme

Secretario da Camara Municipal de Piratiny

Luis Joaquim da Luz

Instalada a Câmara, interinamente, veio servir como juiz de direito, desta comarca, o primeiro suplente de juiz municipal e órfãos de Piratini, Comendador Manoel Gomes de Freitas.

Com o apaziguamento do povo rio-grandense, dadas as condições de salubridade e situação geográfica da então vila de Bagé, grande foi a afluência de gente que veio para cá residir, o que levou ao Conselheiro Manoel Antonio Galvão, novo administrador da província, em ofício de 12 de janeiro de 1847, dirigido ao Cel. Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, sustar a autorização de concessão de terrenos devolutos a quem desejasse edificar.

Verificou-se, também, que a própria municipalidade teve que alugar, pela quantia de Rs. 20$, uma casa de propriedade de Antonio José da Silva Maia para se instalar com as diversas seções que integravam a entidade governamental, em 2 de fevereiro de 1847.

Surgiram as primeiras medidas administrativas, em março de 1847, a Câmara determina que o primeiro cemitério, criado no decênio farroupilha, à rua Santa Bárbara (Gen. Osório), esquina da rua do Pinheiro (3 de Fevereiro), fôsse transferido para local mais distante e apropriado, sito no Largo do Conde (Praça Rio Branco) e rua do Portão (Sete de Setembro), fundo rua Santa Bárbara, indicando para que fizesse a bênção do terreno, o Padre Lourenço Casanova.

Deveras notável era o movimento que impulsionava a todos os habitantes do município, no afã de dotá-lo de tudo quanto caracterizava uma cidade, quando um grupo de entusiasmados maçons, resolve criar a loja *Estrela do Sul,* que teve como venerável o Cel. Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, que exercia as funções de governador militar e civil.

As unidades militares aqui sediadas foram reforçadas com a vinda do Piraí, onde se achava, do 2.º regimento de cavalaria, comandado pelo Ten.-Cel. Manoel Luís Osório.

Nessa época foram nomeados os suplentes do juiz municipal e órfãos, e como possuímos em nosso arquivo particular o documento autêntico da nomeação de Antonio Jacinto Pereira, passamos a reproduzi-lo: *Remetto a V. Mce. o Titulo incluso, porque o tenho nomeado 5.º suplente do Juiz Municipal e de Orfãos do Termo da Villa, de Bagé, espero que V. Mce. aceitando semelhante emprego, compareça por si, ou por seu procurador, na Secretaria deste Governo, para prestar o competente juramento.*

Deos Guarde a V. Mce. Palacio do Governo em Porto Alegre 23 de Abril de 1847.

Manoel Antonio Galvão

Cria-se o serviço judiciário, em 25 de abril de 1848, e, a seguir diversos serviços de utilidade pública a fim de que fôsse mantido o respeito e a ordem com a distribuição de justiça, coibindo abusos entre a população que já estava se tornando densa.

Instalado o Fôro, foram nomeados para exercer o elevado cargo de juiz de direito, o Dr. Antonio Ladislau de Figueiredo Rocha; o de promotor público, o farmacêutico, Feliciano Antonio de Morais; o de juiz municipal e órfãos, o Dr. Antonio José Martins Coelho — assumiu o mandato, em 8 de junho de 1848 —; o de juiz de paz, Adriano Muniz Fagundes; o de escrivão de órfãos, José de Assis Candal; o de tabelião público, judicial e notas, o Maj. Inácio Peixoto do Prado, mais tarde, substituído por José Maria da Silva.

Nos demais serviços foram empossados os cidadãos seguintes: coletor das rendas públicas, Antônio Joaquim da Silva e auxiliar escrivão, Antonio José de Castro e Almeida; administrador do correio, João Antonio Rozado; o de delegado de polícia, Antonio Jacinto Pereira e o de subdelegado, Joaquim Pereira Fagundes.

Foi olhada com simpatia, pelos administradores, a questão do ensino que já fazia sentir a necessidade de que não houvesse descuro, quanto à instrução da população infantil.

Resolvem as autoridades criar duas aulas públicas, sendo, uma para alunos do sexo masculino e a outra para meninas, para as quais foram respectivamente nomeados: professor, Antonio Julio Teixeira Coelho de Miranda e professôra Dna. Rosa Amélia do Prado, que por muito tempo exerceram a nobre missão de difundir o ensino. A ambos que naturalmente conquistaram elevado lugar de destaque na história de nossa gleba, porque, foram os pioneiros, os desbravadores do intelecto dos filhos da terra de Ypagê, ainda resta prestarmo-lhes as homenagens devidas: Uma herma, ou o nome numa rua ou praça pública, atestando o nosso tributo de admiração e respeito.

O Prof. Miranda destacava-se por sua inteligência e cultura e dentre os seus vários alunos citamos os seguintes: Pedro R. de Borba, Dr. Cândido Dias de Borba, João Nepomuceno de Medeiros Mallet — mais tarde, marechal e ministro da guerra —, Joaquim Elias Amaro — mais tarde, general honorário do exército —, o Cap. José Luiz da Costa F.º, e o Capitão-farmacêutico, Serafim dos Santos Souza.

O primeiro inspetor escolar da vila, foi, nomeado em 1848, o farmacêutico Feliciano A. de Morais, substituído em 1855, por Eleutério José Pereira.

———o———

Em Bagé, durante os principais anos de sua existência, viveu um estrangeiro notável, posteriormente aclamado NUME TUTELAR da artilharia brasileira, que aqui muito amou nossa terra se tornando pelos laços afetivos um nosso conterrâneo. Aqui se casou com distinta dama, constituindo brilhante prole, e por seu heroísmo no desempenho dos serviços prestados à nação se evidenciou invulgar figura de patriota.

Quanto ao país de seu nascimento, há dúvidas!

Afirmam alguns autores que lhe foi berço a França, outros que o Canadá, Suíça e Âustria.

Esposamos a opinião dos primeiros.

Eis alguns dados sôbre sua vida, ante seu mérito e em homenagem à mulher bagèense:

GENERAL EMILIO LUIZ MALLET

Barão de Itapeví

O legendário Gen. Osório costumava se referir a Mallet, da maneira seguinte: "Nenhum oficial do exército brasileiro prestou mais assinalados serviços na campanha da tríplice-aliança do que o valente comandante da nossa artilharia, o então Cel. Emilio Luiz Mallet, que faleceu reformado no pôsto de ten.-general e agraciado com o título de Barão de Itapevi.

Nascido em Dunquerque, na imortal França, no ano de 1801, como todo latino, audacioso, prenhe de imaginações, desde a mais tenra idade, sonhando com melhores dias, escolheu o Brasil, julgando-o uma nova Canaã e para cá embarcou, em 1818, muito antes da proclamação de nossa independência.

Veio acompanhado de seu pai, o armador Jean Antoine Mallet, possuidor de estaleiros estabelecidos em Dunquerque, que por se ver envolvido em conspirações organizadas por seu parente, Gen. Claude François de Mallet, contra o govêrno de Napoleão, fôra forçado a emigrar.

Recém-chegado, o antigo aluno da Escola Militar da França, possuindo decidida vocação para a carreira das armas desde logo se empolgou pela causa da nossa emancipação política, o que lhe valeu a amizade de D. Pedro I, a cujo convite ingressou no Exército Brasileiro, no pôsto de 1.º cadete, em atenção à sua pública e notória nobreza, a 13 de novembro de 1822.

Procedia o jovem Mallet de antiga família de fidalgos normandos, cujos antepassados no período feudal da história de França, foram os "Sires de Graville", primos do rei, célebres por seus relevantes serviços de guerra.

No ano seguinte, a 12 de outubro de 1823, cursando a Academia Imperial Militar, foi promovido a 2.º tenente de artilharia e classificado a servir no Regimento de Artilharia Montada da Côrte de São Cristóvão.

Promovido a 1.º tenente em 17 de fevereiro de 1825, foi destacado para servir no Rio G. do Sul, no comando da 1.ª bateria de seu regimento, por designação do próprio Imperador, a fim de tomar parte na campanha Cisplatina.

Tomou parte saliente na batalha do Passo do Rosário (Ituzaingó), onde recebeu seu batismo de fogo, nas margens do rio Santa Maria, no dia 20 de fevereiro de 1827, revelando-se um artilheiro de escol.

Pelo valor com que se portou na renhida ação, pelo prejuízo causado ao inimigo com seus certeiros tiros de artilharia, foi alvo de elogios citados nas partes de combate de todos os chefes que dirigiam a ação, e fêz jus a que o Marquês de Barbacena, comandante em chefe da fôrça brasileira, em boletim oficial, lhe tecesse os mais rasgados elogios.

Êsse fato motivou a que fôsse promovido a capitão, por decreto de 12 de outubro de 1827, com antiguidade de 2 de março do mesmo ano.

Nessa época, no então povoado de Bagé, contraiu matrimônio com a prendada Srta. Joaquina Medeiros, portadora de excelsas virtudes e pertencente a distintíssima família, filha do Coronel de Legião Antonio de Medeiros Costa.

Em pleno período de lua de mel, retornou ao Rio de Janeiro, ao regimento de São Cristovão, onde foram encontrá-lo os acontecimentos que culminaram a 7 de abril de 1831, com a abdicação de D. Pedro I.

Dada a sua amizade pessoal ao Imperador, o Cap. Mallet sofreu as conseqüências das paixões políticas do momento, que o magoaram profundamente, sem contudo lhe abater o ânimo.

Aplicaram-lhe — ao seu caso —, a lei de 24 de novembro de 1830, que mandava excluir do Exército todo o oficial estrangeiro contratado. Muito embora, não sendo êsse o seu caso, mesmo, sem

suficiente fundamento legal, a 20 de abril de 1831, era exonerado sem que levassem em consideração os serviços que já havia prestado à sua pátria adotiva.

Vítima dêsse ato resolveu vir novamente para o sul, para a então vila de Bagé, terra natal de sua adorada espôsa, onde fixou residência.

Aqui submeteu-se resignado à sua sorte, ao trabalho árduo mas honrado e nobilitante, se estabelecendo com olaria em campo de seu sogro, à margem esquerda do Quebraxinho, onde está situada a Xarqueada "Sociedade dos Fazendeiros Ltda.", tirando dessa indústria os indispensáveis meios de subsistência, para manter um padrão condigno no meio social em que vivia.

Inúmeros são os prédios existentes nesta cidade construidos com tijolos e têlhas fabricadas na olaria de quem, mais tarde, passaria a história como "invulgar cabo de guerra".

Sua moradia na vila ficava situada em local onde hoje se acha a "Casa de Saúde do Dr. Mario Araujo"; sendo que, ali existe uma secular árvore por êle plantada e conservada com muito carinho pelo ilustre facultativo e diretor do hospital que lhe traz o nome.

Quando, em 1835, explodiu o movimento Farroupilha, Mallet saiu a campo em defesa da legalidade, ao lado de seu sogro o Cel. Medeiros, chefe do Estado-Maior do Gen. João da Silva Tavares, mais tarde, Visconde de Cêrro Alegre.

Bravo, leal e competente, pelos seus renovados serviços durante os dez anos de luta que durou a revolução rio-grandense, recebeu êle a patente de major em comissão, não sendo, entretanto, integrado no quadro efetivo do exército.

Cumprindo a determinação de organizar as fôrças brasileiras que iriam combater ao ditador Rosas, da Argentina, em 1851, passa por Bagé o prestigiado general Conde de Caxias, que ao saber que Mallet aqui se achava e conhecendo a *ordem do dia* de Barbacena, referente à sua atuação no combate do Passo do Rosário, o encarregou da organização da artilharia na concentração do exército em Colônia, no Uruguai, e agiu para que o mesmo revertesse ao serviço do exército, no mesmo pôsto de capitão, por decreto de 20 de setembro de 1851.

Mallet só teve tempo para ràpidamente se fardar e seguir para o Estado Oriental, onde lhe foi designado servir na divisão do Gen. Marques de Souza, depois Conde de Pôrto Alegre, tomando parte na renhida batalha de Monte Caceros, confirmando seus conhecimentos técnicos de artilharia, demonstrando mais uma vez sua valentia.

De volta ao Brasil foi promovido a major, a 2 de dezembro de 1855, e classificado no 1.º regimento de artilharia, de guarnição em São Gabriel.

Tenente-coronel graduado, a 28 de novembro de 1863; efetivo em campanha. Integrou as fôrças do Gen. João Propício Menna Bar-

reto, em 1865, quando da tomada de Paisandú, cêrco que durou 52 horas; e Montevidéu que entregou as chaves sem combater —, sendo por êsse ilustre chefe louvado pela sua reconhecida coragem.

A seguir transpôs com o exército, o rio Uruguai e foi dos primeiros que com o bravo Gen. Osório atravessou o passo da Pátria, em 1866, chocando-se com os paraguaios nos primeiros encontros.

Desenvolveu extraordinária atividade na batalha de 24 de maio, em Tuiuti e foi tal o seu distinto comportamento e ótimos serviços que o govêrno, com tôda a justiça, o promoveu a coronel, por atos de bravura: decreto de 20 de agôsto de 1866.

Referindo-se a Mallet, o malogrado Gen. Tibúrcio de Souza disse: *"Foi ele a chave tática dos acontecimentos, na batalha de Tuiuti".*

Mais de dois assaltos alucinantes realizaram em vão, contra o centro de nosso dispositivo, os três mil cavalarianos de Marco, dizimados, ceifados pelo certeiro fogo, pelo *fogo de horror,* da legendária "Artilharia revólver", do grande velho Mallet.

Gozando de saúde de ferro, sem conhecer doença e mêdo, dotado de constituição física agigantada, possante — com a maior facilidade suspendia do cavalo, pela gola da farda, a qualquer indivíduo, empregando para êsse fim a mão direita na qual mantinha absoluta firmeza —, dava gôsto vê-lo comandar o seu notável regimento, o *Boi de Botas,* arrostando grandes perigos, no meio de suas "queridas pecinhas".

Na luta, seus bem cuidados canhões que reluziam como prata, expeliam fogo com tal rapidez e veemência que o Gen. Flores, o denominou: *"O medonho chefe da artilharia a revolver".*

Em 1867, sob o comando de Caxias, Mallet passou a comandar a Brigada de Artilharia do 3.º corpo do exército, com a qual dirige a preparação para o assalto ao Forte do Estabelecimento e às linhas fortificadas de Humaitá.

Nomeado comandante-geral da ARTILHARIA, por ocasião da travessia do Chaco, Mallet cooperou eficazmente, com os fogos de seus canhões para as vitórias de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. Em Lomas Valentinas, batalha de envergadura, Mallet dirigiu pessoalmente a concentração das bôcas de fogo, dos 3 corpos do exército, levando a efeito o intenso bombardeio de Itavaité, coroamento das operações militares de dezembro de 1868.

Escreveu Caxias em sua ordem do dia que: *"Terminado o bombardeio, não só causou grandes estragos e mortalidade ao inimigo, mas que pareceu te-lo aterrado e completamente desmoralizado — o assalto —, foi dado com o maior impeto e galhardia, rivalizando em arrojo e intrepidês as forças das 3 armas que nele tomaram parte, mas cabendo inquestionavelmente as honras da jornada á ARTILHARIA, que depois, do bombardeio, avançou por modo tal, que penetrou as trincheiras do inimigo com as linhas de nossos atiradores".*

Em sua "História da Guerra do Paraguai", referindo-se aos feitos de Lomas Valentinas diz que: *"Mallet serve para tudo. É artilheiro calmo, mas, se a situação exige, tem a intrepidês e o denodo de Andrade Neves".*

Na fase final da guerra, na região das cordilheiras, Mallet foi promovido a brigadeiro, por decreto de 13 de julho de 1869, em atenção aos relevantes serviços prestados em campanha.

O Conde D'Eu, de início, lhe confiou a direção de destacamentos mistos que manobraram e combateram em Ascurra e Sapucaí, através das montanhas.

Após, em Peribebuí, levou a efeito mortífero bombardeio que antecedeu o assalto e conquista, por nossas fôrças, dessa cidade fortificada.

Na batalha de Campo Grande, última resistência organizada oposta pelas já dizimadas tropas do ditador, diz o Gen. Tasso Fragoso: *"Mallet, á frente de um destacamento do 2.º corpo de exército, desborda o passo do rio Peribebuí, fortemente defendido e sofre a maior pressão de novas forças de Cabalero. Apesar dos seus 68 anos de idade, o velho artilheiro lança-se no fragor da peleja, vigoroso no físico e ardente na vontade de vencer. Após a vitória, foi alvo da gratidão do Comando em Chefe, pela parte ativa que tomou na batalha, muito concorrendo com os seus conselhos para o completo desbarato do inimigo."*

Finda a penosa campanha do Paraguai, volta ao cenário familiar de sua longa vida de soldado, à fronteira do R. G. do Sul, cujas tropas de cobertura passa a comandar, em Bagé, Jaguarão e Livramento.

Distinguindo-se em todos os combates, depois de uma série ininterrupta de extraordinários feitos, foi cognominado como sendo o nosso Cambrone.

Passam-se alguns anos, quando em 16 de janeiro de 1879, foi promovido a marechal-de-campo, tendo para isso feito questão, em conselho de ministros, o Marquês do Herval, titular da pasta da guerra no gabinete Sinimbu.

Depois dessa promoção, Mallet foi nomeado comandante das armas em Pernambuco e no Rio Grande do Sul e ocupou também o elevado cargo de inspetor dos corpos de cavalaria e artilharia.

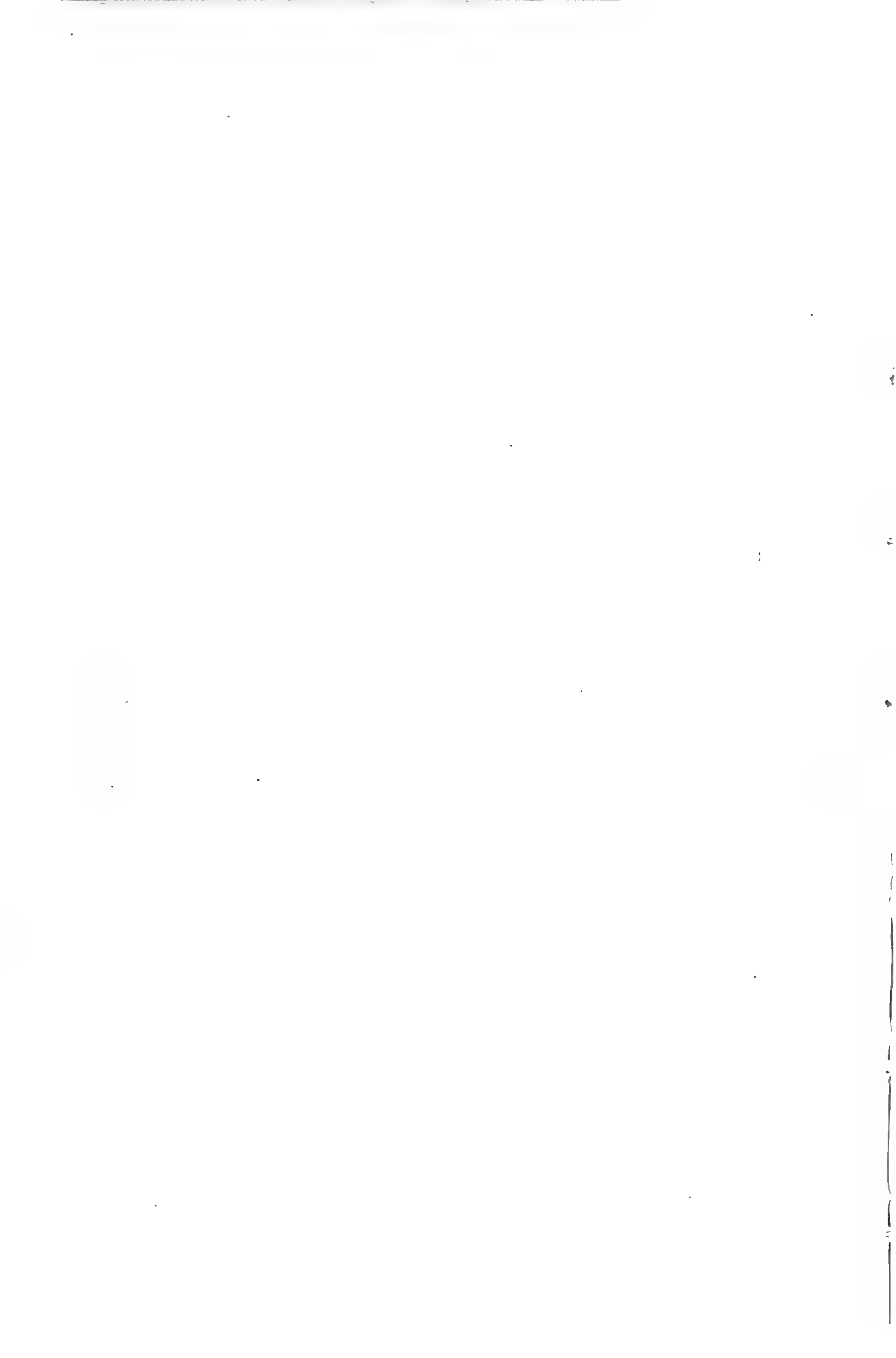
De seu consórcio legou à pátria três filhos, todos bagèenses e militares distintos: Pedro Felix, Antonio Julio e João Nepomuceno, sendo que êsse último foi marechal e ministro da guerra. Enquanto João Nepomuceno se dedicou ao Estado-Maior, seus dois irmãos optaram pela cavalaria, tendo todos prestado relevantes serviços durante a guerra do Paraguai. Lá ficaram para sempre os dois valentes cavalerianos que perderam a vida na luta em defesa do solo pátrio bàrbaramente ofendido pela ação nefasta de um ditador.



Local da antiga olaria de Mallet, ainda hoje



funcionando com os mesmos primitivos processos.



O Ten.-Gen. Emilio Luiz Mallet ao se reformar, em 1886, era dignitário das ordens do Cruzeiro e da Rosa, comendador das de São Bento e de Aviz e de Cristo, e condecorado com as medalhas de mérito militar e de prata das campanhas de 1825, 1851-1852, de ouro da de 1864-1865 e do Paraguai com passador de ouro n.º 5.

Contando a avançada idade de 85 anos faleceu na cidade do Rio de Janeiro, para onde havia transferido sua residência, no dia 2 de janeiro de 1886, sendo sepultado no cemitério S. Francisco Xavier, no Caju.

———o———

Dia a dia, se notava que crescia, aumentava, o perímetro urbano, desenvolvia a vila de Bagé como se fôra menina sadia, quando a 23 de abril de 1849, sendo presidente da Câmara de Vereadores, o fazendeiro Antonio Jacintho Pereira — *primeira autoridade civil de Bagé, quando delegado de polícia; e, primeiro administrador civil, na qualidade de presidente do Legislativo, passou a ser o Executivo, de então, quando recebeu o govêrno do município que lhe foi transmitido pelo comando da guarnição em obediência à pragmática da época* —, adquire do Sr. João Cirne o prédio da Praça Matriz (Carlos Teles), esquina da rua do Comércio (Barão do Amazonas), para em edifício próprio instalar o Executivo, Câmara de Vereadores e os serviços eleitorais e judiciários.

Desejando levar avante uma série de realizações, procurou dar aos infelizes presidiários um tratamento humano, projetou a construção de presídio adequado, em que a planta executada pelo engenheiro Dr. José Maria Pereira de Campos, orçando as obras em Rs. 43:783$000 — elevada quantia para a época —, tornou impossível a realização de tão nobre projeto, continuando por mais tempo a ser utilizada a conhecida *Cadêia Velha,* situada na rua do Portão (Sete de Setembro), entre a rua da Condêssa (conde de Pôrto Alegre) e rua do Castanheiro (Gen. João Manoel).

Preocupava-se o povo com as festas do Divino e com eleições para a deputação geral.

Dois documentos autênticos, de nosso arquivo particular:

O primeiro é assinado por Domingos José Gonçalves, o Porta-Estandarte, o herói de 1801 que tomou o Forte de Santa Tecla; é dirigido a Antonio Jacintho Pereira, seu companheiro de lutas, ambos foram dos primeiros a receber SESMARIAS naquela época, como recompensa a seus inestimáveis serviços; e o segundo assinado por um irmão de Joaquim Caetano da Silva o célebre diplomata do Amapá.

Illm.º Sr. Ant.º Jacinto
S. Caza Dzbr.º 22 de 49.

Estimado Sr. Remeto Sua Carrada de Lenha que Ofereço de Esmola ao Divino Esprt.º Santo p.ª sua festa, enão vai hu Frango q o Procurador meemcombio cobrar porq qm. Otinha de dar dis não tem agora. Nada digo a V.S.ª de q lhe devo Soe sim que não estou esquecido enunca meesqueçerei; tenho faltado Contra m.ª Vontade noq possa heide pagar, idirei omotivo.

Sou Com estima......De V.S.ª

Atento Criado
Domingos Je. Glz'.

———o———

Ilm.º Sr. Antonio Jacintho Pereira

Rio Grande, 20 de agosto de 1849.

Torno a escrever a V.S. para lhe participar que, no vapor chegado hoje de Porto Alegre, tive carta de meu am.º Pedro Chaves, na qual me assegura que o Dr. Antonio Bieira Braga desistiu da sua candidatura á deputação geral.

O mesmo meu am.º recomenda para deputado provincial o Coronel Luiz Manoel de Lima e Silva, comandante do 7.º Batalhão de caçadores destacado n'esta cidade do Rio Grande. Em portanto peço a V.S. se digne influir para que elle, e os ms. cujos nomes lhe enviei, sejão ahi muitissimo votados.

Sou
De V. S.

Muito affect.º obrm.º Coe.

Antonio José Caetano da Silva

———o———

Graves acontecimentos surgiram em nossa fronteira, durante os anos de 1848 a 1849, motivados pelo fato de haver se assenhoreado do govêrno do Uruguai, Dom Manoel Oribe, preposto de Rosas, que perseguiu os fazendeiros brasileiros, entre êles, muitos de Bagé, usando da mais feroz prepotência.

Amiudadamente chegavam os fazendeiros — ao todo mais de cem —, vexados, usurpados em seus haveres porque lhes tomavam conta das estâncias, obrigando-os a fugir para não morrerem assassinados. Os ânimos estavam exaltados com tantas injustiças praticadas, quan-

do aconteceu entrar no rol das vítimas o Barão de Jacuí, que indignado não tolerou, por mais tempo, a afronta que vinham sofrendo seus patrícios.

Resolveu reunir gente, formou respeitável fôrça armada, com o objetivo de castigar aos algozes de homens que se dedicavam ao trabalho pacífico, em suas casas de campo, e que eram vergonhosamente mal tratados e vítimas dos facínoras de Oribe.

Por ordem do govêrno imperial parte de Bagé, ao mando do Ten.-Cel. Manoel Luiz Osório, o 2.º regimento de cavalaria, para de acôrdo com o regimento ao mando de Severino Ribeiro, dissolver e evitar reuniões na fronteira.

Vindo ao conhecimento do audaz e valente Gen. Francisco Pedro de Abreu, o conhecido *Chico Pedro,* ou *Moringue,* célebre de 35, a medida do govêrno, não se conformou e invadiu o país vizinho.

Experimentado guerreiro bate de surprêsa e derrota o chefe militar do departamento do Salto, Cel. Dom Diogo Lamas, e, também, a cavalaria de Servando Gomes, no Arapeí.

Deram a essa cruzada o nome de *CALIFÓRNIA DE CHICO PEDRO.*

Moringue, antes de invadir o Estado vizinho, publicou o manifesto seguinte:

Brasileiros! É tempo de correr ás armas e despertar do lethargo em que jazeis.

Uma série não interrompida de factos horrorosos, que têm commettido esses selvagens invasores, no nosso Estado limitrophe, para com os nossos patricios e propriedades, não vos são occultos; e reconhecendo vosso valor e patriotismo, o chefe que firma esta vos convida a reunir-vos no ponto marcado, e d'est'arte salvar a honra nacional e as nossas propriedades extorquidas; e creio que não sereis indifferentes a este sagrado dever.

Brasileiros! Marchemos em socorro de nossos irmãos, ali mostraremos que somos dignos das benções da Patria.

Orientaes! Vós que emigrastes para um país hospitaleiro, ajudae a libertar a vossa patria desses assassinos degoladores que têm manchado a vossa historia da independencia com actos os mais atrozes, que jámais foram vistos em todo o Orbe: contae com a proteção do Deus das victorias e se vencerdes a esse inimigo commum, a Patria vos será grata.

Viva a Nação Brasileira!
Viva S. M. o Imperador!
Viva a Constituição do Imperio!
Quartel general em marcha, 26 de Dezembro de 1849.

Francisco Pedro de Abreu, comandante em chefe.

———o———

No seu surto de progresso, apesar das incursões à fronteira do município em que teve por epílogo a desagravante *"Califórnia"*, Bagé registra a sua grande primeira medida na vida rural, com o requerimento de Dna. Claudina Jacintho Araujo, assinado em 6 de dezembro de 1849, pedindo para utilizar no seu gado vacum e cavalar a primeira marca característica da posse de bens semoventes. As estâncias, nesse tempo, tinham os campos em comum; dividiam-nas as aguadas e os animais viviam às sôltas e só por apêgo ao solo permaneciam na querência.

Em 1850, um grupo da Maçonaria, quando da construção do prédio próprio à rua Santa Barbara (Gen. Osório), esquina do Imperador (Dr. Verissimo), edificou grande galpão, para nêle funcionar um teatro de amadores, o primeiro da vila, e que foi caprichosamente decorado.

Logo a seguir surgiu um outro centro de diversões, à rua do Acampamento (Barão do Amazonas), em que se revelaram com muito gôsto pela arte dramática e habilidade como atores, o Cap. Hermes Ernesto da Fonseca, Ten. Augusto César da Silva — ambos, mais tarde, marechais, sendo que Hermes, foi presidente da República —, Francisco Bibiano de Castro, coronel na campanha do Paraguai, Cadete Pedro Bernardino de Moura, posteriormente temível polemista, fundador do jornal de grande conceito e circulação *Echo do Sul,* editado na cidade de Rio Grande, Feliciano Antonio de Morais e José Luís da Costa F.º.

Registrou-se, em 26 de fevereiro de 1850, a substituição do juiz de direito em exercício, pelo Dr. Joaquim Augusto de Hollanda Costa Freire, novo titular do cargo.

Nessa época, desenrolavam-se os acontecimentos da política sul-americana, com reflexos marcantes em nosso meio, quando a 29 de maio de 1851, em Montevidéu, o Brasil assinava com o Uruguai, uma aliança — Partido Colorado, inimigo de Oribe —, em que faziam parte as províncias de Entre-Rios e Corrientes, sob o govêrno de Urquiza, contra Rosas, ditador argentino e Oribe, seu preposto uruguaio.

Assinado o tratado referido, o Império Brasileiro designa para comandante-em-chefe do exército brasileiro em operações ao então Conde de Caxias que chega a Livramento com o fim de organizá-lo.

Ordens foram baixadas a fim de reunir as gentes, vejamos um documento da época, de nosso arquivo particular:

Ilmm.º Snr. Antonio Jacinto Per.ª Junior
Cappm. Commte. da 5.ª Comp.ª

Paço as mãos de V. S.ª as Ordens do Dia sob numero 3 athe n.º 9 p.ª V. S.ª fazer publicar a Comp.ª de seu Commdo. assim mais de Ordem do Illmo. Snr. Tente Corel Commte. do corpo V. S.ª Riuna

amm.ª Comp.ª sem esepção de nenhuma praça imm.º Outros individos que se achem nadeMarcação dellas sendo de hidade propria p.ª se achar nodia 26 do Corrte, em St.ª Maria junto á Fazenda do Snr. Tente. Ant.º Jacinto mt.º Recomenda o Snr. Commde. toda a Energia nos Snr. Officiais afim dq seleve a Riunião do Corpo ao Maior grau q for possivel adivertindo q são compriendidos neste numero os guardas moveis e ativa itodas aspraças do Estado Maior, nesta dacta officio ao Snr. Cappm. Joze Frz Barboza p.ª fazer intrega a V. S.ª detodos os papeis q tem pertencentes a Comp.ª de q he V. S.ª digno Commde.

Ds. ge. a V. S.ª

ms. arros Camaquamzinho 18 de Julho d 1951.

Manoel do Couto Carnr.º — *Major Fiscal.*

———o———

O comando da esquadra coube ao Almirante Greenfell, e, o das quatro divisões organizadas coube na ordem seguinte: 1.ª a Bento Manoel; 2.ª a João Frederico Caldwell; 3.ª a Santos Pereira e 4.ª a David Canabarro.

A segunda divisão ao mando de Caldwell — promovido a general quando comandava a 3.ª brigada e fronteira de Bagé, fins de 1848 —, foi constituída, em quase sua totalidade, com elementos da então vila de Bagé.

Daqui partiram fazendo parte do exército libertador, com destino a Buenos-Aires, o 8.º batalhão de fuzileiros e o 2.º regimento de cavalaria aos quais pertenciam os mais distintos moços, das principais famílias bagèenses, que num gesto voluntário, se alistaram nas fôrças militares ao mando dos dois grandes e estimados chefes que eram na época e respectivamente, o Cel. Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto e Ten.-Cel. Manoel Luís Osório.

Obedecendo ao tratado firmado, Caxias ficaria com o grosso das fôrças em Colônia e daria uma divisão veterana para se unir aos aliados, na ofensiva planejada.

Ao mando do Brigadeiro Marques de Souza (depois, Conde de Pôrto Alegre), em meados de dezembro de 1851, a divisão brasileira embarcou em Colônia — *porto Cuelo* —, comboiada pela esquadra, levando os batalhões bagèenses que com sua bravura, no campo da luta, muito contribuíram para a grandeza pátria.

A 21 de novembro de 1851, assinamos novo tratado para a continuação da luta, pois Rosas havia declarado guerra a Urquiza.

Por êsse fato, Caxias, aumentando o efetivo de suas fôrças, determinou a Bagé a enviar, sob o comando do Coronel de Legião João Antonio Severo, um batalhão da guarda nacional.

Ordena, então, ao Cap. Antonio Jacinto Pereira — bisavô do autor —, a providenciar na aquisição da cavalhada e lhe dá a ordem seguinte: (Documento autêntico, de nosso arquivo particular):

Segue para a Villa de Bagé na Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul o Capitão Antonio Jacinto Pereira com nove praças e varios escravos de officiais do Exercito, levando uma cavalhada: o General Commandante em Chefe do Exercito Imperial depreca as authoridades civis e militares deste Estado aquem esta for apresentada que não impeção a sua viagem e da gente que o acompanha; e o mesmo ordena as authoridades d'aquela Provincia.

Quartel General do Commando em Chefe do Exercito na Colonia do Sacramento 8 de dezembro de 1851.

Conde de Caxias

———o———

O que foi o combate de Monte Caceros, e, o resultado que adveio à vitória de nossas armas é por demais conhecido; mas, o que mais nos alegra é poder afirmar que Bagé galhardamente contribuiu para êsse acontecimento.

Sarmiento, em vários trabalhos de sua autoria, fala com calor, sôbre a disciplina e instrução das fôrças brasileiras e realça o papel que desempenhou o bravo Ten.-Cel. Osório, à frente do seu 2.º regimento de cavalaria, *bagèense,* que teve a glória de dar a carga da vitória.

Após êsse magnífico triunfo em abril de 1852, regressaram a esta vila, os vitoriosos na memorável batalha de Moron (Monte Caceros). Como resultado de suas honrosas atuações, os Comandantes Chico Felix e Osório foram promovidos respectivamente ao pôsto imediato, em 3 de março de 1852, constando em suas promoções que eram feitas por merecimento comprovado em campo de luta.

Agraciado com o título de Barão de Pôrto Alegre, motivado pela brilhante e segura atuação no comando de nossas fôrças, na batalha de Monte Caceros, em 3 de fevereiro de 1852, Marques de Souza, foi nomeado comandante das armas no Rio Grande do Sul, vindo provisòriamente estacionar em Bagé, transferindo-se depois para São Gabriel, onde seus amigos pretenderam fazê-lo senador do Império, conforme documento autêntico, de próprio punho, que possuímos em nosso arquivo particular.

Ilm.º Snr. Antonio Jacintho Pereira

Constando-me que alguns dos meus amigos trabalhão afim de incluir meu nome na lista triplice para mais um Senador, que tem de dar esta Provincia e lizongeando-me sobremaneira essa prova de confiança e consideração, com que tanto me honrão; vou rogar a

V. S.ª se digne coadjuva-los nesse proposito, se por ventura não lhe parece elle desmedido empenhando sua valioza influencia para com seus numerozos amigos, certo de que por tão importante favor lhe será sempre grato quem tem a honra de ser.

De V. S.ª

Amigo muito attencioso, e Criado

Barão de Porto Alegre

São Gabriel 13 de Outubro de 1852.

———o———

Na mesma época se realizaram eleições para a deputação geral.

Illm.º Sr. Antonio Jacintho Pereira

Meu parente e am.º Oportador desta he o meu amigo e nosso patricio Dor. Joze Antonio do Valle Caldera e Fião, hoje candidato á deputação geral desta Provincia. Seu nome já não lhe he extranho segundo aqui me dice o meu Primo e Sr. seu mano Joze Jacintho: elle he dotado de talentos, capacidade, e bastante patriotismo para bem desempenhar as altas funções de representar a Provincia, que o vio nascer; e certo de que não desmentirá o bom conceito, que Athe hoje bem merecido, me animo por isso á interpôr minhas vozes em favor de sua Candidatura, e espero que o meu Parente opor si, e seus amigos fação com que o d.º am.º obtenha nesse Collegio o maior numero de votos que for possivel, e quasi que posso afiançar que não hão de ter remorsos, nem arrependimento de cooperarem p.ª a sua eleição.

Desejo que o meu Parente, e toda a sua estimavel familia gozem saude e mil venturas; pois sou

Seo Parte. e a.º affectz.º

Mel. Miz.º da Silver.ª Lemos

São Gabriel 18 de 9br.º de 1852.

———o———

Durante a fase da guerra contra Rosas, guarneceram a então vila de Bagé, primeiro, um destacamento comandado pelo Cap. Tranquilino Augusto Veloso, depois o 3.º batalhão de infantaria, comandado pelo Cel. Francisco Victor Mello e Albuquerque que, em 26 de janeiro de 1853, foi substituído pelo 6.º da mesma arma, comandado pelo Cel. Luís José Ferreira.

O Conde de Caxias ao finalizar essa campanha, retira-se para a Pátria, coberto de glórias, com seus comandados na mais perfeita ordem e disciplina. Vejamos alguns documentos da época, autênticos, pertencentes a nosso arquivo particular:

O Senhor Capitão encarregado de reunir a cavalhada que tem ficado a retaguarda do Exercito por cansada entregue ao Senhor Coronel Felix Crossa Pinheirol ou a s/o cento e cincoenta e quatro cavallos que por cansados não poderem seguir para diante, como indenisação de 77 cavallos gordos que elle entregou para o serviço do exercito, devendo cobrar recibo da pessoa que receber os indicados 154 cavallos.

Quartel General do Commando em Chefe do Exercito nas pontas do Arroio Olimar 18 de Maio de 1852.

Conde de Caxias

Resposta:

El comante, que firma barrecibido siento sincuenta y Cuatro rellunos del Snõr Capitan Dn. Antonio Jacinto Junior, que por orden del Snõr Jeneral en Jefe del Exto. Brasilero me ha hecho dicha entrega.

Yí Mayo 19 de 1852.

Felis Peñarol

———o———

Qel. Genali. do Commdo, da Fronteira de Bagé, e 2.ª Divisão do Exercito, junto ao Arroio das Pedras 2 de julho de 1852.

Em execução as ordens de S. Ex.º Snr. General Conde de Caxias, Commandante em Chefe do Exercito, inscriptas em officio do Ajudante General de 12 do pp. mez. Segue á reunir neste Municipio as praças do 3.º Regimto. de Cav.º de G. Nes., que se achem nas circonstancias, 1.º os Solteiros, 2.ª Viuvos sem filhos, 3.ª Casados sem filhos; e não tivessem marchado com dito Corpo em a terminada Campanha do Uruguay.

O Sr. Capm. do dito Regimt.º Antonio Jacintho Pereira, o qual alem deste serviço deve capturar todos os desertores do referido Regimento, entendendo-se a respeito com as Authoridades Policiaes aquem requisitará coadjuvação para os casos marcados por nossas leys.

João Frederico Caldwell

Maral. de Campo.

———o———

No ano de 1853, assumiu o comando desta guarnição e fronteira de Bagé, interinamente, o Cel. de cavalaria João Propício Mena Barreto, mais tarde Barão de São Gabriel.

Daqui partiu o Gen. Francisco Felix, comandando a Divisão Auxiliadora que invadiu o Estado Oriental indo até Montevidéu, onde demorou pouco, retornando em dezembro de 1855, a esta localidade, acampou no Piraí. Dividida a divisão em brigadas, coube o comando da 2.ª ao Cel. Matinho Ferreira Tamarindo, portador de brilhante fé e ofício.

Corria o ano de 1854, quando, a 20 de maio, Bagé se engalanou festivamente para receber a visita do presidente da província, Dr. João Luís Vieira Cansanção de Sinimbu, que foi notável estadista do Império.

Quando posteriormente presidiu o Conselho de Ministros, convidou para que dêle fizessem parte, ao bagèense insigne Gaspar Silveira Martins e ao bravo Osório.

Nesse mesmo ano, 1854, foi nomeado Comandante Superior da Guarda Nacional dêste têrmo, o Coronel de Legião Ismael Soares da Silva, considerado benemérito desta terra por seus elevados sentimentos filantrópicos.

Por deliberação da Câmara de Vereadores, em 1854, foi mudado o cemitério para o local, hoje, alto da Santa Casa.

Nessa época efetuavam-se transações de escravos, que a título de curiosidade transcrevemos os documentos que possuímos em nosso arquivo particular:

Vendo o meu escravo de nome Antonio d'Nação, ao Sr. Antonio Jacintho Pereira Junior pela quantia d quatro centos patacões que recebi ao fazer d'este cuja venda faço livre d Siza para mim e me obrigo a fazer esta venda firme e valioza em todo tempo transmetindo no mm.º Sr. o direito que no dito escravo tinha para que o desfrute e goze como seo d'ora avante fica sendo.

epor ser verdade passo aprezente que assigno com as Testemunhas tambem abaixo firmadas.

Villa de Bagé 15 de Junho de 1854.

Jeronimo Lopes Garcia Jor.

Como Testemos.

José Maria de Souza
A. Maria José da Silva.

———o———

(Correspondente a essa transação possuímos em nosso arquivo particular a "Meia Sisa" do ano financeiro de 1854, assinada pelo coletor, Antonio Joaquim da Silva e pelo escrivão Castro e Almeida). Anos depois morria o escravo, conforme documento:

(Art. 21 do regulamento n.º 4.835 de 1.º de Dezembro de 1871)

Antonio Jacintho Pereira Junior, residente no municipio de D. Pedrito, declara que no dia 3 do corrente morreo de morte natural oseo escravo de nome — Antonio Congo de Nação, maior de 60 anos, roceiro, que seacha matriculado na Parochia de Bagé com os numeros 3729 da matricula geral e 1 da relação apresentada pelo mesmo Ant.º Jacintho.

Prov.ª de S. P. do Sul
Mun.º de D. Pedrito aos 25 de Janeiro de 1876.

Ant.º Jact.º Per.º J.

(Averbado á fs. 6 do livro 2.ª em 9 de Fevereiro de 1876. Bulamarque).

———o———

Em 27 de outubro de 1856, prestou juramento, na cidade de Pôrto Alegre, assumindo o cargo de juiz de direito, dêste têrmo, para o qual fôra nomeado, por decreto de 11 de setembro, o Dr. Ovídio Fernando Trigo de Loureiro, que aqui com muito brilho exerceu a magistratura.

Cuidava-se em fins de 1856, da eleição de suplente de deputado geral, e os valorosos homens públicos irmãos Nery puseram-se em campo; vejamos belíssimo documento de nosso arquivo particular:

Ilm.º Sr. Major Antonio Jacintho Pereira Junior
Bagé 14 de Novembro de 1856.

Senhor Major; inda que não tenho a honra de gosar da amizade de V.ª S.ª; vou com tudo pretender um obsequio não pequeno, estribado na bondade que, segundo me informão, o caracterisa. Meo irmão jovem novo na politica se propõe estreiar-la apresentando-se candidato a suplencia do deputado geral; mas como principiante pouco tem que apresentar como insentivos aos favores que pede aos seos comprovincianos; porem esses mesmos são já assás conhecidos porque bem os tem patenteado no Jornal que a mais de tres annos publica; assim pois eu que, estou intimamente convencido, do que acima digo; me tomo aliberdade de dirigir-me a V.ª S.ª afim de que se

sirva aceitar ao Major Felippe Betbezé de Oliveira Nery, dar-lhe seo voto e empregar sua valiosa influencia para que seja bem acolhido.

Isto fará com que seja eternamente grato a V.ª.S.ª o abaixo firmado, que aproveitando o ensejo ofrece seu insignificante prestimo no 4.º regimt.º a que pertence.

Sou certo servidor e venedr.

Carlos Nery

(O jornal referido, foi um dos primeiros órgãos da Imprensa Gaúcha, fundado em Pôrto Alegre, em 1845, intitulava-se "Correio do Sul" e defendia os princípios esposados pelo Partido Liberal).

———o———

Em 1857 foi nomeada professôra pública Dna. Genoveva Nympha de Medeiros, e, em junho do mesmo ano, exonerado a pedido o Prof. Antonio Julio Miranda, que foi substituído pelo Prof. Antonio José da Silva Porto Filho.

Dotado de inteligência e cultura, Porto Filho, foi um benemérito desta terra, um herói do trabalho, que com rara dedicação exerceu por mais de trinta anos o magistério, difundindo a instrução popular.

Até o ano de 1869 exerceu o professorado, em aula pública, contando com a elevada matrícula de 150 alunos.

Quando o Imperador D. Pedro II, em regresso do sítio de Uruguaiana, em outubro de 1865, passou por esta cidade, recebeu a mais agradável impressão, quando da visita que fêz à aula do inesquecível educacionista, e, ao despedir-se o louvou pelo zêlo e dedicação que devotava ao ensino.

Em 1869, fundou um colégio particular sendo auxiliado por suas inteligentes e dignas filhas: Aristotelina, Universina e Osoriolina.

Foram seus alunos, entre muitos, que receberam ensinamentos de sã moral, virtude e altruísmo, os seguintes: Dr. Pedro Luís Osório, Cel. Dr. Lidio Porpuario dos Santos Costa, Dr. Nunes Vieira, Cel. José Otávio Gonçalves, Marechal Carlos Frederico Mesquita, Eng. Ventura Coronel da Rosa, Benjamim Franklim de Moraes, Gen. Waldomiro Cabral, Propício Silva, Gen. José Leovegildo Alves Paiva — bagèense ilustre que legou à posteridade a frase seguinte: *"Ao serviço da Nação o sacrifício é um gozo"*, cognominado o "De Brack Brasileiro", de quem Dilermando de Assis, publicou um belo estudo de sua inconfundível personalidade —, Gen. Antonio Pedro Dias Lopes, Pedro Romero F.º, João Luís Romero, Cel. Augusto Amaral, Trajano Cirne, Cap. Joaquim Antonio de Alencastro, Julio Favilla, José Antonio e José Inácio Sugasti, Maj. Marciliano Francisco Pinto, Cap. Canrobert de Lima Costa, o saudoso Jorge Reis e finalmente o intelectual João Carlos de Pardal Mallet, um dos fundadores da

literatura nacional, grande amigo de Bilac, patrono da curul que o autor dêste trabalho ocupa na Academia Sul-rio-grandense de Letras e que só foi ocupada por Alcides Maia — imensa glória gaúcha, o maior literato brasileiro de seu tempo.

———o———

Nomeado, em outubro de 1857, comandante do Exército de Observação, retira-se para o Ibicuí, o Gen. Francisco Felix, ficando guarnecendo a vila um destacamento da guarda nacional, sob o comando do Cap. Tranquilino Augusto Velloso. Ao se retirar deixou, nesta gleba, inúmeras amizades e o nome aureolado por ótima administração que fêz do município. O povo o acompanhou até a uma légua de distância, fora da vila, e a municipalidade lhe dirigiu um ofício de agradecimento pelos relevantes serviços prestados à comuna.

Sua função de administrador foi exercida, anteriormente, até 1847, quando entregou o govêrno a Antonio Jacintho Pereira (Primeiro administrador civil), que pela sua extraordinária operosidade, durante um decênio, muito contribuiu para o progresso desta terra, que, mais tarde, seria a "Rainha da Fronteira".

Em 9 de janeiro de 1857, Antonio Jacintho Pereira passa o govêrno da comuna ao Capitão da Guarda Nacional, Camilo Mércio Pereira que também fêz ótima administração e foi durante o seu govêrno que a vila passou à categoria de cidade.

Posteriormente, foi êle chefe político de real prestígio, general honorário do exército pelos assinalados serviços prestados na guerra do Paraguai e comandante da guarda nacional, no período de 1878 a 1888. Deixou numerosa prole, sendo que, sobrevive ainda, com a avançada idade de 92 anos, sua filha, Dna. Ibraima Mércio Bitencourt, que foi sua secretária.

Com a retirada de Chico Felix o comando da guarnição e fronteira desta vila veio a ser exercido pelo Cel. Cândido José Sanches da Silva Brandão, que comandava a brigada formada pelo 5.º reg. de cav. e 6.º bat. inf., dos quais faziam parte elementos que mais tarde iriam prestar relevantes serviços à pátria, e se cobrir de imorredouras glórias.

Foi destacado para guarnecer a cidade o 5.º regimento de cavalaria, interinamente, comandado pelo Maj. João Manoel Menna Barreto — mais tarde general de grande projeção, morreu por ocasião do assalto às trincheiras de Peribebuí, a 12 de agôsto de 1869 —, que teve a iniciativa, junto ao Cel. Cândido Brandão, de dar início à construção de um quartel para alojar sua unidade, no local atualmente ocupado pelo Hospital Militar do Exército. Comandava o 6.º batalhão de infantaria, Antonio Sampaio, o valente cearense — hoje, patrono da INFANTARIA —, que desempenhou como general notável papel na batalha de Tuiuti, na qual recebeu três ferimentos de bala, vindo por essa causa a falecer, dias após.

A 24 de setembro de 1858, prestou juramento assumindo o cargo de juiz de paz do 1.º distrito, o Cap. Feliciano de Moraes.

Em 1859, assumiu o cargo de coletor o Cap. Bibiano Antonio da Silveira e por decreto de 18 de março, do mesmo ano, foi nomeado juiz munícipal e órfãos, dêste têrmo, o Dr. Hermógenes da Silva Tavares.

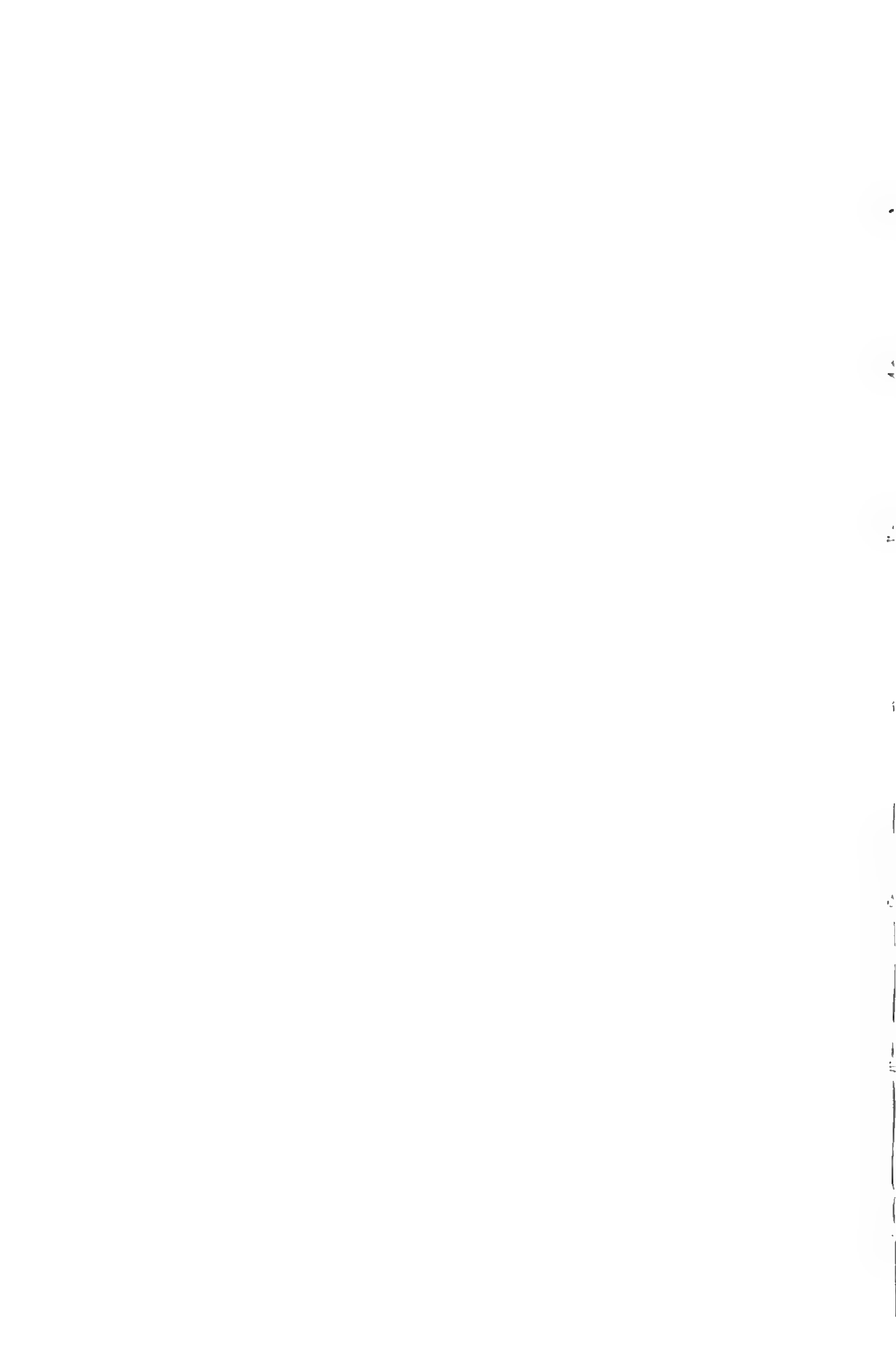
Bagé, nessa época, dava a impressão de MENINA-MOÇA, crescia e enfeitava-se com novas construções, e, dadas as suas possibilidades, chamou a atenção do estrangeiro que indicou o primeiro representante consular que aqui veio em 1858.

Era êle o comerciante Luís Caio Apparício, médico prático, que captou a simpatia dos bagèenses, desempenhando-se na nova missão, para a qual fôra nomeado pelo govêrno uruguaio, com geral agrado.

Contìnuamente ramificando-se a vila, em direção a todos os quadrantes, talvez obedecendo à lei do fatalismo, ainda em 1858, resolvem os vereadores transferir o lugar santo, o "cemitério", para o local onde hoje se acha a praça D. Diogo, em que exatamente nascia o povoado em 1811.

Dirigindo-se ao presidente da província receberam o auxílio de Rs. 3:000$000, para a construção das primeiras catacumbas que foram ocupadas com os despojos do fazendeiro Líbindo Martins, Manoel Zuzarte Pinto, Dna. Ana Carlos, Dr. Antonio Freitas, Antonio Leite, Dna. Vicentina Maciel e Dna. Saturna Rebellos, que ali repousam o sono eterno.

———o———



Capítulo VI

BAGÉ, CIDADE

Bagé vila, crescia alegre e faceira no seu devaneio de moça, passando por graus sucessivos de transição, sem poder fixar limites, quando, insensìvelmente, vê, por lei provincial número 443, que é elevada à categoria de CIDADE, no dia 15 de dezembro de 1859, pelo então presidente, conselheiro Joaquim Fernandes Leão, posteriormente senador por Minas Gerais, seu Estado natal.

Vibrante da mais sã alegria é agora a mulher jovem e bela que, ao despertar de um sonho, olhando em tôrno a si, verifica que já cumpriu a sagrada missão da maternidade.

Recebe a notícia, festeja-a, com reuniões populares, marchas, foguetes, muita música e alguns discursos.

Sua voz se faz ouvir por intermédio de seus filhos.

Gaspar Silveira Martins já havia cursado os bancos acadêmicos de Olinda e de São Paulo e perlustrado a magistratura como juiz de direito na Capital Federal. O Jequitibá desenvolvia-se exuberantemente prenunciando o que foi: o mais vigoroso tribuno brasileiro de todos os tempos, fazendo-se ombrear com Gambetta, na França; e Castelar, na Espanha.

Recordando-se lembra que quando menina lhe falavam em Rafael Pinto Bandeira, a primeira espada brasileira do século XVIII e, quando moça havia se tornado familiar àqueles que mais tarde seriam os NUMES TUTELARES DO EXÉRCITO NACIONAL: Caxias, a alma da nacionalidade, o herói epônimo; Manoel Luís Osório, o empolgante e bravo patrono da cavalaria; Antonio Sampaio, o valente e decidido patrono da infantaria; e, finalmente Emilio Luís Mallet, o destemido e brioso patrono da artilharia.

Com um passado glorioso, a cidade prazerosamente recebia grande afluxo de novos habitantes quando, a 20 de novembro de 1860, de braços abertos acolhe o abalizado médico civil — os anteriores, foram todos militares —, que pela sua atuação de verdadeiro apóstolo da ciência médica, tornou-se benfeitor dos habitantes desta terra em que durante 41 anos de labuta, fêz do sacerdócio, um grande culto à Caridade.

BAGÉ AO DOUTOR PENNA

1825 — 1901

Eis o dístico que se lê, atestando a derradeira homenagem, no monumento cinzelado no bronze existente em nossa linda "Rainha da Fronteira", na Praça General Carlos Teles, com que os bagèenses procuram eternizar a memória do humanitário, Dr. José Francisco de Azevedo Penna.

Portador de primorosas e inexcedíveis qualidades, cada ano que passa, mais aumenta seu valor, no nosso conceito, o que nos leva a traçar em rápida síntese um esbôço biográfico de tão singular personalidade.

Seus méritos, sua atuação nesta localidade, devem ser conhecidos da atual geração de munícipes e dos forasteiros que nos visitam e interpelam: *Quem foi, e o que fêz, o digno apóstolo da ciência médica?*

———o———

Engalanava-se, no dia 28 de março de 1825, na capital do país, — cidade do Rio de Janeiro, o lar do conceituado casal José Francisco Pereira Penna e Dna. Ritta Josephina de Azevedo Penna, com o nascimento de seu filho, o pequeno que iria ser levado à pia batismal para receber o mesmo nome de seu pai e ainda predestinado a ser, mais tarde, no sul do país, venerado como ídolo.

Nos primeiros anos de vida falece-lhe o pai e aos doze anos o mesmo lhe sucede em relação à sua mãe.

Envolto no manto da orfandade, foi o pequeno José Francisco criado por um tio, homem observador que vislumbrou na criança dotes excelentes, e o orientou nos estudos; primeiramente em colégios e depois matricula-o, aos 17 anos de idade, na Academia de Medicina da Côrte, até completar sua maioridade.

O jovem estudante, após diversas palestras com seu ilustrado parente, dispondo de meios pecuniários resolve finalizar seu curso na velha Europa e, em 1844, embarca para Paris, a formosa capital do mundo.

Reencetando ali seus estudos teve como colegas três brasileiros que iriam mais tarde, atingir celebridade: os Drs. Pertence, Betâmio e Pio — inteligentes, estudiosos, brilharam sempre durante a fase acadêmica ao lado de colegas das mais diferentes nacionalidades.

Finda esta e imbuídos de que o homem deve "trabalhar sonhando, porém criar pensando e experimentando", única maneira de dar solidez ao muito pouco que fazemos, no evoluir do tempo, ingressa em cursos de aperfeiçoamentos a fim de enriquecer seus sólidos conhecimentos ao lado de autorizados e sábios professôres.



Rua Sete de Setembro (Vista parcial). — Século passado.



Rua Sete de Setembro (Vista parcial). — Século passado.



Mouros Cristãos

Cavalhadas . . . . .

Não esquecendo a terra natal deixou a atraente França, retornando ao Rio de Janeiro, em 1855, com o propósito de aí permanecer na Côrte, atraído por solicitações de parentes e amigos.

Quis a fatalidade que diversos pontos do país fôssem atingidos pela horrível peste denominada "Cholera Morbus", que fazia inúmeras vítimas. Havendo falta de médicos, no exercício de seu elevado sacerdócio, Azevedo Penna, não vacilou, era um apóstolo da ciência médica, portanto, aceitava como um dever a cumprir o espinhoso e arriscado encargo de atender aos pestilentos, atacados de tão violento mal, subministrando a terapêutica indicada e o confôrto moral de sua presença. Sem fazer alarde, espontâneamente, vai ao govêrno oferecer seus préstimos, de forma gratuita.

Aceito, designam a cidade de Santo Amaro, no Estado da Bahía, onde a morte ceifava espantosamente grande número de vítimas.

Homem de ação, de imediato toma a direção dos hospitais e organiza os respectivos serviços e nesse mister vê tombar diversos colegas, entre êles seu grande amigo e compadre, Dr. Betâmio.

Não vacila, ao contrário, seu zêlo e abnegação exacerbam-se, e inteligentemente dirige o serviço, colhendo seus melhores efeitos até a extinção do tremendo flagelo.

Regressando à Côrte, outra missão lhe estava reservada, indicam-no a debelar o mal que estava assolando a cidade de Magé, na então província do Rio de Janeiro.

O desempenho foi coroado de êxito e o govêrno imperial, resolve condecorá-lo com o oficialato da "Rosa", em reconhecimento ao mérito dêsse abnegado patriota que tantos e reais serviços havia prestado a seus semelhantes e à pátria.

Desnecessário dizer que o Dr. Penna jamais ostentou em praça pública êsse magnífico título ou mesmo referiu-se a essa alta distinção que a muitos poderia envaidecer.

Não mais podendo suportar o clima de sua terra natal, a conselho de colegas, embarca em 1858, com destino à cidade de Rio Grande. Chegado ao solo gaúcho é fraternalmente recebido por seu companheiro de juventude acadêmica, Dr. Pio Silva, que ali residia, e juntos, na mais cordial intimidade, trabalharam durante algum tempo.

Em meados do ano de 1860, o grande médico chegou a esta cidade com enorme livraria, instrumentos cirúrgicos, e vários objetos de uso doméstico, pois que pretendia fixar residência, nesta localidade o que mais tarde tornou resolução definitiva.

Nessa ocasião Bagé era linda cidade, em franco progresso, e, pouco tempo antes, em novembro de 1859, o Dr. Penna havia cá estado atendendo a chamado do Ten.-Cel. José Facundo da Silva Tavares, que necessitava de seus serviços profissionais; a prática de intervenção cirúrgica, nos olhos de uma de suas filhas.

Quando de sua vinda, ao honroso chamado, durante sua estada, cercado de gentilezas, o local muito lhe agradou, e, mais ainda, o médico agradou, o que era natural, em virtude de suas finas qualidades, aos habitantes que manifestaram, por meio de pedidos, inúmeras solicitações, para que viesse aqui se domiciliar.

Começou então, o Dr. Penna, ativamente, as funções de clínico, cirurgião e parteiro, tudo fazendo para dignificar sua augusta missão de bem servir a coletividade nos momentos de aflição, de dor, em que impera a doença.

Em tôda parte, em todos os cantos, surgia a figura simpática e tutelar do médico-apóstolo, ilustrado em sua ciência, fazendo o bem, tanto no palacete do rico, como na mansão do remediado, e, ainda na choupana ou rancho do pobre. "Doutor" foi granjeado prestígio e fama, conquistando o coração da população.

Trabalhador infatigável, temperamento dinâmico, jamais esmoreceu no desempenho de tão nobre função, sendo, mesmo, o único médico da localidade. Atendendo a todos os habitantes da cidade seu renome foi longe e o resultado foi de que da campanha e dos municípios vizinhos, inclusive do Uruguai, vinham pessoas de tôdas as classes para consultá-lo, ansiosos em receber sua prescrição terapêutica para sanar, ou suavizar, seus sofrimentos.

Preocupado com os problemas sociais, com o pensamento volvido para o indigente, foi um dos fundadores do "Hospital de Caridade", o primeiro de iniciativa particular aqui organizado, prestando reais serviços em sua época, 1870.

Deparando-se-lhe inúmeras oportunidades para fazer valer seu trabalho profissional, morreu pobre.

Muitas e muitas vêzes, chegou a sofrer privações que foram eliminadas por seus amigos que, ao descobri-las, colocavam sorrateiramente em seus bolsos envelopes com dinheiro.

Humorìsticamente dizia não ser capaz de *GUARDAR UMA PERA PARA A SÊDE,* seu feitio era o dos que nada exigiam.

Contentava-se com o que lhe davam, havendo sobras distribuía aos pobres.

Portador de qualidades inexcedíveis, educado, franco, prestativo, possuía elevado espírito de classe, dedicando a seus colegas sincera estima, encorajando-os sempre, desconhecendo o germe da rivalidade.

A maneira suave e delicada de dizer as coisas, a justeza de suas opiniões, faziam com que todos os médicos e especialistas que cá chegassem a êle pedir auxílio porque sabiam que sua opinião e seus conselhos eram prèviamente ouvidos e acatados por todos.

Na ampulheta da vida o tempo passa e o Dr. Penna já meio cansado, pela idade e o longo exercício profissional, primeiramente abandonou à obstetrícia, mais tarde a cirurgia, e finalmente só atendia à clínica em seu domicílio.

Era o ídolo dos bagèenses, o povo o adorava.

Cognominado *O PAI DA POBREZA*, êsse justo, êsse homem cuja trajetória no mundo foi fazer o bem, tornou-se alvo da gratidão popular. Vejamos a descrição, na época, segundo Jorge Reis, quando perpetuaram seu nome em uma das ruas desta cidade:

———o———

A 25 de maio de 1883, foram colocados por entre as mais espontâneas e ruidosas manifestações de regozijo, as placas na rua Dr. Penna. O que foi essa imponente festa popular, di-lo a descrição abaixo, da lavra do ilustre advogado major Joaquim Napoleão Epaminondas de Arruda e publicada no periódico "Cruzeiro do Sul", de propriedade do autor destas linhas:

"Foi, por consequência, a 25 do corrente que se levou a efeito a festa que era um acontecimento, que vale por si um ciclo, que quer dizer uma rubrica aberta, no grande livro do tempo, em caracteres, que jamais poderão extinguir-se.

A maior parte de nossos leitores deste centro populoso, conhece a natureza e a origem do festival.

Aqueles, que só dêle podem ter conhecimento por esta folha, — a cronica, a fotografia desta localidade, arteria por onde corre o sangue generoso, por assim dizer — precisam que por nosso orgão cheguem a perfeito conhecimento do fato.

É o que vamos fazer.

A distinta Camara Municipal do passado quatrienio, entre os muitos e assinalados serviços que prestou ao municipio, resolveu em uma de suas sessões, que a rua Monteiro passase a denominar-se "Dr. PENNA".

Raiou finalmente o dia 25.

O tempo acalmara-se e varreram-se do espaço as nuvens que produziram a chuva e mau tempo do dia antecedente.

Na madrugada desse dia uma salva de 20 bombas reais atroou os ares.

A rua Dr. Penna apresentava um aspecto arrebatador.

Flamulas, festões, bandeiras de todas as nacionalidades apresentavam suas dobras graciosas e cruzavam-se simetricamente.

Festões e folhagens tapetavam o solo da mesma rua.

As casas dos diversos consulados estrangeiros ergueram desde cedo os emblemas de suas nacionalidades.

Ao meio dia distribuiram-se esmolas, em avantajada quantia, aos pobres do municipio, no escritório e estabelecimento do "Cruzeiro do Sul".

A's 5,30 horas da tarde a comissão de festejos composta, como já referimos, do nosso colega Jorge Reis e dos srs. Carlos Bulamarque e Luciano Pires Carrico, acompanhada de um grupo imenso de cidadãos, precedidos das bandas de música "União Artista" e militar do

5.º Regimento, ao estrugir de foguetes, começaram a colocação das placas.

No momento de ser colocada a primeira placa nesta rua, o nosso inteligente amigo sr. Carlos Bulamarque, escrivão da Mesa de Rendas Geraes e Provinciaes, orador fluente e oficial honorário, pronunciou um ligeiro mas entusiasmado discurso, patenteando os méritos do ilustre facultativo.

Descendo a massa popular e a comissão pela rua Dr. Penna, parou á praça "Santos Lugares" e depois de iluminada simétricamente a mesma rua, subiu e tomou a rua General Osório e 7 de Setembro, que tambem se achavam iluminadas, gentilmente, ao som de duas bandas de musica, ao clarão de fogos de bengala e ao troar de centenares de foguetes, em direção á casa do dr. Penna, a qual se achava repleta de exmas. sras., achando-se os corredores, calçadas e imediações, atopetados de povo.

A' chegada da numerosa multidão cada vez mais crescente, fez-se silêncio e tomou a palavra o nosso companheiro Jorge Reis, que interpretando os sentimentos da multidão, saudou brilhantemente, em comovido discurso, aquele que era alvo, da festa, sendo imensamente aplaudido e concluindo por levantar um viva ao idolo do povo de Bagé, o dr. Penna, viva que foi delirante e entusiasticamente correspondido. Tomaram a palavra sucessivamente e pronunciaram eloquentes discursos, por vezes interrompidos por prolongados aplausos da multidão, os srs. dr. Antonio Soares da Silva, presidente da Camara Municipal, dr. Boaventura Antonio da Costa, juiz de direito interino da comarca, dr. José Francisco de Freitas, ilustrado advogado do têrmo, capitão Feliciano A. de Moraes, vice-presidente da Camara Municipal, José Augusto Teixeira de Souza, Carolino Corrêa Marques, empregado na emprêsa do "Cruzeiro do Sul", e o menino Granier.

Os festejados poetas srs. capitão Serafim dos Santos Souza, vantajosamente conhecido na Provincia, e Alberto Borges de Soveral recitaram em seguida duas belissimas e arrebatadoras poesias, que ao fim vão publicadas e provocaram os mais significativos bravos.

Pelo sr. Luciano Pires Carrico, inteligente cidadão português, foi logo após lido um longo discurso de sua lavra, e duas interessantes meninas, filhas do sr. Placido Silveira, recitaram com muita graça e perfeição uma linda poesia e um discurso, a que tambem damos inserção no lugar competente.

Comovido ao extremo ante aquela justa homenagem o sr. dr. Penna tomou a palavra e agradeceu, com a modéstia que o caracteriza, aquela prova alta e significativa de apreço e estima pública.

Retirou-se finalmente a multidão, cada vez mais compacta e entusiasmada, da casa do sr. dr. Penna e dirigiu-se aos diversos consulados e ruas, fazendo um grande passeio ou "marche aux flambeaux".

Durante o longo trajeto pela rua 7 de Setembro, em que os vivas se sucediam como chusmas de pirilampos em noites de estio, da casa

do sr. Rocco Cirone, situada naquela rua, soltaram um magnifico balão, que surpreendia e primava pela beleza e iluminação, espargindo brilhantes focos de luz, estando o edificio tambem graciosamente iluminado e onde se liam as palavras "Viva o senhor dr. Penna".

Era imponente o espetáculo que apresentavam essas ruas, quando por ela cruzava a romaria do entusiasmo em suas frenéticas demonstrações de regosijo.

Como grupos imensos de iluminações fantásticas, destacavam-se os fogos de bengala e as luzes projetadas eram como miriades de estrelas a refletirem-se nos páramos azulados.

Eram 9 horas da noite, quando a massa popular, depois de haver transitado, como já dissemos, pelas ruas General Osório e 7 de Setembro, veiu estacar de novo a rua Dr. Penna, próximo ao nosso estabelecimento.

Ali efetuou-se ainda uma larga retreta e terminou, assim, a esplendida festa, a mais grata e simpatica ao grande coração de Bagé, das que entre nós se tem efetuado.

Ao dissolver-se a reunião ouviu-se, como último brado, como se fosse a consubstancia de todo o entusiasmo transbordado nesse periodo festivo e grandemente eloquente, de que nos temos ocupado, ouviu-se, dizemos nós, um unissono viva ao sr. dr. Azevedo Penna.

Ao terminar esta tacanha narração, só temos palavras de louvor para acomissão que se encarregou de angariar os meios para a festa, e para a população, que tão boa vontade demonstrou para esse fim.

É sempre grande e generoso o povo de Bagé".

———o———

Apesar de ser um líder, o Dr. Penna, evitava as posições de mando, a política, e tudo o de que se pudesse obter renome.

Só almejava os bens oriundos de sua profissão, procurando engrandecer, sempre que possível, sua idolatrada pátria.

Não obstante, confirmando o que dizia seu maior amigo, Gaspar Silveira Martins: *"Só os homens de talento podem ser chefes de povos dignos"*, foi durante algum tempo chefe do Partido Liberal, contentando a "gregos e troianos".

Ao deflagrar a Revolução Federalista, o ilustre médico emigrou para o Uruguai, passando uma temporada na estância "Aceguá", de propriedade do Dr. José Francisco de Freitas.

Bastante interessante é um relato de Alípio Telles, trecho de palestra que manteve o Dr. Penna com seu colega Angelo Dourado, quando, nesse local, sito em terra estrangeira, lamentava não ter fôrças, pela idade, para acompanhá-lo, no campo da luta, na marcha dos formidáveis lanceiros de 93.

Angelo Dourado: Lembrando-me da nossa palestra em Bagé, eu disse com ironia amarga, mas não ofensiva: E o talento? Nos dará

armas, agora? Não seria preferivel que êle fôsse um milionario para mandar-nos armas, que nos garantiriam a vitória em embates?

A que me respondeu o Dr. Penna: *Si êle fôsse um milionário, talvez nunca tivesse sido conhecido sinão dos ricos. Demais os ricos não dão a fortuna, como se julga. O pouco que êles dão, julgam mais do que o que os outros dão com a própria vida; o político que julgasse fazer partido a custa do dinheiro, seria pobre no outro dia. Só o talento não se gasta e em todo o tempo é um elemento que não cansa.*

Depois de um pouco de pausa, disse-me o Dr. Penna: *E o Gaspar fez com o talento e com a palavra, para o povo riograndense, e mesmo para o brasileiro, o que Rothschild não faria pelos seus, si gastasse tôda sua fortuna, nem Napoleão com todos os exércitos que a França tem tido. Foi êle que elevou o Rio Grande, foi êle quem acordou o espirito do povo, mesmo daqueles que eram seus adversários.*

———o———

Mais tarde tive de verificar êsse conceito, o mais leal que se tem dito sobre Silveira Martins.

———o———

Retornando à cidade, já com avançada idade, poucos anos lhe restavam de vida.

Em estado civil solteiro dedicou todo o seu tempo, seu trabalho, exclusivamente à carreira profissional que abraçou. Preocupava-lhe ùnicamente o bem coletivo, não teve egoìsticamente, as carícias de uma companheira e não sentiu o prazer de se prolongar, através os filhos, porque seu coração demasiado grande tinha como companheira "a população necessitada"; e, como filhos "as belas ações".

A 12 de maio de 1901, imensa dor se apoderou desta faixa do solo rio-grandense, a cidade cobriu-se de luto. É que a notícia do falecimento do Dr. Penna invadiu a todos os lares, sem distinção de nacionalidade, côr e posição social.

Em todos os cantos o funeral da saudade, a fatalidade, o vácuo, e uma população inteira a relembrar que "Os homens passam como sombras, porém as boas ações permanecem eternamente".

No dia 25 de março de 1902, no salão de honra da Santa Casa de Caridade de Bagé, foi solenemente inaugurado o seu retrato, como preito de justiça a seus méritos.

Passa-se o tempo, seus contemporâneos, amigos e admiradores, resolvem constituir uma comissão composta de destacados elementos do escol social: Comendador Azambuja, Cap. Serafim dos Santos Souza, Vigário Costabile Hipólito, Amado Loureiro de Souza, Dr. Francisco Monteiro Alves e Dr. Candido Bastos, para que em repre-

sentação do povo concretizassem a idéia de perpetuar no bronze a figura ímpar do médico humanitário, cheio de sentimentos altruísticos, que com desvêlo e solicitude a todos atendia.

Numa tarde de domingo, às 17,30 horas, do dia 23 de janeiro de 1910, à praça General Carlos Teles, realizou-se a cerimônia do lançamento da pedra fundamental do monumento a ser erigido, pelo célebre escultor Bernardelli.

Colocaram na urna diversos documentos: A ata, lida pelo Dr. Cândido Tavares Bastos; o discurso oficial, proferido pelo Dr. Manoel Luís Larangeira; uma poesia recitada pelo autor, Cel. Serafim dos Santos Souza e intitulada "Flores de Gratidão"; um número do jornal "O DEVER", um do "COMÉRCIO", um do "VAGALUME", um do "EVOLUÇÃO", e um exemplar da tese defendida pelo benemérito Dr. Penna, em 1855, versando sôbre "Cholera Morbus".

Ainda mais, o Cel. Santos Souza, depositou uma coleção de moedas da época e o Sr. José Gaffrée, uma moeda de prata.

Logo após, o farmacêutico Amado Loureiro de Souza, colocou a urna em um invólucro de zinco e a depositou na escavação adrede preparada. Nessa ocasião, a Sra. Dna. Ana Gaffrée, num gesto elegante, arremessou junto à urna um "bouquet" de "Sempre-Vivas" e outro de "Saudades" e o Vigário Costabile Hipólito, lançou a bênção católica e proferiu ligeira alocução. Compareceram à solenidade as autoridades civis, militares e eclesiásticas, sendo intendente provisório, o Maj. Juvêncio Lemos.

Fizeram-se ouvir as bandas, do Clube Caixeiral e da Sociedade Protetora dos Artistas.

Finalmente, a 12 de maio de 1913, festivamente inaugurou-se o monumento, e hoje, poucos são os que conheceram o magnânimo doutor, mas, a geração passada, nessa simples lembrança: *"Bagé ao Doutor Penna" — 1825 - 1901"*, deixou expressa a gratidão de um povo a um homem que nasceu rico, viveu remediado e morreu pobre, porque, como bem poucos, encarnou a grande virtude de amar a seu semelhante.

———o———

Vencido o ditador Manoel Rosas perdurou ainda o reflexo de sua nefasta política levando, na margem oposta do Rio da Prata, a ascensão ao govêrno oriental novos caudilhos que tenazmente perseguiram aos brasileiros, ali domiciliados, o que fêz com que o Império novamente pegasse em armas na defesa de seus interêsses e extirpasse definitivamente um mal que ameaçava perdurar por muito tempo.

Acumulavam-se os fatos quando, em janeiro de 1858, a revolta dos *Quinteiros* saturou a paciência de Antonio de Souza Neto, levando-o à Côrte para em enérgico relato dos acontecimentos preco-

nizar como medida de represália uma atitude firme do govêrno imperial.

Bagé, que iria ter papel de grande relêvo nessa campanha que se esboçava, continuava sua marcha normal registrando suas realizações: a 20 de fevereiro de 1860, assume o cargo de juiz municipal e de órfãos, o Dr. Tertuliano Ambrosino da Silva Machado, que o exerceu durante oito anos. Na mesma ocasião foi empossado na chefia da coletoria federal, o Sr. Francisco Duarte Carneiro da Costa Gama.

A Câmara de Vereadores nomeia, em 25 de abril, para fiscal de ruas a Miguel Bezerra de Abreu, e, para arruador o agrimensor Guilherme Ahrens, e, a 17 de outubro, resolve mudar os nomes das ruas: do Portão, para 7 de Setembro; do Pinheiro, para 3 de Fevereiro; e, Praça das Trincheiras, para Santos Lugares — hoje, Duque de Caxias, como homenagem, ao símbolo da nacionalidade, prestada em 25 de agôsto de 1903, quando do centenário do seu nascimento.

Divisavam-se os albores de movimentada campanha política; reproduzimos diversas cartas da época, originais de próprios punhos, pertencentes a nosso arquivo particular, a título de esclarecimentos:

D. Pedrito 22 de Abril de 1860.
Am.º e Sr. Te. Corel. José Jacintho Pereira.

Não o convidei p.ª as eleições de nossa Parochia, pelas razões que V. S.ª deve calcular; más sempre tive comvicção que em vistas de nossas relações e de não a ver a menor cauza, V. S.ª não me avia guerriar; hoje porem que as eleições estão bem declaradas, está pois bem sabido oque um partido e outro quer comfio inda mais que V. S.ª contra contra mim e meos companheiros que são os mmos. que erão seos nada fara na eleição.
Sou como sábe seo Patr.º e Am.º Obr.º e Cr.º.

Camilo Mercio Per.ª

———o———

O brilhante intelectual, Dr. Felix Xavier da Cunha, escolheu, para iniciar sua esplêndida carreira de homem público, uma data marcante nos acontecimentos universais, o dia da tomada da Bastilha, em que tornou ciente a seus amigos o desejo a uma cadeira de deputado geral, pelo Partido Liberal. O eminente cidadão era tio-avô do erudito sociólogo bagèense, Dr. Felix Contreiras Rodrigues.

Ilm.º Sr. Antonio Jacintho Pereira Junior.
Porto Alegre, 14 de Julho de 1860.

Presumo que a eleição para Deputados Geraes, na próxima legislatura, se fará por um novo systema, que se acha em discussão no

Parlamento, dando cada um dos dois circulos em que deve ser dividida a Provincia, trez deputados. Se passar a reforma ousarei aspirar um dos trez lugares de Deputado pelo circulo a que pertencer a parochia em que V. S.ª reside e gosa de merecidas sympathias e influencia, pelo que desejava saber de V.ª S.ª com a franquesa própria de seu caracter, se pode honrarme com o seu illustrado voto e valioso apoio. Sem titulos, nem talentos, para tão alto e difficil encargo espero todavia, animado pela firmeza de minhas convicções liberaes, pelo culto que voto ao progresso de meu paiz e pela abnegação pessoal, de que tenho dado provas em minha curta carreira politica, tornar-me digno da confiança de minha Provincia. Com o sincero offerecimento de meo fraquissimo prestimo, queira V.ª S.ª acceitar os protestos de minha estima e consideração.

Se V.ª S.ª
Patr.º Adm.º e Cr.º Obg.º

Felix Xavier da Cunha

———o———

Bagé 27 de Agosto de 1860.

Ilm.º Sr. Ten. Corel. Antonio Jacintho.

. . . .

se porem as minhas observações são pr. elles desprezadas e si elles desprezão tambem as conveniencias do nosso triumpho, ao menos pr. Deos lhe pesso que não escluão da nossa chapa os nomes seguintes: Corel. Ismael, Ant.º Jacintho Per.ª Junior, Jacintho Maxdo., Eleuterio Je. Per.ª, Tranquilino, Pedro Ozorio e Mel. Martins.
Assim teremos ao menos maioria.

Seu Amigo

Manoel Luís Osório (Marquês do Herval)

———o———

Bagé 28 de Agosto de 1860.
Meu Sobrinho e Amigo Tente. Coronel Antonio Jacinto.

Segundo Voça Carta falei com Oz.º e Este esta as voças ordens, para oq terá de Entenderce com Vós, etudo Vaii as mil maravilhas, Da tuas ordens ao Voço
Fiehl Amigo Obr.º

Ismael Soares da Silva

———o———

Tua Caza 31 de Dzbr.º de 1860.

Querido Sobrinho Ant.º Jacinto

apreça não da lugar para mais, Os noços Votante chegão de toda parte acabão de chegar 24, de differentes lugares, Homens que janão contavamos com elles, Ozsor. melhor Vos dirá como vamos. O Major Galvão tem nos feito mt.º Serviço, emfim noços companheiros vão contentes, iosdelles, dis contentes e alguns já nostem feito Serviços. Foi O Diaxo, não serem 50, Ileitores. Oqui e cauza das Devergencias Entre elles. Tudo Quer Ser eleitor.

Dei a Ozor. Catro patacões.

Seu Tio
Ismael Soares da S.ª

———o———

Como vimos, os partidos agiam ativamente; o progresso, o momento evolutivo da coletividade bagèense, exigia que o povo ficasse a par dos fatos políticos e sociais, e, para isso, era necessário que se editasse um jornal.

Inteligente e culto, Isidoro Paulo de Oliveira, polemista vigoroso, a 10 de setembro de 1861, lança em circulação o primeiro jornal bagèense, denominado *"Aurora de Bagé"*.

O novo órgão de publicidade era de pequeno formato e impresso às têrças, quintas e domingos e lido com avidez pela gente grada da cidade. A grande maioria da população, em grupos, ficava a par do noticiário ouvindo com atenção algum ledor entusiasmado.

Com surprêsa geral, sem mesmo mudar de orientação e de proprietário, em 9 de agôsto de 1863, o jornalzinho muda de nome trazendo em seu cabeçalho o pomposo título, em letras gordas: *"O Bagèense"*.

Quem folhear um exemplar do "Aurora de Bagé", a título de curiosidade, lerá: Bagé está de parabéns, pois que, o govêrno espanhol nos distinguiu com a nomeação do Sr. Ramão Galibern, forte comerciante aqui radicado, para exercer o honroso cargo de vice-cônsul de seu país, isto no dia 4 de setembro de 1861.

(Sendo que já havia um representante consular do Uruguai, coube-lhe a primazia como elemento credenciado por um país da velha Europa). Ramão Galibern, foi um valor que muito contribuiu para o progresso desta terra, ainda se encontra numa das tôrres da igreja matriz de São Sebastião, precioso relógio que foi doação sua. Era tio-avô de Benito Galibern, antigo e benquisto funcionário do "Correio do Sul".

Um número, do dia 29 de setembro de 1861, noticiava: Um grupo de abnegados patriotas acaba de fundar a "Sociedade Sete de Setembro", com a finalidade de cultuar o civismo, elegendo presi-

dente da novel entidade o Sr. Cel. Cândido Brandão, comandante da guarnição e fronteira. No mesmo dia 8 de novembro, o mesmo grupo, elegendo o mesmo presidente, fundava a sociedade bailante "Harmonia Bagèense".

No exemplar do dia 7 de julho de 1862, lia-se: "Foi nomeada professôra pública, Dna. Matilde Cirne, e, administrador da Mesa de Rendas, Guilherme de Oliveira Vilas-Bôas, em substituição a Feliciano de Moraes que foi logo a seguir substituído por Antonio Pinto Palmeiro da Fontoura."

Isidoro Paulo de Oliveira veio a falecer em conseqüência de grave ferimento recebido durante o assalto às trincheiras de Curupaiti.

Devido ao material de qualidade inferior empregado na construção da igreja matriz de São Sebastião, a ação do tempo lhe foi por demais causticante, por isso a sua aparência, em 1862, era desoladora e os fiéis resolvem demoli-la para, no mesmo lugar, lançar a 7 de setembro a pedra fundamental do suntuoso templo que é a atual "Casa de Deus".

Muito trabalhou para concretizar êsse objetivo o Padre Lúcio Cândido de Almeida, no que foi generosamente amparado pelo povo. Atendendo a apêlo de elementos religiosos, se constituíram diversas comissões que, colheram os mais satisfatórios resultados no angariar donativos, não só no perímetro urbano como também na campanha do município.

Destacaram-se pelo poderoso auxílio que prestaram ao vigário, em sua nova tarefa, os Srs. Visconde de Cêrro Alegre, Dr. Trigo de Loureiro, Dr. José Francisco de Azevedo Penna e o Cel. Cândido Brandão.

O casal Carlos Silveira, cujos restos mortais repousam na base da tôrre, à direita da entrada, junto aos despojos de seu filho, o grande Gaspar Silveira Martins, concorreu na época com a elevada quantia de Rs. 12:000$000, para as obras iniciadas. Mais tarde contribuíram com avultadas quantias, para serem empregadas em melhoramentos e conservação do prédio, os beneméritos: Cândido Gaffrée — legou a volumosa cifra de Rs. 100:000$000 —, Visconde Ribeiro Magalhães e as Exmas. Sras. Dnas. Florentina Silveira e Ana Gaffrée.

As obras de arquitetura foram confiadas ao provecto Eng. Dr. José Obino e, mais tarde, as de pintura ao insigne artista Sr. Martim Lís.

A capacidade técnica de ambos foi na atualidade consagrada pela opinião autorizada do eminente mestre italiano Dr. Zani, notável autoridade em arte arquitetônica de igrejas, que disse: *"A Matriz de São Sebastião de Bagé, é o mais perfeito templo do Rio Grande do Sul."*

O Dr. Zani veio a esta cidade por iniciativa do Reverendíssimo Bispo da Diocese, Dom Antonio Zatera, e a pedido do Frei Irineu de Guaporé, quando da última remodelação e obras de conservação da histórica igreja.

Decorrido algum tempo os religiosos filiados à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, acharam oportuno que a Santa de que eram fervorosos devotos tivesse o seu altar em capela própria.

Partiu essa idéia do negociante Henrique da Cunha Ribeiro, que muito se empenhou no concretizá-la, encontrando apoio na população, a 4 de abril de 1869, com tôda a solenidade, lançava a colocação da pedra fundamental da atual simpática capela da *Conceição,* sita à Praça Silveira Martins, da qual são grandes benfeitores as Sras. Dnas. Hortência Arêias e Francisca V. Pereira. A imagem de N.ª S.ª da Conceição e a Pedra d'Ara, dessa capela, são prêsas de guerra enviadas de Assunção pelo Cel. Antonio Jacinto Pereira Junior.

Lendo vários números do jornal "União Liberal", da coleção do Major Artur P. Magalhães, extraí os dados seguintes: "Por esforços do provedor Dionisio Silveiro, a 1.º de maio de 1888, concluíram a pintura da capela de N.ª S.ª da Conceição a cargo dos artistas Varela e Manoel Martins.

Os quadros históricos da Paixão foram executados por Filástrio Ferreira Paes, conforme jornal do dia 2-5-1888".

Na abóbada vê-se a imagem do Divino, mandada executar por Emilio Antonio Salis, avô do autor dêste trabalho.

A 13 de outubro de 1862, foi lavrado contrato para a construção do mercado público, sendo iniciado pela parte do lado Oeste.

Ainda, folheando os jornais da época, deparamos com o seguinte: Assumiu o comando da guarnição e fronteira, em 1863, o Brigadeiro Lopo Henrique Botelho e Melo. Pela segunda vez Bagé tem a honra de hospedar a um presidente da província. Chegou a esta cidade, em comêço de 1864, onde permaneceu por três dias, o Dr. João Marcelino de Souza Gonzaga.

Verificou-se que, no ano de 1864, as medidas tomadas pelo imperador D. Pedro II, junto ao govêrno uruguaio, com o objetivo de solucionar as insistentes reclamações de nossos patrícios, foram malogradas.

Não dando resultado os meios suasórios o Império determina que se organize a fôrça militar para a nova campanha, às ordens do Gen. João Propício Mena Barreto, no município de Bagé, nas pontas do arroio Piraí.

Vindo de São Gabriel, o marechal-de-campo, por ocasião nomeado comandante das armas da província, aqui estabelece o seu quartel-general. A seguir surgiram diversos corpos do exército, da arma de infantaria: O 4.º batalhão, comandado pelo Cel. José Joaquim Gonçalves Fontes; o 12.º, comandado pelo Ten.-Cel. Luís Antonio Ferraz; o 2.º, comandado pelo Cap. Manoel da Cunha Wan-

derlei Lins e o 10.º, comandado pelo Ten.-Cel. José Auto da Silva Guimarães.

Êsses batalhões, alguns meses após seu estacionamento nesta cidade e mais o 5.º reg. de cav., aqui sediado, sob o comando do Cel. Cândido Brandão, marcharam para as pontas do Piraí, onde acamparam.

Passou por esta cidade, com o mesmo destino, tendo vindo de Jaguarão, o 3.º batalhão de infantaria, sob o comando do Ten.-Cel. André Alves de Oliveira Bello.

Para ultimar a organização do exército seguiu, no dia 11 de outubro de 1864, para o passo do Acampamento, no Piraí, o Gen. João Propício Mena Barreto, sendo o seu Estado-Maior constituído dos oficiais seguintes: secretário, Manoel Antonio da Cruz Brilhante; deputado do ajudante-general, o Cel. Antonio Peixoto de Azevedo; do quartel-mestre general, major de engenheiros, Carlos Resin F.º; assistente e ajudante-de-ordens, Tens. Joaquim José de Araujo Oliveira Lobo, Francisco Ferreira da Rocha e Alf. Francisco de Assis Trajano de Munezes e Luís José de Miranda.

A tropa se compunha de 5711 homens, com a organização seguinte:

1.ª D. Osório — Bda. de voluntários de Gen. Neto (milicianos);
1.ª Bda. de inf. Sampaio: 1.º, 6.º, 12.º B. I. L.
2.ª Bda. inf. Resin: 3.º e 13.º B. I. L.;
1.ª Bda. Cav.: 2.º, 3.º, 4.º R. C. I.

2.ª D. José Luís — 1.ª Bda. Cav. Andrade Neves: 5.ª e 6.º R. C. G. N.;
2.ª Bda. Cav. Portinho: 3.º R. C. G. N.;
3.ª Bda. Cav. 5.º R. C. G. N.

Essa fôrça, a 25 de novembro de 1864, inicia sua marcha alcançando, a 1.º de dezembro, o S. Luís, na fronteira uruguaia e o atravessa, acampando em terras orientais. Com a saída dêsse exército foi nomeado, em 18 de dezembro, pelo Gen. Conde da Boa Vista, presidente da província, para o comando superior da Guarda Nacional e também para o comando desta fronteira, cargo que exerceu até 18 de fevereiro de 1865, o Cel. Manoel Lucas de Lima, mais tarde, um dos bravos de Curuzú e Curupaiti e general honorário do exército brasileiro.

O resultado da invasão do Uruguai foi o de que o exército imperial vitorioso, "organizado em Bagé", aliado ao valente Gen. Flores

assinou um convênio, em 20 de fevereiro de 1865, no qual empossava o Gen. Flores no poder da república amiga e elevava ao govêrno o *Partido Colorado,* que até hoje mantém, desde então, para conosco a mais sólida e fraternal amizade.

O exército imperial ainda nem bem havia iniciado a campanha de invasão do Uruguai para defender os sagrados interêsses dos brasileiros, domiciliados naquele país, que eram seguidamente vítimas do assassinato, recém-saídos do acampamento inicial do Piraí, já o govêrno do ditador Francisco Solano Lopez, que desde a administração ditatorial de Francia vinha se armando, já se julgando bastante poderoso, trama com o partido Blanco — oriental —, uma aliança e nos declara guerra, a 13 de dezembro de 1864.

O Império Brasileiro não deu importância à nota paraguaia. O fato de que até então mantivera com aquela gente boas relações e de que vários oficiais brasileiros foram instrutores da tropa guarani, levou nosso govêrno a custar a crer na realidade e a manter esperanças em remover o ditador de uma atitude precipitada.

Na época eram difíceis os meios de transporte e de comunicação, por isso só mais tarde veio o Império a saber que no dia 11 de novembro de 1864, por ordem de Solano Lopez, era aprisionado, pouco acima da Assunção o vapor brasileiro *Marquês de Olinda,* que levava a bordo o novo presidente da província de Mato Grosso, Cel. Carneiro de Campos.

Atacou, o Paraguai, com duas colunas de 9200 homens, a província de Mato Grosso, com o fim de desviar as fôrças brasileiras do ataque a Montevidéu e a 27 de dezembro a esquadra paraguaia enfrenta o "Forte de Coimbra" em que o Cel. Porto Carrero resistiu com heroísmo, só se retirando depois de haver consumido o último cartucho.

A 29 de dezembro de 1864, na Colônia de Dourados, Antonio João, homérica figura de patriota, com ampla noção do cumprimento do dever, com apenas 16 homens, relembra o soldado de Pompéia, quando informa a seu comandante em Miranda: *"Sei que morro, mas o meu sangue e dos meus companheiros servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria".*

———o———

CAPÍTULO VII

GUERRA DO PARAGUAI

O Brasil, surpreendido com a declaração de guerra do Paraguai, em 13 de dezembro de 1864, quando se achava em plena invasão do Uruguai, só depois, de 20 de fevereiro de 1865, em que foi elevado ao govêrno daquela república o Gen. Flores e que com êle firmou um tratado de aliança, é que voltou sua atenção aos paraguaios.

Meses depois, em Buenos Aires, a 1.º de maio de 1865, firmou o tratado da TRÍPLICE-ALIANÇA e a 11 de junho do mesmo ano, os soldados do ditador Solano Lopez, invadiam o solo gaúcho, frente à então vila de S. Borja, ao mando de Estigarribia, que visava se encontrar com os orientais do partido Blanco que haviam sido derrotados e destituídos do poder no Uruguai.

Seu primeiro encontro foi com um batalhão ao mando do valoroso Cel. João Manoel Mena Barreto que lhe tolheu os passos, dando tempo a que dois terços da população conseguisse se evadir.

De posse de São Borja, só depois da rapinagem, saque, e tôda a sorte de depredações, é que Estigarribia se retira para o sul, rumo a Uruguaiana, onde a 11 de setembro de 1865, após caírem suas fôrças num bem engendrado cinturão de aço, organizado pelo exército brasileiro, sob o comando de Marques de Souza, Conde de Pôrto Alegre, foi derrotado e expulso de nossa terra.

Realizava-se assim a primeira grande reação do Brasil aos audazes invasores, seus filhos revidavam o ultraje sofrido e num magnífico exemplo de civismo acorriam voluntários, em massa, aos comandos dos corpos em organização militar.

Bagé, resoluta e ardorosa, pegou em armas e marchou em defesa do solo pátrio, contribuindo para o sítio de Uruguaiana, onde seus filhos lutaram denodadamente.

Tiveram a honra de serem os primeiros a enfrentar o inimigo os que se alistaram no 35.º batalhão de voluntários, formado com o efetivo de mais de 200 homens.

O entusiasmo patriótico avassalou a gleba bagèense de tal forma que os próprios estrangeiros mostravam-se satisfeitos em compartilhar nos acontecimentos. A colônia portuguêsa, aqui domiciliada, num elegante gesto de fidalguia, oferta ao batalhão, após solene bênção realizada no dia 7 de setembro de 1865, na igreja matriz de São Sebastião, rica bandeira de sêda bordada a ouro. Formado o batalhão

na Praça Matriz, tendo à frente a oficialidade, ao ser entregue ao Comandante Tranquilino Augusto Velloso, o pavilhão auriverde, pelo juiz de direito, Dr. Ovídio F. Trigo de Loureiro, se ouviu vibrante oração de cunho altamente patriótico, conseguindo o orador com arroubos de eloqüência eletrizar a multidão presente, que fartamente o aplaudiu.

Rumo ao teatro da guerra, no dia 8 de setembro de 1865, deixava esta cidade, o garboso 35.º batalhão de voluntários, aclamado por seus comunícipes, levando a oficialidade seguinte: Comandante, Maj. Tranquilino Augusto Velloso; Caps. Manoel José da Rocha, Manoel Pereira da Silva, Francisco José Ferreira Camboim, e, Francisco Nogueira Angelin; Tens. Isidoro Paulo de Oliveira — ajudante, Antonio dos Santos Martins — quartel-mestre, Silvério Vaz, Ernesto Silveira da Veiga, Antonio Alves Couto, Militão Antonio Mercáo, João Antonio Pereira de Souza; Alf. Luís Gonçalves da Rocha — porta-estandarte —, Filástrio Ferreira Paes, Bento de Souza Mesquita, Francisco José Ferreira Camboim F.º, Pedro Marques Nogueira e João Thomaz Cupertino.

Nessa época exercia o elevado cargo de comandante superior da guarda nacional, nesta zona, apesar de sua avançada idade, o Barão de Cêrro Alegre, sendo chefe de seu Estado-Maior, o Maj. Caetano Gonçalves da Silva, seu incansável auxiliar no organizar considerável contingente de mais de dois mil homens.

Alguns documentos, de então, originais, pertencentes ao nosso arquivo particular.

Illmo.º Snr. Major Vasco José Farinha
Comte. do Corpo n. 32.

De ordem do Exm.º Snr. Cel. Comte. Superior datada de hoje cumpre q V.S. com a maior urjencia chame a Serviço toda a G.ª Nal. do Corpo de seu comd.º e da rezerva bem como todos os cidadõens aptos para ou serviço sem excepção alguma para ou q estará V.S. de emteligencia com ou Comte. 15.ª Seção Bam. Capm. Felisberto Ignacio Barcellos a quem se expede aspercizas ordens como verá do off.º q vai a sello votante ou q. serará e fara siguir a seu distino devendo V.S. chamar ao concurso da reunião a todos os offes. avulços q. rezidão na jurisdição do seu Comd.º devendo V.S. achar-ce no dia 10 do mez emtrante no paço do Pirahy Grde. ponto de todas areuniõens deste Comd.º outrosim como se ourganiza nesta Cidade hum Bam. convem e levar ao maior numero para q V.S. maiz huma vez prestara seu zello para melhor exito não só nareunião do Corpo de seu Comd.º como tambem nareunião das praçaz q. outra servirão no Exct.º e pertencerão a arma da Infantaria.

Tendo se prestado ou Tente. Cel. Antonio Jact.º Pereira Junior para coadjuvar na reunião ou mesmo e Exm.º Snr. Cel. Comte. Superior aothorizou para de emteligencia com V. S. ou coadejuvar nas reunioenz q. V. S.ª tem a fazer.

Ds. Ge. a V. S.ª

Qel. em Bajé 27 de junho de 1865.

Caetano Glz. da Silva
Chefe do Esd.º Maior.

———o———

Illm.º Snr. Tente. Cel. Antonio Jact.º Pereira Junior.

Junto remeto por copia hum offc.ª derigido pello Snr. Chefe do Estado maior em q. meotoriza por ordem do Exm.º Snr. Cel. Comte. Superior para reunião do Corpo do meu imterino Comd.º e da rezerva constando me q. vai projudicar o comprimento das ordenz do mesmo Exm.º Snr. Cel. Comte. Superior nesce sintido comonico a V. S.ª q. tenho espedido as minhas ordenz para a reunião de q. estou otorizado fazendo-lhe siente q. se mefor precizo a coadejuvação de V. S.ª para ou comprimento destaz ordenz não menegarei pedir.

D. Goarde a V. S.ª

Quartel do Comd.º Emterino do Corpo 32 em Tacoarimbo.
30 de Julho de 1865.

Vasco José Farinha.
Major.

———o———

Illm.º Snr. Tente. Corl.
Antonio Jacinto Perr.ª Junior

Participo a V. S. que no comprimento das Ordens que Se Servio Transmetir-me para reunir no meu Quarteirão todos os cidadãos aptos para o Serviço da campanha tanto do Serviço ativo como da rezerva passei a fazer os avizos p.ª o dia designado Quando hoje aqui se aprezentou o Sargento Gravanes com uma partida com devizas coloradas e depois de virem direito aminha Caza e desparando tiros emtimoume ordem do Senr.º Major Farinha para o a companhar e dizendo lhe eu qui estava comprindo ordens de V. S.ª a. respondeume que digo Aprezentoume o oficio do Snr.º Major Farinha que o autourizava para Prender Atodos que não o acompanhacem embora avizados de ordem de V. S. opusme em o acompanhar em timoume ordem de prizão em nome do Exm.º Senr.º Barão do Cerro Alegre respondilhe que estava prezo mais que não o a companhava e pro-

ceguia a dar comprimento as que recibi de V.S. pello que passo a dar parte de semelhante ocorencia para deliberar o que for de justiça.

Ds. Ge. a V.S. Inspetoria do 5.º Qm. do 3.º destrito
2 de Agosto de 1865.

Matheus Maxado da Silveira
Inspector do 5.º Qm. do 3.º Destr.º.

———o———

Quase paralelamente à organização do 35.ª batalhão de voluntários, imbuídos do mesmo entusiasmo patriótico, diversos outros corpos se foram formando.

Povo brioso, possuindo elevado espírito de brasilidade, o povo bagèense, em sua totalidade — *7000 homens, a décima parte do que deu o Império, à tríplice-aliança* —, contribuiu para castigar o estrangeiro audaz que pretendeu conquistar o nosso solo.

Era tal a abnegação e civismo que o 12.º corpo provisório de cavalaria, sob o comando de Ten.-Cel. Antero Rodrigues Soares, foi constituído em sua maioria por distintos rapazes, fazendeiros e capitalistas, que tudo abandonaram, oferecendo suas vidas em defesa da dignidade pátria.

Constituído de efetivo superior a duzentos homens, êsse luzido batalhão — *gaúchos de chiripá, diz a tradição* —, desfilou pelas ruas da cidade, indo acampar no Passo das Pedras, donde partiu no mês de agôsto de 1866, com ordem de se incorporar ao 2.º corpo de exército.

Eis os nomes dos conspícuos patriotas que integravam o quadro de oficiais: Comandante, Ten.-Cel. Antero Rodrigues Soares; Maj.-Fiscal, Faustino João Corrêa; Cap. José Corrêa da Silva Borba, Boaventura Gonçalves da Silva, Militão Gularte Pinto, João José Amado e Serafim Antonio Tarouco; Tens. Maximiano José Corrêa, Inácio Alves Pereira, José Jacinto Fagundes, Bernardino José Vaz, Manoel José Amado e José Manoel Goularte; quartel-mestre, Alf. Antonio Joaquim da Silveira, José Vicente Corrêa, Noé José Machado, Leonel José Corrêa, José Jacinto Pereira, José Luís da Costa F.º, secretário Antonio Soares da Silva e Antonio Rodrigues Soares, porta-estandarte.

Também seguiu para o teatro da guerra, o contingente da guarda nacional, sob o comando do glorioso Ten.-Cel. Camilo Mércio Pereira, tendo como Maj.-Fiscal, Frederico Gonçalves Jardim — dois guapos gaúchos, já experimentados na revolução farroupilha —, levando diversos bagèenses.

Anteriormente Camilo Mércio Pereira havia saído de D. Pedrito para a campanha do Uruguai, para combater junto ao exército do

Barão de São Gabriel, ocasião em que o colheu a guerra da tríplice-aliança. Sem vacilar, daquele país, seguiu para o Paraguai, onde o esperavam importantes acontecimentos.

Filho do imortal chefe dos centauros de 35, correndo-lhe nas veias precioso sangue, Caetano Gonçalves da Silva, chefe do Estado-Maior do Barão de Cêrro Alegre, após afanoso trabalho na organização de vários corpos da guarda nacional, a 22 de setembro de 1865, desligava-se da função que exercia e acompanhado de um grupo de vinte amigos, entre êles, os seguintes: Israel de Lemos Pinto, Areço Machado da Silveira, Procópio Gomes de Melo e Manoel Jorge da Silva, seguiu para Uruguaiana, com destino ao 1.º corpo de exército, comandado pelo Gen. Osório.

Chegado a essa localidade, onde foi recebido prazerosamente e sua ação muito elogiada pela totalidade dos chefes, Caetano Gonçalves, teve ordem de, com seus cavalarianos, se incorporar à brigada ligeira de Neto.

O destino o levou a combater ao lado do velho amigo e companheiro de seu inolvidável pai, o célebre Antonio de Souza Neto, em defesa de uma pátria unida; que, de todos os seus quadrantes, fraternalmente, acorreram os filhos para galhardamente defendê-la. Valente e destemido, Caetano, foi um lutador de escol; tomando parte em vários combates se destacou por sua ação enérgica e decidida, quando seu concurso se fêz necessário.

Os acontecimentos agitavam a vida de Bagé de tal maneira que a transformaram em verdadeira *PRAÇA DE GUERRA.*

Intenso era o movimento de fôrças e de dignatários do Império. A guarnição desta cidade e fronteira, foi alvo de muita atenção, durante os cinco anos de luta, pelas autoridades responsáveis, de então, que determinaram a formação de um batalhão de reserva, comandado pelo Maj. João Antonio Cirne e de um corpo de cavalaria (provisório) sob o comando do Ten.-Cel. José Facundo da Silva Tavares, que cumpriram, com brilho, a finalidade que lhes destinaram, prestando reais serviços no manter o respeito e a ordem.

Honrava a nossa gleba, com sua presença, a 22 de setembro de 1865, o Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, ministro e secretário de Estado dos negócios da guerra, sendo acolhido com simpatia geral e especial atenção dos poderes públicos que o hospedaram na Câmara Municipal.

Ainda não finalizados os efeitos das manifestações a S. Excia., o Ministro da Guerra, apenas despencados do cromo três papèizinhos indicando a passagem de igual número de dias, com procedência de Uruguaiana, sendo alvo dos mais calorosos aplausos e das mais elevadas distinções, chegou a esta localidade o Imperador D. Pedro II, acompanhado de brilhantes e destacados elementos que constituíam sua comitiva.

Junto ao velho monarca vieram seus genros, o Conde d'Eu — marechal-de-campo —; o Duque de Saxe — almirante —; e seus ajudantes-de-campo, generais: Marquês de Caxias, Francisco José Calmon da Silva Cabral e Henrique de Beaurepaire Rohan.

Curta foi a demora de S. M. I. na "Rainha da Fronteira", mas o prazer que proporcionou aos filhos desta terra, dando oportunidade em acolher tão grande vulto, foi tamanho que até nossos dias encontramos quem comente essa ocorrência.

Bagé enfeitou suas ruas largas — feitas como para poder virar, com facilidade uma carrêta com seis juntas de bois —, e ao som de boa fanfarra, seus habitantes ovacionaram ao respeitável e sábio monarca, mostrando com alegres fisionomias o quanto admiravam a quem tinha a glória de ser seu soberano.

D. Pedro II foi hospedado na residência do ilustre casal, Carlos Silveira Martins — Dna. Maria Martins, pais de Gaspar, em prédio sito a rua 3 de fevereiro, hoje, pertencente à sucessão de Idalino Campos da Luz —, afirma a tradição, através da autorizada palavra de Rodolfo Moglia.

Apesar de rápida visita, estadia de 15 dias, nesta cidade, S. M. fêz diversas visitas aos estabelecimentos de maior importância, colégios, etc. e aos corpos da guarnição, rumando a seguir para a cidade de Jaguarão.

Com o fim de evitar tôda e qualquer surprêsa — por parte dos orientais do partido blanco —, resolve o comandante da praça, em fevereiro de 1866, revestir a cidade de fortificações provisórias, executadas sob a orientação do capitão de engenheiros, Antonio Pereira Salgado.

Retornado do teatro da luta, em que fôra com o 35.º de voluntários, Francisco Ferreira Camboim F.º, associado a Luís Gonzaga Pereira, fundou o jornal bi-semanal, de cunho apolítico, denominado *Astréa,* que teve ótima acolhida, dado o critério e orientação que lhe imprimiram seus inteligentes redatores.

Nessa época, coberto de glórias, mas doente, tornava à pátria, o bravo Gen. Osório, para tratar de sua saúde abalada.

Logo ao chegar, à sua querida província de S. Pedro, recebeu o ínclito gaúcho, patriótica mensagem de felicitações da Câmara Municipal de Bagé, que funcionava sob a presidência do advogado Bernardino Silveira da Rosa, mais conhecido por Bernardino Bambá, em 18 de agôsto de 1866.

As felicitações do povo bagèense sintetizavam-se num hino em louvor àquele que vinha aureolado pelos galardões conquistados, à frente do *Exército Brasileiro,* na sangrenta luta sustentada contra um povo imbuído de misticismo que lhe inculcou um ditador que sonhara dominar o sul da América.

Felizmente Osório de pronto se restabeleceu e a Nação, precizando ainda de seus bons serviços, lhe dá a incumbência de criar o



(1) General Osório (Marquês do Herval); (2) Tte.-Cel Antônio Jacinto Pereira Júnior; (3) Cap. Manuel Jacinto Osório; (4) Alferes João Carlos da Rocha Osório; (5) Tte. Manuel da Rocha Osório; (6) Tte. Francisco Torres Osório. Dedicado a Benjamim Jacinto Pereira por sua mãe amiga em sinal de vivas saudades.
Felisbina da Poza Jacinto.



3.º corpo de exército, à frente do qual no terreno da luta continuou seu destino de ser o bravo entre os bravos.

Continuava com intensidade o movimento de fôrças, o 35.º corpo provisório de cavalaria, sob o comando do Ten.-Cel. José de Castro Antiqueira, acampou no Passo das Pedras, onde também acampou vindo de D. Pedrito o 32.º corpo de cavalaria, às ordens do Ten.-Cel. Vasco José Farinha e por aqui passou vindo de Cruz Alta, o esquadrão comandado por Policarpo Vidal de Almeida Pilar.

O Barão do Herval com procedência de Pelotas, a 27 de janeiro de 1867, ainda em período de ultimação da formação do 3.º exército, à frente de alguns batalhões às margens do arroio Quebraxinho, onde teve curta demora.

Como elementos componentes de seu Estado-Maior, Osório trazia o Ten. Manoel Jacinto Osório e o Alf. Francisco de Assis Trajano Menezes.

O 3.º exército aqui recebeu do comandante desta guarnição e fronteira, Barão de Cêrro Alegre, valiosa colaboração; foram-lhe incorporados vários corpos de cavalaria, o 32.º, comandado por Vasco José Farinha; o 16.º, comandado por seu primo e maior amigo, Ten.-Cel. Antonio Jacinto Pereira Jr., a quem o ligava fortes laços de parentesco e de fraternal amizade — depositando-lhe absoluta confiança o nomeou seu procurador para atender os seus interêsses particulares —; e o 19.º voluntários de Bagé, criado exclusivamente pelo Ten.-Cel. João Nunes da Silva Tavares *(Joca)* e cuja oficialidade era a seguinte:

Comandante: João Nunes da Silva Tavares.

Maj.-Fiscal: Leonardo José Collares.

Capitães: Joaquim Nunes Garcia, João Ferreira S.º, João Anacleto Leite, José Bernardo Alves, Manoel Hipólito Pereira e Cândido Xavier Azambuja.

Tenentes: José de Oliveira Moura, Silvério Marques Pedroso, Vasco Xavier de Carvalho, Manoel Marques de Souza, Dionísio Pereira da Costa, Aureliano Ibipuitãn de Freitas, ajudante José Bonifácio Nunes Vieira, quartel-mestre Antonio Joaquim de Oliveira Bastos.

Alferes: José Maria da Silva Junior, secretário; Francisco de Paula Torres, Manoel Mendes, Mariano Cassão, Esequiel José Rodrigues, Bernardino de Oliveira Castro, Gabriel Pereira Leite, Libindo Martins, João Pedro Nunes, Claudino Pereira Leite e Luís dos Santos; os dois últimos eram porta-estandartes e finalmente como elemento do 19.º fazia parte José Francisco Lacerda, o célebre *Chico Diabo.*

———o———

Não obstante a contribuição de grande número de seus filhos para a Campanha do Paraguai, a cidade se desenvolvia em pleno pe-

ríodo de guerra. As tropas militares que por aqui passaram, por conveniência de serviço e motivos imperiosos arrastaram a muitos que fixaram residência em nossa gleba.

Bagé experimentou nesse tempo o que sói acontecer a tôda coletividade, muito naturalmente, teve seus momentos de dor, ansiedade e de alegria.

Por todos os cantos arrostando vicissitudes fervilhavam boatos, corriam notícias envolvendo tôda a gama de parentesco e amizade; pais, maridos, filhos, noivos, tios, sobrinhos, afilhados e amigos ausentes que se cobriam de glórias e heróis que tombavam em defesa da Mãe-Pátria.

Atestando nossa afirmativa através magnífica série de documentos originais, de nosso arquivo particular, iremos ver como agiam e pensavam os que viveram naquela época.

São atestados do que se passava no rigor da luta e nesta cidade, assinados pelo legendário Osório, pelo bravo Joca Tavares, pelos valentes Antonio Jacinto Pereira Jr., Caetano Gonçalves da Silva, Camilo Mércio Pereira, Cândido Azambuja, Antonio Nunes Garcia e vários outros valores.

Illm.º e Exm.º Snr. Barão de Serro Alegre.
Amg.º e Snr.º

Recebi hontem a sua carta de 21 do passado, em que me annuncia a vinda da escolta q vae mandar como reforço ao Joca, o que mt.º estimo.

Sai hontem de Alegrete, porem um forte temporal veio-nos talvez fazer parar por 4 dias ou 5, porque já os arroios estavão cheios e agora recrescem tendo-nos estas chuvas estragado as cavalhadas.

Ainda continuo a sofrer algumas deserções, principalmente nos contingentes novamente chegados das imediações de Porto Alegre.

O General Flores escreveo-me a 13 do passado, protestando cada vez mais pelas suas boas relações com o Brasil, e diz-me que nada receia no seu Paiz pela tranquilidade publica.

Por ahi passará creio eu o Juca Ourives, ou qualquer outra reunião q. V. Excia. terá a bondade de indicar-lhes a marcha com direcção a Alegrete, onde fica um deposito de artigos bellicos para os prover, e o q. ali não acharem terão em São Borja.

No Livramento ficou Commandando a Guarnição o Major Alexandre do Nascimento Frazão, em Alegrete o Major Venancio José Pereira, na Uruguayana o Ten.-Cel. Feliciano Ribeiro de Almeida, e em São Borja ainda não sei quem ficará, pois penso levar o Coronel Nobrega com a sua brigada.

Os nossos partidos politicos em Alegrete estão mais extremados do que em parte alguma da Provincia, porem felizmente todos os

lados concorrem para a desafronta da Patria, no que se distinguem das de lá de dentro q se oppoem a reunião.

Snr. Barão só a minha paciencia pode fazer-me supportar tantos desafôros, e ainda marchando!...

Hontem recebi ordens do nosso Governo para abreviar as marchas e operações, quando ainda os meus recrutas não derão um tiro de exercicio, e quando o trem de guerra é arrastado em pesadas carretas para a Costa do Uruguay!

Entretanto outros generaes mais habeis, com um grande exercito e recursos a mão não podem avançar! E nem ao menos mudar a base de operações. Em fim veremos q que dá a sorte, e é preciso soffrer o q não se pode remediar, exforçando-nos sempre pela nossa dignidade nacional.

Dê-me noticias do cel. David, e se elle pode arrancar do formigueiro de Piratiny e Canguçu alguma gente.

Esquecia-me dizer-lhe que os elementos desprendidos, pelo Governo do Estado Argentino contra os revoltosos, diz-me o General Flores, que não lhes deixa esperanças de triumpharem, novamente depois da derrota de Felippe Sá por Paunero.

Os jornaes do Prata confirmarão a noticia de ser Urquiza contrario á revolução.

Por agora não vejo quem possa ser cabeça de uma revolução no Estado Oriental, e V. Excia. conhece todos os chefes.

Pedi ao Governo da Provincia para authorizar a V. Excia., a fazer todas as despesas necessárias com os meios de marcharem providas de tudo as reuniões q por ahi passarem.

Peço-lhe q manda a inclusa á sua parenta para q saiba q ainda estou vivo.

Seu Amg.º e Cam.º

Barão do Herval

———o———

Ilm.º e Exm.º Sr. Barão de Serro Alegre
Quahy Grande em Corrientes 3 de Abril de 67.

Hontem ao pôr do sol recebi a sua carta de 24 do p. p. que respondo hoje ao acampar felicitando-me muito pela sua saude e socego desse lugar e fronteiras.

Não vejo o Joca ha dez dias porque deixei-o com a sua Brigada no Ibicuhy recebendo cavalhada e só hoje provavelmente passou o Uruguay em Itaquy onde passou o exercito á 25 do passado por ser ali o rio estreito e haverem muitas embarcações.

Apesar de estar deste lado têm-me ainda desertado 30 homens.

A Brigada do Fernandes com 600 homens deve estar passando em S. Borja e ali passarão tambem os 4 contingentes da Cruz Alta e 3 daquella fronteira.

O corpo policial há mais de cinco dias que lhe mandei ordem para acampar fora de São Borja até que a peste que me constou consumia-o haja declinado.

Proximo de Alegrete apanhou elle muita chuva o que supponho lhe seria de utilidade e por um official que d'ali veio sube que havia melhorado o estado sanitario daquelle corpo.

O Sr. Caxias escreveu-me em 20 de Março e mandou-me alguns officiaes e um batalhão que estava com o Portinho, bem como artilheiros. Não havia até essa data novidade no exercito. O ministro americano em Assumpção (Wasburn) *esteve com o Sr. Caxias.*

Veio até o acampamento no carro do Lopes á titulo de receber uma correspondencia; mas suppõe-se que viesse antes á observação em conveniença de Lopes. Disse que este não poderia sustentar-se por mais de dois meses e que não estava fora fosse urgido retirar-se do paiz se o requisitasse a paz. Eu, porem creio isso uma patranha, ou pretenção de nos fazer dormir, ou então ganhar tempo a ver o resultado da revolução Argentina porque se esta podesse triumphar o exercito brasileiro não poderia permanecer no Paraguay nem proseguir nas operações.

O Ten.-Cel. Y *e o* X *afrouxarão vergonhosamente e pelo que parece descobre-se a causa das deserções na Brigada pelos seus procedimentos. Devem dar volta de Itaquy e creio que V.S.ª, não deve contar com elles para coisa séria. Os corpos vão ser augmentados e melhor commandados do que por elles. Penso pôr o Belisario, filho do Fernandes em um, e o Oliverio no outro.*

O velho Canabarro que estava pronto a marchar ainda que mal de saude, teve ha poucos dias um ataque que o levou ao chão e até 24 de Março pouca esperança dava de sobreviver.

Ficou commandando aquella fronteira o coronel João Francisco Menna Barreto.

De Entre-Rios e Corrientes nada sei de novo. Até poucos dias estava tudo em paz. Creio mesmo que a minha passagem tão pronta em Itaquy não foi um mal.

Fico cuidadoso por minha Familia á vista das noticias temiveis que da Capital tive em referencia ao cholera.

Não deixei um homem em casa. Queira Deos que a sua Parenta tome o expediente de retirar-se para alguma fasenda longe da estrada.

Pelo mesmo proprio que hontem aqui chegou mando a sua carta ao Joca.

Sou De V. Excia. Camarada e amg.º

Barão do Herval

A sua 2.ª remesa de gente ainda não chegou.

———o———

Acampamento em marcha na Provincia de Corrientes junto ao Itaquá, 17 de Abril de 1867.

Meu presado e respeitavel pai.

Estou de posse de sua apreciavel carta datada de 3 do corr. e, estimando saber que todos de nossa familia gosavão saude. No dia 15 chegou a este ponto o Capitão Simões que conduziu o contingente vindo dahi. Fez-se entrega dos substitutos aos respectivos corpos, e o mais ficarão no Corpo de Voluntarios; devolvendo o General, por incapases quatro dos substitutos. O Exercito está organisado da maneira seguinte:

1.ª Divisão — *Commandante o Brigadeiro Victorino José Carneiro Monteiro, Composta das, 2.ª e 5.ª Brigadas, aquella Commandada pelo Cel. Hilario Pereira Fórtes e a 5.ª o Tenente Coronel Severino Ribeiro: á 2.ª Brigada tem dous corpos e 5.ª trez corpos.*

2.ª Divisão — *Commandante interino o Coronel Antonio Fernandes Lima, Compõe-se das Brigadas 1.ª e 3.ª, e 4.ª, a 1.ª sob meu commando, 3.ª Tenente Coronel Zezefredo Coelho de Mesquita e a 4.ª o Coronel Tristão de Araujo Nobrega, a Brigada de meu commando Compõe-se dos Corpos* "Voluntarios de Bagé" *e 18.º Provisorio ao mando do Tenente Coronel Isaias Ant.º Alves; este Corpo é formado do "Policial de Porto Alegre" e um Contingente reunido pelo mesmo Isaias.*

Não fasem parte da organisação das divisões, o 1.º Bm. de Infanteria, a Bateria provizoria de Artilharia e 1.º Corpo de G. Nacional de Cruz Alta commandado pelo Jango Vidal.

O Exercito está com quatro mil homens, termo maximo; e das reuniões que se procedem no Estado Oriental e em nossa Provincia pouco mais adiantará. Na Divisão "Portinho" já existe alguma infanteria vinda do 1.º Corpo de Exercito e tambem deve lá achar-se o Bm. 48.º de G. Nacionaes de São Borja, Creio que nossa demora aqui será pouca e que breve marcharemos, Senti bastante a noticia que me dá sobre o Moura e admirou-me que sendo elle um official pratico, se deixasse sofrer da fórma que me explica em sua carta.

Estamos bastante longe deste ponto e assim está dificultosa a remessa de qualquer contingente dahi; em vista disto sou de opinião que qualquer desertor que seja prêso, delle se faça reméssa á guarnição do Rio Grande, pois com 97 que mos tem mandado é numero bastante suficiente para provar o quanto nos tem ajudado. Senti saber

que não tem Passado bem de saúde, e desejo que j'a esteja restabelecido.

O General continua a dispensar-nos sempre consideração, e nós fasemos por merece-la.

Me recomende a toda familia.
De Vmce., Filho Obediente
João N. Silva Tav.^es

———o———

Illm.º e Exm.º Snr. Barão de Cerro Allegre
Acampamento em Itaquá — Abril 17 de 1867.

Meu respeitavel am.º e snr. acuso haver recebido, a p.ª mim mt.º, importante carta de V. Excia. a ql. encheu-me de prazer pr. vêr q. V. Excia. se não esquece d qm. o aprecia. e reconhece o merito, e q tambem o não esquece. do q. vai dando provas. Na passagem do Uruguai dei, e fiz dar, pello eroico Corpo d Coluntarios de Bagé um viva a um dos primeiros Patriotas do Municipio de Bagé O Barão de Cerro Alegre, e na do Paraná pertendo repeti-lo digo si as mtas. ballas dos paraguais me não fizerem emmudecer o q julgo não o permitira Deus, nem a prezença do Bravo Ozorio.

Pela parte q me toca não tenho espreções com q agradecer a V. Excia. o bello contingente q d'ahi enviounos p.ª reforçar o Exercito do ql. faz parte qm. he.

D. V. Excia. Amg.º e mt.º Og.º Crd.º

Candido Azambuja

———o———

Acampamento em Corrientes junto ao Itaquá 24 de Abril de 1867.
Meu respeitavel pai e Sr.

Muito desejo a conservação de sua preciosa saúde a par de toda nossa familia.

Ha bôa opportunidade e por isso aproveito, adiantodo-lhe o que tenho exacto conhecimento.

O Exercito ainda continua neste lugar, epresentemente não temos ordem de marcha, conta com um total de quatro mil e dusentos homens, e sua organisação é a mesma que já lhe communiquei, devendo-se notar que naquelle numero é incluido toda a força como transporte, hospital e etc. etc. Aqui chegou o Xico de Mattos com cincoenta e quatro homens, e essa força o General em chefe tendo em vista ser dessa fronteira mandou-a encorporar a meu corpo, com ella tambem foi encorporado um Tenente que veio com o referido contingente.

Com esse contingente, e com a inclusão do ex 32.º, é o meu corpo um dos maiores do Exercito e marcha com 856 praças. É esperado nestes poucos dias um contingente de cima da serra, dos Tenentes Coronel Pereira, e do velho Mello brabo, que calcula-se em dusentos e tantos homens; é de supór que depois da chegada dessa força se marche.

O Capitão Lucas de Sousa foi promovido em comissão ao posto de Major, e continua a commandar o Corpo de Voluntarios, com o qual estamos bastante satisfeitos.

Envio-lhe as escusas juntas, que não forão pelo Capitão Simões, visto que depois da sahida delle é que o Ajudante General m'as enviou, e Vmce. dará o destino conviniente.

Recomende-me atoda anossa familia.

De, Vmce. Filho Obediente e Amg.º

João Nunes Silva T.º.

———o———

Paraná no Itaty 12 de julho de 1867.

Meu Am.º Tente Antonio Nunes Garcia.

Hoje deverá embarcar a infantaria e amanhã a cavalaria para operarmos contra os pseudos Paraguaios, estamos ouvindo o ribombo dos canhões no Passo da Pétria, creio seja p.º chamar attenção do inimigo p.º se effetuar nossa passagem pela retaguarda delles.

He sómente a noticia q. o pouco tempo a dispôr m. permitte dar-lhe.

Junto seus papeis q. não vão como éra sua e minha vontade, cuja razão só com nossa vista lhe direi.

Saudes, aos nossos Amg.º e aqui no corpo 16 aguarda suas ordens o seu.

Am.º e Companheiro.

Antonio Jacintho Pereira Jor.

———o———

A campamento em Peyu-cué 14 de Novembro de 1867.

Meu respeitavel pai e Snr.

Pela minha ultima carta que dirigi ao Facundo Vmce. já deve estar orientado de nossas ultimas operações; e do compléto triumpho obtido por nossas armas na batalha de 3 do corrente, quando o inimigo n'um dos momentos de desespero levou o atáque as nossas fortificações em Tujuty; verificou-se ter-se dado sepultura á dous mil e tresentos de seus cadaveres: e tambem ficarão em nosso poder dusentos e tantos prisioneiros. O Marechal Argollo seguio para Tagy

com mais infanteria e artilharia a fim de reforçar aquelle importante ponto; e de se pôr á tésta da forças ali estacionádas.

Por ahi desconfia-se, que Lopes léve atáque as nossas trincheiras ali construidas, e para o que já se tem tomado todas as providencias.

Junto achará Vmce. dous depoimentos, um de dous officiaes passádos para o Esquadrão, e o outro d'um soldado que se passou hontem; são importantes esses documentos e Vmce. deve vér a situação critica e desesperadora de Lopes. Agóra há todas as esperanças de bréve ser termo a luta, que tão funesta tem sido para nós, oxalá que a Providencia corresponda á nossos desejos.

Estou de pósse de sua carta, daqual foi portador o Majór Cabrát, por ella tive certeza de sua saúde e de nossa familia; tambem estou sciente da carta que dirigio ao Barão do Herval; elle dice-me q. á tinha recebido: e que lhe asseverasse que logo que as cousas tenha o desejado fim, empregará todos os meios á seu alcance afim de sastifazer o seu pedido. A presente vai endereçada ao Garrastasú, por entermedio do General Henrique Castro. O Estado sanitario do exercito é satisfactorio, com tudo tem aparecido alguns casos do cholera; delle foi victima á 2 dias o Tenente Coronel Manoel José de Alencastro quartel mestre general deste corpo d'exercito.

Vmce. Não secanse en escrever ao Snr. Visconde pois elle não tem dado uma prova por quem quer que seja, de am.º de Vmce. para commigo, eu pouco me emporto tambem com elle; não tinha tenção de lhe falar nisto visto, porem como me dis tem lhe escrito poriso que lheparticipo do comportamento que tem tido.

Pello Ventura Noronha então escreverei que deve sahir d'aqui avinte segundo medizem, então escreveri atodos.

Muitas saudades aMinha May e atoda nossa familia e sua.
De Vmce. Filho Obidiente Amg.º

João Nunes da S.º Tav.es

———o———

(Seguem-se os depoimentos acima referidos)

Alferes Martin Jára, dito Melinton Mancuello; Officiaes de infanteria do Batalhão 45, de guarnição em Curupaity, declararão: Que vem passados para salvarem suas vidas, por isso que crêem não ser possivel ganhar na presente guerra, e estarem todos cégos pelas mentiras de Lopes: que dá a todo o Exercito de Lopes a distribuição seguinte:

Em Humaytá 6 Batalhões de 340 á 400 e tantas praças; em Curupaity 2 Batalhões o 45 e 4; o 45 tem 300 praças e o 4 tem 536. Que no dia 3, os batalhões n.º 3, 42, 36, 39, e 30 forão os que entrarão no ataque de Tujuty, sendo o 36 o que foi de Curupaity: que Lopes está desesperado por ver se cercado e intenta com toda a sua força

dár um atáque por que se acha cortádo eprivado de communicações e recursos com a Capital; que não tem tambem communicações telegraficas. Que dentro de suas trincheiras póde ter gado para 12 dias para todo o Exercito; mas, que é gado mágro e não ha depositos de pasto; que sábe que antes de acabar se o gádo Lopes dará o ataque: que todo o empenho de Lopes ao dar esse ataque é para abrir communicações. Que no dia 3 em Tujuty morrerão os Chefes seguintes: Major Lucas Mendoza, Major Fernandes, que veio ferido e falleceu 2 dias depois; Major Agostinho Devart, no hospital do resultado de 3 feridos; Capitão Benigno Lopes (Parente do Presidente Lopes) *Do Batalhão n.º 36, e que ficou no campo que ha numero grande de officiaes que elle não se recorda os nomes. Que sabem que no atáque que houve acima do Passo Obella, perderão dous vapores o* 25 de Mayo *tomado dos Correntinos em Corrientes e o* Olimpo, *que o outro não sábe: que a gente que estava no* 25 de Mayo *se perdeu quasi toda, e a do* Olimpo *morreu e alferes Penayo, commandante do dito vapor e 2 soldados; que os outros estão todos feridos e que isto soube por uma mulher de sua confiança que todos os paraguayos que se passarão em Tujuty no dia 3 forão estaqueados, e que todos os dias lhe tem dádo açoutes para obter-lhe as declarações; que por óra não fusilou nenhum: que a péça raiada que trouxe, foi a que fez fogo, ha pouco, tendo sido feita as pontarias pelo Coronel Burques, que veio de proposito das trincheiras de Tujuty, e que não fiserão mais fogo — para poupar as poucas ballas que tem: que todas as ballas são apanhádas, guardando as inteiras, e as partidas vão para se fundirem outras: que de Curupaity levarão para Humaytá toda a artilharia grossa que havia; ficando Curupaity somente com artilharia volante; que tem levádo artilharia para Humaytá por que — dizem ter se agarrado um chasque — que trasia correspondencia para q os encouraçados forçassem Humaytá; e que elles se preparão para o dia 10 do corrente, esperarem o atáque, segundo disião as communicações que forão apanhádas: que tudo isto elle não garante, e só o sábe por conversas particuláres: que Humaytá ha artilharia de 150, que foi Baptisada com o nome* Acaberá; *outra com o nome de* recluta; *e a outra* General Dias, *que toda a outra artilharia é de 68. Que todo o Exercito paraguayo poderá ter de 20 á 23 mil homens, entrando velhos, recrutas, meninos, etc. etc. que todas as mulheres são obrigadas aos trabalhos dos hospitaes, pisar milho para os doentes, etc.: que estão com Lopes os seguintes estrangeiros:* Orientaes — *Coronel Laguna (blanco) e Capitan Garay (blanco;)* Correntinos — *Majór Blanco; Capitão Caceres, Sinforoso Caceres; e José Maria Caceres: que tambem alí está com Lopes (Passo Pacú) e Oriental Carreras; e que o Coronel Laguna está hoje desenganado que perde a causa paraguaya: que os irmãos Caceres trabalhão com férvor pela causa do Paraguay, tornando-se écho das mentiras que Lopes faz espalhar sobre victorias, e derrota dos alliados: que estão com Lopes no Passo Pacú*

— o Bispo; e os Generáes Resquin, Barrios, e Burges e Madame Linch e seus filhos: que os paraguayos em particular conversão — que não entendem ou comprehendem como Lopes poderá ir a Bolivia, estando todos os caminhos cortádos: que os caminhos pelo chaco são difficilimos pelos grandes estéraes, e que seria preciso muito tempopara abri-los por isso que alguma ou outra picáda, está toda perdida pelo monte que tem crescido: que no Paraguay se fabrica polvora, mas que o sál está escassissimo, e que os soldados e os doentes andão soffrendo de desintheria por comerem sem sál: que não ha papel para escrever e que escrevem em couro raspádo: que morreu no dia 3, em Tujuty, o Major Benigno Villamayór, que éra Ajudante do Govêrno: que foi grande, que foi grande a mortandáde que houve entre chefes e officiaes no dia 3: que o cholera fez muitos estrágos, mas hoje tem diminuido: que no seu batalhão (45) que tinha antes 700 praças, hoje está redusido á 300 e tantos, conforme elle verificou ainda hontem, quando se formou a gente para distribuir-se-lhe a ração de herva e tabáco, que foi antes do dia marcádo (15 de todos os meses) por estár se preparando o Batalhão para marchar para o Passo "Obella".

Declarou mais. Que Benigno Lopes, que morreu no dia 3, é Capitão e primo irmão do Presidente Lopes.

Bordo do vapor Princeza de Joinville Surto no Rio Paraguay, emfrente á Curuzú 9 de Novembro de 1867 — (assinado) F. F. Casção *— Chefe de Estado Maior da 2.ª Divisão.*

———o———

Interrogatório feito ao soldado paraguayo João Baptista Bugarim passado hoje á 1 hora da tárde.

Perguntado: *A que Corpo pertencia, e quem era seu commandante.*

Respondeu: Que ao Bm. 20 e que o commte. éra o Major Lago. que morreu assim como todos os officiaes e grande numero de praças no combate de 3 do corrente em Tujuty.

P. *Aonde estava o Bm.*

R. *que no Passo do Espinilho.*

P. *O que carregavão as carretas que se vião passar.*

R. *que feridos e monições de Artilharia para Humaytá, Pacú e Espinilho.*

P. *Onde estava a Cavallaria.*

R. *que para o lado de Humaytá mas que não tinha certesa do ponto que ocupava, nem de seu numero.*

P. *se tinha cavallos.*

R. *que tinha apenas eguas pequenas e fracas.*

P. *que numero de gente perderão no atáque de 3.*

R. *que forão ao atáque somente 5 batalhões, e que um delles, o 40.º voltou com 60 praças.*

P. *quantos prisioneiros tinhão feito.*
R. *que 212 homens, 8 mulheres, inclusive n'aquelles 1 Majór, 1 Capitão e 2 Tenentes, e que os prisioneiros trocavão seus vestidos por alimento.*
P. *quantos Batalhões havião no Passo do Espinilho.*
R. *que 5.*
P. *se ainda tinhão muito gádo.*
R. *que já estavão matando as vaccas leiteiras.*
P. *Se Lopes manda alguma força para fóra.*
R. *que sim, infantaria e cavallaria e q essa força traz sempre 7 ou 8 reses das immediações do Potreiro Ovélha.*
P. *se tinhão feito trincheiras do Passo Pacú ao Curupaity.*
R. *que sim e que Lopes não ia mais ao Humaytá por causa das bombas da esquadra as quaes tem estragádo muito os edifícios.*
P. *se ha caminho de Humaytá pelo lado do Chaco para cima.*
R. *que existe caminho sahindo de uma chacara que fica em frente de Humaytá e que tem de passar o Rio Vermelho.*
P. *se são bem alimentados.*
R. *que o alimento já é muito escásso e que por isso atrópa está muito desanimada.*
P. *se deixarão artilharia na linha de Tujuty.*
R. *que tirarão a artilharia e levarão para nova trincheira do Passo Pacú á Curupaity.*
P. *se Lopes fallava em atacar.*
R. *que Lopes pretendia forçar a passagem para a villa do Pilár, e que quando tenciona atacár fáz crêr a trópa que marcha, que vai faser trincheiras e não pelejár.*
P. *que força existia no Passo Pacú.*
R. *que o Bm. de rifléros, 3 de infanteria, 1 Regimento de cavallaria, e que Lopes espala entre a trópa que sua gente está no Pillár.*
P. *que força havia em Curupaity.*
R. *que 2 Batalhões d'infanteria e 1 Regimento de Cavallaria.*
P. *que força havia em Humaytá.*
R. *que não sabia, mas que quasi todas as forças estão para o lado dessa fortalesa.*
P. *se tinhão gádo em pastoreios.*
R. *que lhe constava que havia muito pouco fóra da trincheira.*
P. *se tomarão animaes no combate de 3.*
R. *que levarão 30 mulas e 16 cavállos.*

Nada mais lhe foi perguntádo.
Quartel generál do 3.º Corpo de Exercito junto á Tuju-Cué 13 de Novembro de 1867. (assinado)

Luiz José de Miranda — *Alferes secretario.*

———o———

Continuamos na publicação de preciosos documentos que atestam: a fome, o riso, o trabalho, descrevem a luta e as apreensões, em nossa cidade, e nos revelam as medidas de caráter defensivo tomadas por nossos adversários no período da guerra do Paraguai. Bagé que em agigantada proporção contribuiu poderosamente com o *sacrifício e sangue de seus filhos* para a vitória final, foi, também, a única cidade do Brasil que, na época, realizou festejos carnavalescos, mantendo bem elevada a moral de seus filhos.

Com acendrado espírito de brasilidade, Bagé, contribuindo com 7000 homens *(Sete mil)*, de 1865 a 1870, forneceu ao Império a décima parte de seu Exército, quasi igualando a contribuição da República Argentina e suplantando a de qualquer outro Estado brasileiro e da República Uruguaia.

Em dados gerais o Brasil concorreu para a tríplice-aliança com 70 000 homens, a Argentina com 8 a 10 000 homens e o Uruguai com 3 a 5 000 homens o que levou aos paraguaios a sarcàsticamente dizerem:

"*Orientales:* general sin ejercito.
Brazileiros: ejercito sin general.
Argentinos: ni general ni ejercito!!!".

(Do livro "Reminiscências da Campanha do Paraguai" — Dionisio Cerqueira, pág. 143).

———o———

Bagé 8 de fevereiro de 1868.

Sí ocupa o giloca ir no acampamento air buscar carne para nós comer o barcelo (Felisberto Ignácio Barcelos) conpadecido da nossa desgracia nos manda dar racião de carne ide farinha ierva isal como que elle tinha um soldado no seo corpo que si não fosse isso averia dias que nos não havera deter nada oque botar naboca eu tenho corrido todas estas logis de bage pidir camizas a tostão i sirolas a quatro vintens inemguem da vestir emque eu voganhar para pagar alugue de caza ipara comer vivo caregando agua na cabeça como qualquer negra tudo isso agradeço auzencia que fizerão filhos.

Roza Porceles

———o———

15' de Fevereiro de 1868.

Nico

Parei de tomar do iodone por querer a proveitar as festas carnavalescas q tem siso isplendidas — no domingo dia 19 he o emterro dos osos hagrande emfluencia n. clubes de mosças i n de moças

ontem sairão 11 carros fantaziados um hera da Cesysinha Ribeiro, Elzira (Crespo), Celina dise q Affonso fes mt.º falta estava um dominó pronto p.ª elle otro p.ª o Bejo saio de mascara o Alvinho i o Silvino.

A tua Espoza Felisbina da R. Jacintho.

———o———

Bagé 7 de Agosto de 1868.
Mano e Compe. Nico.

O portador desta hé o Snr. Franc.º Pinheiro de D. Pedrito q vai aseus negocios, as noticias pr. aqui do 3.º Ezercito não são boas dis o Jornal de monte video q no dia 13 de Julho Vmces. forão atacar ao Maitha e q. não forão felizes eperderão muita jente pois meu comp. e estes quatro dias não tenho tido satisfação dezejo receber carta suas p.º ter serteza de sua saude, tãobem dizem q. morerão treis ajudantes de ordem de Sua Excia. o Snr. General Ozorio, fico rogando adeus p. estas noticias todas sejão falças.

Queira como sempre dispor do pouco prestimo deste seu sempre verdadeiro Am.º mt.º Obr.º q, toda boa saude lhe dezejo everlhe breve, contando vitoria.

Jeronymo da Roza Garcia.

———o———

Acampamento na Villeta 20 de Dezembro de 1868
M. Q. Bina.

Os sóis mt.º brabo, logo após chuvas, m'tem posto bem doente dos olhos, assim é que com custo escrevo, e só pela estimativa.

Cremos que vencido Lomas e Angustura está concluida aguerra.

Na batalha de 11 (Avaí, 11 de dezembro de 1868) o meu 16 fez brilhaturas e o meu Commandante de Divisão ficou tão satisfeito que nos dirigiu os maiores elogios. O Maneco (Manoel Jacintho Ozório) esta Ten. Cel. por distinção, e o Mel. Luís Capitão e o João Carlos, Tenente.

O Maneco m ajudou no combate como um heroe, a 13 fuy nomiado Commte. da 8.ª Brigada e 3.ª q hera commandada pelo falecido Cel. Niderauer tambem esta sob meu commando, deforma q. estou com previlegio de Commte. de divisão com 2 estados maiores.

Dous dias não fuy sinhor de poder agarrar nada com a mão direita pela contuzão de metralha sobre o hombro, mas hoje não tenho mais nada.

O Visconde vai amilhor.

Quando me baliarão o cavallo me vy meio atrapaljado por elle si por aos pinote commigo e cahir, nas o meu Sargento Servolo Pereira da Silva, logo veio m'trazer o escuro de General (Osório) e foy um momento mesmo debaixo de um vivo fogo que mudei os arreios, e ia mandey a carga, e fomos de vencida contra os bixos não houve Soldado e Tenente que não molhassi a lamina ou a espada, porque o Escuadrão de carabineiro mandey avançar de espada desembainhada, ficou um tendal por onde fomos sobre o inimigo.

Por todo o mes de Janeiro, o mais tardar, principio de Fevereiro, ahy estarei se Deos quizer; pois só espero vençermos os bixos em Lomas e Angustura e chegar-mos em Assumpção para pedir ao Marques dispensa.

Assim vão as noticias de maior vulto.

Mostrarás ellas a nossa jente por q m'é impossivel ser noticioso contodos. O Alferes Elizio Nog.º foy gravemte ferido, e 2 dias depois morreo no Hospital. O Clementino Camargo foy baliado no queixo, mas já vai abom, e noque sare vou tiral-o para meu corneta de ordem.

Dis ao Manno Mel. qui o Calisto está 1.º Sargt.º e foy na proposta p.º Alferes, logo na primeira carga já ferirão-lhe o Cavallo e por isso não m'ajudou como desejava, mas mm.º assim prestou bons serviços levantando os feridos nossos no campo. Saudades aos nossos Paes, abraços em nossos filhos e o A'Deos q. te envia o teu Esposo.

Nico *(Antonio Jacintho Pereira Junior)*

———o———

Viva la República de Paraguay.

En las circunstancias de guerra y bloqueo en que se halla la República, no debemos estar atenidos á los géneros estrangeros, sino esforzar nuestra actividad é industria, buscando medios en suplir-los por productos naturales del Pais que sean abundantes y de mas fácil elaboracion, teniendo presente la esperencia ne lo que ha hecho el pueblo durante el larga aislamiento de la Dictadura para proporcionarse telas, tintes, sal &.

Sin prejuicio de aprovechar-se el algodon y lana que pueda obtenerse, conviene que los empleados publicos hagan esperimentos y ensayos de reducir á telas aunque sean bastas el filamento consistente que dan las hojas del Coco y del Caraguatá tan abundantes por lo general en los Departamentos en la República.

Cuáles son los medios y procedimientos mejores y mas fáciles en estrear los filamentos en esas hojas?

Como hacer para que esos filamentos se prestem á ser hilados con mas facilidad y ventaja de tiempo y cantidad?

O por cuáles otros medios ó procedimientos se pueden reducir esos filamentos á hilos y telas, aunque sean bastos y groseros?

He aquí algunas en las cuestinos ó puntos principales sobre que pueden recaer los ensayos y esperimentos.

No basta que los empleados públicos ordene en sus distritos que pratiquen esas diligencias. Es necessario y conveniente, y por lo mismo un deber que dirijan ellos mismos esas operaciones, concurriendo á ellas con sus luces, sus exhortaciones sobre la importancia del objeto, y hasta con su presencia, en cuanto les permitam otras atenciones del servicio público.

Los ensayos y esperimentos pueden hacerse primeiro en pequeña, para ver los resultados; y una vez obtenido alguno favorable, dar cuenta del procedimiento empleado, disponiendose desde luego á llevarlo á efecto en grande escala, con la prevencion en que no conviene, ni habrá necesdad de que se corten los cimientos de los cocos, ni se arranquen las plantas del Caraguatá para sacar sus hojas, siendo conocidos los medios en conseguirlo sin inutilizar el arbol ó la planta.

Los ensayos y esperimentos pueden entenderze á otros puntos que los indicados, y tambien á outras hojas y plantas filamentosas que por su abundancia merezcan la atencion de hacer ensayos sobre ellas.

El Comandante del distrito militar del Mbotetey en Nioac, Sargento Mayor de Caballeria Ciudadano Martin Urbieta, en medio de las atenciones del servicio militar á su cargo, ha ensayado el filamento del coco ó mbocayé en sergas para la caballeria, y ha obtenido buen resultado em aquel lugar remoto.

Este esemplo es digno en ser imitado por los demas empleados públicos, ensayando los medios de proporcionarse recursos para satisfacer las necessidades y exigencias de nuestra situacion.

Assi espera el Gobierno de la actividad y zelo de los empleados públicos, no menos que del patriotismo en todos los hijos de la Patria que emplearán todos sus conocimientos y esfuerzos para cuanto conduzca al mejor servicio de la causa nacional, y á la salvación de la presente crisis.

Dios guarde á Udes. muchos años.
Asuncion Marzo 13, de 1866.

Francisco Sanchez.

Ciudadano Gefe de milicias y Jueces de paz de la Villeta.

———o———

Procurando retratar com tôda fidelidade uma época, seguem-se mais algumas cartas endereçadas a Antonio Jacintho Pereira Jr.

19 de Janeiro de de 1869.
Apreciadissimo Amigo.

Estou favorecido com sua apreciada carta de 19 do p. e ....

....

Mt.º me tenho vangloriado, inclusive seus Amigos e parentes, de que se tenha mostrado como esperavamos um heroe nos combates.

O meu Amigo não faz uma verdadeira idêa do qt.º me satisfazem estas noticias que tanto depoem em seu favor, que he para não ser tido como dizião o — Mimozo do Ozorio — *isto he que não entrava em combates, comqt.º eu o defendesse que se não entrou em alguns dos primeiros peqn.º ataques, hera p. r estar o seu corpo quazi apé.*

....

Recomendo-lhe muito meu Cunhado João Garcez p.ª como sabe que o Pai o estima mt.º e o menor serviço que ahi lhe preste será tomado p. r elle em mt.ª consideração.

Seu Verdadr.º Am.º Obr.

Pedro Pereira Marques.

———o———

Amigo velho

De certo que agora não me ha de mandar longe, por q. tenho escripto, e se não fosse attento a alta consideração que guardo, teria o desafôro de dizer-lhe o mm.º p. r q. não me responde. Sei que foi confirmado no pôsto de Cel. e condecorado com o merito, o que muito estimo.

Junto achará para ler uma picardia q. me fez o seu primo, porem não mostre a mtos.

Sei que ha de ter muitos e mt.º afilhados, mas eu não vejo ahi a quem convidar para padrinho, de sorte que querendo me eximir de o encommodar não posso, assim venho pôr sob sua valiosa proteção na classe militar o meu sobrinho Serafim dos Santos Souza — pai do humanitário e saudoso médico dr. Serafim dos Santos Souza — *Aqui me terá sempre sempre as suas ordens, por ser deveras*

Seu am.º e Obr.º

Clementino

26 de Janeiro de 1869.

———o———

Bagé 11 de Fevereiro de 1869.

Meu querido Nico.

....

as primeiras mentiras q aparecerão p.r aqui depos desses sanguenolentos combates herão ateradoras dizihão as mas linguas q tu io Caitano Gonçalves i Joca Silva (Tavares) tinha sido mortos no no combate heu maliciava q alguma ma noticias sabiam di ti nossa gente p.r ver andarem mt.º calados heu estava em St.ª Ma.ª mandei o propios seguidos a ver se já avia cartas tuas e o Compe. nem escreviame de tão assustado q andava athe q xegou huma carta do Camilo (Camilo Mércio Pereira) de 30 de 10br.º q dizia q o Nico e Caitanno i Joca escaparão com vida deus de saude a elle senão falasse em ti athe o dia premero de Fevereiro heu teria grande sofrementos q foi cuando recebi tuas ultimas com satisfatorias noticias p.ª mim, muito sintindo heu q o Visconde do Herval e Primo Maneco (Manoel Jacintho Osório) estejão soffrendo pellas malditas ballas dos paraguayos não me agradou o primo Maneco não poder escrever mas q aquellas pocas linhas i huma letra tão tremida devia vir quanto antes p.ª cá pois cualquer ferimentoahi nessa maldita terra tras fonestas com sequencias.

Atua
Bina

Bagé 13 de Março de 1869.

Querido Nico

....

mandastes com as emmajes de St.º Antonio e de N. S.ª da Conceição, huma cuiáa emtereçante huma badana dorada o retrato de madame Linxe o de 1 criança ....

....

este anno já disfrutemos sento e nove Bois vendidos a 10 patacão não venderão nenhuma vaca p.r o tropero querer levar para otarde com oresto dos Bois; grasas a Deus tudo q hé nosso vai hindo mt.º bem não temos tido prejuizos nos nossos emtereces diginos de menção ....

cuando teesperava em Fevereiro q vinhas com o Jenerar Ozorio esça sorte sotocou os q herão do cuartel Jenerar do Marques de Caxias, cuando xegou o Jenerar Ozorio heu fiquei mt.º discumfibada p.r tu não escreverme p. r elles e ainda demorou mt.º a xegada do tammanqueiro o Sezara Brandão q tocou aqui napaçada p.ª são gabriel sabendo de minha afflição pregou huma mentira emcomtrouse com a Lydia em caza do Ismaelzinho (Ismael Soares F.º) i dise q não tive-

cem cuidado p.r não ter escrito q. elle afiançava q tu tinhas asistido o embarque do Visconde q athe ambargastes iestiveste abordo com elles i q estavas de perfeita saude i q tinhas ficado mt.º satisfeito q não fes como otros q ficarão brabos p.r o Visconde não os poder trazer mas avista do q disme na tua 97 q não falaste com elles na sua saida p.r estares nesça ocazihão atacadicimo das cezão vejo q o pobre obrigasse a mentir p.ª tranquilizarme p.r isto estou obrigada p. elle p.r q acriditei emgoli apirola comfasilidade ....
comesei a sintir ocuanto te avia custar anoticia do falecimento do nosso bom amigo Manoel Ozorio (Manoel Jacintho Ozorio) q la foi teu companheiro fiel esta morte foi sentida com iséço emtre todos nosços parentes apopolação da cidade desvellada emtereçavaçe mt.º pella çalvação deste bravo guereiro alifica alembrança delle p.ª mt.ºs annos ia Probrezinha da Maria da Gloria alificou sem comsollo vendo suadisgraça i de seus 2 tenros filinho ....
ao contrario já Deus teria tirado avida do malvado Lopes (Francisco Solano Lopes) para asim popar a de tantos bom q siesta perdendo pela tenacidade de tal malvado ....

F. R. J. *(Felisbina da Rosa Jacintho)*

Meu Estimadissimo Com. e Am.º.

Bagé 30 de Julho de 1869.

Tenho avista as suas mt.º apreciadas letras de 25 do pp.s que muito apreciei por saber que o meu Am.º continuava agozar de hua delicioza Saude a companhado sempre de felecidades os pais eu etodos anossas fam.ªs passão mt.º bem a excepção de nossa sogra e com. que tem estado de cama já abastantes dias e inda continua emcomodada inda que com alguas milhoras, graças a Deos; tive oprazer de receber do Chico Tamanqueiro a Pedra d'ara *p.ª o Altar de nossa S.ª da Conceição. na Capella q se esta idificando na Praça do Mercado, o q eu muito lhe agradeço assim como aboa vontade que Vmce, nos dezeja servir e espero q quando se lhe offereça qualquer Caz.º de conseguir qualquer de m.ªs. emcom. das faça exforços por obtellas que qualquer despeza que com ellas faça eu respondo; inda lhe vou dar mais hua massada mas tenha paciencia não tenho aqm. recorrer si não aos am.ºs e conhecidos e esses são Vmce. o Part. Camillo Per.ª e o Coronel Joca aqm. tão bem dou amm.ª maçada pois como já lhe dice estou empenhado em q a Capella de N.S. Conceição, esteja pronta p.ª ofim do anno e por esse motivo lhe remetto 60 cartas sem subscripto, pidindo-lhe o obzequio de as mandar subscriptar a seus am.ºs aver se por esse meio obtemos ahi algumas esmollas p.º omm.º fim; igualmente, remety p.º o Sr. Coronel Joca e Camillo, dos donativos q se possa obter me fara ofavor remeter hua listas dos*

nomes de qm os dá p.ª aqui os levar aos jornaes do lugar e declarar dos benemeritos damm.ª Capella não lhe posso agradecer com a pena estes Serviços e im comodos que continuadamente. lhe estou dando nesse lugar mas espero ter hum feliz dia em q lhe possa dar provas do qt.º lhe sou grato; neste momento me veio pedir o Sr. Gaspar Je. dos Santos Menezes p.ª lhe dar hua recomendações p.ª o meu am.º sobre hum f.º que elle ahi tem de nome Balthazar dos Stos. Jardim qui deseja conseguir fazello de 1.º Sargento que é official por isso quando receber am.ª carta em q orecomendo é só nesse sentido pedindo-lhe p.ª com sua influencia fazer o o q julgar merecedor; estou oesperando p.ª na sua chigada cristianarmos hua meninazinha d nome Anna Felisbina, já mandei vir hum barrilete do bom sangre de cristom que opus a despozição desse dia que apreciaremos cum prazer e Sastifação. Aceite mtas. Saudades de todos em geral é hum abraço de Seu Sincero e verdadeiro Am.º Compe. mt.º Affet.º Obgr.º.

Henrique da C.ª Ribeiro

———o———

O valente Gen. Joca Tavares em plena campanha, no aceso da luta, voltado aos interêsses da pátria, pede a seu venerando pai o apoio para eleger à honrosa representação de senador do Império, o Visconde do Herval; e, mais tarde, lhe remete minuciosos informes sôbre a fase final da guerra, pela brenhosa Cordilheira.

Taquaral 29 de Julho de 1869.

Meu respeitavel pai e Sr.

Hontem lhe escrevi pelo correio nacional, e agora o torno á faser sem que haja occorrencia alguma á communicar-lhe.

Procedendo-se na provincia a elleição para o senador na vaga do Mendonça, empenho-me para que á votação desse collegio seja dada á nosso amigo General Visconde do Herval, epéço a Vmce., para que entervenha na elleição por si e seus amigos á pról de meu candidato. O candidato do governo é o conselheiro Fernandes Braga aquem nada devemos, e não convem dar posição á quem só aquér, por ostentação, e que nenhum serviços lhe déve a Provincia.

O General Osorio Vmce., o conhece, e mais que nenhum tem direito á gratidão da Provincia, e eu como seu amigo particular muito me interesso por sua eleição.

Nesta occasião dirijo-me ao Facundo e Alexandre Brasil para o mesmo fim.

Saudade a Minha May, emais familia
De Vmce. Filho Obdiente

J.º Nunes da S.ª Tavares

———o———

Acampamento em Tacurataquá 12 de Septembro de 1869.

Meu respeitavel pai e Sr.

Tive á satisfação de receber pelo Tamanqueiro suas estimadas cartas, por quem respondo.

Ha muito que não dava noticias minhas (isto é desde julho pp.) porque á actividade de nossas ultimas opperações pela brenhósa Cordilheira não deu lugar, pela fálta que se sentia de opportunidades.

Os resultados dos gloriosos movimentos iniciádos no p. transacto mez, nos derão pósse de mais esta importante e extensa posição do inimigo, que fasia, della seu baluárte inexpugnavel, e a derrota compléta de seu exercito, composto ainda de 9 á dez mil homens!

Eis os movimentos: Tivemos os combátes de 12, 16 e 18 do passádo em os quáes o triumpho como sempre foi nosso. O inimigo percebendo oplano de nossas opperações, (que era, de contornar á cordilheira, penetrar, e bate-lo, pela retaguarda) vio que éra realisádo e que estava mál; tratou por conseguinte de pôr se em retirada precipitada de suas posições das Ascurras deixando toda sua artilheria gróssa! muito armamento, munições etc. etc. que por falta de transpórte não condusio. Essa retirada porém a fez effectiva, quando nós achavamos á frente de seus intrincheiramentos do povo "Perrebebuy" guarnecido e deffendido por 16 canhões um bateria e pérto de dous mil homens. No dia 12 foi levádo por nós o atáque sobre essas forteficações que accometida por todos os lados cahio nossa presa, perecendo quasi toda sua guarnição, mulheres, crianças que lá estavão e que o fogo não respeita, e ficando em nosso poder toda á Artilharia, muito dinheiro que foi recolhido dos cófres do Ext.º depositos de bebidas espirituosas e tudo finalmente que lá existia.

Mais precipitada tornou-se a fuga do Exercito inimigo das Ascurras com a noticia de ser completamente exterminádo oponto principal de suas operações.

Os dias 13 e 14 forão consumidos em destruir as trincheiras de Perebebuí, e só no dia 15 seguimos em busca do Exercito de Lópes que fugia espavorido.

No dia 16 as forças de vanguarda compósta de minha divisão, 6 boccas de fogo as ordens do General Camara, encontramos com a vanguarda do inimigo em numero de mil e tantos homens! Effetivamente foi atacada e as 7 horas da manhã do mencionado dia foi enganjádo o fogo entre as duas vanguardas! O Exercito inimigo pois teve de suster á sua marcha, foi obrigádo á acceitar batalha. O 1.º Corpo de exercito, em cuja tésta vinha S. Altesa accometeu o inimigo pela retaguarda, o 2.º commandádo pelo Victorino o centro, e nós á frente.

Ardeu o exercito de Lópes em 3 fógos — Tenaz foi a resistencia desses tresloucados, pois só ás 5 horas da tarde teve conclusão o com-

bate! Ficou porem completamente exterminádo e os que não perecerão, apresentarão se nos dias seguintes.

Lopes já havia sabido do Exercito ainda nas Ascurras com sua escólta de mil etantos hommens e sua commetiva, e não se sabe aonde andará — sempre escapa se! A unica força que tem é a tal escólta.

Suas perdas no dia 16 forão extraordinarias, porem não podemos saber o numero de mortos, por que na peleja o campo encendiou se e a maior parte dos cadaveres e feridos forão reduzidos á cinzas pellas chamas! Calcula se porém em seis mil hommens (nos combates de 12 e 16) seguros. A acção de 16 teve lugar junto á picada "Caraguataby" de 3 leguas de extensão, por onde deveriamos proseguir nossa marcha; mas que estáva forteficada e guarnecida por 8 canhões em bateria e mil e tantos hommens. Esta fortificação foi construida p.º proteger á passagem a seu Ext.º, e nos sustér á marcha, em quanto elles ganhavão distancia e tomavão nóvas posições.

Forão seus planos estrategicos mallográdos — O Exercito quando buscava a picáda foi atacádo e derrotado! e no dia 18 foi tambem agredida essa posição que depois de uma curta resistencia cahio em poder com toda sua artilheria, e morrendo quase toda sua guarnição.

Cincoenta canhões forão tomados ao inimigo nos citados combates, sendo quasi todos novamente construidos! depois da derrota de Lommas-Valentinas! não lhe dando o numero dos que deixou em Ascurras porque presentemente não posso precisár.

Lopes foi perseguido até o dia 20, sendo tomado 20 carretas de sua equipagem, e pelo péssimo estádo de nóssa cavalhada e os caminhos envios e desconhecidos que tivemos a percorrer não foi possivel ir mais allem. — Preparão-se novas operações, e acho que serão as ultimas que temos a realizar, no tardando muito o termo de tão malfadada guérra.

Lopes hoje não tem gente, nem ellementos de alguma sórte para mais resistir. Toda a Republica está debaixo do nosso dominio, o povo está livre de seu jugo de férro — e essa diminuta párte que ainda occupa, (se é que ainda esteja ahi) ou terá de abandonar quando lá chegarmos, ou infallivelmente será nosso presioneiro.

Por todo este mez déve embarcár uma expedição para Conceição, 60 léguas ao Norte. Compõem se das 3 armas as ordens do Camara e na qual eu tomo parte, provávelmente no commando da cavallaria.

Os alliados occupão as posições seguintes: S. Altesa e o 1.º corpo do Ext.º neste ponto entre os arroios Mandurivá e Salládo, margem do Paraguay. Argentinos e o 2.º corpo do Victorino opovo de Caraguataby distante daqui 12 léguas. General Portinho com forças das 3 armas Villa Rica.

No dia 21 do passádo tambem expidicionei com 300 hommens de cavallaria, com instrucção do Principe de ir as estancias de Lopes e sua mai, sitas nas paragens denominadas Ajos, cerca de Villa-Rica

distante daqui 30 léguas, a fim de arrebanhar todos os gádos existentes em as citádas fasendas.

Apresentei ao exercito duas mil etantas reses, havendo distribuido á milhares de familias que vagavão pelos mattos por ordem de Lopes morrendo afome; mil etantas cabeças inclusive toda a boiada mansa que arrecadei, para esses infelises se removerem á seus domicilios.

Pelos póvos de S. José e Ajos por onde transitei, entrei em communicações com as auctoridades de Lopes que ainda permaneciam nesses lugáres, sem saber de Lopes; e ficarão estas nos respectivos districtos e toda apopolação tranquilisada e recolhida ás suas moradas.

Criei nos mesmos povoádos policias de passádos que se me apresentavão por todo o caminho, de maneira que restabeleci a ordem, destetuindo o temor desses desgraçados; ficando guardados por Paraguayos que já conhecem a Liberdade.

Minha intervenção estendeu se até Villa Rica, cujas auctoridades se me dirigirão communicando me haverem adderido a causa da Alliança, e pedindo me providencias de forças afim de tranquilisar apopolação ainda aterráda com as pennas que lhe promettia o Tyranno.

Eu participei o Principe, e foi então o Portinho p.ª lá.

Não me é possivel descrever a fome, nudez e miseria em que encontrei esses póvos; basta diser lhe que pelas estrádas encontramos creaturas expirando! a fóme e miseria os consumia!! O contentamento dessa gente foi immenso! a alegria tocáva ao delirio!

Depois que foi lhes communicada a derróta e fuga do malvado Presidente, recolherão se á seus láres, onde se achão socegádos e bendisem fervorósamente á seus libertadores.

O Principe ficou muito contente com os serviços que prestei.

Tentei por 2.ª vez safár me do Exercito. Requeri dispensa do serviço visto como a guerra tocava já oseufim, e que complicações de negócios de meu interesse reclamavão a minha presença. Elle negou me e dice me que precisava ainda de meus serviços e que mais tárde me consederia licença.

Já deve saber do sentido passamento do Brigadeiro João Manoel, no dia 12 do pd.º victima de ferimento recebido no ataque desse mesmo dia. Sua mórte tem sido geralmente sentida no Ext.º porque na verdade ofinádo era digno da estima de seus companheiros e patricios.

A minha Brigada tomou párte em todas essas refrégas, e felismente tive pouco prejuiso, augmentado porém com a mórte do Te, Cel. Comte. do corpo 21, Antonio Pereira de Oliveira que ferido no dia 16, falleceu do mm.º ferimento. Senti muito sua mórte porque éra bom hommem e á 2 annos servia com migo.

Desse lugar todos estão bons.

Cá chegou o Fidéles — está desempregádo.

Em Assumpção estabeleceu se o novo governo provisorio, composto de tres membros, que já está em exercicio.

O official Antonio Joaquim da Silveira ao que me falla em sua carta de 4 de pd.º não existe aqui. O corpo á que elle pertence fáz párte de 2.º corpo d'Exercito, porém tomando esclarecimentos a seu respeito de pessoas auctorisadas, fui sabedor que á muito seguio elle p.ª o Brasil. O Manoel Hypolito que o conhece muito, também dice-me que elle havia seguido para ahi.

Nesta ocazião escrevo aFlora para aprompt ar o João Maria para seguir para oRio para o colegio do Vitoria; por todo o mez de Outubro, se offereceu-me, o Major José Simião de Oliveira para orecomendar ali, noentanto não sei se elle quer hir Estudar; mando consultal-o tambem, Se as couzas não mudarem eu devo estar ahi para ofim de 8br.º athé meiado de 9br.º, Merecomende aminha May e mais familia.

Sou De Vmce. Obdte. Crd.º Obgr.º

João Nunes da Silva Tavares.

———o———

Conceição, 27 de Outubro de 1869.

Meu respeitavel pai e Sr.

Em minha ultima lhe annunciei a expedição de forças nossas, sob o mando do Camara, para este ponto.

No dia 16 do corrente estavamos desembarcando no porto desta villa, e no seguinte dia marchamos sobre Belem-cué acampamento do inimigo e dez leguas para o interior.

Desde que marchamos fui encarregado do mando de toda a cavalleria, e do de vanguarda. A 18 ás 9 horas da manhã chegava eu com a vanguarda no campo militar de Belem-cué encontrando-o abandonado.

Divérsas guardas que existião aquem de Belem-cué forão batidas por minhas forças, fazendo se alguns prisioneiros. Os escapádos communicarão ao Te. Cel. Canhete commte. da força, e que a poucos dias tinha vindo do Lopes substituir ao Coronel Galeano; á nossa aproximação.

A vista do que na vespera abandonou seu acampamento fugindo precipitadamente. Não desmoralisei de bate-lo e no mesmo dia segui sem perda de tempo á seu encalse.

Effectivamente no mesmo dia ás 5 horas da tarde encontrei-o no arroio de Pitigi-pásso, tendo eu feito nesse dia 12 leguas. Devido á hora avançada e não tendo eu artilheria para metralhar o passo e a matta muito espessa que o apoiava, limitei-me a reconhecer a posição a fim de no dia imediato atacar; cuja deliberação mandei communicar ao Camara.

No reconhecimento que procedi perdi 1 cabo etive 4 sold.º gravemente feridos, todos do corpo 21.º. Na madrugada de 19 marchei para o passo com o intuito de força-lo e passar. O inimigo porem o havia abandonado á noute. Prosigui em sua captura e de novo o encontrei no arroio Naranja-hy distante do primeiro tres leguas. O General Camara chegou ao ponto em que me achava, e resolveu atacar o inimigo em suas posições, fasendo p.ª isso apéar os clavineiros, visto que a inf.ª não podia jámais nos alcançar.

O ataque foi levado com impetuosidade e galhardia por párte de nossos atiradores a cuja direcção me achava.

Em menos de uma hóra foi elle desalojádo de suas posições deixando no campo para mais de vinte mortos, muitos prisioneiros, cavalhada ensilhada daquelles que fugirão p.ª o matto ao ferro dos vencedores.

Entre os mortos achão se o Tent. Melgarejo e mais um official sendo aquelle o commte. da retaguarda.

Pelos prisioneiros sobemos que a força batida se compunha de 200 hommens e que éra a retaguarda do grosso das forças que se achava no arroio Tapitanguá uma legua mais ou menos do lugar onde se acabava de dár o combate.

Ordenou-me o Camara que com toda cavalleria (3 corpos) e mais 2 boccas de fogo seguisse á bater o Ten. Cel. Canhete. Cheguei á Tapitanguá, e realmente o inimigo estava fortificado. Duas boccas de fogo de 4, um Bm. de inf.ª de 300 hommens, 1 regimento de cavalleria de igual numero, guarnecião a estreita picáda do arroio, barrancoso, obstruido por uma ponte que havião destruido para impedir o pásso, e por grossas arvores derrubadas e entrelaçados os troncos, formando uma fortissima linha de abatises onde estavam assestados seus canhões.

Determinei o atáque não obstante conhecer que táes obstaculos reclamavam infanteria. Como no primeiro combáte mandei apear os atiradores dos corpos 1.º e 21.º mettendo os por duas veredas na matta, e a distancia conveniente assestei a artilheria.

Mandei tocar avançar e rompeu o fogo, fasendo de emmediatámente collocar nossas artilheria na barranca do arroio a meio tiro de pistóla do inimigo. Nossos atiradores fasião mortifero fogo e nossa artilheria jogava sem sessar. Enganjado o combate de barranca a barranca, oinimigo ficou aterrádo do arrojo de nossos bravos e cedeu a sua formidavel posição, fugindo para o matto que bordava ambas as margens do arroio.

Nossos lanceiros não se fisérão esperar. Precipitarão se sobre o inimigo que debandava fasendo lhes mortandade e grande numero de prisioneiros. Asima de 60 mortos deixou o inimigo no campo. Seus dous canhões e munições, acima de 200 presioneiros cabirão em nosso poder.

Milhares de familias que forão encontradas nos campos de Sanguina-cué, acima de tresentos apresentados dos derrotados, formão os laureis conquistados nesse dia glorioso p.ª nossas armas. Todas as familias brasileiras de Matto-Grosso, em numero de dusentas e tantas que gemião sob o tyrannico dominio de Canhete, estão libertadas pelos filhos do Rio Grande do Sul!. sentindo a mais viva satisfação em diser lhe que já não existem mais familias brasileiras em poder do tyranno. Todos foram libertados, e os que faltão succumbirão ao pezo do máo trato e privações. Quatro centas reses, igual numero de ovelhas, cerca de 50 carretas com bois, a correspondencia de Lopes e Galeano, e muita prata de igreja cahio tambem em nosso poder. Nos dous combates tive prejuiso de 1 official e 4 praças mortos, 16 feridos gravemente e 10 contusos. A força inimiga foi completamente derrotada e quase toda está em nosso poder. Voltamos para este ponto porque nos falta gádos para podermos proseguir nossas opperações p.ª o interior. Lopes levantara todos os gádos, e estes campos estão completamente exaustos desses recursos. Com tudo isso temos sempre nos internado 30 etantas leguas. No numero dos presio neiros está um dos commtes. de corpos Capitão Centurião que commandava o regimento n.º3.

Canhete escapou se.

O Camara encontrou me no mesmo dia do combáte eficou satisfeitissimo, felicitando-me pelo triumpho alcançado. Esta vai com escalla por Assumpção, sendo portador um official que embarca hoje, p.º aquelle ponto com os feridos. Eu goso saude.

Saudades a Minha May toda nossa familia.

De Vmce. Filho Obdiente.

João N. Silva Tavares.

———o———

A linda cidade de Bagé sem cessar se expandia avantajadamente, em pleno período de guerra; intenso movimento, desusada atividade e muita correspondência. Louvável foi o surto de construções, em 1867, devido a iniciativa particular e dos responsáveis pela administração municipal que mandaram construir a segunda face do mercado público.

Movimentava-se o serviço judiciário com a nomeação para juiz municipal e de órfãos dêste têrmo, do Dr. Hermes Plínio de Borba Cavalcante, e para a promotoria pública, novo titular era nomeado, o Dr. José Inácio de Albuquerque Xavier.

O homem evidenciando seu eterno sonho de mando através a caprichosa política que no momento empolgava os ânimos, mesmo, com vários chefes ainda no estrangeiro, degladiava-se pelo domínio por meio dos ideais consubstanciados nos programas dos partidos Liberal e Conservador.

Surgem à publicidade, em princípios de 1868, dois órgãos políticos de publicação tri-semestral, o *Astrea* que passou a se denominar *Opinião Liberal;* dirigido por Francisco Ferreira Sampaio de Carvalho, tendo como principal redator, o Dr. Tertuliano A. da Silva Machado; e a fôlha conservadora, *Arauto,* sob a orientação de Carlos José Teixeira, auxiliado por Francisco Antonio Ferraz.

Liam-se nesses jornais bons artigos doutrinários, muita propaganda eleitoral e abundante noticiário social.

Noticiando diversos fatos, suas páginas assim apareciam:

"Em gôzo de seis meses de licença férias chegaram do Paraguai para tratamento de saúde os Coronéis Honorários do Exército, Camilo Mércio Pereira e Caetano Gonçalves da Silva, sendo alvo de várias demonstrações de aprêço promovidas por correligionários do partido liberal."

Documento da época, trecho de uma carta de nosso arquivo particular, dirigida ao Cel. Antonio Jacintho Pereira Jr., em 19 de julho de 1869, por Jeronimo da Rosa Garcia."

"Oportador desta hé o Sr. Cor.el Caetano Gonçalves, aqui foi mt.o obzequiado com um grande baile e uma grande janta, aqui respeito apolitica segue sempre no mesmo jeito........................

....

Continuando dizia o jornal:

"Chegaram a esta cidade provindos de São Paulo, onde se formaram em ciências jurídicas e sociais pela academia de direito daquela capital, os Srs. Drs. Antonio Soares da Silva e Francisco de Paula do Amaral Sarmento Menna.

A poderosa colônia espanhola desta cidade a 1.º de janeiro de 1869, resolve fundar uma entidade de socorros mútuos realizando por esse motivo animada festa campestre na chácara do Neto.

A nova organização que recebeu o nome de "Sociedade Espanhola", ficou constituída de grande número de sócios e entre êles foram eleitos para sua primeira diretoria, os seguintes:

Presidente: .... Ramão Galibern
Vice-presidente: ...... José Pedro Solorzano
Secretário: .... Emilio J. Garcia
Tesoureiro: .... Agostinho Sugasti
Procurador: .... Benito Gontan
Junta administrativa:.. José Antonio Garrastazú, Narciso E. Casanova, José Marasmon, João Coelho, Joaquim Oliveras e José Pedro Santayana."

O jornal "Opinião Liberal" passa a se denominar *A Razão*, sendo diretor o Sr. Antonio José da Siqueira Jr. e principal colaborador, o Dr. Antonio Soares da Silva.

Foi lançado à publicidade o nosso brilhante colega "O Comércio" de propriedade do sr. Antonio Herminio da Silva Salles.

Êsse jornal apareceu editado tri-semanalmente e teve curta duração.

Ao retornar à sua terra natal, o dr. Francisco da Silva Tavares, diplomado em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de São Paulo, onde fêz brilhante curso, foi nomeado promotor público da comarca.

Uma série de notáveis festas foram realizadas em Bagé, em 1869 e ao raiar de 1870, pois que a guerra contra Lopes atingia o ciclo final, e, entre muitas, foi deveras memorável quando em fevereiro, a cidade se engalanou pomposamente para receber a honrosa visita do bravo Gen. Osório.

O legendário soldado brasileiro, ainda não restabelecido do grave ferimento que recebera no rosto, na batalha do Avaí — 11 de dezembro de 1868 —, foi recebido pelo povo com aplausos delirantes que traduziam o alto aprêço que lhe era tributado, devido aos seus relevantes serviços prestados à pátria.

Foram erguidos na rua 7 de Setembro, dois belos arcos triunfais, com significativas inscrições e à noite as ruas da cidade, feèricamente iluminadas, assistiram entusiástica manifestação popular.

Grande massa humana as percorreu ao espocar de foguetes, fogos, boa fanfarra e muitos entusiásticos vivas ao HERÓI.

O bravo militar cercado de tôda a sorte de considerações e de afetos deixou transparecer sua comoção ao ouvir as saudações; em versos, recitados, pela jovem Maria Leocádia Vianna e as demais pelos senhores Antonio Teixeira de Carvalho Lisboa e Manoel Antonio Nunes. Finda a magnífica demonstração dos sentimentos de glorificação ao singular soldado, cuja bravura jamais foi ultrapassada, retiram-se os manifestantes certos do dever cumprido.

A Câmara Municipal, em 16 de março, determina a mudança de nomes de várias ruas da cidade, por outros de maior significação.

Foram substituídos os seguintes:

Rua do Couto	—	*para*	*Almirante Mauriti*
Comércio	—		*Barão do Amazonas*
Castanheira	—		*General João Manoel*
da Condêssa	—		*Conde de Porto Alegre*
Sta. Bárbara	—		*General Osório*
Trincheiras	—		*Barão do Triunfo*
Clara	—		*General Neto*
Sant'Ana	—		*Marcilio Dias*
do Conde	—		*General Sampaio*
Praça do Mercado	—		*Voluntários da Pátria.*

O mês de maio dedicado a Maria Virgem Mãe, o mês em que céu e terra cantam a divina glória, trouxe para as armas brasileiras na campanha paraguai, em 1870, a vitória com a derrota e conseqüente desaparecimento do ditador Lopes.

Muito embora o havermos firmado a paz só a 6 de março de 1872, o que motivou a permanência de uma tropa de ocupação de 3 700 homens, vários foram os batalhões que naquela época, retornaram à pátria.

A 27 de julho de 1870, o valente General-Honorário, João Nunes da Silva Tavares, Barão de Itaqui, que muito se distinguiu nos campos de batalha, principalmente, na última fase da guerra, chegava a Bagé.

Festiva e entusiástica recepção lhe fizeram seus conterrâneos. Numa consagração da "querência" as ruas apresentaram-se-lhe embandeiradas, arcos de triunfo, bandas de música, foguetes e muitos vivas ao chefe que retornava aos "pagos", coberto de glória. Encerraram-se as comemorações populares com solene espetáculo de gala, onde lhe foi servida uma taça de champanha.

Em sua companhia vieram: João Pedro Nunes — filho do célebre lanceiro de 35 —, o primeiro a ter contato com Lopes, onde o feriu e foi ferido, ostentando uma cicatriz no rosto; e José Francisco Lacerda, o célebre *Chico Diabo,* com sua marcante lança que extinguiu a vida de um ditador que cobriu de crepe a inúmeros lares brasileiros com seu sonho doentio.

Em janeiro de 1871, Joca Tavares, foi nomeado comandante superior da guarda nacional, dêste município, em substituição ao Gen. Emilio Luís Mallet.

Em agôsto chegou a esta cidade o 12.º batalhão de infantaria, em regresso da campanha do Paraguai, comandado pelo Ten.-Cel. João Lopes de Oliveira, trazendo efetivo de mais de trezentas praças.

Com procedência de Jaguarão também aqui chegou o casco do 5.º regimento, então corpo de caçadores a cavalo, comandado pelo Maj. Antonio Rodrigues Jr.

Ao lançarmos um olhar às páginas da HISTÓRIA, veremos que no período de 1865 a 1870, Bagé não fugiu às leis das coletividades.

Sentiu e viu de tudo: a dor intercalada ao riso, à fome e à abundância, e sobretudo reinando em tôdas as camadas sociais, em tôdas as classes, o espírito de solidariedade, os nobres sentimentos de fraternidade, o desejo de vencer consubstanciando a mais moderna concepção do que hoje chamamos uma "boa frente interna".

Nesta admirável zona meridional do Brasil, nestas campinas gaúchas, o rincão bagèense já possuía história e tradição e inalterável ao sofrimento trabalhou, produziu e também se divertiu, conservando sempre acesa a chama do patriotismo.

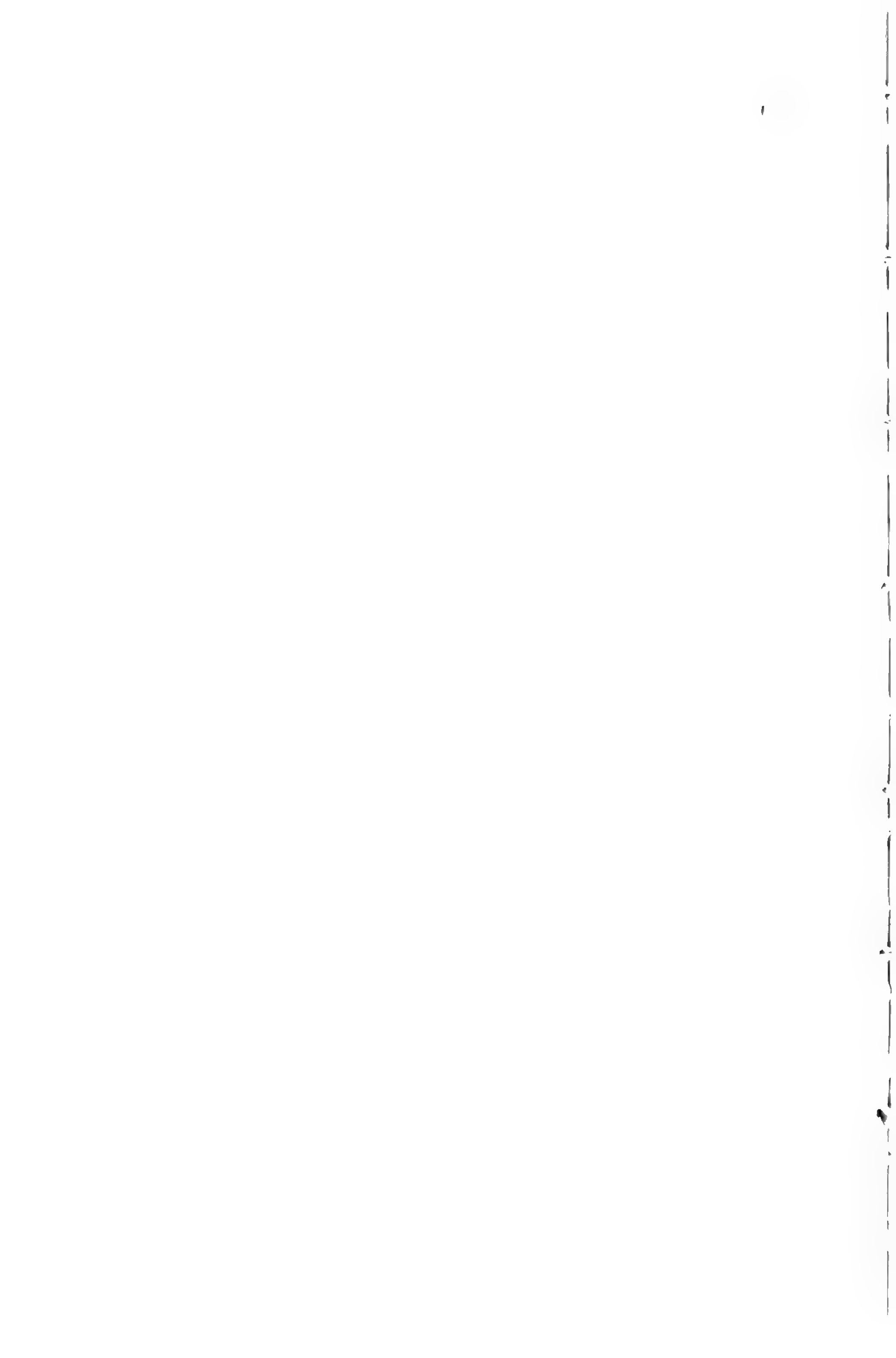
Nossos avoengos regaram com generoso sangue o chão de um déspota, que intentou nos humilhar e na luta cobrindo-se de galardões, poderosamente, contribuíram para liquidar de uma vez por tôdas, com os sonhos de conquista em solo americano.

A gleba bagèense que teve a insigne honra de em 1852 fornecer à nação brasileira, o 2.º regimento de cavalaria, sob o comando do bravo Osório, que deu a carga da vitória em Monte Caceros, derrotando a Rosas; deu também, em 1870, o 19.º batalhão de cavalaria, às ordens do valente Joca Tavares que eliminou para sempre o último tirano imperialista do continente americano, — Francisco Solano Lopes.

———o———



LIVRO SEGUNDO



Capítulo I

PAZ E PROGRESSO

Finda a guerra da tríplice-aliança se estabeleceu no continente americano salutar clima de concórdia entre as diversas nações, resultando uma nova era em que os sentimentos de fraternidade e de boa amizade se desarrolharam dando como fruto a exemplar orientação política do pan-americanismo.

Bagé usufruindo as vantagens dêsse advento se entregou ao trabalho profícuo e prosperou em todos os setores da atividade humana, apesar da enorme crise econômica por que atravessava o país.

Nessa época, segundo relato de meu amigo Dr. Norberto Greco: "Os Irmãos Chicchi; Miguel, Francisco e Vicente embarcaram na Itália, sua pátria, para o Brasil, onde chegaram após longa e penosa viagem.

Dirigindo-se para a Província do Rio Grande do Sul, escolheram o município de Bagé para nêle fundarem um moinho movido a fôrça hidráulica, onde seria beneficiado o generoso trigo gaúcho. Escolhido e adquirido o local, requereram ao govêrno o privilégio de usar as águas do arroio Bagé.

Deferido favoràvelmente seu requerimento, puseram mãos à obra, começando por construir o forte paredão que ainda hoje existe no referido arroio, logo depois, desviaram parte das águas do arroio e graças à reprêsa, por meio de um canal, conduziram as águas até enorme roda de madeira. Essa linda e pitoresca roda foi construída por vários artífices, também italianos, entre outros, Pedro Bianchetti. Ela movimentava a maquinaria da então "Indústria Bagèense", como denominava-se, primitivamente, o atual Moinho Bagèense.

Em 25 de junho de 1873, alguns indivíduos, julgando que os "gringos" viessem a se apossar de outras terras de Bagé e com o beneplácido das autoridades da época, organizaram e executaram um assalto armado à propriedade, assassinando bàrbaramente Vicente Chicchi que dormia tranqüilamente, segundo dizem alguns, sob uma carroça. Os outros resistiram, defendendo o que de justiça lhes pertencia.

Não obstante, foram encarcerados durante *"tres mesi e tre giorni"*, como sempre dizia meu avô Francisco Chicchi.

Logo após tão dolorosos fatos, dirigiu-se êle à Côrte, onde foi amàvelmente recebido pelo Imperador Pedro II. Permaneceu no Rio vários meses, conseguindo do govêrno a importância de quarenta

contos, como indenização pela morte do irmão e demais danos causados.

Conta-se que foi várias vêzes recebido pelos Imperadores e como dominasse muito bem a língua italiana, como toscano que era, gozava da simpatia de suas majestades e todos notaram o carinho com que o Imperador correspondia às suas saudações, por ocasião dos espetáculos na ópera.

Regressando a Bagé, Francisco Chicchi fundou fábrica de massas, padaria, etc. Sòmente muitíssimos anos depois, em 1903, com a sua morte, em 1900, foi que o Moinho veio a ser propriedade de Emilio Guilayn, porque meu pai José Greco, temendo não poder saldar o compromisso de 27 contos, que era quanto devia o Moinho ao Banco, embora instado pelo próprio Guilayn, resolveu renunciar à sua posse, o mesmo fazendo meu tio Miguel Chicchi.

Vemos, pois que Emilio Guilayn não foi o fundador e sim o reformador do atual Moinho Bagèense, e se Bagé muito lhe deve, mais deve aos Irmãos Chicchi e especialmente a Francisco que aqui tendo constituído família, foi o primeiro grande industrial da longa série que possuiu Bagé. Graças a seu constante e profícuo labor, muito trigo foi beneficiado no Moinho; fabricou-se muita massa e muito pão com a colaboração de Antonio Ferrando, pai de Dna. Catarina Infantini; fundou-se um curtume, com a de Angelo Gallerini; fabricou-se licores, cultivou-se hortaliças e bom vinho com Miguel Rovira; e até conseguiu-se azeite das oliveiras ali plantadas. No Moinho tivemos banhos públicos, pagava-se 200 réis, com direito à toalha e sabonete que, por engano às vêzes, desaparecia depois do banho!

E era no aprazível parque do Moinho, que as famílias bagèenses faziam suas reuniões sociais e recebiam os ilustres visitantes que aqui vinham conhecer a "Rainha da Fronteira".

Notava-se no Estado ativo movimento de trabalho, na ânsia de ordem e de prosperidade. Em todos os setores administrativos via-se o afã da remodelação, novas organizações adaptadas à época, movimento no quadro do funcionalismo trazendo para o serviço de arrecadação, como administrador do Coletoria estadual, desta cidade, em janeiro de 1871, o Ten. Antonio Francisco Pessoa, em substituição ao honrado funcionário Antonio José de Castro e Almeida.

Assumiu o comando do 5.º regimento de cavalaria, o Ten-Cel. Manoel Antonio da Cruz Brilhante, que foi nesse mesmo ano substituído pelo brigadeiro graduado, Augusto Frederico Pacheco que também comandou esta guarnição e fronteira.

Festivamente foi inaugurada a capela de N.ª Senhora da Conceição, cujo edifício foi erguido com donativo de vários devotos.

Foi incansável no administrar as obras dêsse pequeno templo luxuosamente decorado, o benquisto comerciante (ferragista) Henrique da Cunha Ribeiro, que teve grande auxílio dos coronéis: Cae-



Antigo Moinho Bagèense dos Irmãos Chicchi.



"Lavadeiras" no Arroio de Bagé, vendo-se ao fundo o edifício da Beneficência Portuguêsa e antigo Moinho Bagèense.



Rua General Osório (Vista parcial).



Rua General Neto e parte da Praça Silveira Martins.

tano Gonçalves da Silva, Joca Tavares, Camilo Mércio Pereira e Antonio Jacintho Pereira Junior.

Pela documentação já exposta em capítulos anteriores verifica-se que a imagem de N. S.ª da Conceição e a Pedra D'Ara, do altar desse templo, vieram da cidade paraguaia de Assunção e foram remetidas pelo Cel. Antonio Jacintho Pereira Jr.

Dêsse bravo, de quem tanto já falamos, vejamos o que dêle disse Gavino Machado da Silveira, em edição da *Gazeta Pedritense* de 12 de outubro de 1910; e Jorge Reis, em seu livro *Homem do Passado,* à página número 33, acrescido de documentação de nosso arquivo particular.

Gavino Machado da Silveira: "para consagrar a memória de um dos vultos da vasta galeria patriótica do nosso caro Rio Grande". *Jorge Reis*: "Graças a um bem elaborado artigo, há meses publicado na "Gazeta Pedritense", pelo inteligente jornalista Sr. Maj. Gavino Machado da Silveira, veterano do Paraguai, posso publicar hoje nesta modesta seção, alguns apontamentos sôbre a vida do valoroso Cel. Antonio Jacintho Pereira Junior, que tantos e tão relevantes serviços prestou ao país, na paz e na guerra. Tão bravo, quanto modesto, foi como soldado, exemplo de civismo, de altivez e de independência. O seu desprendimento muito o prejudicou, preterindo-o em direitos adquiridos, pois, ninguém com mais justiça devia ter voltado da campanha do Paraguai, com o pôsto de general honorário, ou com um título nobiliárquico. E assim não foi, quando os seus serviços foram tão importantes!!

ANTONIO JACINTHO PEREIRA JUNIOR

O Cel. Antonio Jacinto Pereira Jr. era natural do município de Bagé e nasceu a 2 de setembro de 1827.

Filho legítimo do Ten. Antonio Jacintho Pereira — *combatente no demarcar nossas fronteiras, em 1801; primeiro delegado de polícia, do então povoado (primeira autoridade civil); e primeiro governador civil da então vila de Bagé, ano de 1847 a 1857 —, e de Dna.* Inocência Anacleta dos Santos Gularte, irmã do grande e filantrópico cidadão, o extinto fazendeiro, João Anacleto Gularte, de honrada e saudosíssima memória.

Contraiu matrimônio a 22 de janeiro de 1851, com sua prima, a Exma. Sra. Dna. Felisbina da Rosa Jacintho, portadora de excelsas virtudes, filha do respeitável ancião Rogério da Rosa Garcia e de Dna. Ana Florisbela da Silva.

Fazendo parte da briosa Guarda Nacional, marchou no pôsto de capitão do corpo de cavalaria do Cel. João Severo, para a organização do exército brasileiro no Rio da Prata que lutou e liquidou a tirania de Rosas, em 1852.

Nessa ocasião recebeu a medalha criada pelo decreto de 14 de março de 1852.

Continuando a servir nessa milícia alcançou merecidamente os postos de major e de tenente-coronel, oferecendo, em 1864, os seus serviços ao govêrno, quando reunia fôrças para defender as nossas fronteiras contra a invasão paraguaia.

Dispondo de ótimas relações e de muito prestígio reuniu em menos de um mês, entre os últimos dias de julho e os primeiros de agôsto de 1865, um luzido corpo de voluntários de 236 homens exclusivamente destinados ao seu comando que tomou a denominação de 32.º da guarda nacional. A política, porém, sempre inimiga da ordem, influiu poderosamente na nomeação do comando dessa unidade, fazendo recair num homem, aliás muito distinto, mas bastante idoso já para operações de guerra, o Ten-Cel. Celestino Gularte Pinto, dando-se assim a dispensa do serviço do ainda Ten-Cel. Antonio Jacintho. Êste, dominado pelo amor da pátria sem preocupar-se do abandono da sua família e de seus interêsses e no empenho de fazer reparar a injustiça que sofrera, apresentou-se ao Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, então ministro da guerra, estando já na província, oferece-lhe seus serviços e obtém autorização plena para organizar um corpo ou esquadrão, com destino às operações contra o Paraguai.

(Possuímos em nosso arquivo particular, o documento em que o conselheiro ministro Ferraz, barão de Uruguaiana, em breve respondeu-lhe; dando prova de inteira confiança, autorizando ao prestimoso ten-cel. a organizar um corpo ou esquadrão, para à sua frente marchar com destino ao exército).

De fato reuniu fôrça em número superior ao necessário para um esquadrão, e reunido ao legendário Cel. Manoel Lucas de Oliveira, marchou em direção a S. Borja, com destino às fôrças do 2.º corpo do exército em operações sob o comando do bravo Conde de Pôrto Alegre, a que se incorporou em maio de 1865, em S. Tomaz, província de Corrientes, onde sofrendo êsse corpo do exército indispensável reorganização, seria justamente confiado ao Cel. Antonio Jacintho, o comando de um dos corpos de cavalaria, atentos seus méritos patrióticos e militares; mas, rebelde enfermidade o privou por então dêsses desejos e assim foi obrigado a vir tratar-se neste Estado.

As repetidas contrariedades por que passou, na sua patriótica pretensão, não arrefeceram essa pronunciada dedicação à Pátria: restabelecido neste Estado de sua enfermidade, o Cel. Antonio Jacintho, aproveitando a vinda do herói inexcedível Gen. Osório, a êste Estado e quando o mesmo Osório, melhorado dos incômodos para os quais veio procurar lenitivo aqui, começava a organização do 3.º corpo de exército, ofereceu seu concurso para essa dificílima tarefa.

Osório, conhecendo, mais que outro qualquer general, o prestígio, inteligência e mérito militar do Cel. A. Jacintho, aceitou de me-

lhor grado os seus serviços, e em que foi eficaz auxiliar, valendo-lhe a nomeação do comando do corpo 16.º de cavalaria, em à frente do qual marchou com destino às operações de guerra.

A marcha dêste Estado, transpondo o Uruguai, seguindo por Corrientes até o Passo da Pátria, foi rápida.

Transpondo o Paraná, êsse corpo do exército brasileiro, em julho de 1867, marchou logo a incorporar-se ao 1.º corpo do mesmo exército, em Tuiu-cué, onde logo entrou em ativas operações.

Em pontos sempre arriscados, era um dos que, pela própria arma a que pertencia, naquela fase da guerra, andava sempre a meio dia de folga em mais repetidos combates tomava parte, sempre louvado, por sua atividade e valor nunca desmerecido.

Na ocasião de incorporar-se ao 1.º corpo de exército sob o comando em chefe do marechal, Duque de Caxias, fêz a marcha de flanco de Tuiuti para Tuiu-cué, realizada com o fim de interceptar as comunicações entre Solano Lopes e o interior do Paraguai.

Tomou parte no reconhecimento e cêrco da fortaleza de Humaitá, a 16 de julho de 1868, sob vivíssimo fogo. (Diz textualmente, Gavino Machado da Silveira):

Depois do cêrco de Humaitá, distanciado do autor destas linhas o cel. Antonio Jacintho, só chegavam ao nosso conhecimento, os seus feitos pelas ordens do dia do Exército, até Palmas, e nessas ordens do dia, eram salientes seus feitos.

Desde 14 de novembro de 1868, em que o autor destas linhas teve a glória de ter parte ativa nos trabalhos da construção da estrada do Chaco, até as últimas operações de Dezembro do mesmo ano, tivemos ocasião por diversas vêzes de testemunhar a constância e valor do cel. Antonio Jacintho.

A 4 de dezembro de 1868, com o corpo de seu comando, passava o rio Paraguai, da Palma para o Chaco, e por este, seguindo a estrada aberta, já então toda coberta pelas aguas que inudaram aquele rio, vencia, com os seus comandados, enormes obstáculos, ora transpondo pontes cobertas dagua com um metro mais ou menos de profundidade, ora perdendo o leito da estrada, pelo desaparecimento das balisas, iam cair em terrenos que saião os cavaleiros a nado, isto em mais de três quartas partes da estrada, até a ponte de canoas no arrôio Vileta, enseguida á qual, se pisava terra firme em uma pequena zona. Éra grato vêr-se aquele valente, de pés descalços, calça arregaçada, agua a meia costela e a quadril do seu cavalo, guiando prasenteiro, os seus bravos cavalerianos.

A casualidade como consequência do cumprimento do dever, nos levou a testemunhar o que aqui afirmamos, por ocasião que, em sentido contrario procuravamos vencer os mesmos obstaculos.

Proseguindo o Exército nas operações de dezembro, após o desembarque em S. Antonio, fez com o corpo do seu comando que éra

parte do 3.º corpo do exército, do invencivel Osório, o contorno de Itororó.

Fez a perseguição ao inimigo desde Itororó, tomou parte nos combates até o dia 10; a 11 coube-lhe não pequeno quinhão de glórias na batalha de Avaí — comandava a 8.ª brigada e nessa ocasião, por morte do comandante da 3.ª brigada, Cel. Niederauer, passou a comandar uma divisão formada pelas duas brigadas e teve a insigne honra de montar o cavalo escuro do bravo Osório quando no ardor da peleja o general foi ferido e Antonio Jacintho perdia a sua montada varada por bala inimiga; já publicamos em capítulo anterior um documento descritivo dessa batalha, do próprio punho do Cel. Antonio Jacintho Pereira Jr. —, *onde salientou-se seu mérito e valor de comando.*

Marchando com o exército sobre Lombas Valentinas tomou parte ativissima nos ataques de 21, 25 e 27 de dezembro, assistindo a 30, a rendição de Angustura. Uma outra casualidade permitiu a quem estas linhas escreve de apreciar "de visu", o valor do Cel. Antonio Jacintho.

A 21 de dezembro, não éra o autor destas linhas praça combatente; mas, devido á enfermidade de um oficial, sobrevinda após a nomeação para um posto perigoso, foi-nos confiado esse posto, que nos levou com trem de assalto ao fôsso, de que, afastadas alguns passos as linhas inimigas, permitiu-nos colocar pranchões e escadas, sómente utilizadas no momento preciso, pela infantária, por cuja direita entramos, ficando-nos a cavalária a direita e junta ao fôsso, tentando passar. Nesse momento chegava uma secção de pontoneiros, que foi atulhando o fôsso, sem nenhuma solidês. O cel. Antonio Jacintho, que éra o comandante da linha de cavalária e que no momento ocupava a esquerda dela, empregava inaúditos esforços para fazer os seus comandados transporem o fôsso mal atulhado; e, parece impossivel que tal realizasse, como realizou a passagem, a saltos, dos cavaleiros melhor montados, conseguindo formar do lado inimigo, um regular esquadrão que foi o primeiro a atacar a lança, a linha de infantária inimiga, facilitando com esse rasgo de audácia, que novos esquadrões ali penetrassem, tornando desde então, mais facilmente, penetravel a trincheira, principalmente à infantaria, que naquele momento se batia a distância de tiro de pistóla.

Desde então pudemos afirmar o verdadeiro valor do cel. Antonio Jacintho Pereira Jor.

Nos combates e ataques que seguiram-se ao de 21 (Lomas Valentinas) tomou como sempre, parte ativa — 23, 24 até 27 de dezembro, em que foi tomado o reduto de Itá-Ivalé —, quer no comando de brigada, quer no de divisão, depois do ferimento do Barão do Triunfo.

Terminadas as operações de dezembro, marchou o exército para Assunção, acampando na Trindade, com a fôrça de seu comando.

Marchando o exército de Assunção para recomeçar as operações, foi-lhe confiado o comando de uma brigada, composta dos corpos, 9.º e 16.º provisórios e 4.º de linha, de cavalaria estacionada em Assunção, sendo comandante da guarnição, o distinto general de brigada, Barão de Camaquã, Salustiano Jerônimo dos Reis.

Essas fôrças além do serviço de guerra, na base de operações de então, acarretavam a seus chefes grandes responsabilidades.

Era em Assunção que se recebiam gados para serem remetidos às fôrças em expedição e os cavalos para remonta do exército, sendo presidente das comissões de exame efetivamente, o Cel. Antonio Jacintho; serviço de tal importância, quanto à confiança de que carecia ao chefe dessas comissões, que o fato em si, era a mais cabal prova de honestidade do Cel. Antonio Jacintho.

Extintas quase completamente essas comissões, em razão do têrmo da guerra a que desde princípios do ano de 1870 era esperado com segurança, a seu pedido veio dispensado do serviço da guerra, como era mister, para atender sua saúde, novamente alterada.

Seus valiosíssimos serviços prestados na guerra do Paraguai, para o que abandonou confôrto e família, ainda não completamente ao abrigo da pobreza, são a mais exuberante prova de um patriotismo puro, porque, arriscando a vida nos campos de batalha, tendo a saúde comprometida, foi muito além do seu dever comum.

Regressando à terra natal onde por essa ocasião lhe foram prodigalizadas justas homenagens de seus conterrâneos, recolheu-se ao seio da família continuando nos labores de sua profissão de fazendeiro. Antes e depois da guerra do Paraguai, prestou muitos e valiosos serviços, nos cargos policiais e vereador, tendo presidido durante quatro anos a Câmara Municipal de D. Pedrito, servindo sempre a contento geral.

De entre as preocupações pelo bem-estar de sua família, foi sempre notável, a da criação e educação dos filhos.

A sua cultura intelectual, foi relativa aos meios existentes ao tempo de sua puberdade; entretanto, era sabido no nosso meio, a facilidade de sua expressão, falando com correção, e aliando ao seu afável e cativante trato pessoal, extrema bondade, máxima lealdade e firmeza de conceitos. Em 1869, foi-lhe conferida a patente de coronel-honorário do exército pelos relevantes serviços prestados na guerra da tríplice-aliança.

Além da medalha da "Campanha do Prata" — 1851 a 1852 —, foram-lhe conferidas condecorações imperiais, "Oficialato da Rosa e Cruzeiro"; medalha do *"Mérito Militar", por ato de bravura, na batalha de 11 — Avaí —,* ataque de 21, 25 e tomada a 27, de dezembro de 1868 de Vileta e Lomas Valentinas; as da Campanha do Paraguai n.º 5, as da Argentina e Oriental da mesma Campanha.

De conduta civil e militar irrepreensíveis, ornando-lhe a farda tão belos atributos, captou plena confiança de seus chefes, principalmente dos invictos Osório e Andrade Neves.

Êsse valente cabo de guerra e autêntico tipo do fazendeiro gaúcho que tanto enriqueceu nos campos de batalha, a guarda nacional do R. G. do Sul, e na paz as fileiras do partido Liberal histórico, mereceu a honra de ser o seu nome glorioso dado a uma das ruas da cidade de D. Pedrito.

Faleceu na cidade de Bagé, em 21 de março de 1891, deixando viúva a sua Exma. Sra. Dna. Felisbina da Rosa Jacintho, e do feliz consórcio vários filhos a perpetuarem-lhe a memória.

(Dados de sua linha ascêndente e descêndente, extraidos de documentos conseguidos pelo autor, sendo que, vários do próprio punho de Antonio Jacintho Pereira Jor — seu bisavô.)

O dr. Sebastião de Leão, célebre historiador, refere-se em interessante artigo "Os primeiros açorianos", a Manoel Jacintho.

O autorizado professor e historiador, dr. Dante de Laytano, revela em "Fazenda de Criação de Gado", pg. 66; Manoel Pereira Roriz, casado na Colônia, foi um dos primeiros povoadores do velho burgo rio-grandense. Éra pai de Antonio Jacintho Pereira.

Constituíram seus avoengos as mais antigas famílias do Estado: Jacintho Pereira, Garcias, Rosas e Gulartes, são dos que para aqui vieram gozando das regalias exaradas de diversos registros das ordens de D. João, por Graça de Deus, Rei do Reino Unido de Portugal e do Brasil e de Algarves, daquém e de além Mar, em África, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia, etc.

MANOEL JACINTHO PEREIRA RORIZ conhecido por ambas as formas que lhe abreviavam o nome, hábito ainda hoje muito comum, foi um dos primeiros, oriundo da ilha da Madeira, que aqui afloraram indo residir no local mais tarde, Pôrto dos Casais, hoje cidade de Pôrto Alegre, da qual foi um dos fundadores.

Contraiu núpcias por duas vêzes; concebendo com as duas mulheres a numerosa prole de 30 filhos, sendo 15 de cada uma delas.

No afã de enriquecer, à cata de melhores terras para a criação e agricultura, seguiu para a região do Taquari; ficando nessa ocasião seu filho José, mais conhecido pela alcunha de o "Ressabiado", como morador na estrada do Mato Grosso — caminho da Azenha, rumo a Viamão —, e que ainda hoje, tem tradições conhecidas.

Um outro filho, Antonio Jacintho Pereira *(1.º)* cabo de esquadra da cavalaria do Passo do Piquiri, foi unir-se com Pinto Bandeira para dar combate aos espanhóis, terminou fazendeiro no Rio Pardo — que passou mais tarde para as comarcas de Cachoeira e Caçapava.

Constituindo família, teve vários filhos entre êles, um que lhe herdou o nome, Antonio *(2.º)* e que lutou nesta zona meridional, quando da fixação da atual fronteira em 1801, tendo depois destacado papel na vida do povoado de Bagé, onde foi a primeira autoridade civil, como delegado de polícia e primeiro administrador, como presidente da Câmara de Vereadores, da então vila que na sua evolução passou a essa categoria graças à sua ação dinâmica e fecunda.

Dentre seus irmãos destacaram-se os seguintes: José, Jeronimo, Manoel e Delfino.

José, fazendeiro e militar ilustre, fêz tôdas as campanhas continentinas, onde teve papel saliente, casando-se em primeiras núpcias com Dna. Maria Angélica Jacintho Osório e em segundas, com Dna. Genoveva Maria Bitencourt, da qual teve um filho de nome João que casou com Dna. Ana Luísa Osório, filha do Marquês do Herval.

Dêsse casal, salientou-se entre seus filhos, o Ten-Cel. Manoel Jacintho Osório que veio a falecer em conseqüência de grave ferimento ocasionado na batalha do Avaí.

Dona Maria Angélica era irmã de Manoel Luís Osório, Marquês do Herval, filha do Ten.-Cel. Manoel Luís da Silva Borges e de Dna. Ana Joaquina Luís Osório.

Jeronimo, extraordinário vulto na vida rio-grandense, tachado por Alfredo Varella como herói continentino, foi sócio em armentios de Frutuoso Rivera.

Manoel, foi também militar, faleceu quando do assédio a Montevidéu, logo após a tomada de Paisandu. Essa morte foi muito sentida, principalmente por Osório que lhe dedicava grande amizade.

Assentamentos dos filhos dos finados Ten. Antonio Jacintho Pereira e Dna. Innocencia Anacleta dos Santos, ambos falecidos:

1.º) *Joaquina,* nasceu a 4 de julho de 1822, e faleceu em Bagé com 45 anos mais ou menos.

2.º) *Candida,* nasceu a 26 de janeiro de 1826, e faleceu em Massamedes, na Costa da África, possessão portuguêsa, a 8 de janeiro de 1876.

3.º) *Antonio,* nasceu a 2 de setembro de 1827 — Trata-se do biografado, e êsses apontamentos estão sendo reproduzidos de acôrdo com o original de seu próprio punho — Faleceu em 21 de março de 1891.

4.º) *Manoel,* nasceu a 27 de março de 1829 e faleceu a 13 de julho de 1874. (Era pai de Ismael Jacintho Pereira que deixou vários filhos, entre êles, o Dr. Acrísio, personalidade dotada de primorosa inteligência e sólida cultura, muito tem cooperado no desenrolar dêste trabalho nos encorajando e fornecendo amiudadamente ótima documentação.

5.º) *José,* nasceu a 3 de julho de 1830, faleceu em 1868. Foi Alferes da Guarda Nacional.

6.º) *João,* nasceu a 17 de junho de 1832, e faleceu assassinado a 13 de fevereiro de 1868.

7.º) *Anacleto,* nasceu a 24 de dezembro de 1833: faleceu a 7 de novembro de 1897.

8.º) *Innocencia,* nasceu a 15 de abril de 1836.

9.º) *Maria Igna.ca,* nasceu a 24 de novembro de 1840.

10.º) *Rogerio,* nasceu a 11 de outubro de 1842, e faleceu a 9 de junho de 1870.

Resumo dos apontamentos feito pelo punho de meu finado pai dos nascimentos de seus filhos.

Antonio Jacintho Pereira Jor.

———o———

Relação nominal dos filhos do casal Cel. Antonio Jacintho Pereira Jor. e Dna. Felisbina da Rosa Jacintho.

1.º) Minha filha *Lydia,* nasceu a oito de abril de 1853, batizou-se a 28 de maio do mesmo ano, pelo Padre Lourenço Casas-Novas, na vila de Bagé.
Foram padrinhos os meus pais, o Ten. Antonio Jacintho Pereira e Dna. Innocencia Anacleta dos Santos, e de apresentação a minha mana Candida Jacintho dos Santos.
— *Casou com o sr. major Alvaro Pinto Barreto.*

2.º) O meu filho *Rodolpho,* nasceu a 27 de setembro de 1855, e batizou-se a 7 de janeiro de 1856, pelo Padre José Tavares de Bastos Rios, foram padrinhos os meus sogros Cap. Rogerio da Rosa Garcia e Dna. Anna Florisbela da Silva, e de apresentação a minha cunhada Gertrudes da Rosa e Silva.

Junho 16 de 1889. Às 9 para as 10 horas da noite do corrente mês e dia, faleceu na cidade de Bagé o meu filho Rodolfo Jacintho Pereira, de uma tenaz enfermidade, deixando 4 filhos menores — Silvia, Euclides, Euripides e Célia — e sua viúva Ceryaca Romero Jacintho, o finado era Alferes do 5.º Regimento da Cav. de Linha, contava 33 anos 8 meses e 17 dias de idade, sentou praça no 1.º Regimento da Côrte, para onde foi a expensas minhas, serviu a sua Patria de 11 de Novembro de 1872 até o dia 16 de junho de 1889, quando faleceu.

3.º) A minha filha *Alfonsina,* nasceu a 23 de maio do corrente ano de 1857, e batizou-se a 27 de junho do mesmo ano, na Vila de Bagé, pelo Padre Francisco da S. S. Trindade, foram padrinhos os meus cunhados, José da Silva Crespo Candiota e Dna. Maria da Roza e S.ª Crespo, e de apresentação minha cunhada Anna da Roza e Silva.

— *Casou com o sr. Pedro Romero.*

4.º) O meu filho *Bruno,* nasceu a seis de Outubro do corrente ano de 1858, e batizou-se a 16 de Novembro do mesmo ano, na Vila de Bagé, pelo Padre Candido Lúcio d'Almeida, foram padrinhos os meus compadres José Alano da Silva e Dna. Genoveva da Rosa e Silva, e de apresentação a minha cunhada Maria Senhorinha da Rosa e Silva.

5.º) O meu filho *Affonso Henriques,* nasceu a 28 de novembro do corrente ano de 1860, e batizou-se a 9 de setembro de 1861, na cidade de Bagé, pelo Padre Candido Lúcio d'Almeida, foram padrinhos Henrique da Cunha Ribeiro e Dna. Gertrudes da Rosa e Silva, e de apresentação, José Luís Alano.

6.º) A minha filha *Innocencia,* nasceu a 25 de setembro do corrente ano de 1862, e batizou-se a 17 de fevereiro de 1871, na cidade de Bagé, pelo Padre Candido Lúcio d'Almeida, padrinhos Francisco José da Costa Jubim, e Dona. Candida Jacintho dos Santos Jubim, que se achavam na Europa, apresentaram a procuração pelos mesmos o meu Irmão Manoel Jacintho Pereira e sua mulher Anna Joaquina Gularte.

7.º) O meu filho *Benjamim,* nasceu a 9 de setembro do corrente ano de 1872, e foi batizado a 22 de Janeiro de 1874, na Vila de D. Pedrito, pelo Padre José Tavares Bastos Rio, foi padrinho o Marquês do Herval, e madrinha minha filha Alfonsina, e apresentou o meu filho Bruno.

——o——

O Cel. Antonio Jacintho Pereira Jr., era avô de Dna. Silvia Jacintho Salis, casada com o benquisto Cel. Oscar Salis, farmacêutico de saudosa memória, pai do autor dêste trabalho — a quem Bagé, exclusivamente, deve a feitura de sua HISTÓRIA, tanto na parte intelectual como, também na econômica.

Num preito de amor filial e de saudades seguem-se alguns dados que publicamos, em 6 de fevereiro de 1954, no "Correio do Sul".

Cel. Oscar Salis

Um povo sem história, sem tradição, é um povo infeliz que só poderá viver como parasita à mercê da seiva vivificadora dos mais fortes. Na torrente evolutiva do progresso, no afã sublime em busca de melhores dias, por mais humosa, fértil e exuberante, que se nos apresente a gleba, se lhe lançarmos a semente (vida), e esta não enraizar, nada conseguiremos porque a haste, caule, ramos, fôlhas, flores e finalmente os frutos, são produtos afins desenvolvidos paralelamente ao apêgo ao solo.

Enquanto uma parte se entranha no mistério, nas profundezas da Mãe-Natural, a outra procura o ar e a luz completando o ciclo da criação, a mais sublime obra Divina.

Na árvore da vida, o HOMEM, "êste ser desconhecido", produto de sucessivos desdobramentos, se hoje se exterioriza em frondosa copa é porque se alicerça em raízes de seus antepassados.

As almas boas, puras, nobres e generosas completam êsse período evolutivo, continuando a viver ainda maiores, no âmago da terra, Mãe fecunda que aos estéreis transforma em pó, joga-os ao Nirvana.

A nossa História, a nossa tradição, se inicia em nós, no seio da família onde se haure os primeiros conhecimentos e se recebe os melhores exemplos.

Refletindo o sentimento popular, num gesto magnífico que muito dignifica, a colenda Câmara de Vereadores, houve por bem perpetuar numa das ruas da bela "Rainha da Fronteira" o nome por todos os títulos ilustre do bagèense simples e modesto que foi o Cel. Oscar Salis.

Palpitando-nos seu próprio sangue é pois vibrando de comoção que agradecemos a nossos comunícipes a justa homenagem que lhe irão tributar (hoje) e num preito de gratidão traçaremos sua biografia para conhecimento das gerações vindouras.

———

Agindo como rato de biblioteca, certa vez, deparamos com o célebre almanaque *GOTHA* — genealogia da casa dos antigos condes — e lá verificamos onde se encontram os arquivos com documentos de diversas épocas, a começar do ano de 1 300, relativo aos Salis, oriundos das margens do lago de Como, na bela península italiana.

Decorria o século XIII quando resolveram os líderes da família com todos os descendentes transferirem residência para Soglio (Suíça). Donos de majestosos terraços que se salientavam entre verdejantes vales encravados nas montanhas — a cêrca de 1.100 metros de altura e a 400 metros acima do vale de Maira — erigiram notáveis construções arquitetônicas em puro estilo italiano, onde se viam inúmeras obras de arte, galerias de quadros famosos e os mais belos jardins da Europa.

Em meados do século XIX aportava à América, nas costas brasileiras de Sta. Catarina, o então jovem Antonio Salis que se estabeleceu em Florianópolis com um engenho de madeiras.

Possuidor de um navio, iniciou o serviço de cabotagem entre essa cidade e a de Pelotas, ocasião em que nessa última, conheceu e logo a seguir contraiu matrimônio com a senhorita Margarida Coelho, de conhecida família rio-grandense.

O novel casal passou a residir na capital de Sta. Catarina, onde teve a ventura de ver nascer dois filhos: Silvana e Emilio Antonio; mudando-se para o pôrto de Rio Grande, onde ganhou mais uma filha que recebeu o nome de Hortênsia.

Naquela época a barra "tinha querer" e, bem na entrada, violento vendaval tragou-lhe o navio, o que fêz tomar a resolução de se transferir para a cidade de Pelotas.

Numa era de construção e de paz, logo após a guerra da tríplice-aliança, Emilio Antonio, jovem farmacêutico, passa a residir em Bagé, casando-se com a Srta. Manoelinha Marins da Silva, constituiu numerosa prole; Silvana (Vanoca), Georgina, Margarida, Oscar, Jandira, Hortênsia e Armando.

Em Bagé, terra heróica e legendária, a 7 de novembro de 1876, nasceu Oscar Salis trazendo do berço o vaticínio da modéstia e da bondade, com que muito engrandeceu o meio em que viveu.

Quando menino foi levado à pia batismal pelo ilustre casal Exma. Sra. Dna. Umbelina e José Nunes da Silva Tavares, com quem passava os períodos de férias na estância do Limoeiro.

Na juventude foi aluno dos professôres Stotes e Artur da Silva Lopes de quem auriu excelente instrução.

A fim de lutar ombro a ombro, ao lado de seu estimado pai, se dedicou à vida de farmácia prestando, desde então, relevantes serviços à coletividade.

Eis o que dêle disse o emérito historiador, Dr. Fortunato Pimentel: "Nas nossas cidades, principalmente na Fronteira, há criaturas que pelas virtudes próprias, assinalam o espírito da raça, com todo o cortejo de suas qualidades.

Eu era mocinho. Vim a Bagé em 1912, assistir sua grande exposição e as festividades sociais, que sempre aprimoram suas festas de trabalho.

Fui hóspede do Hotel do Comércio e fiquei bem defronte à Farmácia Confiança (Salis).

Aí conheci uma figura de estatura mediana, morena, cheia de simpatia, sempre alegre, a todos atendendo com carinho. A farmácia repleta de forasteiros, políticos, criadores, pessoas de tôdas as classes sociais e a gente tinha logo a impressão de que o estabelecimento, pela influência de seu proprietário, era como uma sala de visitas da "Rainha da Fronteira."

Dinâmico, influente, membro de diversas diretorias de entidades sociais da terra natal, êle, em sua casa de trabalho, centralizava as autoridades máximas do município, médicos eminentes, jornalistas, deputados, políticos; finalmente se a farmácia se chamava Confiança, também inspirava esta virtude a todos que dela se aproximavam. Aos que lhe pediam um remédio, aos que lhe falavam sem receitas, aos desprotegidos da sorte, aos necessitados, Oscar Salis tinha uma resposta, uma informação, e com bondade característica lá ia uma fórmula grátis, e num gesto de piedade mais alguma coisa se necessário fôsse.

Casou o ilustre bagèense em 20 de maio de 1889, com a inesquecível Sra. Sílvia Jacinto, de tradicional família, a mais numerosa do município, pois foi ela a verdadeira célula da formação citadina.

No seu modelar ambiente familiar, nasceram os filhos seguintes: Manoélinha, casada com Camilo Caminha; Célia, já falecida; Dr. Eurico J. Salis, casado com Irene Gaffrée Nogueira; Dr. Oscar J. Salis, casado com Ruth Jacinto; Nair, casada com Homero Fagundes; Dr. Emílio J. Salis, casado com Inah Pitrez; e Dr. Mário J. Salis, casado com Elaine Machado. Vários netos e bisnetos.

(Descendem do autor os filhos: Sílvia, casada com Heitor Gomes Mércio; Marcos Flávio, Telmo, Fernando e Iara; netos: Teresa Cristina e Pedro Antonio Salis Mércio).

Oscar Salis foi conselheiro municipal e juiz federal, de 1914 a 1930, e isto é bastante para que bem se possa aquilatar da sua simpatia irradiante, do seu trato e da habilidade com a qual atraía a estima de seus patrícios. Sua gargalhada gostosa, seu temperamento emotivo, seu espírito público, acolhia nos tempos agitados, gregos e troianos...

Com o falecimento da espôsa amantíssima, perdeu Oscar Salis o prazer de viver, tornou-se tristonho e doente. Soube educar os filhos, torná-los profissionais de elite; quando era amigo, não conhecia impecilhos. A 13 de julho de 1941, a sociedade bagèense cheia de imenso pesar, ao conhecer a sua morte, lhe tributou homenagens merecidas e sua memória ainda vive na imaginação dos que bem o conheceram".

No último quartel da vida, por haver torcido um pé, andava quase sempre a cavalo e era visto em todos os recantos da cidade, ora conversando, ora pedindo um cigarro, enfim na maior camaradagem, atendendo, medicando a quase todos.

Quando solicitado, atendia sempre, fôsse dia ou noite, com o mesmo carinho, com o mesmo prazer de ser útil, de bem servir, mesmo assim, em certa ocasião foi vilmente atacado, injuriado mesmo, e teve na pessoa amiga de Fanfa Ribas, o inesquecível diretor do "Correio do Sul", — seu adversário político —, o seu maior defensor.

Alma privilegiada, de seus inimigos não guardou ressentimentos porque sabia perdoá-los.

Marcaram-lhe a vida dois episódios que bem atestam o acendrado amor que dedicou ao homem, à terra natal e a êste rincão de Ypagê que tanto queremos.

Quando vereador opunha-se sistemàticamente às taxações elevadas, à criação de novos impostos, fazendo ver a seus pares que outros municípios existiam e que, portanto, cabia aos administradores, aos homens das leis, atrair e não, onerar, correr, sufocar a indústria nascente, com obrigações escorchantes. Nos derradeiros momentos de sua vida pediu aos filhos — num pequeno papel escrito a lápis —, para que seu corpo fôsse transportado à última morada por trabalhadores, homens do povo, seu elemento, a quem muito queria. O povo o carregou, e alegrou-nos ver que o povo o consagrou porque êle não viveu só para o momento, se enraizou no coração de seus amigos.

———o———

Acompanhando o surto progressista da localidade, a colônia lusitana já de posse de algum numerário arrecadado entre os seus elementos componentes, em ato festivo a 9 de julho de 1871, lança a pedra fundamental do edifício que recebeu o nome da sociedade organizada: *Beneficência Portuguêsa.*

Foi escolhido o nome de São João de Deus para padroeiro da nova entidade cuja instalação em prédio próprio, foi inaugurada a 27 de novembro de 1878.

A primeira diretoria ficou constituída das seguintes pessoas:

Presidente: Joaquim da Costa Guimarães.
Vice-pres.: Francisco Leopoldino da Costa Cabral.
Secretário: João Maria Peixoto.
Tesoureiro: João Pereira de Mendonça Lima.
Procurador: Domingos José do Rosário.

Sócios Beneméritos: Drs. José Francisco de Azevedo Penna, João Albano de Souza, Amancio Joaquim Pereira Caldas, José Modesto de Souza, Jonathas Abbot, José Xavier da Costa, Pedro Luís Osório F.º, Antonio Marques da Silva Pavão, Saturnino Thomaz de Aquino e o vigário Cônego João Ignácio Bittencourt.

Sócios Benfeitores: Barão de Itaqui, Alexandre Teixeira Brasil, Manoel Pinto Barreto e José Luís Martins.

Sócios Remidos: Luciano Pires Carrico, Antonio Alves Meireles, Gustavo Cezar Martins, Agostinho Pereira e Joaquim Bento Fernandes.

Sócios Honorários: Carlos Miguel Lustre, João Pereira Barbosa, Antonio José Peixoto Guimarães, Eduardo Salomé, João Francisco dos Santos, Manoel Antonio Nunes, Filastrio Ferreira Paes, Jacome de Abreu e Souza, Albano Pereira, Ernesto Augusto Gernsgross, Manoel Rosado, Cap. Matheus Teixeira Brasil, Cap. João Pereira Franco, Thomaz José Collares, Ten-Cel. José Facundo da Silva Tavares, José Bonifácio da Silva Tavares, Laurindo José Collares e Serafim José da Silveira e Silva.

No decorrer do tempo, essa sociedade tem prestado bons serviços, não só a seus associados como também à coletividade bagèense. Preside-a atualmente o industrialista Sr. Paulo Babot.

A linda "Rainha da Fronteira" recebe a visita de destacado membro da família imperial, o Príncipe D. Felipe Maria de Bourbon que com procedência da Côrte, aqui chegou a 19 de julho de 1871, tendo fidalga acolhida.

Êsse nobre que se dirigia a Livramento, vinha acompanhado do Marechal-de-Campo Vitorino José Carneiro Monteiro, Barão de S. Borja, comandante das armas da província.

Sua Alteza estêve aqui durante poucos dias, pois que, havia sentado praça como primeiro cadete e por determinação de autoridade superior recolhia-se ao 3.º regimento para o qual fôra classificado.

Boêmio, possuidor de espírito folgazão, fazia verve, ou se mostrava contrariado, deixando transparecer certo despeito ao critério de seu tio, Imperador D. Pedro II, porque não obstante lhe dar a elevada mesada de Rs. 1:000$000 mensais, não o havia promovido logo a marechal do exército ou a almirante; o que fizera com seus dois genros, respectivamente Conde D'Eu e Duque de Saxe.

Uma outra sociedade foi fundada em 1871, com finalidade de socorros mútuos, assistência social, e um departamento que cuidava da parte recreativa. Era ela constituída de elementos de outra colônia aqui radicada; os peninsulares da bela Itália, e de seus descendentes.

Deram-lhe a denominação de *Sociedade Italiana de Socorros Mútuos,* e seus orientadores lhe deram um cunho de salutar eficiência que no evoluir do tempo prestou relevantes serviços aos elementos a ela filiados e ao meio local.

Os acontecimentos universais, por ocasião da última hecatombe, levaram o govêrno federal a lhe confiscar os bens, entregando-os ao patrimônio da Santa Casa de Caridade.

O entusiasmo de vários maçons levou-os a fundar a loja "Fraternidade", para a qual foi escolhido venerável o caridoso médico Dr. João Albano de Souza.

Ao traçarmos em rápida síntese o perfil dêsse humanitário médico militar, rendemos homenagens à "Medicina Militar Brasileira", a quem Bagé muito deve.

O mundo civil bagèense durante o primeiro meio século de vida, 1811 a 1860, foi exclusivamente atendido por êsses apóstolos da ciência que eram destacados a servir nos mais longínquos locais do território pátrio, levando assistência e confôrto aos necessitados.

DR. JOÃO ALBANO DE SOUZA:

Foi na histórica, tradicional, e poética Bahia, onde as aves gorjeiam acompanhando a exuberância tropical, que nasceu João Albano de Souza, num modesto lar de família tìpicamente nacional.

Seus pais o criaram, desde a mais tenra idade, com carinho e desvêlo, antevendo confiantes o futuro feliz que lhe estava reservado. O destino levou o jovem que vivia num ambiente são, cheio de ilusões, a ingressar na Faculdade de Medicina de sua terra natal, onde fêz brilhante curso.

De posse do diploma, a fim de concretizar o desejo que alimentava de conhecer o território pátrio de norte a sul, presta concurso e aprovado, passa a integrar o corpo médico militar, no pôsto de segundo cirurgião, sendo imediatamente destacado para a guarnição da cidade de Jaguarão.

Recém chegado a essa zona meridional do país, encantado com a acolhedora terra gaúcha, como quase todo o jovem, sonhador e romântico, enamora-se de graciosa donzela da sociedade jaguarense, com a qual contraiu núpcias dando origem a respeitável progênie. Cônscio de sua maior responsabilidade, agora, com encargos de família, abre modesto consultório, formando numerosa clientela. Em pouco tempo conquistou a coletividade e era tal o volume de serviço que o levou a pedir reforma do exército no pôsto que ocupava. No início da campanha do Paraguai foi convidado para dirigir o serviço médico da enfermaria militar de Bagé, o que aceitou e para cá se transportou, vindo fixar residência nesta cidade. Motivos políticos, em pouco tempo o incompatibilizaram a ponto de o levar a pedir exoneração do cargo para o qual havia sido convidado.

Por injunções de diversos amigos, entre êles, o eminente colega Dr. Penna, filiou-se ao partido liberal em cujas fileiras militou com brilhantismo adquirindo, entre os correligionários, grande prestígio e o respeito do adversário.

Solícito, quando procurado prestava serviços profissionais a todos.

Atendia com a mesma presteza e carinho, pobres e ricos, tornando-se indistintamente admirado e querido pelos habitantes desta gleba. A Santa Casa de Caridade deve-lhe muito; foi um dos seus fundadores e o organizador de sua escrita.

Os pobres tiveram nêle um grande protetor e a coletividade bagèense deve-lhe assinalados serviços, pois que, além de médico filantrópico, foi o Dr. Albano eleito vereador e com muita competência exerceu a presidência da câmara durante algum tempo. Também foi juiz de paz do 1.º distrito.

O seu desprendimento e comprovado cavalheirismo, impediram que acumulasse algum pecúlio, apesar de sua enorme clínica e de muito trabalho; deixou numerosa família, muito pobre, quando com 53 anos, no dia 25 de agôsto de 1886, faleceu nesta cidade.

Bagé, felizmente, perpetua-lhe o nome impoluto numa praça pública, a "Pracinha do Tênis", lembrando o inesquecível cidadão, cuja vida foi um exemplo de dedicação ao bem e à ciência, aliviando e curando as dores e sofrimentos do próximo.

A vida citadina evoluía:

Entrou no exercíto do comando desta guarnição e fronteira o Gen. Luís José Pereira de Carvalho, depois Barão de São Sepé, em substituição do Gen. Emílio Luís Mallet, no dia 27 de janeiro de 1872.

Vindo substituir ao Dr. Trigo de Loureiro assumiu o cargo de juiz de direito desta comarca, a 11 de fevereiro de 1872, o Dr. Lourenço Bezerra Cavalcante de Albuquerque Lacerda; posteriormente subtituído pelos magistrados seguintes: Dr. Felix da Costa Morais, em 7 de agôsto de 1877; Dr. Honório Teixeira Coimbra, em 19 de setembro de 1879; e, pelo Dr. Antonio de Oliveira Guimarães, em novembro de 1880.

Em maio, de 1872, se empossou no cargo de juiz municipal de órfãos o Dr. Misael da Silveira Amaral; mais tarde, substituído pelo Dr. Bernardino da Senna Costa Feitosa, a 21 de fevereiro de 1875; e, pelo Dr. José Francisco de Freitas, em 1878.

O Dr. José Francisco de Freitas foi elemento de grande valia para a sociedade bagèense.

Nascido na cidade de Pelotas, recém formado em ciências jurídicas e sociais, pela Academia de Direito de São Paulo, o jovem advogado aqui fixou residência e consorciou-se com Dna. Maria José da Costa com quem constituiu numerosa prole, destacando-se, entre muitos, os intelectuais, Drs. Hetor e Godofredo Costa Freitas.

Foi político militante de grande prestígio; eleito pelo partido liberal ocupou uma cadeira na Assembléia Provincial, onde se revelou excelente orador.

Exerceu o juizado durante algum tempo e foi um dos grandes beneméritos da Santa Casa de Caridade e adiantado criador neste município, onde deu forte impulso ao desenvolvimento da pecuária.

Nos primeiros dias de abril de 1872, com procedência de Jaguarão, chegou a esta cidade o 4.º regimento de cavalaria, comandado pelo Cel. Manoel Pedroso Drago, que veio substituir o 5.º da mesma arma que para ali seguiu a 12 do mesmo mês.

Corriam os dias; nessa mesma época, um grupo de bagèenses organiza uma sociedade a que dá o nome de "28 de Setembro", e se dirige em bem fundamentada petição à Câmara Municipal, solicitando o terreno, onde, hoje, se acha edificado o Banco do Brasil, para a construção de lindo teatro, obtendo a 1.º de julho o despacho favorável.

No dia 14 de agôsto a "Sociedade 28 de Setembro", ficou definitivamente constituída por diversos acionistas que integraram o capital de Rs. 70:000$000, e elegeram a diretoria seguinte:

Presidente: Dr. Tertuliano A. da S. Machado.
Tesoureiro: José Pardo Santayana.
Secretário: Cap. Rodrigo Nunes Galvão.
Procurador: Antonio Francisco de Almeida.

No local assim conseguido foi construído amplo e soberbo edifício que muito embelezou a cidade, durante vários anos.

Diversas e ótimas companhias de todos os gêneros teatrais ocuparam-lhe o palco e recinto, também por diversas ocasiões foi utilizado, sendo que em 1908, se efetuou memorável exposição de trabalhos de arte manual.

A fatalidade quis que na noite de 10 de junho de 1917, no momento em que se realizava a comemoração de festa cívica pela colônia portuguêsa aqui radicada, e se projetava fita cinematográfica de origem daquele país, pavoroso incêndio destruísse o prédio do ótimo teatro que possuíamos.

Um episódio marcou-nos com sinete brasonático a retina de jovem, ei-lo:

No frontispício do teatro fe̊ericamente iluminado se achava hasteado o pavilhão nacional ondulando ao vento como que aderindo, com ardor, à festividade do dia, associando-se à alegria dos filhos da Mãe-Pátria de além-mar.

Dentre a massa popular que atônita, assistia o envolver do prédio pelas labaredas de chama intensa e estarrecida presenciava as cenas de pavor motivadas pela confusão da assistência pegada de surprêsa, destaca-se o jovem Turibio Alcalde que, arrostando grande perigo consegue subir onde se achava o pavilhão auriverde salvando-o do fogo.

No meio daquele inferno vivo, já lambido por causticantes labaredas desce o corajoso jovem abraçado à nossa bandeira, efetivando num belo gesto de civismo, o magnífico ato de legar à posteridade o exemplo de que o venerável símbolo da pátria nunca deve ser abandonado, e jamais, destruído.

Dominando sôbre a assistência o mais elevado sentimento de brasilidade e como que eletrizada, prorrompe em estrepitosa aclamação, coroando o elogiável acontecimento.

Na mesma ocasião idêntico gesto reproduziu o jovem Alfeu Cachapuz — mais tarde, valoroso esportista que muito engrandeceu o futebol nacional —, retirando o pavilhão da república portuguêsa que também se achava hasteado em festa. Quando à frente da administração municipal o Dr. Carlos Cavalcanti Mangabeira, sentindo a falta que fazia à culta população desta cidade de um teatro confortável, tentou construir no mesmo local novo e soberbo edifício para êsse fim.

Conseguiu o edil, de então, incorporar as diversas ações que constituíam aquela entidade e deu início às obras chegando a elevar

os alicerces do plano visado até certa altura, momento em que seu sonho, inesperadamente, foi malogrado e os trabalhos até então realizados foram suspensos.

Posteriormente é eleito intendente municipal o Dr. Luiz Mércio Teixeira que, em 27 de dezembro de 1935, assumiu as rédeas da comuna. Sua senhoria, ao par do importante assunto, pretendeu continuar a obra paralisada iniciando várias demarches para dotar a linda Bagé de um estabelecimento de diversões culturais, à altura de nossos foros de civilização, porém seus esforços foram, lamentàvelmente, baldados.

Passa-se o tempo, quando da administração do Dr. Jeronimo Mércio Silveira, êsse próprio municipal foi transferido ao Banco do Brasil. Assim, desapareceu o último patrimônio do que foi a "Sociedade 28 de Setembro".

Praza aos céus que algum dia esta formosa cidade retorne a possuir, como já possuiu, o seu teatro para que a arte que nos embala o espírito e enriquece o cérebro seja-nos apresentada em local apropriado e com relativo confôrto.

Os acontecimentos diários se sucediam normalmente quando, em agôsto de 1872, o Marechal Vitorino José Carneiro Monteiro, Barão de S. Borja, comandante das armas da província, determina que os corpos de linha que guarneciam a esta cidade e fronteira, que eram o 12.º de infantaria e o 4.º de cavalaria, comandados pelos Srs.: Cel. Genuino Sampaio e Ten-Cel. Isidoro Fernandes de Oliveira, seguissem para próximo a Alegrete, no Caverá, a fim de constituírem uma divisão de observação.

Durante a ausência da fôrça de linha, o policiamento da cidade foi outorgado a um destacamento da guarda nacional, comandado pelo Cap. Luiz Maria de Oliveira Machado.

Quando dissolvida a divisão de observação estacionada no Caverá, veio aquartelar nesta cidade o 3.º reg. de cava., comandado pelo Cel. José Ferreira da Silva Junior.

O govêrno, em 1873, nomeou para o alto cargo de comandante desta guarnição e fronteira o Sr. Gen. Honorário, Barão de Itaqui, Joca Tavares, que por alguns anos desempenhou essa função com elevado espírito de tolerância e justiça.

Acompanhando o desenvolvimento que se notava em todos os ramos de atividade, verifica-se que a imprensa não ficou alheia ao surto que se apresentava, por isso, em 1873, foi iniciada a publicação do "Diario de Bagé", órgão dos interêsses locais, de proprieda-

de dos Snrs. Luís Gonzaga Pereira, diretor, e Antonio José Siqueira Junior.

Êsse jornal, em 1874, passou a ser propriedade do solicitador Aureliano Ibipuitãn de Freitas que lhe modificou o nome para o de "Cruzeiro do Sul", publicando-o bi-semanalmente.

Posteriormente, em 1878, assumiu a direção dêsse jornal o advogado Bernardino Bambá que foi substituído, em maio de 1879, por Jorge Reis e José Capistrano Torres que deram muito brilho a êsse periódico.

Em 4 de novembro, de 1874, chegou de Pôrto Alegre, o Marechal José Luís Menna Barreto inspetor dos corpos de cavalaria e artilharia, em serviço do cargo.

O movimento consular, nessa época, foi o seguinte: Em junho de 1874, foi nomeado vice-cônsul da Espanha, o Sr. José Maramon; em janeiro de 1876, agente da Itália, o Sr. José Bina; em 1879, agente consular de Portugal, o Sr. Manoel José Gonçalves Guimarães; e a 1.º de outubro, assumiu o consulado uruguaio, o Sr. Cacildo Carrion.

Pela presidência da província foi nomeado promotor público, em 1875, o Dr. Sebastião Rêgo que foi substituído em 1878, por Cornélio Magalhães.

A 1.º de janeiro, de 1876, seguiu para Livramento o 3.º reg. de cav., comandado pelo Cel. José Ferreira da Silva Junior; vindo aqui estacionar o 4.º reg. de cav., comandado pelo Cel. Isidoro Fernandes de Oliveira.

O ensino sempre foi alvo da preocupação dos administradores que não descuravam a instrução pública.

Eis o movimento no quadro de professôres, nomeações: o Sr. João Marcos dos Santos Costa, em 1876; a normalista Dna. Amélia Rezende Ferreira, em 22 de fevereiro de 1878; o Ten. José Alberto Froes, em 27 de maio de 1878; Maria da Conceição Carvalho e Edmundo José dos Santos Azevedo, em 10 de março de 1880; Antenor Câncio Lopes Soares, em 13 de setembro de 1880; a normalista Carolina Vieira de Lima, em 5 de fevereiro de 1881, mas, assumiu o cargo a 18 de março de 1881.

Pela "Diretoria Geral de Instrução Pública", a 3 de junho de 1881, foram dispensados os normalistas: Mario Eufrásia Ferreira da Silva, Carolina Vieira de Lima e Antenor Câncio Lopes Soares.

A 20 de agôsto de 1881, foi nomeada professôra pública Dna. Rosa Leopoldina Almeida; a 19 de setembro, foi jubilada a professôra Dna. Matilde Cirne Ferraz; e, a 6 de outubro foi nomeada a normalista Eufrásia F. da Silva para lecionar neste município, 5.º distrito, no local denominado "Rincão do Contrato".

Finalmente, a 28 de março de 1883, Jorge Reis, foi nomeado inspetor escolar, nesta cidade.

Designado para assumir o cargo de delegado de polícia, cá chegou, a 23 de março de 1877, o Cap. Américo José Furtado Camboim, mais tarde, substituído pelo Ten-Cel. Francisco de Souza Matos. Camboim trouxe de Pôrto Alegre, como auxiliar, o Ten. Salustiano Francisco Ilha e considerável fôrça a fim de dar cabo aos inúmeros crimes de abigeato que haviam tomado proporções assustadoras na campanha do município.

Os fazendeiros eram dièriamente prejudicados nos seus interêsses, o que nos evidencia que, ontem como ainda hoje, lamentàvelmente, ainda não pôde ser criada a polícia rural, que tanta falta faz, para que êsse mal seja debelado.

Até então o que temos visto não passam de meros projetos sem que tragam a esperança de próxima execução.

Veio de Pôrto Alegre, em abril de 1877, o 2.º reg. de cav. comandado pelo Cel. Antonio Nicolau Falcão da Frota. Êsse corpo acabava de chegar do Paraguai, onde permaneceu por mais de cinco anos integrando a tropa de ocupação que lá estacionou em virtude do tratado de paz elaborado pelo nosso ministro plenipotenciário Dr. José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco.

Um ano decorrido essa unidade do exército se retirou para a cidade de Jaguarão, tendo, por êsse motivo, se manifestado em significativa mensagem à Câmara Municipal, em 30 de abril de 1878, lamentando a ocorrência.

Registrando-se os fatos diários se observava que a cidade se desenvolvia e de nada se descurava; ora era uma medida administrativa, ora o impulso da iniciativa particular.

Trocavam-se idéias e lá vinha a concretização.

A parte cultural quando objeto de cogitações, teve o seu quinhão, pois que, nesse mesmo ano, 1878, foi preparado o prédio sito à rua Ismael Soares, esquina Marechal Floriano, para servir de teatro, nêle trabalhando além de outras, as excelentes companhias espanholas de zarzuelas dos empresários Sebastião Vecchi e Bonaplata.

Em abril foi construída por conta do Ministério da Guerra, uma ponte de madeira, com base de alvenaria, entre o passo do Zuzarte e o cêrro do Candal, sendo encarregado das obras o capitão de engenharia Dr. Francisco Raimundo Ewerton Quadros.

Essa iniciativa de vulto que muito serviço prestou à população, pelo furor das enchentes, ação do tempo e falta de conservação, acabou ruindo, sendo construída uma outra ao lado do Moinho Bagèense, a ponte do Guilayn.

Quando prefeito o ilustre Dr. Carlos Kluwe, tendo como chefe de obras da municipalidade o engenheiro Dr. Maurício Branchtein, construiu, nesse antigo local, nova ponte que trará grande utilidade à coletividade.

O venerando bagèense Sr. Artur P. Magalhães, alma de jovem, espírito empreendedor, entusiasmado ante a amplitude da obra, re-

solve dar apoio e concurso a êsse empreendimento, coletando entre amigos auxílio material para o embelezamento dêsse local que muito se presta a êsse fim pela natureza acidentada de sua formação.

Assim, nesse ponto que se descortina belíssima vista panorâmica, futuramente com o arroio transformado em lago — por pequena reprêsa — e as margens em cuidados bosques, Bagé terá atraente lugar de recreio para seus habitantes e um ponto acolhedor ao forasteiro ilustre.

Foi nomeado tabelião público judicial de notas e escrivão do cível e crime, o Sr. Major-Honorário do Exército, João Maria Epaminondas de Arruda, veterano do Paraguai, em cuja campanha muito se salientou. Aqui prestou, posteriormente, relevantes serviços militando na política e na sociedade, deixando de seu consórcio inúmera e distinta prole.

Chegou de Jaguarão, em maio, o 5.º reg. de cav. comandado pelo Brigadeiro Graduado Augusto Frederico Pacheco que assumiu o comando desta guarnição e fronteira.

Nessa época foi nomeado Comandante Superior da Guarda Nacional, o Gen. Honorário, Camilo Mércio Pereira que teve como secretário o Cap. Favorino Mércio Pereira e como ajudante-de-ordens os Srs. Maj. Manoel Soares da Silva e Belchior Silveira.

O fato marcante da política nacional foi a ascensão ao poder do partido liberal, a 5 de janeiro de 1878.

Foi escolhido por S. M. I. D. Pedro II, para chefe do novo gabinete, o Ministro Sinimbu que convida aos distintos gaúchos Srs. Marquês do Herval e Gaspar Silveira Martins, que aqui se achavam de passeio, para ocuparem, respectivamente, as pastas da Guerra e da Fazenda.

Chegado Osório de sua estância no Arapeí, os dois novos ministros, sem perda de tempo, daqui partiram com destino ao Rio de Janeiro onde foram integrar um dos mais brilhantes e eficientes gabinetes da nossa história pátria.

Bagé exultou com a subida do partido liberal, ocasião que proporcionou aos correligionários trocarem felicitações.

Ilm.º Sr. Cel. Ant.º J. Pereira
Pelotas 20 de Janeiro 78.

Recebi sua carta de congratulações pela subida ao poder, no nosso glorioso partido. Como liberal, faço tambem votos pela prosperidade da nova situação em que entrou o país, e o felicito como distinto companheiro e amigo.

Seo patr. Obr.º

Fernando L. Ozório

(Documento de nosso arquivo particular).

Os acontecimentos levaram, nesse mesmo ano, o partido liberal a se cindir em duas correntes; uma, sob a chefia de Osório e outra, a de Gaspar Silveira Martins.

Nesta cidade, era dos expoentes políticos e sociais o Sr. José Luís Martins, proprietário de magnífica chácara ainda hoje pertencente a herdeiros seus, que apoiou a Osório.

A senhorial residência dêsse respeitável cidadão constituía a sala de visitas do município. Tôda a personalidade de relêvo, que cá chegava, fatalmente iria conhecer a encantadora mansão de tão distinto cavalheiro.

Sua propriedade representou numa época o que, mais tarde, sucedeu à residência do Visconde Ribeiro Magalhães e na atualidade acontece à Fazenda Experimental, sob a orientação do ilustrado Dr. Francisco Alves da Rocha e à residência de Francisco de Paula Pereira, sempre incluídas em qualquer programa oficial de recepções festivas a forasteiros eminentes.

Austero, respeitável em grau superlativo, nos faz lembrar interessante episódio relatado por seu bisneto, Dr. Felix Contreiras Rodrigues.

José Luís Martins dera seu apoio a Osório — muito embora fôsse muito amigo e tio de Gaspar Silveira Martins —, condicionando sua adesão, a que o marquês no dia da primeira eleição o fôsse buscer em sua residência, para juntos depositarem seus votos no colégio paroquial desta cidade.

Osório não teve dúvidas, aceitou a condição imposta e no dia em que se realizou a primeira eleição, em linda caleça tirada por admirável parelha de cavalos, atravessa a cidade rumo à populosa chácara onde o recebe seu amigo e juntos vieram exercer o sagrado direito do voto.

Ao oferecer a carruagem ao seu amigo, o marquês acendeu saboroso havana, o que não lhe agradou pois tinha horror ao fumo.

Dirigindo-se ao marquês com ar agastado, observa-lhe cheio de autoridade: — E ainda fumando marquês! — enquanto delicadamente lhe retirava dentre os dedos, para atirá-lo pela janela fora, o charuto que o general fumava.

Achava-se entre os presentes, um filho de José Luís, o grande capitalista conterrâneo Nereu Martins, cognominado o Marquês de Bagé e sibarita de Paris, que jovial e alegre diz aos companheiros que o cercam: vou fumar o charuto do marquês e num requintado gesto de elegância boêmia, colhe-o do chão e leva-o aos lábios soltando a seguir copiosa baforada de fumo que se evola em tênues espirais.

Marchava a cidade em ritmo normal de desenvolvimento, surgindo de vez em quando pequeno fato que traduzia evidente fator de progresso e que por sua utilidade se tornava indispensável aos meios populosos.

Assim sendo, por iniciativa do benquisto farmacêutico Emílio Antonio Salis — avô do autor dêste trabalho —, a Câmara Municipal em 28 de julho de 1879, assina com êle um contrato para que seu representado, o fornecedor Marcino José de Matos, remetesse as primeiras placas metálicas para a numeração dos prédios e nomenclaturas das ruas, travessas, becos e praças da cidade.

Passam-se os dias, dois rudes golpes estavam reservados à população bagèense com a morte de dois grandes vultos da nacionalidade: Osório em fins de 1879, e Caxias em princípios de 1880.

A Câmara Municipal desta cidade associando-se, em nome da população, ao profundo pesar da família brasileira, passa em 30 de outubro de 1879, um ofício dirigido a Fernando Luís Osório; e a 4 de junho de 1880, um outro a dona Luísa de Lima Nogueira da Gama, enviando votos de condolências.

Com procedência do Rio de Janeiro chegou a esta cidade, em 1880, o Gen. Justiniano Sabino da Rocha designado para se empossar no comando desta guarnição e fronteira. Em sua companhia veio para exercer a função de secretário o Ten. Alfredo Barbosa, distinto oficial que foi mais tarde ao pôsto de general e aqui comandou a 3.ª brigada de cavalaria.

Êsse brioso oficial casou-se nesta cidade onde se radicou e deixou de seu feliz consórcio numerosos filhos a lhe honrar o nome.

Contribuindo para o progresso de então o govêrno imperial trouxe, para a gleba bagèense, no ano de 1881, um fator de grande importância na vida dos povos, qual seja o meio rápido de comunicações, inaugurando oficialmente o serviço telegráfico.

Foi incumbido da sua instalação e organização o Major do Estado-Maior de Artilharia, Ernesto Augusto da Cunha Matos, que o inaugurou no dia 17 de março, na presença das autoridades civis, militares e eclesiásticas e de diversos convidados do mundo social.

O primeiro prédio a lhe servir de sede foi um sobrado, sito à rua 3 de fevereiro, que foi propriedade do Sr. Gaspar de Bem, atualmente da Sociedade Anônima de Fazendeiros.

O poder público, representado pelos vereadores, traduzindo o contentamento geral da população por tão importante e útil aquisição, à noite nos salões da Sociedade Bailante, ofereceu festiva recepção ao ilustrado oficial que não mediu esforços no dotar a esta cidade de bem aparelhado serviço.

Reunida em sessão a Câmara dos Vereadores, em 18 de julho de 1881, delibera que a Praça do Quartel fôsse denominada Silveira Martins, e em reuniões sucessivas de 6 a 7 de outubro, do mesmo

ano, que a rua do Monteiro, fôsse denominada Dr. Penna; a rua Direita, Cel. Ismael Soares; e a rua Alegre, Bento Gonçalves.

A troca das placas com os nomes dessas ruas, pelos novos, conforme a deliberação tomada, foi festivamente realizada no dia 25 de maio de 1883.

Continuando no afã de algo realizar, os vereadores passam a se preocupar com o alinhamento e nivelamento das diversas vias pública. Bagé teve, pela primeira vez, *um plano de urbanização* a que se propôs dar andamento e assinou contrato com os representantes da Câmara, o Agrimensor Augusto Alberto Stucky.

Representando a firma que se comprometera a realizar essa empreitada, os engenheiros, Drs. Pedro Paulo Grosselin, João Touret e o agrimensor João Pompílio Bueno, dirigiram à colenda Câmara de Vereadores bem fundamentado ofício, em 10 de outubro de 1881, pedindo aos egrégios representantes do povo a que examinassem minuciosamente os trabalhos de nivelamento já executados, conforme haviam contratado, e emitissem pùblicamente o juízo oficial sôbre o andamento das obras do plano estabelecido.

A política empolgava os ânimos e os componentes do partido liberal da ala oposta à chefia de Gaspar Silveira Martins, lançavam a candidatura à deputação geral, do ilustre bagèense Dr. Fernando Luís Osório, conforme o manifesto que dirigiram ao eleitorado da época:

(Cópia do documento, de nosso arquivo particular)

Ao Eleitorado Liberal do 4.º Districto.

Pela reforma eleitoral compete sem duvida ás localidades a escolha exclusiva e espontanea dos candidatos á representação nacional. Essa justa aspiração, quão sabia medida verse-hi-a, porem burlada na pratica, se as localidades se mantivessem inactivas e indeffe-rentes, ou aceitassem suggestões de circulos estranhos e, até mesmo alheios, ás suas mais palpitantes necessidades e melhoramentos. Assim pensando, os abaixo assignados julgão cumprir um dever patriotico tomando a iniciativa de se dirigirem a seus correligionarios do mesmo circulo na esperança de promover a precisa unidade de acção no partido aque pertencem, afim de entrar em honrosa luta com seus adversarios. Para isso apresentão á consideração do eleitorado, como candidato á deputação geral na proxima eleição, ao prestimoso liberal Doutor Fernando Luís Ozório, que, pelos servissos prestados a cauza publica, bem merece de seus concidadãos. Seu nome é conhecido de toda a Provincia, que ainda na adversidade do partido o destinguio com um assento na Camara temporaria, onde tem continuado amerecer o aplauso e a confiança de seus correligiona-

rios. Fasendo pois, um appelo ao digno eleitorado do nosso circulo, em favor do Doutor Fernando Ozorio, alimentamos afirme convicção de render preito ao merito e a coherencia politica, que deve ser a arma dos partidos.
Março 15 de 1881.

Assignados: Barão de Ibirapuitan. *(Antonio Caetano Pereira)*
José Antonio Martins.
Barão de Upucarahy *(Demétrio José Xavier)*
Antonio Jacintho Pereira Junior.

A 25 de março de 1883, foi inaugurada a atual Santa Casa de Caridade.

Vejamos o seu histórico, através artigo de nossa autoria, publicado a 11-4-948, no órgão local "Correio do Sul":

Reza a história que lá pelo ano de 1864, já existia em nossa Bagé o Hospital Militar — ENFERMARIA.

Dirigia-o o ilustre facultativo Dr. Albano de Souza, médico militar reformado, para êsse fim especialmente convidado.

Antecedendo a iniciativa particular vê-se que o primeiro hospital cá organizado pertencia à guarnição local e seus médicos, desde 1811, quase sempre nortistas, especialmente baianos, estendiam à população os benefícios de sua profissão.

Lá pelo ano de 1859, no mês de novembro, achando-se adoentada uma filhinha do Ten.-Cel. José Facundo da Silva Tavares, êste mandou chamar na cidade de Rio Grande, o Dr. José Francisco de Azevedo Penna, que seis meses depois transferia sua residência para esta cidade. Foi o primeiro médico civil a portar nossas plagas. Humanitário, trabalhador infatigável, o Dr. Penna olhava a pobreza com especial carinho e juntamente com seu colega Dr. Albano Souza fundou, em 1870, o primeiro HOSPITAL DE CARIDADE, à rua General Osório n.º 80, em prédio de propriedade dos herdeiros do fazendeiro Rogério da Rosa Garcia, hoje do fazendeiro Francisco de Assis Colares, mais conhecido por Chico Perau.

Desempenhava as funções de enfermeiro, nesse estabelecimento, o célebre PRÊTO CAXIAS — Maximiano Domingos do Espírito Santo.

Como era de prever, bem atendido, seu desenvolvimento foi rápido; chegando a possuir vinte leitos, todos ocupados.

Os abnegados apóstolos da ciência médica, desejando proporcionar maior assistência aos necessitados, achavam pequena a instituição por êles criada e para lhe dar maior amplitude, desenvolvendo-a, resolvem batalhar em prol da atual "Santa Casa de Caridade de Bagé", valendo-se dos afortunados que possuíam os nobres sentimentos de FILANTROPIA.

A par do desejo de seus amigos, prejulgando a extensão do bem que fariam a muitos, os beneméritos: Ten-Cel. José Facundo da Silva Tavares, doou quinze terrenos, onde foi construído o novo edifício; o Visconde de Cêrro Alegre, contribuiu com a elevada quantia de oito contos de réis e mais a importância de quatro contos de réis, angariada de pessoas de sua família, as quais se associaram; Alexandre Teixeira Brasil, com um conto de réis; Thomaz José Collares, com quinhentos mil réis e Matheus Brasil, com duzentos e cinqüenta mil réis (relato de Jorge Reis), numerário que serviu para dar início e término às obras do prédio que abriga a boa instituição, destinada a dar amparo e confôrto aos necessitados, nas horas amargas da dor, da doença.

Assim, a 25 de março de 1883, foi festivamente inaugurada a "Santa Casa de Caridade de Bagé", a cargo das Irmandades de S. Sebastião e do S. S. Sacramento, sendo seu primeiro provedor o Cônego João Inácio de Bitencourt.

Nessa ocasião, serviram de enfermeiras apenas cinco irmãs franciscanas que com dedicação e zêlo tornaram-se dignas de todos os encômios. Ainda hoje os serviços internos estão a cargo de irmãs da referida congregação que os desempenham com eficiência e tradicional bondade, característica dessas almas de renúncia, filhas diletas de Jesus Cristo.

Em homenagem a seus benfeitores, em 25 de março de 1902, resolve a Mesa Administrativa, tendo o Dr. Líbio Vinhas como provedor, a dar início à formação da galeria ali existente no salão de honra dos retratos daqueles que mais se distinguiram no auxiliar tão nobre empreendimento ora, com seu saber ora, com recursos financeiros oriundos de seus dotes de formação moral.

Marcante foi a solenidade em que os primeiros a serem alvo de tão justo preito foram: o Visconde de Cêrro Alegre, Dr. José Francisco de Azevedo Penna e o Cônego João Inácio de Bitencourt.

No dia 20 de dezembro de 1911, na sacristia da Igreja Matriz de S. Sebastião, às seis horas da tarde, de conformidade com anúncio de convocação, houve uma reunião em assembléia geral dos irmãos do pio estabelecimento para tratarem da eleição da Mesa Administrativa e aprovação do novo compromisso.

Era provedor e foi reeleito o Dr. José Francisco de Freitas, e consta da ata o seguinte:

— São os dispositivos que se seguem: —

A Santa Casa de Caridade de Bagé, inaugurada em 25 de março de 1883, destina-se a socorrer os enfermos pobres, sem distinção de nacionalidade e crenças, dando-lhes o necessário tratamento no hospital: — proporcionando consulta á porta aos que não têm necessidade de internação hospitalar: — fornecendo, gratuitamente, medi-

camentos aos que apresentarem atestados de pobreza, passado pelo médico municipal, subintendente, ou os que forem reconhecidos indigentes á juizo do mordomo que estiver em serviço.

Em todos os actos da administração e representação o tratamento da humanitária associação será: "Santa Casa de Caridade de Bagé".

Através o tempo, evoluindo sempre, a Santa Casa formou e vem acumulando, cada vez mais, seu patrimônio econômico e moral.

O povo não a esquece e quando solicitado, é generoso. Fala bem alto a campanha para a aquisição do valioso aparelho de *Raio X*, que lhe pertence.

Inúmeros donativos lhe foram ofertados por almas piedosas, corações bem formados, que, sem alardes, foram ao encontro do fraco, do humilde necessitado. Dado o alto valor, citaremos o do Ten.-Cel. José Corrêa da Silva Borba e o que a comissão nomeada pelos subscritores de um monumento ao Gen. Carlos Maria da Silva Teles lhe destinou, no dia 5 de outubro de 1913, reunida no salão do Teatro 28 de Setembro, juntamente com os irmãos da diretoria em vigência.

Três personalidades merecem-nos atenção especial, somos forçados a homenagear a ação relevante dos grandes PROVEDORES: Dr. José Francisco de Freitas, Visconde Ribeiro Magalhães e José Gomes F.º, incansáveis no dotar o hospital com os mais modernos aparelhamentos e no proporcionar confôrto aos doentes.

Dois nomes lhe estão ìntimamente ligados, a população bagèense não os esquecerá e os pronuncia com gratidão e respeito: Ernesto Médici (já falecido), e Julio Mascarenhas de Souza, o decano do corpo médico local que inúmeros e incalculáveis bens fartamente distribuíram a todos os que procuraram abrigo nesse estabelecimento, onde imperavam as suas benfazejas ações de apóstolos e colhiam os frutos de seu saber.

Azevedo Penna, Albano, Ernesto Médici e Julio M. de Souza, magníficos exemplares para todos os colegas que transpõem os umbrais dessa mansão.

Dois enfermeiros: o Brasiliano Pereira e o Cantalício Barbosa, não podem ser esquecidos porque seguiram o exemplo do Prêto Caxias. Quanta renúncia, quanta piedade nesses homens bons, nessas almas tolerantes e justas.

Sem conta são os médicos e cientistas que lhe têm prestado valiosos concursos, porém, citaremos a passagem, por suas salas operatórias e enfermarias de clínica, dos ilustres professôres: José Tomás Nabuco de Gouvêa, Daniel de Almeida, Edmundo E. Berchon, Hilário Gouvêa, Francisco M. Waldeck, Fernando Abbott, Paulo Rio Branco, Fernando Magalhães, Miguel Couto, Pereira F.º, Gomercindo Saiago e Paula Souza.

Dado o crescimento da população de nossa comuna a "Santa Casa" deve crescer. É um imperativo acompanhar a êsse desenvolvimen-

to que exige-lhe mais acomodações, melhor aparelhamento, o que leva constantemente a mostrar ao povo e aos governos as suas necessidades, pedindo-lhes o amparo através do belo sentimento de piedade e da mais nobre das virtudes cristãs, a CARIDADE.

Folgamos registrar que a Santa Casa, na atualidade, acaba de construir moderno edifício, numa de suas alas, a que deu o nome de HOSPITAL S. SEBASTIÃO, com ótimas e modernas instalações. Também, recebeu do "Serviço Federal de Combate à Tuberculose", moderno pavilhão de isolamento com capacidade para 60 leitos.

Com essas aquisições acompanha o Pio Estabelecimento, as necessidades do meio.

Relação das pessoas benfeitoras da Santa Casa, na época em que foi construída com o legado do Visconde de Cêrro Alegre e com donativos de outros fiéis — posteriormente.

Sócios benfeitores: — General João Nunes da Silva Tavares, Dr. Francisco da Silva Tavares, Cel. José Bonifácio da Silva Tavares e Dna. Amalia Iracema.

Sócios beneméritos: — Drs. José F. de A. Penna, Cândido Dias de Borba, Nicanor de S. Peña, Pedro Luís Osório, Líbio Vinhas, Augusto Lúcio de Figueiredo Teixeira, Virissimo Dias de Castro, Domingos Pinto de Figueiredo Mascarenhas, José Pardo Santayana, Alexandre da Silva Lisboa, Francisco Monteiro Alves, Manoel Francisco Terra, Manoel Luís Larangeira, Gervásio Alves Pereira, João Gualberto dos Santos Reis, Amancio Joaquim Pereira Caldas, Carlos A. de Campos Laudares, Leovegildo Honório de Carvalho, Cândido Mariano Damásio, João Albano de Souza, Antonio Marques da Silva Pavão, José T. Nabuco de Gouvêa e Daniel d'Almeida, Cel. Manoel Soares da Silva, Felipe Martins, Domingos Damé, Joaquim da Silva Tavares, depois Barão de Sta. Técla, dr. José F. de Freitas, Viscondessa de Cêrro Alegre, Drs. Julio M. de Souza e Ernesto Médici e as "Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos", "Beneficência Portuguêsa" e "Soc. Italiana" que fizeram importantes donativos.

Sócios remidos: — Comendador Cândido Xavier de Azambuja, Marcos Azambuja, José Maria Machado e Major José Alves de A. Araujo.

O PRÊTO CAXIAS

(Uma figura que vive na memória do povo de Bagé, "Correio do Sul" 22-6-47)

Lá pelo ano de 1844 a província de São Pedro do R. G. do Sul, era cenário de um dos mais belos movimentos que registra a nossa História; cá nesta zona meridional de nosso Brasil, ainda perdurava a luta entre os que esposavam os ideais republicanos e os imperialistas.

O grande pacificador, Duque de Caxias, figura invulgar de patriota, homem notável por sua inteligência, cultura, e principalmente por sua boa vontade — sentimento que deve sempre predominar entre os homens de bem —, foi um dos principais fatôres a colaborar para a formação do que foi a Epopéia Farroupilha.

Por sábia determinação de sua Majestade o Imperador D. Pedro II, após haver realizado a pacificação das revoltadas províncias do Maranhão, S. Paulo e Minas Gerais, assumia a 9 de novembro de 1842, o govêrno civil e militar desta província, o Gen. Barão Luís Alves de Lima e Silva.

Local privilegiado, Bagé teve a feliz centura de abrigar a quase totalidade dos bravos e valorosos centauros de então, e foi aqui nos campos dos Menezes à margem do arroio Seival, que o heróico Brigadeiro Antonio de Sousa Neto, proclamou a República Rio Grandense a 11 de setembro de 1836. Aqui, também, a 1.º de março de 1845, nos campos de Alexandre Simões, Caxias referendava e assinava a Paz Farroupilha, legando ao mundo o maior exemplo de fraternidade e tolerância que registra a História Universal.

Era a nossa mui heróica S. Sebastião de Bagé, nesse período anormal, ponto de ocupação e sede de diversos regimentos, até que no ano de 1844, para cá designado por Caxias, chegou o 8.º batalhão de fuzileiros, sob o comando do Cel. Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto.

Êste coronel acumulava as atribuições de comandante militar e civil da praça. Autorizado pela presidência da província, distribuiu terrenos devolutos a todos quantos desejassem edificar, mediante requerimento, e revelou-se magnífico elemento mantenedor da ordem e propulsor da prosperidade local. Filho de escravos, oriundo de Angola, natural do Rio de Janeiro, com 36 anos de idade, fazendo parte dêsse luzido batalhão, veio o soldado *Maximiano Domingos do Espírito Santo.*

Anônimo militar, posteriormente célebre e popular *Prêto Caxias.* Sua figura de negro feio era bem simiesca: beiços largos, nariz achatado, olhos pequenos e vivos, orelhas mais dilatadas em sua implantação basilar, estatura mediana, o Prêto Caxias, metido em seu

seboso *croisé,* como diria Darwin, dava a impressão exata do descendente direto do gorila. Contrapondo-se à sua figura exótica, jamais houve ser mais caridoso, alma mais pura.

Maximiano Domingos do Espírito Santo, em 1847, obtendo baixa do Exército, por conclusão de tempo, aqui ficou residindo.

Sua vida começou a ser a de um apóstolo; dedicou-se exclusivamente a fazer o bem ao próximo.

Deduzimos, somos levados a crer, — conforme revela o prêto Fausto Campos, atualmente com 106 anos — o Prêto Caxias, foi elemento da polícia, mantenedor da ordem e nessa situação, no desempenho do cargo, colocava-se sempre ao lado dos fracos, dando como motivo, explicando às autoridades superiores sempre haver o faltoso agido em legítima defesa.

Assim, com sua ação, evitou inúmeras prisões e iniciou a construção do pedestal do grande monumento das suas ações que o imortalizaram.

Por ser um bom, por jamais abusar do poder, por ser uma autoridade forte, conciliadora e justa, o povo crismou-o com o nome de *Caxias* como uma homenagem às virtudes do grande *DUQUE.*

O primeiro Hospital de Caridade que aqui existiu foi fundado em 1870, por iniciativa dos filantrópicos médicos Drs. Azevedo Penna e Albano de Souza e do farmacêutico Cap. Serafim dos Santos Souza, na rua General Osório n.º 80.

Prestou importantes serviços à comunidade êste modesto hospital, que mais tarde passou ao patrimônio da Santa Casa, inclusive seu zelador o *Prêto Caxias.*

Nesse novo estabelecimento hospitalar, inaugurado em 25 de março de 1883, de proporções grandiosas para a época, o trabalho de Caxias tomou vulto; o prêto era de uma capacidade de trabalho assombrosa, desdobrava-se; êle era zelador, enfermeiro e transportador de doentes.

Dedicando sua vida exclusivamente aos infortunados, implorando a caridade pública, a fim de minorar sofrimento, angústia, dores de outrem, o negro velho conquistou a gratidão de seus conterrâneos, recebendo em vida magnífica e brilhante apoteose, que bem atestou os seus reais sentimentos, seu incontestável mérito.

Um grupo de amigos mandou executar por um artista residente em Pôrto Alegre, em 1876, seu retrato a óleo, e em 1877 era procissionalmente conduzido para o consistório de nossa tradicional Igreja Matriz de São Sebastião. Esta homenagem prestada em vida a um homem de côr, homem do povo, homem pobre e humilde, não podia ser mais sincera do que foi e reza a História que foi orador de tão bela manifestação coletiva, o ilustre médico Dr. José Xavier da Costa, que em admirável discurso fêz o histórico da vida cheia de altruísmo do ancião que foi um benfeitor da humanidade.

A par de tão importante acontecimento, verificamos que é nosso dever de bagèense zelar pela conservação dêsse retrato que ainda existe, que é patrimônio nosso e que traduz os nobres sentimentos de nossos antepassados, para com os virtuosos e justos, mòrmente em se tratando de um cidadão sem bens materiais e de côr preta.

Velho, alquebrado pela ação do tempo, o *Prêto Caxias,* não desanimou, foi sempre um homem útil ao meio em que viveu.

Trêmulo e doente, esmolando de porta em porta, em favor dos desvalidos da sorte, atestou a grandiosidade de seu coração.

O *Prêto Caxias,* foi um bom, um justo, um nobre!

Faleceu o venerando ancião, na paz do Senhor, na madrugada de 1.º de julho de 1888, na Santa Casa de Caridade, na qual praticou diárias ações de beneficência, que o tornaram estimado, querido, especialmente por elementos das classes desamparadas.

Jorge Reis, fêz-lhe o elogio fúnebre pela imprensa, e nos seus "Apontamentos Históricos e Estatísticos de Bagé", diz:

"Raro é encontrar-se nestes tempos de egoismo, misérias, vaidades e ostentações, um caracter que como o de Maximiano do Espírito Santo, consubstancie tantas e tão raras qualidades.

Aqui ficam a bemdizer-lhe a memória, todos aqueles a quem levou o balsamo santo da consolação, nos atribulados momentos de angustia e de miséria.

Eu, que da minha obscuridade sempre tive um preito de homenagem aos sinceros e verdadeiros apóstolos da caridade, não posso deixar de curvar-me reverente sobre a pedra tumular que encerra os manes do virtuoso homem do povo, cujo nome acaba de ser riscado do número dos vivos.

Pranteando a sua morte, deposito sobre o seu tumulo uma corôa de saudades. O seu enterro foi um dos mais concorridos que aqui se tem visto.

Enorme multidão de povo acompanhou o cadaver, seguindo na frente a irmandade do Rosário.

Após a encomendação, o reverendo cônego vigário João I. Bitencourt, em sentidas frases salientou as virtudes do extinto e ao ser o corpo dado á sepultura, pronunciaram inspirados discursos os srs. José Viza Chaubet e Benjamim Morais".

Criado, educado na escola do cristianismo, assim viveu e desapareceu a sublime figura de um prêto que hoje é um santo, no conceito daqueles que cultuam e zelam pelas tradições herdadas.

Descansam os restos mortais do Prêto velho, em nossa necrópole, em modesto mausoléu, mandado erigir pela mesa administrativa da Santa Casa.

Num significativo simbolismo, duas mãos entrelaçadas, uma branca, outra preta, apertam-se fraternalmente como a dizer que a

Caridade e as boas ações não constituem privilégio de raças, côres e de quem possui bens materiais. Praticam-na as almas piedosas que possuem a exata noção da necessidade do seu semelhante.

É evidente que *MAXIMIANO DOMINGOS DO ESPÍRITO SANTO,* ou melhor o Prêto Caxias, foi um emissário de Deus, que bem personificou na terra a mais sublime virtude, a *CARIDADE.*

Hoje se não é considerado um santo pelas leis canônicas o é pelo povo desta terra que o venera, que o não esquece em suas orações.

Quem vai ao cemitério e visita o seu túmulo depara estampada na lousa fria e como homenagem da Funerária Lopes, o seguinte: *HUMANITÁRIO PRETO CAXIAS — Passou pela vida servindo e chorando as desgraças alheias.*

Inúmeras são as pessoas que lhe levam orações, velas e flores e crentes cheios de fé, esperam uma graça divina, através do bondoso Prêto Caxias, o nosso santo; o santo aqui de casa.

A MÃE LUCIANA

Uma vida de caridade, de sacrificio e de renuncia

("Correio do Sul" 27-6-47)

Num dêsses dias que correm normalmente, às 17 horas e 30 minutos, pelo trem vindo do litoral, no ano de 1908, chegava a esta cidade, incógnita, a parda Luciana Lealdina de Araujo.

Ninguém a esperava, para nós eram desconhecidas as suas virtuosas credenciais.

Na estação local não havia flores, nem música, nem foguetes, nem mesmo pessoa alguma, aguardando a grande alma que passaria a conviver conosco. Trazia a boa Luciana, o que bem poucos conheciam, um coração repleto de sublimes virtudes evangélicas; acompanhava-a um nobre ideal: o firme propósito de fundar o *Orfanato São Benedito,* a exemplo do que já havia feito na cidade de Pelotas.

Sua bagagem constava de pouca roupa, muitas imagens de santos, em medalhas — de metal — e em papel, e três meninas por ela criadas, a Alice, a Avelina e a Julieta.

Aguardando melhores dias, recém-chegada, hospedou-se com suas companheiras num pequeno hotel, sito à Praça da Estação.

Lutava, a pobre parda, com grande dificuldade para se sustentar, com as três pequenas, porque a sua receita dependia exclusivamente da caridade pública e dos Santinhos, trocados por dinheiro.

A par da situação precária de Luciana, o ilustre casal Cel. José Otávio Gonçalves e Carolina Gonçalves, almas nobres, corações bem formados, resolveram hospedá-la em cômodos de sua residência.

Assim, começou a criar forma a nova instituição: um lar para desventuradas e inocentes crianças de ambos os sexos. A dama parda, daí em diante, num dinamismo fecundo, angariou donativos, formou um pequeno pecúlio, reuniu provisões de alimentos e leitos e tratou de conseguir um estabelecimento, em que ficasse, em condições de dar guarida aos primeiros necessitados.

Procurou, nessa ocasião, o então vigário desta paróquia de S. Sebastião, Costabile Hipólito, apresentando a recomendação que lhe fazia o Vigário de Pelotas, Dr. Marcolino da Maia F.º, em 5-5-1909, um pedido de D. João Braga, Bispo do Paraná, pelotense de nascimento, para que com sua bondade e virtude, amparasse tão útil e nobre iniciativa.

O nosso querido atual monsenhor, alma piedosa, temperamento jovial e ardoroso, naquele tempo jovem cheio de entusiasmo, recém-chegado à sua nova paróquia, visando concretizar a recomendação que lhe havia feito seu mestre e conselheiro, D. Cláudio Ponce de Leon, de além de cuidar com muito carinho seu rebanho espiritual, fazendo catequese, defendendo sua fé, dotasse a cidade de um colégio, de um orfanato e de uma creche, viu na iniciativa de Luciana, a realização de um desejo seu e deu-lhe todo o apoio possível, moral e material, ao ponto de hipotecar, na cidade de Pôrto Alegre, um prédio de sua propriedade — herança de família —, para conseguir numerário a fim de realizar o sonho comum de duas nobres criaturas.

Luciana, a enviada de Jesus, com sua vontade heróica e o auxílio da generosidade de nosso povo, instala à Praça Santos Lugares, ao lado direito de um ainda existente sobrado, a sua mansão, acolhendo um número regular de pobres criancinhas.

Instalada na nova residência, auxiliada pelas suas três meninas, um belo dia teve a felicidade de receber como colaboradora a popular e caridosa Florentina M. G. Ferreira — Florentina de Jesus —, e nunca mais se separaram, nem mesmo na morte; repousam ambas no mesmo túmulo, em nossa necrópole. Eram duas almas irmãs, uma só vontade, com o único objetivo de fazer o bem.

Bagé, passou a possuir duas figuras populares.

Quem não viu *Mãe Luciana* e a *Florentina,* diàriamente angariando donativos? Nem mesmo os forasteiros escapavam, pois que, ambas à madrugada e à noite, sem esmorecimento, achavam-se infalìvelmente na gare da Viação Férrea solicitando, implorando, a um e a outro, um pequeno óbulo para seus filhos, os deserdados da sorte.

Como a boa semente lançada em terra fértil, assim foi o *Orfanato São Benedito,* num desenvolvimento contínuo. Meses depois de seu início, o prédio da praça já não satisfazia as necessidades exigidas. Era evidente, precisava-se local amplo, salas maiores, melhores acomodações.

Ofereceu essas vantagens uma casa do Sr. Armando Costa, à rua Sete de Setembro; alugada, efetivou-se a mudança.

Corria o ano de 1911; o número de crianças recolhidas aumentando sempre criou novo problema de solução difícil. Reúne-se a diretoria e resolve adquirir por compra, de José Lopes Vilamil, um terreno para a construção de prédio próprio.

Decorridos cinco anos da fundação do Orfanato, suas despesas avolumavam-se mais e mais, dado o grande número de asiladas.

Os compromissos assumidos eram demasiados para que fôsse suficiente a ação exclusiva da heróica Luciana, que não cansava de bater de porta em porta, esmolando em benefício dos seus desvalidos inocentes.

O número de sócios era insignificante, a receita colhida dos associados não ia além de oitenta cruzeiros mensais!!!...

Quanto trabalho, quanto dissabor, passou a Mãe Luciana e sua companheira Florentina!

Mas, eis que surge no momento um coração generoso, é o de Dna. Francisca Garrastazú Torrescassana, grandemente auxiliada por suas irmãs Zezé e Adelaide, que conseguiram vencer múltiplas dificuldades e organizaram a moderna instituição do *QUILO MENSAL*.

O desenvolvimento da caridosa e meritória obra por Mãe Luciana iniciada, ia num crescendo vertiginoso e acompanhando êsse fator, surgiam as dificuldades de ordem material: finanças agravadas.

Nova crise se esboçou, apenas três anos andados, desta vez, incluindo o estabelecimento que se tornara por demais exíguo.

Providência divina, veio ao encontro solucionar a aflitiva situação, um anjo do bem, é Dna. Ana Dorotéa Gaffrée, alma nobre e generosa, que tantas misérias mitigou nesta cidade e aonde estancou as lágrimas dos que sofreram as agruras da sorte.

Essa magnânima senhora, fêz o maior donativo, que, até então, recebeu o Orfanato S. Benedito, que foi o prédio adquirido de Pompeo Martino e mais um saldo para seu melhoramento, condicionando em sua doação o batismo de duas salas do referido Orfanato com os nomes de seus pais, Antonio e Juliana Gaffrée.

É extranho que esse desejo, de tão caridosa dama, até então não haja se concretizado!!!

Na época, Fanfa Ribas, brilhante jornalista, querido e antigo diretor do "Correio do Sul", cheio de entusiasmo, rende homenagem à filantrópica senhora, finalizando seu belo artigo, de um modo sumamente elegante, pedindo vênia para beijar as mãos dadivosas de tão generosa dama. Ao mesmo tempo o povo criava a lenda de que Dna. Ana possuía uma cadeira de ouro no Céu.

Com êsse grande impulso, aumentando magnìficamente sua obra, Mãe Luciana achou que não mais podia, sòzinha dirigir uma organização de tão grande proporção. Sentiu que já não podia cuidar convenientemente do seu asilo, pois que, quase sempre estava ausen-

te, perambulando e angariando esmolas, asiladas mocinhas, necessitando uma educação mais completa; apelou ao Monsenhor Costabile Hipólito, para que junto de D. Francisco de Campos Barreto, conseguisse a vinda de uma Congregação de Religiosas, que, sem solução de continuidade, viesse completar os objetivos já traçados.

No dia 26 de junho de 1919, vieram para dar ao Orfanato uma mais completa administração interna as Revmas. Irmãs do Sagrado Coração de Maria, tendo como superiora a Revma. Madre Eufrásia.

Julgando sua missão cumprida, retirou-se da direção do Orfanato, sua fundadora, Luciana Lealdina de Araujo, essa mulher forte, de um heroísmo notável, essa mulher que gravou indelével no coração de dezenas de crianças desvalidas seu divino nome de *Mãe Luciana,* compassiva e boa.

Mas, não findou aí sua atividade, Luciana foi em 1922, tomar conta da Creche, fundada por Monsenhor Costabile, trabalhando até o dia de sua morte, em 27-11-930.

Sucedeu-lhe Florentina. Hoje, às vistas do monsenhor, abrigam-se ainda nessa instituição vinte necessitados.

Mãe Luciana, antes de receber o prêmio da felicidade, luz e eterno amor no seio do Senhor, cheia de satisfação viu no livro do Orfanato, destinado às visitas recebidas, dois confortadores autógrafos, ei-los:

D. Francisco de Campos Barreto: *Em visita pastoral, aprovando e abençoando a caridosa obra do Orfanato São Benedito, fazemos votos para que a generosidade dos católicos desta cidade se empenhe em manter a bela instituição.*

Em 30 de outubro de 1916, Olavo Bilac, a maior glória de nossa poesia, acompanhado pelo inesquecível Cel. Tupi Silveira, quando aqui estêve, lançando o olhar cheio de ternura sôbre os òrfãozinhos, escreveu: *"Bemdita seja ésta admiravel obra de caridade e de amor".*

Quanto confôrto moral, quanta alegria para quem criou 89 filhos alheios, como se fôssem seus; 89 criancinhas educadas no bem por uma vontade inquebrantável.

A pobre Luciana, não ficou sabendo do episódio daquele pardinho que ela criou no Orfanato, o Oscar Brasil (já falecido), sargento de nossa Marinha de Guerra, escalado no couraçado Minas Gerais.

Quando nos Estados-Unidos, finalizando um jôgo de futebol entre brasileiros da referida nau e americanos saímos vencedores após bela disputa, Oscar, que era o capitão do nosso "team", foi abordado pelos americanos para que deixássemos com êles a bola que serviu na partida, que nos dariam Cr$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros).

Oscar pede licença ao comandante de nosso vaso de guerra, lega ao esquecimento a oferta recebida e dá aos americanos a resposta seguinte: *Fiquem com a bola que é para nós motivo de grande sa-*

tisfação, guardem-na como recordação desta fraternal competição; basta-nos a glória da vitória, esta sim, levaremos praseirosamente em nossos corações.

Mãe Luciana, o povo de Bagé não te esquecerá, a matéria passa porém a nossa alma permanece no que legamos à posteridade.

Muitos ainda conservam aquêles santinhos que tu davas em retribuição ao pouco que recebias, traziam êste agradecimento: "*A todos os corações bem formados, que ampararam esta obra divina, inspirada por Jesus, eu ofereço, neste grande dia, esta modesta lembrança*".

O teu *Orfanato* continua a realizar o teu sonho, o teu grande ideal, os teus filhos multiplicam-se, segundo o preceito divino, e nós não cansamos de dizer: *Bemdita seja essa humilde heroina que tanto fez por ser tão bôa.*



CAPÍTULO II

ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA
E
IMPÉRIO E REPÚBLICA



O calendário indicava o decorrer de 1883; fase da vida brasileira em que se avolumava o sentimento de piedade cristã, impulsionando os intelectuais e políticos para que a "Lei do Ventre Livre", de 28 de setembro de 1871, fôsse completada na "Lei Aurea", de 13 de maio de 1888, e paralelamente mostrava que o germe da república, da vida latente passava para a de fermentação ativa.

Nesta cidade desde 1835, com o advento da Epopéia Farroupilha, surgiram os primeiros republicanos e de tempos em tempos se registravam fatos como o da professôra normalista Dona Angélica Gonçalves Jardim — 2.ª aula do sexo feminino —, que em 1878, nas aulas fazia preleções aos alunos mostrando as vantagens da forma de govêrno republicano e jactando-se em suas perorações com o fato de ser neta, de lhe correr nas veias o mesmo sangue do grande patriota, José Gomes Vasconcelos Jardim, que exerceu a presidência da *"República de 35"*.

Já em 14 de agôsto de 1872, elementos idealistas, haviam fundado a "Sociedade 28 de Setembro", o que nos mostra que paralelamente marcharam as duas grandes aspirações do povo: "Abolição da Escravatura e República", ruindo os alicerces do Império até à derrocada final.

Apesar do entusiasmo que vinha alimentando os nobres ideais, e da grande agitação política, as aparências revelavam que na vida coletiva se havia estabelecido a rotina, e a não ser um ou outro de ânimo exaltado, nada se percebia da radical transformação que iria se operar no organismo dirigente do destino pátrio.

Vivendo a vida de meio pequeno, como se fôra uma grande família, em volta ao fogão característico de nossos "pagos"; churrasqueando, chimarreando, ouvindo "causos", ora trabalhando nas lides campeiras, ora na cidade, o movimento dos diversos serviços públicos, durante mais ou menos um decênio foi o seguinte:

Delegacia de policia:

Assumiram a chefia dêsse importante serviço os senhores: José Crispiniano de Contreiras e Silva, em 16 de junho de 1883; Cap. Manoel Bento da Fontoura Casado, em 25 de abril de 1884; João Napoleão Epaminondas de Arruda, em 8 de julho de 1885; Cel. José Bonifácio da Silva Tavares, em 9 de dezembro de 1885; Francisco de Paula Vinhas, em 7 de março de 1888; Ten-Cel. Nereu Soares Martins, em 9 de dezembro de 1889, e, Bento Gonçalves da Silva, em 29 de maio de 1891.

Juizado Municipal e de Órfãos:

Ocuparam o cargo os senhores: Dr. Boaventura Antonio da Costa, em 12 de julho de 1883; Dr. Plinio Franklin Leidner de Amaral, em 14 de outubro de 1887; Dr. José Maria Gonçalves das Chagas, em 12 de junho de 1890 e o Dr. José Zeferino da Cunha, em maio de 1891.

Juizado de Direito:

Exerceram tão relevante função, os senhores: Dr. Vicente Alves Rodrigues de Albuquerque, em 22 de novembro de 1883; Dr. Dionísio de Oliveira Silvério, em 2 de janeiro de 1887; Dr. José Maria Gonçalves das Chagas, em junho de 1890; Antonio Machado da Silva Bruno (interino), em fevereiro de 1891; Dr. Francisco Francino Aguiar, em 1891; e Dr. Manoel Raimundo Fonseca, em janeiro de 1892.

Promotoria Pública:

Passaram pelo importante órgão, os senhores: Dr. Luís Cândido da Rocha, em 10 de abril de 1886; Dr. Antonio Pires de Souza, em 22 de novembro de 1886; Dr. Manoel Joaquim de Andrade Lima, em 24 de agôsto de 1888, e o Dr. Antenor Câncio Lopes Soares, em 14 de dezembro de 1889.

Coletoria Provincial:

Foi exercida pelo Ten. Tomás de Lemos Viana F.°, em janeiro de 1886. Nessa ocasião era escrivão o Sr. Galdino Felix de Souza que foi substituído por Pedro Gomes Cardoso, em 26 de junho, nomeado em caráter interino.

Mesa de Rendas Gerais:

Foram administradores dêsse importante órgão da arrecadação pública os senhores seguintes: Armando da Silva Tavares que veio substituir ao Sr. João Luís Gomes de Melo que se achava no cargo em comissão, em 11 de julho de 1887; e Pedro Romero em 7 de Agosto de 1890.

Instrução Pública

O ensino mereceu sempre especial atenção dos administradores, que viam na sua difusão, o engrandecimento pátrio.

O movimento do professorado, foi o seguinte: foi nomeado para reger uma cadeira do professorado público nesta cidade, em 1884, o normalista Graciano Teixeira de Andrade, e a 13 e 16 de maio, foram nomeadas para lecionarem no "Rincão do Contrato", as normalistas Rita Cassia Cota e Maria Eufrásia Ferreira da Silva.

Foi exonerado do cargo de inspetor escolar do 1.º distrito em 29 de outubro de 1885, a pedido, o Sr. Jorge Reis, que foi substituído pelo Dr. Bernardino de Sena Costa Feitosa, sendo nomeado na mesma data para igual cargo no 5.º distrito, o Sr. Abel Maurício Vaz.

No dia 13 de fevereiro de 1886, seguiu para Taquari a professôra normalista Dna. Rosa Leopoldina de Almeida que para lá foi removida a seu pedido.

Por ato provincial a 23 de fevereiro de 1886, por conveniência do serviço, foi removido para Cachoeira o professor normalista Graciano T. de Andrade e em sua substituição veio para esta cidade o professor normalista, José Canuto Cardoso.

Assumiu o exercício de professôra, em 18 de março de 1886, a normalista Dna. Rita Cota Cruz. Foi removida de Taquari para esta cidade a normalista Dna. Emilia Praia de Sá a 29 de março de 1886, e deu início à 3.ª aula pública do sexo feminino.

A 26 de janeiro de 1887, veio assumir a 3.ª cadeira do sexo feminino a professôra normalista Dna. Carolina Vieira de Lima, e a 14 de agôsto de 1889 foi transferida para S. Gabriel.

Por portaria de 2 de janeiro de 1890 foi nomeado inspetor escolar do 1.º distrito o advogado Dr. Carlos Frederico de Moura e Cunha e a 15 de fevereiro foi nomeado para reger a 3.ª cadeira do sexo masculino, a normalista Dna. Merência Martins da Silva.

Foi nomeado para o cargo de inspetor escolar do 1.º distrito a 25 de novembro de 1890, o conceituado médico Dr. Evaristo Ferreira da Veiga. A Diretoria Geral de Instrução Pública comunicou à Intendência Municipal, em 12 de fevereiro de 1891, a remoção por acesso, da professôra normalista Dna. Emilia Praia de Sá.

A 14 de março, foi removido para esta cidade o professor normalista Luís Manoel da Silva Penafiél, e a 16 de maio de 1891, seguiu para S. Maria, a professôra Dna. Emilia P. de Sá, que foi substituída pela professôra Dna. Maria das Dôres Alvares de Barros. Em 24 de julho de 1891, foi nomeado para substituir o professor normalista Zeferino Gomes de Freitas, o Professor Antonio Antunes de Araujo, que não o fêz, sendo então nomeado o Sr. Pedro Antonio da Cunha, o qual por muito tempo honrou o magistério público. No dia 5 de abril de 1892, deixou o exercício de professôra pública, Dna. Maria das Dôres A. de Barros.

IMPRENSA:

Orientando a população, surgiram os jornais seguintes: INDEPENDENTE, órgão tri-semanal, de Bernardino Bambá, a 1.º de junho de 1883; DIARIO DE BAGÉ, de Antenor Soares, a 23 de abril de 1885; UNIÃO LIBERAL, da facção gasparista, em 7 de maio de 1885; CRUZEIRO DO SUL, de Jorge Reis, em 8 de outubro de 1888; QUINZE DE NOVEMBRO, de Antenor Soares, em 15 de novembro de 1890; e a FÔLHA DO SUL, de Julio Brissac, a 20 de janeiro de 1892.

Nossos ascendentes possuíram elevado espírito de iniciativa e quando nos cargos oficiais, demonstraram largo descortínio, não descuidando um só setor que não fôsse atendido e que desse à "Rainha da Fronteira" as vantagens dos povos civilizados.

Surgem nessa ocasião diversas entidades sociais, algumas atravessando o tempo, se mantêm até nossos dias.

Fundou-se, a 30 de agôsto de 1883 e foi inaugurada a 8 de setembro, a útil Sociedade Protetora dos Artistas com a nobre finalidade de amparar a seus associados na sua grande maioria constituída de operários das mais diversas profissões.

Essa associação criou uma fanfarra com elementos de seu quadro social, que nas horas de folga se dedicavam à bela arte musical.

Com a ação do tempo — desgaste do instrumental — e precariedade de mestres, essa charanga integrada por abnegados que reais e inestimáveis serviços vem prestando à nossa cidade, com seu valioso concurso, nos festejos populares, foi batizada pelo consenso unânime da população pela alcunha de FURIOSA.

Para nosso gáudio a querida e tradicional "bandinha", com seus admiráveis tipos popularíssimos, onde se vê o Congonha, o Thomé e o Bico-Duro, de quando em vez, quando no auge do entusiasmo, deixam escapar uma nota dissonante que ao ferir o tímpano, em vez de nos aborrecer, muito ao contrário, deleita-nos o espírito por veri-

ficarmos o esfôrço e a abnegação de um pugilo de bem-intencionados lutadores desamparados no ideal que sobraçaram.

A "Furiosa" é uma relíquia que deve alcançar as gerações vindouras.

A primeira diretoria da Sociedade Protetora dos Artistas, ficou assim constituída:

Presidente: Augusto Celestino Loureiro Dias.
Secretário: José Augusto Teixeira de Souza.
Tesoureiro: Francisco Crededio.
Procurador: Narciso Masramon.

Na cerimônia da posse dessa diretoria, uma comissão de sócios fêz entrega de vários diplomas de "sócios beneméritos" a diversas personalidades que prestaram valiosos serviços a novel entidade. Num requintado gesto de elegância, as primeiras a receber tão significativa distinção foram as jovens: Maria Conceição Loureiro e Emilia Loureiro Dias, por haverem ofertado, além do entusiasmo de moças, rico e bem confeccionado estandarte com os emblemas sociais. A distribuição continuou, sendo contemplados os cavalheiros seguintes: Drs. José F. de Azevedo Penna, João Albano de Souza, Pedro Luís Osório Junior, João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, Leovegildo Honório de Carvalho e Nicanor S. Peña e os jornalistas Bernardino Bambá, José Capistrano Torres e Jorge Reis.

Na capital do Império crescia o entusiasmo pelo término da escravatura e expandindo-se por todo o país, com o intuito de congregar esforços, o presidente da "Sociedade Abolicionista Luso Brasileira", em fins de 1883, nomeou seus delegados nesta comuna, os Srs. Gen. Joca Tavares, Barão de Itaqui; o promotor público Dr. Cornélio Teixeira de Magalhães e Almeida; e, Jorge Reis.

Propalando êsse fato, entre a população, inúmeros foram os elementos que o julgaram de suma importância dando-lhe o apoio necessário. Não tardou que por iniciativa dos distintos cavalheiros Srs. Cap. Rodrigo Nunes Galvão, Martim Bidart F.º, Cel. José B. da S. Tavares, Zeferino Gomes de Freitas e Manoel Dias dos Santos, fôsse fundado o *"Clube Abolicionista de Bagé"*. Essa entidade foi instalada em sede condigna, no dia 16 de março de 1884, contando com a presença de 16 sócios e o apoio de mais 19, no momento ausentes.

Resolveu a assembléia nomear as comissões seguintes:

Para organizar estatutos: Rodrigo Nunes Galvão, Zeferino Gomes de Freitas e Jorge Reis.

Para angariar sócios e donativos: José B. da S. Tavares, Martim Bidart F.º, Viriato Vieira da Silva, Rodrigo Nunes Galvão e Manoel Dias dos Santos.

Vencido o período de organização a diretoria tratou de imediato propaganda junto ao povo, realizando no dia 28 de setembro de 1884, por sua iniciativa, imponentes festejos públicos em regozijo à emancipação total do elemento servil, neste município. Posteriormente, reforçando a propaganda, outras medidas foram tomadas.

Por iniciativa de elevado número de rapazes do escol social foi fundada a 20 de maio de 1884, no prédio número 103, à rua 3 de fevereiro, o "Clube Progresso Caixeiral".

Firmada em bases poderosas, em franca prosperidade, não tardou a que sua sede se instalasse em magnífico palacete, com amplos e arejados salões, sito à avenida Sete de Setembro, esquina Cel. Ismael Soares.

Rapaziada nova e dinâmica em pouco tempo dotou a sociedade de excelente biblioteca e ótima fanfarra. O precursor do atual "Clube Caixeiral", amparando as iniciativas que visavam o progresso local, conquistou as simpatias do povo, durante os anos que existiu.

A primeira diretoria eleita em assembléia e por aclamação, foi a seguinte:

Presidente: João Antonio Damé.
Vice-pres.: José Pinto de Moraes Sarmento.
Secretário: (*1.º*) José Maria Alves.
Secretário: (2.º) Alcides Barcelos.
Orador: Ildefonso Ribeiro.
Tesoureiro: Rodolfo Moglia.
Diretores: José Rodrigues Ladeira, Toribio Alcalde, Rogério Donato Candiota, Joaquim Souza Freitas, Bento Alves Torres e Inácio Rodrigues Barcelos.

Do Rio de Janeiro chegou a esta cidade a comunicação, por via telegráfica, das nomeações para o Estado-Maior do Comando Superior da Guarda Nacional dos seguintes oficiais: Ten.-Cel. Chefe do Estado-Maior o Major Ajudante-de-Ordens Belchior Silveira: Majores Ajudantes-de-Ordens Pedro Rodrigues de Borba e Felipe Néri Martins; Capitão-Secretário Geral Gaspar Corrêia da Silva.

Cidade moderna, muito bem planejada com magnífico traçado, Bagé possuía várias praças, sendo algumas com frondosos arvoredos e ajardinadas, onde seus alegres habitantes ouviam encantadoras retretas proporcionadas pelas fanfarras militares da guarnição aqui sediada.

A hoje Praça Silveira Martins, aprazível local, era cercada por interessante amurada com pilares e gradil de ferro.

Entrecortada, dando-nos a imagem nítida de um tabuleiro de xadrez, com ruas amplas bem arejadas, a cidade já naquela época era linda e bem movimentada. Cruzavam-nas ainda com seu duro rangido, as tradicionais carrêtas e carretões, abarrotados de mercadorias ou com a clássica carga de carvão. Porém, nas horas de vida mais intensa, grande variedade de veículos à tração atravessavam-nas em tôdas as direções: carros, aranhas, álacres jardineiras, breques, joviais carretinhas e pesadas carroças. De quando em vez, em pontos determinados, chegavam vindas de outros povos, as célebres diligências cheias de passageiros e de correspondência.

Mas o que dava a nota pitoresca era o aparecimento de um, ou de um "lote" de gaúchos, bem aperados ou de guascas largados", encimando soberbos "pingos" que deslizavam ao trote, em bela armação, evidenciando suas formas e musculaturas depois de leves escaramuças.

Suas calçadas, à tarde, se enchiam de grupos joviais de sedutoras donzelas em vestidos de cassa com enfeites de ganga, metidas em elegantes espartilhos ao lado de rapazes trajando impecáveis *croisés* e altivas cartolas, que no meio de alegres palestras e namoriscos, acompanhavam com ardor a sedutora política.

À noite a cidade com os lampiões acesos, dava a impressão de um banhado em noite escura, coberto de vaga-lumes.

Aproximava-se a República, há pouco havia se dado a cisão do partido liberal, trazendo como resultante acirrada luta entre os diversos partidos interessados nos lugares das assembléias: geral e provincial, calorosamente disputados.

A personalidade, o valor, a fama, dos militantes de então nos legaram a impressão de uma batalha de DEUSES; porém, com as imperfeições humanas resultantes do desejo do predomínio de uma facção ou partido sôbre outro em detrimento do meio, da coletividade.

Eram usados os mesmos processos, de todos os tempos — antes e depois — sempre o mesmo homem, assim nos revela a carta seguinte: (Possuímo-la em nosso arquivo particular).

Meu Prezadissimo am.º Sr. Cel.
Antonio Jacintho.
Pelotas 9. 10br.º 1884.

Fui honrado com a sua carta de 4 do corr.e que hoje recebi. Muito folguei com a noticia que me deu da attitude honesta, pa-

triotica e franca que assumio na ultima eleição de deputados geraes, hostilizando em 1.º escrutinio a candidatura do Canastreiro, que soffreu uma derrota horroroza. Eu já sabia da sua attitude, e estava contente. Agora, meu amigo, lhe rogo encarecidam.e que empenhe todo o esforço para que elle ainda sáia derrotado em 2.º escrutinio.

A occazião se nos offerece de anniquilarmos p.a sempre o poderio malefico do Gaspar e o servilismo do Maciel. Convêm suffragar-se a candidatura do Tavares. Nosso partido ganha terreno na Côrte, e nós não devêmos retroceder. O futuro é nosso. Peço-lhe que por mim falle aos nossos amigos e aos meus primos que estão qualificados eleitores. Diga-lhes que não me abandonem ainda esta vez, que me auxiliem o quanto possam, que a nossa causa é sagrada e victorioza na opinião. Gaspar agora que vê, o partido liberal derrotado no Imperio, em 1.º escrutinio, e que já nada mais pode fazer, nem dar, é que apparece fallando em união e esquecimento do passado, a ultima hora! Que tartufo!

Devemos repellir a esparrélla que nos querem armar.

Elle que cáia só, mas não queira desmoralizar-nos submettendo-nos a ultima hora. Sei que o Dr. Arruda tem telegraphado annunciando nossa união contra Tavares. Esse amigo é victima de sua boa fé, não devemos ouvi-lo.

Fico anciozo aguardando o resultado do 2.º escrutinio para orgulhar-me da attitude heroica da dissidencia. Rogo-lhe que me indique pelo telegrapho alguns nomes de amigos a quem o Senhor acha que eu *devo telegraphar pedindo apoio. Meus respeitos a sua familia, e queira aceitar um abraço do seu*

par.e mt.º grato amr.º

Fernando L. Ozorio

Grande fator de progresso estava reservado para coroar o desenvolvimento desta cidade, ao findar o ano de 1864.

Resultante do dinamismo do povo bagèense, tendo à frente Gaspar Silveira Martins, que não esmoreceu até concretizar sua aspiração a 2 de dezembro, conseguiu que o govêrno inaugurasse a estrada de ferro, *"Southern Brazilian"*, ligando esta localidade às cidades de Pelotas e Rio Grande.

Silvando nas curvas, depois de ao longe anunciar sua póxima chegada, embandeirada, enfeitada com verdes, dava entrada na estação local, às 17 horas e 30 segundos onde foi delirantemente saudada com "vivas ao progresso", a primeira locomotiva arrastando uma composição de vários carros, sendo alguns de passageiros.

Compartilhando da mesma alegria, autoridades e povo, festejaram o assinalado acontecimento, onde enorme massa popular calculada acima de duas mil pessoas, compareceu à estação, ouvindo os

acordes musicais de duas excelentes fanfarras que compareceram ao ato festivo.

A repercussão da construção dessa linha férrea no extremo sul do país, foi enorme e muito principalmente em nosso Estado, o que deu oportunidade aos nossos avoengos a demonstrarem o seu cavalheirismo, proporcionando uma série de brilhantes festas aos que na ocasião vieram a esta cidade.

Destacavam-se entre os presentes à inauguração, S. Excia. o Sr. Conselheiro José Julio de Albuquerque Barros, Barão de Sobral presidente da província; Sua Reverendíssima D. Sebastião Dias Larangeira bispo da diocese; o Conselheiro Gaspar Silveira Martins o seu oficial de gabinete, Aurélio Bitencourt; os Engenheiros Duprat, Bonafons e outras personalidades de destaque. Nesse dia chegaram três trens especiais, sendo um de luxo. Representando a cidade de Rio Grande, cognominada a "Namorada do Oceano", vieram os Srs.: Luís Fraeb, Ernesto Levy, Arnaldo Pereira, Joaquim Martins Garcia e Alberto Rosa; e, a cidade de Pelotas, a chamada "Princesa do Sul", os Srs. Cap. João Leão Satamini, Rafael Zamorano, José Francisco de S. Junior, Carlos Natusch F.º e Ramão Trapaga.

A comissão bagèense de recepção e festejos que cumulou de atenções aos visitantes ilustres, era composta dos Srs. José Bina, Domingos Damé, Manoel Martinez, João Pereira de Mendonça Lima e Emilio Antonio Salis.

Cumprindo o programa delineado, ouviu-se a 3 de dezembro, pela manhã, solene Te-Deum em ação de graças na Praça Matriz de S. Sebastião; à tarde realizou-se um cortejo à efígie do Imperador colocada no paço municipal, e à noite, coroando o auspicioso acontecimento se efetuou magnífico baile.

O venerando prelado D. Sebastião, foi recebido com invulgar demonstração de aprêço por ser a primeira vez que um Príncipe da Igreja visitava a linda Bagé honrando-a com a sua presença e dando a seu rebanho a Bênção Apostólica.

Hospedaram-no na residência do benquisto vigário da paróquia, o Sr. Cônego João Inácio Bitencourt, onde permaneceu por vários dias. Durante a estadia administrou a grande número de fiéis o Sacramento do Crisma, regressando a 22 de dezembro para Pôrto Alegre. Relata-nos Jorge Reis que o ilustre prelado deixou as impressões seguintes:

CAPITULOS DE VISITA:

Sua Exma. Revm. o sr. bispo D. Sebastião Dias Larangeiras, do Conselho de S. Magestade o Imperador, Assistente ao Solio Pontificio, etc., etc., faz saber que na forma das Leis do Sagrado Concilio Tridentino, procedeu a visita na parochia de São Sebastião de Bagé, e havendo com toda a attenção examinado a Igreja Matriz, o

cartório Ecclesiastico e tudo o mais que pertence á administração parochial encontrou tudo na devida ordem e para que conste no futuro mandou escrever os seguintes capitulos de visita:

CAPÍTULO I

A Igreja Matriz foi encontrada com a decencia necessaria ao culto divino. — Templo sumptuoso em relação a uma cidade de campanha como Bagé, faz honra aos sentimentos de religião de seus habitantes. O Revmo. conego João Inácio de Bittencourt é digno e merecedor dos maiores elogios pela attenção e cuidado que mostra em relação a sua Igreja Matriz.

Animando-o a continuar como até aqui no desempenho desinteressado de suas funções de Parocho, espero que o povo de Bagé, dando mostras de seus sentimentos religiosos secunde os seus esforços afim de que o Templo de Deus se mantenha sempre na altura correspondente á Magestade Divina e a civilisação da cidade de Bagé.

CAPÍTULO II

No dia 19 do corrente visitei o cartorio da vara ecclesiastica de Bagé. Examinei attentamente os livros findos que se acham no mesmo cartorio; os processos matrimoniais, diversas justificações, os papeis antigos da parochia, e só posso ter louvores para o escrivão exemplar o sr. Antonio José da Silva Porto Filho.

É digno na verdade de visitar-se o cartorio da vara da importante cidade de Bagé.

A melhor ordem ali se nota; todos os officios, quér civis, quér religiosos; todas as provisões são caprichosamente guardados e archivados nos seus respectivos lugares, podendo-se com facilidade encontrar immediatamente qualquer documento de que se tenha necessidade. Por isso louvo o mesmo escrivão, esperando que elle continúe no mesmo optimo procedimento que tem tido no cumprimento de seus deveres.

CAPÍTULO III

A caridade essa virtude que une o homem a Deus, a terra ao Ceo, é aqui exercida em larga escala, mostrando desse modo os sentimentos generosos da população de Bagé. O edificio ha pouco construido para o tratamento dos pobres enfermos, já satisfaz uma das maiores necessidades, que é o allivio dos pobres, o abrigo dos desvalidos. Encontram nessa Casa de Caridade um termo aos seus soffrimentos os pobres, que faltos de todos os recursos morreriam necessariamente se não fosse a mão bemfaseja do povo bagèense, que tem sempre nesses actos de religião a caridade tido por seu principal sustentaculo o muito Reverendo vigario conego João Inácio Bittencourt.

CAPÍTULO IV

Visitei o cemiterio e muito agradou-me o modo porque tem lugar a sua direcção.

Sómente desejo que elle continue sempre como até aqui a ser administrado com a decencia e boa ordem de que fui testemunha, cabendo nesse caso todos os louvores á zelosa Irmandade do S. S. Sacramento, a cujos esforços, eu soube com prazer, que se deve a ordem que reina nessa morada dos mortos.

CAPÍTULO V

A Capella da Conceição persuadiu-me que nesta cidade e parochia de Bagé, é grande a devoção a S. S. Virgem, sob o titulo de Immaculada Conceição.

Espero que essa devoção se torne cada vez mais intima no coração do povo, afim de que compenetrando-se bem de seus deveres religiosos e do que todos nós devemos á protecção da mãe de Deus, procure elevar essa capella ao ponto em que todos nós queremos vel-a collocada, para maior brilhantismo do culto Divino.

Com algum sacrificio levantou-se essa capella; com mais algum esforço ella será digna do adeantamento e do progresso da cidade de Bagé.

CAPÍTULO VI

Estranhei a principio que ha muito tempo não tenha sido festejado o glorioso padroeiro desta cidade, S. Sebastião, porem, indagando o motivo dessa omissão, soube e com prazer que isso era devido não a falta de devoção e sim aos muitos compromissos que a Irmandade tem solvido. Espero portanto que a Irmandade do S.S. Sacramento dessa parochia, com o auxilio do generoso povo de Bagé, depois de achar-se completamente desembaraçada não deixe de celebrar a festa do Padroeiro, os actos da semana santa, em que se comemora a Paixão, Morte e Triumpho de Nosso Senhor Jesus Christo, e a festividade do Corpo de Deus.

CAPÍTULO VII E CONCLUSÃO

Ha muitos anos desejei de todo o coração visitar a cidade de Bagé, porém, continuos incommodos de saude prohibiram-me satisfazer tão grande desideratum. Felizmente tendo-se inaugurado o caminho de ferro foi-me possivel, sem graves incomodos de saude levar a effeito o desejo que ardia em meu coração, desde os primeiros dias em que tomei a direcção espiritual da Diocese rio-grandense. Bagé, ha muitos annos occupava um lugar distinto em meu coração, porém, hoje que tive a felicidade de conhece-la de perto; de abraçar pessoalmente os meus caros filhos em Jesus Christo, de ver o quanto elles estimam e respeitam a religião de Nosso Senhor Jesus

Christo, o quanto tem feito pelo esplendor do culto divino e da caridade christã, já levantando um templo sumptuoso para servir de Matriz, já lançando as bases de um grande e futuroso hospital de caridade; hoje digo, que tive a felicidade de conhecer bem de perto Bagé e seus habitantes, encho-me de um justo e santo prazer em contemplar em minha Diocese, tão importante e religiosa parochia.

Ao povo bagèense, ao seu digno vigario, á irmandade do S. S. Sacramento, os meus louvores e agradecimentos por terem sempre seguido unidos no caminho do bem e na pratica da virtude.

O Reverendo vigario da vara, conego João Inácio Bittencourt leia os capitulos acima três vezes á estação da missa conventual e passe neste mesmo livro a certidão de assim o haver feito.

Presidencia Episcopal na cidade de Bagé, aos 20 dias de Dezembro de 1884.

Sebastião, *Bispo do Rio Grande do Sul* (*Com guarda*).

Histórico da Estrada de Ferro — RIO GRANDE - BAGÉ - 1873 a 1884
(Do Boletim da Sociedade de Engenharia do R. G. do Sul)

O decreto n.º 2397, de 10 de setembro de 1873, originou, também, outra estrada de ferro de importância, para o R. G. do Sul, que foi a de Rio Grande a Bagé, primeiramente concebida de Rio Grande a Alegrete.

O Contrato para a exploração e estudos dessa linha foi assinado em 15 de abril de 1874, de conformidade com o decreto n.º 5565, de 14 de março dêsse ano.

Era concessionário dessa estrada o cidadão Higino Correia Durão, que desistira dos direitos provenientes da concessão que lhe fôra feita pelo Govêrno Provincial em 1871.

O contrato em referência, obedecia, mais ou menos, os moldes do contrato para a exploração e estudos da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, com a diferença na divisão de trêchos, que éra a seguinte:

1.º) *Uma parte de Rio Grande a Bagé, constando de cinco secções sendo a primeira de Rio Grande a Pelotas; a segunda, de Pelotas a margem do rio Piratiní; a terceira, do rio Piratiní a Pedras Altas; a quarta de Pedras Altas a Candiota, e a quinta de Candiota a Bagé.*

2.º) *Uma parte de Bagé a Alegrete, constando de três secções, sendo a primeira de Bagé a D. Pedrito; a segunda de D. Pedrito a Santa Maria, e a terceira, de Rosário a Alegrete.*

Ao govêrno cabia o direito de fazer as modificações convenientes nêsse plano, ficando o empresário com a obrigação de fazer todos os estudos técnicos necessários e apresentar o projeto definitivo da primeira parte dentro de seis mêses e a segunda parte dentro de quinze mêses.

A 22 de agosto de 1874, o eng.º Eduardo José de Moraes recebia instruções do Govêrno para fiscalizar tambem os estudos da linha de Rio Grande a Alegrete, então dirigidos, por parte do contratante, pelo engenheiro Adam Primoroso, e a 25, também de agosto do mesmo ano éra consultado pelo Govêrno se a linha de Rio Grande a Alegrete, no trêcho da Bagé a S. Gabriel, deveria ou não tocar em D. Pedrito.

O decreto n.º 5772, de 21 de outubro de 1874, prorogou por três mêses os prasos marcados no contrato com Higino Correia Durão para os estudos da linha de Rio Grande a Alegrete.

O concessionário não conseguiu, porém, levar a bom termo os seus projetos, ficando as cidades de Rio Grande, Pelotas e Bagé, aguardando novas iniciativas concernentes aos seus urgentes anceios. Em dezembro do mesmo ano a "Compagnie Impériale du Chemin de Fer" (Decreto n.º: 8346) conseguiu obter previlégio para a construção, uso e gôso de uma estrada de ferro de Bagé a Cacequí, local fixado para o entroncamento com a estrada de ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, ficando, assim aumentado o trêcho anterior da concessão. A garantia de juros foi, porém, baixada de 7 para 6%.

Nova alteração verificou-se, entretanto, nos destinos da Estrada de Ferro de Rio Grande a Bagé, em 1883, quando o decreto n.º: 8887, de 17 de fevereiro, autorizou a fusão da "Compagnie Impériale de Chemin de Fer de Rio Grande" com a "Southern Brasilian Rio Grande do Sul Company", nos termos da clausula 46 do decreto n.º: 2346, de 24 de dezembro de 1881.

A 7 de julho de 1883, essa companhia foi autorizada a funcionar no Império (decreto n.º: 8971) e a 25 de novembro de 1884 fôram, provisoriamente, aprovadas as tarifas e instruções regulamentares.

Afinal, a, 2 de dezembro de 1884, foi inaugurada a linha de Rio Grande a Bagé.

Uma vez inaugurada a linha férrea considerada excelente meio de comunicação e transporte, principalmente na época, trazendo confôrto aos viajantes e encurtando distâncias, muitas foram as personalidades ilustres que até cá vieram.

Procedente do Rio de Janeiro chegou a esta cidade, no dia 26 de janeiro de 1885, o notável oculista brasileiro, professor Dr. Hilário de Gouvêa, que aqui teve curta demora. O eminente médico

era pai do grande cirurgião Dr. Tomás Nabuco de Gouvêa que exerceu por muito tempo proveitosa atividade em nosso meio.

O Dr. Nabuco iniciou sua vida política ingressando nas hostes maragatas, indo com a coluna de Gomercindo, o "Napoleão das pampas", até o estado do Paraná, em 1893.

Posteriormente foi chefe do partido republicano dêste município, deputado federal por êste Estado, e ministro plenipotenciário em Montevidéu e Bucarest, e em 1914, durante a primeira hecatombe universal chefiou e organizou a missão médica brasileira que foi aos campos da imortal França levar a colaboração da ciência nacional.

Executava o exército brasileiro, em 1885, importantes manobras nos campos de Saicã e os temas escolhidos para desenvolvimento tático, pela fôrça armada, se revestiam de tal importância que despertaram o desejo ao Marechal, Conde d'Eu, para assisti-los de perto. Assim o nobre militar, abandonando o confôrto da côrte, deixou a capital do Império e rumou à fronteira sul do país.

Finalizadas as manobras, em seu retôrno à capital, o conde passa por D. Pedrito — (documento, de nosso arquivo particular)

D. Pedrito 26 de Fevereiro de 1885.
Meu respeitavel Tio Snr. Cel. Antonio Jacintho.

. . . .

Aqui esteve o Principe Conde d'Eu, mais de uma vez fallou em Va. Sra., manifestando desejos de vel-o; na supposição q. Va. Sra. estivesse em Bagé, eu disse ao Principe q. n'aquella Cidade elle iria encontrar a Va. Sra.

Tornou-se aqui muito simpathico á todos, tendo tido uma recepção esplendida.

. . . .

Manoel Cassio Jacintho da Silveira —, chegando a esta cidade de Bagé, o ilustre membro da casa imperial, se encontrou com sua digníssima espôsa, a Princesa Imperial, Dna. Isabel de Orléans e Bragança que aqui chegava no mesmo dia, procedente da cidade de Pelotas.

Integravam as comissões que acompanhavam aos príncipes as pessoas seguintes: Exma. Sra. Baronesa de Suruí, viúva do marechal barão do mesmo título, Lima e Silva, Conselheiro José Julio de Albuquerque Barros, presidente da província, Conselheiro José Caetano de Andrade e Pinto, Ten.-Gen. Salustiano Jeronimo dos Reis, Marechal-de-Campo Augusto Cesar da Silva, Brigadeiro José Luís da Costa Junior, Cel. Honorário Cabral Deschamps, cônsul brasileiro em Montevidéu, Ten.-Cel. Dr. Catão Augusto dos Santos Roxo, Maj.

Estevão Joaquim de Oliveira Santos, secretário do comando geral da artilharia, e, Cap. Hermes Rodrigues da Fonseca, mais tarde marechal e presidente da república.

Alvo de excepcionais homenagens, festivamente recebidos, permaneceram nesta cidade durante três dias, sendo o casal de príncipes hospedado na residência do capitalista Sr. João Damé, à rua General Osório, onde foi o antigo cartório Vergilino Flores, hoje local de um pôsto de gasolina e lavagem de autos.

O comando da guarnição e fronteira desta cidade, foi assumido a 25 de fevereiro de 1885, pelo Cel. Comandante do 5.º Reg. Cav. Manoel Antonio Rodrigues Junior que a 16 de março o transferiu ao Cel. João José Bruce, que foi substituído a 1.º de fevereiro de 1886, pelo Brigadeiro Graduado Carlos Resin F.º.

Em virtude do grau de pobreza dos herdeiros de Caetano Gonçalves da Silva, em 22 de julho de 1885, num louvável gesto a população bagèense em bem fundamentado memorial dirigido ao Imperador D. Pedro II, solicita-lhe uma pensão em favor da família daquele bravo coronel que relevantes serviços prestou ao país, salientando-se na campanha do Paraguai.

Em fins de novembro, dêsse ano, o Dr. Juiz de Direito (interino) solicitando informações da municipalidade sôbre o referido memorial recebeu a informação seguinte:

Numero 59 — Camara Municipal de Bagé, 30 de Novembro de1886.

Illm.º sr. dr. Boaventura Antonio da Costa.
Digno Juiz de Direito interino da comarca.

Cumprindo-me responder o officio de V. S. em que, para satisfazer o determinado pela presidencia, em virtude da recomendação da 3.ª diretoria da Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, convida-me a emittir opinião a respeito da representação dirigida ao governo Imperial pelo presidente da camara, vereadores e habitantes deste municipio, na qual solicita-se uma pensão em favor da familia do fallecido cel. Caetano Gonçalves da Silva, tenho a declarar a V. S.: Que é de inteira justiça que a honrada familia daquelle bravo servidor da Patria, seja attendida no justo pedido que em seu favor foi dirigido ao governo Imperial pela população deste municipio.

Nenhum brasileiro dos mais patriotas prestou ao paiz com mais devotamento, abnegação e valor, os serviços relevantissimos do cel.

Caetano Gonçalves da Silva, especialmente na longa campanha do Paraguai onde tornou-se por sua bravura e intrepidez, um dos mais reputados chefes da cavallaria rio-grandense.

E apezar das suas grandes qualidades como guerreiro, esse benemérito official, tão valente nos campos de batalha, como modesto e calmo depois da victoria, não teve do governo uma recompensa na altura dos serviços com que soube em dezenas de combates, illustrar as paginas da historia Patria.

Julgo pois, que o governo imperial tornar-se-á digno de louvores se lançar suas vistas para as familias, não só desse como de outros bravos servidores do Estado, que pobres e esquecidos precisam de amparo.

Deus guarde a V. S. — O vereador presidente da camara —

Jorge Reis

Diz Jorge Reis que o govêrno da monarquia ainda uma vez foi injusto, não atendendo o referido pedido, esquecendo o valente soldado que foi uma glória da nossa guarda nacional e que tinha todo o direito a essa graça e traça-lhe a biografia seguinte:

CORONEL CAETANO GONÇALVES DA SILVA:

Herdeiro de um nome glorioso e legendário soube galbardamente cumprir o dever de soldado brioso nos campos de batalha, sendo considerado uma das primeiras espadas de cavalária rio-grandense na campanha do Paraguai.

Teve contra sí no teatro da guerra a sua rara modéstia, que muito o prejudicou.

Não éra homem de reclames e condenava em absoluto os "engrossamentos" tão em moda nos tempos que correm, o que é infelizmente eloquente prova da degeneração dos caracteres.

Nunca se prestou a representar o papel pouco digno do "caudatario". Ao contrario de muitos, terminado o combate, recolhia-se á sua barraca e só muito a custo e por dever de ofício apresentava a sua parte, limitando-se simplesmente a informar: — que a brigada sob seu comando, havia cumprido o seu dever".

Este laconismo em um soldado valente e de real merecimento fez com que a trombeta da fâma pouco annunciasse os seus rasgos de heroicidade, bem conhecidos e admirados no exército brasileiro.

Assim é que deixou de ter postos de acessos e honras nobiliarquicas a que tinha incontestavel direito.

O cel. Caetano, éra filho legitimo do grande guerreiro Bento Gonçalves da Silva e de dna. Caetana Garcia Gonçalves.

Nasceu em Cêrro Largo, Estado Oriental, em 1822 achando-se ali o seu pai, em serviço como oficial.

Em companhia de seus irmãos Joaquim e Bento, esteve no Rio de Janeiro estudando preparatórios; interrompendo a carreira acadêmica por motivo da prisão de seu progenitor, no revés da ilha do Fanfa.

O chefe do movimento revolucionário no R. G. do Sul foi remetido para a capital do estinto Império; e, mais tarde, transferido para o forte do Mar, na Baía, onde esteve prisioneiro evadindo-se dali a 10 de setembro de 1837.

O jovem Caetano e seus irmãos a vista da gravidade dos fatos e para não se comprometerem, ausentaram-se do Rio de Janeiro vindo se alistar entre os legionários farrapos.

Trocando o livro pela espada entrou em campanha e alcançou, por seus serviços, o posto de capitão, assistindo a diferentes combates; e, só descançou depois de proclamada a pacificação, em 1845. Entregando-se a vida pastoril, sem nada solicitar, foi por "carta patente" de 10 de dezembro de 1858, nomeado ten-cel. chefe do estado maior da guarda nacional do município de Bagé, da qual éra comandante superior seu sôgro, o saudoso cel. Ismael Soares da Silva. Uma vez investido do cargo, nele serviu até a invasão das nossas fronteiras pela divisão paraguaia de Estigarribia.

Sem pêrda de tempo o valoroso Caetano Gonçalves, honrando as tradições da familia, reuniu um grupo de distintos patriotas e seguiu desta cidade para o sítio de Uruguaiana, onde apresentou-se ao Imperador, D. Pedro II°, com seus companheiros.

Entre estes, podemos recordar de momento, os nomes dos voluntários: Cap. Israel de Lemos Pinto, ten. Procópio Gomes de Melo, alferes Arezo Machado da Silveira e sargento Manoel Jorge da Silva, compondo-se o contingente de vinte homens de cavalária.

Esse ato de nobre civismo do benemérito oficial, mereceu os louvores das mais altas patentes do exército.

Depois da rendição dos paraguaios na Uruguaiana, no dia 18 de setembro de 1865, o Camerino do sul, com seus companheiros de jornada, reuniu-se ao 1.° corpo do exército no território de Corrientes fasendo toda a marcha na brigada ligeira do general Antonio de Souza Neto.

Transpôs o Passo da Pátria e assistiu logo aos combates de 16 e 17 de abril de 1866, na "Laguna Sirena".

Em seguida, as batalhas de 2 de maio, no "Estero Bellaco", e 24 do mesmo mês e ano, em Tuiutí, cabendo-lhe nesta o comando de uma brigada que profiadamente disputou o têrreno ao inimigo, ocasionando-lhe grandes pêrdas, com suas mêdonhas cargas de cavalária.

Pelos serviços prestados nessas quatro ações, foi condecôrado com o oficialato da "Ordem da Rosa" e promovido ao pôsto de coronel. Esteve nos combates de 16 e 18 de julho e reconhecimento a 22 de setembro, tudo em 1866.

Tomou parte ainda, e distinguiu-se, nos combates de 19 de setembro e 3 de outubro de 1867, e 19 de fevereiro de 1868, no Estabelecimento, obtendo o grau de comendador da "Ordem de Cristo", pelos serviços militares prestados nos referidos combates.

Tendo adoecido, obteve licença para vir ao Brasil e ao chegar a ésta cidade foi recebido com expressivas demonstrações de aprêço. Ainda não restabelecido de todo, regressou ao teatro da guerra no mesmo ano de 1868, batendo-se heroicamente nos terriveis combates de 21 ao último dia do mês de dezembro, permanecendo no exército até a conclusão da campanha, em 1870.

Obteve a patente de coronel honorário do exército a 27 de setembro de 1870.

Éra tambem condecôrado com as medalhas do Mérito Militar, da campanha do Paraguai e a comemorativa de ouro da rendição de Uruguaiana.

Apesar de haver ganho essas honrosas distinções, jogando as lançadas com o inimigo e no campo de batalha, nunca o cel. Caetano colocou uma medalha no peito.

Sua gloriosa farda jámais revestiu-se de condecorações.

Tão grande éra a sua modéstia como a sua indômita bravura.

Por um ato de rigorosa justiça, as nossas passadas municipalidades homenageando os serviços do abnegado guerreiro, deram a uma rua de Bagé o seu laureado nome.

O cel. Caetano Gonçalves da Silva ocupou por duas vezes o cargo de delegado de polícia desta terra e foi membro proeminente do estinto partido liberal.

Nas relações intimas e nas da vida social, éra ele uma alma pura um coração rico das mais apreciadas virtudes.

Amigo ou chefe de familia, possuia dedicação sem limites e sempre tinha uma palavra de confôrto para os sofrimentos alhêios.

Éra casado com distinta bagèense, que faleceu otogenária, a Exma. sra. dna. Clara Soares da Silva, existindo do seu feliz consórcio um filho e duas filhas viuvas, todos maiores.

Esse ilustre e benemérito oficial honorário do exército, cuja vida foi um compêndio de ações heroicas em desenas de combates, faleceu nesta cidade com 63 anos, no dia 6 de junho de 1885.

Que os moços conheçam-lhe os feitos e procurem reverênciar a sua honrada memória.

Na natureza, os fatôres climatéricos têm seus caprichos, por isso o inverno de 1885 se apresentou rigorosíssimo, proporcionando aos habitantes de Bagé na manhã de 10 de agôsto um espetáculo inédito verificado pela primeira vez neste rincão gaúcho, cá no âmago de nossa querência.

A impressão causada foi a de que estas plagas haviam sido transportadas para um dos países do norte europeu em dias glaciais, pois que, abundante lençol de neve cobria os telhados das casas e o verde das coxilhas, com sua deslumbrante alvura.

Nos lugares planos e baixos e nas canhadas, formou gêlo cuja espessura chegou a atingir a apreciável medida de doze centímetros.

Não faltou nessa ocasião, a queda de grandes flocos de neve que incessantemente caíram até ao meio-dia.

Frio tão intenso, com tamanha produção de neve, foi deveras um fato surpreendente nestas regiões, sendo que até nossos dias, não mais se reproduziu idêntica cena nórdica em nossos "pagos"; muito embora tenhamos noutros anos, invernos bem rigorosos.

Não obstante, sem meios para a defesa confortável do frio de rigoroso inverno, dizem os gaúchos que o frio é muito bom porque acaba com as imundícies — epidemias, e retempera o organismo.

Nomeado vice-cônsul da Espanha em 1885, o Sr. Narciso Casanovas foi homenageado por seus compatrícios aqui radicados que promoveram em regozijo a êsse fato, vibrante manifestação de aprêço ao conceituado comerciante que passava a acumular as funções de representante de seu país.

Grande número de elementos da sociedade local se reuniu no teatro "28 de Setembro", no dia 29 de novembro de 1885, expressamente convocado para tratar da fundação do "Clube Comercial". Após a exposição de motivos, foi nomeada uma diretoria provisória com plenos poderes para regular todos os assuntos relativos à projetada associação. Ei-la:

Presidente: José Bina.
Vice-pres.: Domingos Damé.
Tesoureiro: Narciso Casanovas.
Secretário: Antonio Francisco de Almeida.
Comissão de estatutos: Dr. Cândido Dias de Borba, Dr. José Batista Pereira e Antonio Marques da Silva Pavão.

Sete meses se passaram para que fôssem finalizados os trabalhos conferidos a essa diretoria provisória. Assim, na noite de 3 de junho de 1886, perante seleta e numerosa afluência de exmas. famílias e cavalheiros, se inaugurou o Clube Comercial.

Domingos Damé forte capitalista e operoso comerciante, sempre à frente de iniciativas que visavam o progresso desta cidade, mandou

construir expressamente para êsse fim belo edifício à rua General Osório, onde foi instalada sua primeira sede.

A diretoria da novel entidade, ficou assim constituída:

Presidente: Domingos Damé.
Vice-pres.: José Bina.
Secretário: Antonio Francisco de Almeida.
Tesoureiro: Antonio Valls.
Diretores: Izaias Jacob, Antonio N. Ribeiro Magalhães, Cap. Serafim dos Santos Souza, Plácido de Medeiros Germano, Ovídio Cirne e Emilio Antonio Salis.

Nessa fase da vida de Bagé, o movimento de tropas militares nesta guarnição e fronteira foi o seguinte :

Comandado pelo Ten-Cel. Joaquim Mendes Ouriques Jacques, a fim de aqui estacionar chegou, procedente de Rio Pardo, o 12.° bat. de inf., a 31 de março de 1886, em trem expresso.

Constituíam o quadro de oficiais da brilhante unidade, os militares seguintes: Cap. Rafael da Cunha Matos, Aureliano Augusto de Azevedo Pedra, Artur Oscar de Andrade Guimarães, Luís Alves Leite de Oliveira Salgado, Inácio Henrique Gouvêia, João Alcino de Farias, José Joaquim Soares Carne Viva, Frederico Cesar Viana e Luís Manoel Martins da Silva; Tens. Francisco Antonio da Fonseca Junior e Sebastião José Velho Barreto; Alf. José Carlos Xavier dos Anjos, Luís José Pimenta, José Rodrigues das Neves, Ildefonso Coimbra, Francisco Pirajá, Frederico Prestes Guimarães e outros subalternos.

Em fins de 1887, as autoridades superiores determinaram que essa unidade do exército fôsse estacionar na cidade de Rio Grande. Desejoso de que êsse batalhão continuasse prestando serviço nesta cidade, a 13 de dezembro o povo bagèense dirigiu ao presidente da província um memorial com numeroso abaixo-assinado, pedindo seus bons ofícios, para que com seu prestígio conseguisse sustar a ordem de embarque da referida unidade.

Os interêsses do serviço militar não permitiram que o govêrno atendesse a solicitação feita e, em trem expresso, seguiu a 29 de dezembro para a cidade litorânea o garboso 12.° bat. inf. que recebeu de tôdas as classes sociais, até a hora da partida, inúmeras e inequívocas demonstrações de simpatia.

Foi nomeado, por segunda vez e assumiu a 2 de abril de 1886, o comando desta guarnição e fronteira, o Gen. Honorário João Nunes da Silva Tavares.

Bagé recebeu procedente de S. Gabriel a 7 de junho de 1886, a visita do Marechal-de-campo Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, Barão de Batovi, inspetor dos corpos de cavalaria e artilharia, que veio abrir inspeção no 5.º regimento, hospedando-se no Hotel do Comércio. Faziam parte de seu estado-maior, como secretário, o Sr. 1.º Ten. do 1.º de Artilharia, Otávio Carlos Pinto, e, como ajudante-de-ordens, o alferes do 4.º bat. inf., Carlos Oceano da Silva Santiago.

Na noite de 8 de outubro realizou-se nos salões da sociedade "Soirée Bagèense", animada reunião de oficiais, do 12.º bat. e 5.º reg., sob a presidência do Sr. Gen. Honorário João Nunes da Silva Tavares, Barão de Itaqui.

Compareceram quarenta e oito oficiais que se pronunciaram favoráveis às deliberações já tomadas por seus companheiros de armas, fora daqui, na célebre questão militar levantada pelos altivos e briosos Tens.-Cels. Ernesto A. da Cunha Matos e Antonio Sena Madureira, e que foram logo amparados pelo prestígio do Gen. Deodoro da Fonseca.

A êste foi passado um telegrama de solidariedade, assinado pelos Srs., Barão de Itaqui, Ten.-Cel. Ouriques Jacques e Maj. João Batista da Silva Teles.

Chegou de S. Borja, a 12 de novembro, o Sr. Cel. José Diogo dos Reis, nomeado para comandar o 5.º reg. de cavalaria.

Veio de S. Gabriel, em princípio de 1888, um contingente do 1.º reg. de artilharia, comandado pelo Sr. Cap. Otávio Carlos Pinto, para com êle organizar o 4.º da mesma arma e aqui permanecer. Êsse corpo em pouco tempo ficou com o efetivo de duzentas praças e teve sucessivamente como comandantes os Srs. Majs. Francisco da Rocha Calado, Artur de Morais Pereira e Luís Gomes Caldeira de Andrade, e os Tens.-Cels. Luís Rabelo de Vasconcelos e Firmino Pires Ferreira — mais tarde, marechal e senador pelo Estado de Piauí.

Em rápida viagem de inspeção, a 24 de março de 1888, estêve nesta cidade o General Comandante das armas da província, Antonio Enéas Gustavo Galvão, mais tarde, Barão do Rio Apa, que ao se desincumbir de seu objetivo regressou a Pôrto Alegre.

Realizaram-se em fins de 1886, disputadas eleições para o preenchimento dos cargos de vereadores à Câmara Municipal, sendo que, foram consagrados nas urnas a maioria de novos candidatos que foram empossados a 7 de janeiro de 1887.

Convocada a primeira reunião, havendo número legal para o início dos trabalhos, se procedeu à escolha de quem iria ocupar o cargo de presidente e de vice-presidente da colenda mesa do poder administrativo, recaindo a preferência nos Srs. Drs. Cândido Dias de Borba e Pedro Luís Osório, por sinal reeleitos.

Solicitou exoneração do cargo de secretário da Câmara Municipal, a 13 de janeiro, o Sr. Joaquim Amorim Carvalho, sendo nomeado para o substituir o Sr. Lucas Evangelista Olímpio Ferreira.

Numa das primeiras reuniões dêsse ano, a 19 de janeiro, por proposta do vereador Dr. Pedro Luís Osório, foram nomeados quatro comissões com plenos poderes para procederem na cidade a visitas sanitárias e domiciliárias, ficando assim constituídas:

1.º) Fabião Lima, João Damé, Ovídio Candiota e Jorge Reis.

2.º) Antonio Francisco de Almeida, Cap. Serafim dos Santos Souza, Amado Loureiro de Souza e Jeronimo Braz Ribeiro.

3.º) Domingos Damé, Gaspar de Bem, Edmundo Nunes e Antenor Soares.

4.º) João Prêto F.º, Plácido Germano, Ten. Manoel Antonio da Cruz Brilhante e Delfino Machado.

Resolve a câmara de vereadores, a 20 de junho de 1887, após exames de dez propostas apresentadas logo ao edital de chamado público de concorrentes, autorizar a construir as duas restantes faces do mercado público; lados norte e leste, pela importância de Rs. 21:467$000.

A oferta considerada mais vantajosa foi a do Sr. José Bento Diogo, que firmou contrato e deu início às obras.

Nessa época vários clubes de duração efêmera foram fundados, um dêles o dos Cororós, no dia 26 de julho de 1887; suas reuniões se efetuavam num dos salões do Grande Hotel. Logo a seguir surgiu o dos Cartolas, ambos constituídos de elementos componentes da mais fina sociedade local.

Como índice do primeiro grupo de amantes da literatura, fundaram a sociedade *Culto às Letras,* no dia 14 de abril de 1888.

Os seus organizadores eram, em sua quase totalidade, alunos do conceituado colégio Perseverança, ficando a diretoria assim constituída:

Presidente honorário: José Stott.
Presidente efetivo : Artur da Silva Lopes.
Vice-presidente : Vergilio Gularte.
1.º Orador : Francisco Germano.
2.º Orador : Inocente Martins Nogueira.
1.º Secretário : Vicente Lucas de Lima.
Tesoureiro : Tristão Vital de Borba.

Os sentimentos republicanos, que de há muito vicejavam neste legendário rincão da gleba gaúcha, passaram da fase cautelosa a feição publicitária, em fins de 1887, quando ardorosa e intensa campanha democrática visando o sufrágio universal para a eleição direta do primeiro mandatário do país, e dos representantes do poder legislativo, se fêz sentir através da propaganda dos mais credenciados condutores.

Nesta cidade o jornal *Diario de Bagé,* do qual era diretor o Sr. Antenor Soares, iniciou brilhante campanha de propaganda republicana, sendo por êsse motivo, às 9 horas da noite de oito de novembro de 1887, vítima de um assalto por indivíduos armados que espatifaram as suas oficinas tipográficas, situadas à rua Gen. Sampaio, perto do antigo passo do Coll — esquina das ruas Fabrício Pilar, Ismael Soares.

O material foi completamente destruído e as paredes do prédio ficaram com o lamentável aspecto de inúmeras perfurações produsidas por "balas".

Felizmente não houve vítimas pessoais porque os funcionários abandonaram o estabelecimento, fugindo pelos fundos, escalando os muros vizinhos, até conseguirem se alojar em lugares fora do alvo da fúria dos assaltantes.

Bagé teve em Nereu Soares Martins, quando cheio de entusiasmo esposou a nova doutrina, um adepto de real mérito que em 1888, congregou os elementos simpatizantes da nova causa para fundar o *Partido Republicano,* neste município.

Um de seus primeiros atos à frente dos correligionários, foi convidar o festejado orador Dr. Francisco de Assis Brasil, pois que estava em grande evidência por vir mantendo galhardamente na Assembléia Provincial do R. G. do Sul, veemente discussão política com o glorioso tribuno Gaspar Silveira Martins, para que fôsse o primeiro orador a se dirigir ao povo desta cidade pregando os salutares ideais por êle preconizados, desde os tempos acadêmicos.

Foi assim lançada na ubérrima gleba do civismo bagèense, que deu Alcides Lima, a boa e nova semente que nasceu e proliferou com espantosa exuberância.

Multiplicavam-se os novos sequazes da forma de govêrno popular avolumando a onda dos que desejavam que a nação desse oportunidades iguais a todos os filhos no poder governá-la.

Não foi surprêsa, prejulgava-se o retumbante sucesso alcançado pelo inteligente e culto orador Dr. Alvaro Chaves, um dos expoentes da propaganda republicana, na noite de 8 de dezembro de 1888, no Teatro 28 de Setembro, ao pronunciar magnífica conferência perante numeroso e seleto auditório.

Decorridos poucos dias os bagèenses ouviram a um dos mais categorizados valores do novo regime que, como madrugada primaveril divisava seu lindo albor, em notável peça oratória se fêz ou-

vir o brilhante e consagrado homem público, Dr. Alexandre Cassiano do Nascimento, a quem a *República Brasileira,* deve os mais assinalados serviços.

Sucediam-se os fatos e o novo ideal que empolgava aos espíritos bem formados, dia a dia se impunha criando novos partidos, foi quando o respeitável Gen. Joca Tavares, lança memorável manifesto resignando o título de Barão de Itaqui que lhe havia sido conferido por serviços de guerra.

Por outro lado, no arraial dos defensores do Império, tudo faziam para prolongar a vida de um govêrno que entrava em franca agonia.

Trataram os imperialistas de fundar a célebre *Guarda Negra* e sob êsse título em artigo de fundo do jornal local, *Independente,* de quarta-feira 30 de janeiro de 1889, seu proprietário e redator Bernardino Bambá, escreve:

Publicou ha dias o nosso collega do Cruzeiro, *um apedido assignado por Antonio Collares, convocando os descendentes da raça Ethiopica a reunirem-se para tratarem de adherir a célebre* GUARDA NEGRA *da côrte, que ultimamente ali sellou com sangue a inauguração, como que accentuando que os seus actos futuros serão vandalicos e immoraes, da mesma fórma que a sua organização já foi sob principios máos e insensatos.*

Sim; insensatos e máos!

Será possivel que a monarchia brazileira precise da Guarda Negra *para defende-la?!*

Não será até isso uma desmoralisação para a monarchia brazileira? Pois então, a familia imperial brazileira que tantas sympathias sempre tem conquistado e merece deste nosso valoroso povo necessita que aquelles a quem approveitou o humanitário decreto de 13 de Maio organizem uma Guarda Negra *para defende-la e fazel-a respeitar?!*

Não o cremos; e, tanto assim é, que até estranhamos e lamentamos que talentos nas condições do de José do Patrocinio, se colloquem ao serviço de uma cauza que o rebaixa, como degrada e avilta não sómente aquelles que a constituem, como aquelles a quem dedende! Sob os principios que dizem ter sido creada a Guarda Negra *na côrte, é ella um vil attestado não sómente da civilisação de nosso glorioso povo, como mais ainda, da decadencia e fraqueza da monarchia brazileira.*

Oh, patria! até que ponto te aviltam!

Oh! monarchia até que ponto te rebaixam, que já organisam Guardas Negras *para te defenderem e consolidarem!*

E, dizem, que José do Patrocinio o grande cidadão, o patriota extremado, o denodado evangelisador da humanitaria cauza da liberdade, foi o iniciador d'essa excrescencia humana que se chama —

Guarda Negra *que tantos males póde produzir, como já o attestou a 30 de Dezembro proximo passado.*

Não nos move alguma antipathia contra a monarchia brazileira. Se hoje tambem tratamos deste assumpto é porque vemos o incremento que vai tomando à creação da tal Guarda Negra *da côrte, com a fundação de novas* Guardas Negras *em todas as provincias do Imperio, o que prova estar atuando sobre o espirito do negro, espiritos malevolos a reprovaveis que em vez de insinuarem áquelles a quem a lei de 13 de Maio constituio cidadãos, o cumprimento de seus deveres, ou, o caminho mais curto para a consecução de seus direitos, hypocritamente os conduzem por caminhos falsos a degradação e ao aviltamento roubando-lhes o direito de pensar a crêr!*

Onde a humanidade d'aquelles que hontem grandes evangelizadores da santa causa dos captivos, hoje approveitam-se de suas intelligencias e influencia sobre os negros, para peando-lhes a liberdade de pensar e crêr, obrigarem-os a servirem a principios máos e injustos.

Não somos contra a monarchia já o dissemos, não negamos a gloria que cabe a Serenissima Princeza Imperial de ter assignado o glorioso decreto que lavou a mancha mais nefanda de nóssa cara patria, mas achamos que não fica bem áquelles que prestam serviços a humanidade d'ella exigir recompensa, mormente quando essa recompensa reverte n'um aviltamento para os que a tem de pagar como muito maior para áquelles que a recebem!

Que se fundem e creem Guardas Negras *é muito justo; mas que essas sejam para mostrar aos que as constituirem os meios de bem cumprirem seus deveres e de consolidarem seus direitos; nunca com o fim de forçarem a entes cuja razão ainda não está bastante esclarecida a servirem a esta ou aquella cauza, ou, a este ou aquelle principio, pois que isso constitue um crime.*

Fundem os descendentes de tão explorada raça Ethiopica as suas Guardas Negras *sob estes principios e terão não sómente o nosso apoio, como o apoio de todos aquelles q'teem bom senso e amam a humanidade.*

É preciso que o negro comprehenda que a conquista do direito da liberdade que por tantos annos lhe foi roubado, não foi obra d'este ou d'aquelle, foi obra unicamente do povo que não podia vêr por mais tempo lavrar latente e infamante no seio d'esta grande patria brazileira essa mancha hedionda a que denominaram — escravidão — e que a avilta aos olhos das demais nações civilizadas do Universo. Insinuar o negro que deve ser grato servindo a este ou aquelle principio com prejuizos proprios, ou d'aquelles que maiores serviços lhe prestaram, é praticar um crime que só póde attestar a sujeira da consciencia de seu perpetrador.

Em Bagé pretende-se fundar uma Guarda Negra; pois bem, *funde-se-a; mas que seja ella um attestado lisongeiro de que os des-*

cendentes da raça Ethiopica desejam mostrar sua gratidão aos batalhadores da sua liberdade, entrando para a comunhão social pelas portas da razão, do direito e da justiça.

Procederem ao contrario, será patentearem que são incapazes de approveitarem o direito que tantos trabalhos custou para lhe ser restituido.

A Guarda Negra *bagèense deve ser fundada sob estes auspicios, outros lhes serão degradantes.*

Confirmando o entusiasmo que se apossou dos republicanos, trazemos à publicidade interessante carta do próprio punho do prestigioso chefe, Gen. Joca Tavares, talvez, uma das últimas escritas ao findar do Império.

(Do nosso arquivo particular)

Illm.º Sr. Cel. Antonio Jacintho Pereira
Bagé 8 de Agosto de 1889.
Prezado Parente e Am.º

Recebi seo favor de hontem, fico sciente da resolução que tomou, desejo q compareçam a urna uns 50 conservadores q votem no Candidato Republicano, para que meus amigos de todos os tempos dem uma demonstração que não fui abandonado na attitude por mim tomada.

É bem possivel que tenhamos 2.º Escrutinio entre o Republicano, e Liberal, se obtiver 300, á 400, votos o Candidato Conservador, porque o Republicano deve ter 700, á 800 votos. No 2.º e 3.º Circulo contamos que será eleito os Candidatos Republicanos.

Portanto conto que o Am.º me fará oque poder com seovalioso auxilio.

Remeto os Jornal mercantil, por onde vera que o Conselheiro, *tem poca confiança no Cel. Ozorio* — Manoel Luís da Rocha Osório —, *pedindo anomiação do Astrogildo* — Astrogildo Pereira da Costa —, *para commandante desta guarnição.......... que tal opatifé, idevemos de andar comcondecendencia com este Snr.*

Sempre asuas ordem, Seu
Parente Amigo.

J. N. da Silva Tav^{es}.

No momento da radical mudança da forma de govêrno, na ocasião exata da transição, apesar da aparência normal manifesta do povo, os ânimos se exacerbaram.

O que para muitos talvez fôsse surprêsa, para os chefes políticos, os dias de vida de um Império moribundo eram contados, mes-

mo tendo à cabeceira do leito a simpática figura do monarca, D. Pedro II, o sábio, não mais havia terapêutica que conseguisse debelar o mal que de há muito trazia o doente em manifesta decadência.

Sua agonia e conseqüente morte consideramo-la um ato natural e essa assertiva é tão exata que a confirma a simples causa de não haver sido batizado com uma só gôta de sangue, fato tão transcendental na vida brasileira.

O advento da forma de govêrno republicano surgiu no interior do país como aparecem as boas notícias, sempre retardadas, dando-nos a impressão de que andam em carros de bois e com rodas quadradas, ao passo que as más, voam, nascem aladas.

Assim nesta cidade as primeiras informações foram imprecisas! O que se passou no Rio de Janeiro não só foi comunicado com grande atraso como propositadamente chegou deturpado o informe referente aos marcantes fatos ocorridos com a proclamação de Deodoro, a 15 de novembro de 1889.

Julgando tratar-se de um atentado a S. Majestade o Imperador, a Câmara Municipal de Bagé se reuniu, a 18 de novembro de 1889 em sessão extraordinária sob a presidência do Dr. Cândido Dias de Borba, que a convocara para levar ao conhecimento de seus pares o que julgava ser lamentável atentado de que fôra vítima D. Pedro II, na noite de 15 de novembro e pedir que fôsse consignado em ata um voto de pesar pelo ocorrido.

Os demais vereadores solidários com o que ouviram relatado pelo presidente, resolveram dirigir ao Ministro do Império, o telegrama seguinte: *Esta corporação reunida em sessão extraordinária, roga a V. Excia., apresentar a Sua Majestade o Imperador, sinceras felicitações de seus municipes por ter S. Majestade escapado incolume do vil attentado de que foi vitima. Dr. Cândido Dias de Borba, Alexandre José Collares, Plácido José Silveira, José Alexandre Simões Pires e Oscar Heinzelmann.*

Melhor informado, ciente do que se passou na capital do país, a 15 de novembro, certo de que haviam implantado a forma de govêrno "República Federativa", o benemérito cidadão e respeitável patriota Gen. João Nunes da Silva Tavares, tratou imediatamente de fazer pela imprensa um apêlo a seus concidadãos, aconselhando-os a maior calma, ordem, e a aceitarem o novo regime como fato consumado.

Realizou-se a 26 de novembro nova sessão na Câmara Municipal, para que fôsse dado a conhecer a todos os vereadores o teor do telegrama circular do novo governador do Estado, Marechal José Antonio Corrêa da Câmara, Visconde de Pelotas, dando detalhado relato do grande acontecimento de 15 de novembro; comunicando que havia assumido posse do govêrno do Estado e apelando para que a nova ordem fôsse acatada com simpatia por todos os partidos.

Nesse mesmo dia, depois de reunida a Câmara, cientificada e consultada sôbre o objeto do telegrama, resolveu por unanimidade de seus vereadores aderir à República, dando a resposta seguinte:

Exm.º Sr. marechal governador do Estado.

A Camara Municipal de Bagé, tendo hoje ás trez horas e trinta e cinco minutos da tarde, recebido a circular de V. Excia., de 18, comunicando que por Decreto de 15, foi proclamada como forma de governo da Nação a Republica Federativa, acceita-a com satisfação como consequencia natural dos factos presenciados em todo o paiz, e envidarà todos os esforços a seu alcance para manter a ordem publica, garantir a paz nacional e o respeito á lei.

— Camara Municipal de Bagé, 22 de Novembro de 1889 —

Dr. Candido Dias de Borba — Pedro Luiz Ozório — Alexandre José Collares — José Alexandre Simões Pires — Oscar Ricardo Heinzelmann.

Cheios de esperança, prejulgando melhores dias, antevendo uma nova era que os deixava plenamente satisfeitos, aquêles que contribuíram para a implantação do novo regime, nas felicitações recíprocas, manifestavam a necessidade de união e lançavam as bases para a formação de um partido político a que deram o nome de *União Nacional.*

(Um documento autêntico, de nosso arquivo particular).

Parente Amigo Corel. Antonio Jacintho Pereira.

Bagé 1.º Dezembro de 1889.

Recebi seu favor de 24 do mez pp., já não tinha respon[illegible] por não ter tido portador estando omesmo tempo muito atarefado de serviço com anova mudança de Governo.

Aseito eagradeço suas felicitações, envio-lhe as minhas pela maneira Onrosa com que setransformou o Paiz de Monarquista, a Republica sem deramamento desangue.

Restanos agora aonião para tratar-se da constituinte, levarmos homens, capazes para tratarem desse importante serviço que depende afelicidade do nosso Paiz.

Sobre Firpo e amigos de que me fala, já tenho dado algumas providencias. Meus respeito a Exma. Prima — Seu Camarada Amigo.

J. N. da S.º Tavares

Assumindo o govêrno do Estado logo após a proclamação da República, com apenas dois meses e dias de presidência, onde enfrentou árduos trabalhos que não lhe haviam permitido sequer agradecer a série de felicitações recebidas, sem probabilidades de acalmar os ânimos dos que o cercavam, em virtude dos graves acontecimentos políticos, o Visconde de Pelotas renuncia o govêrno no dia

8 de fevereiro de 1890, entregando-o a Julio Prates de Castilhos que o passa ao Gen. Anacleto Falcão da Frota.

Do ilustre Gen. José Antonio Câmara, Visconde de Pelotas, cidadão de grande envergadura moral, cheio de méritos a quem a Nação já devia assinalados serviços, temos, em nosso arquivo particular, a carta seguinte de seu próprio punho, que bem revela o seu estado d'alma, refletindo o momento político de uma época atribulada da vida rio-grandense:

Porto Alegre, 26 de Fevereiro de 1890.
Illm.º Amg.º Sr. Cel. Antonio Jacintho.

Tenho a satisfação de accusar o recebimento de sua carta de 11 deste mez, agradecendo-lhe penhoradissimo pela felicitações que me envia pela minha promoção.

Deve já saber que pedi exoneração de governador deste Estado, retirando-me a vida privada cheio de contrariedades e desgostos. Desejando-lhe todas as felicidades, subscrevo-me com particular estima.

De V. S.º, Velho camarada amg.º obrg.º

Visconde de Pelotas.

Tratando-se desta localidade os primeiros atos do novo presidente Gen. Anacleto Falcão da Frota foram os de 24 de fevereiro, lavrando um decreto dissolvendo a Câmara Municipal de Bagé e assinando um outro criando uma junta administrativa que logo tomou posse, composta dos Srs. Dr. Angelo Dourado, Cornélio Vieira da Silva e João Antonio Damé.

A junta municipal em sua primeira reunião resolveu eleger seu presidente ao Dr. Angelo Dourado e com o patriótico fim de festejar a proclamação da República delibera realizar uma sessão extraordinária, cuja ata passamos a transcrever: (Do livro "Apontamentos Históricos e Estatísticos de Bagé", por Jorge Reis, págs. 999 a 101).

"Aos sete dias do mez de Abril do anno de 1890 a uma hora da tarde, no edificio da camara municipal desta cidade de Bagé, presentes os cidadãos dr. Angelo Dourado, presidente da junta municipal, general João Nunes da Silva Tavares, commandante desta guarnição e fronteira, dr. José Maria Gonçalves das Chagas, juiz de direito interino da comarca, Antenor Cancio Lopes Soares, promotor publico, coronel Benjamim Pereira Monteiro, commandante do 5.º regimento de cavallaria, major Luiz Gomes Caldeira de Andrade, comm. do 4.º reg. art., João Avelino Ritta, sub-delegado de policia, Patricio Alexandre Puente, administrador da meza de rendas geraes, André Leão Puente, professor publico, José Stott e João Maria Car-

neiro, professores particulares, Simão Bonnet, representante da Sociedade Proctetora dos Artistas, Baldomero Lopes Villamil, representante da Sociedade Hespanhola de Beneficencia, Ricardo Giovannini, representante da Sociedade Italiana de Soccorros Mutuos, Antonio Nunes de Ribeiro Magalhães, vice-consul do Reino de Portugal, e representante da Sociedade Portugueza de Beneficencia, dr. Lybio Vinhas, Domingos José do Rosario, Manoel José Gonçalves Guimarães, Emygdio Alves de Almeida Araujo, José Viza Chaubet, Jorge Reis, muitos oficiaes da guarnição, pessoas qualificadas e grande massa popular, achando-se postada na frente do edificio municipal uma guarda de honra do 5.º reg. cav., sob o commando do cap. Valeriano José Lopes, onde tambem estavam duas bandas de musica, — reunidos todos para commemorarem o advento da Republica dos Estados Unidos do Brasil, conforme fora decretado pelo governo Provisório. O dr. presidente da junta depois de abrir a sessão solemne proferiu um discurso analogo ao acto, que applaudido, por todos os circumstantes, foi distribuido em avulso.

Levantados os vivas pelo sr. dr. presidente e correspondidos por quantos se achavam presentes, convidou o mesmo dr. presidente aos cidadãos gen. João N. da Silva Tavares e dr. José Maria Gonçalves das Chagas, para a exibição solemne do novo escudo de armas da Republica, collocado no frontispicio do edificio municipal, e coberto com um docel donde pendiam cortinas com as côres nacionaes. Accedendo a esse convite dirigiram-se aquelles cidadãos ao frontispicio do edificio acompanhados por todos os presentes e ahi tomando cada um delles as bordas que prendiam as cortinas do escudo o apresentaram a multidão, sendo no acto içada a bandeira da Republica.

Em acto continuo a guarda de honra apresentou armas, a musica tocou o hymno nacional e foram erguidos vivas a Nação e a sua prosperidade, sempre correspondido por todos.

Voltando novamente o povo á sala e occupando os respectivos lugares, o dr. presidente offereceu a palavra a quem della quizesse uzar.

Fallou em primeiro lugar, o cidadão Mario Brandão, o qual discorreu sobre o notavel acontecimento que se memorava seguindo-se-lhe os cidadãos Virgilio Gularte, Ferdinando Martino e o jovem João de Deus Moura, que recitaram poesias.

Não havendo mais quem pedisse a palavra, o dr. presidente proferindo um discurso congratulatorio pela proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brasil, agradeceu a todos os presentes o seu concurso espontaneo áquella festa, o que demonstrava o jubilo e o interesse que tomaram pela prosperidade da Patria.

E nada mais havendo a tratar o dr. presidente encerrou a sessão.

Dr. Angelo Dourado — João Antonio Damé.

Capítulo III

BRAVOS LANCEIROS DE 93.

Os graves acontecimentos que logo após a proclamação da República levaram o respeitável cidadão Gen. Visconde de Pelotas a desistir do govêrno dêste Estado, daí em diante, se agravaram até à saturação, pois que, o epílogo foi a revolução federalista dos bravos lanceiros de 93.

O teatro, ou melhor, os centros do cenário da vida rio-grandense, donde se desenrolaram os fatos predominantes, foram as cidades de Bagé e de Pôrto Alegre, sendo que o nosso chão, aqui, foi sede do govêrno estadual, de 19 de junho a 4 de julho de 1892, por existirem aquarteladas, sob o comando desta guarnição e fronteira, elevado número de fôrças armadas.

Fomos sede de um govêrno de direito, mas que se traduzia em mero simbolismo, enquanto Pôrto Alegre era sede de um govêrno revolucionário que se transformou em govêrno de fato.

Refletindo o desentendimento reinante entre os militantes políticos de então, grande foi a seqüência de governadores a dirigirem os negócios do Estado.

Para maior clareza, a seguir um esquema elucidativo:

GOVÊRNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

1889 — Visconde de Pelotas.

1890 — 8 de fevereiro, Dr. Julio Prates de Castilhos, que o passou ao Gen. Anacleto Falcão da Frota.
De 5 a 13 de maio, Dr. Francisco da Silva Tavares.
De 13 a 25 de maio, Gen. Carlos Machado Bitencourt.
A 25 de maio, Gen. Cândido Costa.

1891 — (Fins) Dr. Julio P. de Castilhos que a 12 de novembro o passou ao Gen. Domingos Alves Barreto Leite que por sua vez o passou ao governicho: Dr. Joaquim Fc.º de Assis Brasil, Dr. João de Barros Cassal e Gen. Manoel Luís da Rocha Osório.

(Devido ao golpe de estado de 3 de novembro de 1891, quando Deodoro dissolveu o Congresso, a guarnição de Bagé se rebelou).

1892 — O governicho passa o govêrno ao Gen. Barreto Leite, em março de 1892; êste, a 8 de junho de 1892, passa-o ao Visconde de Pelotas que, procurando se apoiar nas fôrças da guarnição de Bagé, nomeia vice-presidente o Gen. Joca Tavares, a quem passa o govêrno no dia 17 de junho de 1892; êste respondeu assumindo-o a 19 de junho, governando até 4 de julho de 1892. Êste fato criou a dualidade de govêrno porque os republicanos castilhistas, resolveram na cidade de Cáceres (Argentina), a 13 de março de 1892, invadir o Estado e a 17 de junho de 1892, em conseqüência de uma revolta em Pôrto Alegre, Castilhos assume o govêrno e elege vice-presidente a Vitorino Monteiro, para quem imediatamente transfere o govêrno. Em fins de 1892, Vitorino é eleito à Constituinte ocasião em que passa o govêrno ao Dr. Fernando Abbott que foi substituído por Castilhos em 25 de janeiro de 1893.

——o——

Nesse período agitado foi, sem dúvida, Bagé o núcleo das gravitações que condicionaram a consolidação do regime republicano no país e que só foi firmado depois da ação heróica e decidida de Carlos Maria da Silva Teles ao enfrentar a formidável fôrça e valor de Joca Tavares, que arrostava, além de brilhante tradição, formidável fôrça política e militar, sendo pelo conjunto de fatôres o expoente de uma época.

O nobre coração de Joca Tavares não consentindo que arrasassem a esta cidade, que tanto queria, e a noção do cumprimento do dever de Carlos Teles, sacrificando seu ideal, deram ao Brasil a "República Federativa Presidencialista", após lamentável luta fratricida em que jorrou com abundância o sangue que consubstanciava dois ideais, mas, de um só povo, da mesma gente, que encarnava a nobreza gaúcha.

O desentendimento trouxe o ódio que levou ao entrevêro a mão armada pais, irmãos, filhos, amigos e companheiros que no meio de cegueira doida, escreveram páginas épicas no sentimento de solidariedade humana.

Destacamos alguns episódios narrados, pelo Dr. Angelo Dourado, em "Os voluntários do Martyrio", edição de 1896, pág. 24, 25 e 45:

Eu cuidava de um ferido quando ouvi tiros e gritos.

Corri para lá afim de pôr têrmo áquele espetaculo horrendo.

Deves te lembrar do velho Marcolino que em Melo procurou-me quase cégo, e depois de curado passava os dias fazendo versos a mim. É um poeta sem cultura, um rimador incansavel; valente como um tigre. Trazia consigo um filho de 14 anos, tão valente quanto ele. Perseguia a um rapazinho que defendeu-se metendo-lhe uma bala



Lanceiro de 93

no ventre, que o levou á terra. Os companheiros que chegaram quizeram vingá-lo, mas ao mesmo tempo chegava Marcolino que gritava: "Não matem, não matem!"

— É o matador de seu filho, responderam-lhe. — "Sim, eu sei, por isso quero-o para mim".

Tive medo de uma vingança horrivel, não me lembrando que aquele valente é um poeta. Cheguei a ele e perguntei-lhe: o que vais fazer, meu amigo?

— Adota-lo, respondeu-me, em prantos. Matou meu filho, mas matou-o em sua defesa. São da mesma idade, virá para o lugar dele.

Olhei-o com admiração. Naquela hecatombe foi o primeiro ato de sentimento humano que vi.

Depois na longa agonia do filho vio-o sempre a conversar com ele, que o animou até exalar o último suspiro e ali perto, ajudando, trazendo um pouco dágua fresca, o prisioneiro, o matador de seu filho.

———o———

Um pai, pertencente ás forças castilhistas, lanceou o filho, de 16 anos de idade, mais ou menos, pertencente ás forças revolucionarias. Ferido mortalmente, reconheceu o pai ao cair, gritando-lhe que o tinha morto.

O velho, conhecendo toda a crueza do seu ato, atira-se do cavalo, abraça-se ao corpo do filho moribundo que já dificilmente articulava a frase — É meu pai, quando chegavam os nossos que, julgando que aquele velho cometia a carnificina propria dos homens da "legalidade" castilhista, mataram-no a golpes de lança sobre o corpo do filho agonisante que nos ultimos sopros de vida ainda dizia: — É meu pai.

———o———

Os expedicionarios marcharam para o Itaqui com o prazer de quem vai para uma festa. É que eles já antegosavam a vitoria.

Quantos dos que vão tão alegres poderão vêr o fim do combate? Ali vai Augusto Amaral a quem há poucos dias feriu um dos maiores golpes que se pode sentir.

Trazia consigo um filho de 16 anos. Valente como ele, era o seu ajudante.

Querendo sair numa comissão foi pedir a um amigo uma arma emprestada e este experimentando se os cartuchos se adaptavam bem, o fez tão desastradamente que a arma disparando feriu em pleno peito o amigo.

Tivemos de deixa-lo sepultado ali. Pobre Augusto! Vê-lo brigar tantas vezes junto a si sem o menor ferimento e vê-lo morrer tão estupidamente!

A guerra, incontestavelmente, modifica o caracter dos homens.



Cel. Augusto Severo do Amaral, montando uma tordilha que foi arrebanhada do Gen. José Gomes Pinheiro Machado, juntamente com 400 mulas que foram entregues ao Gen. Gomercindo Saraiva, durante a revolução de 1893. Presente de seu filho dr. Eduardo Amaral.



Mapa indicando as localidades onde foram travados combates.

Augusto é de uma afabilidade caracteristica.

Tratava o filho com carinho em que demonstrava um aféto enternecido. Entretanto, acaba de sofrer esse golpe e o seu exterior nada demonstra. O que irá por aquela alma? A superficie dos mares não indica o redemoinhar das aguas nas profundesas onde os rochedos submarinos as ferem. Assim foi Timoteo Paim, no Upamaroti. Levava consigo um filho, uma criança. Vi-o cair morto a seu lado, continuou a luta até ser substituido. Retirou a sua gente, depois voltou ao lugar e tomando nos braços o cadaver do filho, levou-o sob as balas inimigas até o ponto onde com suas próprias mãos cavou-lhe a sepultura.

———o———

Olhando firmemente para o passado, ao par do conceito de Goethe quando afirma que: "Falar é fácil, agir difícil, falar e agir de acôrdo com as próprias idéias é o que é de mais difícil no mundo", chegamos à conclusão de que quando se luta por um ideal, certo ou errado, se é digno da consideração e respeito de seu semelhante.

Para nós, Gaspar Silveira Martins, Julio Prates de Castilhos, Joca Tavares, Carlos Teles, José Gomes Pinheiro Machado, Gomercindo Saraiva, Torquato Severo e Hipólito Ribeiro, por seus méritos, continuaram as tradições de Bento Gonçalves, Chico Abreu e Onofre Pires.

Trocaram-se tiros, terçaram espadas, entreveraram-se a lança e a patas de cavalo, degladiaram-se como leões e finalmente relembrando Caxias e Canabarro, se estenderam as mãos confirmando a assertiva de Gaspar Silveira Martins, quando disse: *"O Rio Grande dá Homens".*

E nós repetimos, E que HOMENS!

Passemos a agir narrando os fatos que, por importantes profundamente atuaram no território nacional, quando do govêrno do Marechal Floriano Peixoto.

Às 6 horas e 20 minutos do dia 14 de maio de 1890 — Hora de apresentação 5 horas —, recebia a Guarnição de Bagé o telegrama seguinte:

Por motivos superiores manter ordem publica evitar effusão sangue foi deposto Vice governador Tavares, assumindo eu governo Estado até chegada general Candido Costa, ordem garantida população satisfeita continua como camaradas prestar inteira obediencia governo provisorio e nosso Chefe Deodoro com quem sempre somos leaes.

Mantenha ordem publica. — General Bittencourt.

———o———

Essa deposição foi o primeiro germe da fermentação que se iria processar na evolução de uma época em que o desentendimento campeava nesta fértil região da pátria brasileira.

Foi o marco n.º *Um,* porque não só afetou os interêsses políticos de muitos, como feriu fundo o sentimento afetivo de prestigiado chefe, Gen. Joca Tavares.

Bagé, que devido à sua situação geográfica, foi em todos os tempos sede de numerosa fôrça armada, foi também quartel-general das oposições, sendo que desde os primórdios do Império foi baluarte do Partido Liberal, que posteriormente gerou os partidos "União Nacional", "Federalista" e "Libertador".

A proclamação da República foi efetuada num momento em que o Gen. Joca exercia as funções de comandante desta guarnição e fronteira, e como orientador político contava com o apoio de vários amigos e de quatro irmãos: Dr. Francisco Joaquim — Barão de Sta. Tecla, Facundo e José Bonifácio da Silva Tavares, todos dinâmicos batalhadores com preponderante influência na vida desta admirável zona meridional em que predominam as pampas de largos horizontes.

Paulatinamente, como fruta que vai sazonando, as resultantes da deposição de 13 de maio foram se acumulando até o momento em que lamentàvelmente as gerações que nos antecederam, dominadas pelo ódio sentiram as dores da mais sangrenta revolução que registra a história nacional.

Possuímos em nosso arquivo particular a seguinte carta do próprio punho, em que é claramente revelada a guerra declarada ao Govêrno Executivo do Estado:

Bagé 26 de Maio de 1890.

Parente Amigo (Antonio Jacintho Pereira Jor.)

Cheguei no dia 24, de ter hido ao Chamado do Governador Candido José Costa, que já chegou a P. Alegre, por telegramma recebi delle ontem comonica ter açomido oGoverno e Comd.º das Armas, sem novidade. Na reonião que fez nodia 21 noRio Grande de oficiais comparecerão 9 commandantes de corpos, 4 Generais que todos prestão apoio ao Governo legal, dor. Tavares que avia chegado nesse mesmo dia de P. Alegre fez asua esposição, dos fatos ocorridos, tendo sido deposto pela força da Guarnição, e pelo Comd.º das Armas, o General Frota, dice que hia publicar seu manefesto estoriando os factos, que foi pedido pelo Governador que demorace sua poblicação por enqt.º que acedeu, por esse manefesto severá que oCarlos Machado Comandante das Armas é responçalvel, sam tantas as cousas que não lheposso espor. Dor. Tavares chega hoje aqui; Achei os jornais estraviados, poriço só lhe remeto dois poronde verá alguma cousa;

os dois partidos exMonarquia estão unido, pelo Rio Grande, com abandeira um por todos, todos pela Patria meparece que se onirá entoda aprovincia gueriando o Esecotivo.

Nada por emqt.º mais posso adiantar.

Saudades a Exma. Senhora. Parente Amigo

J. N. da S.ª Tavares

———o———

Os partidários de Castilhos dominando a situação, temporàriamente, exerceram influência sôbre o Presidente do Estado fazendo com que fôssem substituídos nos cargos administrativos de maior representação a diversos cidadãos.

Nesta cidade, a 15 de junho de 1890, o General Governador do Estado fazia ciente o cidadão Cornélio Vieira da Silva que para o cargo que ocupava na Junta Municipal, havia nomeado o ardoroso correligionário Sr. José Otávio Gonçalves e em telegrama de 28 do mesmo mês é dispensada a colaboração do Dr. Angelo Dourado e nomeado para o substituir o Dr. Pedro Luís Osório, que assumiu a presidência da referida Junta.

Estabelecida a luta política no Estado, sem esperanças para contornar a situação criada, porque se agravavam as divergências que levaram a muitos elementos de valor cônscios de seus ideais patrióticos, a fundar o "Partido de União Nacional" que teve atuação de *1890* a *1892* — precedendo a organização do Partido Federalista — e dêle foi uma das figuras de proa, o prestigiado Gen. Joca Tavares, incansável no fazer prosélitos, nasce da República o primeiro partido oposicionista gaúcho.

Vejamos uma carta da época, de nosso arquivo particular.

Ilm.º Sr. Coronel Antonio Jacintho Pereira Junior
Bagé 29 de Julho de 1890.
Presado amigo e companheiro.

Saudando-o com estima, peçolhe envide todos os seos esforços em bem servir ao nosso partido da União Nacional.

Como já sabe o amigo, approxima-se o tempo da eleição e nos convem estarmos todos á postos, para attender o destino da nossa patria.

Os fins da união já são bem conhecidos de todos os bons patricios, que tem amor ao Rio Grande do Sul e só o querem vêr próspero e feliz, e arrancá-lo das garras do polvo voraz e sem consciencia, que o explora.

E para prova desta asserção, junto lhe envio um avulso que demonstra a má fé e os instintos perversos e anti-patrióticos dessa gente

que quer a ruina e o desmembramento de nossa cara patria, em bem e proveito de suas ambições e interesses pessoaes.

Felizmente nós e os nossos amigos temos como dever a resistência legal, na eleição, a taes desmandos e excessos, e entre elles o vosso nome está no primeiro lugar.

É o que hoje lhe pedimos novamente, contando sempre com a amizade estima. — Vosso Parente Amigo —.

João Nunes da S.º Tavares

———o———

Acompanhando o movimento de intensa luta política a vida citadina processava seu desenvolvimento num ritmo normal e os jornais da época registravam os mais interessantes acontecimentos. Assim, viam-se tópicos como os que se seguem:

Acompanhando o desenvolvimento local e as imperiosas necessidades em bem atender à classe, a chefia do serviço médico do exército resolveu melhor aparelhar a enfermaria, transformando-a em hospital. Foi solene a inauguração da nova fase do importante serviço, realizada a 1.º de agôsto de 1890, tendo vindo de Pôrto Alegre para atendê-la, parte do pessoal do corpo administrativo. Ei-lo:

Médico chefe do serviço: Maj. Agripino Ribeiro Pontes.

Médicos auxiliares: Cap. Benjamim Targiny Moss e Ten. Augusto Lúcio de Figueiredo Teixeira.

Escriturários: Alcibiades Pôrto Alegre e Marcos Avelino de Andrade.

Farmacêuticos: 1.º Ten. Bernardo Floriano Corrêa de Brito e Alf. Lucindo de Almeida Simões.

Agente: Alf. Bento Antonio de Souza, que entregou as arrecadações ao fiel do almoxarife, Sr. Pedro Antonio da Cunha.

———o———

Pouco tempo depois veio servir no hospital o Sr. Antonio Fernandes de Oliveira, no cargo de enfermeiro-mor, credenciado por ser um funcionário zeloso, inteligente e com longa prática. Por ocasião do sítio de Bagé, achando-se fora do centro de resistência, foi feito prisioneiro. Também, nessa mesma época, em que os profissionais não podiam atender a todos, dada a avalanche de serviço, revelando nobres sentimentos de humanidade, e por diversas vêzes, "correu" o bisturi e fêz extrações de "balas" em feridos, praticando outras operações de pequena cirurgia.

———o———

Em 20 de agôsto fôram nomeados Secretário e Procurador da Intendência, os Srs. Emygdio Alves de Almeida e Araujo, e, Adauto Loureiro de Souza.

A 18 de janeiro de 1891, chegou de Pelotas e assumiu o comando desta guarnição e fronteira, o Sr. Gen. Honorário do Exército, Luís Alves Pereira, o qual, depois, à frente das fôrças da guarnição e fronteira, comandadas pelo Sr. Maj. Lopo Henriques de Melo, na Praça da Matriz, deferiu-lhes o compromisso solene de manterem a Constituição Republicana, promulgada pelo Congresso Nacional Constituinte, a 24 de fevereiro de 1891.

Tendo sido exonerado do referido comando o Sr. Gen. João N. da S. Tavares recebeu como homenagem, dos seus companheiros, numerosos amigos e admiradores, significativa manifestação de aprêço e o seu retrato a óleo, sendo orador oficial o Dr. Plínio do Amaral.

Em fins de maio, interinamente, passou a ocupar o exercício de comandante desta guarnição e fronteira, o Sr. Ten.-Cel. José Cristino Pinheiro Bittencourt do 5.º reg. cavalaria.

Em junho visitou a esta cidade, o 2.º Bispo Diocesano, D. Cláudio José Ponce de Leon, sendo cumulado de atenções.

———o———

Foi portanto numa atmosfera de ânimos exaltados que se estabeleceram dois centros de convergências: eram, Pôrto Alegre com Castilhos e Bagé com os oposicionistas, tendo à frente a família Tavares.

Em 20 de novembro de 1891, o Dr. Joaquim de Assis Brasil envia ao General João Nunes da Silva Tavares, a carta seguinte:

Ao eminente Patricio e Amigo General Silva Tavares.

Vossa carta de 17 do corrente, que respondo, seria só por si attestado bastante da vossa grandeza d'alma, se de taes attestados precisassem homens da vossa autoridade.

Aliás a qualidade que revelaes mais uma vez é sócia inseparavel de todos os verdadeiros heroes.

Ainda uma vez reitero-vos a expressão dos mesmos sentimentos que vos manifestei em carta anterior, relativamente à completa e absoluta ausencia de qualquer ambição de minha parte e da de meus amigos, que não seja encaminhar o presente movimento no sentido da libertação da Patria e da glorificação do nosso querido Rio Grande. Isto não são palavras vagas, mas expansão exacta dos factos, porquanto todos aqui estamos servindo por pura dedicação, regeitando qualquer recompensa pecunaria, antes fazendo despezas publicas a nossa custa, e eu particularmente estou empenhado pela minha honra a não pretender, nem acceitar nenhum dos cargos de que foram desalojados nossos contrarios. Esta situação tem me dado desembaraço e insuspeição para fallar com a maior franqueza sobre todas as questões

occurrentes. Assim, em conferencia com varias pessoas influêntes, entre os quaes os Drs. Tavares e Maciel, declarei com a falta de rodeios que este solemne momento requerer, que não me parecia opportuna a inclusão do ultimo daquelles cavalheiros na junta governativa que então existia. Maciel é sem duvida um rio-grandense distinctissimo por seu saber e talento, mas não podemos escurecer que neste momento, quando a unica especulação que contra nós dirigem os reaccionarios é a de que nosso movimento tende para a restauração — devemos ter todo o cuidado em lançar mão de homens que se tenham feito conhecidos do povo por seu amor á Republica.

Não tenho a menor suspeita sobre o caracter e nobres intenções do dr. Maciel, mas não esqueçamos que nós não governamos para nós, mas para o povo e que esse povo devemos acceital-o, tal qual é, com suas virtudes e seus vícios, com o juizo esclarecido sobre alguns factos e com preconceitos sobre outros. Sei que arrisquei-me a desagradar ao nosso patrício de quem fallo; mas, não importa, estou aqui para servir a Patria com sinceridade, e devo dizer o meu sentimento inteiro.

Quando eu desagradar a todo mundo, ainda assim ficarei bem com a consciencia, e quanto, a postos, nunca me poderão tirar o unico que ambiciono — o de soldado raso da Liberdade.

A solução que propuz á dificuldade de que tratou mereceu aprovação do Dr. Tavares, o que muito me satisfez. Já sabeis qual foi essa resolução: reduzir a uma só pessoa o governo, sendo essa pessoa extranha ao triumvirato anteriormente formado. Eu continuo com mais dedicação, se é possivel, prestando ao governo do general Barreto Leite os poucos serviços de que sou capaz.

Em um ponto manifestei-me em desaccordo com vosso digno irmão, o Dr. Tavares. Entendia elle que a proclamação que escreví ás pressas, ao tomar a responsabilidade do governo, devia conter a declaração de que o movimento tinha por fim, além do mais que expuz, tambem corrigir a Constituição deste Estado, que não nos merece approvação. Eu contestei que ninguem mais do que eu reprova os principios da Constituição, mas que era de parecer que esses principios deviam ser mudados pelos ordinarios da politica, não pelas armas.

Observei que tratava-se de um movimento nacional, e, não puramente rio-grandense, e que o meio unico de congregarmos em torno delle todos os elementos era não dar-lhe caracter politico, ou, antes, partidario. A nós, protestando com as armas alçadas, só nos competia chamar os patriotas para a defeza da liberdade, que é patrimonio de todos, e, politicamente, o mais que poderiamos prometter foi o que promettemos — presidir a uma eleição liberrima, em que se desafogasse, por assim dizer, a opinião do Estado, por tanto tempo sopitada pela pressão mais ou menos escandalosa das varias facções que se têm alternado no poder.

Pouco me importa saber que nome surgirá triumphante das urnas. Seja qual for, virá cercado pela aureola de prestigio que só a opinião livre pode dar. Se esse eleito do povo soberano defender ideias com as quaes eu esteja de accordo, servirei lealmente ao seu lado, seja ou não pessoalmente meu amigo; se trouxer opiniões antagonicas com as minhas, cruzarei com elle as armas de cavalheiro, mas no terreno digno e nobre da luta por ideias, e não pelos mesquinhos odios que nos dividirão e cuja dolorosa experiencia já nos deve bastar.

Eis ahi, meu bravo general e amigo, um dos melhores fructos que deve produzir a presente revolução. Nossa politica estava errada: vamos principiar de novo.

— Já vos tenho escripto tanto, que pouco tempo me sobra para tractar da nota de providencias a tomar que me enviastes e que é mais uma prova da actividade de vosso espirito sempre joven. Dessas providencias muitas já foram tomadas, outras se tomarão opportunamente e algumas não me parecem aceitaveis, attribuindo o vosso engano a não estardes informado de certos factos a que ellas se referem.

Assim, por exemplo, os taes commandantes a que alludis, como suspeitos, — são bons companheiros e homens de honra, que, uma vez empenhados comnosco, não faltarão. A sahida de Ricardo e qualquer outro em eguaes condições para o Rio não convem. Preferimos tel-os aqui com a devida segurança. Lá seriam elementos perigosos pela sua dedicação a Deodoro e pelo despeito contra a Revolução.

Sobre o dr. Ramiro, são injustas as suspeitas que se levantam. Elle é incapaz de faltar a sua palavra de honra. Já nos prestou bons serviços no Rio e Rio da Prata. O facto de vir no mesmo vapor com os generaes da dictadura nada prova. Pelo dr. Ramiro eu respondo. Elle pode ter erros, mas não lhe falta patriotismo. Estou bem entendido com elle. Mas, não pensais que, antes de esclarecermos eu estivesse desprevenido: já tinha providenciado para a prisão delle em qualquer fronteira por onde entrasse. Na guerra como na guerra.

— Temos desenvolvido aqui muita atividade. Eu não tenho a honra de ser militar; mas meu plano seria que se provocasse, por simulado descuido, um desembarque inimigo em Torres, ou invasão por Santa Catharina. Sem uma linha de batalha, isto não fica bom. Seria o meio mais efficaz de firmarmos a confraternisação de todos os rio-grandenses e seria tambem preferivel a invadirmos o Norte. Deixar entrar a barra, sim, seria mau, por mil motivos que sabeis avaliar.

Hoje tivemos noticia de que o governo privou a entrada de vapores mercantes no nosso porto. Assim é que o general Câmara, que devia sahir hoje de Desterro para cá, ou terá de voltar ao Rio, ou seguirá, se o conseguir para Montevidéo.

Em todo caso, demorará a chegar, e nós não podemos continuar sem um general em chefe. Vós vos tendes recisado a esse posto, que vos competia. Hoje se fará aqui a nomeação do general Osório, que,

vindo Camara poderá passar a commandar uma divisão. Osorio esta bem disposto.

Creou alma nova, vendo a boa situação desta guarnição, que o recebeu bizarramente.

Urge agir. Temos feito muito e pouco falta. Se podemos ter certeza de que o tyranno não nos atacará, nem talvez nos possa resistir um momento, lembremo-nos de que para isso são necessarias a maior actividade e união.

Sempre vosso soldado e dedicado amigo e admirador.

Assis Brasil

———o———

A 13 de dezembro de 1891, assumiu o comando desta guarnição e fronteira, da qual havia sido exonerado em princípio dêsse mesmo ano, o Sr. Gen. Joca Tavares, nomeado por ato do govêrno federal de 4 do mesmo mês. S. S.ª escolheu para secretário, o Sr. Cap. Valeriano José Lopes e para ajudante-de-ordens, o Alf. José Luís de Souza Pires.

O Govêrno Provisório do Estado, Gen. Domingos Alves Barreto Leite, por ato de 19 de dezembro, aceitou a espontânea desistência que fizeram, por não reconhecerem a legalidade, de seu govêrno, os membros da Intendência, Srs. Nereu Martins, José Otávio Gonçalves e João Damé, nomeando para substituí-los, os Srs. Dr. Cândido Dias de Borba, Oscar Ricardo Heinzelmann e Plácido José Silveira que tomaram posse.

O jornal "Nacional", da cidade de Pelotas, no dia 11 de abril de 1892, publicava o seguinte: *Notas históricas — Documento curioso.*

Publicamos sem comentarios o oficio em que o comandante interino do 18.º Batalhão dava ao comandante superior da G. Nacional todas as seguranças de que o batalhão cooperaria com as forças destacadas da mesma guarda nacional para manter a ordem publica, em 3 de fevereiro; e publicamos ao mesmo tempo a intimação assignada pelo dito comandante e todos os oficiais do 18.º ao comando superior, em 5 do mesmo mez, para entregar todo o armamento em poder das mesmas forças e dissolve-las.

Cumpre ter em vista que era notorio, desde os dias ultimos de janeiro, que rebentaria neste Estado, começando em Porto Alegre, em 4 ou 5 de fevereiro, uma revolta para reintegrar no poder o dr. Julio de Castilhos e seu partido em todas as localidades.

A intimação feita pelo 18.º foi espontanea, não tratada antes, alheia as manobras do partido sedioso, eventualmente, fortuitamente, coincidente com elas?

As forças que então se reuniam no municipio, obedecendo aliás as comunicações diurnamente recebidas do governo do Estado, pre-

veniam algum perigo imaginario ou antes eram exigidas pela necessidade de garantir a ordem contra machinações notorias para perturbal-a?

Os chefes governistas do municipio estavam donos dessas machinações; conheciam todos os planos e puderam preparar assim a resistencia, e repressão da tentada sedição, encaminhando para esta cidade e seus arredores differentes forças que desde o dia 4 começaram a chegar, sem ruido, sorprehendendo os inimigos que não contavam com taes previsões e cautelas.

Frustada aqui a intimação do 18.º, falharam todos os planos.

O inimigo porém, negou desabridamente que os tivesse e em arroubos de indignação de muito duvidosa sinceridade eram invenções miseraveis destinadas a cobrir perversidades ali commettidas por brutal vingança.

Hoje publicamos documento que justifica quanto os chefes governistas fizeram em bem da ordem publica e demonstra que, se esta cidade não foi theatro de uma hecatombe, foi unicamente devido as atiladas previsões e energias dos patriotas responsaveis pelo socego e liberdade do torrão rio-grandense em que tem os seus lares.

Esse documento, essas instruções onde o publico vai ler cousas sorprehendentes, é todo do punho de personagem conhecido; a simples inspecção ocular revela o autor a quem viu uma vez sua calligraphia.

Eis o documento que vai transcrito ipsis verbis sem aumento ou diminuição de uma virgula, lettra, ponto ou etc. Apenas griphamos, de nossa conta, alguma phrase caracteristica.

....

"Reunir á toda pressa, mas com todo o segredo que for possivel. Acho bom para isto avisar incontinente aos companheiros como Silveiras, João Lima, Onofrinho, Vergaras, Machados, Pedro Toledo, Gomes, etc. para cada um em sua localidade e visinhanças fazer reuniões parciaes e logo que sejam feitas agruparem-se todos em um ponto determinado, na minha chacara por exemplo. De hoje até amanhan mandarei armamento: — 50 pistolas, 50 espadas, 50 lanças e mais se puder.

Não podendo ir muito armamento, deve cada um aproveitar o que tiver, embora ruim. Aprontem já os cabos para lanças. O maximo de tempo que marco para esta reunião é de 30 a 40 horas; depois irei ou mandarei pessoa para a aproximação ou entrada da cidade.

A gente que vier desarmada receberá aqui armas. Não lancem mão da propriedade alheia, a não serem cavallos.

As vacas que carnearem, farinha, café mate, etc., comprem ou tirem fiado, passando recibo que pelo importe respondo.

Utilizem-se dos animaes que ahi tenho e do mais. Talvez, antes de virem, tenham de ir ao Sá dissolver á gente que já está e tomarem

o armamento. Se guardarem segredo e houver tino e actividade, poderão fazer uma explendida sorpresa.

LA HA MUITA VACCA, CAVALLOS, VIVERES, etc., *Isso sim, se* TOMARÁ SEM PAGAR.

A gente de Sá não passa de 60 homens, sendo muitos nossos. Nicomedes, se tiver é pouca e será tambem dissolvida. A DAQUI FICA PARA O *18.º e gente da cidade.*

Na Bulena, Boa Vista, etc. vai já reunir-se. Para toda a parte vão proprios e providencias, Justo será o chefe.

A nossa divisa uma fita branca no chapeo. Irá fazenda para isso. Vão 100$000, para as primeiras despezas. Arranjem-se como puderem; a rapidez não dá tempo para nada.

O nosso fim é desarmar a guarda nacional, apoderarmo-nos do armamento, etc. . . . . . .

O mais virá por si . . . .
. . . .

Se forem descobertos nas reuniões, devem dizer que as fazem para se garantirem, visto constar-lhes que o partido federal os quer prender pela força e mesmo matar, etc. Que se reunem por si, e não por mandato de ninguem; apenas aconselhados POR MIM E COMISSÃO EXECUTIVA *como medida de segurança contra as ameaças e para se porem na defensiva* . . . .

Julgue o publico este documento

Julio Stahl

———o———

Vivia o Rio Grande do Sul e a Nação um momento em que o "artista", em rápidas pinceladas, representaria por um céu coberto de espêssas nuvens, anunciando próximo a borrasca, quando chega a esta cidade de Bagé, depois de algum tempo de exílio na velha Europa, o Cons. Gaspar Silveira Martins e é recebido com grande manifestação de aprêço por seus conterrâneos e admiradores. O povo o acolheu com entusiasmo e carinho, organizando imponente marcha "aux flambeaux" que percorreu a rua Sete de Setembro, onde ao passar pela residência do Gen. Joca Tavares — sita, hoje, caso joalheria Grilo e loja Peduzi —, o maior bagèense de todos os tempos, em elegante gesto fraternal, se reconcilia com o velho e prestigiado "cabo de guerra", com quem estava de relações cortadas.

No meio de grande número de destacados elementos, que mais tarde iriam chefiar o Partido Federalista, entre os quais se viam os distintos médicos José Francisco de Azevedo Pena e Angelo Dourado, Gaspar parte do meio dos manifestantes e se dirige a Joca Tavares que se achava na janela de sua casa, cercado de amigos, e o abraça longamente selando, dessa maneira, uma amizade sincera que no decorrer do tempo os levaria a lutar lado a lado, por um grande ideal que prejulgava dar melhor orientação aos destinos da pátria.

A reconciliação dos eminentes vultos, como se previa, muito fortaleceu a opinião que se avolumava contra um govêrno que, na alvorada de novo regíme, qual planta nascitura sujeita às inclemências do clima, sentia a gravidade do fato que lhe poderia ser fatal.

Periclitou, por algum tempo, a consolidação da República.

Bagé, quando falava, era ouvida em todos os quadrantes do país. Os encantos do verbo do "colosso das pampas", que muito construiu para o Brasil, tinha a fôrça da avalancha, dada a pujança de sua frase, no destruir talentos que lhe antepunham resistência.

———o———

FUNDAÇÃO DO PARTIDO FEDERALISTA

Retornado do exílio, saudoso de sua querência, uma vez nos "pagos", Gaspar Silveira Martins, encontrou nos rincões e canhadas desta grande estância os fogões acesos, onde ardiam as chamas de exaltado patriotismo exigindo melhor orientação nos destinos nacionais. O político e tribuno sentiu que seus conterrâneos clamavam pelo poder de sua voz, pela fôrça de sua eloqüência, pela ação de sua possante inteligência a bem de uma causa que julgavam nobre e justa, para qual ofereciam, se preciso, suas vidas de experimentados caudilhos, senhores das verdes coxilhas e de acolhedores bosques desta encantadora terra gaúcha.

Nascido nesta gleba de horizontes ilimitados, em que o gaúcho possui a mais ampla noção de LIBERDADE, tornando-se pelas contingências da vida o verdadeiro monarca das "pampas" sem fim, Gaspar, sabia que êsses homens se não eram comparáveis ao frondoso jequitibá das florestas, eram, no entanto, iguais as cabriúvas, angicos, e guajuviras, incapazes de vergar ao sôpro dos ventos, por mais bravios que fôssem. Sabia-os homens de ação em que a luta, quando necessária, lhes era um "fandango": peleavam de qualquer jeito, a "pelego" no mais, ou com a arma branca em que pedaços de taquara com meias fôlhas de tesouras de tosar atadas nas pontas, formaram as célebres lanças de 93.

Muitos dêsses gaúchos dotados de inteligência e cultura, em seus "remígios de Condor", com facilidade, alcandoravam a palavra e com maestria esgrimiam a pena.

Em sua casa, no meio que lhe era familiar, Gaspar conhecia bem os que o cercavam, sendo-lhe fácil ver que não era sòmente o "guasca", a alma inculta e bárbara do Rio Grande do Sul, mas o "gaúcho" altivo e nobre, ereto em sua coluna vertebral, que iria dentro em breve discutir, terçar armas, em defesa de idéias que modificavam, não o regime democrático, mas a forma, os princípios no aplicá-lo.

Assim, após longas tertúlias em tôrno à figura de grande moral e perstígio do Gen. Joca Tavares, assentaram os líderes das oposições ao govêrno de então, fundar a 31 de março de 1892, o Partido Federalista. Realizou-se nesse dia marcante da *História de Bagé,* memorável reunião do congresso político sôbre a presidência do Gen. Joca Tavares, no qual foi lançada na República, pela primeira vez, a adoção e defesa dos princípios parlamentaristas, por inúmeros chefes de incontestável valor.

Falou, expondo os fins que os levava àquela solene reunião o Cel. José Bonifácio da Silva Tavares, que apresentou diversos artigos para serem discutidos pela assembléia.

Ouviu-se a seguir, eloqüente discurso do "Demóstenes das Pampas", propondo a candidatura do Sr. Gen. Joca Tavares, para o cargo de Governador do Estado, na primeira eleição a realizar-se, o que foi aceito por aclamação.

O que se passou durante as reuniões dos chefes políticos e revolucionários nos salões da "Sociedade Congresso Familiar", a benquista "Bailante" (hoje ferragem Bromberg), foi publicado pelo jornal "Nacional", da cidade de Pelotas, em 11 de abril de 1892.

CONGRESSO DE BAGÉ

Ata da primeira reunião do Congresso de chefes revolucionários e chefes políticos, convocada pelo Exm.º Sr. Gen. João Nunes da Silva Tavares.

Pedindo a palavra o sr. Silveira Martins, disse que não tendo o Rio Grande do Sul de eleger unicamente os membros da Convenção, mas tambem o presidente do Estado, era ocasião, quando estavam reunidos os chefes de revolução de novembro e as influencias politicas de quasi todas as localidades, de decidir-se sobre a escolha do candidato do partido a esse elevado cargo; que outro não poderia ser sinão o glorioso comandante das forças revolucionarias, o heroico general João Nunes da Silva Tavares.

Palmas, vivas, delirantes aclamações interronperam o orador; a assemblea inteira felicitou, em ruidosos aplausos, o benemerito servidor da patria. A indicação foi acceita unanimemente com indiscriptivel enthusiasmo.

Passado algum tempo, restabelecido o silencio, o gen. Silva Tavares disse que a missão era evidentemente superior às sua forças, mas que em todo caso, como se appellava para o seu patriotismo, apesar de sua idade avançada, acceitaria a espinhosa tarefa, si seus patricios, chefes da revolução de novembro, se compromettessem sob palavra de honra, apoia-lo em todos os terrenos.

Não houve nenhum membro da assembléia que não se levantasse para afirmar a s. excia. que lhe prestaria apoio em qualquer emergencia em que por ventura se encontrasse na defesa da bandeira que a todos congrega.

Em seguida o sr. presidente da reunião convocou a assembléia para reunir-se amanhã, ás duas horas da tarde, afim de discutir, aprovar, assignar a acta e tratar de outras questões que lhe seriam propostas. E para constar, eu Adriano Nunes Ribeiro, secretario, lavrei a presente acta.

— Bagé, 31 de março de 1892. — General João Nunes da Silva Tavares, Adriano Nunes Ribeiro, Francisco da Silva Tavares, G. Silveira Martins, dr. José B. da Cunha Bittencourt, Apollinario Porto Alegre, J. P. Salgado, Fabio Alexandrino dos Reis e Silva, coronel José Maria Guerreiro Victorio, capitão Joaquim Gonçalves da Silva, Tenente-coronel Francisco Teixeira de Carvalho, tenente-coronel Malaquis Pereira da Costa, capitão Pedro Pereira Maciel, Paulino Vares, dr. João Gualberto dos Santos Reis, cap. Felipe Ovídio da Fontoura Riquinho, maj. Antonio Ferreira Prestes Guimarães, major João Schell, Emilio da Silva Ferreira, Antonio Rodrigues Baptista, coronel João Schmitt, Lourenço Silva Oliveira, Dinarte Francisco Dornelles, dr. José Adolpho Rodrigues Ferreira, cel. Ladislau Amaro da Silveira, major Luiz Henrique de Moura Azevedo, Laurentino Pinto F.º, Luciano Motta, Camillo de Oliveira Mello S.º, Theophilo Vieira de Brito, Boaventura Soares Lima, Feliciano Teixeira de Almeida F.º, Raphael Cabeda, José Bernardino Jardim de Menezes, Antero A. da Cunha, ten-cel. Juvencio Fontoura, Francisco Antonio de Souza, José Serafim de Castilhos, José Manoel Firpo, Vicente Saldanha, Gaspar Barreto, Belarmino Luiz de Freitas, Crescencio da Silva Santos, Antonio José de Vargas, Barão de S. Luiz, José Soares da Silva, José Marcelino Ratto, Norberto A. Vasques, Candido Malmann, Manoel Candido Xavier, ten-cel. Favorino Mércio Pereira, Barão de Santa Técla, Jeronymo Rodrigues Soares, João José Damasceno, Felisberto da Cruz Piégas, Israel Joaquim Caldeira, José Maria da Silva Junior, Eliseu A. Maciel, ten-cel. Lucio Lopes dos Santos, Israel de Sá Araujo, dr. J. F. de Azevedo Penna, Saturnino Epaminondas de Arruda, Manoel Faustino d'Avila, conego João Ignacio de Bittencourt, Candido Xavier de Azambuja, Tomaz Mércio Pereira, Geraldo Silveira do Nascimento, João Francisco Carrion, José Bonifácio da Silva Tavares, Rubiano Tavares da Silveira, José de Moura, Antonio Barbosa Netto, Severino Coelho Brasil, dr. Angelo Dourado, José Rodrigues Crespo Candiota, Antonio Rodrigues Soares, Marcos Antonio de Azambuja, dr. Carlos Adalberto Campos Laudares, dr. Candido Dias de Borba, Pedro Rodrigues de Borba.

———o———

ACTA DA SEGUNDA REUNIÃO

No dia 1.º de Abril, presentes todos os chefes revolucionários e chefes politicos mencionados na acta de hontem, o Sr. presidente do Congresso declarou aberta a sessão.

Lida a acta da sessão de 31 de Março, e posta em discussão, foi ella approvada por unanimidade de votos e assignada pelos presentes.

Em seguida o Sr. Fabio Alexandrino dos Reis e Silva, pedindo a palavra observa uma lacuna no programma institucional lido e discutido hontem; refere-se ao poder judiciario, por sem duvida importantissimo nas sociedades bem organisadas e justamente considerado pelos povos como a mais alta garantia da liberdade.

Diz que é uma lacuna, porque ouviu, por ter estado presente, tratar-se d'esse ponto em reunião previa. Falla para que ella desappareça, additando-se ao referido programma a parte que lhe falta — a organisação do poder judiciario.

O Sr. Silveira Martins, de accordo com as justas ponderações do orador presente, pronuncia luminoso e eloquente discurso sobre o poder judiciario, sobre a organisação da magistratura, que quer livre, independente, para poder ser a garantia da justiça e da liberdade dos povos.

Propõe, conforme fôra antes deliberado, accrescente-se ao programma institucional do governo civil o seguinte: Da magistratura: juizes municipaes e de orphãos nomeados pelas respectivas camaras municipaes: juizes de direito e desembargadores, magistrados permanentes nomeados pelo presidente do Estado conforme determinação da lei.

O Sr. José Bonifacio da Silva Tavares propõe que a acta da presente reunião seja assignada unicamente pela Mesa, visto a difficuldade de reunirem-se, ainda uma vez, os Srs. membros do Congresso, sómente para esse fim.

Foi approvada a proposta.

Em seguida o mesmo Sr. em brilhante discurso, lamentando a ausencia, aliás justificada, do inclyto e benemerito marechal Visconde de Pelotas, relembra os inolvidaveis serviços por S. Excia. prestados á Patria, não só quando combatia os exercitos estrangeiros, como agora quando foi-nos preciso empunhar armas para restabelecer a liberdade rio-grandense e salvar a dignidade nacional.

Pede pois, que ao venerando marechal principal organisador da revolução de Novembro, seja lançado na acta da presente reunião um voto de louvor, como reconhecimento do Congresso de Bagé a o patriotismo de S. Excia.

Esta proposta, foi recebida com applausos geraes e vivas ao eminente rio-grandense, indicando o Sr. Silveira Martins que fosse enviada ao heroico general, grande servidor da Patria, copia da presente

acta. O dr. Adriano Ribeiro, referindo-se ao estado actual da politica rio-grandense, desviado o governo provisorio do caminho que lhe traçou o pensamento revolucionario e esquecido o programma governamental de 12 de Novembro exaltou os serviços do bravo general Silva Tavares, á quem era devida a reunião do presente Congresso, seguramente um dos mais notaveis acontecimentos de nossa historia porque deste Congresso sahirá a nórma de conducta que ha de levar o Rio Grande á gloria, por ter votado medidas salvadoras da liberdade rio-grandense e da patria brasileira. Pede que, do mesmo modo que o Congresso prestou ao benemerito Visconde de Pelotas, uma das mais legitimas glorias da Patria, justas homenagens, preste-as tambem ao intrepido general Silva Tavares, que convocou esta reunião, inserindo nesta acta um voto de louvor a S. Excia.

Por entre ruidosas acclamações foi approvada esta proposta.

O Sr. Barão de Sta. Tecla saudou o prestigioso chefe pelotense conselheiro Maciel, cujos talentos e energia estiveram sempre ao lado da liberdade, da justiça e do direito de seus concidadãos.

Unanimes victores foram levantados ao Sr. Conselheiro Francisco Antunes Maciel.

Em seguida o Sr. José Bonifacio da Silva Tavares justificou uma proposta, no sentido de ficar autorisado o diretorio central, bontem acclamado, encarregado de organisar a chapa para os deputados á Convenção e as vagas existentes no Congresso Nacional.

Foi approvada.

Por ultimo falou o Sr. Francisco da Silva Tavares que, em inspirado discurso agradeceu, em nome do general Silva Tavares, a presença dos chefes revolucionarios e dos chefes politicos que attenderam ao convite, e por amor á ordem e á liberdade, concorreram ao presente Congresso.

Termina seu brilhante discurso, erguendo vivas ao grande desterrado, chefe glorioso, sempre conselheiro Silveira Martins, conclue abraçando-o e dizendo-lhe estas palavras: a V. Excia. está confiada a salvação da Patria.

Vivas, palmas, calorosos applausos, ruidosas acclamações echoaram por muito no vasto salão, onde realisara-se a sessão.

Com vivas á liberdade, foi encerrada a segunda reunião.

E eu Adriano Nunes Ribeiro, secretario, lavrei a presente acta — Bagé, 1.º de Abril de 1892. — General João Nunes da Silva Tavares — Francisco da Silva Tavares — Adriano Nunes Ribeiro.

———o———

Após a fundação do partido federalista o ambiente de divergência política no Estado cada vez mais se acentuou. As célebres conferências realizadas no "Hotel La Minuta", à rua dos Andradas, em Pôrto Alegre, nos aposentos de César Ferreira Pinto, entre Julio

Prates de Castilhos e Gaspar Silveira Martins, apesar da sinceridade e boa vontade de ambos, faliram. Não lhes foi possível um acôrdo, que pusesse fim às divergências existentes entre os partidos republicano e federalista.

Castilhos que no momento estava no govêrno por um golpe revolucionário desejava realizar eleições com o fim de restaurar a ordem constitucional do Estado, regularmente instituída pela Assembléia Constituinte em 14 de julho de 1891, dizendo: *O govêrno republicano é o govêrno da opinião; por isso mesmo deverá governar o partido que obtiver vitória em um pleito de honra, como o que proponho".*

Gaspar manteve-se intransigente nas bases aprovadas pelo Congresso de Bagé, em 31 de março de 1892.

Ei-las: a) — *"substituição da Constituição Contista do Estado por uma Constituição republicana representativa modelada segundo os princípios do govêrno parlamentar;*

b) — *eleição do presidente por quatro anos, não podendo ser reeleito para o periodo seguinte;*

c) — *eleição da Camara pelo periodo de quatro anos, por distritos eleitorais, voto incompleto, renovação do mandato bienalmente por metade;*

d) — *iniciativa do govêrno e Câmara na apresentação das leis, com exceção das que competirem exclusivamente a esta;*

e) — *autonomia municipal;*

f) — *poder judiciario do Estado; juizes municipais ou distritais nomeados pelos govêrnos municipais; juizes do direito nomeados pelo govêrno do Estado, conforme as determinações da lei;*

g) — *liberdade de imprensa, sujeita ao julgamento das publicações ordinarias".*

———o———

Impossível foi encontrar a fórmula conciliatória.

Atendendo a apêlo do Gen. Joca, — em Bagé, a 17 de junho de 1892 — quando o Visconde de Pelotas, Gen. Câmara lhe passou o govêrno do Estado, começaram a se reunir as fôrças civis do partido federalista, dispostos a pegarem em armas contra a situação criada com a revolta que levou Castilhos ao poder, em Pôrto Alegre.

Gaspar Martins, ciente do acontecimento, da capital do Estado onde se achava, passa em telegrama vibrante apêlo, assim concluído: *"Chefe partido aconselho, correligionário peço, rio-grandense suplico*

— guerra civil não. Não e necessária para conquistar poder e conter govêrno federal: dificuldades todo gênero, erros naturais govêrnos, liberdade de imprensa, opinião pública fazem o que violencia não consegue.

Só fôrça maior tem impedido achar-me aí poder verbalmente manifestar necessidade evitar todo transe guerra civil".

Após sacrifícios insuperáveis, onde imperava a carência de recursos, e com a aproximação do inimigo com quem se previa iminente choque à mão armada, o patriótico apêlo de Gaspar foi objeto de uma reunião dos chefes federalistas que resolveram, reunidos em conselho nesta cidade de Bagé, a 4 de julho de 1892, abandonar qualquer idéia de resistência, dando fim com essa resolução à dualidade de govêrno estadual.

Assinaram a ata dêsse importante acontecimento os cidadãos, seguintes: Dr. Cândido Tavares Bastos, Dr. Cândido Dias de Borba, Dr. Tertuliano Ambrósio da Silva Machado, Dr. Nicanor Peña, Dr. Saturnino Epaminondas de Arruda, Gen. João N. da S. Tavares, Cel. José Maria Guerreiro Victoria, Cel. Amaro da Silveira, Ten-Cel. Cândido Xavier de Azambuja, Ten-Cel. José Facundo da S. Tavares, Ten-Cel. Domingos Ferreira Gonçalves, Cel. José B. da S. Tavares, Cel. João M. E. de Arruda, Cel. Joaquim Nunes Garcia, Ten-Cel. Leonardo José Collares, José Serafim de Castilhos, Lourenço da Silva Oliveira, Cel. Manoel Xavier.

———o———

As fôrças que se aproximavam vinham sob o comando do Gen. Isidoro Fernandes que tinha como auxiliares os Gens. Hipólito Ribeiro, Rodrigues de Lima e Alves Pereira, Cel. Aparício Mariense e o Senador Pinheiro Machado.

À noite de 4 de julho de 1892, o Gen. Joca recebeu um telegrama do Cel. Artur Oscar, participando-o de que vinha com fôrça de linha para restabelecer o tráfego da estrada de ferro, interrompido aquém de Pedras Altas.

O Gen. Joca, dotado de energia serena e de alto espírito de tolerância, no evitar o derrame de sangue de seus correligionários, na disputa do alto pôsto que lhe pertencia, por direito, de acôrdo com o que haviam deliberado, solicitou ao Cel. Rabelo de Vasconcelos, comandante da guarnição de Bagé a se entender, no caráter de emissário, com o Cel. Artur Oscar.

Em trem expresso chegou no dia seguinte 5 de julho, às duas horas da tarde o 30.º bat. inf., ocupando o quartel novo.

O Cel. Artur Oscar procurou imediatamente o Gen. Joca, com o qual entrou em negociações comprometendo-se êste a entregar a cidade e a dispersar suas fôrças, superiores a 3 000 homens acampados em diferentes lugares nos subúrbios e assim distribuídas: Joaquim

Nunes Garcia, 450 homens; Antonio Neto, 700; Domingos Ferreira, Maj. Arruda e Vasco Martins, 400 homens cada; contingente de S. Gabriel e de Lavras, 350 homens cada; Guerreiro Victória, 200; Alexandre Collares, 400; além de pequenos grupos que somados perfazem os 4 000 homens que Joca Tavares, em carta dirigida a seu irmão, Barão de Sta. Tecla, em 9 de julho, dizia possuí-los comandados por bons amigos.

Efetivamente, no local em que se está construíndo o belo parque da Associação Rural de Bagé, antigo Prado — onde periòdicamente realizamos a nossa festa máxima de trabalho, o segundo certame da pecuária sul-americana, dada a apresentação de invejáveis reprodutores portadores do mais nobre sangue e ao volume das transações de gado —, foi entregue por ordem do Gen. Joca Tavares, ao Cel. Artur Oscar, o armamento seguinte: *780 lanças, 10 espingardas, 41 clavinas e 12 pistolas Meniés.*

Como conseqüência assumiram de novo a administração dos negócios municipais, a 13 de julho, os Srs. José Otávio Gonçalves, João Antonio Damé e Nereu Martins.

O Sr. Cel. José Otávio Gonçalves, posteriormente, como administrador, prestou relevantes serviços a esta comuna, e como político foi sempre ardoroso republicano castilhista.

———o———

A revolução de 17 de junho que elevou Castilhos ao poder e à conseqüente vitória de 4 de julho de 1892, deram ao R. G. do Sul um clima agitado sem que pudesse medrar a ordem, o progresso e a paz.

A situação de "mal-estar" se agravava a cada passo, nìtidamente se divisava uma ameaça de guerra civil, através a inquieta consciência coletiva. Como evitar a tempestade próxima?!

Problema de então, que Floriano Peixoto, Julio de Castilhos, Gaspar Silveira Martins e Joca Tavares não conseguiram resolver. Muito embora os municípios trabalhassem, sendo que, o de Bagé decretou em 7 de setembro, em sessão solene do Conselho Municipal, a nova Lei Orgânica, assinada pelos Srs. conselheiros Antonio Augusto de Oliveira, presidente; Ten-Cel. Artur da Silva Lopes, secretário; João Itchegoyen, João A. Damé, Belisário Sarmento, Severino Simões Franco e Ten-Cel. José Sidonio Corrêa, o destino reservava ao R. G. do Sul dias amargos, um temporal de fogo, lágrimas e sangue.

Da República Uruguaia, a 9 de julho de 1892, o Gen. Joca Tavares dirigiu a seu irmão Joaquim, Barão de Sta. Tecla, a carta seguinte:

Irmão, compadre e amigo. — Vou pôr-te ao fato dos últimos acontecimentos, afim de ajuizares de meu procedimento se foi correto ou não:

— De ha muito observei aos amigos e companheiros de diversos pontos do Estado que para sustentar a luta que estavamos obrigados, e que parecia iminente, precisavamos de recursos pecuniarios.

Apesar das promessas constantes, esses recursos não apareceram e nem palavras de "consolo" durante 20 dias que tivemos de sacrifícios insuperaveis.

Nesta espectativa nos conservamos, até o dia 4 deste mês, pela manhã, quando recebi carta de Alegrete por um próprio de toda a confiança, de Cândido Malmann — unico sobrevivente da fundação do Partido Federalista —, afirmando nada haver que indicasse resistência por aqueles lados; ao contrário, entregava-se tudo aos sediciosos, e pedindo-me instruções a tal respeito! Ao mesmo tempo o próprio confirmou o que eu já sabia, isto é, a chegada do gan. Hipólito ao Livramento com 2.000 homens, neste número grande pessoal do Estado Oriental, capitaneado por Nico Coronel (oriental) e Vieira, no intuito de reunirem-se a Isidoro com o propósito de atacar Bagé.

Não acreditei neste número, mas essa gente reunida á do brigadeiro Lima e a de S. Gabriel, constituida de 800h. comandados pelo ten-cel. Portugal, com quatro bocas de fogo, evidentemente alcançaria aquele número.

Sabendo ainda do movimento que se operava em Pelotas e outros pontos com o mesmo fim e intuito resolvi, nesse dia reunir o comité e os oficiais superiores, meus auxiliares e expuz-lhes a situação, demonstrando a necessidade de dissolver-se as forças, a menos que não nos propuzessemos a uma guerra de recursos, que podia com justiça ser considerada de bandidos, ao que em caso algum me prestaria.

Fica, pois, aceita aquela deliberação como consta de uma ata que lavramos. Em a noite desse mesmo dia recebi o seguinte recado telegráfico: "Pedras Altas, 4 de julho de 1892, as 11 horas e 40 minutos da manhã. General Tavares — Bagé — Sigo para ahi com forças das tres armas com o fim de restabelecer o trafego da estrada de ferro. (assinado) cel. Oscar".

Ora, diante da franca intervenção da força federal, da falta de recursos pecuniarios e do silencio dos amigos de outros pontos que nem se anunciavam !... resolvi, de acôrdo co mo que já haviamos deliberado, enviar o cel. Rabello Vasconcellos, comandante da guarnição de Bagé, a entender-se com o cel. Artur Oscar no caracter de emissário, levando a seguinte proposta:

Que eu não embaraçaria a entrada da força federal, mas não permitiria a dos civis Pedroso e Motta; que se, ele, Oscar viesse só, eu dissolveria as forças, sob meu comando, ao contrario aceitaria combate.

Recebi em resposta telegrama do cel. Rabello, garantindo que as cavalarias não seguiriam, pondo-se ele Oscar a caminho desde logo com o fim de descançar. Efetivamente a entrada desse cel. e seu batalhão verificou-se as 2 horas da tarde, na melhor ordem e disciplina, procurando-me logo o cel. para conferenciar como cavalheiro e leal soldado, folgo de o declarar; em vista, pois, do que conversamos e mesmo já estava assentado, ordenei incontinente a dissolução das forças, fazendo entrega das armas reunas.

Tendo em seguida aviso de que as forças que ficaram em Pedras Altas se aproximavam de Bagé com intuitos que aqui não mencionarei... e conhecendo de quanto são capazes esses homens, a que, desgraçadamente, estão entregues essas forças e os destinos do infeliz Rio Grande, resolvi retirar-me para a Republica Oriental, onde permaneço.

Depois de aqui chegar, fui informado que o cel. Artur foi desconsiderado, vendo-se obrigado a reagir com energia, afim de não violar o compromisso que comigo contraiu, vendo-se o referido cel. obrigado a retirar-se de Bagé, antes do que pensava (com o batalhão) para não assistir, quiça, a cenas dolorosas.

Avaliarás perfeitamente que, com 4.000h., bem dispostos e comandados por bons amigos, eu poderia manter-me, fazendo destroços, assenhoreando-me da campanha, mas sem recursos pecuniários, seria campanha de salteadores, lesando a propriedade, o Estado e manchando a nossa justa causa, missão que, por certo, não era a nossa.

Diz-me a consciencia ter procedido corretamente.

Submeto-me, pois, com calma, ao juizo da história, que não pode deixar de ser justa. É o quanto basta.

Saudades do teu irmão e amigo — Joca.

———o———

A última medida do Marechal Floriano, vice-presidente da República, em exercício do cargo, foi credenciar o Sr. Gen. de Brigada João Batista Teles, como enviado especial a fim de conferenciar na Estância da Carpintaria, de propriedade de Belchior Silveira, com o Gen. Joca Tavares.

A 29 de outubro, chegava a esta cidade o emissário do govêrno federal, rumando a seguir para aquêle lugar no interior do município, sôbre a linha divisória com o Uruguai, onde a 1.º de novembro realizava longa conferência.

Dessa ocorrência foi lavrada minuciosa ata que, guardada em poder de João B. Teles, foi remetida ao Marechal Floriano, e passado desta cidade, conforme relata o ilustrado historiador Epaminondas Villalba, em "A Revolução Federalista no Rio Grande do Sul", edição 1897, pág. 69. — Doc. n.º 36, o telegrama seguinte:

Urgentissimo. Reservado. S. N. Estação de Bagé. Expedido em 2 de novembro de 1892, — Marechal Floriano —

Hontem estive com o general Tavares que não concordou na conciliação, visto estar seriamente comprometido com seus amigos. A revolução no meu entender é inevitavel desde que não se tome já as providencias necessárias. Pelo modo por que chegaram as cousas aqui, acho que V. Excia. deve declarar já o Rio Grande em estado de sítio, nomeando imediatamente um governador militar, mas que este seja alheio ás paixões politicas do Rio Grande. V. Excia. não faz idéia dos horrores que se tem praticado; os assasinatos são em numero muito elevado, pois por toda a parte se degola homens, mulheres e crianças, como se fossem cordeiros; o saque está por demais desenvolvido, assim é que não ha nenhuma garantia quer individual, quer material. V. Excia. não conhece nem a terça parte dos horrores que se tem cometido, sendo infelizmente praticados por pessoas que deviam ser os mantenedores da ordem publica. Em Porto Alegre por ocasião de efetuar-se a prisão de Facundo Tavares, foram feridos com dous balasios o meu sobrinho major Pantaleão Teles e tambem um oficial que compunha a força e mortos dous filhos de Facundo; de modo que isto na minha opinião vem agravar mais a situação por demais melindrosa. Os animos exaltadissimos e por isso suponho que a invasão se fará com brevidade. Os coroneis Pedroso e Motta, chefes republicanos de Piratiny e Cangussú e tambem o ten-cel. Candido Garcia, d'aqui, de Bagé, segundo estou informado, são os maiores assasinos e ladrões do Rio Grande e é a quem mais se deve este estado de cousas.

Assim me parece que V. Excia. deve quanto antes tomar providencias energicas a fim de evitar uma catástrofe que necessariamente refletirá em todo país. Suponho que o unico meio a seguir é como já disse a V. Excia. considerar já o Rio Grande em estado de sitio nomeando sem perda de tempo um governador militar mesmo por ser essa medida a desejada pelo povo rio-grandense.

Saúdo-vos afetuosamente. Sigo amanhã para a cidade do Rio Grande a levar a familia. — General João Teles.

———o———

Todo o esfôrço em prol da pacificação dos espíritos foi infrutífero; o assassinato do chefe republicano, no município de Palmeira, Cel. Evaristo Teixeira do Amaral — esquartejado — e as diversas cartas apreendidas em poder do Cap. Honório Felisberto Barcellos, assinadas por Facundo da S. Tavares e dirigidas a chefes revolucionários, tiveram como epílogo — (casualmente, no mesmo dia em que se realizava a conferência da Carpintaria) a grave ocorrência em Pôrto Alegre, a 1.º-11-1892, prisão e morte de dois filhos do casal

Facundo, ocasião em que êle ficou ferido e ela com desequilíbrio mental, saturaram o ambiente de ódio, estabelecendo na pampa gaúcha a antiga pena de Talião:

"Ôlho por ôlho, dente por dente".

Como avalancha os acontecimentos a tudo superaram e a 5 de fevereiro de 1893, da Estância Carpintaria, onde se achava, o legendário Gen. Joca Tavares, comandante em chefe das fôrças federalistas concita, em memorável proclamação — publicada em 18 de fevereiro de 1893, no jornal "Eco do Sul", da cidade do Rio Grande — os riograndenses a tomarem armas contra a situação imperante.

"Cidadão. A's armas. Os inimigos da Pátria, arvorados em govêrno legal, implantaram nela o terror como meio de ação, lançaram mão do punhal para matar em plena paz; das "Comblains" para assaltar casas de familia, e do saque para saciar sua voracidade. A imprensa clamou contra essas atrocidades, tendo como resposta unica, o tripudiar de algozes sobre os cadáveres das vítimas.

O Rio Grande, Pátria de heróis, está convêrtido em terra de escravos. Qualquer esbirro penetra nos lares matando os chefes de família, ferindo mulheres crianças a tiros de revolver. A estatística de crimes registrou fatos tão atrozes como os praticados em plena paz depois da rendição de Bagé, não tendo inimigo a combater em parte alguma do Estado. O nosso patriotismo aconselhou o desarmamento para evitar a luta fratricida, porém, o mau instinto de adversários desleais, se prevalecendo da ocasião para matar, regando de sangue e de lágrimas o solo Rio Grandense e há longos mêses que muitos de nossos irmãos amargaram o exilio, o pão duro da necessidade, sofrendo vexames que lhes impõem nas cidades e outros errantes pelos matos, fogem ao punhal homicida. Para acabar com o estado de cousas, já não ha para quem apêlar. Os nossos brados, os gêmidos das viuvas e dos orfãos não são ouvidos pelos dominadores que se banqueteiam nos Palácios. O unico recurso que nos resta é conquistarmos a liberdade da nossa terra pelo brilho das nossas armas.

Concidadãos ! . . .

A Nação inteira e os povos cultos têm neste momento os olhos voltados para nós. Povo de heróis, sempre habituados a libertar dos seus tiranos a humanidade, extraviados, mostrai-vos dignos da herança de glórias, legados pelos nossos antepassados, libertando a nossa terra do odiento jugo que a oprime.

Lutemos cidadãos ! . . . a nossa causa é justa porque queremos reconstituir a nossa Pátria sobre bases de liberdade; é nobre porque é a causa da humanidade; é grande porque é a causa de um povo

inteiro que tem sêde de justiça, e que clama pelo império da lei, hoje calcada aos pés pelos agentes do poder publico.

A's armas, Compatriotas!... Lutemos pela liberdade da Patria e Deus será conosco! Viva o Rio Grande do Sul! Viva o exército libertador! Viva o Partido Federalista! O General em Chefe: João Nunes da Silva Tavares — *Carpintaria, 5-2-893.*

———o———

Nos arraiais republicanos orientados por Julio de Castilhos, seus correligionários, chefes de inegável valor, reunidos na cidade de Cáceres, República Argentina, em 13 de maio de 1892, resolveram invadir o Estado, e a 17 de junho, após rápida revolta na cidade de Pôrto Alegre, colocar no govêrno a Julio P. de Castilhos. Vitoriosos, logo após a resolução dos federalistas de deporem as armas em Bagé, êste passa o govêrno ao Dr. Vitorino Monteiro que por sua vez, eleito à Assembléia Constituinte, segue para o Rio de Janeiro entregando as rédeas da administração ao Dr. Fernando Abbott.

Mas, prevendo iminente invasão estadual pelos federalistas, Julio P. de Castilhos, a 25 de janeiro de 1893, assume o Govêrno do Estado e neste pôsto, combate a seus adversários, conseguindo de Floriano Peixoto a intervenção federal para restabelecer a ordem, se tornando um dos patriarcas da República Brasileira, por sua ação enérgica e corajosa.

A intervenção federal foi decretada, a 29 de junho de 1893, nos têrmos dos n.ºs 2 e 3 do artigo 6.º da Constituição Brasileira.

Diz o informado historiador, Dr. Otelo Rosa, em seu livro "*Julio de Castilhos*" às págs. n.º 186 e 187 que o manifesto de Joca Tavares, de 5-2-893, foi ratificado em 15 de março de 93, quando assinado pelos seguintes chefes rebeldes, negando ao movimento revolucionário, quaisquer intentos restauradores:

João N. da S. Tavares, Rafael Cabeda, José Maria Guerreiro Victória, José B. da S. Tavares, Laurentino Pinto F.º, Antonio Barbosa Neto, Marcelino Pina de Albuquerque, Domingos Ferreira Gonçalves, João Maria E. de Arruda, Ladislau Amaro da Silveira, Gumercindo Saraiva, Joaquim Nunes Garcia, Juvencio Soares de Azambuja, Antero Anselmo da Cunha, Antonio M. França, Daniel Costa, José Serafim de Castilhos, Antonio Prestes Guimarães, David José Martins, Manoel Machado Soares, Procópio Gomes de Melo, Estácio Azambuja, Thomaz Mércio Pereira, João de Deus Ferreira, Vasco Martins, Gaspar Sérgio Luís Barreto, José Bernardino Jardim de Menezes, Israel Caldeira, Francisco Vaz, Malaquias Pereira da Costa, Torquato José Severo, Lydio P. Soares, Alexandre José Colares, José Damasceno, Severino Coelho Brasil, João Barcelos de Oliveira, David

Manoel da Silva, João Machado Pereira, Ulysses Reverbel, Sebastião Coelho, Manoel Pereira Fontoura, Felipe Nery Portinho, Boaventura Martins, João Alves Coelho de Morais, Luís Barcelos, Pedro Diogo.

———o———

A 2 de fevereiro de 1893, Gumercindo Saraiva, mais tarde cognominado o "Napoleão das Pampas", acampou na Serra do Aceguá e a 11 do mesmo mês unindo seu contingente de fôrças ao de Vasco Martins; juntos atravessaram a linha divisória do Estado, à frente de seus MARAGATOS, no rio Jaguarão, encontrando-se no "Salsinho", a nove léguas da cidade de Bagé, com a divisão de fôrças civis comandada pelo Cel. Antonio Adolfo da Fontoura Mena Barreto, à qual se incorporou a fôrça do chefe republicano Manoel Pedroso de Oliveira, ferindo-se o *primeiro combate da revolução* que iria ser, por dois anos, verdadeiro duelo de titãs.

Mena Barreto após a luta, marcha para Bagé e Manoel Pedroso de Oliveira, a 14, faz junção com a tropa do Cel. Joaquim Elias Amaro, perseguindo a coluna rebelde que se retirava rumo a D. Pedrito, a fim de se juntar a Joca Tavares que, ao assumir o comando em chefe das fôrças federalistas, na Estância da Carpintaria, foi de imediato cercado por poderoso contingente de fôrças legais, comandadas pelo Cel. Artur Oscar, o que o levou a marchar com objetivo de tomar aquela importante cidade à margem do rio Sta. Maria.

Durante a marcha, Joca Tavares, hàbilmente evitou combater. Não obstante, foi obrigado a ter pequenos encontros "guerrilhas" no "Passo do Rocha" e na "Lagoa Branca" e em seguida tomou D. Pedrito, em 23 de fevereiro, depois de renhido combate com a guarnição composta do 6.º reg. cav. e mais 200 civis.

Em Bagé, a fôrça federal constava do 4.º reg. art. e do 5.º de cav., à qual veio juntar-se o elemento civil comandado por Manoel Pedroso e Elias Amaro que acamparam a uma légua da cidade, no Passo do Quebraxinho.

Procedente do Rio de Janeiro, a 5 de março de 1893, chegou a Bagé, o General João B. da S. Teles que assumiu o comando em chefe de tôdas as fôrças em operações neste Estado. S. Ex.ª veio acompanhado do 31.º bat. inf., o primeiro dos corpos de linha enviados para o Sul pelo govêrno federal.

Dois dias após a sua chegada, à frente de um pequeno exército composto de cinco brigadas das três armas, seguiu para Livramento para auxiliar a guarnição estacionada naquela cidade, que estava ameaçada de cêrco pelos revolucionários.

Sendo seu plano coroado de êxito, retorna a esta localidade onde faz publicar a ordem do dia seguinte:

QUARTEL GENERAL DO COMANDO EM CHEFE DAS FORÇAS EM OPERAÇÕES NO SUL DO ESTADO.

Bagé, 27 de março de 1893.

Ordem do dia:

Para o conhecimento das forças do meu comando e devida execução, publico o seguinte: Tendo partido desta cidade a 7 do corrente com destino a Livramento, sendo em D. Pedrito reforçadas as forças pela coluna de S. Gabriel, ao comando do cel. Thomaz Thompson Flores, chegamos sem novidade ao nosso destino, de onde regressamos, atingindo hontem esta cidade. Mas é grato cumprir agora o dever de louvar as forças pela ordem, disciplina e moralidade que souberam manter durante todo o tempo da expedição, tornando-se dignas do apreço publico, pela comprehensão exacta dos seus deveres, revelada sobejamente nesses dias de marcha, durante os quais tive ocasião de observar o civismo, a abnegação e a boa vontade com que todos se prestaram agora ao serviço da Patria, esforçando-se pelo restabelecimento da ordem publica neste Estado.

....

Louvo especialmente, pelos bons serviços prestados, aos cidadãos comandantes das brigadas, coroneis Artur Oscar de Andrade Guimarães, Antonio Adolfo da Fontoura Mena Barreto, Joaquim Elias Amaro, Thomaz Thompson Flores e Antonio Rodrigues Portugal, aos quais agradeço o concurso eficaz e dedicado que sempre prestaram ao meu comando, recomendando-lhes que elogiem tambem em meu nome os oficiais e praças de suas brigadas, cumprindo-me, porém, especialisar aqui os nomes dos comandantes dos corpos, ten-cels. dr. Alfredo Varela, Utaliz Lupi, Severo Feijó, João Pereira Madruga, Fabrício Batista de Oliveira Pilar, Eduardo Ferreira Bica F.º, José Narciso Antunes, Manoel Corrêa dos Santos, e Antonio d'Avila Garcia; majores Antonio Tupi Ferreira Caldas, Francisco de Paula Alencastro, e Antonio Candido Vaz; capitães Viriato da Cruz, Antonio Leite Bastos, e Francisco Antonio da Fonseca Junior; segundo-tenentes Alfredo Teixeira Severo e Evaristo Teixeira de Oliveira; assim como aos respetivos fiscaes, majores Antonio Domingos Alves, Carlos da Costa Bandeira e João Manoel de Athayde; capitães João Pacheco de Assis, Henrique Severino da Silva, Bonifacio Anaurelino Nunes, Martiniano de Morais, Manoel Érico de Cantalício Nunes Feijó, Bento Gonçalves da Silva F.º, Manoel Alves de Góes, majores Emilio Leão, José Alves Pereira e Leonel Paiva e tenente Manoel Corrêa de Matos, O mesmo louvor é extensivo aos encarregados do serviço médico, drs. capitães médicos de 4.º classe, Manoel Pedro Alves de Barros, Fernando Abott, Artur Trilha de Lemos e Manoel Becerra Vila Garcia, assim como aos oficiais de meu estado-maior, capitães Olímpio

Moreira da Silva Castro, Bonifácio da Silva Teles, alferes Floriano Florembel e Francisco Ferreira Soares. Outrosim, as fôrças permanecerão por enquanto nesta guarnição e do mesmo modo porque estão organisadas, até que as circunstancias do momento atual aconselhem outro qualquer destino ou alteração.

Assinado: João Batista da Silva Teles, general de brigada.

———o———

Nessa época conturbada da história de Bagé assumiu, a 11 de abril de 1893, o importante cargo de intendente municipal, por nomeação do Presidente do Estado, o Cel. Antonio Xavier de Azambuja que, na mesma data, nomeou subintendente do 1.º distrito, o Sr. Bento Gonçalves da Silva.

Agindo ativamente à frente das tropas do govêrno, cumprindo a importante missão que a chefia lhe destinara, o Gen. João Teles, comandante em chefe das fôrças em operação no Sul do Estado, a 18 de abril, conferenciava, no Passo do Viola, com o Ministro da Guerra Marechal Francisco Antonio de Moura que se transportara para êste Estado, devido os graves acontecimentos, prejulgando que sua presença no teatro da luta, dominaria a ação dos revolucionários que dia a dia, engrossavam as fileiras. Êsse proceder de S. Excia. o ministro da guerra, até o último momento foi para evitar a todo transe o maior derrame de sangue fratricida.

Ao saber da aproximação do valoroso militar, o chefe dos lanceiros de 93, que com seus camaradas vinha acossado pelo inimigo desde Inhanduí — 3 de maio —, retiram pela Serra do Caverá perseguidos sempre pela "Divisão do Norte", e finalmente entre dois fogos, em 12 de maio, são batidos no combate de Upamaroti em que se distingue Gumercindo Saraiva, o mais audaz guerrilheiro, a maior capacidade estratégica ao serviço da revolução.

O genial caudilho nesse formidável duelo de 93, juntamente com seu adversário, o campeador José Gomes Pinheiro Machado, temível tático, sem freqüentarem os bancos das academias militares, foram nos lombos das coxilhas e nas perigosas canhadas que muito trilharam, dois respeitáveis mestres na arte da guerra, no conduzir seus comandados à luta, tornando-se padrões, admiráveis gaúchos que traçaram na agigantada pugna, páginas indeléveis, nunca excedidas em bravura e heroísmo, esteriotipando características dêsse povo que habita as verdes pampas sulinas e que não os esquece em apontá-los como exemplo às gerações vindouras.

Depois dêsse combate, reunido o "Estado-Maior Revolucionário", no local Umbu, na linha divisória da república uruguaia, hoje município de D. Pedrito, tenazmente perseguidos pelo inimigo, seus componentes resolveram que emigrassem todos os chefes, inclusive os

Generais Joca Tavares e Salgado, menos o Cel. Gumercindo Saraiva e Ten-Cel. Estácio Azambuja, para que arrebatassem a cavalhada do govêrno que estava sob a guarda dos Coronéis Joaquim Elias Amaro e Manoel Pedroso de Oliveira, na chácara do Cotovêlo — Passo do Quebraxinho —, arrabalde da cidade de Bagé.

Depois de marchas camufladas e rápidas, a fôrça revolucionária que constava de 600 homens, mais ou menos, operou da seguinte forma: Estácio Azambuja à frente de 200 homens, tendo como auxiliar o afamado Major Fidéles, ocupou o potreiro da cavalhada durante a noite, num silêncio absoluto e sem que a guarda pressentisse.

Contornando as fraldas do Cêrro de Bagé, numa noite neblinosa, ao clarear do dia começou a arrebanhada com grande estardalhaço, arreando os animais na direção de Sta. Tecla.

Antes do sair do sol o comandante da praça já sabedor do fato, mandou precipitadamente um piquête de 30 homens, mais ou menos, explorar o terreno. Surgia o sol no horizonte quando apareceu essa fôrça aos olhos do comandante revolucionário que tinha ficado na retaguarda para observar os movimentos do inimigo em companhia do denodado Fidéles que se achava à frente de 15 homens. Foi então quando enxergando êste a fôrça exploradora do inimigo pediu ao Ten-Cel. Estácio, seu comandante, que lhe cedesse alguns homens mais, para atacar e derrotar aquela fôrça. Ao que respondeu o tenente-coronel: *"Não consinto esta operação, major, porque não estamos aqui para brigar, e, sim para arrebatar a cavalhada que já vai longe"*. A isto retrucou Fidéles, insubordinando-se por embriaguez: *"Pois então eu atropelo com os meus quatro gatos"*.

E investiu contra o inimigo, já maior em número, convenientemente reforçado, entreverando-se com êle a espada e lança.

A fôrça "maragata" foi esmagada pela maior porção de "pica-paus", deixando no campo vários mortos e feridos, entre os quais o próprio Maj. Fidéles, que apresentava ferimentos de bala, de lança e de espada. Dos republicanos, morreu o valente Ten-Cel. José Honório Bandeira, comandante de um corpo de cavalaria civil de Canguçu.

Diante daquêle quadro maravilhoso pelo brilho das armas ao sol nascente e pelo brilho da coragem humana, mandou por sua vez um refôrço para atacar e repelir o inimigo, agora com inteiro sucesso. Isto se deu durante a noite de 16 de maio de 1893, e à madrugada de 17, enquanto o Cel. Gumercindo Saraiva em movimento de proteção marchava de linha estendida a Oeste da cidade na direção de São Martinho.

Graças a esta façanha da conquista de 2 a 3 000 cavalos pelos bravos "maragatos" pôde continuar a revolução durante êsse inverno, até que refeito os emigrados para a república oriental tornassem a invadir o solo pátrio.

———o———

Por incumbência do Marechal Floriano Peixoto, Vice-Presidente da República, depois de alguns dias de permanência na cidade de Bagé a 11 de junho de 1893, partiu em demanda ao local onde se achava o Gen. Joca Tavares, na missão de com êle conferenciar, o Sr. Senador Francisco Manoel da Cunha Junior que posteriormente deu ao "Jornal do Brasil" a entrevista seguinte que foi reproduzida pelo jornal "Artistas", da cidade do Rio Grande, em 27 de junho de 1893.

ENTREVISTA COM O JORNAL DO BRASIL

O Senador Cunha Junior chegou do Estado do R. G. do Sul, onde fôra por incumbência do Sr. Vice-Presidente da República.

A imprensa noticiara que S. Ex.ª tivera uma conferência com o Gen. Silva Tavares, de que trazia um documento comprobatório.

É pois natural a grande curiosidade desenvolvida com a chegada do parlamentar do chefe do Estado.

Para satisfazê-la em parte, procuramos S. Ex.ª, que nos recebeu com o maior cavalheirismo e nos concedeu a entrevista de que damos conta aos leitores.

Eis como se passou a nossa conversa.

V. excia. que foi encarregado dessa comissão ao Rio Grande, tinha antigas relações com o sr. general Tavares?

— Sim. Servira sob seu comando na guerra do Paraguaí, de onde voltei como coronel, tendo partido tenente de voluntários. Acompanhei essa campanha até a morte de Lopez nas margens do Aquidaban, de onde trouxe, como lembrança, o cavalo que o ditador montava e que me foi oferecido pelo visconde de Pelotas. Este cavalo dei-o ao imperador, que o possuio, ao que sei, até á proclamação da República.

— V. excia., esteve no Rio Grande e Pelotas, antes de chegar a Porto Alegre? Foi procurado por muitas pessoas desses lugares? Que diziam elas?

— Estive naquelas duas cidades, cêrca de duas horas, em cada uma. Fui procurado por alguns cavalheiros dessas localidades, e daqueles com quem pude conversar colhi manifestações favoraveis á terminação da guerra civil, que todos me perguntavam se eu ia acabar.

— Quando chegou a Porto Alegre?

— Cheguei a 6 de maio e lá estive até o dia 1.º de junho.

— Foi logo visitado pelo governador Castilhos?

— Fui; mas êle não me encontrou no hotel e deixou-me o seu cartão de visita. Depois disso fui eu procura-lo e retribuir-lhe essa gentileza.

— Que aspeto lhe apresenta Porto Alegre? Sente-se retraimento, devido a má situação do Estado? Ha muita tropa na cidade?

— Nota-se um certo retraimento da população nacional, o que é natural, devido a fase que o Estado atravessa; eu supunha encontrar a cidade mais abatida. Ha, porém, ali grande número de estrangeiros, italianos e allemães, ocupados no comércio, e isto dá muita vida a cidade. Ha pouca tropa em Porto Alegre, só um batalhão de linha e a policia.

— V. excia. encontrou o general Moura na capital?

— Encontrei-o, morando no quartel general e superintendendo o serviço do exército em operações.

— Nos 25 dias que v. excia. esteve nacidade, colheu bastantes informações sobre a situação do Rio Grande, ouviu elementos de um e outro lado?

— Tanto quanto éra possivel procurei esclarecer-me e busquei informações de todas as procedências.

— No Rio Grande acredita-se que a guerra termine breve, ou que ela demorará?

— Ninguém poderá avaliar ao certo até quando irá essa luta, si os dois campos se conservarem extremados.

— O gen. Moura conta demorar-se no Rio Grande? Correu aqui que êle está enfêrmo.

— Êle não sabe ainda até quando ficará ali. Sua moléstia manifesta-se por uma inflamação nas pernas e não o priva de trabalhar.

— Saindo de Porto Alegre no dia 1.º de junho, quando chegou a Bagé, e quantos dias lá demorou-se?

— Cheguei no dia 6 e lá estive até o dia 11.

— Encontrou ali o gen. Teles e conferenciou com êle?

— Encontrei-o aí pela primeira vez, e com êle informei-me mais ainda do estado das forças legais, que, aliás, eu já conhecia muito bem por informações do ministro da Guerra, com quem sempre estive na capital.

— Que providências tomou aí em Bagé para pôr-se em contato com o gen. Tavares?

— Procurei informações de todos os lados e não conseguí saber onde êle se achava. Deliberei então seguir para o Estado Oriental, em sua procura, e fi-lo seguido de um piquete e em companhia do cel. Teodoro Lopes e do alferes Francisco de Paula Ferreira.

Passei o rio S. Luís, que divide o território brasileiro do oriental, e fui pernoitar na pequena ilha daquele nome, onde recebeu-me o cel. Perez, comandante da Fronteira.

Com um piquete, por êle fornecido e comandado pelo alferes Otaviano Landesma, seguí em companhia dos dois oficiais brasileiros a que já me referí, em direção á estância "Lichiguana", próxima a serra de Aceguá, de propriedade do sr. Ramon Ferreira F.º, partidário da política castilhista. O piquete brasileiro que me acompanhara ficou á outra margem do rio.

— V. excia. teve aí notícias do gen. Tavares?

— Não. Estava bem perto dêle e ninguem sabia dar-me notícias. Expedi próprios, que de nada me serviram. Essa zona uruguaia é ocupada por grande número de estancieiros federalistas; aí estão instalados os srs. José Luís da Silveira Martins (irmão do conselheiro Gaspar), Vasco Martins, drs. Têrtuliano, Freitas e outros. Foi por isso que procurei instalar-me ali para descobrir o paradeiro do gen., mesmo porque informaram-me que esse ponto éra um centro de operações.

— Não o descobrindo por informações do sr. Ramon, o que fez?

— Sendo informado que, mais adiante, na estância dos "Currais", estava o seu irmão, barão de Sta. Técla, mandei a este um recado, dizendo-lhe que ali estava para conferênciar com o gen. Tavares e que seria favor mandar-me informações sobre o lugar em que me seria dado encontra-lo. Êle escreveu-me dizendo que viria ter comigo, o que efetivamente fez, declarando-me que o gen. estava em território rio-grandense, nos potreiros de "Ana Corrêa".

Deu então as providências necessárias e o gen. mandou-me dizer que a 17, do meio dia em diante, estaria ás minhas ordens na estância do sr. Roberto Silveira, seu partidário, situada na linha da fronteira. Para ali dirigi-me, acompanhado dos oficiais brasileiros e do oriental, que até então me seguiam, e chegando fui informado de que o gen. alí estava.

— O gen. veiu acompanhado para essa estância?

— Vieram com êle seu filho dr. Pedro Tavares; seu irmão Zéca Tavares, tambem seu sobrinho e gênro; o ten-cel. Procópio Melo, meu conhecido de campanha, e outros.

— V. excia. pode descrever-nos o seu encontro com o general?

— Pois não. Fui introdusido na sala do sr. Silveira e assentei-me com os meus companheiros. Fôram chamar o gen., que estava no interior da casa. Apareceu-me muito lhano, prasenteiro, e, reatando nossas velhas relações, abraçou-me, admirando-se de vêr-me tambem de barbas brancas, êle que me conhecera bem moço.

— O gen. viera a cavalo com sua comitiva?

— Sim, e chegou mais depressa do que eu. Quando eu lhe fiz notar essa circunstância, respondeu-me: É que sou mais vaqueano.

— E quantas léguas haviam percorrido v. excia. e o general para chegarem a esse lugar?

— Êle, nove léguas, e eu seis.

— Que tipo tem o general?

— É um homem de baixa estatura, largas espaduas, barba toda branca, tem uma vêrruga junto ao nariz, muito caracteristica.

— Êle está forte, bem dispôsto.

— Nunca supoz encontra-lo tão bem, Está vigoroso, muito bem conservado; não parece um homem de 70 anos.

— O gen. é um homem de maneiras reservadas?

— Pelo contrário, é homem franco e alegre.

— Que tempo demorou-se êle na presença dos circunstantes a que se referiu.

— Uns 15 minutos, trocando palavras naturais nessas ocasiões.

— E depois?

— Êle disse-me, levantando-se: Vamos conversar! E dando-me o braço, levou-me para uma sala, onde nos trancamos.

— E v. excia. nada nos póde dizer sobre essa conferência?

— É impossivel. É um dever de lealdade e trata-se de um assunto melindroso. Ambos nos comprometemos a guardar o mais absoluto segrêdo sôbre o que entre nós se passou.

— Mas dizem que v. excia. trouxe um documento para entregar ao sr. vice-presidente da República?

— É verdade. Nós conferenciamos cêrca de seis horas; depois combinando-se em lavrar por escrito, as conclusões a que chegamos, êle propoz-me a que eu as escrevesse.

Ponderei-lhe então que, para maior segurança e prova de autenticidade, seria melhor que um terceiro, sujeito as mesmas condições que nós, sobre o segredo de tudo, escrevesse esse documento. Eu conhecera um moço rio-grandense, em que ambos confiavamos, formado, muito inteligente, pessoa de certa imparcialidade, cujo nome lembrei para esse serviço, e que foi aceito.

— Em quantas fôlhas de papel foi escrito esse documento?

— Em fôlha e meia de papel almaço.

— E depois de escrito o documento, o que se passou?

— Lêmo-lo, assinamo-lo e eu fecheio e lacrei-o na presença do general. Êle instou comigo para que jantasse, e a dona da casa para que eu pernoitasse. Agradeci-lhe a gentilesa, que não pude aceitar, e voltei para a estância do sr. Ramon.

— Durante a sua passagem pela companha v. excia. não viu alguma força federalista?

— Vi, quando eu estava na estância do sr. Ramon, as forças que invadiam o Rio Grande evitaram passar em suas visinhanças; contudo, durante o tempo em que ali estive, por lá passaram cêrca de 800 hs. em direção ao território brasileiro. Uma vez, cêrca de tres horas da tarde, estava dentro de casa, quando fôram chamar-me para vêr um grande grupo que passava. Éra uma força de 218 homens. O alferes oriental que me acompanhava convidou o comandante a falar comigo, o que este fez: éra o ten-cel. João Soares. Perguntei-lhe o que fazia já que continuava áquela guerra; respondeu-me que cumpria o seu dever.

— E em que estado passavam esses homens?

— Esse batalhão vinha marchando direito, dividido em pelotões, comandados cada um por um oficial.

— Qual é o fardamento?

— Não ha fardamento. Ha gente vestida de todo modo vi até homens nús, apenas de tanga, e outros cobertos de peles de carneiro.

— E todos montados a cavalo?

— Todos a cavalo.

— Mas essa gente não é armada?

— Ninguem vê as armas; mas sabe-se que elas se escondem debaixo dos arreios dos cavalos, que são diferentes dos que nós conhecemos.

— V. excia. encontrou algum conhecido velho da guerra do Paraguai?

— Diversos; entre êles, por exemplo, o célebre Chico Diabo, que foi quem matou Lopez, como se diz.

— Isto é curioso V. excia. pode narrar-me como encontrou esse homem?

— Chico Diabo, cujo nome é Francisco Lacerda, é um homem branco. Na campanha do Paraguai éra o cabo de ordens do gen. Tavares; conservou-se muito dedicado a este e á sua familia; éra capataz das estâncias do barão de Sta. Técla, quando, com a revolução foi obrigado a emigrar para o Estado Oriental. Apareceu-me casualmente na estância do sr. Ramon, como outras pessoas que iam perguntar-me si eu estava incumbido de "acabar com a guerra".

Não o conheci; fiz-lhe algumas perguntas, por onde verifiquei que servira na campanha do Paraguai e estivera em Aquidaban; por si soube quem éra êle. Quando lhe disse que lá estivera, sendo então comandante do 36.º de voluntários, êle proferiu o meu nome. Desde então afeiçou-se muito á minha pessoa e veiu comigo até Bagé, onde com o gen. Teles, consegui para êle todas as garantias e fi-lo voltar ao trabalho.

Prestou-me serviços na viagem, levando a sua obsequiosidade até passar-me nas costas no Rio Negro, que tinha então alguma agua.

— V. excia. que atravessou essa vasta zona da campanha, como encontrou aquelas regiões?

— Toda a zona por onde as tropas, de um e outro lado têm passado está devastada. Não ha gado nas estâncias, não ha plantações.

Homens que éram ricos, hoje não possuem nada. O povo das estâncias, ou está servindo na guerra ou emigrou.

— Chegando de volta a Bagé, v. excia. aí demorou-se?

— Apenas tres dias para descançar; sentia-me fatigado.

— Daí ainda foi a Porto Alegre e Pelotas?

— Não; evitei essa cidade e dirigi-me diretamente para o Rio Grande, onde aguardei a chegada do paquete em que devia embarcar para o rio.

— E na volta não encontrou o gen. Teles?

— Estive com êle no Rio Grande, onde chegou depois de mim e onde deixei-o.

— Êle não vem para o Rio? Já estando a beira-mar?

— Não sei ao certo; parece-me que vem.

— V. excia. já esteve com o sr. vice-presidente da República?

— Não. Ontem cheguei muito fatigado e falei com um ajudante de ordens, que s. excia. mandou ao meu encontro.

Pedi para que o prevenisse de que apareceria hoje; fui, depois de meio dia, a sua casa e não o encontrei para lá seguirei de novo as 7 horas da noite.

— E pretende conferenciar muito tempo com s. excia.?

— Naturalmente precisamos conversar algumas horas.

— Foi nomeado ministro em missão especial no Uruguai, o dr. Vitorino Monteiro; correu aqui que êle procuraria entender-se com alguns chefes federalistas no sentido de promover a terminação da guerra. Diz-se que êle tem relações pessoais com vários membros desse partido.

V. excia. acha possivel que êle faça alguma coisa nesse sentido?

— Não sei. Não estive com o dr. Vitorino no Rio Grande e não me foi dado observar os elementos de que s. excia. poderá dispôr nesse sentido; por isso não tenho opinião a respeito.

— O gen. Tavares é republicano, não é verdade?

— Declarou-se desde o tempo da monarquia.

— Êle lamenta vêr o Rio Grande nessa situação?

— Lamenta, tanto êle, como o governador, como todos os rio-grandenses.

— O sr. Julio de Castilhos é homem de ação?

— Muito. Muito. É um homem do govêrno; é pena que se encontre numa situação como a atual; trabalha muito e vive sempre no palácio.

— Conhece bem o Estado?

— Essa posição em que se vê, á frente da guerra civil, já deve ter-lhe dado qualquer coisa de general?

— É verdade. Êle não conhecia a campanha, propriamente dita. Ultimamente tem sido obrigado a estuda-la e está bem informado de tudo.

— Mas êle expede ordens, dirige alguma coisa de tática?

— É êle que ordena as evoluções das tropas civis do Estado, mas essas de acôrdo com os generais Moura e João Teles.

O sr. senador desculpou-se por não poder responder a outras perguntas que lhe fizemos.

S. excia. ponderou que nós deviamos comprender a delicadesa de sua posição. Trocadas mais algumas frases, sem importancia para o publico, retiramo-nos, agradecendo o acolhimento de s. excia.

———o———

Gumercindo Saraiva que ficara manobrando hàbilmente neste Estado, depois da revolução de "Umbu", foi perseguido por fôrças da divisão ao mando do Gen. Francisco Rodrigues Lima, da qual

fazia parte José Gomes Pinheiro Machado que o obrigou a transpor precipitadamente o rio Jacuí.

Desenvolvendo o plano que havia traçado o grande caudilho maragato — uma seqüência de guerrilhas — surge à margem esquerda do Piraí-Grande, no segundo distrito dêste município, a 20 de junho de 1893, onde teve ligeiro encontro com as fôrças do govêrno, ao mando do Cel. Antonio Adolfo Mena Barreto, que fê-lo transpor o rio sob nutrido fogo.

Gumercindo que achara o local impróprio, desfavorável, para uma ação de combate, se retirou com sua fôrça, mas a 23 do mesmo mês, tiveram os dois guerreiros novo encontro, agora na Serrilhada. Travou-se então o sangrento combate, havendo numerosas baixas de parte a parte, devido a intensa fuzilaria, ao destro manejo de arma branca e às formidáveis e repetidas cargas de lança; saindo com dois ferimentos de bala, em uma das pernas, o bravo Cel. Mena Barreto.

Recolhido a esta cidade, estêve poucos dias em tratamento, na acolhedora mansão do respeitável Sr. Cel. Antonio Xavier de Azambuja, de onde partiu para Pôrto Alegre, recebendo na véspera de seu embarque honrosa manifestação de aprêço e consideração pelos relevantes serviços prestados à República, que nêle teve um dos mais fortes e sinceros adeptos. Gumercindo, ao findar êsse encontro sangrento, seguiu com seus lanceiros rumo a Lavras.

Em fins de junho de 1893, as fôrças revolucionárias, em pequenos grupos, começaram a se reunir neste município de Bagé, sendo que de vez em quando, surgiam nos subúrbios da cidade, alguns elementos que travavam com as autoridades fortes tiroteios.

Devido a êsses fatos e ainda, por ser reduzido o efetivo aqui aquartelado, o que tornava fácil prever um possível sítio desta cidade, a 29 de junho, procedente de S. Gabriel, cá chegou numerosa coluna, constituída de elementos das três armas, comandada pelo Sr. Gen. Antonio Joaquim Bacelar, chefe do 6.º distrito militar, que veio em auxílio desta guarnição.

Essa fôrça legal era composta da Divisão Norte, do Gen. Francisco R. Lima, reforçada pela coluna ao mando de José Gomes Pinheiro Machado, mais tarde eminente líder da política nacional, e de seu irmão o Cel. Salvador Pinheiro Machado, comandante da vanguarda.

A fôrça de infantaria, composta do 4.º bat. e de outros contingentes, veio às ordens do Cel. José Salustiano Reis, e a divisão de artilharia, no momento, comandada por um oficial subalterno.

Nessa época, a imprensa da cidade do Rio Grande, espelhando os acontecimentos, em seu jornal o "Artista", do dia 27 de julho de 1893, noticiava os fatos seguintes:

"Continuam interrompidas as comunicações telegráficas entre aquela cidade de Bagé".

"Sabemos que a estrada de ferro acha-se completamente inutilizada de Cêrro Chato em diante.

Das pontes, a que não está destruída por dinamite está sem segurança para a passagem dos trens; há muitos trilhos levantados e alguns quilômetros de linha destruídos.

Há dias, fôrças federalistas fizeram despenhar-se uma locomotiva por um atêrro abaixo quebrando-a, e incendiaram seis carros!

A ponte de Piratini está guarnecida por um batalhão de linha".

"No trem da tarde chegaram ontem do interior do Estado, os Srs. Gen. João Batista Teles, Major Francisco de Paula Alencastro, comandante do corpo de transporte, Tenente Canuto Batista de Oliveira, do 1.º de infantaria de reserva da Brigada Militar e o Alferes Antonio Lúcio da Silveira".

Retirava-se, assim, o Gen. João B. Teles para o Rio de Janeiro, depois de ser a seu pedido exonerado do comando em chefe do exército em operações neste Estado, onde prestou grandes serviços à República. Para substituí-lo durante o mês de agôsto, estêve interinamente na chefia desta guarnição e fronteira, o Cel. José Joaquim de Aguiar Corrêa, comandante do 11.º reg. cavalaria.

———o———

Em substituição ao Sr. Gen. João Teles, em outubro de 1893 foi nomeado o Sr. Marechal Isidoro Fernandes de Oliveira, que assumiu o comando, na fase de maior movimento e ação dos federalistas, nesta zona meridional do país.

Pouco antes de sua chegada a esta cidade já havia iniciado o Sr. Cel. Salgado, em 10 de outubro de 1893, a segunda invasão do Estado, transpondo a fronteira na coxilha do "Haedo", com mil homens e, entre Encruzilhada e S. Sepé, fêz junção com as fôrças de Gumercindo, vindo travar em 27 dêsse mês, o renhido combate do Cêrro do Ouro, onde por arrôjo e valentia sobressaíram os Srs. Cel. Aparício Saraiva — (*de nacionalidade uruguaia e*) último chefe dos lanceiros de 93, em armas no R. G. do Sul —, e o distinto bagèense Ten-Cel. Estácio Azambuja.

Forçado por intimação das autoridades uruguaias, em *6 de agôsto de 1893,* antecipando-se à chamada "segunda invasão federalista", o Gen. Joca Tavares penetrava o solo gaúcho, onde ativamente organizou forte exército, enquanto Gumercindo e Salgado marchavam para o Norte, rumo aos estados do Paraná e Sta. Catarina.

O moral das fôrças federalistas estava no auge do entusiasmo por seus últimos feitos d'armas e pela presença do comandante em chefe Gen. Joca, quando o marechal Isidoro chegou a esta cidade e verificou que os dias decorriam agitados, onustos de receios e de ódio.

Tratou de organizar as fôrças de seu imediato comando que estavam constituídas do modo seguinte: 31.º bat. inf. comandado pelo

Cel. Carlos Maria da Silva Teles, que mais tarde passou a comandar tôda a guarnição; 4.º reg. art. comandado pelo Major Miguel Paes; 28.º bat. inf. sob o comando de Ten-Cel. Donaciano de Araujo Pantoja; contingente do 2.º bat. de engenharia; 2.º bat. da Brigada Militar sob o comando do Ten-Cel. Afonso Massot; 3.º corpo provisório; pessoal da Guarda Aduaneira; 1.º bat. da Brigada Militar às ordens do Ten-Cel. Utaliz Lupi, e da cavalaria civil; 600 homens, ao mando do Cel. Manoel Pedroso de Oliveira.

Diz o ten-Cel. Eduardo Peres Campelo de Almeida, em "A Defesa Nacional", n.º 385, ano 1946, que o efetivo dos irmãos Pedroso (Manoel e Antero) éra de 1300 homens.

No desempenho de sua nova e espinhosa missão, a primeira medida do Gen. Isidoro foi a de guarnecer fortemente alguns pontos da fronteira e concentrar suas fôrças na estação de Piratini porém, antes de sair desta cidade, foi forçado a alterar seu plano em virtude da intensificação do movimento das fôrças federalistas, resolvendo formar um centro de resistência na estação do Rio Negro, hoje Hulha Negra, porque para êste município convergiam as atenções do adversário. Distribuiu seus efetivos da maneira seguinte: na cidade de Bagé foi escalado a ficar o Cel. Carlos Teles, comandando a guarnição que se compunha do 13.º bat. inf. do 4.º reg. art. e da guarda aduaneira.

Durante a marcha determinou ao Cap. Bento Gonçalves da Silva F.º, comandante do corpo de transporte, com efetivo de 100 homens, e ao Ten.-Cel. Afonso Massot, com o 2.º bat. da reserva da B. M., a ocuparem o "Passo Real do Quebraxo-Grande" e o "Passo das Mortes", situados entre Hulha Negra e Bagé, para servirem como elementos de ligação das diversas unidades do comando.

Destacou a cavalaria ao mando dos irmãos Manoel e Antero Pedroso de Oliveira, com a missão de guarnecer as imediações e a ponte do Candiota na estrada que vai a Pedras Altas pois que na Bomba do Candiota já se encontrava o 2.º reg. de cav. ao mando do Cap. João de Deus Guimarães e na estação Nascente, o 5.º da mesma arma e com os restantes contingentes, foi acampar na Estação Rio Negro.

Êstes elementos ali chegados acamparam às margens do arroio, tendo o marechal estabelecido o seu Q. G. mais acima, no tôpo de uma coxilha onde havia uma mangueira de pedra que foi aumentada por um simulacro de trincheira — valo circular — situada perto da casa do Sr. Manoel Saraçol.

Tomando tôdas as precauções de segurança foram guarnecidos os pontos de valor tático e enviados em diversas direções, piquêtes de cavalaria a fim de evitar alguma surprêsa por acesso inimigo.

Tudo preparado, prevendo dentro em breve entrar em luta porém jamais supondo os dias amargos que lhe reservava o destino, o que seria o combate do Rio Negro, que assinalou na revolução de 93, a mais tremenda luta, tendo por epílogo apertado cêrco, onde se deram lamentáveis cenas que ultrapassaram a História, ganhando os

foros da lenda, transformada em substância pela pena brilhante do romancista e poeta conterrâneo, sr. Pedro Wayne.

Diz o historiador, Ten.-Cel. Eduardo Peres Campelo de Almeida, na "Defesa Nacional", n.º 385, ano 1946, págs. 1209 e 1210, o seguinte: "Os Pedrosos, homens destemidos e afeitos à luta, reconhecendo a superioridade do adversário e admitindo, pela experiência que tinham, ser uma temeridade, quiçá um suicídio, tentar resistir a semelhante inimigo, aconselharam ao general uma retirada para Bagé, onde a defesa seria feita em condições mais favoráveis e talvez mesmo com possibilidade de êxito. Não tendo sido atendidos nesse alvitre disseram-lhe: *"Senhor general, o senhor vai nos sacrificar, continuaremos a combater a seu lado para que o sr. não nos chame de covardes"*.

E assim aconteceu infelizmente".

———o———

COMBATE DO RIO NEGRO

Esplanada que foi a discriminação do que se passava nas fôrças legais, vejamos o que acontecia no exército federalista; desde a reunião das fôrças, preparativos, conferências entre os chefes, planos do COMBATE DO RIO NEGRO e finalmente a marcha sôbre o inimigo, porque, a êsse exército coube a iniciativa de tôda ação sôbre o adversário naquela ocasião de vida agitada nas pampas do R. G. do Sul.

O que citaremos são informes de grande valor, extraídos de importantes documentos, que possuímos em nosso arquivo particular.

Desde a primeira invasão do território nacional em 93, vinha o Marechal Floriano Peixoto à frente do govêrno brasileiro, numa época em que se fazia necessária a consolidação do novo regime republicano implantado no país, agindo ativamente por intermédio da diplomacia junto ao govêrno uruguaio a fim de evitar a estada de agrupamentos de elementos revolucionários na fronteira, pois sabido era que ali surgiam e se organizavam no propósito de invadir a êste Estado e combaterem à mão armada o govêrno constituído.

Entre os emigrados se encontrava o prestigiado Gen. Joca Tavares, acolhido com tôda a fidalguia, na estância dos "Molhos", de propriedade do sr. João Francisco da Silva, quando a 6 de agôsto de 1893, ocasião em que estava doente, foi procurado, por ordem do govêrno oriental, por um comissário que ali fôra prendê-lo.

Não se conformando com a intimação recebida, o chefe revolucionário, apesar de doente, resolveu nesse mesmo dia transpor a linha divisória, no Aceguá, se quedando em território pátrio.

Permanecendo alguns dias nesse local, onde se restabeleceu da enfermidade que o acometeu, soube que, a 8 de agôsto de 1893, as autoridades uruguaias haviam prendido, na cidade de Melo e condu-

zido para permanecerem internados em Montevidéu, seus dois irmãos: Zeca e Dr. Francisco da Silva Tavares.

O ilustre guerreiro apesar de sua avançada idade, uma vez restabelecido, julgando-se em condições de enfrentar a vida do campo, com as asperezas de uma nova cruzada, seguiu para o Ponche Verde, onde fêz seu quartel e expediu ordens dando início à incorporação de diversos grupos esparsos que existiam na zona fronteiriça.

Raiava o mês de setembro, o mês da PRIMAVERA, em que a natureza se engalana e canta, com seus belos dias mais longos e de ameno clima, convidando aos homens desta região de alcatifadas coxilhas, vastos descampados salpicados de "caponetes" e coroados de agasalhadores matos, a se agitarem, quando o Gen. Joca, à frente do contingente já reunido, rumou ao arroio Piraí e à estância de seu irmão Joaquim, Barão de Sta. Tecla, onde ao chegar deu ordem para acampar.

Nesse local, após rápido descanso, foram emanadas determinações ativando as reuniões dos elementos revolucionários em vários pontos desta zona sul do Estado que, num entusiasmo crescente, dia a dia, engrossavam as fileiras do exército dos lanceiros de 93.

Evidente era que seus companheiros tudo faziam para lhe dar o concurso na defesa dos ideais parlamentaristas, assim foi que a 30 de setembro de 1893 conseguiu sair ocultamente de Montevidéu o Cel. Zeca Tavares que após vencer uma série de obstáculos, a 10 de outubro, chegou ao Piraí, onde se encontrava o seu irmão e sogro, Gen. Joca.

Depois de vibrátil recepção que acolheu a chegada dêsse valoroso chefe que gozava (não só pelos laços de parentesco) da simpatia e confiança do general, foi pelo comando resolvido ampliar o raio de ação, sendo expedidos novos chamados, conclamando reuniões nos municípios de Bagé, Piratini, Cacimbinhas e Caçapava.

Nesse mesmo dia foi acordado que o Cel. Zeca fôsse para Sta. Tecla (Olhos d'Água), organizar ali o elemento que em pequenos partidos, nessa época, já cercavam a cidade de Bagé, por todos os lados. Porém, antes de partir a cumprir a missão que lhe foi confiada ponderou, ao general em chefe, a enorme vantagem que via em apressar o movimento revolucionário e atacar a cavalaria do Gen. Isidoro, que já convergia para Sta. Rosa e outros pontos próximos à estrada de ferro, entre as estações de Candiota e Rio Negro, hoje Hulha Negra.

Essa idéia foi aceita, o que motivou a chamada do Cel. Pina que estava acampado em campos do Sr. Belisário Sarmento para conferenciar a êsse respeito.

Iniciou a conferência o próprio Gen. Joca expondo aos presentes o objetivo que os congregara e suas vantagens, no que foi por todos acatado, porém, Pina ponderou fazendo sentir a falta de armas, de cavalos e de munições, levando o comando a nada resolver definitivamente.

A 20 de outubro, em Olhos d'Água, o Cel. Zeca assumiu o comando de cêrca de 300 homens, tratando em seguida, de aumentar essa fôrça com o maior número possível de correligionários, acelerando a reunião de grupos esparsos que se achavam em vários pontos do Estado, e destacou a partida de volantes em permanente observação do inimigo nas pontas do Rio Negro, estação de Sta. Rosa e Bolena.

Como nesses locais o adversário fôsse numeroso, a fim de observá-lo, por ordens superiores, à frente de fortes contingentes, seguiram para o arroio Jaguarão, o Cel. Antonio Neto e Maj. Fidélis.

Em princípios de novembro de 93, a divisão que se organizava em Sta. Tecla (Olhos d'Água), contava com o concurso de seiscentos e muitos homens, o que acarretou ao comandante Zeca todo empenho e sacrifício em lhes dar armas, munições e cavalhada, quando a 10 dêsse mês, recebeu um ofício, do Cel. Antonio Neto, pedindo que lhe mandasse proteção, pois que estava com o inimigo pela frente, bem equipado e em número maior.

Êsse pedido chegou à noite e foi imediatamente atendido, pois ouviu-se a seguir a voz de: *"aprontar a gente armada"* e de madrugada o próprio comandante marchou com 300 e muitos homens, rumo à estação do Rio Negro em procura da fôrça federalista ao mando do Cel. Antonio Neto e não a encontrando durante todo o dia, à noite acampou junto à casa do Sr. João Rita.

Recém iniciava o dia quando chegou ao acampamento o Cap. Alfredo Rosa que, por sua ordem, havia saído à procura de Neto, trazendo um bilhete dêste em que dizia que se retirava rumo ao Espantoso, onde estava o general em chefe, e que êle Zeca deveria transpor os trilhos do leito da estrada de ferro e marchar a êsse mesmo rumo, visto que o inimigo em movimento era em número grande.

Essa opinião não foi aceita pelo Cel. Zeca, que permaneceu onde se achava, aproveitando a oportunidade daquela posição, destacou o Maj. Raimundo Satiro da Cunha para, à frente de um piquête de cavalarianos ir a Sta. Rosa descobrir o inimigo em suas posições, o que foi executado muito ao contento do coronel que louvou a êsse oficial pelo magnífico serviço prestado, e com o grosso de seu contingente se aproximou do acampamento do Rio Negro, onde estavam as fôrças legais comandadas pelo Gen. Isidoro.

Foi feliz em sua resolução porque conseguiu atingir a um cêrro, próximo ao acampamento adversário, onde a olhos nus pôde examinar o bivaque, posição e entrincheiramento, tomando de tudo minuciosos apontamentos.

De posse de tão importante observação à tarde dêsse dia, contramarchou para Olhos d'Água, local em que havia ficado o resto de sua coluna, chegando ali no dia seguinte.

Providenciou em seguida para que o secretário, Maj. João Luís G. de Melo, fizesse um relatório do acontecido durante a marcha

ao Rio Negro, com mapa do terreno e fortificações ocupadas pelos legalistas e isso feito, remeteu ao Gen. Joca, ponderando a grande vantagem que alcançaria a revolução se fôsse batida a cavalaria que estava em Sta. Rosa, o que não seria difícil, logo que sua gente estivesse tôda armada e a execução do ataque fôsse efetivada de acôrdo com o Cel. Pina que no momento, estava acampado nas margens do arroio Piraìzinho.

Respondendo a êsse comunicado, o alto comando fêz ver que estava envidando o máximo esfôrço para obter pleno sucesso no plano em esbôço e que já havia oficiado ao Cel. Cabeda que marchasse com brevidade para o Piraí e que êle, Zeca no dia 18 de novembro bem cedo, estivesse no Piraìzinho, em casa do Sr. João Damé onde encontrá-los-ia — Joca Tavares, Pina e Cabeda — a fim de conferenciarem sôbre as operações a encetar.

Assim foi que, atendendo à ordem recebida, no dia 18 seguiu com seu estado-maior para o referido local, onde os encontrou festejando a recente promoção de Pina ao elevado pôsto de general dos guapos lanceiros de 93. Ali chegado, apresentou um mapa da fôrça de seu comando que já contava do efetivo de 635 homens de forma regularmente armados e relativamente bem montados.

Satisfeito o alto comando com o aumento e organização da fôrça de Olhos d'Água, deu início à discussão do plano de ataque às fôrças do govêrno. Dessa conferência, depois de longa troca de idéias, ficou combinado que as fôrças sob o comando do Gen. Isidoro deviam ser batidas nas posições em que estavam e que o primeiro ataque devia ser levado à cavalaria que estava em Sta. Rosa e logo após a que estava em Rio Negro.

Ao despedir-se, o Gen. Joca, ordenou a Pina e Zeca que se mantivessem sempre em contato, que combinassem tanto a marcha quanto o ataque e lhes declarou que havia oficiado ao Cel. Cabeda para que mandasse 300 homens de sua fôrça a fim de auxiliá-los na operação combinada.

Palestraram os dois comandantes e acordaram no seguinte: Pina, à frente de sua fôrça aumentada de 300 homens da gente do Cel. Cabeda, marcharia no dia 22 à tarde contornando à noite os Cerros de Bagé, passando o Quebraxinho e ao flanquear a linha férrea, trataria de destruí-la, pois que, para isso contava com pessoal idôneo a cumprir êsse objetivo de grande importância no evitar que o adversário pudesse ter pronto auxílio das autoridades estacionadas na cidade de Bagé.

À noite dêsse mesmo dia, o Cel. Zeca marcharia com sua gente se ocultando pelas pontas do Quebraxo e do Rio Negro, de forma a se achar a 24 ao clarear do dia, em Sta. Rosa, onde estava a cavalaria do govêrno, atacando-a pelo Norte enquanto o Gen. Pina estaria no mesmo dia e hora, no mesmo ponto, atacando-a pelo Sul; colocariam-

na entre duas poderosas colunas, prevendo-se dessa maneira fácil vitória.

No dia combinado se desenvolvia normalmente o plano de ação, com o início da marcha das duas colunas.

A de Zeca Tavares, no dia 23, permaneceu todo o dia parada, oculta nas pontas do arroio Quebraxo-Grande donde levantou acampamento, dali marchando ao escurecer, rumo ao local "Arvolito", situado a uma légua do ponto em que estava o inimigo, para fazer novo descanso e aguardar a madrugada bem próximo ao visado ponto de combate.

Ao chegar ao "Arvolito" às 11 horas da noite, avistou a muitas quadras adiante um fogo e não conhecendo o local, mandou chamar o "vaqueano" que interpelado respondeu ser naquele ponto a casa canário Pedro Martins.

Ordenou então o coronel que a coluna se dirigisse a um canhadão à esquerda da estrada para ali esperar a hora da marcha e dar pasto aos cavalos porém, mantidos presos aos cabrestos.

Decorrida apenas meia hora surgiu de um piquête avançado um oficial conduzindo um prisioneiro à presença do Cel. Zeca, que o inquiriu. Durante o interrogatório declarou que pertencia à fôrça do Cel. Manoel Pedroso que no momento, à frente de "cento e tantos homens", passara ali perto e que se havia perdido, por isso fôra ao piquête dos federalistas, pensando se tratar de gente do govêrno — seus companheiros.

De posse dêsses informes ordenou o coronel, que montassem a cavalo e fêz sair em perseguição da fôrça contrária, o Ten.-Cel. Mateus Colares e o esquadrão do Maj. Gabriel Pimenta e ainda em proteção a êste o esquadrão do Cap. Vicente Pereira e foi com o grosso da coluna sob seu comando, subir a coxilha onde mandou estender linha de combate.

Nesse ínterim rompeu fogo na direita com as fôrças que haviam saído e o pessoal que estava estendendo linha, sob o comando do Cel. Zeca, foi vivamente atacado pela frente pois os contrários estavam em linha estendida, junto ao arame da direita do corredor.

A voz de comando foi a de que se respondesse com fogo graduado, resultando a seguir forte tiroteio que durou até às três da madrugada, hora em que se retirou o inimigo.

Durante o combate se estabeleceu lamentável confusão entre os federalistas porque aquêle que havia saído com ordem de perseguir os "picapaus", ao voltar para se juntar à coluna, era recebido a bala.

Ao ser verificado tão desagradável fato, o comandante ordenou que só fizessem uso de armas em revide a algum ataque, conseguindo assim, ao clarear do dia, ficar com a coluna reunida, sem que mais nada a lastimar acontecesse.

Ordenou então, que saíssem descobertas a verificar o rumo que havia tomado o adversário e enquanto se executava essa diligência

aproveitou a oportunidade para mandar dar pasto aos cavalos, que haviam passado a noite sem comer.

Em palestra com vários oficiais manifestou, o Cel. Zeca Tavares, o estranho acontecimento do encontro com o inimigo, naquele ponto e naquela hora da noite, em conjeturas mui diversas das que calculara, mas fazia ver que talvez, o Gen. Pina se tivesse adiantado e fôra pressentido, obrigando-o a tomar aquêle rumo.

Só mais tarde, depois do combate do Rio Negro, é que se conheceram os motivos, através das declarações de prisioneiros, do encontro em "Arvolito". O Cel. Manoel Pedroso teve notícia de que o Cel. Zeca Tavares estava em sua estância do Limoeiro, com trinta atiradores e de acôrdo com o Gen. Isidoro, dirigiu-se para aquêle local acompanhado de 300 a 400 homens, na certeza de agarrá-lo e trazer prisioneiro.

É tradição oral que nessa ocasião, Pedroso não o encontrando deixou escrito, numa das paredes do prédio, o seguinte: *"Zéca, tua cabeça será minha"*, e a fôrça que o acompanhou depredou tudo o que estêve a seu alcance, degolando vacas, cavalos e ovelhas em tôrno àquela residência. Os cento e tantos homens que se separaram no "Arvolito", obedeciam à chefia de Ismael Proença, que marchara à noite com o fim de agarrar uma partida de seis praças e um oficial, o Alf. José Maria, que estavam de avançada na Bolena, o que efetivamente conseguiu na madrugada de 24 de novembro de 1893. Êsses prisioneiros foram conduzidos para o Rio Negro, sendo ali, lamentàvelmente, degolados e seus cadáveres, depois do combate, foram encontrados junto aos trilhos da estrada de ferro.

No encontro do Arvolito, os federalistas perderam um alferes e foram feridos dois cavalos e os republicanos perderam o célebre João da Merenciana, que veio morrer entre a linha dos federalistas, e mais dois soldados e dois outros foram feridos.

Logo que voltaram as descobertas com a notícia de que o inimigo havia seguido para Sta. Rosa, o Cel. Zeca com sua coluna se dirigiu àquele local. Transpunha a sua gente a grande sanga do Seival, enfrente às pontas do Jaguarão-Grande, quando veio parte da vanguarda avisar que o mesmo estava a poucas quadras de distância, o que oferecia grande perigo.

Ao acabar de receber essa notícia o comandante imediatamente galopou até o tôpo da coxilha, onde de fato o avistou, mal tendo tempo para escolher terreno e estender linha de batalha, sôbre o lombo da coxilha.

Por sua vez o adversário, também, estendeu sua gente em linha de batalha, ocupando a fralda da coxilha em paralelo ao mato do arroio Jaguarão.

À esquerda os republicanos, por duas vêzes, tentaram se apossar de um terreno elevado que terminava à direita dos federalistas, e na

proporção que pendiam para a esquerda o Cel. Zeca mandava estender linha para a direita, dizendo: *"Querem ocupar o "alto" para bem descobrirem a nossa fôrça, mas não conseguirão, vão espichando a "linguiça", para a direita".*

A linha governista ameaçava avançar ao trote e ao galope e os federalistas se mantinham firmes no seu pôsto, não davam um só tiro, esperavam o ataque.

Ao estender a linha de atiradores o Cel. Zeca fêz ver a seus comandados que sob pretexto algum, mesmo no caso de ataque inimigo, os lanceiros passassem, no entusiasmo das cargas, dum ponto que regulava a distância de 150 metros, porque ultrapassando essa distância corriam o perigo de se embrenharem no mato onde os salsos eram altos e na certeza existia uma emboscada da infantaria, recomendando com firmeza: *"Onde está a nossa linha é que temos que brigar".*

Mantiveram-se assim as fôrças contrárias, enfrente uma da outra, até ao meio-dia, sem se chocarem e na irresolução de entrarem em combate retiraram-se os governistas, formando coluna nas costas do Jaguarão; atravessaram o rio e foram bivaquear no Passo do Lajeado.

O mesmo fizeram os federalistas que em esquadrões transpuseram a grande sanga que existia à retaguarda, formando a seguir a coluna que marchou para o arroio Seival, onde acampou e carneou descansadamente.

Sendo muito estranho a ocorrência de que até aquela hora não tivesse aparecido a coluna do Gen. Pina, conforme haviam combinado o Cel. providenciou a fim de mandar um emissário à sua procura.

A escolha recaiu no Maj. Raimundo Satiro da Cunha a quem foi dada uma fôrça de 50 cavalarianos e a recomendação seguinte: *"Vá com ésta fôrça procurar a coluna do gen. Pina que deveria estar hoje cêdo em Sta. Rosa e até agora não apareceu; é provavel que tivesse grande transtôrno para não chegar a hora combinada. Si o encontrar conte-lhe tudo o que se tem passado e traga-me notícia exata do que houve por lá e do que teremos que fazer. Manter-me-ei por ésta zona mudando de campo, á noite, e com avançadas e descobertas sobre o inimigo; assim, não será difícil me encontrar.*

A comissão é perigosa mas é preciso faze-la".

— Há de ser feita, respondeu o valente major, e marchou nessa mesma tarde.

———o———

Durante o tempo que estiveram com as linhas estendidas, frente à frente, em Sta. Rosa, sem que tivessem a iniciativa de um ataque, vendo os oficiais que não aparecia a fôrça de Pina e que a situação podia se tornar crítica porque estavam muito perto do Rio Negro, mandaram lembrar ao coronel por um de seus ajudantes, a vantagem que teriam em se retirar.

Zeca Tavares respondeu fazendo-lhes ver a impraticabilidade de uma retirada nas condições em que se achavam, mostrando-lhes a inconveniência da enorme sanga de difícil passagem que tinham à retaguarda; à distância de menos de quatro quadras da linha inimiga e finalmente finalizando sua resposta da maneira seguinte: *"Logo que tentarmos a retirada seremos apertados sobre a sanga e o desastre é certo, aqui nos aguentaremos até que eles se retirem ou nos ataquem".*

Às 7 horas da tarde o Cel. Zeca Tavares deu início a uma série de medidas no aprontar a gente sob seu comando e à noite marchou indo acampar nas pontas do arroio Quebraxo-Grande, junto à casa do Sr. João Feijó ali passando o dia 25, quando à tarde dêsse dia, recebeu um próprio do Gen. Pina com um bilhete que dizia: *"Não poude chegar ontem, como haviamos combinado, porque tive uma disparada onde perdemos a cavalhada que felizmente já a temos reunida, faltando poucos animais. Hoje marcharei e não atacarei sem avisa-lo".*

Não falava no Maj. Raimundo!

À noite os federalistas mudaram de acampamento e na madrugada de 26 voltaram a ocupar posição nas pontas do arroio Rio Negro, na restinga do Cemitério — posição entre Sta. Rosa e Rio Negro.

Às seis horas da manhã foi ordenado que se efetuasse a carneada, o que foi ràpidamente executado, porque, com antecedência, já haviam trazido o gado para êsse fim.

Os fogões ainda acesos, recém iniciados os primeiros talhos no clássico churrasco, às 8 horas da manhã, chegava parte das avançadas avisando que no Passo do Lajeado, no arroio Jaguarão, estavam brigando, sendo que, dali se avistava a fumaça das linhas de fogo.

O coronel recomendou que prestassem atenção ao ocorrido e que se aprontassem para entrar em ação.

Dito isso encaminhou-se a uma coxilha alta junto à casa do Sr. Manoel de Moura, donde verificou a exatidão da parte e determinou a imediata saída d'alguns esquadrões com o objetivo de tomarem as nascentes do Rio Negro e de flanquearem o inimigo, pois compreendeu que alterado o plano prèviamente combinado, só lhes restava tocar a cavalaria governista do Jaguarão para o Rio Negro e ali cercar ambas as fôrças e dar-lhes combate.

Efetivamente a coluna de Pina vinha agindo contra a fôrça legal, e esta brigando, se retirava para o Rio Negro, onde chegou, ao meio-dia, na ocasião em que entrava na trincheira a cavalaria ao mando de Pedroso.

Descia então, as pontas do arroio ali existente, a coluna de Zeca Tavares, formando assim o cêrco, pois que, ao mesmo tempo chegava o Gen. Joca, à frente da divisão de Sant'Ana.

Três poderosas colunas do exército federalista concretizaram o tenebroso cêrco que envolveu as fôrças governistas, ao mando do Gen. Isidoro, distribuindo-se da maneira seguinte: a que obedecia à chefia do Gen. Pina, ocupou a frente, entre o Rio Negro e a linha férrea; a de David Martins e a divisão Sant'Ana, dêsse ponto à linha férrea margeando os trilhos até a ponte; e a de Zeca Tavares, do Passo Real, margem direita do Rio Negro, até encontrar com a linha da divisão de Sant'Ana, na altura onde se achava a ponte da estrada de ferro.

A presença do Gen. Joca à frente das tropas no teatro de ação, foi motivada pelo fato de que, por motivos ignorados, David Martins, quando se achava em Jaguarão-Chico, pretendeu voltar, embora a par de que seus companheiros estavam lutando. Semelhante atitude fêz com que o experimentado chefe fôsse demovê-lo dêsse intento e assumindo o comando geral, não só afastou prováveis impecilhos, como sua respeitável figura no campo da luta, irradiou a necessária confiança a seus comandados.

Agindo com precisão e rapidez, tática que era peculiar ao velho "cabo de guerra", em poucos minutos o infortunado Marechal Isidoro se viu sitiado por três mil e seiscentos homens do exército libertador e ao mesmo tempo verificou decepcionado, que o exército revolucionário não era composto de *CHINAS A CAVALO,* conforme costumavam dizer, menosprezando-o.

Compunha-se a divisão de Sant'Ana de mil e seiscentos homens; a de Pina, de oitocentos homens e a de Zeca Tavares, de seiscentos homens, além do contingente de Domingos Ferreira e outros, com efetivo de cento e muitos homens.

Na tarde dêsse dia houve forte tiroteio entre as fôrças sitiadas e o batalhão santanense, ao mando do Ten.-Cel. Francisco Cabeda que, gravemente ferido, se viu pôsto fora de combate, mas êsse fato não alterou a fibra de seus comandados que continuaram a lutar com bravura incrível.

Às cinco horas da tarde foi conhecida a resolução do Gen. Joca, recomendando a todos os comandantes de corpos que estivessem preparados para o ataque decisivo que iria iniciar no dia seguinte 27 ao romper do sol, atacando todos nas posições em que já se encontravam.

Ao raiar a madrugada o Cel. Zeca ativamente distribuiu seus comandados, ordenando ao valente Maj. Raimundo Satiro da Cunha que com setenta atiradores ocupasse o Passo Real, à viva fôrça, desalojando de qualquer maneira daquele local o inimigo.

Incumbiu ao Maj. Januario Simões Pires que, com cento e cinqüenta atiradores, ocupasse a mangueira de pedra de Antonio Lucas, porque era uma ótima posição que dominava o campo contrário a tiro de carabina.

Mandou postar cinqüenta atiradores em uma cêrca de pedras que margeia o Rio Negro; vinte em um rancho, logo abaixo do passo e, finalmente, tratou de se apossar de tôdas as posições que dominassem o rio e a situação dos adversários.

Tudo predeterminado, ao surgir o sol rompeu o fogo no Passo Real e em seguida em tôdas as linhas. Vendo-se a fôrça do govêrno duramente cercada por todos os flancos, defendendo-se combateu até ao meio-dia, hora em que do quartel-general dos maragatos partiu o toque de cessar fogo e a seguir o de carnear.

Antes de dar início à segunda fase do combate o Gen. Joca mandou um parlamentar aos sitiados que, lamentàvelmente, foi repelido a bala.

Posteriormente à batalha, o ilustre militar, censurou, acremente, ao Marechal Isidoro, profligando seu inqualificável procedimento ao mandar fazer fogo ao parlamentar, dizendo: *"Não ha nada que o sr. respeite!"* Acabrunhado declarou o Marechal que não havia sido ordem sua, e sim do Cel. Manoel Pedroso.

Fêz parte dêsse parlamento o índio Isaias de Oliveira, que foi gravemente ferido. Êsse cidadão, mais tarde, quando funcionário do "London e Brazilian Bank Ld.°", na cidade de Pelotas, confirmando essa assertiva, costumava relatar, aos conhecidos, o acontecido naquela ocasião.

Ao romper o dia 27, as fôrças governistas ocupavam a estação da estrada de ferro, tôdas as casas adjacentes e uma mangueira de pedra que existia ali próximo; quando ao meio-dia cessou fogo, essas posições já se achavam em poder da divisão Sant'Ana, que as conquistou a peito descoberto.

A coluna ao mando do Gen. Pina, avançou até se apossar do lócal em que existia uma casa construída com latas e que confrontava com a residência do Sr. Manoel Saraçol, onde o inimigo entrincheirado fazia intenso fogo.

As fôrças ao mando de Zeca Tavares ocuparam o Rio Negro, dificultando aos sítiados de se utilizarem da água do arroio que lhes era sumamente necessária, e o imprudente que tentava fazê-lo, morria como caça cobiçada.

Finda a atuação matinal, já alimentados com o salutar e regionalíssimo churrasco, após rápido descanso, foi dada a ordem de reiniciar o ataque, e desta vez com mais intensidade e violência, sendo conquistado todo o leito do arroio, naquele local, o que levou o adversário à situação por demais crítica, pois que na manhã de 27, ao início do tiroteio, foi-lhes tirado o gado e grande parte da cavalhada que existia dentro do forte e às duas horas da tarde a aguada, foi-lhes completamente vedada, afastando-se-lhes tôda a possibilidade da aquisição do mais precioso e indispensável líquido, num dia de calor abrasador, acrescido do fogo inimigo, o que trouxe-lhes

o desesperador espectro da sêde. Tôda a vantagem, tôda a iniciativa de ação, estava com os revolucionários que de posse das posições sensíveis apertavam, cada vez mais, o cêrco, encurralando-os, na expressão gauchesca: "*Maneando-os como capão para o consumo*".

Assim combateram até ao escurecer, permanecendo à noite nas mesmas posições, atentos ao inimigo que procurava minorar uma situação desesperadora.

Sem um só minuto de descanso na ingente luta, aquela brava gente na falta de elementos para substituí-los, ou melhor rendê-los, demonstrou mais uma vez a grande capacidade física do gaúcho.

Em rigorosa prontidão permaneceram os contingentes de cavalaria, porque se supunha que o Marechal Isidoro, sem alimentos e sem água, faria a tentativa de sair rumo a Bagé, em busca de proteção.

O cair da noite veio acompanhado de grande silêncio e de leve brisa, soprando do Norte. Via-se naquela gente: *De um lado, o cansaço, mas o moral elevado pela certeza da vitória próxima; do outro, o abatimento, o temor, a ansiedade.*

Aproveitando essa quietude o Maj. Raimundo Satiro da Cunha, às 8 horas da noite destacou um soldade para que sorrateiramente fôsse, agachado, margeando uma cêrca de pedra que vinha do rio, até junto o acampamento inimigo, verificar o que ali se passava, qual a causa de tanta preocupação e silêncio. Enquanto isso sucedia, poucos minutos antes das nove, duzentos e tantos cavalarianos da fôrça sitiada tentaram sair rumo a Bagé, por uma picada que existia uma quadra acima do passo da ponte da estrada de ferro, supondo-a desguarnecida.

Foram caiporas, pois visando aquêle ponto, o Cel. Zeca Tavares, antes do início do combate, mandou uma fôrça de lanceiros se postar de emboscada em um mato que havia atrás de um cercado de propriedade do Sr. Abel Vaz. Mal haviam andado duas quadras, crentes de que teriam passagem franca, foram atacados pela frente por um grupo de lanceiros, ao mando de Serafim Rosa e, pelo flanco direito por dois esquadrões comandados por Servolo Pereira da Silva e Ten. Januario Moura que, em rápida carga, dividiram os fugitivos em dois grupos, sendo que um voltou às trincheiras sitiadas e o outro foi acossado a lança e dizimado completamente, sem que um só homem conseguisse vir a Bagé pedir proteção, conforme ordem do Marechal Isidoro.

Nessa sortida foi vitima, o Ten.-Cel. Utaliz Lupi, brioso comandante do 1.º reg. da Brigada Militar.

Ao mesmo tempo que se desenrolava êsse episódio, retornava ao acampamento federalista, à presença do Maj. Raimundo Satiro da Cunha, o praça destacado a vigiar os sitiados, dizendo que: "*O inimigo estava em forma e que parecia que tentaria sair*".

A par dêsse informe o referido major ordenou a seus comandados que fizessem fogo na direção indicada pelo praça, o que fêz o inimigo debandar, resultando daí em diante não mais se verificar tentativas de fuga.

Registravam os cronômetros às 21 horas, ocasião em que surgia a lua, clara como o dia, fazendo uma dessas noites encantadoras que a natureza propicia só à gleba gaúcha em noites primaveris, dando com sua claridade, aos federalistas a oportunidade de controlar todo e qualquer movimento realizado no campo oposto. Assim, "apertados como cincha em bagual" passaram os sitiados o resto da noite.

Nos combates de 26 e 27, o contingente ao mando do Cel. Ladislau Amaro da Silva, pertencente à coluna do Gen. Pina, agiu conforme a descrição a seguir que é uma verdadeira *"Ordem do dia"*.

Conseguimo-la original, por intermédio de nosso particular amigo, Sr. Paulo Firpo.

Estação do Rio Negro, 29 de novembro de 1893.

Ilm.º Exm.º sr. gen. Marcelino Pina de Albuquerque.

Passo a dar a v. excia., as partes relativas aos combates de 26, no Lageado, e de 27 junto a Estação do Rio Negro. De conformidade com as ordens que v. excia. me deu no campo do Lageado, mandei carregar um esquadrão de clavineiros ao mando dos valentes caps. Olegario Rodrigues e Cornélio Termensano, e outros mais de lanceiros ao mando do valente major Francisco Neffton Brandão, em proteção ás linhas atacantes.

Nessa ocasião foi o inimigo tocado em derrota até entrar nos entrincheiramentos das fôrças adversárias, que se achavam estacionadas junto a Estação do Rio Negro, ao mando do Gen. Isidoro.

Me é agradavel comunicar que os aludidos esquadrões cumpriram dignamente com o seu dever, indo até próximo das fortificações inimigas, debaixo de vivissimo fogo que fazia sua infantária.

Tenho a lamentar a perda do praça Avelino Teixeira, sendo levemente feridos três soldados. Tambem tive dez cavalos feridos a bala.

Quanto ao combate do dia 27, cumpre-me levar ao conhecimento de v. excia. que tendo recebido ordem de avançar sobre as posições ocupadas pelo inimigo, coloquei-me com os lanceiros no centro da linha de batalha, do lado sul, quatrocentos metros, mais ou menos de suas trincheiras; mandei avançar pelos clavineiros ao mando dos valentes caps. Olegario Rodrigues e Cornélio Tramensano, que tomaram posição duzentos metros mais ou menos, distantes das trincheiras adversárias.

Nesta posição nossos soldados sustentaram bizarramente o vivissimo e nutrido fogo, que contra nós partia das fortificações do

inimigo. Tendo o exm.º sr. gen. David Martins, mandado pedir-me uma proteção de lanceiros imediatamente fiz seguir o major Francisco Neffton Brandão, com um esquadrão, que tomou parte na perseguição ao inimigo que fugia na direção de Bagé.

Dito esquadrão, fez um prisioneiro e tomou alguns cavalos ensilhados. Tendo enfraquecido a linha do meu comando pela falta do esquadrão que fôra dar a proteção pedida pelo gen. Martins, o inimigo que, naturalmente observava essa circunstância e já em desespero de causa, tentou fugir pelo meu lado, vindo á frente dos fugitivos o cel. Manoel Pedroso de Oliveira, com uma coluna superior a 120 homens; incontinente carreguei com os meus lanceiros, que fizeram recuar a referida coluna, levando-a até as suas fortificações e a uma distância de tiro de revolver. Nesta carga sofremos repetido e forte fogo da infantária intrincheirada.

Durante o combate me auxiliaram com o maior sangue frio e atividade, os ten.-cels. Antonio Amaro da Silveira e Silvério Monte, bem como os meus ajudantes de ordens Joaquim Amaro da Silveira e José Bonifácio Benites, e o meu secretário Ladislau Amaro da Silveira F.º.

O alferes Monteiro, fez quatro prisioneiros, tomou 6 armas Comblain e 200 e tantos cartuchos das mesmas.

Faziam parte do esquadrão de lanceiros que mandei ao gen. Martins, os caps. João Corrêa, José Machado, Domingos Chagas, Jacinto Maciel e os tenentes Nicolau Nunes e Benito Gramado.

Cêssando o fogo o General em Chefe, que percorria as linhas, ordenou-me que mandasse tirar os freios dos cavalos, sustentando, porem, as posições ocupadas, o que fielmente cumprí até o momento do dia 28 do corrente em que teve lugar a rendição do inimigo.

Na ação do dia 28, só tive uma praça gravemente ferida; decididamente Deus proteje a nossa causa!

Os soldados que tive a honra de comandar, em ambos os combates, observaram uma conduta digna e correta.

Com a maior satisfação felicito a v. excia. pelas vitórias dos dias 26 e 27, que dão a nossa gloriosa revolução um brilho inapagavel e louros que jamais murcharão. — Ladislau Amaro da Silveira, *coronel.*

Ao romper o sol no dia 28, recomeçou o combate, porém, os governistas cheios de privações, desanimados, mal respondiam às cargas de fogo dos atacantes.

Às seis horas da manhã se reuniram os chefes de divisão na margem esquerda do Rio Negro, a fim de receberem ordens do General em Chefe, que ali comparecia diàriamente, enquanto se combateu.

Prevendo o breve desfecho que levaria a derrota ao inimigo, porque êste já se achava em condições aflitivas, faltando-lhe a água, alimento e até mesmo munição, o Gen. Joca Tavares, depois de breves ponderações, considerando a possibilidade da rendição até ao meio-dia, ordenou ao Cel. Zeca Tavares, caso isso não se verificasse, que à frente de sua cavalaria, no momento em melhores condições, desse a carga de lança final, inflingindo ao inimigo o amargor da derrota.

Ao meio-dia ouviu-se o toque de clarim ordenando que cessassem fogo e em seguida chamando o rancho. Achavam-se os federalistas na maior alegria, ainda carneando uns e outros comendo, quando viram surgir no extremo do forte uma grande bandeira branca, traduzindo a rendição incondicional do Marechal Isidoro, com tôda a fôrça que ainda lhe restava.

Dando vivas, dominados por grande entusiasmo, cercaram os prisioneiros, desarmaram e os dividiram entre os comandantes David Martins, Pina e Zeca Tavares, sendo que êste último ficou com 30 prisioneiros feitos durante a luta.

Foi designado para arrecadar o armamento e munições, o Cel. Manoel Machado.

Findo o combate, à tarde, rumo a Bagé, se retirou o Gen. Joca à frente do seu estado-maior.

Depois, afirma a tradição que o ambiente se toldou, as consciências e sentimentos se embaciaram com o crepe das paixões que esvoaçava em nuvens de ódio, exigindo a vindita! Só se ouviam: *Minha mãe!, minha mulher!, meu pai!, meu filho!, minha irmã!. minha noiva!* relembrando na alma daqueles homens o sacrifício de pessoas queridas que a revolução já trouxera.

Imperaram momentos lamentáveis porque o irresponsável conseguiu dominar o responsável!

Veio à tona a alma bárbara do guasca, o exaltado partidarismo, empanando a magnânima tradição de altruísmo do gaúcho, cavalheiresco, nobre e altivo, como arrasador "estouro da boiada".

Brotou no cérebro daquela gente embrutecida pela luta o desejo das "contas a ajustar", com o emprêgo da pena de Talião: *"Ôlho por ôlho, dente por dente"*.

Rio Negro, evidentemente um grande combate, onde se desenrolaram cenas épicas nas pelejas, um atestado vivo da bravura da nossa gente, porém, o sangue fratricida derramado, transformou a bela vitória dos federalistas *na primeira pedra lançada na consolidação do regime republicano presidencialista, recém implantado no país.*

Extinta a fogueira, decorridos vários anos, revolvendo as cinzas do passado, deparamos com alguns episódios, o que diz um historiador e a lenda, vejamos:

No momento em que os "maragatos" entravam no reduto dos "pica-paus", Antero Pedroso se aproveitando da confusão reinante, com ardil e calma, colocou um chapéu com as divisas usadas pelo inimigo e um lenço encarnado no pescoço e assim, dando vivas ao PARTIDO FEDERAL — conseguiu sair ileso. Curtindo fome, ao passar pela casa do Sr. Nicomedes Faria, ainda com distintivos maragatos, aceitou dêsse cavalheiro copiosa refeição que lhe foi oferecida na certeza de que tratava com um correligionário, com quem palestrou e ouviu minucioso relato sôbre a morte do Cel. Manoel Pedroso.

Pergunta-lhe então Nicomedes, se haviam feito o mesmo ao caudilho Antero Pedroso, ao que respondeu o visitante, pela negativa e tratou de se retirar.

Pouco depois surge uma patrulha das fôrças federalistas à procura do fugitivo.

Pela descrição do tipo e signais apresentados, ficou certo de que seu hóspede de pouco tempo, outro não era senão o Cel. Antero Pedroso.

Em virtude dêsse fato, como medida de segurança emigrou para o Uruguai, só retornando após a pacificação da sangrenta revolução.

Diz o respeitável cidadão Maurício Carneiro de Campos haver assistido à fuga de Antero, dando morras aos bandidos republicanos, transmitiu ordens do general revolucionário no local onde existia a casa de Laudelino Medeiros, junto a umas Sinas-sinas.

A cada passo lutando, como leão ferido, o único fugitivo que conseguiu chegar à cidade de Bagé foi o Tenente Manoel Paraguai que posteriormente serviu sob o comando do Cel. Hipólito Ribeiro, em várias revoluções.

Êsse valente aqui chegou todo esfarrapado quase nu, trazendo por armas uma espada sem bainha e o revólver com *uma única bala.* O fazendeiro Ralfe Pinheiro que foi seu comandado num corpo da Brigada Militar, seguidamente relata a seu amigos êsse interessante episódio.

O Cel. Manoel Pedroso, homem "guapo" a valer, vendo que o "colored" Adão Latorre afiava a clássica faca usada pelo homem habituado às lides do campo desta zona sul do país, assentan-

do-lhe o fio em boa chaira, previu seu próximo fim e sem esperança, mas com calma se dirigiu ao mesmo, mantendo o diálogo seguinte: — conforme declaração do Dr. João Maria Colares.

— M. P. — Adão, quanto vale a vida de um homem valente e de bem?

A. L. — Valente, sim.
De bem .... não sei!!!
A vida de um homem vale muito, a tua não vale nada porque está no fio da minha faca e não há dinheiro que pague.

M. P. — *Pois então degola, "negro filho da puta".*
Dito isso segurou-se a um arbusto, levantando a cabeça pra facilitar a tarefa ao inimigo.

O seu cadáver tombou e permaneceu quase três dias exposto ao tempo, ocasião em que sabedora do ocorrido, Dna. Avelina Chagas de Azevedo, pertencente a conhecida família maragata, moradora em Sta. Rosa, veio especialmente àquele local a fim de concretizar, num gesto de amizade e também de piedade, o sepultamento de mais uma vítima da lamentável luta fratricida, que desapareceu aos trinta e quatro anos de idade.

Assistiu a esta cena entre outros, o Sr. Pedro Luís Lacerda que diz ainda haver ouvido o pedido de Pedroso a Adão para que entregasse um anel de seu uso a uma filha residente na cidade de Pelotas.

Depois da rendição, entre muitos, foram mortos o Ten.-Cel. Cândido Garcia de Vasconcelos, o Maj. Ismael Franklin Proença, o Ten. dos Patriotas Lúcio Camilo Veiga, suicidou-se para não ficar prisioneiro, e o Alf. Napoleão que foi fuzilado, por ter protestado contra tamanha selvageria.

Sôbre um episódio dêsse combate, escreveu Salustiano Maciel, conhecido jornalista e poeta, em 20 de outubro de 1895, na cidade de Livramento, uma cena dramática, dedicada a seu irmão José Nunes Maciel de Oliveira, num bom apanhado de versos, dos quais destacamos os seguintes:

Avançam com ardor os inimigos
Sobre o reducto!
sem pensarem ao menos nos perigos,
Na dôr, no lucto!...



Lagoa da Música.



Destroços da explosão da casa José Fredo R. Soares, antiga Casa da Pólvora.



Mangueirão do Rio Negro.

De balas um milhão cruza nos ares
Em todas direcções!...
Vão em seo sibilar cheio de azares
Ceifando corações!...

Maldito! maldito fado,
Que a guerra civil ateias!...
Porque o sangue derramado
Sabe todo das mesmas veias!...

Que barbarismo cruel
O da guerra nacional!...
Cheia de odio, de fel,
E de vingança infernal!...

....

Ah! reconheço a quem matei então!...
O fraternal amor meu peito abate!...
— Matei! desgraça atroz! meo caro irmão!...
Fratricida! meo Deus! que cruel sorte!...
Matar meo pobre irmão qu'eu tanto qu'ria!...
Agora só desejo a negra morte!...

Fala a história, através o trabalho publicado pelo Ten.-Cel. Eduardo Peres Campelo de Almeida, na "A Defesa Nacional" n.º 385. Ano: junho de 1946. Pgs. 1.211.

"O que se passou no ato da Capitulação torna-se impossivel descrever. Os assaltantes cercam o reduto e do seu interior arrancavam os civis, manietados, os chefes são levados a carnificina, sendo degolados em ermos logares. A vida dos militares foi entretanto poupada! executou-se porém a do alferes Napoleão, que foi fuzilado por ter protestado contra tanta selvageria".

"O cel. Manoel Pedroso que foi degolado pelo preto Adão Latorre; o mesmo acontecendo com toda a sua gente, que prefazia um efetivo de mais ou menos 400 homens".

A voz da Lenda — *Pedro Wayne:*

Posso, sim, dizer aqui o que se passou com a Lagoa da Música e a magia que ficou para sempre morando em seu leito de areia clara.

Relatam os sexagenários que, no mais admiravel recanto daquela zona, justamente no ponto onde a natureza melhor caprichou

e embelezou, teve o R. G. do Sul, em 93, seu acontecimento mais trágico...

Lagoa da Música, onde bandos de garças, paradas, fixas, mais parecem estatuas em lagos de praça pública.

Com uma multidão de colhereiros e maçaricos reais, vagarosos nos vôos, pousam tão leve que nem parecem tocar no chão. Enfeitada de marrecas em grupos, deslizando a moda de skis em superficie lisa e sólida. Lagoa da Música, onde os tahans de corpos magros, grossos de penas, dão gritos de alarme ajudando os quero-queros a vigiarem o local. E as grandes pombas carijós, nos galhos altos, estão em exclamações lamuriosas entristecendo a paisagem. Lugar em que as cruzeiras ardilosas dão botes traiçoeiros e certos nos ratos vermelhos e colunas de capinchos, como grandes préas, passam e se vão deixando o rasto marcado pelos montes de escrementos verdes imitando punhados de azeitonas. Onde verdadeira fartura de sorros, mãos-peladas, zorrilhos, lontras, ouriços-caixeros, de tão ageis, são visões fugazes que surgem e desaparecem em corridas relâmpagos. Em que tatus, mulitas, lagartos, fuinhas e a bicharada toda que dá em mato vive em concentração permanente.

Lagoa da Música dos jundiás de esporões perigosos, dos pintados viscosos manchados de ouro e negro, dos frumatãs prateados, em enormes cardumes que só caem em rêdes, das traíras vorazes e escuras que roem barulhentamente os talos dos aguapés e depois dormem pesadamente no raso em horas de sol forte, das vogas manheiras que saltam longe fazendo barulhos enganadores porque roubam as iscas sem se fisgarem nos anzóis, dos mussuns repelentes e dos cágados medrosos, dos cascudos e violas repugnantes com imensas nadadeiras rijas, dos tambicús e dos salmões elegantes ostentando escamas douradas. Lagoa da Música com tocas nas barrancas onde vivem os ratões feios e peludos. Das mil corticeiras embandeiradas com cem flamulas vermelhas em cada galho.

Das mutucas agressivas saindo das espumas dessas flâmulas. Das coronilhas de madeira quebra-machado, intratáveis, perigosas, cobertas de espinhos duros como pontas de aço, venenosos como dentes de cobra. De pitangueiras, sombra de touro, pata-de-vaca, aroeiras, guajuviras, murta, salso camboin, embira, goiaba do mato, umbú, unha de gato, unidos pelos cipós, formando grande cortejo que de ponta a ponta, de cada lado da margem, fazendo a vez duma multidão em marcha, acompanham a "Lagoa".

Igual a uma multidão em delírio a mataria ovaciona e canta.

É a melodia dos sabiás, os gritos dos pelinchos, os "bravos" das forneiras, o vozerio feminino das caturritas, os agudos dos bem-te-vis, a voz dolorosa das pombas e a afinada música dos tin-tin-rins...

Lagoa da Música em que há um instante em que cessa a barulhada do mato e a própria correnteza das águas se modera até silenciar por completo. Em que, repentinamente, um atento e religio-

so respeito se apossa de tudo o que estava em reboliço e algazarra. É quando, chegando as 16 horas, vai se realizar o antigo rito de encantamento daquelas aguas.

Então, lá do fundo de certo trecho da lagoa, vem um som harmonioso que pouco a pouco vai aumentando de intensidade até que aflorando á tona, estruge forte e enérgico, deixando atônitos os que não estão com êle acostumados. Mas os dalí, os que vivem nas galerias sem respiradouros e sem luz, que de joelhos sôbre um chão de lama trabalham de picão, sabem que é o encantamento produzido pelo sangue de 300 gaúchos degolados, com seus corpos atirados na lagoa, que está se realizando. Sabem que uma tarde inteira e numa noite tôda de 93, a faca do negro Adão Latorre não parou um instante de cortar carótidas. Sabem que dos mil prisioneiros encerrados como animais na mangueira de pedra, ao lado da lagoa, trezentos homens foram degolados. E dizem os que escaparam que negro Adão chamava um por um os guerreiros prêsos e mandava-os pronunciar a letra JOTA. O que em vez de jota *pronunciava* rota, *era "castelhano" e* recebia incontinente *o aço afiado que lhe abria o talho de "orelha a orelha". Negro Adão, de poncho longo atirado por cima dos ombros para as costas, encostava a ponta da faca bem chairada embaixo do nariz da vitima e quando esta institivamente levava a cabeça para trás, com perícia de bom conhecedor do "ofício", lhe era desfechado o rápido e profundo talho no pescoço. Esguichando sangue, o ferido irremediàvel, ainda caminhava alguns passos antes de cair. Mas não só os "castelhanos" foram imolados. Muitos brasileiros estavam na lista das vinganças e passaram a fazer parte dos trezentos daquela tarde suja de sangue e da noite de lôdo vermelho sôbre a relva. O último a ser sacrificado, foi o rapazinho adversário que na hora da rendição tocara o clarim mandando "cessar fogo". Foi destemido e macho de verdade na hora da morte como o tinha sido nos momentos de bala e pólvora e nas ocasiões tilintantes de espadas se chocando em lanças. Cabeça erguida, voz firme e insultante ordenou ao prêto carrasco*: "Degola, negro malévolo, que um gaúcho não se achica!" *Na fita branca de seu chapéu de abas largas, tinha a legenda atrevida*: "Não peço nem dou vantagens!"

Seu corpo mutilado afundou nas águas da lagoa, encerrando aquêle trágico episódio. Desde aquêle dia, sabem os moradores de Rio Negro, que na mesma hora em que, no combate feroz e prolongado, foi dada a ordem de rendição, a alma do jovem combatente vem do fundo da lagoa, subindo lentamente, enquanto seu clarim repete as mesmas notas do toque de "cessar fogo".

Os incrédulos dizem que os sons harmoniosos ali ouvidos, nada mais são do que fenômenos de acústica. Querem explicar que, no leito da lagoa, por ser lugar de carvão, deram-se escavações formando galerias subterrâneas que se vão ligar com outras, já meio soter-

radas existentes em terra firme, e que o ar vindo destas, ao atravessar as águas, produz como que uma música de flauta gigantesca.

Os incrédulos, homens que lêm livros complicados e enredadores, ignoram por certo que a água das lagoas e dos rios, na campanha, guardam consigo o espírito dos gaúchos valentes que, sinceros e sem mêdo, são pela liberdade de seu povo...

SÍTIO DE BAGÉ

No decorrer da última quinzena do mês de novembro de 1893, as fôrças federalistas ficaram detentoras do privilégio de iniciativa no município de Bagé, assim é que desde o dia 24 de novembro se avistavam nos subúrbios da cidade alguns piquêtes dos lanceiros de 93, arrebanhando a cavalhada e já estabelecendo o grande sítio, cuja resistência e conseqüente levantamento com a vitória dos sitiados constitui até nossos dias, o maior feito do exército nacional em terras do R. G. do Sul.

As fôrças de ligação que ficaram escalonadas no Passo Real do Quebraxo-Grande — 100 homens do corpo de transporte, a 25 de novembro, travaram forte tiroteio com as fôrças revolucionárias que pretendiam cortar-lhes a retirada, sendo nessa ocasião ferido o Cap. Bento Gonçalves da Silva F.º; e o 2.º batalhão da Brigada Militar — e 200 homens sob o comando do Ten.-Cel. Afonso Massot, que ficou no Passo das Mortes, arrostando inúmeras dificuldades conseguiram se incorporar à guarnição desta cidade, ao mando de Carlos Teles.

O Cap. Bento Gonçalves da Silva F.º, nesse dia, conseguiu iludir a vigilância inimiga, acendendo à noite improvisados fogões e depois do toque de silêncio, deixou o acampamento vindo amanhecer nesta cidade.

No dia 28 o Cap. João de Deus Guimarães que estava acampado no local bomba do Candiota, à frente do 2.º reg. cav., se retirou para a estação Nascente, a fim de se reunir ao 5.º reg. da mesma arma.

Finalizado o combate do Rio Negro, a 28 de novembro de 1893, prêso o Marechal Isidoro Fernandes de Oliveira, constou que da guarnição de Bagé havia partido uma fôrça em sua proteção, o que fêz com que o Gen. Joca ordenasse ao Cel. Zeca que fizesse seguir à noite, 300 homens a fim de encontrá-la e batê-la, e para que com o resto da tropa de seu comando marchasse no dia seguinte em proteção aos que haviam saído à noite. Cumprindo a referida ordem, partiram às 23 horas de 28, os corpos de Mateus Colares e Serafim da Rosa e o esquadrão ao mando do Maj. Gabriel Pimentel.



General Carlos Maria da Silva Teles
1848 a 1899.



O célebre 31.º Batalhão de Infantaria quando do seu retôrno de Canudos.



Oficialidade do 31.º Batalhão de Infantaria, em 1894.
Sentados: Tte. Pedro Augusto Mena Barreto, Cap. Vicente Ferreira Álvares, Tte.-Cel. José Henrique Magalhães, Cap. Cristiano Frederico Buis, Maj. José Laureano da Costa, Cap. Joveniano Franco e Cap. José de Oliveira Ponce. *Em pé:* Ttes. João Alfredo de Matos Vanique, Laurindo Vieira, Onofre Pinheiro, Francisco Carreira Cardoso, Pio Pereira de Paula Dias, João Carlos

Na madrugada, de 29, marchou ao mesmo rumo o Cel. Zeca com o resto da coluna e não encontrando a fôrça inimiga acampou junto à cidade, na margem do arroio Bagé. Procurando reproduzir a mesma tática empregada no último combate, Zéca Tavares, a 30, apertou o cêrco distribuindo vários piquêtes pelos subúrbios.

Os Gens. Pina e David Martins foram os últimos a abandonar o reduto do Rio Negro, à frente de suas fôrças no dia 30, às 9 horas da manhã. O Cel. Carlos Teles, diante da grave situação criada, isolado das demais guarnições do Estado, prevendo amargos dias para si e companheiros, já havia requisitado os poucos gêneros alimentícios e de primeira necessidade existentes no comércio, fornecido salvo-conduto a quem quisesse deixar a cidade, e mandado construir trincheiras na praça Matriz, hoje Carlos Teles, onde resistiu a combativo e prolongado cêrco, dando a mais sobeja prova de estoicismo e singular bravura.

Segundo Jorge Reis: "*Contava a força legal que defendia a cidade, com mil homens (1.000), mais ou menos, e éra composta do bizarro 31.º bat. inf.; do pequeno corpo de transporte, comandado pelo cap. Belarmino de Souza Franco, substituindo o cap. Bento Gonçalves F.º, ferido; do tambem pequeno 2.º bat. da Brigada Militar, do comando do ten-cel. Afonso Massot; do 4.º de art. do comando do major Miguel de Oliveira Paes, sendo fiscal o cap. Otávio Carlos Pinto; de 50 praças de engenhária as ordens do ten. Jorge França Wiedmann, oficial brioso e muito valente, como mais de uma vez deu sobejas provas; dos contingentes de cavalária de D. Pedrito — dos ten-cels. Manoel Corrêa dos Santos e José Pinto S.º e de um destacamento do 1.º reg. da B. Militar.*

Um numeroso grupo de cidadães dos mais distintos e abnegados que nesta cidade contava o partido republicano, apresentou-se ao cel. Carlos Teles e solicitou um lugar entre os combatentes. Dentre esses patriotas citaremos os nomes dos srs. José Otávio Gonçalves, Martiniano Antonio Meireles, Anaurelino Corrêa de Barros, dr. Bernardino de Sena Costa Feitosa, tenente João Avelino Rita, Antonio Augusto de Oliveira, dr. Libio Vinhas, Clemente Lignon, Adauto Loureiro de Souza, Emigdio Alves de Almeida Araujo, João Vieira Nunes, João Antonio Martins, Julio Martins, Vasco Farinha, Julio Brissac, José Maria Matias de Araujo, Vitor Fabião F.º, Agostinho Vignol, Ursino Meireles, Antonio Luís da Rocha Osório, Leonel Paiva, Florencio Alves, Miguel Palermo, Florindo da Rocha Osório, Antenor Soares, Artur da Silva Lopes, João Dias dos Santos, João Antonio da Silva Ramos, Raimundo Machado, Antonio Antunes de Araujo, Rodolfo de Oliveira Santos, Heleodoro Gonçalves dos Santos, Benito Martins Pedra que corajosamente saiu á noite, a pé, e vencendo mil sacrifícios, foi encontrar a divisão do cel. Sampáio em Pedras Altas, e muitos outros.

A guarda aduaneira composta de quarenta homens estava sob a fiscalização e vistas do cel. Antonio Xavier de Azambuja, intendente municipal. O ten-cel. Antonio Cândido de Azambuja, veterano do Paraguai e oficial muito distinto e valente, tendo antes desempenhado diversas comissões, esteve na praça ao lado de seus companheiros, disposto a sacrificar-se com êles, si a sorte das armas não lhe fôsse favoravel".

A Praça da Matriz e adjacências onde se achavam os sitiados, fica situada ao sul da cidade, num lugar elevado, com uma área útil de pouco mais de 10000 metros quadrados. Seus limites são: ao Norte, rua Dr. Verissimo; ao Sul, rua Conde de Pôrto Alegre; ao Este, rua Barão do Amazonas e finalmente ao Oeste, a rua Sete de Setembro.

Nas bôcas de ruas e na Panela do Candal — fim da rua Dr. Verissimo, cruzamento rua Almirante Gonçalves, antiga rua Fresca — havia trincheiras, onde se viam postados alguns canhões; comandavam-nas os oficiais seguintes: Cap. Marçal Figueira, no cruzamento da rua Sete com a Conde de Pôrto Alegre; Alf. Forjaz, no cruzamento da rua Sete com a Dr. Verissimo; Cap. Pires, no cruzamento das ruas, Barão do Amazonas e Conde de Pôrto Alegre; Cap. Moreira Sobrinho — substituído interinamente pelo Sargento Ajudante Manoel Antonio Ferreira da Cunha (mais tarde general de brigada, reformado), substituído definitivamente pelo Cap. Gomes Carneiro, irmão do heróico defensor da Lapa — no cruzamento das ruas Barão do Amazonas e Dr. Verissimo; e o 1.º Ten. Juvenal de Matos Freire (Frei-Canéca), que comandava a trincheira denominada "Panela do Candal".

Dominando o valoroso adversário, o comando do exército federalista que contava com um efetivo superior a 5000 homens, contìnuamente reforçado com a incorporação de novos elementos, entusiasmados com os últimos triunfos conquistados, ordena a ocupação de tôdas as chácaras e subúrbios da cidade e determina que no perímetro urbano estacionem alguns batalhões, mil homens, reforçados quando as circunstâncias exigiam.

Assim é que o Mercado Público, foi ocupado por fôrças às ordens de João Francisco Carrion; o antigo Teatro 28 de Setembro, hoje Banco do Brasil (filial), e a Beneficência Italiana, por Ulisses Reverbel; e a rua Barão do Triunfo, pelo Cel. Tomaz Mércio Pereira e Francisco Balsamo.

Os quartéis e a enfermaria militar foram também ocupados, enfim, os legalistas ficaram limitados à Praça da Matriz, onde diàriamente era posta em ação a mais heróica resistência.

Soldado dotado de ampla visão, disposto a queimar o último cartucho, a vencer ou morrer, Carlos Teles decidiu enviar a Pôrto Alegre, onde se achava o Ministro da Guerra, Gen. Moura, um emis-

sário a fim de pô-lo a par dos últimos acontecimentos e solicitar o auxílio necessário a debelar tão grave crise.

Essa delicada missão coube ao Cap. José Antonio Souza, ligado por laços matrimoniais à família Paiva, pois que era casado com Dna. Conceição Paiva.

O plano preconcebido pelo Cap. Souza foi coroado de êxito em virtude de se utilizar do prestígio de sua sogra, a Exma. Dna. Teodora Gularte Paiva — espôsa do Sr. José Soares Pereira Paiva, forte fazendeiro, tronco de importante família federalista — que possuía salvo-conduto fornecido por ordem de Carlos Teles, por ser íntima de sua família, para que o retirasse do cêrco pessoalmente e sob sua proteção atingir a sua estância de S. Luís, na fronteira uruguaia.

Dna. Teodora costumava passear, quase que diàriamente, num belo carro puxado por linda parelha de cavalos baios, e nesse veículo se aproximou das trincheiras em busca de seu genro, que o levou através as fôrças revolucionárias até a chácara dos Paivas, hoje propriedade dos Srs. Alcides Almeida e Domingos Galvão Paiva (Mingóte), deixando-o fora de perigo. Dêsse local, acompanhado de seu cunhado, Sr. Francisco Domingos Paiva, a quem pôs a par do que ia fazer e não foi acreditado, rumou à estância de S. Luís, dali transpondo a fronteira para a estância de Mata-Pêrro (também de Dna. Teodora), ficando-lhe depois fácil ir até à cidade de Jaguarão, donde telegrafou ao Cel. João Cesar Sampaio, dando-lhe os primeiros informes e imediatamente seguiu para Pôrto Alegre, a fim de finalizar sua missão junto ao ministro, Gen. Moura.

(Informações fornecidas por Domingos Galvão Paiva e Galvão de Galvão Paiva, netos de don. Teodora, ambos fazendeiros neste município).

Além dêsse emissário foram postas em prática várias outras medidas de defesa, pois que as tenazes formadas pelas fôrças que estabeleciam o cêrco, cada vez mais se acentuavam, reduzindo-os a mui limitado espaço, exigindo heróica resistência, ouvindo-se sem cessar intensa fuzilaria e ensurdecedor troar de canhões.

Na absoluta falta de cavalos, não podendo dispor de fôrças dessa nobre arma tão necessária a reconhecer o inimigo à distância, batêlo ou retardar-lhe as iniciativas, eram utilizadas as fôrças de infantaria.

Vindos do lado Sul, descendo as encostas do Cêrro de Bagé, os piquêtes federalistas que excursionavam até as proximidades da praça, diàriamente, a tarde, eram rechaçados por um destacamento do 31.º bat. inf., ao mando do brioso Alf. Paes Leme.

Êsses objetivos de demonstração de fôrça traziam sempre boatos alarmantes para causar pânico, amedrontar a população e os defensores da praça, porém, foram infrutíferos porque êstes reagiam com tenacidade. Diz Jorge Reis — "Apontamentos Históricos e Estatísticos", pág. 114:

"Continuaram as hostilidades ininterruptamente por muitos dias. A artilharia troava incessante, sendo repelidos os assaltos que os revolucionários levavam ás trincheiras guarnecidas por homens dispostos a sacrificarem a vida em holocausto pelo cumprimento do dever, animados pelo exemplo e pela coragem do intrepido chefe que os dirigia — o bravo coronel Carlos Teles.

Reunidos a 3 de dezembro de 1893, na chancelaria do consul da Republica Oriental do Uruguai, á rua 3 de Fevereiro n.º 36, o representante daquele paiz, cel. Cacildo Carrion, e Antonio Ribeiro Magalhães, vice-consul de Portugal; Henrique Foniat, regio agente consular da Italia; e Antonio Valls, encarregado do vice-consulado da Espanha, deliberaram dirigir-se ao cel. comandante da praça sitiada, pedindo seu consentimento para que antes de qualquer ataque, pudessem retirar-se da cidade as familias de seus subditos.

Recebidos com toda a urbanidade, mas não satisfeitos com as respostas do sr. cel. Teles, retiraram-se aqueles representantes, formulando um protesto em nome dos respetivos govêrnos, pelos danos e prejuizos que pudessem sofrer seus subditos, tanto em suas vidas, como em seus interesses, lavrando-se de todo o ocorrido uma ata.

O sr. cel. Teles, no dia seguinte, 4 de setembro, enviou *o aludido protesto ao sr. ministro das Relações Exteriores, no Rio de Janeiro."*

Depois de alguns dias de cêrco, o Gen. Joca Tavares, dotado dos mais elevados sentimentos de nobreza e com longa experiência, dada a sua avantajada idade, ao contrário da maioria de seus comandados, ainda entusiasmados com a vitória do "Rio Negro", deduziu pelo lamentável epílogo que aquêle feito reproduzia a batalha de Pirro: *"Ganha-se o combate, mas se perde a guerra"*.

Não só não alimentou, como não consentiu, em hipótese alguma a realização dum ato de selvageria que lhe trouxesse a vitória do grande cêrco. Alvitraram-lhe a idéia de um saque livre, de um incêndio de grandes proporções na zona que circundava as trincheiras; também, fácil seria lançar uma tropa de bois ou uma manada de éguas, numa ou mais bôcas de ruas que iam às trincheiras, porém, nada disso lhe serviu.

A vitória vinda pela fome e pela sêde de seus adversários, com poupanças de vidas e de munições! Determinou prolongado sítio!

Enganou-se!

A previdência, estoicismo e a invulgar bravura de Carlos Teles, a tudo superou.

No evoluir dessa ação multiplicavam-se os feitos que atestam a capacidade de agir, de resistência, a coragem indômita, a vigilância, a bravura e a disciplina de nosso homem, habituado às lides de campo e ao manejo das armas.

Foi avistado pela manhã do dia 15 de dezembro de 1893, quando descia a encosta do Cêrro de Bagé, ao sudoeste, pelo lado do antigo 4.º reg., um piquête dos lanceiros de 93, ocasião em que o Alf. Campos, do 31.º bat. inf., recebeu ordem de ir ao seu encontro a fim de rechaçá-lo.

Pondo-se em marcha, a certa altura do itinerário, o pelotão se dividiu em duas partes cabendo o comando, respectivamente, de uma parte ao 1.º Sarg. João Carvalho Borges, e da outra ao 2.º Sarg. Eustáquio.

O pequeno contingente do Sarg. Eustáquio, ao passar pelo flanco direito do quartel do 4.º reg., foi atacado por um piquête que se ocultara atrás do edifício e que de surprêsa, com o máximo de velocidade, desfere terrível carga contra essa pequena fôrça, resultando a morte do Sarg. Eustáquio, a lançaço; e a do Cabo Maciel, a bala; mas ao ímpeto da réplica legalista, refeita da surprêsa, consegue fazer debandar a fôrça revolucionária que no momento perdeu o comandante, um tal Adão.

À tarde dêsse mesmo dia 15, da trincheira da Panela do Candal, lugar dominante, donde se descortina ampla e bela vista panorâmica e estava postada a artilharia, se viu que numerosos piquêtes se aproximavam pelas encostas do Cêrro de Bagé, parte sul da cidade, o que levou a seu comandante, 1.º Ten. Juvenal de Matos Freire — casado com a distinta dama bagèense, Dna. Brazilina Mazini Freire, ora residindo em Pôrto Alegre — a entrar em ação fazendo troar os canhões, dando provas de valentia aos comandados e por seus certeiros tiros obrigou o inimigo a retroceder e desistir do momentâneo propósito.

Os dias se sucediam na ordem cronológica e a situação se agravava mais e mais, assim é que a 18 de dezembro havia falta de tudo e cada qual se arranjava como podia.

Devido a êsse estado de coisas, que não trazendo a anarquia, trouxe o desânimo nalguns e oportunidade para outros, começaram as deserções que no geral se faziam pela parte sul da praça franqueada até o cemitério, distante aproximadamente 800 metros.

Os evadidos, prisioneiros alguns, outros sobraçando a causa que lhes era o ideal e que almejavam defender, forneceram informes preciosos do que se passava no interior da praça, ao comandante revolucionário, que já estava ao par de que o Sr. Ministro da Guerra Gen. Moura, determinara a organização de um contingente de fôrças de mais ou menos 3000 homens, a que denominou Divisão Sul, e nomeou comandante o Sr. Cel. João Cesar Sampaio, a fim de vir em auxílio dos sitiados, que começavam a padecer tôda a sorte de vicissitudes.

Joca Tavares ordena então na noite de 19 de dezembro de 1893, que o cêrco se transformasse em cinturão de ferro e fogo; um in-

ferno, onde só se ouvia o estampido dos tiros de guerra, o matraquear da metralha e o ribombar dos canhões.

Reproduziam-se sem cessar comoventes cenas épicas. A defesa da praça agigantava-se pela ação heróica dos defensores e pela ousadia dos assaltantes que se arrojavam à renhida peleja, gravando na história pátria mais uma página áurea do que foi magnífica epopéia.

Desejando evitar maior derrame de sangue julgado inútil, pelo comando federalista, depois de tantas escaramuças sangrentas, no dia 22 de dezembro, às 4 horas da tarde, foi solicitado um armistício a Carlos Teles, o que motivou seu consentimento de entrar na praça um parlamento que em nome de seus chefes lhe propôs a rendição com garantia de vida a todos.

Franco, leal e amável, o valoroso soldado, embora reconhecendo a boa intenção do adversário, não vacilou em repelir a proposta e declarar: *"Vocês é que devem depôr as armas, porque estão fóra da lei, garanto á todos anistia ampla"*.

Com essa resposta, sem esperanças de chegarem a um entendimento, retira-se a comissão de parlamentares.

Nessa mesma tarde, aproveitando a trégua momentânea, com a devida permissão, penetraram também na praça várias famílias dos sitiados para visitarem a parentes e amigos que nesse recinto lutavam há vários dias e dêles era impossível receber notícias exatas.

Foi uma pequena trégua nas hostilidades, que trouxe imensa alegria a muitos e a oportunidade a mais algumas deserções. Assim foi que, após longa conferência com sua mãe, procurado pelo fiscal Cap. Otávio Pires às 10 horas da noite, não foi encontrado no seu pôsto de combate, nem na guarnição, o Cap. Moreira Sobrinho, que se ausentara a fim de cumprir o seu ideal de revolucionário, sob o qual prevalecera até então o seu dever de soldado.

O Cap. Moreira Sobrinho que comandava a trincheira do cruzamento das ruas Dr. Verissimo-Barão do Amazonas, foi substituído, momentâneamente, pelo Sargento Ajudante Manoel Antonio Ferreira da Cunha — mais tarde faleceu como general de brigada, reformado — que passou o comando ao Cap. Gomes Carneiro, irmão do heróico defensor da Lapa.

Terminado o armistício, os ataques à praça se tornaram inúmeros e de grande impetuosidade. Às 11 horas da noite os atacantes chegaram quase junto às trincheiras, onde foram atacados, retidos e repelidos.

Entretanto, dos telhados e quintais das casas próximas situadas ao norte, a fuzilaria se manteve intensa na direção da última casa da rua Sete de Setembro, esquina Dr. Verissimo, junto à praça da Matriz, que ficou muito danificada.

Com a passagem das horas a luta se encarniçava com uma fuzilaria que não cessava, não fazia interrupção mesmo durante a noi-

te, e os defensores lutavam dentro de seu limitado e exíguo perímetro que apenas conservava sob a trajetória de seu fogo a parte sul, até o cemitério.

Sem cavalaria, com o número de comandados já reduzidos pelas deserções, ferimentos e mortes, a 800 homens, Carlos Teles não dispondo de infantaria suficientemente alimentada, sendo seu objetivo o de guarnecer a artilharia porque não podia deixar a praça para combater fora os revolucionários e principalmente, por não haver chegado o momento extremo de ter que forçar o rompimento do cêrco, num caso de vida ou morte, mandava fazer reconhecimentos cujos efeitos eram apenas morais.

Para cumprir essas missões que exigiam abnegação e muita coragem, havia dificuldade na designação dos escolhidos, pois mesmo com sacrifício de vidas, a qualquer preço, a disputa era grande para servir a causa que defendiam com ardor inquebrantável.

Decorrido exatamente um mês do início dessa epopéia, a 24 de dezembro, foi designado para o arriscado empreendimento de um reconhecimento ao norte da cidade, o 1.º Ten. Jorge Wiedmann, comandante do contingente do 2.º batalhão de engenharia que para o selecionamento de 20 homens lutou com grandes dificuldades porque todos os seus subordinados pediam para acompanhá-lo.

Êsse pugilo de bravos, ao penetrar na rua Sete de Setembro foi alvo de vários tiros de fuzis que se tornaram mais numerosos nas bôcas de ruas, e à medida que iam progredindo na marcha até o momento em que mortos uns, outros feridos, os demais não puderam vencer a resistência inimiga, retornando o valente Ten. Wiedmann à frente de seus heróicos companheiros a ocupar suas posições na praça.

O Ten. Jorge Wiedmann, mais tarde, atingiu o honroso pôsto de general e era pai do ilustre bagèense professor de direito e desembargador do Tribunal de Justiça do Estado, Dr. Nei Wiedmann, residente em Pôrto Alegre.

No trigésimo dia de luta, era horrível a situação da praça porque os defensores, desde o início, tiveram suas rações diminuídas, indo ao têrço e finalmente ao quarto do necessário, devido à quase absoluta falta de gêneros alimentícios.

Decorrido êsse tempo se notava o grande depauperamento físico de todos; motivado pela fome e pelas vigílias acentuadas que retratavam o cansaço e a doença porém, mesmo assim, o sofrimento não conseguiu apagar o traço fisionômico que refletia a esperança dos heróis que acreditavam na vitória, crentes que de um momento a outro um refôrço chegaria. Corriam boatos terríveis de bôca em bôca, surtindo efeitos morais formidáveis. Os combatentes, dando o exato aspecto de prisioneiros de moderno campo de concentração, dormiam ao relento e comiam carne de cavalo, cães, gatos, figos verdes e caruru cozido n'água e sal; procurando reservar pequeno

estoque de bolachas aos doentes e feridos que também, muitas vêzes, sem caldo para mitigar a fome e mesmo a sêde, vinham sendo vítimas de inanição.

Não se encontrava nada mais o que comer, todos sofriam, limitando-se às migalhas de uma parca ração que, mesmo assim, nalguns dias não serviam.

Mantiveram os defensores, até o dia 19 de dezembro, relativa liberdade de locomoção podendo procurar o que comer porém, depois dêsse dia não mais puderam sair da praça sem grave risco de vida, isso mesmo, só podiam tentar para o lado sul, até o cemitério, onde os tiros dos adversários caíam, aquém e além, causando morticínio nos que num momento de desespêro tentavam engambelar o estômago.

A cidade envôlta num crepe de luto e de dor contemplava a lamentável luta fratricida em que a população civil já contava várias vítimas, umas por imprudência em atravessar as ruas, e outras em suas próprias casas, colhidas por balas perdidas.

A fome começava a desalojar de seus lares as primeiras vítimas que os abandonavam empunhando bandeiras brancas, atravessando as linhas "maragatas" em busca de melhores dias, rumo a lugares longínquos onde conseguíssem, ao menos, a necessária alimentação.

O belo templo católico "Matriz de São Sebastião", síntese viva da HISTÓRIA DE BAGÉ, foi utilizado para hospital de sangue, passando essa "Casa de Deus" a abrigar sob seu teto grande número de doentes e feridos, onde prestaram serviços profissionais de inestimável valia, com desvêlo e abnegação, os Drs. Líbio Vinhas e Cap. Artur Carnaúba e o farmacêutico Martiniano Antonio Meireles.

Êsses sacerdotes da medicina enfrentaram árduas vicissitudes atendendo tão importante serviço com insignificantes recursos e pequeno estoque de medicamentos, sendo quase inacreditável o terem desempenhado seus encargos de forma altamente elogiável, digna da gratidão pública e do engrandecimento de sua nobre classe.

Nesse dia, véspera de Natal, já os revolucionários por informes ficaram a par de que sôbre êles convergiram duas fortes colunas da "Divisão Sul", que se aproximariam uma pelo lado leste e a outra pelo oeste, o que os colocaria em situação adversa dada a escassez de munições que restava.

Essa circunstância redundou em nova série de boatos aterradores entre as famílias dos sitiados, e na intensificação do ataque à praça forte.

Assim, imperando êsse medonho quadro, raiou o dia 25 de dezembro de 1893! Natal! Dia em que a humanidade levanta aos Céus hosanas ao Senhor, dia em que os exércitos, os homens das mais variadas origens, cessam as hostilidades e até confraternizam para sau-

dar a vinda do Messias; dia em que a humanidade pulsa uníssona num só coração traduzindo doçura, paz, amor, pureza, infância, vida. Bagé viu raiar em sua gleba um sol rubro de — definido na feliz expressão de Churchill — "lágrimas, suor e sangue".

"Ano-Bom", data marcante na vida dos povos, mais uma etapa vencida no evoluir do tempo com o advento de um porvir em que se confia no destino, rogando a Deus por melhores dias.

Primeiro de janeiro de 1894! Em Bagé, situação angustiosa para unidades do exército encurraladas em pequeno reduto, sentindo as agruras da fome e começando a padecer o suplício da sêde.

Triste "Ano-Novo" para aquêles entes forjados com têmpera de heróis que finalmente superaram o aflitivo momento em que o sentimento de angústia tentou derrocar as sólidas bases do que de mais nobre e arraigado possui a alma humana — a ESPERANÇA.

Carlos Teles já havia projetado a fim de evitar o pânico, caso faltasse a proteção esperada, tentar uma sortida até à xarqueada Industrial, hoje "Sociedade Anônima de Fazendeiros", onde constava existir depósitos de víveres, contando para isso com a artilharia e a pouca ação do inimigo que calculava estivesse desprovido de munições.

Êsse projeto não se realizou porque desejando medir o grau de reação dos maragatos, no dia 4 de janeiro, às dez horas da manhã, o comandante da praça ordenou que uma fôrça de infantaria fôsse desalojar os sitiantes das posições que ocupavam, o que não foi possível dado o vivíssimo fogo com que eram repelidos.

Várias foram as sortidas, sendo que, numa delas o valente oficial da Brigada Militar, Ten. Juvencio M. de Lemos, foi gravemente ferido. — Juvencio M. de Lemos, posteriormente coronel reformado, foi também, prefeito de Bagé.

À tarde, para aliviar a fome de todos, já não existindo a não ser pequeno estoque de bolachas reservado aos doentes, foram sacrificados os poucos animais que restavam; dando Carlos Teles, o magnífico exemplo de mandar imolar seu ótimo cavalo de montaria, um *pingo de lei,* tordilho negro.

Difícil se torna aquilatar o que se passou naquela alma de gaúcho ao adotar a medida extrema que o separou para sempre do animal que era um amigo, companheiro de lutas e de glórias!

Na tremenda circunstância preponderou o poder do cérebro, aniquilando a fôrça do bem formado coração que vencido, ante a realidade, fêz-lhe como desafôgo brotar duas espêssas lágrimas, palpitando com vigor, pondo ponto final ao sentido episódio.

Aproximando-se o dia da chegada da numerosa Divisão Sul, o comando revolucionário resolveu no dia 5 de janeiro, dar o ataque final à cidade assediada sem correr o risco de ser surpreendido pelas novas e bem aparelhadas fôrças legais.

Planejou penetrar na praça pelo noroeste em temerária façanha utilizando-se para êsse fim de tôdas as casas da Rua Sete, entre as ruas Dr. Pena e Dr. Verissimo, que vão ter a um dos cantos do local visado.

Tudo bem preparado, numeroso contingente iniciou a ação, derrubando muros, furando paredes, conseguindo com êsse estratagema penetrar pelo interior do quarteirão até à penúltima casa, hoje escritório da 8.ª residência do D. A. E. R. Nessa altura o barulho provocado pelo grande efetivo utilizado acrescido do estrondo produzido pelo ruir das paredes, foi ouvido por sentinelas e pelos defensores da trincheira da Rua Sete, apesar de no momento reinar intensa fuzilaria.

Carlos Teles pôsto ao par do que se passava por seus incansáveis ajudantes-de-ordens, Alf. Jaime Teles Ferreira e Wandislau Bandeira Teixeira — pai do ilustre Gen. Rafael Danton Teixeira —, conhecedor do adversário, anteviu a situação crítica que se aproximava e imediatamente tomou a resolução de ganhar tempo, surpreendendo-o com a iniciativa do ataque, antes de ser atacado.

Mandou chamar o Maj. da Brigada Militar, Mason e lhe diz: *"Major desaloje essa gente"*, e desde êsse momento se colocou à frente de seus valentes homens cônscios de seus deveres, dando-lhes o exemplo da mais dignificante bravura.

A lacônica ordem foi brilhantemente cumprida pelo experimentado major que escalou algumas praças do 2.º corpo, do 31.º bat. inf., e de outras unidades para derrubarem as paredes dos dois últimos prédios, ainda não atingidos pelos revolucionários, e em seguida num golpe de surprêsa e vigor obrigá-los a retrocederem vencidos em tão ousada tentativa.

O espetáculo em meio aos escombros foi dantesco, pois sabiam os maragatos que aquela arrojada emprêsa seria a última tentativa para sobrepujar o reduto pica-pau.

Queimaram os últimos cartuchos num medonho tiroteio que era respondido por cerrada fuzilaria.

À frente dos seus, no cruel combate, Teles foi ferido num ombro, sendo atendido e medicado pelo Dr. Líbio Vinhas sem que abandonasse o comando. Destacou o Alf. Cândido Forjaz para retirar um canhão da trincheira da Rua Sete e o colocar no local dos escombros a fim de transformá-los em improvisada trincheira. Para consolidar essa posição constantemente ameaçada por elementos que ainda à noite permaneciam no interior das casas, o Alf. Forjaz deu ordem aos soldados para que acendessem lanternas, a fim de dominar aos que teimavam em se manter às escondidas, causando-lhe apreensões.

Durante a refrega o Sargento Ajudante Antonio Ferreira da Cunha, recebeu ordem de vir com o seu canhão substituir o que havia saído da trincheira da Rua Sete e garantir aquêle baluarte.

Verificou ao chegar à nova posição que grupos de revolucionários tentavam atravessar a Rua Sete nas proximidades do Mercado e por isso, ordenou uma descarga de granadas e Shrapnéis com que fêz desistirem de mais êsse intento. O efeito dessa descarga foi ótimo, pois, depois disso, desapareceu o perigo iminente de ataque à praça porque a situação de fogo, se não cessou ao menos amainou consideràvelmente.

Voltaram os canhões da Rua Sete e da rua Barão do Amazonas, esquina Dr. Verissimo a seus lugares, e a luta agora era mais contra a fome e a incredulidade de alguns na chegada de reforços do que contra o tiroteio inimigo. Todos porém, se mantiveram na resolução dos que dotados de espírito mais forte esperavam a cada momento a chegada de reforços e, antes de tudo queriam a consolidação do regime republicano presidencialista, há pouco implantado no país.

Finalmente, às 23 horas de 7 para 8 de janeiro de 1894, é retirado o cinturão de fôrça que envolvia a cidade; não mais se ouviu um tiro, trazendo êsse fato o esbôço alegre de um sorriso para uns, e a desconfiança para outros.

Foram formuladas as mais variadas hipóteses: pensavam uns que o inimigo os atraía para a orla da cidade a fim de metralhá-los; outros achavam que a munição se esgotara; e, finalmente, alguns, julgaram que se aproximava o refôrço da Divisão Sul, há tanto tempo esperado.

O extraordinário Carlos Teles, não ligou às hipóteses imaginadas, não perdeu tempo em lucubrações, em vista das circunstâncias ótimas para reparador descanso, mandou redobrar a vigilância e determinou aos demais que aproveitassem aquela pausa para repousar.

Depois dêsse dia não mais se ouviu o matinal tiro de um nórdico, elemento da fôrça de Ulisses Reverbel que do local, hoje Banco do Brasil, tôdas as manhãs fazia vibrar o sino da tôrre esquerda da Matriz de S. Sebastião, sendo que de uma feita foi visado e atingido o centro do relógio ali colocado, inutilizando-o até nossos dias.

Também, após essa noite, o célebre atirador de origem italiana, Sr. Miguel Palermo, não mais ocupou seu ponto de observação que era a tôrre direita da mesma igreja, onde com sua certeira pontaria fulminava os imprudentes e arrojados que tentavam se aproximar das trincheiras.

Vejamos como relata o fim dessa epopéia, o Ten.-Cel. Eduardo Peres Campelo de Almeida, na "A Defesa Nacional" n.º 385, de junho de 1946, págs. 1.222 a 1.223: *"Um fato curioso porém deixára estarrecidos os defensores da trincheira da rua Sete. Até hoje os sobreviventes que estavam naquela trincheira não sabem explicar quem seja o vulto que as 4 horas da madrugada de 8 se aproxima-*

va da dita trincheira, em passos cadenciados; tal era o silencio reinante, que o seu pisar era ouvido pelos defensores, e o vulto se aproximava, braços às costas. Parecia mais um fantasma, uma visão. Mas a sua atitude era de paz e por isso não provocou uma reação dos elementos que guarneciam esta parte da praça; chegando a pequena distancia o vulto disse: "Bom dia. Os revolucionários deixaram a cidade". *E retirou-se, como chegara.*

Quem seria aquele imissário da paz, aquele portador de uma noticia que iria causar tanta alegria e tanto contentamento? Ninguem soube, pois a perplexidade interrompeu qualquer ato de iniciativa dos defensores da trincheira.

A bôa nova chegara celere ao conhecimento do coronel Teles que sem demora, manda sair piquetes em direções diversas para reconhecerem as posições adversas e trazerem as informações de que o comando carecia para tomar decisão ou as decisões que o caso exigisse.

Os piquetes seguiram no cumprimento da missão recebida, e, regressando, informaram que, de fato, a cidade estava deserta, casas arrombadas, a maioria saqueadas, algumas incendiadas, objetos de uso domestico, generos, etc., atirados á rua.

Era o término de uma situação que pareceu eternizar-se tal o cortejo de horrores que a acompanhou. Não há pena que possa descrever a alegria que se apossou daquela gente, habitante da cidade, como dos soldados e dos que tomaram parte ativa no sitio.

Logo após a confirmação da notícia, o coronel Teles mandou tocar alvorada. Às 6 horas, a cidade é franqueada aos defensores da praça; momento depois a banda de musica do 31.º bat. inf. saía em passeata, acompanhada pela escassa e sacrificada população, e as familias vão aos poucos, voltando aos seus lares e a vida da cidade vai se normalizando".

— A disciplina, a ordem, com que os sitiados se comportaram ao deixar a praça, me foi confirmada pela veneranda senhora Dna. Cândida Rato, da elite social e pertencente a tradicional família federalista.

"No dia 8 às 10 horas, a coluna do Cel. Sampaio dava sinais de sua aproximação, vindo da direção do quartel do 4.º reg., dando uma salva de artilharia e logo após aparecia no desfiladeiro à testa com seus flanqueadores, cobrindo-lhes os flancos; minutos após tôda a coluna bivacava próximo ao arroio que passa a leste da cidade.

Estava ali concretizada a remessa do auxílio tão ansiosamente esperado. Tardou, mas finalmente chegou e fôra a sua aproximação, sem dúvida, o fator preponderante, senão o principal, do levantamento do sítio que tantas vítimas causara. Grande foi a alegria do pessoal ao ver a coluna, maior porém fôra quando se levantara o sítio".



Cêrco de 93, Rua Barão do Amazonas, esquina Conde de Pôrto Alegre.



Matriz de São Sebastião, vendo-se as perfurações de balas, e couros secando ao sol durante o cêrco de 93.



Cêrco de 93, Rua Sete de Setembro, esquina dr. Veríssimo.



Cêrco de 93, Rua dr. Veríssimo, esquina General Osório.



Cêrco de 93, Rua Conde de Pôrto Alegre, esquina Sete de Setembro.



Cêrco de 93, trincheira na Panela do Candal.



Parada militar, realizada logo após a pacificação de 1893 —
Rua Sete de Setembro.



Desfile de tropas da guarnição em fins do Século XIX,
vendo-se o primeiro auto que veio a Bagé.

Findo o memorável cêrco que tão alto elevou o valor de nosso HOMEM e do Exército Nacional, Carlos Teles, modesto e simples, julgando apenas haver agido no cumprimento do dever, resolveu não dar publicidade a tão magnífico feito. Porém, a instância de seus amigos e companheiros de armas, dentre os quais se destacou o seu ex-secretário, alferes-aluno Arêas Leão, decidiu publicar a ordem do dia seguinte:

"ORDEM DO DIA"

Quartel do Comando da Guarnição e Fronteira de Bagé.

9 de janeiro de 1894.

Após quarenta e seis longos dias de sítio, é com a maior satisfação que este comando, rememorando o que então se passara, torna público o seguinte:

As fôrças desta Guarnição, compostas do 31.º Bat. de Inf., do 4.º Reg. e do 2.º Reg. de Eng., 5.º Corp. Prov., Bat. Republicano, pessoal da guarda Aduaneira, contingentes do 1.º Reg. Cav. da B. M. e de Patriotas, privadas de comunicações com as demais guarnições dêste Estado desde 24 de novembro, na noite de 22 de dezembro convergiram para a praça fortificada, repelindo sempre o inimigo que por diversas vêzes e em dias diferentes, tentara tomar de assalto êsse centro de resistência.

Desde a madrugada de 27 de novembro, porem, que esta heroica resistência fôra valorosamente secundada pelo Corpo de Transporte e 2.º Bat. da Reserva da B. M., procedentes do Quebraxo donde se retiraram do sítio com que o inimigo tentou isolá-los, e com os quais as fôrças acima mencionadas perfizeram um total de novecentos homens.

A concentração dessas fôrças na praça fortificada, exigida pela falta absoluta de Cavalária, um dos mais importantes e imprescindíveis recursos nas guerras sul-americanas, bem como pela sua inferioridade numérica em relação às do inimigo, compostas de uns três mil homens, alentados ainda pela recente vitória do Rio Negro, talvez lhes fizesse crêr no prenúncio de mais uma vitória.

Assim ilusóriamente reanimado redobraram a intensidade dos seus fogos de fuzilaria que, partindo dos fundos dos quintais, das esquinas e telhados das casas, principalmente das situadas ao Norte e Este da cidade, onde em maior número se alojaram, varriam a praça em tôdas as direções. É com orgulho que êste comando vos assegura que nesses momentos, os mais criticos, sempre julgou esta praça inexpugnável vendo que cada um de vós era inseparável de seu posto de honra, procurando à porfia melhor cumprir os seus deveres, tornando-se todos dignos dos maiores encômios e da gratidão nacional, mesmo porque na noite de 8 do corrente, o inimigo aba-

tido por tão heroica resistência e já desprovido de munições e desarmados pelos grandes claros que fizestes em suas fileiras, fugiu precipitadamente, deixando muitas armas, e após uma cidade em ruinas, saqueada e incendiada.

As instituições nascentes e a integridade da nossa Pátria não perigarão jamais enquanto tiverem defensores valorosos e abnegados até o sacrifício, como vós.

Diante da uniformidade de um semelhante proceder, êste comando julga-se dispensado de mencionar o nome dos que se distinguiram; por isso louva a todos os oficiais e praças desta guarnição pela firmeza e lealdade com que se portaram durante o penoso sítio a que esteve sujeita, e determina que os Senhores comandantes de corpos façam em ordens regimentais as distinções que julgarem de justiça.

Contrabalançando as alegrias provenientes da grande vitória alcançada pelas armas gloriosas da República, êste comando lamenta aqueles que tombaram no campo da luta; aos feridos, os que apenas chegaram a verter o seu sangue em pról das novas instituições, — os nossos respeitos e admiração; àqueles, porém, que sucumbiram para sempre, as nossas saudades e a gratidão da Pátria (assinado). Carlos Maria da Silva Teles, Coronel".

Nesse mesmo dia, 9-1-894, o cel. Carlos Teles, comissionou, segundo a Ordem Regimental n.º 220, em alferes, treze inferiores, sendo que quasi todos fôram ao posto de general. Dentre êles lembramo-nos dos seguintes: João Fleury de Souza Amorim, Manoel Antonio Ferreira da Cunha, Napoleão Poeta da Fontoura e Primo Pereira de Paula Dias.

Em telegrama dirigido ao Ministro da Guerra, Gen. Francisco Antonio de Moura, que se achava em Pôrto Alegre, são fornecidos por Carlos Teles os dados seguintes:

A guarnição teve quatro oficiais mortos, sendo: o Alf. do 5.º reg., Bento Antonio de Souza, secretário; o Alf. do 31.º bat. inf., Vicente de Azevedo, ajudante-de-ordens do Cel. Carlos Teles; dois capitães das fôrças patriotas de D. Pedrito, pertencentes ao contingente do Ten.-Cel. Manoel Corrêia dos Santos, sendo um dêles, seu filho Gaudencio Corrêia. Feridos: o Cel. Carlos Teles, no ombro direito, o 1.º Ten. do 4.º de art., Alfredo Pires, no rosto; um major e dois capitães das fôrças civis.

Praças mortas, trinta e feridas oitenta e seis.

O sepultamento dos mortos foi feito ao lado da Igreja e em terreno próximo, sito à Rua Sete de Setembro, de propriedade da viúva Dna. Maria Lúcia Ricardo.

Foram vítimas de ferimentos recebidos de balas *perdidas* umas dez ou doze pessoas, muitas dentro de suas próprias casas e outras por atravessarem imprudentemente as ruas da cidade.

Carlos Teles teve a satisfação de receber os seguintes telegramas:

Porto Alegre, 14 de janeiro de 1894.
Coronel Carlos Teles — Bagé

Vosso heroismo e de vossa guarnição provocou entusiasmo e admiração de todos os republicanos e os justos aplausos nacionais, pela imperterrita e prodigiosa resistência, que opuzestes aos sanguinários inimigos da Republica durante prolongado sítio.
Abraço-vos jubilosamente e aos vossos comandados

Julio de Castilhos

Porto Alegre, 14 de janeiro de 1894.
Coronel Carlos Teles

Bagé

Viva a República.

Vós e a heroica guarnição de Bagé fizeram jús a nossa admiração e reconhecimento.

Com tão valentes e abnegados soldados e patriotas a República não pode ser vencida.

Ao Marechal Floriano transmiti o telegrama que me enviastes.

Abraço-vos e a todos os valentes camaradas da guarnição de Bagé.

General Moura — *Ministro da Guerra*

Rio Grande, 15 de janeiro de 1894.
Coronel Carlos Teles.

Bagé

Com a sinceridade e admiração de soldado, felicito-vos pela heróica e prodigiosa defesa que durante longos e penosos dias opuzestes tenazmente aos bárbaros inimigos da República.

Abraça-vos e aos destemidos, leais e bravos companheiros que faziam parte da guarnição do vosso digno comando.

Saudações.

General Bacelar

Pouco tempo depois, diz Jorge Reis:

O glorioso e grande brasileiro Marechal Floriano Peixoto, tendo na mais alta consideração a conducta dos republicanos civis, que tão bem cumpriram o seu dever no memoravel sitio de Bagé, ao lado do governo legal, galardou com toda a justiça os serviços de muitos delles, concedendo-lhes honras dos postos: — de ten-cels. aos srs. José Pinto Sobrinho e Antonio Luís da Rocha Osório; de majores aos srs. Florindo da Rocha Osório e José Otávio Gonçalves, este com a honrosa nota em sua carta patente, — pelos serviços prestados a Republica e por distincção.

Capitães — Clemente Lignon, Manoel Amaral, Galvão José de Freitas e Rodolpho de Oliveira Santos.

Tenente, — o antigo e zeloso inspector das linhas telegraphicas, Manoel Pinto Soares, por ter com risco de vida attendido o serviço da campanha, incessantemente, nas quasi diarias interrupções do telegrapho.

Ainda no burburinho dos últimos acontecimentos do dia 8 de janeiro de 1894, o Cel. João Cesar Sampaio, comandante da Divisão Sul, após o levantamento do cêrco de Bagé, às 14 horas conferenciou longamente com o Cel. Carlos Teles, saindo em seguida para dar início à perseguição aos revolucionários até perto de Quaraí.

Nesse local, próximo à cidade, os federalistas dividem-se em duas colunas: uma, com Joca Tavares, Pina e Rafael Cabeda, que segue para Alegrete, marchando ao seu encalço o Cel. Sampaio; a outra, com Ulisses Reverbel, para Quaraí, seguida pela fôrça do Gen. Hipólito Ribeiro.

Perto de Livramento, Sampaio surpreende e bate o inimigo, no dia 1.º de março, no Sarandi, havendo fugido do poder das fôrças maragatas o Gen. Isidoro e outros oficiais aprisionados no Rio Negro.

Diz o autorizado historiador Dr. Otelo Rosa que: "*Joca Tavares, nas adjacencias de S. Gabriel, subdivide ainda suas forças, seguindo com parte delas para D. Pedrito, emquanto que Pina segue para Encruzilhada, aonde é batido, voltando a sel-o em S. Gabriel, donde se internou para S. Sepé. Enfermo, Joca Tavares abandona a luta, retirando-se para a Republica do Uruguai, fazendo-se substituir pelo seu irmão, Zéca Tavares.*

Em alguns pontos do Estado levantam-se alguns grupos, como na serra de Taquarí, em S. Francisco de Paula, em S. Borja, e em Passo Fundo, dominados logo pelas forças legais.

GUARNIÇÃO AGUERRIDA

Exatamente, na fase mais necessária à consolidação da "Jovem República Brasileira", a magnífica vitória obtida com o levantamento do cêrco de Bagé que com seus lances épicos constitui o maior feito de armas do Exército Nacional até nossos dias, em território gaúcho e quiçá brasileiro, não bastou para esmorecer a fibra dos "lanceiros de 93", que ainda por muito tempo lutaram até surgir a 10 de julho de 1895, a pacificação.

As aguerridas e bem municiadas fôrças da Guarnição de Bagé, comandadas por Carlos Teles, foram as fôrças regulares que na luta fratricida da revolução federalista tiveram durante o desenrolar dos acontecimentos a mais destacada atuação.

Defendendo as posições que foram confiadas ao seu patriotismo e valor, travaram mais de cinqüenta combates em que tomaram parte ativa todos os valentes e audazes chefes de 93, com exceção de Prestes Guimarães que nunca veio a esta zona.

Foram cenários de lutas: o Piraìzinho, Cêrro, Quebraxo, Quebraxinho, Xarqueada, Rio Negro, repetidas vêzes os subúrbios de Bagé, e diversos pontos da linha de operações.

A defesa de Bagé — base de operações e da zona da estrada de ferro —, linha de operações e as cidades de Rio Grande, Pelotas e D. Pedrito e pontes e vilas intermediárias, estiveram sempre a seu cargo e de seu bravo comandante.

Ameaçadas as cidades litorâneas de Pelotas e Rio Grande, pelo almirante Wandenkolk; Carlos Teles, acatando ordens superiores, organiza uma divisão, em uma só noite, e às 20 horas de 8 de fevereiro de 1894, fêz partir o primeiro trem com os combatentes em socorro às referidas cidades.

Integravam essa fôrça o célebre 31.º bat. inf., o 4.º reg. art., o corpo de transporte e outros corpos além da legião civil, constituída por cidadãos que já haviam tomado parte no cêrco de Bagé.

Em menos de quatro dias eram frustrados os planos dos revolucionários, pois as fôrças dos Gens. Joca Tavares e Gumercindo Saraiva, não conseguindo fazer junção com o almirante, se viram obrigadas a retroceder em direção à cidade de Jaguarão, depois de vivíssimo fogo de fuzilaria engajado na estação da Quinta.

Após sessenta dias, a 9 de abril de 1894, a linda cidade marítima, cognominada "A Namorada do Oceano", é novamente atacada pela esquadra revolucionária, mas desta vez, às ordens do Almirante Custódio José de Melo. Defendendo-se com seus próprios recursos resiste galhardamente por dois dias, dando tempo a que chegasse de Bagé o Cel. Carlos Teles que obrigou não só a esquadra como também a numerosa fôrça de 2100 homens que a sitiava ao mando do Cel. Salgado e de Laurentino Pinto, a uma retirada imediata.

Custódio rumou a Buenos-Aires, pedindo asilo ao govêrno daquele país, findando assim, a rebelião da esquadra, pois apenas ficou restando em Sta. Catarina, o navio "Aquidaban" comandado por Alexandrino de Alencar, posteriormente almirante e ministro da Marinha.

COMBATE DO PASSO DAS TRAÍRAS

Não esmoreciam os federalistas no seu grande anseio de implantar no país o regime parlamentarista, por isso, a campanha do Rio Grande se mantinha em agitada luta quando, de Lavras para Bagé, o 2.º bat. inf. da Brigada Estadual (184 homens), comandado pelo capitão do exército (comissionado em tenente-coronel) Cipriano da Costa Ferreira e fiscalizado pelo alferes (também do exército, comissionado em major), Adão de Carvalho Barcelos, no cumprimento de ordens anteriores, na tarde de 3 de novembro de 1894, levanta acampamento da fazenda do Sr. José Saraiva e transpõe o rio Camaquã que constitui linha divisória dos dois municípios.

Assim à frente de um efetivo de 230 homens, oficiais e praças, inclusive uma fôrça de cavalaria do regimento de reserva, acampou e permaneceu no decorrer dos dias 4 e 5 no Rincão das Palmas, onde encontrou e bateu pequenos grupos de revolucionários.

Cumprindo seu objetivo, na madrugada de 6 de novembro continua a marcha, com destino à cidade de Bagé, a fim de fazer junção com o grosso da brigada às ordens do Cel. Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz (Quinca Teles). Após haver andado mais ou menos duas léguas sem ocorrer novidade, ao transpor o arroio *Traíras* para a margem esquerda, topou com a presença de vedetas do inimigo que de imediato foram perseguidas por exploradores da cavalaria legal, pondo-as em fuga para várias direções.

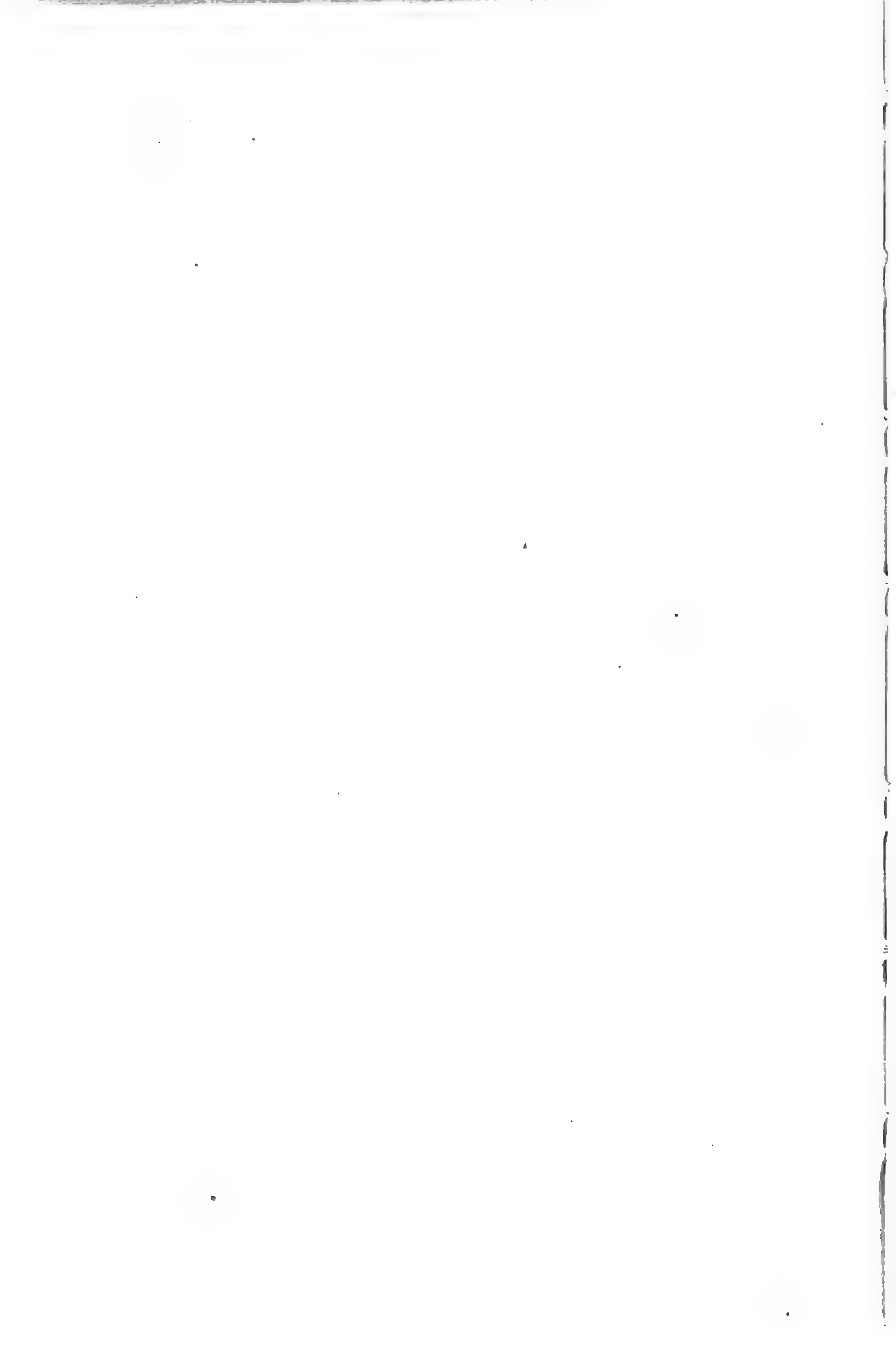
Jovem, porém de valor insuperável, Cipriano Ferreira que a 7 de fevereiro de 94, no quilômetro 34 da estrada Mundo Novo, pertencendo à divisão do Cel. Flores foi encarregado de desalojar o inimigo daquele local, travou para isso, renhido combate em que foi ferido no ombro direito e em que revelou soberba valentia, iria agora legar à posteridade uma página épica da história pátria.

Pela aproximação de diversos piquêtes inimigos, achando-se em campo aberto, num relance constatou que seria cercado por numerosa fôrça de cavalaria, e concebeu a retirada dos seus comandados para local onde melhor se efetuasse a resistência.

O único ponto aconselhável, à defesa, próprio a um abrigo, era a casa do Sr. Julio Vieira da Silva que ficava a uns dois quilômetros distantes, à retaguarda.



General Cipriano Ferreira



Anunciando uma dessas incomparáveis manhãs gaúchas, despontou o sol num hino de glórias à natureza, retemperando a alma daquêles bravos que se degladiaram em luta homérica.

Sete horas; do terreno ondulado de lindas coxilhas, surgiu o ataque da numerosa cavalaria maragata — superior a 750 homens —, comandada pelo valente Cel. José Bonifácio da Silva Tavares (Zeca) e Ten.-Cel. Dr. Gaspar Barreto.

A avalancha de intrépidos cavaleiros fazia tremeluzir no ar as ameaçadoras lanças por entre o relinchar de fogosos "pingos de lei" e o toque dos clarins, de avançar fogo.

Uma rajada de balas sibilou no ar.

Calmo, inabalável na sua convicção de cumprir um dever de honra, o Comandante Cipriano Ferreira ordenou a retirada, mas precavido, mandou formar *quadrado* — o mais aconselhável dispositivo para suportar o embate inimigo, em tão crítica emergência.

O ataque irrompeu impetuoso. O primeiro choque foi tremendo e envolveu o pequeno quadrado formado por elementos dispostos a resistir a todo transe, antes que caíssem em poder do inimigo.

De suas quatro faces ouviu-se uma descarga fulminante, sucessivamente seguida de outras já misturadas à voz do comando, entusiasmando, encorajando no ardor da peleja aquêle punhado de heróis.

Os valentes "lanceiros de 93", que pelo arrôjo pareciam levar tudo por diante, foram pela primeira vez detidos. Homens e cavalos juncaram o chão de cadáveres e feridos, interceptando a avançada.

Num movimento lento, seguro, movia-se o 2.º bat. inf. da B. M., rumo ao ponto colimado e no centro, numa calma de verdadeiro soldado, demonstrando possuir admirável fibra espartana, relembrando os heróis de 35, ia Cipriano Ferreira animando aos comandados e ordenando à fanfarra que não interrompesse os acordes musicais de entusiásticas marchas de guerra.

A sua voz possante jamais tremeu, nem pôde ser abafada pela fuzilaria de seus comandados nem pela gritaria infrene dos atacantes.

Com redobrada fúria se sucederam várias investidas comandadas pelos valentes e audazes Ten.-Cels. Fidélis Fagundes — o célebre *Gato Negro* — e Adão Latorre; Maj. Damásio Sarmento e José Francisco Machado; Caps. Ribeiro Salles, Eleutério de Melo e Sagaz; Ten. Rosado e outros experimentados caudilhos da incomparável cavalaria gaúcha — no dizer de Garibaldi, *"a melhor do mundo"*.

Apesar do grande número de baixas de parte a parte, o reduzido batalhão de infantaria não esmorecia, prosseguindo sempre em sua marcha em busca da casa, pois que nela havia um "parapeito" (cêrca de arame) que o protegeria e o prédio, que além de excelente trincheira, daria abrigo seguro aos feridos.

Aproximavam-se as 11 horas; antes que os legalistas atingissem o objetivo em mira, ouviu-se o valoroso chefe Cel. Zeca Tavares ordenar em alta voz, a célebre frase de Andrade Neves: *"Mais uma carga, camaradas"*.

Essa, foi horrível, chegaram a se enfrentar lanças e baionetas, em que depois de vários lances épicos ficou, mais uma vez, evidenciado o valor do nosso homem e das duas armas em peleja.

Nessa ocasião foi arrebatada à fôrça de infantaria do inquebrantável quadrado, comandado por Cipriano Ferreira, a bandeira, haste e faixa do batalhão, mas, estendidos ante aquela muralha humana de aço ficaram dos "lanceiros de 93", 19 mortos e muitos feridos.

(Êsses troféus acham-se em poder do Sr. Carlos Alberto da Silva Tavares, forte fazendeiro neste município, filho do Cel. Zeca Tavares). Finalmente, após quatro horas de terror e morte, numa retirada lenta porém firme, suportando o ataque de homens extraordinàriamente valentes e bem montados, conseguiram os heróicos infantes se entrincheirar na casa do cidadão Julio Vieira da Silva.

Precisamente às onze horas o Cel. Zeca Tavares, que já havia cercado o novo reduto em que se alojara o adversário, num gesto largo e cavalheiresco, mui característico da nobreza gaúcha, resolve cessar fogo e manda ao inimigo alguns parlamentares.

Êste que havia tanto suportado em campo aberto, com muita ordem e disciplina, agora em condições outras, já se sentindo seguro, responde aos acenos das bandeiras brancas com uma descarga, para o ar, de seus invencíveis fuzis.

Recrudesceu a luta que se prolongou por mais três horas. Os audazes e valentes gaúchos esquecendo-se de que aquêles homens fardados eram gente da mesma raça, do mesmo sangue, não queriam acreditar que tão poucos resistissem a tantos.

Assim, o reduto se transformou num cenário dantesco ouvindo-se o crepitar ininterrupto das carabinas que só cessavam para dar lugar a novas cargas que constituíam tremendos assaltos que eram galhardamente rechaçados.

A morte, em sua faina sinistra, já havia requisitado o indomável Ten.-Cel. Fidélis Fagundes (o célebre *Gato Negro*); os valentes Maj. Damásio Sarmento e José Francisco Machado; o intrépido Cap. Sagaz, que cavalgava um "pingasso de estouro" e que com outros chegou a cravar na porta da casa sitiada sua temível lança, em forma de meia lua; o guapo Ten. Rosado e outros.

Detentor de tôda a ação, com o inimigo cercado — mas, reagindo com vigor, sendo que, até em cima da casa haviam atiradores — às catorze horas o Cel. Zeca teve aviso de seus piquêtes, que acampara, a duas léguas de distância, na "Fazenda do Limoei-

ro", uma força de infantaria, 700 homens, ao mando do Cel. Quinca Teles.

De posse de tão precioso informe, levando em consideração a atitude daquele punhado de heróis que não se renderam aos lances de valentia, arrôjo e audácia, de seus comandados, e considerando suas munições quase esgotadas, tendo perdido nas terríveis cargas, contra o quadrado, vários amigos e a sua melhor cavalhada, reuniu a oficialidade e combinou levantar o sítio e marchar em busca de novos recursos.

Tombaram para sempre no campo da luta 122 homens da fôrça de Cipriano Ferreira; e dos seus maragatos, número bem mais elevado.

Antes de partir, ordenou que enterrassem os revolucionários mortos, mandou levantar os feridos, e iniciou a marcha rumo ao Aceguá, onde calculava encontrar recursos que o tornassem apto a enfrentar as fôrças de Pantaleão. Logo de início passando a uns mil e quinhentos metros de distância da fazenda de sua propriedade, sua querida estância do Limoeiro, viu que o inimigo, impiedoso, ateara fogo incendiando a casa que expelia para o ar enormes labaredas e rolos de fumaça.

Aquêle triste quadro na terra mais acolhedora e melhor do mundo bem revelava o embrutecimento humano quando em luta, mesmo fratricida.

Na escala dos sentimentos o ódio se transforma em tolerância, que por sua vez cai no esquecimento; assim, pareciam aquelas labaredas que se transformavam em fumaça e que finalmente se diluíam no espaço.

Revoltado ante aquela cena, porém, com esperança de que daquelas cinzas surgisse uma nova Phoenix, para o engrandecimento de seu amado Rio Grande, o Cel. Zeca, continuou a marcha.

Tendo falhado a previsão de encontrar recursos no Aceguá, fêz seguir a fôrça pela fronteira brasileira de S. Luís, até atingir as pontas do Jaguari a fim de encontrar o Gen. Joca Tavares. Nessa ocasião entrou só no vizinho país, em busca de cavalhada de que tanto necessitava.

Êsse admirável combate que foi o mais renhido, em campo aberto, realizado na campanha de 93 em que um quadrado de infantaria resistiu à "célebre cavalaria gaúcha dos lanceiros de 93", em número quatro vêzes superior, é caso único na história do Rio Grande. Feito igual e tão brilhante só conhecemos o do *Cambaio* que sagrou o valente Febrônio de Brito.

Federalistas e republicanos julgaram-se por muito tempo como sendo os vencedores, isso de acôrdo com os ideais que esposavam. Vejamos a seguir, parte de um documento de Cipriano da Costa Ferreira a uma carta (inédita) do próprio punho do Almirante Luiz Philipe de Saldanha da Gama:

(Contestação dirigida ao Dr. Francisco da Silva Tavares)

"Se a gente de seu irmão Zeca foi valorosa nos ataques, se bem que com vantagem no numero, quadruplo que era, a nossa não o foi menos e produziu actos de abnegação e convicção de causa, a par da muita disciplina e correcção militar.

Assim, pois, com a palavra autorisada do illustre amigo, se fará luz e com isso muito lucrará a historia.

Doe-me ver prevalecer a palavra do inimigo, moralmente vencido no memoravel dia 6 de Novembro de 1894.

Eis a verdade sobre o notavel combate das Trahyras.

O chronista imparcial pode recolher como subsidio historico para o estudo dos successos de uma epoca, sem temor, sem receio de contestação, a singella narrativa que ahi fica".

Pelotas, 13 de Dezembro de 1898.

Cipriano da Costa Ferreira

Buenos-Ayres — Novembro 15 — 1894.

Exm.º e Presado compatriota snr. Coronel José Bonifácio da Silva Tavares.

Na esperança de estar V. Excia. em communicação com os nossos amigos na fronteira, apresso-me em escrever-lhe estas linhas de cordial cumprimento à V. Excia. pela brilhante victoria do "Passo do Trahyra". *Peço à V. Excia. ao mesmo tempo que seja o interprete das minhas saudações pelo mesmo motivo ao digno tenente-coronel Gaspar Barreto assim como a todos os valentes companheiros, que tomaram parte e concorreram para o exito de tão memoravel feito de armas.*

As duas partes do combate, tanto a de V. Excia. como a de Gaspar Barreto, foram com particularidade muito apreciados pela singeleza do estylo, tanto quanto pela sinceridade da narrativa.

Mandei logo que fossem dadas a publico aqui e em Montevideo.

Dos trophеos conquistados, devemos sobretudo guardar o estandarte.

Pagamos caro a Victoria com a pêrda de tantos bravos companheiros, e sobretudo com a de Fidélis, o insigne guerrilheiro.

Troco por tal motivo os meos pezames com V. Excia. e demais companheiros.

Si V. Excia. puder communicar-se ou com o seo illustre irmão, o venerando general Joca Tavares, ou com o general Guerrero, ou com o coronel Ladislau Amaro poderá ficar amplamente informado da situação e disposição das nossas forças assim como dos meos planos em geral.



De pé: 1 — Julio Vieira da Silva; 2 — Anaurelino Medeiros
3 — Pedro Sagaz.

Sentados: 4 — Antonio Collares; 5 — Mateus Collares.

(Dados fornecidos pelo Sr. Antonio Vieira da Silva, filho de Julio Vieira da Silva).



Filhos e netos do Sr. Julio Vieira da Silva, em frente a antiga casa do cêrco do Passo das Traíras.

(Dados fornecidos por seu filho Antonio Viera da Silva).

Não posso confiar taes assumptos a uma carta, que tem de passar a linha de fronteira.

O que é certo entretanto é, que a revolução como que nasceo de sob as cinzas mais vigorosa que antes. Lutámos com difficuldade sem dúvida, mas nossa situação é lisongeira. A revolução acaba de provar sua vitalidade o vigor dos seos adeptos, sobretudo dos bravos filhos do Rio Grande.

No meio da confusão geral em que se debate nossa infeliz patria é a unica força que está de pé, e como fôrça *ha-de ser reconhecida. A synthese do que fica dito, está contida no artigo incluso, mandado publicar nesta capital, hoje 15 de Novembro.*

Responsavel hoje, primeiro responsavel dos acontecimentos que se desenrolam por parte da revolução, aproveito este ensejo para dizer que conto com o potente concurso de V. Excia. assim como de todos aqueles que servem sob suas immediatas ordens, do mesmo modo porque podem V. Excia. e todos contar com o meo franco e leal auxilio.

De V. Excia.

Patr.º Att.º affetuoso e gratissimo

Luiz Philipe de Saldanha da Gama.

O Combate do Passo das Traíras foi na revolução de 93, o que melhor espelhou a "alma gaúcha", evidenciando o caráter combativo, leal, franco e nobre de um povo.

Nossas conclusões são as de que de um lado, vimos a audácia e heroísmo de quem não teme a morte; do outro, a bravura e a dignidade de quem cumpre o dever na defesa de um ideal, da lei.

O elevado número de uns foi equilibrado pelo bom armamento e valor militar de outros.

Combate indeciso em que não houve vencidos nem vencedores, pois, que, se os revolucionários se apossaram do *ESTANDARTE INIMIGO* e se retiraram do campo da luta, sem serem perseguidos, os legais permaneceram firmes no pôsto de honra, tornando-se dignos de nossa admiração e respeito.

Admirável Rio Grande! Invita Bagé!

Que "machos guapos" nasciam nesta linda terra para honra e orgulho de um povo!

Um episódio digno de registro foi o encontro de Cipriano Ferreira com Zeca Tavares, dois ou três anos após êsse memorável combate, na casa do conhecido cidadão Sr. José Viza Chaubet.

Cipriano amistosamente perguntou a Zeca porque fizera, naquela ocasião, tantas e sucessivas cargas de cavalaria.

A que Zeca respondeu com um sorriso franco: foi obra do Cabo Zacarias que ferido numa perna, como medida de salvação, ganhou numa "cova de touro" — escavação feita por êsse animal, muito comum nos campos rio-grandenses — e sentindo que dum momento a outro seria vítima, no ardor da peleja, das patas dos cavalos, como medida de salvação para afastar tamanho mal, tocava quase sem descanso a conhecida ordem de *"carga e degola"*.

Assim, com êsse ardil, o Zacarias não morreu e contou a muita gente o seu grande feito ufanando-se de que na guerra uma corneta, muitas vêzes, é muito mais preciosa do que um bom fuzil.

ENTUSIASMO E PACIFICAÇÃO

No cenário rio-grandense, nas pampas de horizontes infindos, onde embalados pelas recordações das campanhas contadas junto ao fogo dos galpões, só os centauros gaúchos, gente boa e rude, predestinados à luta podiam dominar, viveram momentos verdadeiramente dramáticos e de entusiasmo, durante o advento da pacificação da revolução de 93.

Logo após o levantamento do cêrco de Bagé, enfêrmo, Joca Tavares emigrou; a esquadra, foi posta fora de luta em abril de 894; e Gumercindo, morto em 10 de agôsto de 894 em Carovi, quando indo ver uma guerrilha travada por fôrça que não era sua, por fôrça de Dinarte Dorneles que vinha sendo perseguido pelos batalhões da Brigada Militar, comandados pelos Tens.-Cels. Fabrício Pilar e Bento Porto, foi ferido no ventre vindo a falecer duas horas depois.

À toa desapareceu o maior e mais experimentado caudilho das pampas sulinas, depois de haver feito a formidável invasão do Paraná, cuja marcha se acha minuciosamente descrita em "Cavaleiros do Martírio", pela brilhante pena do Dr. Angelo Dourado.

Depois de tudo isso, os revolucionários não esmoreceram, continuaram lutando, como vimos no célebre combate do "Passo das Traíras" e mais ainda, criaram alma nova para a chamada 3.ª invasão, em 22 de abril de 1895, organizada pela figura singular de militar, diplomata, homem culto e brilhante, o eminente Almirante Saldanha da Gama.

Sacrificou-se o grande Almirante, a 24 de junho de 1895, no combate de *Campo Osório,* foi vítima da lança manejada por Salvador Lourenço de Senne — vulgo Salvador Tambeiro —, para quem nos últimos instantes de vida, teve a frase seguinte: *"Basta Miserável"*.

As fôrças legais que lutam no Rincão de Artigas, em Campo Osório, eram constituídas da 2.ª e 5.ª brigadas e corpos exploradores, pertencentes à divisão do Gen. Hipólito Ribeiro, ao lado de 700 homens, sob o comando do Cel. Cândido Azambuja eficazmente auxiliado pelo Ten.-Cel. João Francisco Pereira de Souza.

Dêle, disse Rui Barbosa, tratando da reorganização da Armada: *"A ingrata fortuna das armas roubou-lhe em Saldanha da Gama, o herói dos heróis, o seu reorganizador possível, o homem mais completo e o caráter mais extraordinário que jamais conheci nesta terra".*

O Gen. Dr. José Carlos de Sena e Vasconcelos, em brilhante estudo diz:

Como ação militar, o combate de Campo Osório nada representa.

Ponto final numa luta incruenta e longa, êle só teve repercussão, devido ao baque do gigante, que foi Saldanha, e pelas barbaridades com que dizimaram a flor da juventude da nossa Marinha de então.

Foi uma luta de poucos, alguns, como os fuzileiros, absolutamente desambitados, contra muitos e todos aguerridos centauros.

A ação foi rápida e decisiva.

Mas, vejamos o que se passava em Bagé que nunca deixou de ser o principal teatro de guerrilhas entre "pica-paus e maragatos". Não obstante, sua vida citadina e a organização administrativa, aos poucos, ia se normalizando, sendo que a 4 de fevereiro de 1895, reassumiu o lugar de intendente municipal, o ilustre cidadão Sr. Cel. Antonio Xavier de Azambuja.

Nos primeiros dias do mês de março achava-se o Cel. Carlos Teles, à frente de seus comandados, em operações neste rincão meridional do país, quando foi informado, em Cunhataí, de que o exército revolucionário ao mando de Aparício Saraiva tinha acampado a sete léguas, no Passo da Viúva Flora dos Santos, em Sta. Maria Chica.

De fato, as fôrças de Aparício, Torquato Severo, Augusto Amaral, Vasco Martins e de Cabêda que haviam entrado do território uruguaio pelo Quaraí, em 25 e 26 de fevereiro de 1895, distribuíram-se por esta zona à procura das fôrças — 800 homens — de Guerreiro Vitória, veterano da guerra do Paraguai, para nelas se incorporarem.

Assim, em busca dêsse chefe, chegaram a acampar na margem do rio Sta. Maria, Picada do Alonso, no local que ia ter à estância de Custódio Brasil e também na estância de Leopoldo Maciel, quando avisados pelo Gen. Joca Tavares de que em S. Luís, fronteira oriental, havia uma cavalhada que convinha tomar, para lá se enca-

minhavam no firme propósito de se apossarem da preciosa arma de guerra, calculada em mais ou menos 1500 animais. Carlos Teles distribuiu seus comandados em diversos pontos estratégicos e com o grosso da coluna em marcha forçada durante a noite, foi surpreender e derrotar o inimigo que se retirou, sendo perseguido até às margens do arroio Piraí.

O chefe legalista rumou para a cidade de Bagé, onde teve poucos dias de repouso, pois, nova e árdua tarefa lhe estava destinada.

O Major Henrique Magalhães, comandante do 31.º bat. inf., que estacionava na bomba do Candiota e Leonel Corrêa, avisaram-no de que Guerreiro Vitória havia passado por Bibocas com direção a Cacimbinhas — hoje, Pinheiro Machado.

Teles não teve dúvidas, daqui seguiu para Pedras Altas e na madrugada seguinte para aquela vila, onde derrotou o inimigo.

Retornado novamente a Bagé, teve notícia de que forte coluna federalista, 500 homens, havia acampado às margens do Rio Negro, do outro lado do Passo do Valente. Sem descansar, agindo com rapidez, daqui partiu às 11 horas da noite em 11 de março de 1895, e na madrugada de 12 inflingiu nova e completa derrota ao inimigo, ainda desta vez, comandado por Guerreiro Vitória. O Cel. Cláudio do Amaral Savaget, que se achava de passagem na guarnição de Bagé, à frente do 17.º, que fazia parte da fôrça, sabedor, também, da existência próxima do adversário, não quis permanecer na cidada indo prestar seu concurso valioso ao Cel. Carlos Teles.

Nesse renhido encontro foi ferido a bala, numa das pernas, o Ten. José Leovegildo Alves Paiva, militar muito distinto e competente, mais tarde, galgou o pôsto de general, sendo cognominado de "O Debrack brasileiro". Êsse bagèense ilustre legou à posteridade a célebre frase de grande difusão nos quartéis: "*No cumprimento do dever, o sacrifício é um gôzo*".

Sua vida, dedicou-a à nobre classe que abraçou; sacrificando ideais e sentimentos afetivos, quando havia dever a cumprir. Assim foi na revolução de 93, pois que, era maragato; e, quando do Contestado que marchou à frente de sua tropa deixando em sua casa, a idolatrada espôsa, acometida de insidiosa enfermidade passando mal, entregue aos cuidados médicos de amigos dedicados mas que nada conseguiram no evitar o desenlace fatal.

A retirada dos revolucionários, que estavam em descanso, foi protegida pela ação desassombrada e enérgica do Ten. Maméde Cândido Martins — figura popular e mui apreciada em Bagé —, que orientando uma linha de atiradores, além do passo, se portou com galhardia.

Findo o combate, prosseguiram as fôrças legais, as suas operações de guerra, sob o comando do Cel. Carlos Teles, indo se juntar, a 16 de março 1895, no local denominado Bôlsa, no 2.º distrito, com a Brigada Militar do Estado.

Operava na vanguarda o Ten.-Cel. José Pinto S.º, que imprudentemente se distanciou em direção ao S. Luís e Serrilhada, sôbre a linha divisória, onde foi inesperadamente atacado pelas colunas federalistas de Aparício e Guerreiro, travando renhido combate, em campos do Sr. Ismael Jacinto Pereira, foi derrotado saindo do campo da luta com considerável prejuízo; 114 homens ao todo, entre mortos, feridos e extraviados.

Com dificuldade vieram alguns dar no acampamento legal, e a maioria se refugiou no Uruguai.

Essa vitória acrescida da de Tarumã, onde foram derrotadas as fôrças do Cel. Sampaio, 28 de fevereiro de 1895, muito elevou a moral dos revolucionários e, ao mesmo tempo, desagradou ao Cel. Teles que não gostou do desastre tão comum na sorte das armas.

Na ocasião em que terminara de admoestar a seu comandado, recebeu do ilustre Gen. Moura, ministro da guerra, ordem para acudir a brigada de Elias Amaro, que guarnecia a cidade de D. Pedrito, ameaçada de ser atacada pelo inimigo.

Sem demora, iniciando a marcha com rapidez, nesse dia foi acampar a uma légua de distância daquela cidade.

No dia seguinte, 21 de março de 1895, pela manhã, a légua e meia da mesma cidade de D. Pedrito, no lugar denominado Estiva — Ponche Verde — se encontrou com o exército revolucionário comandado por Aparício — já então reforçado com tôda a coluna de Guerreiro Vitória — tendo considerável e renhido combate, derrotando-o.

Grande foi o número de mortos e feridos, sendo que o Gen. Honorário Elias Amaro, ferido a bala, recolheu-se a Bagé, hospedando-se na residência de seu particular amigo e médico assistente Dr. Líbio Vinhas. As fôrças revolucionárias procuraram a fronteira para deixar os feridos. A boa vontade dos irmãos Olavo e Pedro Fontoura de Almeida, e, de alguns patrícios mais, entre êles Carlos Antunes e da viúva Dna. Flora dos Santos que, transformaram suas casas em hospitais de sangue, foi providencial, não deixando faltar aos feridos abrigo, alimento e roupa.

Porém, apesar de muito empenho dos chefes, faltavam medicamentos para o grande número de feridos, mas, o Dr. Angelo Dourado solucionou o cruciante problema dirigindo-se ao farmacêutico Sr. Emilio Antonio Salis — avô do autor dêste trabalho.

Lê-se em os "Voluntários do Martírio", de Angelo Dourado à pág. 408:

"Medicamentos é que não temos. Pedi ao gen. Tavares para reclamar os que ainda possam existir na Cruz Vermelha, mas creio que ali nada mais ha. Tenho noticia de que desde o combate de S. Luiz o irmão do almirante despachara, de Montevideo, medicamen-

tos comprados por meio de subscrição entre os patrícios, e mandara-os para a fronteira.

Não tenho notícias d'eles e creio não ser isso verdade porque facilmente poder-se-ia transportar de Currales para aqui. Felizmente pude obter que me viessem de Bagé alguns que mandei pedir ao Salis, sem dizer para o que são e ele os mandou, conhecendo a minha letra".

Depois dêsse combate, Aparício Saraiva se internou no Estado, passando por Bagé na manhã de 2 de maio de 1895.

Nesse dia, pouco antes de partir o trem para o litoral, ouviu-se forte tiroteio, ao Norte da cidade, ocasionado pelos revolucionários que estendidos em linha ameaçavam os quartéis.

Essa expedição teve como objetivo principal atacar a Elias Amaro, que estava numa das estações da estrada de ferro e acabar com um baile que diversos oficiais organizavam e iria ser realizado numa estação próxima, tendo os responsáveis, para êsse fim, providenciado no transporte por via férrea.

Quanto ao primeiro objetivo, a expedição comandada pelo Ten.-Cel. Adão, fracassou porque o "vaqueano" se perdeu, de modo que, em vez de chegar de madrugada para surpreender o acampamento, chegou já dia alto sendo avistado de longe. Quanto ao segundo objetivo sim, porque o tiroteio dissuadiu as famílias que iam à festa a fazerem a excursão, ficando livres de susto ainda maior e mesmo de perigo.

Com o toque de alarme os corpos da guarnição formaram, sem perda de tempo, transpondo o arroio pelo Leste e sustentando cerrado tiroteio.

Destacou-se o bizarro 13.º bat. aqui de passagem, que em linha estendida perseguiu os contrários que fugiram, como avestruz, em direção ao Prado Velho.

Às nove e meia horas do dia, retiraram-se os revolucionários em direção ao Quebraxo-Grande, deixando barracas e munições, sendo perseguidos por um contingente do 17.º bat. inf. que os tiroteou por muitas horas nas imediações da estação do Rio Negro, saindo ferido nessa ocasião o Alf. Júlio Maria Pothier.

Continuava a reinar a desinteligência em terras do Rio Grande.

Os ardores partidários no fogão gaúcho levantavam labaredas de entusiasmo. Castilhos apoiado no govêno federal, agia com resolução e segurança, e os revolucionários prestes a desencadear a terceira invasão, orientados pela singular figura do Almirante Luís Felipe de Saldanha da Gama, acalentavam a esperança da vitória.

Mantinham-se as fôrças legalistas sempre alertas a qualquer movimento do adversário, quando na capital do país o Presidente da República, Dr. Prudente de Morais, deu novo rumo aos acontecimentos, levando-os à pacificação.

Herdeiro direto das virtudes do grande Caxias, forjado o seu caráter na mesma e admirável escola de civismo que é o Exército Brasileiro, o Gen. Inocêncio de Galvão Queiroz, uma vez nomeado comandante do 6.º distrito militar e das fôrças em operações no R. G. do Sul, de imediato tratou de se comunicar com o mais autorizado dos chefes revolucionários, Gen. Joca Tavares, a fim de firmar a paz.

Êsse velho chefe, expressão genuína do homem dêstes "pagos", tipo autêntico do "gaúcho de lei" muito embora no momento não exercesse função oficial de mando, entre os seus, dia a dia, aumentava a sua magnífica fôrça moral, sendo cada vez mais acatado, respeitado e prestigiado; não nos resta dúvida, que era o indicado a ser ouvido ante a possibilidade da concretização de tão salutar aspiração que traria paz e ordem a fim de que o Rio Grande continuasse em sua faina construtiva, a mourejar, pelo progresso da Mãe-Pátria.

Foi, portanto, imbuído das mais sãs intenções e no firme propósito de acabar com a luta fratricida, já por demais prolongada, nesta rica zona meridional, que o Gen. Galvão — muito embora soubesse do fracasso de duas tentativas anteriores — missão Gen. João Teles e missão Cunha Junior.

Em 31 de maio de 1893, na Câmara dos Deputados, Justiniano de Serpa viu rejeitado por 72 contra 56 votos um projeto que apresentara, visando a pacificação do R. G. do Sul. — ao assumir tão importante cargo, ainda na capital da República, a êle se dirigiu nos têrmos seguintes:

"— Capital Federal, 28 de maio de 1895.

— Cidadão general João Nunes da Silva Tavares.

Tendo sido nomeado comandante do 6.º distrito militar e de todas as fôrças em operações no Rio Grande do Sul, tenciono partir para lá nos primeiros dias do mês vindouro. Meus intuitos são de todo o ponto patrióticos, e feliz me julgaria se a pacificação do Rio Grande se realisasse, sem que uma só gota de sangue fôsse vertida por aqueles que lutão, sabendo que se batem como irmãos. Inteiramente alheio aos interesses e planos partidários do vosso Estado natal, não tendo ódios ou vinganças a exercer; desejoso que termine essa guerra de irmãos que vai condusindo á ruina um Estado que póde prosperar e ser feliz no gôso da paz; interessado pelos creditos da República e pela sorte futura do país, como brasileiro que sou e soldado que tem o dever de sustentar as instituições de sua Pátria; aninhando assim com sinceridade taes principios, não posso, não devo atirar-me á luta antes de empregar meios conciliatórios para alcançar dos revoltosos a deposição das armas mediante

condições honrosas para o govêrno federal, que represento, e para os rebeldes de que sôis o verdadeiro chefe.

Crendo no vosso patriotismo e dedicação á terra que vos foi berço, estou intimamente convencido de que não hostilisaes as instituições do país, e sei que nem bombridade vos falta, nem de maior honorabilidade precisaes para que vos repute um homem de bem e um cidadão prestimoso. Assim, pois, antes de hostilisar as forças que comandais, é meu dever ouvir-vos e tratar comvosco, como chefe, a pacificação do vosso Estado. Para isso é que vos dirijo estas linhas, ditadas por amor dos créditos do exército que comando e pela consideração que mereceis como cidadão de valor e serviços prestados á Pátria, para isso é que vos convido a marcar dia em que vos possa mandar receber na fronteira de Bagé, a fim de conferênciardes comigo no meu Quartel-General.

Podeis acreditar na lealdade do vosso camarada.

General Inocêncio Galvão de Queiroz".

A 8 de junho chegou ao R. G. do Sul, o Gen. Inocêncio Galvão de Queiroz, escolhendo para estabelecer o seu Quartel-General, a cidade de Pelotas.

Recém-chegado, no início de bem entabulada negociação de paz, alguns dias decorridos, 24 de junho de 1895, refere-se ao lamentável combate de Campo Osório, em que o Brasil perdeu um de seus mais ilustres filhos, o Almirante L. F. de Saldanha da Gama.

Poucos dias depois o Gen. Joca Tavares resolve a suspensão das hostilidades e discussão das bases da pacificação, transmitindo, em 1.º de julho, ao Gen. Galvão o seguinte telegrama:

No dia 8 do corrente estou ás vossas ordens, no Passo do Viola. Dei ordem para a suspensão de hostilidades; desde já espero identico procedimento da vossa parte. Estando o vosso Quartel-General em Pelotas, peço-vos seja a nossa conferencia em Bagé. Aguardo vossa resposta.

General Tavares.

A resposta foi a seguinte:

"General Tavares — Mélo — Recebi vosso telegrama. Ordenei suspensão de hostilidades. No dia 8 mandarei oficial e força de confiança receber-vos no Passo do Viola. Meu estado de saude não permite ir a Bagé. Peço-vos a finesa de vir até Pelotas, em trem especial.

Meu estado-maior vai receber-vos ali. Confiai na minha lealdade, e dos camaradas. A conferência será prolongada e aqui melhor trataremos.

Saudades.

General Galvão de Queiroz".

No dia em que completava um mês de sua chegada a terras do R. G. do Sul, a 8 de julho, o Gen. Galvão suspendeu as hostilidades e mandou ao Passo do Viola, no arroio Piraí, um piquête da cavalaria, comandado pelo Cap. Marcos Curius M. de Campos, que adoeceu em caminho, tendo como imediatos, o Ten. Joaquim B. Cordeiro de Farias e o Alf. Carlos Sabino da Rocha, a fim de receberem o Gen. Joca Tavares para serem iniciadas as conversações da paz.

À tarde, chegando a êsse local, o Dr. Angelo Dourado aí encontrou além do Gen. Joca, o Cel. Zeca Tavares e outros amigos.

O Gen. Galvão de Queiroz, na qualidade de comandante em chefe do exército estacionado no sul, emissário da paz, com plenos poderes do Presidente da República, Dr. Prudente de Morais, deu nova organização às fôrças em operações, nomeando para comandar a 2.ª divisão, o Cel. Carlos Maria da Silva Teles, que assumiu a nova investidura no dia 10 de julho. Nessa ocasião, confirmando o seu feitio de homem magnânimo e honrado, declarou em "Ordem do dia", que a paz era no momento a aspiração de todos os brasileiros e especialmente de todos os bons rio-grandenses.

Em 10 de julho realizava-se a conferência entre Galvão de Queiroz e Joca Tavares, na bela cidade de Pelotas, cognominada "A Princesa do Sul".

Quanto ao que se passava nos arraiais castilhistas e à última fase da concretização da paz, esposando a mesma opinião do autorizado historiador Dr. Otelo Rosa, em "Julio de Castilhos", pág. 206, quando diz: *"Nenhum modo melhor de acompanhar os fatos, e sôbre êles ajuizar, do que a leitura dos documentos da época"*, passamos a reproduzir a sua apreciação sôbre os fatos e os documentos da época — *"Julio de Castilhos"* págs. 203 a 214:

"Não ha como negar a evidente incorreção na conduta do gen. Galvão de Queiroz, não tendo até esse dia (8 de julho de 1895) nenhum entendimento com o govêrno do Estado, que assim desprestigiava e ultrajava. Reconhecendo beligerancia nos rebeldes, completamente vencidos e exaustos e vai permitir que êles discutam e pleiteem uma reorganização constitucional do Estado, indo ao extremo de desobedecer ás instruções do govêrno da República, de que éra representante e mandatário. Assina um armistício, que é uma realidade para as forças legais e, para os revolucionários, apenas um meio de evitar a pressão do inimigo, locomovendo-se livremente, como positivamente o afirmou Julio de Castilhos, em sua "Mensagem", de 1895:

"Bem sabeis o que foi, na sua pratica, esse original armisticio: tornou-se uma realidade para as fôrças legais, para as autoridades, para os republicanos, mas foi puramente nominal para os revoltosos, que proseguiram nas suas correrias, no desacato á propriedade

particular e pública (como aconteceu na invernada nacional de Saycan) e no desrespeito á vida do cidadão inerme.

Entretanto, não houve felizmente a minima represalia por parte dos espoliados nos seus haveres. As determinações do meu govêrno fôram fielmente Observadas".

Semelhante atitude, por parte de um general, investido do comando das forças em operações, haveria de gerar suspeitas. O seu desprêso pela autonomia do Estado, a sua evidente antipatia aos republicanos, á situação rio-grandense, teria de criar intranquilidade e apreensão.

Quem tal fazia, a mais poderia ir.

Julio de Castilhos, sem embaraçar de fórma alguma as negociações, sem antepôr dificuldade nenhuma á ação do medianeiro, antes auxiliando-a com a expedição de ordens no sentido de garantias aos revolucionários que quizessem ingressar no Estado e na ordem, velava atentamente, para aparar qualquer golpe desferido de surprêsa contra a integridade do regimen rio-grandense ou contra a dignidade das suas legitimas autoridades. Advertiu e avisou aos seus ligitimos amigos, comandantes das forças republicanas, do perigo iminente, tomando as necessárias medidas precaucionais. Do coronel Ramiro de Oliveira, encarregado dessa missão, tenho o seguinte depoimento:

"Em julho de 95 estava a 5.ª Brigada sob o comando do bravo general Salvador Pinheiro, guarnecendo a fronteira de S. Luís com Corrientes. Éra eu major assistente do Ajudante General daquela coluna, e ali me achava quando fui chamado a esta capital pelo egrégio Castilhos, para desempenho de uma comissão de importância, urgente e reservada. Cumprida a ordem transportei-me rapidamente a essa capital, a fim de ouvir aquele grande chefe. Estavamos então em armisticio para se assinar a paz do Rio Grande.

O dr. Prudente de Morais, então presidente da República, mandou como seu representante para o fim de firmar-se a paz, o gen. de divisão Inocêncio Galvão de Queiroz, infênso a nossa causa. Chegando ao Rio Grande, instalou seu Quartel General em Pelotas, para evitar um entendimento pessoal com o eminente Presidente do Estado, reconhecendo entretanto beligerancia nos rebeldes que já estavam vencidos, tratando de potência á potência com o gen. Joca Tavares, chefe da revolução militar, procurando mistificar e confundir a grande vitória republicana com a causa dos rebeldes. O eminente Julio, tendo conhecimento do desvirtuamento da missão que aquele General viera desempenhar, resolveu dar aviso aos comandantes de forças legais, do que se ia passando, e assim não dessem cumprimento a ordens recebidas d'aquele Gal., sem prévio aviso seu.

Essa, foi a missão que o eminente Chefe republicano me confiou. E partindo dessa capital para cá a fim de encetar marcha ur-

gente, ao chegar em Cachoeira, recebia eu um telegrama, do preclaro Castilhos, dizendo que aguardasse ali, carta que é a que incluso envio, com a nota de confidêncial, de 17 de julho daquele ano. Assim tambem recebi um telegrama após a carta, dizendo-me que não confiasse a missão a ninguem, e que, pessoalmente, me entendesse em seu nome, com o cel. Silveira Tuca, em Santiago do Boqueirão; gen. Salvador Pinheiro, em S. Luís; gen. Manoel do Nascimento Vargas, em S. Borja; gen. Francisco Rodrigues de Lima, em Itaquí; cel. Gabriel Rodrigues Portugal, em Uruguaiana; gen. Hipólito Martins Ribeiro, em Quaraí; gen. Firmino de Paula, em Alegrete; e, cel. José João de Lima Pereira, em Cacequí. Fôrmavam essas colunas um efetivo de 6.500 homens, perfeitamente armados e municiados. Do entendimento que tive com aqueles servidores da República, ouvi de todos, que quem comandava aquelas hostes não éra o gen. I. Galvão de Queiroz, e sim o dr. Julio Prates de Castilhos.

A carta a que alude o cel. Ramiro é a seguinte:

"Palacio do govêrno em Porto Alegre, 17 de julho de 1895 — Confidencial — Amigo major Ramiro de Oliveira.

Ás instruções que aqui vos dei para transmitirdes aos generais Salvador Pinheiro e Lima, convem adicionar o seguinte:

Estou agora informado com segurança de que Joca propôs a Galvão como condição essencial para a pacificação — a reorganização do Estado com intervenção do govêrno federal, o que envolveria anulação por completo de tudo que se ha feito. Tão disparatada prôposta está em caminho para o Rio, onde terá de ser resolvida pelo Presidente da República.

Acredito que este a repelirá in limine *e dêduso esta opinião da cordialidade existente entre mim e o dr. Prudente de Morais de quem ainda ontem recebi telegrama satisfatório.*

Entretanto convem que aqueles ilustres amigos, bem orientados do que vai ocorrendo, estejam alérta, sem que de modo algum façam transpirar nada das comunicações enviadas.

Si houver meio de expedir próprio de confiança ao gen. Hipólito, dando-lhe de tudo conhecimento, deveis faze-lo, comtanto que fique garantido o sigilo indispensavel. Bem compreendeis que no caso ocurrente o modus faciendi *deve ser habil e seguro.*

Desejando-vos feliz viagem, subscrevo-me com estima — Vosso amigo.

Julio de Castilhos.

PROTOCOLO DA PACIFICAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL:

A ata da conferência que, em 10 de julho de 1895, teve o gen. de divisão Inocêncio Galvão de Queiroz, comandante em chefe das fôrças em operações no Estado do R. G. do Sul, com o gen. honorário João Nunes da Silva Tavares, chefe dos revolucionários contra o govêrno do Estado, em Piratiní.

O gen. Silva Tavares declarou em nome de seus comandados que nunca lutou nem luta contra a República nem contra o govêrno da União; que é e sempre será sustentaculo das instituições republicanas; que sómente o govêrno do dr. Julio de Castilhos o levou a pegar em armas com seus companheiros, para defesa de seus direitos políticos e evitar violencias de que fôram vítimas.

Declara mais que está pronto a depôr as armas perante o govêrno da União desde que este lhe garanta e a seus companheiros efetiva pósse de todas as garantias e direitos que a Constituição confere a todo cidadão brasileiro, procedendo-se á reconstituição do Estado do Rio Grande, de acôrdo com a Constituição Federal, e ficando-lhes o direito salvo de requerer indemnisação por prejuizos que sofreram com o abastecimento das fôrças do govêrno e outros em suas propriedades. Eu tenente Emilio Sarmento, ajudante de ordens, servindo de secretário, a presente escreví em duas vias, que vão pelos dois referidos generais assinadas.

Inocêncio Galvão de Queiroz
General João Nunes da Silva Tavares

Recebi o protocólo, o govêrno da República, por intermédio do então ministro da Guerra, general Bernardo Vasques, expediu ao gen. I. Galvão Queiroz as instruções claras e precisas constantes do ofício em seguida transcrito:

"Gabinete do ministro da Guerra.
Capital Federal, 31 de julho de 1895. — Reservado.

Ao sr. gen. I. Galvão de Queiroz, comandante do 6.º distrito militar e das fôrças em operações no mesmo distrito.

Da ata que acompanhou o vosso ofício de 12 do corrente, relativa á conferência que tivestes com o gen. Silva Tavares, consta que este declarou que êle e seus companheiros de rebelião estão prontos a depôr as armas, perante o govêrno da União, mediante as condições seguintes:

1.º) *garantia da efetiva posse dos direitos e garantias que a constituição confere a todo cidadão brasileiro;*

2.º) *reconstituição do Estado do Rio Grande, de acôrdo com a Constituição Federal;*

3.º) *resalva do direito de requerer indemnisação por prejuizos que sofreram com abastecimento de forças do govêrno, e outros, em suas propriedades.*

Comunico-vos que o sr. presidente da República examinou ésta proposta e resolveu o seguinte:

Quanto a 1.ª condição — É dever do poder público, federal e estadual, assegurar a todos os brasileiros obedientes á lei a posse efetiva ou o livre exercício de todos os direitos e garantias que a Constituição lhes confere e a sinceridade do regimem republicano impõe.

Depostas as armas pelos rebeldes, com a sua submissão á lei, o govêrno cumprirá esse dever em relação a êles e não consentirá que seja iludido.

Se a intenção dos rebeldes, estabelecendo esta condição, é isentarem-se do processo e das penas em que incorrem como criminosos políticos, só conseguirão isso se obtiverem amnistia, a qual póde ser concedida pelo Congresso Nacional, que, a julgar-se por sua deliberação última não a concederá emquanto os rebeldes se mantiverem com armas na mão.

Quanto a 2.ª condição — Não pode ser aceita essa condição.

O govêrno federal não assume, nem poderia assumir o compromisso de intervir na reconstituição do Estado do Rio Grande, porque o unico poder competente para reconstituir um Estado, reformando sua Constituição, é o seu poder constituinte, sem intervenção de autoridade estranha. O R. G. do Sul é um Estado constituido.

Se a Constituição desse Estado incide nas disposições dos arts. 6.º § 2.º e 23.º da Constituição Federal, só ao Congresso Nacional compete resolver: porém, este só poderá ocupar-se do assunto e resolve-lo como entender em sua sabedoria, ou por iniciativa de um de seus membros, ou por meio de petição ou representação, de interessados, mas não por exigência de rebeldes, que indicam o sentido em que querem que seja tomada a deliberação, como condição para deporem as armas e submeterem-se ao dominio da lei.

Quanto a 3.ª condição — Cêssada a luta armada no sul, não só os rebeldes como os que lutaram pela legalidade e os que não tomaram parte na luta, ficarão todos com o direito salvo para reclamar, pelos tramites legais, de quem de direito, a indemnisação dos prejuizos que houverem sofrido. A autoridade competente julgará se as reclamações são procedentes e se estão devidamente provadas.

Se os rebeldes não lutam contra a República, se desejam sinceramente a paz, depônham as armas, submetam-se ás instituições adôtadas pela Nação, e aos poderes por ela constituidos, os quais, desde

que aqueles entrem no regimen legal, tornarão o livre exercício de todos os direitos e garantias constitucionais.

Restabelecida a paz no Rio Grande, os poderes públicos procurarão reparar os grandes males causados pela guerra cívil áquele Estado, auxiliando a restauração e o desenvolvimento de suas industrias.

Tal é a deliberação do govêrno, que vos comunico para vosso conhecimento e devidos efeitos.

Saude e fraternidade.

Bernardo Vasques.

A meridiana clareza dessas instruções não impediu, entretanto, que o gen. Galvão de Queiroz persistisse no intento de incluir entre as bases da pacificação e revisão da Constituição do Estado, como ficou consignado na clausula final da ata respetiva, lavrada em 23 de agosto de 1895, cuja linguagem é profundamente significativa:

ATA DA PACIFICAÇÃO

"Aos 23 dias do mês de agosto de 1895, 7.º da República, no Quartel-General do comando do 6.º distrito militar e de todas as forças em operações no Estado do R. G. do Sul, na cidade de Pelotas, reunidos os generais bacharel I. Galvão de Queiroz, comandante em chefe, e João N. da Silva Tavares, chefe das forças revolucionárias contra o govêrno do dr. Julio de Castilhos, para ajustarem a pacificação do Estado, foi pelo gen. de divisão I. G. Queiroz, declarado, em nome do presidente da República. Que o govêrno da União, tomando em consideração a proposta de paz que, por intermédio do comandante das forças legais lhe fôra presente, resolvera aceitar duas das condições da mesma proposta, recusando a terceira por estar fóra das atribuições do Poder Executivo da República determinar a revisão da Constituição do Estado e ser isso da competência do Poder Legislativo;

Que o govêrno entende ser dever do poder público federal e estadual assegurar a todos os brasileiros obedientes á lei a posse efetiva ou o livre exercício de todos os direitos e garantias que a Constituição lhes confere e a sinceridade do regimen republicano impõe;

Que, depostas as armas pelos rebeldes com a sua submissão á lei, o govêrno cumprirá esse dever em relação a êles e não consentirá que seja iludido;

Que tais garantias não importam amnistia, que só o Congresso Federal póde conceder e concederá provavelmente desde que os re-

beldes depuserem as armas, visto já lhes ter negado por se acharem êles com as armas na mão;

Que, cessada a luta armada no Sul, não só os rebeldes, como os que lutaram pela legalidade e os que não tomaram parte na luta, ficarão todos com direitos para reclamarem pelos tramites legais, de quem de direito, a indemnisação dos prejuizos que houverem sofrido.

E, exposta a decisão do govêrno federal pelo comandante em chefe das forças em operações no R. G. do Sul, consultado a respeito o gen. João N. da Silva Tavares, respondeu este:

Que a condição da revisão da Constituição estadual, exigida pelos revoltosos para deposição das armas, não foi com vistas ao govêrno executivo da República: esperam os revoltosos que tendo dela conhecimento, o Congresso resolva acêrca do assunto, a fim de firmar-se real e duradoura a paz no R. G. do Sul, esperança que ainda nutrem, porquanto quaesquer que sejam os bons desejos e a sinceridade do presidente da República afirmando a efetividade dos direitos e garantias prometidas, serão taes direitos e regalias ilusórias deante da impossibilidade de uma fiscalização permanente e efetiva sobre justiça e govêrno que se baseiam em uma constituição contrária a lei federal;

Que, confiantes no patriotismo e lealdade do chefe do govêrno da União, vão depôr as armas para que o fato de se acharem em luta armada não seja empecilho a que se lhes reconheça a justiça da causa pela qual até hoje se bateram, que outra não foi senão a necessidade de repelirem pela força as violências e o arbitrio de um poder inconstitucional e discricionário;

Que acredita no critério e justiça do Congresso Federal para o qual vai, em nome dos rebeldes, apelar no momento em que estes se submetem ao regimen da lei, o que, no dizer do govêrno da República, lhes permite gosarem dos direitos e regalias que o poder público deve assegurar a todos os cidadãos brasileiros;

Que os rebeldes não fizeram questão de indemnisação de prejuizos que sofreram nem repútam favor ou concessão o que o govêrno promete a todos — neutros e os que lutaram — e o que decorre da simples condição de brasileiros;

Que não acredita que o govêrno deseje desarma-los para puni-los pelo fato de se haverem rebelado contra o govêrno do Estado, porquanto, seria isso o requinte da má fé e da iniquidade, que têm na lealdade e correção do Exército brasileiro os mais significativos penhores para não recusarem depôr com hombridade perante êles as armas de que lançaram mão, não para combate-los, mas para lutarem com adversários políticos de seu Estado.

Que êle, chefe dos revolucionários, não póde, porém, prescindir para a deposição das armas que o comandante em chefe das forças legais tome tambem o compromisso de dirigir-se ao govêrno da

União pedindo o exame da Constituição do Estado do Rio Grande, que vai de encontro a lei federal. E o general em chefe das fôrças legais, anuindo a essa exigência, lavrou-se a presente ata que eu, capitão escriturário Marcelino Antonio dos Santos escrevi. — General Inocêncio Galvão de Queiroz — General João Nunes da Silva Tavares."

Certamente extranha, essa linguagem. A ordem dos valores, ahi, está invertida. Os rebeldes exigem e impõem; o govêrno, condescende e aceita. A própria dignidade do poder público, de que éra representante, sacrifica-a o medianeiro singular, o que lhe valeria, afinal, reprimenda pública do presidente da República, dr. Prudente de Morais, que não se conformou com a ação incorreta do mediador. De fato e de direito, as condições da paz não estão na ata de 23 de agosto; estão no ofício seguinte, assinado pelo presidente da República e pelo ministro da Guerra, em data de 25 de agosto, e dirigido ao gen. Galvão de Queiroz:

"— Vosso telegrama de 23 diz: — "Está assinada a paz do Rio Grande acôrdo vossos desejos e decisão". Em outros telegramas acrescentastes "que os revoltosos haviam deposto as armas, perante o exército". Essa auspiciosa notícia, que nos encheu de sincero jubilo, foi logo transmitida a todos os Estados e ao estrangeiro. Com o telegrama de hontem transmitistes, como vos foi recomendado, a integra da ata da pacificação. Por ela vimos terdes afirmado que o govêrno recusava a terceira condição por estar fóra das atribuições do Poder Executivo determinar a revisão das Constituições dos Estados e ser isso da competência exclusiva do Poder Legislativo.

O govêrno federal não firmou, nem poderia firmar em sua decisão esses conceitos que lhe atribuistes.

O aviso de 31 de julho diz: "Quanto á segunda condição: não póde ser aceita ésta condição. O govêrno federal não assume, nem poderia assumir o compromisso de intervir na reconstituição do Estado do Rio Grande, porque o unico poder competente para reconstituir um Estado, reformando a sua Constituição, é o seu poder constituinte, sem intervenção de autoridade extranha. O R. G. do Sul é um estado constituido."

A ata termina assim: "que êle, chefe dos revolucionários não póde, porém, prescindir, para deposição das armas, que o comandante em chefe das forças legais tome tambem o compromisso de dirigir-se ao govêrno da União, que vai de encontro á lei federal. E o general em chefe das fôrças legais anuindo a essa exigência, lavrou-se a presente ata, etc."

Anuindo á exigência do chefe revolucionário, tomastes compromissos que o govêrno, em sua decisão, declarou não assumir, nem poder assumir.

Com estas restrições o govêrno ratifica o que se contem na ata, estando certo de que o restabelecimento da paz e congraçamento dos brasileiros não serão perturbados por esse motivo.

O govêrno federal confiando, como confia, na sinceridade republicana do govêrno do R. G. do Sul, não tem dúvida de que todas as garantias individuais e políticas se tornarão efetivas.

Já o presidente do Estado em sua recente circular ás autoridades locais deu testemunho do empenho que tem para que seja sincera a paz e isso deve inspirar plena confiança. Sob essas garantias, pelas quais respondem os govêrnos da República e do Estado, todas as idéias e aspirações poderão desenvolver-se e procurar triunfar. — Aceitai nossas saudações.

Prudente de Morais — Bernardo Vasques".

Essa digna réplica, que resalvou nobremente o decoro do poder público e a autonomia do Estado, não conseguiu evitar que o gen. I. G. Queiroz se dirigisse ao Congresso Nacional, conjuntamente com o chefe revolucionário: "Congratulamo-nos com o Congresso Nacional pela pacificação do Estado do R. G. do Sul, que acabamos de assinar.

Dependendo a consolidação da paz, o congraçamento da familia riograndense, a efetividade e permanencia no gôso dos direitos e garantias que o govêrno da República prometeu aos que depuseram as armas, da revisão da Constituição do Estado, que é indubitavelmente contrária á lei federal, esperam os abaixo-assinados do patriotismo e justiça do Congresso Nacional que essa revisão seja tomada na devida consideração.

General Inocêncio Galvão e Silva Tavares."

A Câmara dos Deputados respondeu altivamente ao cerebrino despacho, de que não tomou conhecimento, e que o leader *da maioria, deputado paulista Francisco Glicério, da tribuna, qualificou de "atentado á autonomia dos Estados, ameaçada pela espada do general legal, de mãos dadas com o chefe rebelde!".*

Assim que conheceu os têrmos desse telegrama, em que o comandante do distrito declarava reputar inconstitucional a organização do Estado, Julio de Castilhos declarou rôtas quaisquer relações com essa autoridade federal e o govêrno do R. G. do Sul, repelindo energicamente as intrusões que Galvão de Queiroz, e o seu sucêssor gen. Cantuaria, intentaram operar negócios da competência estadual, sem temor das ameaças, mantendo inviolavel a autonomia rio-

grandense. Nas suas mensagens de 1895 e 1896 se encontrará o histórico desses fatos, que atingiram proporções verdadeiramente extravagantes. Ao mesmo passo cuidava de assegurar a paz com as garantias legais e com o respeito aos direitos individuais e políticos. A circular a que se refere Prudente de Morais, no seu ofício de 25 de agosto de 1895, éra a reiteração das ordens expedidas pelo govêrno estadual, já constantes da circular de 10 de junho de 1893, em plena efervecencia da rebeldia:

"Estou informado que os emigrados desejam voltar ao nosso país, não o tendo feito ainda por temerem perseguições.

Recomendo-vos em nome deste govêrno que ofereçais as mais amplas garantias a todos. Não permitiremos a menor tropelia a qualquer cidadão que pacificamente regresse a seus lares.

Queremos fundar uma paz duradoura, e isto só se conseguirá inspirando-se o govêrno num sincero desejo de concórdia e fraternidade; tais são os sentimentos que nos animam. Esqueçamos magnanimamente os erros do passado e trabalhemos dentro da ordem e da lei, onde ha campo aberto e largo para todas as aspirações legitimas, abandonando para sempre os processos violentos e barbaros da guerra entre irmãos".

Essas garantias, em que pese ás vãs contraditas, ás frivolas acusações, que são de todos os tempos e de todas as oposições, fôram plenamente asseguradas: em 23 de agosto de 1896 o partido "federalista" reunia-se em Congresso na capital do Estado, sob a presidência do dr. Gaspar Silveira Martins, livremente discutindo e votando. O jornal "A REPÚBLICA", para citar o principal, abertamente criticava e censurava o govêrno do Estado, que chamava "ditadura", e o seu chefe, que apelidava de "tirano".

— Em plena revolução, o jornal RIO GRANDE atacava o govêrno legal, entoando hosanas à rebeldia, na cidade de Pôrto Alegre. —

Superior aos ataques, que diariamente lhe dirigiam, Castilhos, o batalhador sem mêdo, forjava no govêrno a grandesa e a prosperidade do R. G. do Sul, curando-o das feridas e dos damnos da prolongada guerra cível, restaurando-lhe as finanças, dando-lhe organização juridica, semêando-o de escolas, preparando-lhe, emfim, com o seu esfôrço patriótico, com a sua clarividência e a sua abnegação, um futuro de ordem e de progresso.

A derradeira mancha do triste periodo de luta e de dôr seria em breve lavada pela amnistia. O Congresso Nacional, em lei de 11 de outubro de 1895, com o perdão legal, procuraria restabelecer definitivamente no R. G. do Sul o regimen da ordem, da paz, da dignidade humana.

O que diz Jorge Reis:

"Chegou de Pelotas, no dia 10 de setembro, o gen. de divisão Inocencio Galvão de Queiroz.

As duas horas da tarde desse dia, deu-se na cidade um fato contristador e que dolorosamente impressionou a população bageense, levando o luto a muitas pessoas.

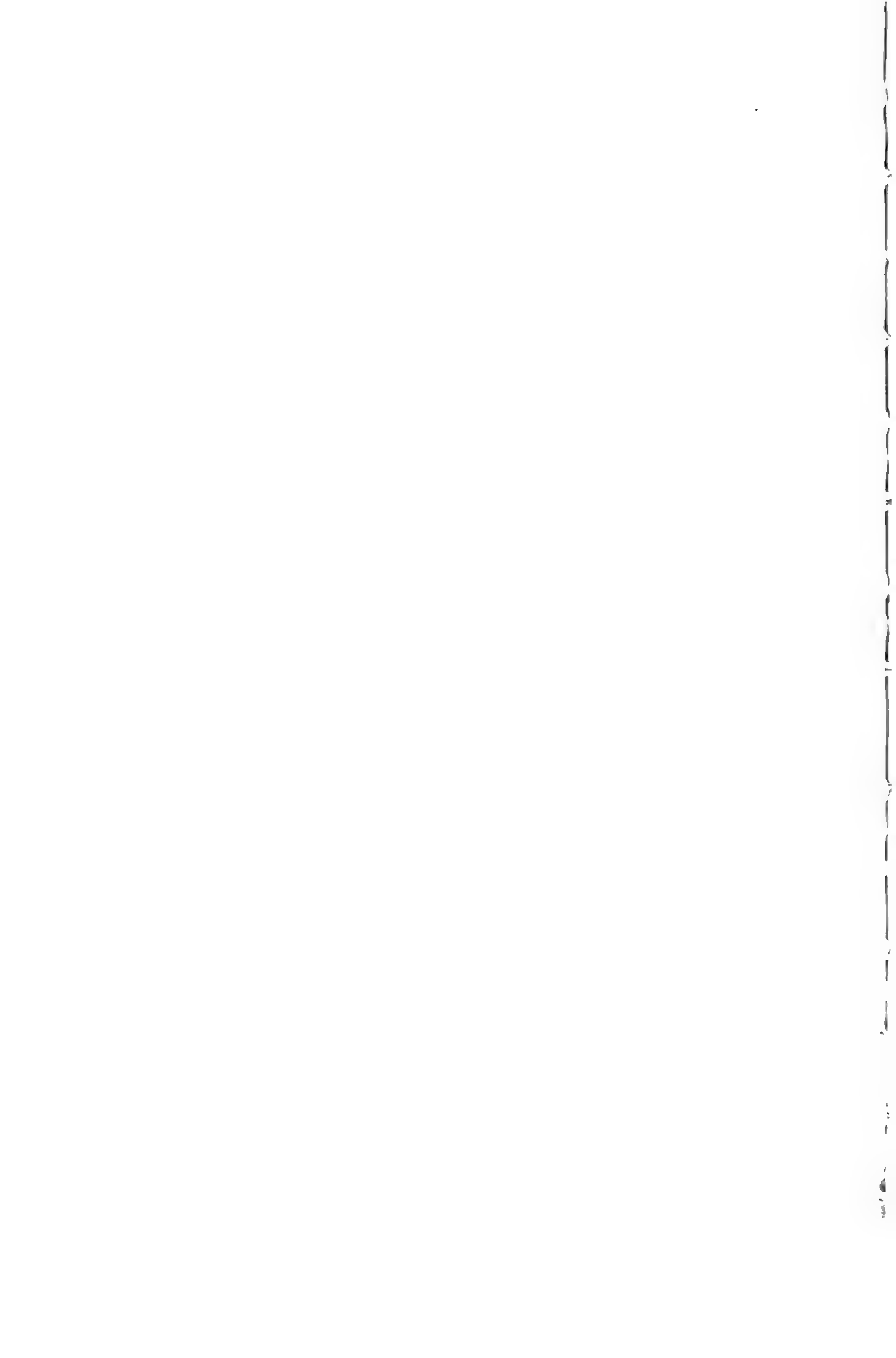
Preparava-se a casa de propriedade do fazendeiro José Fredo Rodrigues Soares, sita á praça cel. Carlos Teles, esquina a rua Barão do Amazonas, ocupada pelas secretarias da guarnição e do 4.º de art., para no referido prédio hospedar-se o gen. pacificador, quando por um descuido até hoje inexplicavel, deu-se uma terrivel explosão no depósito de munições da artilhária, em um compartimento terreo, quando lidava-se com polvora e preparava-se cartuchos para as respetivas salvas, sendo inteiramente destruido o edificio que ficou redusido a um monte de ruinas, sepultando nos seus escombros muitas praças do exército, além de outras, mortas e feridas.

Entre os mortos podemos citar os nomes do sargento quartelmestre João da Silva Coimbra, 2.º sargento José Gonçalves dos Santos, cabo Antonio Gomes, soldado Cordolino e outros, todos do 4.º de artilhária, cujos cadaveres foram encontrados mutilados a grande distancia do lugar do desastre.

O gen. Galvão, em extremo consternado por esse triste sucesso, permaneceu no hotel do Comércio, recolhido aos seus apôsentos, regressando para Pelotas, no dia 12.

O sr. gen. Galvão Queiroz, comandante em chefe do exército legal e do 6.º distrito militar, em 8 de outubro de 1895, declarou acharem-se completamente dissolvidas, dispersas e desarmadas as forças revolucionárias, o que foi público em ordem do dia dos comandantes de divisões.

Em 18 de outubro, o referido general, cumprindo ordens do govêrno, mandou dissolver todas as forças civis que neste Estado combateram contra a revolução já extinta.



Capítulo IV

PALAVRAS FINAIS

Finda a "Revolução Federalista de 93", a mais sangrenta que avassalou o R. G. do Sul e o Brasil, começa o Estado e o País uma fase de trabalho e de prosperidade, advindos da paz e da ordem.

O ódio, as inimizades e desavenças, pouco a pouco, pela ação benéfica do tempo foram se diluindo na tolerância e no esquecimento.

O homem, embora sentindo necessidade de se apoiar na fôrça, reconhece e luta, imbuído de são sentimento cristão, por fazer prevalecer a fôrça do direito.

Desde então, a não ser episódios de pouca significação, os problemas políticos têm sido resolvidos democràticamente nas assembléias representativas, e os assuntos da sociologia, são objeto de acurados estudos, merecendo a máxima atenção dos homens públicos e dos governos.

Bagé, cidade tìpicamente gaúcha, com uma população aproximada a oitenta mil habitantes, fica situada a 214 metros de altitude, com a área de 6903 quilômetros quadrados — O município limita-se ao Norte, com os municípios de Caçapava e Lavras; a Oeste, com o município de Dom Pedrito e República do Uruguai; ao Sul, com esta mesma República; e a Leste, com os municípios de Herval e Pinheiro Machado — movimenta excelente balança comercial em que o ruralismo em empolgante cifra anual abate, em suas charqueadas e frigorífico (Sispal), para mais de cem mil cabeças de bovinos, e grande número de ovinos; fazendo passar por suas barracas e Cooperativas, mais ou menos, seis milhões de quilos de lã.

Dentro em breve, com imensa área cultivada pela agricultura que visa colhêr um milhão de sacos de trigo e com a Usina de Candiota gerando 40000 H. P. apresentará possibilidades incalculáveis a quem desejar empregar atividade ou capital.

Cidade moderna, alegre, com intensa vida social, cultural e esportiva, é privilégio nela se morar, pois que, aqui o homem trabalha e se diverte. Da marcha lenta de um passado heróico, atingimos a fase vertiginosa da desintegração atômica.

Substituiu-se, em parte, a velha segura e tradicional "carrêta" onde o boi é unido ao jugo ou cingido à canga pelo vertiginoso avião que rasga, em tôdas as direções, os céus do Rio Grande, ganhando tempo, encurtando distâncias, pondo-nos em contato com as capitais do mundo.

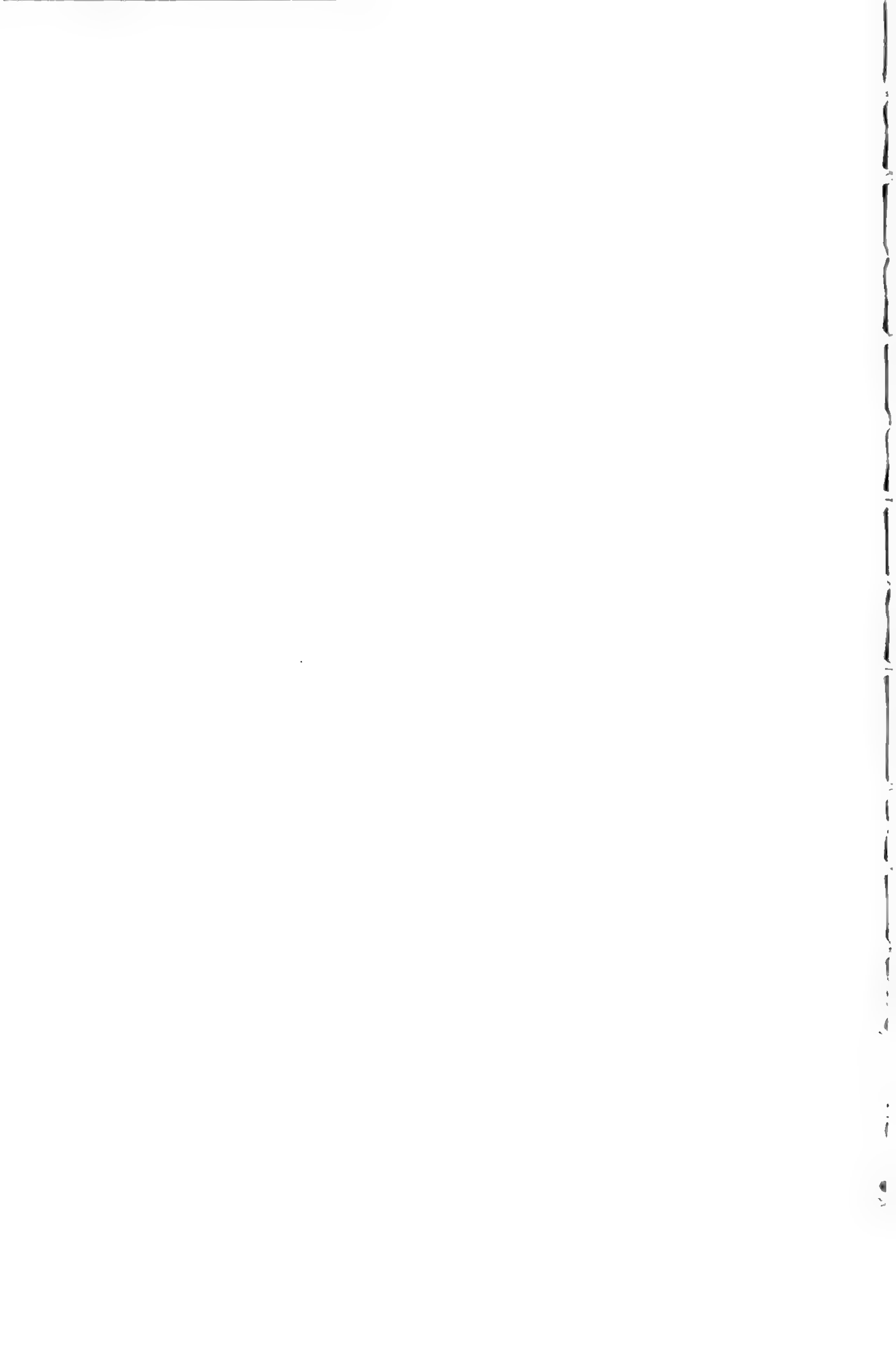
É o que os nossos avós faziam e o máximo que podemos fazer. Assim, vemos nesta fértil e ubérrima gleba, nestas pampas sem fim, cruzando as estradas — rodovias — em todos os sentidos, o carroção pachorrento e o rápido caminhão; as pequenas viaturas, calmas, vagarosas, e os velozes automóveis; o lombo do cavalo e os rústicos "jeeps"; e no amanho da terra, o "boi do arado" e o poderoso trator.

É um espetáculo deveras animador o momento em que vivemos.

Na constante luta em que os povos procuram realizar melhor trabalho e maior produção, para obter condigno padrão de vida, Bagé integrada no presente — se utiliza do motor —, mas sem abandonar o passado — a tração animal —, embora ainda muito lhe falte, começa a colhêr admiráveis frutos de tão bela compreensão.

O turista que tiver a ventura de contemplar o nosso admirável município com seus campos apascentando os mais encantadores e selecionados rebanhos bovinos, eqüinos e de lanares; seu solo cortado de boas rodovias e atapetado de deslumbrantes e louros trigais formados pelo grão bíblico; e, ainda souber que o subsolo é rico em carvão, cobre, caulim, ametista, ágatas, mármores, grés, argilas de várias qualidades e outros minérios, dirá que Bagé ocupa destacado lugar entre os povos realizadores do bem-estar humano, graças ao fecundo labor de seus filhos.







Panorama da cidade (Vista parcial).

Rua Sete de Setembro (Vista parcial).



Panorama da cidade (Vista parcial).

Rua General Sampaio (Vista parcial).

Rua Sete de Setembro (Vista parcial).



Praça de Esportes, Igreja e Colégio N.ª S.ª Auxiliadora.



Praça e edifício da Estação da Estrada de Ferro.



Praça Silveira Martins e Rua General Osório, vendo-se os edifícios do Banco do Brasil, Capela N. S. da Conceição e Prefeitura.



Praça Silveira Martins e Mercado Público.



Vista noturna da Rua Sete de Setembro.

Rua 3 de Fevereiro.



Trampolim da Fronteira (Vista parcial).



Erma Carlos Teles.



Quartel-General da 3.ª D. C.



Vista panorâmica da cidade, vendo-se em primeiro plano o quartel do 12º R. C.



Paredão e Barragem do Moinho Bagèense e Quartel do 3.º R. C. M.



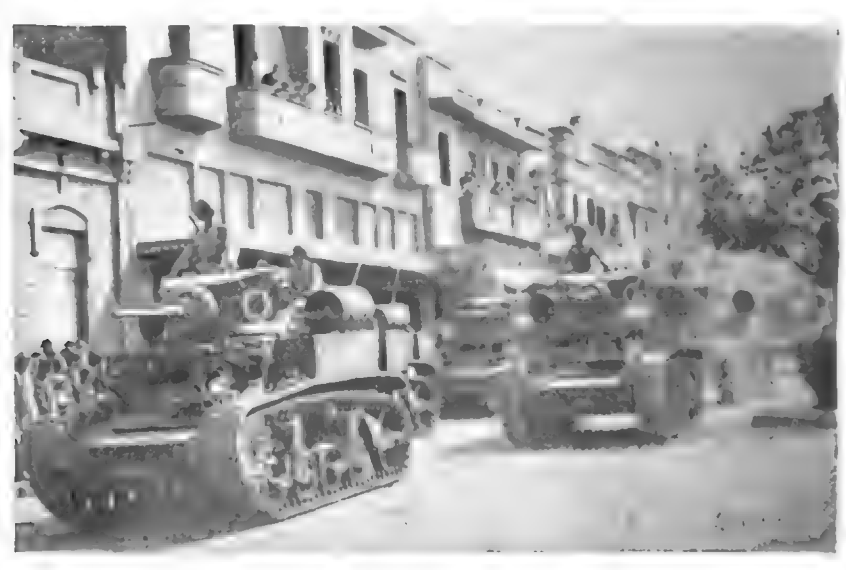
Cine-Hotel Consórcio de Bagé (em construção)
Vista parcial.



Quartel do 3.º Reg. Motomecanizado.



O autor em palestra com o General Manuel de Azambuja Brilhante e do dr. Arnaldo Farias, presidente da Câmara Municipal de Bagé.



Desfile de tanques na Rua Sete de Setembro.

TROPAS DA 3.ª D. C. EM MANOBRAS



Travessia de uma viatura-munição conjuntamente com uma viatura-pipa (balsa de 5 sacos Habest) 13.º R. C. — 1.º Esq. F 2 (21-X-1947).



Travessia de cavalhada de um Pel. do Esq. Mot. do 13.º R. C. (21-X-1947).



Tropa de Cavalaria em marcha.



Tropa de Cavalaria em "alto".



Tropa Motorizada em movimento.



Carros de Combate em ação.



Progressão do Escalão de Ataque.



Órgãos de Manutenção em atividade.



Estância antiga.



Pipa d'água.



Estância moderna, ótimo aramado.



Estância fronteiriça — Ilha São Luiz.





Coronel
Armando Xavier de Azambuja.
"Gaúcho autêntico"



★

Dorval Lamote.
"Guasca citadino"



Cenas de doma.



Cenas de doma.



Cenas de doma.



Cenas de doma.



Correndo o chimarrão.



Lenço ao pescoço, chiripá, bombacha, tirador e boleadeiras.



O apêrto de mãos, clássica saudação gaúcha e o "pingo" de cola atada.



Riscando marcas no chão.

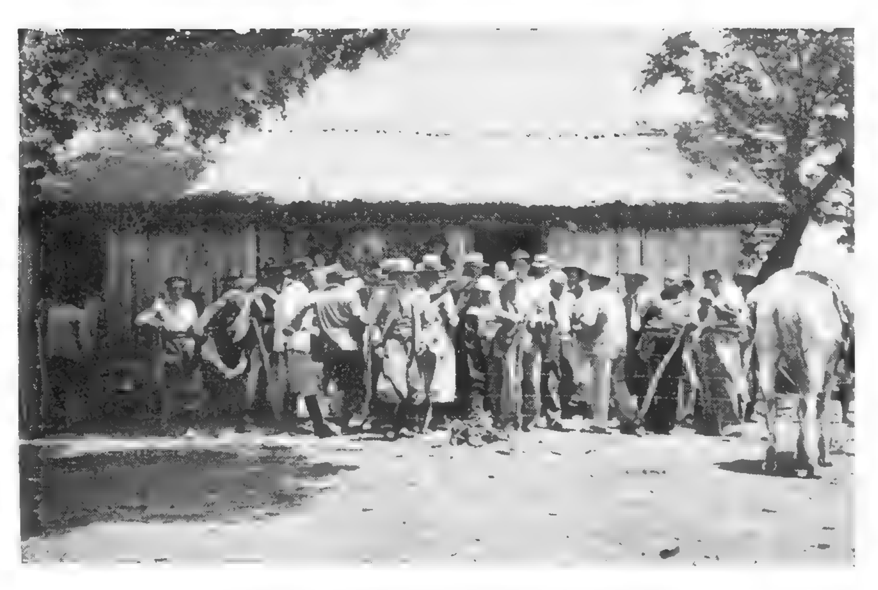


Carneando.

O clássico churrasco.



Bem aperado e bom laço.



Domingo: reunião na venda, ou "boliche".



Gaúchos em festa.



Gaúchos em festa.



Gaúchos em festa cívica em plena campanha à beira do mato.



Piquenique, vendo-se linda carrêta e montão de lenha para o churrasco.

A "Carpa".



Carreira na reta.



Danças crioulas.



Jôgo de pólo.



Jôgo de pólo, ao fundo a cidade.

FAZENDA EXPERIMENTAL



Vista geral, vendo-se o pavilhão principal.



Vista parcial, no fundo o grande conjunto residencial.

ASSOCIAÇÃO RURAL



Vista do conjunto do grande Parque de Exposição.



Vista do pavilhão central e moderna pista do Jóquei Clube.



Vaquilhonas Holandesas.



Desfile na Exposição feira.



Exemplares Poled-angus.



Magníficos exemplares num certame rural.

Cabaña Charrua, de Gaspar Carvalho — Uruguaiana.
Magnífico exemplar Hereford (Mancel 40).



Belo exemplar Hereford.



Raguant.



Dick.



Vencedor

O melhor cavalo que até nossos dias correu em cancha reta no R. G. do Sul. Em Bagé, na sua carreira máxima, movimentou perto de Cr$ 3.000.000,00. Proprietário: dr. Torquato T. A. Petrarca. Montado por seu filho Luiz Carlos.



Guatepé — Reprodutor árabe.
Propriedade: Nenê P. Dias.



Manada de éguas.



Manadas de éguas.



"Corriedale".



"Rhomney".



Ótimo exemplar Merino.



O guaxo.



Rebanho de ovelhas.



Esquila ou tosa, à tesoura.



Bôlsas de lã.

COOPERATIVA BAGÈENSE DE LÃS LTDA.



Frente.



Fundos.



Classificação de lãs.



Depósito de lãs classificadas.



Guris campeiros.



Caça ao capincho.



Caça à perdiz.



Caça à perdiz.



Lagoa Formosa no "Rio Negro".

Acampamento.



Pescaria.



Pescaria.

Recreio.



Balsa.



Piquenique.



Recreio.



Recreio.



Cena de piquenique.



Cena de piquenique.



Jovens em férias.



Vacas leiteiras.

Pardo velho, puxando o "crioulo".



Vendedor de "bugigangas", típicos desta zona meridional.



Curtume Bagèense
de Brucius & Cia. Ltda.
(Vista parcial)



Triparia Bagèense
Hazafeo do Brasil S/A.
(Vista parcial)

Charqueada COOPERATIVA INDUSTRIAL DE CARNES E DERIVADOS



Pesagem de tropa a ser abatida.



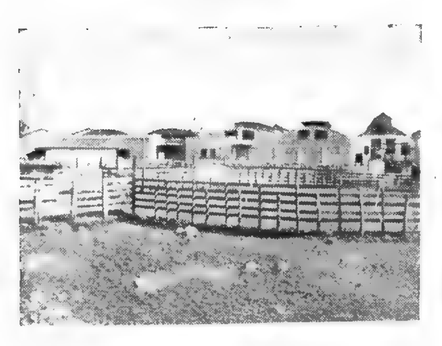
Novilhos no potreiro de espera.



Vila operária.



Vista geral.



Mangueiras e bretes.



Sala de matança.



Varais.



Mantas em elaboração.



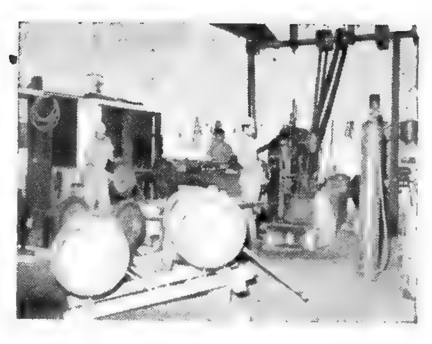
Carnes em elaboração.



Pilhas de inverno e depósito de sal.



Tanoaria.



Oficina.



Embarque.



Fábrica de Línguas em conserva "Paisandu", de Mac Call & Cia. considerada entre as melhores do mundo.



O tocador de gaita.



Sociedade Industrial de subprodutos Animais S/A.
Fachada.



Bretes.



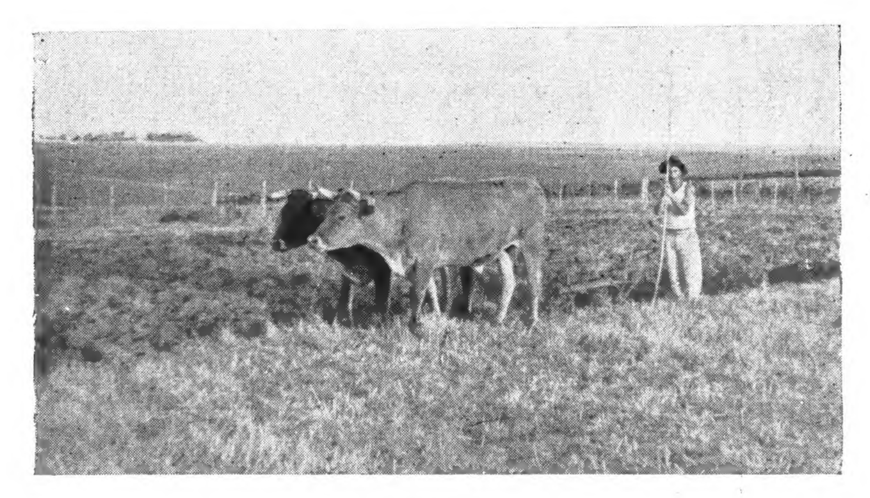
Elaboração de Subprodutos.

Desposte.

Câmaras.



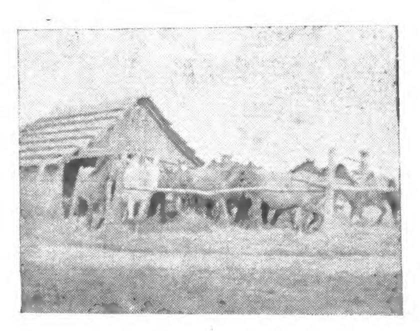
Câmaras — Serpentinas.



O lavrador.



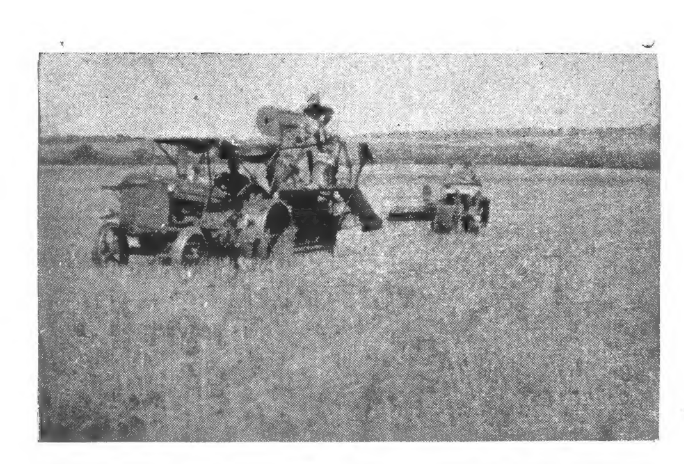
Milharal.



A primitiva "Eira", a pata de égua.



Trigais
Granja Cruz de Malta
Na vasta pampa o homem não luta
contra a natureza.



Duas Corta-trilhadeiras em ação nas margens do Jaguarão, na propriedade do dr. Abílio Garcia, Granja Cruz de Malta. Ao fundo, campos do Seival.

Em carta de 19 de dezembro de 51.

.... pois seus ensaios são ótimos, documentais, inéditos e originais.

Noutra carta:

Sempre sério, preciso, e escrevendo com elegância, o colega.
Abraços de seu leitor.

Dante de Laytano
(Diretor do Museu Júlio de Castilhos e do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul).

•

Pôrto Alegre, 7 de agôsto de 1950.
Dr. Eurico Salis
Bagé
Prezado Senhor:

Muitíssimo grato pela remessa de seus ensaios históricos, que li com grande prazer e proveito. Devo dizer-lhe que estudos dessa natureza constituem uma grande contribuição para a nossa História geral, e fornecem elementos preciosos para melhor conhecermos a nossa gente e a nossa formação. Aceite os meus parabéns pelos seus trabalhos. Gostei da maneira como v. escreve: clareza, correção e simplicidade.

Erico Verissimo



501125